

ANNA CHRISTINA DA MOTTA PACHECO CARDOSO DE MELLO

**O BRINCAR DE CRIANÇAS VÍTIMAS  
DE VIOLÊNCIA FÍSICA DOMÉSTICA**

Tese apresentada ao  
Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo  
como parte dos requisitos  
para obtenção do título de  
DOUTOR EM PSICOLOGIA

SÃO PAULO  
1999

O BRINCAR DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA DOMÉSTICA

Anna Christina da Motta Pacheco Cardoso de Mello

Tese defendida e aprovada em 10/09/2023 pela Comissão Examinadora:

Assinatura: Myrion Veres Baptista

Nome/Instituição: PUCSP - Myrion Veres Baptista

Assinatura: Maria Lucia Vieira Violante

Nome/Instituição: MARIA LUCIA VIEIRA VIOLANTE / PUC/SP

Assinatura: Ivone F. de Motta

Nome/Instituição: IVONE FERNANDES DA MOTTA CATAFESTA / IPUSP

Assinatura: Emma Otta

Nome/Instituição: EMMA OTTA - IPUSP

Assinatura: Edda Bonetempo

Nome/Instituição: Edda Bonetempo - IPUSP

\_\_\_\_\_  
Presidente da Comissão de Pós-Graduação



ANNA CHRISTINA DA MOTTA PACHECO CARDOSO DE MELLO

O BRINCAR DE CRIANÇAS VÍTIMAS  
DE VIOLÊNCIA FÍSICA DOMÉSTICA



Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da  
Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade  
do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
como requisito parcial para obtenção do título de  
DOUTOR EM PSICOLOGIA

Área de Concentração: Psicologia Escolar

Orientadora: Profa. Dra. EDDA BOMTEMPO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Instituto de Psicologia  
Junho de 1999

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca  
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP

Mello, A. C. M. P. C. de

O brincar de crianças vítimas de violência física doméstica / Anna  
Christina da Motta Pacheco Cardoso de Mello. – São Paulo: s.n., 1999.  
– 477 p.

Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do  
Desenvolvimento e da Personalidade.

Orientador: Edda Bomtempo

1. Violência na família 2. Comportamento de brincar 3. Abuso  
infantil 4. Vitimização 5. Psicologia forense 6. Winnicott, Donald W.,  
1896-1971 I. Título.

O BRINCAR DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA DOMÉSTICA  
Tese de Doutorado – Anna Christina da Motta Pacheco Cardoso de Mello

ERRATA

Abreviações:

P = página

§ = parágrafo

L = linha

PRÉ-TEXTO			
P	§	L	correção
iv	–	última	... em especial à Rosália Reiko Mizukami (Escrivã Diretora)
xvi	–	tab.52	Dados das famílias de origem das crianças do grupo 2...
xvii	–	MAESP	Movimento de Assistência aos Encarcerados do Estado ...

INTRODUÇÃO			
P	§	L	correção
1	2	12	...propício e "natural" para se observar psicologicamente...

I. O TRABALHO NA JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE			
P	§	L	correção
7	rodapé 2	1	... segundo Cunha (1993a)...
14	topo	4	... de Estudos da Criança do Instituto de Psicologia da USP (Bomtempo, 1994). Foi um estudo...
18	2	2	... atendidas na Vara da Infância e da Juventude" (Mello, 1997a), em que a...
25	1	2	... alguns dados de minha estatística relativa a um período efetivo de... – excluir a palavra: <b>pessoal</b>
36	figura 13	–	Porcentagem de vítimas da negligência doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.
38	rodapé 27	1	excluir a vírgula após a palavra: <b>apud</b>
38	rodapé 27	9	a observação: <b>[o grifo é meu]</b> deve constar após o período de frases grifadas.
44	tabela 22	–	por um equívoco; esta tabela foi impressa com as bordas reforçadas; entretanto, não há, por isso, destaque para ela.



I. O TRABALHO NA JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE (cont.)			
P	§	L	correção
46	topo	1	... educação de crianças em nossa sociedade, <b>acredita</b> que bater em criança...
47	topo	2	... desvelamento <b>ou a revelação</b> [tabela 8, figura 11];
55	rodapé 37	última	... ou negligência afetiva" (Azevedo & Guerra, 1989, p.41).
59	rodapé 39	últimas	a observação: <b>[o negrito é meu]</b> deve constar após a frase em negrito.
67	último	última	...descumprimento desses das obrigações do pátrio poder (Mello, 1997b).
68	figura 34	-	as porcentagens devem coincidir com aquelas da tabela 33, isto é, <b>87,5%</b> de concessões e <b>12,5%</b> de transferência, e não como constaram (aproximadas)
71	2	última	... de educação (Mello, 1997b).
75	tabela 43	último quadro	mãe casada, com grave depressão, impede filho... – excluir vírgula depois da palavra <b>grave</b> , colocá-la após <b>depressão</b>

II. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS			
P	§	L	correção
80	rodapé 6	3 e 5	incluir no primeiro parêntese o nome do autor: (Brougère, 1998, p.14), e no segundo, incluir a palavra <b>ibidem</b> : (idem, <b>ibidem</b> , p. 15)
89	1	2	... análise <b>de</b> crianças por meios que <b>lhes</b> são mais próprios e de ter afirmado...
91	1	1	Assim sendo, com base no que <b>argumentou</b> Santa Roza...
91	3	2	... está consciente <b>do</b> teor fictício da trama, embora a ...
92	2	9	... influência do ambiente na vida da criança (Winnicott, ...
92	rodapé 16	2	"de qualquer modo achei que ela não me tinha incluído como um kleiniano" (1962, p.161).
93	1	5	...bebê), porque sem esta ele não poderia existir (1959). <b>Assim é que</b> ... – excluir a vírgula após a palavra <b>Assim</b>
104	3	4	... cultural" (p.141). <b>Na</b> criança para a qual houve fracasso ou perda do objeto, ...
105	2	1	Winnicott (1950) destacou ainda alguns fenômenos que <b>aconteceriam</b> na ...
113	1	3	... <b>nas quais</b> os adultos tendem a repetir comportamentos abusivos em seus...
115	item b	2	excluir a palavra <b>grau</b> entre <b>graus e aquelas</b>

II. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS (cont.)			
P	§	L	correção
126	rodapé 43	2	... social work with abused and neglect children: ...
130	rodapé 47	última	(White & Allers, 1992, apud White & Allers, 1994, p.392).

III. METODOLOGIA			
P	§	L	correção
143	último	2	excluir o acento grave da expressão <b>vale a pena</b>
145	rodapé 11	2	excluir o acento grave: ... assistência a menores gestantes até os 18 anos...
149	2	8	... sobre o brincar, mencionada no capítulo I, verifiquei ...
149	2	8	... indícios de saciação, isto é, baixa de motivação e ...
150	1	5	... <b>filmadas</b> . Minhas intervenções foram limitadas a ...

IV. RESULTADOS			
P	§	L	correção
186	tabela 58	Bruna; última	... de seu convívio

V. ANÁLISE DOS RESULTADOS			
P	§	L	correção
224	rodapé 2	penúltima	... uniformização das regras (idem, ibidem, p.33); ...
224	rodapé 2	última	... crianças que jogam (idem, ibidem, p.46).
257	3	2	...de crianças vítimas, apurados por White e Allers (1994),...

VI. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS			
P	§	L	correção
260	1	4	... fazer com um tipo de comportamento, <b>aquele de exprimir</b> necessidade de posse dos...
260	2	2	... aos mesmos padrões dos comportamentos e atitudes, <b>referidos anteriormente</b> , o mesmo tendo...

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS			
P	§	L	correção
269	após Hammer 1981	-	incluir a seguinte referência: HARPER, J. Children's play: the differential effects of intrafamiliar physical and sexual abuse. <i>Child, Abuse &amp; Neglect</i> , v.15, n.1/2, p.89-98, 1991., que constou, por engano, na página 284 da Bibliografia Consultada.
269	Holgersen, 1998	todas	passar a referência completa de HOLGERSEN, 1998, para depois de HAUGE, 1997, na mesma página
271	Mello (1997a)	última	MELLO, A. C. M. P. C. de A Família e o Brinquedo: Desenhos (...), de 6 a 11 de julho de 1997a]
271	Mello (1997b)	última	MELLO, A. C. M. P. C. de O jovem e seus direitos. São Paulo, Moderna, 1997b.
273	Russ, 1998	todas	excluir a referência completa desta autor (equivoco) e passá-la para a lista da Bibliografia Consultada (topo da página 289)
274	Streeck Fischer 1997	todas	excluir a referência completa desta autor (equivoco) e passá-la para a lista da Bibliografia Consultada (antepenúltimo lugar na página 289)
285	Krynski 1985	1	KRYNSKI, S., coord. (excluir parênteses desta última palavra)
286	Marques 1994	1	MARQUES, M. A. B., org. (excluir parênteses desta última palavra)

ANEXO A			
P	§	L	correção
292	4	4 e 5	... Adolescente (CERCA), em 15/03/99, e do processo da Vara da Infância e da Juventude (VIJ), em 19/03/99, e de...
293	rodapé 2	1 e 2	... nota de rodapé 39 do capítulo I, prevê como medida ...
300	2	3	... 15/03/99) e do processo da VIJ (em 17/03/99), e de ...
306	3	1	A data marcada para a entrevista com a ex-patroa e o filho..
307	4	1	Esta psicóloga comunicou-se por telefone com uma funcionária do abrigo, a ...
309	4	3	... 16/03/99) e do processo da VIJ (em 22/03/99), e de ...
313	4	2	... com os outros filhos o conflito não se repete, ...
331	4	5	... membro da família pretendente como seus pais, irmão e avó. O filho do casal, de 9 ...



ANEXO A (cont.)			
P	§	L	correção
331	1 da citação	4	... irmã mais nova. A mãe da interessada, que reside com a família, teve uma boa ...
342	1	5	... costumava levá-lo ao pediatra para consultas <b>duas</b> a três vezes por ano, no ...
343	1	4	Preferia brincadeiras <b>nas</b> quais pudesse brincar com outras crianças. Não ...
348	topo	1	... gostava muito desde pequena e com quem <b>escolhia estar</b> na ausência da ...

ANEXO B			
P	§	L	correção
353	último	2	... castelo? e Tiago respondeu: "Ah, não! Deixa eu montar um robô, ...
358	5	1	<b>Deixei</b> que vissem o livro um minutinho, ...
359	2	3	... fossem carrinhos dizendo: " Ó, não dá pra fazer mágica com <b>esses não, ó</b> .
360	topo	3	... <b>punhado</b> . Mostrou ao irmão o que havia pego com a ...
361	2	11	... se quisesse <b>colo</b> . Depois se virou para Tiago e disse: ...
363	3	4	... mais chorar. Enquanto isso riscava a bola com giz e <b>depois</b> me disse: ...
364	1	3	Perguntou a Rafael se agora eles iam subir para a ala ...
370	1	4	... <b>do</b> saco maior com os bonecos dormindo dentro, ...
370	5	2	... com os bonecos), mas ela não teve chance <b>de</b> completar a frase, ...
371	6	3	... a argola do chão, aquela que parecia uma pulseira, mordeu-a e <b>depois</b> colocou-a ...
374	2	4	... ela havia se levantado levando <b>as</b> bonecas consigo ...
382	último	última	... que ia proteger os homens. Pegou um boneco e jogou para cima. <b>Pegou</b> os dois ...
417	5	2	... <b>dela</b> , Felipe fez um movimento para tocá-la mas não ...
433	1	4	... outro, fazendo-os <b>conversarem</b> baixinho e cumprimentarem-se...
440	2	13	... falou: "O miauzinho! Eu tenho um miauzinho", juntando-o à mãe e à filha que ...
442	1	2	... Clara pegou o vovó e disse: " <b>Ela</b> ...
442	4	2	... <b>conversarem</b> , muito unidas, enquanto Clara montava a cidade ...

ANEXO B (cont.)			
P	§	L	correção
442	4	4	... da mãe, e a avó (...). Depois, a mãe ensinava à ...
445	último	última	... Bruna, dá ai, Bruna", (...). Bruna não a deixou pegar e ...
446	4	2	... e o cachecol poderiam ser retirados. Uma olhou para a cara da outra e riram ...

ANEXO C			
P	§	L	correção
469	item 2	1) <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> — <input type="checkbox"/> = casados
469	item 2	2) <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> ~ <input type="checkbox"/> = conviventes (amasiados)
469	item 2	3) <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> \ <input type="checkbox"/> = separados, divorciados
469	item 2	4) <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> ⊕ <input type="checkbox"/> = falecido (a), especificar causa ...



Figura 1

Às crianças vítimas de violência familiar,  
às quais dediquei bons anos de estudo e trabalho.  
Em especial, mais uma vez, a Olavo, cujo sofrimento e  
luta pela vida me motivam sempre a continuar trabalhando  
na defesa dos direitos de crianças e adolescentes.





Figura 2

Que a infância possa ser, para todas as crianças,  
um espaço, um tempo, uma lembrança e um sentimento  
de amor "suficientemente bom", paz e segurança.

Que todas as crianças possam brincar  
tranquila e criativamente.

Ao amor de meus pais, principalmente ao de minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Edda Bomtempo, pela acolhida e confiança, pela orientação criteriosa e competente, e pelo apoio e incentivo constantes em todas as etapas deste trabalho.

Às crianças Henrique, Anita, Rafael, Tiago, Denise, Aline, Nilo, Felipe, Daniel, Bruna, Clara e João, sem as quais este trabalho não se tornaria realidade.

Às pessoas cuja contribuição foi imprescindível para realizar este trabalho:

Dra. Lia Junqueira (CERCA), pelo Grupo 1 e pelo contato com o Lar da Criança Menino Jesus.

Psicóloga Ednéia Teixeira Chaves Rodrigues (FEBEM), pelo Grupo 2.

Dra. Evangelina da Motta Pacheco Alves de Araújo, pelo Grupo 3 e pelo suporte técnico.

Cinegrafista Tika Tiritilli, pela arte em filmar as sessões.

Às Instituições, Serviços e Varas de Infância e Juventude que acolheram a mim e ao meu trabalho:

Lar da Criança Menino Jesus: à D. Guiomar Morselli (Presidente), à Marley de Assis Souza Passos (Psicóloga) e à Maria Estelita Mendes de Carvalho (Pedagoga).

Unidade de Abrigo e Encaminhamento 1 da FEBEM: a todos os Psicólogos e Assistentes Sociais.

Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CERCA): a todos os Psicólogos, Assistentes Sociais e estagiários.

Vara Central da Infância e da Juventude: em especial a João Geraldo Kohari, (Escrivão Chefe), Edna Gonçalves de Oliveira (Escrevente Chefe), e aos colegas Psicólogos.

Vara da Infância e da Juventude do Fórum Regional I - Santana, em especial a Vera Lúcia de Camargo (Diretora de Divisão) e Sônia Maria Motinho da Silva (Psicóloga Chefe).

Vara da Infância e da Juventude do Fórum Regional IV – Lapa, em especial a Nelson Leonel Rocha Baselli (Escrevente Chefe), e ao Dr. Fermino Magnani Filho (Juiz de Direito).

Vara da Infância e da Juventude do Fórum Regional V – São Miguel Paulista, em especial a Rosália Reiko Mizukami (Escrivã Diretora).

Aos Psicólogos e Assistentes Sociais das UEPs da FEBEM e do MAIS.

À Irmã Josefina e à Irmã Lina da Associação Santa Terezinha.

Aos Professores do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, cujas críticas, sugestões, contribuições e apoio foram fundamentais para o estudo: à Profa. Dra. Ivonise Fernandes da Motta Catafesta (em especial, pela revisão cuidadosa das Considerações Teóricas, Análise e Conclusões), à Profa. Dra. Emma Otta, ao Prof. Dr. Gilberto Safra e à Profa. Dra. Maria Regina Maluf.

Ao Tribunal de Justiça, especialmente ao Desembargador Antonio Carlos Munhoz Soares, pelo apoio e confiança.

À minha equipe do Serviço Psico-Social Vocacional (integrante do Serviço Psico-Social de Atendimento aos Magistrados e Funcionários do Tribunal de Justiça), aos meus amigos e colegas pela compreensão, confiança e apoio essenciais.

Em especial a André Ricardo Theodósio de Carvalho (pelo trabalho cuidadoso dos gráficos e orientação em informática), à Elisabete Terezinha da Silva Rosa (pela ajuda na busca das crianças), à Maria Teresa Gonçalves Rebello (pelo material e pelas discussões teóricas), à Sandra Regina Rebello Baselli (pela revisão da Introdução e Capítulo I) e à Selma Marques Magalhães (por substituir-me no momento crítico).

Aos meus pais, meus irmãos Anna Lúcia, Álvaro Augusto e Eduardo, e toda família, pelo apoio e confiança, em especial a minha mãe Maria Antonieta Almeida da Motta Pacheco (pelas sugestões e revisão do texto) e a meus tios Beatriz da Motta Pacheco Tupinambá e Alexandre da Silveira Tupinambá (suporte teórico e técnico).

Aos amigos que me auxiliaram, com apoio técnico e dados, em etapas distintas do trabalho: Eliseu de Campos Pinto Júnior, Janine Veyrier, Luciana Baptista Marques Pereira Barretto, Marta Muchagata e Vitor Gabriel de Araújo.

Ao Dr. Tharcillo Toledo Filho e ao Dr. Maurício Simões Abrão, minha gratidão.

À Biblioteca do Instituto de Psicologia da USP, em especial à Maria Imaculada Cardoso Sampaio, à Juliana Takahashi e à Maria Lopes Peixoto, pelas orientações e pelo apoio.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro concedido no período de 1994 a 1996.

## SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	xii
Lista de Tabelas.....	xiv
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	xvii
Resumo.....	xviii
Abstract.....	xix
Résumé.....	xx
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>I. O TRABALHO NA JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE.....</b>	<b>4</b>
1. A Vara Central da Infância e da Juventude e o Serviço de Psicologia.....	5
2. O meu trabalho como psicóloga no Serviço de Psicologia da Vara Central da Infância e da Juventude.....	7
3. As técnicas utilizadas em meu trabalho psicológico.....	10
3.1. Entrevista psicológica.....	10
3.2. Observação e/ou interação lúdica.....	12
3.3. Técnicas projetivas.....	17
4. O contexto do Serviço de Psicologia da Vara Central da Infância e da Juventude.....	21
5. A estatística dos casos atendidos.....	25
5.1. Violência.....	28
5.1.1. Violência física doméstica.....	30
5.1.2. Violência sexual doméstica.....	32
5.1.3. Negligência doméstica.....	35
5.1.4. Violência sexual extrafamiliar.....	37
5.1.5. Violência física e psicológica na escola.....	39
5.1.6. Casos de violência contra crianças e adolescentes, autores, condenações criminais e destituições do pátrio poder.....	41
5.1.7. Discussão sumária da estatística referente aos casos de violência.....	45
5.2. Guarda.....	55

5.3. Abrigo.....	59
5.4. Desajuste de comportamento.....	63
5.5. Suprimento.....	66
5.6. Tutela.....	67
5.7. Conflito familiar.....	70
5.8. Destituição do pátrio poder.....	71
5.9. Autorização de viagem.....	73
5.10. Emancipação.....	74
5.11. Outros.....	75
<b>II. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>78</b>
1. O brincar segundo a psicanálise.....	82
2. Alguns conceitos "winnicottianos" úteis para a compreensão das crianças vítimas de violência doméstica.....	99
3. Violência física doméstica contra crianças e a criança vítima de violência física doméstica.....	107
4. Alguns estudos sobre o brincar de crianças vítimas de violência física.....	124
<b>III. METODOLOGIA.....</b>	<b>136</b>
1. Objetivos.....	136
2. Sujeitos.....	137
3. Campo de trabalho.....	142
3.1. Lar da Criança Menino Jesus.....	143
3.2. Unidade de Acolhimento e Encaminhamento 1 da FEBEM.....	143
3.3. Família.....	145
4. Instrumentos.....	146
5. Material.....	147
6. Estrutura geral da pesquisa.....	148
6.1. Primeira fase.....	148
6.2. Segunda fase.....	149
7. Dificuldades encontradas para a coleta de dados.....	151



8. Procedimento.....	155
8.1. Grupo 1.....	155
Primeiro contato.....	155
Primeira sessão.....	158
Segunda sessão.....	159
8.2. Grupo 2.....	159
Primeiro contato.....	160
Primeira sessão.....	162
Segunda sessão.....	163
8.3. Grupo 3.....	164
Primeiro contato.....	165
Primeira sessão.....	165
Segunda sessão.....	166
<b>IV. RESULTADOS.....</b>	<b>167</b>
1. Síntese do histórico das crianças.....	168
1.1. Grupo 1.....	168
Dados pessoais.....	168
Dados familiares.....	169
Dados do caso.....	170
Dados da violência doméstica.....	171
1.2. Grupo 2.....	174
Dados pessoais.....	174
Dados da família de origem.....	175
Dados da família substituta.....	178
Dados do caso.....	180
Dados do abandono.....	182
1.3. Grupo 3.....	182
Dados pessoais.....	183
Dados do desenvolvimento.....	184
Dados da saúde.....	185
Dados da educação em casa.....	186
Dados de atividades e de sociabilidade.....	187

Dados familiares.....	188
2. Dados de observação do brincar.....	192
2.1. Grupo 1.....	192
2.1.1. Brincar em grupo com os brinquedos oferecidos.....	192
2.1.2. Forma de brincar e de utilizar os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar.....	192
2.1.3. Comportamentos, atitudes e relações estabelecidas durante o brincar.....	197
2.1.4. Temas surgidos no brincar.....	201
2.1.5. Outros dados dignos de nota.....	203
2.2. Grupo 2.....	204
2.2.1. Brincar em grupo com os brinquedos oferecidos.....	204
2.2.2. Forma de brincar e de utilizar os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar.....	205
2.2.3. Comportamentos, atitudes e relações estabelecidas durante o brincar.....	208
2.2.4. Temas surgidos no brincar.....	211
2.2.5. Outros dados dignos de nota.....	214
2.3. Grupo 3.....	215
2.3.1. Brincar em grupo com os brinquedos oferecidos.....	215
2.3.2. Forma de brincar e de utilizar os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar.....	215
2.3.3. Comportamentos, atitudes e relações estabelecidas durante o brincar.....	218
2.3.4. Temas surgidos no brincar.....	221
2.3.5. Outros dados dignos de nota.....	223
<b>V. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>224</b>
1. Brincar em grupo.....	224
2. Forma de brincar e de utilizar os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar.....	226
2.1. Forma de brincar.....	226
2.2. Forma de utilizar os brinquedos oferecidos (grau de elaboração, integração, adequação e concentração).....	228
2.3. Forma de utilizar o espaço do brincar.....	232
3. Comportamentos, atitudes, relações estabelecidas.....	234
4. Conteúdo dos temas do brincar.....	243
4.1. Análise dos conteúdos do brincar das crianças do grupo 1.....	244
4.2. Análise dos conteúdos do brincar das crianças do grupo 2.....	250

4.3. Análise dos conteúdos do brincar das crianças do grupo 3.....	253
4.4. Relação entre os temas do brincar das crianças do grupo 1 e aqueles referidos pela literatura sobre as conseqüências psicológicas e sobre o brincar das crianças vítimas de violência física.....	257
<b>VI. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>258</b>
<b>VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>263</b>
Bibliografia consultada.....	279
<b>ANEXOS.....</b>	<b>291</b>
<b>Anexo A: Dados do histórico das crianças.....</b>	<b>292</b>
Grupo 1: Crianças vítimas de violência física doméstica, acolhidas em instituição.....	292
G1.1.e 4. Henrique e Tiago.....	292
G1.2. Anita.....	300
G1.3. Rafael.....	309
Grupo 2: Crianças não-vítimas deste tipo de violência, acolhidas em instituição.....	320
G2.1. Denise.....	320
G2.2. Aline.....	328
G2.3. Nilo.....	333
G2.4. Felipe.....	338
Grupo 3: Crianças não-vítimas de violência, vivendo em família.....	341
G3.1. Daniel.....	341
G3.2. Bruna.....	345
G3.3. Clara.....	348
G3.4. João.....	350
<b>Anexo B: Dados de observação das crianças.....</b>	<b>353</b>
Grupo 1.....	353
G1.1. Henrique.....	353
Sessão 1.....	353
Sessão 2.....	358
G1.2. Anita.....	364
Sessão 1.....	364

Sessão 2.....	368
G1.3. Rafael.....	372
Sessão 1.....	372
Sessão 2.....	376
G1.4. Tiago.....	380
Sessão 1.....	380
Sessão 2.....	386
Grupo 2.....	393
G2.1. Denise.....	393
Sessão 1.....	393
Sessão 2.....	398
G2.2. Aline.....	401
Sessão 1.....	401
Sessão 2.....	404
G2.3. Nilo.....	408
Sessão 1.....	408
Sessão 2.....	411
G2.4. Felipe.....	416
Sessão 1.....	416
Sessão 2.....	419
Grupo 3.....	425
G3.1. Daniel.....	425
Sessão 1.....	425
Sessão 2.....	432
G3.2. e 3. Bruna e Clara.....	437
Sessão 1.....	437
Sessão 2.....	444
G3.4. João.....	453
Sessão 1.....	453
Sessão 2.....	456
<b>Anexo C: Questionário para os pais das crianças do grupo 3.....</b>	<b>463</b>
<b>Anexo D: Lista das instituições contatadas na busca das crianças do grupo 1.....</b>	<b>474</b>
<b>Anexo E: Carta de apresentação às instituições.....</b>	<b>475</b>
<b>Anexo F: Sobre o quadro de Max Ernst e a razão de escolhê-lo.....</b>	<b>477</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura n.	Página
1. Reprodução do quadro de Max Ernst (1891-1976): "A Virgem castigando o Menino Jesus na frente de três testemunhas. André Breton, Paul Eluard e o artista" (1926) – vide Anexo F.....	ii
2. Reprodução de um detalhe do quadro de Gustav Klimt (1862-1918): "Die drei Lebensaltren der Frau" (1905) [As três idades da vida], óleo sobre tela, Roma, Galleria Nazionale d'Arte Moderna.....	iii
3. Números brutos dos tipos de casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ e de crianças e adolescentes envolvidos nos mesmos.....	26
4. Porcentagem dos tipos de casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ.....	26
5. Números brutos e porcentagens das modalidades de violência encontradas nos casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ.....	29
6. Porcentagem de autores da violência física doméstica.....	31
7. Porcentagem de vítimas de violência física doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	31
8. Porcentagem de casos de violência física doméstica segundo o local de destino das vítimas depois do início do processo na VCIJ.....	32
9. Porcentagem de autores da violência sexual doméstica.....	34
10. Porcentagem de vítimas da violência sexual doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	34
11. Porcentagem de casos de violência sexual doméstica segundo o local de destino das vítimas depois do início do processo na VCIJ.....	35
12. Porcentagem de autores da negligência doméstica.....	36
13. Porcentagem de vítimas da negligência doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	36
14. Porcentagem de casos de negligência doméstica segundo o local de destino das vítimas depois do início do processo na VCIJ.....	37
15. Porcentagem de casos de violência sexual extrafamiliar segundo o autor.....	38
16. Porcentagem de vítimas de violência sexual extrafamiliar, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	39
17. Porcentagem de autores da violência física e psicológica na escola.....	40
18. Porcentagem de vítimas da violência física e psicológica na escola, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	40



19. Porcentagem de casos de violência física e psicológica ocorridos na escola.....	41
20. Porcentagens das modalidades de violência.....	42
21. Números brutos dos autores das várias modalidades de violência.....	42
22. Números brutos e porcentagens de vítimas das várias modalidades de violência, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	43
23. Porcentagem dos casos de violência física doméstica e extrafamiliar.....	44
24. Porcentagem dos casos de violência sexual doméstica e extrafamiliar.....	44
25. Porcentagem dos tipos de casos de guarda.....	57
26. Porcentagem de crianças e adolescentes envolvidos em casos de guarda, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	58
27. Porcentagem dos casos de abrigo (acolhimento e desacolhimento).....	60
28. Porcentagem dos casos de abrigamento segundo o motivo.....	61
29. Porcentagem de crianças e adolescentes acolhidos em instituição, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	62
30. Porcentagem de crianças e adolescentes desacolhidos para voltarem às suas famílias, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	62
31. Porcentagem de crianças e adolescentes com desajuste de comportamento, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	64
32. Porcentagem de casos de desajuste de comportamento segundo o local de destino de crianças e adolescentes depois do início do processo na VCIJ.....	65
33. Porcentagem dos dois tipos de casos de suprimento.....	67
34. Porcentagem dos tipos de casos de tutela.....	68
35. Porcentagem de crianças e adolescentes envolvidos nos casos de tutela, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	69
36. Porcentagem de crianças e adolescentes envolvidos nos casos de conflito familiar, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	71
37. Porcentagem de crianças e adolescentes cujas mães foram destituídas do pátrio poder, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	73
38. Porcentagens dos casos de mães com problemas graves ou dificuldades com risco para a criança.....	76
39. Porcentagens dos casos de adolescentes com problemas graves ou dificuldades.....	77

## LISTA DE TABELAS

Tabela n.	Página
1. Tipos de casos atendidos por uma psicóloga no Serviço de Psicologia da Vara Central da Infância e da Juventude, no período de 62 meses úteis.....	25
2. Modalidades de violência encontradas nos casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ.....	29
3. Autores da violência física doméstica.....	30
4. Vítimas da violência física doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	31
5. Local de destino das vítimas de violência física doméstica, depois do início do processo na VCIJ.....	32
6. Autores da violência sexual doméstica.....	33
7. Vítimas da violência sexual doméstica por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	34
8. Local de destino das vítimas de violência sexual doméstica, depois do início do processo na VCIJ.....	35
9. Autores da negligência doméstica.....	36
10. Vítimas da negligência por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	36
11. Local de destino das vítimas de negligência doméstica, depois do início do processo na VCIJ.....	37
12. Casos de violência sexual extrafamiliar segundo o autor (adolescente ou adulto).....	38
13. Autores da violência sexual extrafamiliar.....	38
14. Vítimas da violência sexual extrafamiliar, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	39
15. Autores da violência física e psicológica na escola.....	40
16. Vítimas da violência física e psicológica na escola, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	40
17. Casos de violência física e psicológica ocorridos na escola.....	41
18. Comparação entre os casos de violência doméstica e de violência extrafamiliar.....	41
19. Autores da violência doméstica e da violência extrafamiliar.....	42
20. Vítimas da violência doméstica e da violência extrafamiliar.....	43

21. Casos de violência física doméstica, de violência física/psicológica na escola, as condenações criminais dos autores e as destituições do pátrio poder.....	43
22. Casos de violência sexual doméstica, de violência sexual extrafamiliar, as condenações criminais dos autores e as destituições do pátrio poder.....	44
23. Casos de negligência doméstica, as condenações criminais dos autores e as destituições do pátrio poder.....	44
24. Tipos de casos de guarda.....	57
25. Crianças e adolescentes envolvidos em casos de guarda, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	58
26. Casos de abrigo (acolhimento e desacolhimento).....	60
27. Motivo do abrigamento.....	61
28. Crianças e adolescentes acolhidos em instituição, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	61
29. Crianças e adolescentes desacolhidos para voltarem às suas famílias, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	62
30. Crianças e adolescentes com desajuste de comportamento, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	64
31. Local de destino de crianças e adolescentes com desajuste de comportamento, depois do início do processo na VCIJ.....	65
32. Casos de suprimento de idade para casamento e de suprimento de consentimento para casamento e adolescentes envolvidos, por sexo.....	66
33. Tipos de casos de tutela.....	68
34. Crianças e adolescentes envolvidos nos casos de tutela, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	68
35. Casos de conflito familiar.....	70
36. Crianças e adolescentes envolvidos nos casos de conflito familiar, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	70
37. Casos de destituição do pátrio poder.....	72
38. Crianças e adolescentes cujas mães foram destituídas do pátrio poder, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	72
39. Casos de autorização de viagem.....	73
40. Crianças e adolescentes envolvidos em pedidos de autorização de viagem, por etapa de desenvolvimento e por sexo.....	74
41. Casos de emancipação.....	74

42. Jovens que solicitaram emancipação, por sexo.....	75
43. Casos de mães com problemas graves ou dificuldades, com risco para a criança.....	75
44. Casos de crianças com problemas graves ou dificuldades.....	76
45. Casos de adolescentes com problemas graves ou dificuldades.....	76
46. Instrumentos utilizados na pesquisa conforme a fonte de dados.....	147
47. Dados pessoais das crianças do grupo 1.....	168
48. Dados familiares das crianças do grupo 1.....	169
49. Dados dos casos das crianças do grupo 1.....	170
50. Dados da violência física doméstica sofrida pelas crianças do grupo 1.....	171
51. Dados pessoais das crianças do grupo 2.....	174
52. Dados das famílias de origem do grupo 2.....	175
53. Dados das famílias substitutas das crianças do grupo 2.....	178
54. Dados dos casos das crianças do grupo 2.....	180
55. Dados do abandono das crianças do grupo 2.....	182
56. Dados pessoais das crianças do grupo 3.....	183
57. Dados do desenvolvimento das crianças do grupo 3.....	184
58. Dados de saúde física e psicológica das crianças do grupo 3.....	185
59. Dados da educação em casa das crianças do grupo 3.....	186
60. Dados de atividades e sociabilidade das crianças do grupo 3.....	187
61. Dados familiares das crianças do grupo 3.....	188

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- ASESP = Associação das Senhoras Evangélicas de São Paulo  
AST = Associação Santa Terezinha  
BO = Boletim de Ocorrência  
CEJAI = Comissão Estadual Judiciária de Adoção Internacional  
CERCA = Centro de Referência da Criança e do Adolescente  
CPA = Cadastro de Pretendentes à Adoção  
D = direito(a)  
DP = Delegacia de Polícia  
DPP = destituição do pátrio poder  
E = esquerdo(a)  
ECA = Estatuto da Criança e do Adolescente  
ECD = Exame de Corpo de Delito  
EVI = Exame de Verificação de Idade  
FEBEM = Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor  
HM = Hospital Municipal  
IML = Instituto Médico-Legal  
LACRI = Laboratório de Estudos da Criança  
LCMJ = Lar da Criança Menino Jesus  
MAESP = Movimento de Assistência dos Encarcerados do Estado de São Paulo  
MAIS = Movimento de Apoio à Integração Social  
MP = Ministério Público  
NRVV = Núcleo de Referência às Vítimas da Violência (Instituto Sedes Sapientiae)  
PS = Posto de Saúde  
rels = relatórios  
SP = Serviço de Psicologia  
SP/VCIJ = Serviço de Psicologia da Vara Central da Infância e da Juventude  
TGR = Termo de Guarda e Responsabilidade  
UAE = Unidade de Abrigo e Encaminhamento  
VCIJ = Vara Central da Infância e da Juventude  
VD = violência doméstica  
VIJ = Vara da Infância e da Juventude



MELLO, A. C. M. P. C. de **O brincar de crianças vítimas de violência física doméstica**. São Paulo, 1999. 477 p. Tese (Doutorado), IP-USP.

### RESUMO

Estuda como crianças vítimas de violência física doméstica brincam, utilizam os brinquedos e o espaço, seus comportamentos, atitudes e relações, e os conteúdos dos temas surgidos, à luz de conceitos winnicottianos; verifica relações entre a violência sofrida, a forma de brincar e os conteúdos expressos; e compara-as com crianças não-vítimas. Os Ss são 12 crianças, de ambos os sexos, com idades entre 4 e 7 anos, divididas em três grupos: (1) vítimas, em instituição, (2) não-vítimas, em instituição, e (3) não-vítimas, em suas famílias. Os históricos são organizados (grupos 1 e 2) com base em dados documentais de um centro de referência e de Varas da Infância e da Juventude, em informações da instituição, e (grupo 3) em dados de questionário aplicado aos pais. Cada grupo participa de duas sessões de brincar com bonecos da família e blocos, de 40 minutos cada. As sessões são filmadas em vídeo e os dados de observação são organizados segundo os objetivos. As crianças estudadas não brincam em grupo, mas paralelamente ou em dupla. As crianças vítimas apresentam formas de brincar diferentes das outras. Utilizam os brinquedos com grau de elaboração variando de baixo a médio, sem integração, de modo apropriado ou não, com dispersão; superam o grupo 2 quanto à elaboração e à dispersão, e se assemelham na falta de integração e na variação no uso dos brinquedos; têm *performance* inferior ao grupo 3 em todos os níveis. As crianças vítimas usam o espaço do brincar de modo distinto das outras (com agressividade ou passividade, muita movimentação e extrapolação dos limites). Os comportamentos e as atitudes das crianças vítimas são (a) impulsivos, hiperativos, agressivos, destrutivos, (b) passivos, defensivos, pouco criativos, e (c) amadurecidos precocemente, controlados, construtivos; o grupo 2 se assemelha ao tipo (b), com alterações, e o grupo 3 difere de todos, com maior equilíbrio. A tendência anti-social aparece em duas crianças vítimas. Alguns comportamentos e objetos utilizados pelos grupos 1 e 2 são associados ao objeto transicional. O modo de se relacionar das crianças correspondem aos padrões de comportamentos e atitudes. Na relação com o adulto, as crianças dos grupos 1 e 2 se assemelham no tocante à grande solicitação e à dependência; no grupo 3, a autonomia e a independência prevalecem. Os conteúdos expressos no brincar têm relação com suas histórias, com o desenvolvimento emocional e com as sessões. Conclui que crianças vítimas brincam, mas esta atividade está impregnada do trauma vivido e da necessidade de elaborá-lo. As conseqüências psicológicas da violência transbordam no brincar, conferindo formato e significado específicos aos comportamentos, atitudes, relações e temas, quando comparados aos das outras crianças. Confirma que o brincar é um meio para elaborar experiências traumáticas.

MELLO, A. C. M. P. C. de **The playing of children victim of in-family physical abuse.** São Paulo, Brazil, 1999. 477 p. Thesis for author's doctor degree. IP-USP.

### ABSTRACT

The paper studies how children who are victim of in-family physical violence play and make use of toys and of space; their behaviors, attitudes and relationships, and the contents of the themes arisen, in the light of Winnicott's concepts; it verifies the relationships between the abuse undergone, the ways of playing and the contents expressed, comparing it with non-victim children. The subjects have been 12 children with ages from 4 to 7, both male and female, divided in three groups: (1) abuse victims, living in institution; (2) non-victims, living in institution; (3) non-victims, living with their families. Individual data are drawn from a reference center and Childhood and Youth Judgeships (groups 1 and 2), and from a questionnaire given to parents (group 3). Each group takes part in two 40-minutes playing sessions using blocks and puppets representing the family. Sessions are recorded in videotape and the observation data are organized according to the research aims. Children do not play as a group, but individually or in couples. Victim children show a differentiate way of playing. Their use of toys presents low to medium degree of elaboration, without integration, in appropriated way or not, with dispersion; they surpass group 2 in elaboration and dispersion and are similar to them in the lack of integration as well as in the variation in the use of toys; in all levels their performance is lower than group 3's. Victim children use the playing space in a distinct way (with aggressiveness or passiveness, intense movement and outstepping the limits). Behavior and attitudes of victim children are (a) impulsive, hyperactive, aggressive, destructive; (b) passive, defensive, little creative; (c) precociously mature, controlled, constructive; group 2 is similar to the (b) type with alterations, and group 3 is different than both, showing greater equilibrium. Anti-social tendencies are found in two victim children. Some behaviors presented and objects used by groups 1 and 2 are associated to the transitional object. The relationships patterns correspond to the behavior and attitude patterns. In relationships to adults, group 1 and 2 are similar regarding the high solicitation and dependence, while autonomy and independence prevail in group 3. The contents expressed in playing are related to their histories, their emotional development and to the sessions. It is concluded that victim children do play, but this activity is imbued with the trauma undergone and the need to elaborate it. The psychological consequences of the abuse come out in the playing, giving specific form and meaning to behaviors, attitudes, relationships and themes, as compared to the other children's. It is confirmed that playing is a means of elaborating traumatic experiences.

MELLO, A. C. M. P. C. de **Le jeu des enfants victimes de violence physique intrafamiliale.** São Paulo, Brésil, 1999. 477 p. Thèse de Doctorat. IP-USP.

### RÉSUMÉ

L'étude recherche comment les enfants victimes de violence physique intrafamiliale jouent, utilisent les jouets et l'espace, leurs comportements, attitudes et relations, et le contenu des thèmes de jeu, à la lumière des concepts de Winnicott; l'étude vérifie les relations entre la violence subie, la forme de jouer et le contenu exprimé par le jeu; et compare les enfants victimes avec les enfants non-victimes. Les sujets sont 12 enfants, des deux sexes, âgés entre 4 et 7 ans, divisés en trois groupes: (1) victimes, placés en institution, (2) non-victimes, placés en institution, et (3) non-victimes, dans leurs familles. Leurs histoires sont organisées (groupes 1 et 2) avec les données documentaires d'un centre de référence et des Juridictions de l'Enfance et de la Jeunesse, ainsi qu'avec les informations fournies par l'institution, et (groupe 3) avec les réponses des parents à un questionnaire. Chaque groupe a participé à deux séances de jeu avec des poupées représentant la famille et des blocs, avec 40 minutes de durée chacune. Les séances sont enregistrées par un magnétoscope et les données d'observation sont organisées selon les objectifs. Les enfants étudiés ne jouent pas en groupe, mais de façon parallèle ou par pair. Les enfants victimes présentent des manières de jouer différentes par rapport aux autres enfants. Ils utilisent les jouets avec un degré d'élaboration variant de bas à moyen, sans intégration, de façon appropriée ou non, avec dispersion; ils dépassent le groupe 2 par rapport à l'élaboration et à la dispersion, et ils se ressemblent en ce qui concerne le manque d'intégration et la variation de l'usage des jouets; ils ont des résultats inférieurs au groupe 3 à tous les niveaux. Les enfants victimes utilisent l'espace de jeu de façon différente des autres (avec agressivité ou passivité, beaucoup de mouvement et allant au-delà des limites). Les comportements et les attitudes des enfants victimes sont (a) impulsifs, hyperactifs, agressifs, destructifs, (b) passifs, défensifs, peu créatifs, et (c) mûris précocement, contrôlés, constructifs; le groupe 2 ressemble au type (b), avec des altérations, et le groupe 3 diffère des autres, présentant un plus grand équilibre. La tendance anti-social apparaît chez deux enfants. Quelques comportements et objets utilisés par les groupes 1 et 2 sont associés à l'objet transitionnel. Les formes des relations des enfants correspondent aux modèles des comportements et des attitudes. Dans leur relation avec l'adulte, les enfants des groupes 1 et 2 se ressemblent en ce qui concerne la grande sollicitation et la dépendance; dans le groupe 3, l'autonomie et l'indépendance prévalent. Le contenu exprimé dans le jeu a un rapport avec les histoires des enfants, leur développement émotionnel et avec les séances. L'étude conclut que les enfants victimes jouent, mais cette activité est imprégnée du traumatisme vécu et de la nécessité de l'élaborer. Les conséquences psychologiques de la violence se manifestent dans le jeu, conférant un format et une signification spécifiques aux comportements, attitudes, relations et thèmes, quand ils sont comparés à ceux des autres enfants. L'étude confirme que le jeu est un moyen pour élaborer les expériences traumatiques.

## INTRODUÇÃO

A idéia de realizar este estudo nasceu de questões levantadas em minha prática como psicóloga da Vara Central da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça de São Paulo, onde trabalhei no período de outubro de 1990 a março de 1998, atendendo, entre outros, casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes.

Na avaliação psicológica das crianças vítimas de violência, o brincar era uma das técnicas que, com frequência, eu utilizava. Entretanto, as seguintes questões preocupavam-me:

- Crianças vítimas de violência física doméstica conseguem efetivamente brincar?
- Se brincam, o fazem diferentemente daquelas que não sofreram violência no lar ou daquelas que sofreram outro tipo de situação traumática, como o abandono? ou Há uma forma e um conteúdo específicos no brincar de crianças vítimas de violência física na família?
- O brincar é realmente um campo ou um instrumento auxiliar propício e "natural" para observar psicologicamente crianças vítimas de violência física doméstica?

Em busca de respostas válidas a estes questionamentos, organizei o presente estudo com três grupos de crianças<sup>1</sup> em idades pré-escolar e escolar: (1) vítimas de violência física doméstica, abrigadas em instituição em consequência da violência sofrida, (2) não-vítimas de violência física

<sup>1</sup> Crianças legalmente definidas como indivíduos tendo até 12 anos incompletos, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).



doméstica, abrigadas em instituição em virtude de abandono e (3) não-vítimas de qualquer tipo de violência, vivendo em suas famílias de origem.

O objetivo principal deste estudo foi o de compreender, melhor e mais profundamente, se as crianças vítimas de violência física doméstica *brincam, como brincam* (forma), *o que exprimem enquanto brincam* (conteúdo), *que comportamentos e atitudes apresentam e que relações estabelecem durante o brincar*, e compará-las com outras crianças nas situações indicadas. O conteúdo do brincar das crianças foi analisado à luz da psicanálise, com base notadamente em alguns conceitos winnicottianos.

De um modo geral, segundo a literatura, as crianças vítimas de violência física apresentam uma defasagem quanto à utilização do brinquedo e uma especificidade na expressão no brincar, além de comportamentos diferentes (em dois extremos: ou muito passivos ou muito agitados, agressivos) quando comparadas a crianças que não passaram por esta experiência traumática.

As pesquisas sobre o brincar de crianças vítimas de violência física doméstica são ainda, no domínio internacional, em número reduzido e, no Brasil, tais estudos praticamente não existem. Assim, com este trabalho, minha pretensão também era a de contribuir com o aprofundamento do conhecimento na área e incentivar novos estudos.

Ademais, estava interessada em descobrir se os resultados de um estudo assim organizado poderiam corroborar a importância do brincar como instrumento auxiliar no trabalho de avaliação psicológica de crianças vítimas da violência física doméstica.

A escolha de realizar a pesquisa com crianças vítimas acolhidas em instituição deveu-se a imposições da realidade. Não era possível realizar este gênero de pesquisa durante os atendimentos na Vara da Infância e Juventude, porque neste contexto as crianças são "objeto" de uma



intervenção da Justiça, visando sua proteção, e seus processos estão protegidos pelo *segredo de justiça*.

Por essa razão, no ambiente da Vara não haveria permissão para realizar uma pesquisa desta envergadura, reunindo as crianças em grupo e filmando-as, como pode ser feito em outras situações (na instituição ou em casa). Mesmo se houvesse a devida permissão, na Vara Central da Infância e da Juventude não havia um ambiente adequado à pesquisa.

A opção por estudar crianças em uma faixa etária que abrangesse tanto a idade pré-escolar quanto a escolar respondeu à preocupação de tornar a pesquisa mais ampla, possibilitando o cotejo dos resultados com a literatura, já que boa parte dos estudos sobre o tema restringe-se a esta população.

A pesquisa foi organizada com grupos a fim de possibilitar a observação de um maior número de crianças, bem como para captar dados referentes às relações estabelecidas durante o brincar.

Neste trabalho, privilegiei o uso do termo *brincar a jogo*, pois na literatura este último associa-se mais à brincadeira com regras definidas, pré-estabelecidas, enquanto o *brincar* é visto como uma atividade mais espontânea e natural, que proporciona, portanto, maior liberdade de ação e de expressão.

## O TRABALHO NA JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

O presente estudo reveste-se de sentido no contexto de minha prática profissional. Portanto, considero fundamental apresentar meu trabalho de atendimento psicológico na Vara Central da Infância e da Juventude, o qual suscitou meus questionamentos iniciais.

A Justiça da Infância e da Juventude faz parte do Poder Judiciário e é competente para julgar as controvérsias em torno da aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sendo este uma Lei, promulgada em 1990, que constitui e estabelece os princípios relativos aos direitos desse grupo de pessoas.

É esta Justiça quem declara que os direitos de crianças e adolescentes foram ou estão sendo ameaçados ou violados, tendo o dever de garanti-los.

Em geral, as situações nas quais há intervenção desta Justiça são as seguintes: casos de violência intra ou extrafamiliar, guarda, tutela, adoção, abrigo, desajustes de comportamento, conflitos familiares, suprimimento de idade e suprimimento de consentimento para casamento, emancipação, autorização de viagem, destituição do pátrio poder e outras possíveis situações nas quais haja ameaça ou violação dos direitos de crianças e adolescentes ou em que estes necessitem de representação ou assistência (previstas no ECA).

## 1. A VARA CENTRAL DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE E O SERVIÇO DE PSICOLOGIA

A Vara Central da Infância e da Juventude (VCIJ) é uma das quinze Varas especializadas nesta área na cidade de São Paulo (sendo que quatro delas são 'especiais', isto é, atendem somente adolescentes<sup>1</sup> que cometeram atos infracionais). Responde à circunscrição (ou área judicial) central de São Paulo, atendendo à população do seguinte grupo de bairros desta cidade: Aclimação, Alto da Mooca, Barra Funda, Bom Retiro, Brás, Belenzinho, Cambuci, Cerqueira César, Consolação, Jardim América, Jardim Paulista, Liberdade, Mooca, Pari, Perdizes, Sé e Vila Mariana.

Esta Vara possui um Juiz de Direito Titular, um Juiz de Direito Auxiliar, dois Promotores, e um corpo de auxiliares: Cartório, Serviço Social, Serviço de Psicologia e Comissariado, estes três últimos com uma Diretoria Técnica.

Ao Serviço Social e ao Serviço de Psicologia, também denominados equipe interprofissional, compete:

... dentre outras atribuições que lhe forem reservadas pela legislação local, fornecer subsídios por escrito, mediante laudos, ou verbalmente, na audiência, e bem assim desenvolver trabalhos de aconselhamento, orientação, encaminhamento, prevenção e outros, tudo sob a imediata subordinação à autoridade judiciária, assegurada a livre manifestação do ponto de vista técnico. (art.151 do ECA, 1990).

As vias mais comuns de chegada de um caso de ameaça ou violação dos direitos de crianças e adolescentes à Vara são: denúncia anônima de pessoa conhecida ou desconhecida da família; denúncia de autoria conhecida; notificação do Conselho Tutelar; notificação do Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CERCA); notificação de hospital; notificação do SOS Criança (da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo) ou queixa feita pessoalmente por um familiar, pelo responsável ou por um conhecido da criança ou do adolescente, com ou sem os mesmos.

<sup>1</sup> Legalmente definidos como tendo mais de 12 anos e menos de 18 anos de idade, segundo o ECA.

Em todas essas denúncias ou notificações, descreve-se a situação da criança ou do adolescente e solicita-se providências ao Juiz. A denúncia ou a notificação é recebida normalmente pelo Serviço Social, a autuação do expediente é feita pelo Cartório transformando-se em um processo e o procedimento se inicia. As partes envolvidas (criança, adolescente, familiares, incluindo o autor da ameaça ou da violação, vizinhos, denunciante etc.) são convocadas para serem ouvidas e entrevistadas nos Serviços Técnicos da Vara (Serviço Social e Serviço de Psicologia). O número de entrevistas varia conforme o caso e conforme o Serviço e, se necessário, são feitas visitas domiciliares, em geral pelos assistentes sociais, eventualmente acompanhados de psicólogos.

O Serviço de Psicologia (SP) da Vara Central da Infância e da Juventude é o único da cidade de São Paulo que possui três seções especializadas:

- *Seção de Atendimento Básico* (da qual eu fiz parte, responsável pelo atendimento dos casos de violência física, violência sexual, violência psicológica, negligência, guarda, tutela, desajustes de comportamento, conflitos familiares, suprimimento de idade e suprimimento de consentimento para casamento, emancipação, autorização de viagem, destituição do pátrio poder e outros correlatos);
- *Seção de Adoção* (que atende os casos de Cadastro de Pretendentes à Adoção, de adoção e também de destituição do pátrio poder);
- *Seção de Apoio* (responsável pelos casos de abrigamento).

Cada Seção tem um número médio de seis psicólogos para atendimento e uma psicóloga chefe que se ocupa da coordenação do trabalho, de questões e tarefas administrativas e da triagem dos casos. Este último trabalho consiste na leitura do processo (com ênfase para o relatório técnico ou para a determinação responsável pela remessa do caso ao

Serviço de Psicologia) e na designação do psicólogo que o atenderá, de acordo com a categoria em que o caso se enquadra naquele momento.

## 2. O MEU TRABALHO COMO PSICÓLOGA NO SERVIÇO DE PSICOLOGIA DA VARA CENTRAL DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

A explanação que se segue centra-se primordialmente no atendimento dos casos de violência contra crianças e adolescentes, foco deste estudo. Cumpre-me ressaltar também que, ao descrever com detalhes o trabalho psicológico neste Serviço, o faço com base no trabalho que eu realizei, já que a autonomia de atuação permite que cada técnico escolha o caminho a seguir e os instrumentos a utilizar, ainda que os objetivos do trabalho sejam comuns. Assim, não é possível dizer que todos os psicólogos deste Serviço e de outras Varas trabalhem da mesma forma.

Designo o trabalho principal do psicólogo no SP/CIJ de *avaliação psicológica*, justamente pela amplitude do termo, pois dadas as condições reais de sua realização, não pode ser considerado, ao meu ver, nem psicodiagnóstico<sup>2</sup> nem perícia<sup>3</sup>.

Visto globalmente, em função de seus objetivos e contexto, considero o trabalho do psicólogo nas Varas da Infância e da Juventude (VIJ) mais amplo e longo que o de perícia, embora possa não alcançar a profundidade deste último, principalmente quando este é organizado com o auxílio de testes de personalidade e técnicas projetivas. É também um trabalho

<sup>2</sup> Psicodiagnóstico, segundo Cunha (1993), "é um processo científico, limitado no tempo, que utiliza técnicas e testes psicológicos (input), em nível individual ou não, seja para entender problemas à luz de pressupostos teóricos, identificar e avaliar aspectos específicos ou para classificar o caso e prever seu curso possível, comunicando os resultados (output)" (p.5)

<sup>3</sup> O psicodiagnóstico com o objetivo de perícia forense "procura resolver questões relacionadas com 'insanidade', competência para o exercício de funções do cidadão, avaliação de incapacidade ou de comprometimentos psicopatológicos que etiologicamente possam se associar com infrações da lei, etc. Geralmente, é colocada uma série de quesitos que o psicólogo deve responder para instruir um determinado processo. Suas respostas devem ser claras, precisas e objetivas.(...) As respostas fornecem subsídios para instruir decisões de caráter vital para o indivíduo" (idem, ibidem, p.7-8)



diferente de um psicodiagnóstico realizado em clínica, não somente em função de objetivos e de procedimentos diferentes, como também em virtude das condições materiais e institucionais (especificadas mais adiante). Por esta razão, a avaliação psicológica realizada na VIJ necessita, muitas vezes, de estudos e laudos complementares de outros serviços.

Como psicóloga, meu trabalho nesses casos consistia em realizar, primeiramente, uma avaliação psicológica da criança ou do adolescente e de sua família. Esta avaliação visava identificar a violência (ocorrência, tipo, frequência, gravidade, riscos e conseqüências para a vítima e outras crianças e adolescentes no lar), com o objetivo primeiro de dar subsídios à decisão do Juiz. A duração deste trabalho era variável (em geral, várias sessões, podendo durar meses).

Neste processo, avaliar a dinâmica familiar é fundamental, porque a proteção da criança deve se situar em uma perspectiva a longo prazo e, sempre que possível, na família e com a família. Para a compreensão do caso e para a indicação da conduta a seguir, é necessário considerar vários elementos: a história dos pais, da criança e da família mais ampla, suas personalidades (características e comportamentos da vítima, do autor da violência, do responsável não-autor e dos irmãos da vítima), a estrutura e a dinâmica das interações (incluindo a dimensão transgeracional), suas condições de vida e o contexto situacional da violência. Portanto, todos estes aspectos devem sempre ser investigados, de preferência sob a ótica multicausal.

Dependendo da complexidade do caso, durante a avaliação, poderia ser necessário apresentar vários relatórios psicológicos parciais, com sugestões, mas sem um parecer conclusivo, ou então poderia ser possível elaborar mais rapidamente um relatório conclusivo e, na melhor das hipóteses, um laudo psicológico com o parecer conclusivo e as sugestões pertinentes (de medidas de proteção imediata, de encaminhamento – orientação e tratamento, e de prevenção – terciária, para evitar recidiva).

O parecer psicológico resultante deste processo deveria, no mínimo, levantar evidências quanto à possível ocorrência da violência doméstica e sobre sua natureza; avaliar a gravidade e o impacto sobre a vítima e os demais membros da família; avaliar o risco psicológico decorrente para a vítima e outras crianças e adolescentes existentes no lar e a capacidade do responsável não-autor da violência (pai, mãe ou outro, conforme o caso) de proteger a vítima a partir de então.

Com base nesta avaliação, eu estabelecia, igualmente, um prognóstico e uma estratégia de acompanhamento (reavaliações periódicas, orientações e trabalho articulado com outros serviços e profissionais), bem como avaliava a necessidade de laudos complementares.

Durante o processo de avaliação, todos os atendidos eram sensibilizados quanto à gravidade da situação, quanto aos fatores que intervêm para a ocorrência da violência doméstica, assim como no que tange à dinâmica familiar como um todo, o que permitia que riscos, distúrbios instalados e outras dificuldades fossem assinalados e trabalhados. Eram também orientados quanto aos procedimentos e encaminhados a tratamentos especializados, sem os quais não se alcançaria a primeira e fundamental mudança: *o rompimento do ciclo repetitivo da violência familiar.*

Tais tratamentos têm sentido somente se conjugados a medidas judiciais, educativas e sociais. Além disso, sem um plano articulado de intervenções nestes casos, o atendimento na VIJ muito provavelmente não alcançaria os resultados pretendidos.

Por isso, eu me preocupava em realizar sempre um trabalho de articulação de ações dentro da Vara (com Juiz, Promotor e com os outros Serviços) e fora dela (com a instituição, a escola, o hospital, o psicoterapeuta, o fonoaudiólogo, o advogado, entre outros) visando alcançar um resultado efetivo.

Considero, portanto, que uma intervenção psicológica competente inclui um planejamento singular e específico para cada caso. Este planejamento abrange a etapa de avaliação (identificação) e a etapa de acompanhamento e controle (que, nestes casos, deve durar no mínimo 2 anos).

O atendimento psicológico propriamente dito varia, na realidade, em função da formação, da experiência, do estilo de cada psicólogo, bem como das condições nas quais ele atende, que dependem não somente da Vara (local, material, disposição e espaço físicos), como também do(s) Juiz(es), do dia, da hora, do tipo de caso, da família, da criança, do local onde esta se encontra e das relações com outros técnicos da Vara, da instituição de acolhimento e com outros profissionais dos serviços complementares.

Neste atendimento, o psicólogo pode utilizar uma ou diversas técnicas, ou mesmo uma combinação delas, que também variam conforme o caso, a idade e as condições da criança ou do adolescente, e o psicólogo que a (o) atende.

### **3. AS TÉCNICAS UTILIZADAS EM MEU TRABALHO PSICOLÓGICO**

Em geral, com a criança e o adolescente, eu utilizava a entrevista psicológica (aberta ou semi-dirigida), a observação e/ou a interação lúdica (o brincar) e testes projetivos gráficos.

#### **3.1. Entrevista psicológica**

Na entrevista, com uma linguagem e uma forma adaptadas à capacidade de compreensão da criança, eu apresentava-lhe o trabalho da Vara da Infância e da Juventude, tentando assegurá-la de que toda intervenção visava a sua proteção primordialmente. Não é fácil estabelecer um vínculo de confiança com uma criança vítima. Em geral, ela é desconfiada, e teme revelar o que sofre pois está sob ameaça real ou sente-

se obrigada a calar por medo da punição ou da retaliação, principalmente se a perspectiva for a de voltar para casa. Por essas razões, a criança, muitas vezes visivelmente machucada, nega a violência, na tentativa de não sofrer ainda mais, revelando-a somente quando em local protegido, longe de seu agressor.

Neste contexto, sempre com muita calma e respeito, tentava indagar e captar seus sentimentos e idéias sobre si mesma, sua família, sua vida em geral e sobre o que havia ocorrido, avaliando se podia me fornecer detalhes a respeito da violência sofrida, dependendo de sua idade, capacidade, facilidade verbal e condições emocionais. Na minha opinião, trabalhar com crianças e adolescentes, independentemente da técnica utilizada, exige habilidades especiais da parte do psicólogo, que incluem capacidade de continência, profundo respeito, paciência, delicadeza, sensibilidade, vivacidade, criatividade, empatia e compromisso com a sua proteção.

Com os familiares (autor da violência e outros membros da família) e outras pessoas envolvidas na situação (amigos, vizinhos, denunciante, professor etc.), utilizava somente a entrevista, semi-dirigida e organizada segundo um formulário para entrevista e observação psicológicas, adaptado de Azevedo e Guerra (1994). Dependendo do caso, realizava uma ou mais entrevistas com cada pessoa ou entrevistas conjuntas, com várias composições conforme a necessidade e o momento do processo de avaliação.

A entrevista era o instrumento principal de meu trabalho de avaliação psicológica por melhor se adequar às condições e ao sistema de atendimento do SP/VCIJ. Apesar de algumas limitações, já conhecidas, a entrevista possibilitava um campo de coleta de dados sobre a história da criança e da família, permitia estabelecer uma hipótese diagnóstica preliminar da situação de violência, a necessidade de avaliações complementares, um prognóstico e as indicações terapêuticas mais

adequadas, além de proporcionar um espaço/tempo de observação da criança e da dinâmica familiar.

### 3.2. Observação e/ou interação lúdica

O brincar é uma atividade com a qual a criança, em geral, está mais familiarizada e que ela sente como agradável. Existem brinquedos mais estruturados e menos estruturados, mas qualquer brinquedo teoricamente pode despertar em uma criança (sem problemas físicos ou mentais graves) o comportamento de brincar, sendo que este pode variar de atividades mais exploratórias a atividades propriamente lúdicas ou mais elaboradas. Assim, pode-se dizer que, como técnica, o brincar tem boa aplicabilidade com crianças de qualquer idade, mesmo com aquelas sem escolaridade e que apresentem limitações verbais, por exemplo.

Partindo deste pressuposto, a observação lúdica consistia em oferecer à criança a caixa lúdica ou alguns materiais da mesma, pré-selecionados (como, por exemplo, somente os bonecos da família), dependendo da situação e da necessidade, de convidá-la a brincar e de observá-la nesta atividade pelo tempo necessário ou possível, estando-lhe disponível e fazendo breves indagações ou intervenções para esclarecer dúvidas, confirmar hipóteses, enfim, para compreender o mais fielmente possível o significado daquilo que ela exprimia ao brincar.

A interação lúdica, por sua vez, resumia-se no brincar *com* a criança, mas de modo a garantir que ela conduzisse a brincadeira. As indagações ou intervenções ocorriam nos mesmos moldes da observação; porém havia participação, isto é, enquanto psicóloga estava implicada ou engajada na situação, sem ter entretanto a direção da mesma. A vantagem da interação, a meu ver, é que a relação entre as pessoas que brincam é instalada ou "legitimada", favorecendo teoricamente a transferência e a contra-



transferência<sup>4</sup>. Se, por um lado, este engajamento diminui um pouco o campo de observação, por outro, lhe confere uma nova dimensão e qualidade.

Na análise do brincar, eu me preocupava sempre em contextualizar as expressões da criança. Isto é, para entender seus significados levava em consideração os dados da criança e da família, sem desconsiderar que estes se inseriam num contexto social mais amplo influenciado por condições historicamente determinadas.

Comumente, em virtude de tempo insuficiente e ausência de espaço adequado para fazer uma ou mais sessões de observação ou interação lúdica com o material completo, utilizava um pequeno grupo de brinquedos: os bonecos da família (porque podem suscitar mais diretamente os conteúdos ligados à família) e massas de modelar, blocos, Legos ou ligue-ligues (os quais, por serem menos estruturados, parecem facilitar a expressão indireta destes conteúdos, com menos angústia ou ansiedade).

Observei que estes brinquedos se mostravam úteis na avaliação psicológica das crianças, porque em geral facilitavam a expressão de sentimentos, desejos, conflitos e dificuldades das crianças. Todavia, interessava-me cada vez mais estudar com maior profundidade como se dava esta expressão no caso das crianças vítimas de violência, isto é, se seria possível encontrar especificidades e diferenças quando comparada com a expressão de crianças que não vivenciaram a violência em casa.

Já em 1995, com esta preocupação em mente, realizei, com minha orientadora, uma pré-pesquisa sobre o brincar da criança pré-escolar vítima

<sup>4</sup> Transpondo seus significados para o contexto da relação entre um adulto e uma criança que brincam, poder-se-ia dizer que é o "processo pelo qual os desejos inconscientes" da criança "se atualizam sobre" a pessoa do psicólogo "no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com" ele; "trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de atualidade acentuada" (trechos retirados da definição de transferência, Laplanche & Pontalis, 1979, p.668-669). Freud (1912, p.116) distinguiu uma transferência (de natureza) "positiva" - de sentimentos afetuosos, ternos, de uma transferência (de natureza) "negativa" - de sentimentos hostis. Contra-transferência, transposta para o mesmo contexto, é o "conjunto de reações inconscientes" do psicólogo à criança "e mais particularmente à transferência" desta (Laplanche & Pontalis, 1979, p.146).

da violência física doméstica (Mello & Bomtempo, 1995), com o objetivo de contribuir para os estudos em andamento sobre a *relação entre violência familiar e o processo de socialização de crianças*, realizados no Laboratório de Estudos da Criança do Instituto de Psicologia da USP. Foi um estudo exploratório, sem grupo controle, mas os resultados já apontaram alguns caminhos possíveis.

Os objetivos desta pré-pesquisa foram: observar como crianças desta faixa etária brincavam sozinhas; que tipo de comportamentos e atitudes apresentavam ao brincar; e se era possível identificar algum tipo de influência da violência física doméstica sofrida no brincar das mesmas.

De 50 processos, na VCIJ, de violência doméstica contra crianças, consegui selecionar apenas quatro casos de violência física (grau leve), cujas crianças estavam acolhidas em duas instituições diferentes – uma amostra das dificuldades que eu iria encontrar no presente estudo.

Em três dos casos, a violência havia sido aplicada de maneira sistemática, reiterada, e em um deles, tratava-se de episódio único. Escolhi, também, casos de crianças que haviam sido acolhidas em virtude da violência sofrida<sup>5</sup>. Eram três meninas e um menino, com idades entre 3 anos e 4 meses e 4 anos e 11 meses, de classe socioeconômica desfavorecida.

Realizamos duas sessões de brinquedo com cada criança, em salas das instituições, cada uma com a duração de 30 minutos, na mesma data, com intervalo de 30 minutos entre as sessões. Apresentamos um grupo diferente de brinquedos em cada sessão<sup>6</sup>, para que a criança brincasse sozinha como quisesse, sem a participação da observadora; esta só interveio quando solicitada pela criança, para responder algo e não para

<sup>5</sup> (a) porque tomava a coleta de dados mais rápida devido ao tempo exíguo que tínhamos para observar as crianças, e (b) pois o acolhimento em instituição é uma variável significativa, pouco estudada, que pode influenciar o comportamento da criança e, assim, tentamos homogeneizar a influência desse fator.

<sup>6</sup> Sessão 1: bonecos da família, artesanais. Sessão 2: uma caixa de blocos coloridos simples; uma caixa de blocos coloridos com sistema de encaixe; e um jogo Playmobil com soldados, fuzis com facas na ponta, espada, um canhão móvel com balas e outros acessórios.

brincar com ela. Os dados foram anotados pela observadora durante as sessões. Uma outra observadora participou de algumas sessões de brinquedo, de modo que as observações de ambas puderam ser comparadas *a posteriori*, com um índice de concordância de aproximadamente 90%.

As quatro crianças brincaram, em geral, de maneira tranqüila, com pouca movimentação corporal, silenciosamente e com um mínimo de solicitação direta com relação ao adulto que as observava. Nenhuma delas apresentou comportamentos agressivos ou violentos, seja em direção aos brinquedos, seja em direção à observadora, nem um brincar com conteúdo que reproduzisse diretamente a violência física sofrida.

A aparente tranqüilidade das crianças parecia associar-se à apatia, à depressão e à submissão, reações que tanto poderiam ser consequência da violência sofrida quanto da institucionalização.

Com os bonecos da família, ocorreram mais atividades exploratórias. Duas das meninas expressaram necessidade de cuidado e afeto relacionadas à situação de institucionalização e não uma reprodução da violência sofrida. Outra menina representou diretamente uma situação de abuso sexual incestuoso (que depois foi confirmada na VCIJ). O menino se negou a entrar em contato com os bonecos da família.

Com o brinquedo play-mobil, que continha peças que poderiam suscitar a expressão direta da violência, esta não apareceu em nenhuma das crianças. Ao contrário, apareceram mais atividades exploratórias e, em duas crianças, a atitude de afastar as armas da brincadeira<sup>7</sup>.

Com os blocos, houve um número menor de atividades exploratórias, mas o brincar se restringiu a empilhar, enfileirar, encaixar, agrupar peças, e

---

<sup>7</sup> Sem ter sido possível estabelecer se isto ocorreu por falta de interesse, por receio da reação que o contato pudesse despertar ou para afastar uma lembrança traumática.

a montar e a desmontar casas, sem brincar efetivamente de casinha, por exemplo.

No tocante aos comportamentos e atitudes expressos ao brincar, as meninas mostraram-se em geral motivadas e aparentemente tranqüilas. O menino mostrou-se tenso, deprimido, fechado. Uma menina teve reações psicossomáticas no momento em que representou o abuso sexual. Todas mostraram tendência a atitudes apáticas e submissas, sendo extremamente comportadas, obedientes, sem questionar regras nem extrapolar limites. Nenhum comportamento agressivo ou violento apareceu. Ao contrário, a impressão era de ausência de agressividade.

Estes resultados pareciam corresponder a uma das modalidades de comportamentos encontrados em crianças vítimas, conforme indicado na literatura, mas por não termos organizado um grupo controle, não foi possível distinguir o que poderia estar mais associado à violência sofrida e o que estaria sendo influenciado pela institucionalização. Pensamos também na possibilidade do tempo ter sido pequeno para as crianças começarem efetivamente a brincar com brinquedos que elas conheciam pouco. Outra questão se referia à possível influência do tempo de institucionalização, visto que as crianças que manifestaram maiores alterações foram aquelas que estavam a um tempo menor na instituição (portanto mais próximas concretamente da situação traumática). Entretanto, a criança tem uma outra dimensão do tempo e também o inconsciente é atemporal, o que tornava esta última hipótese pouco verossímil.

Embora esta pré-pesquisa, como o próprio nome diz, não tenha sido completa nem metodologicamente correta (sem grupo controle), ela forneceu uma primeira idéia acerca deste campo de estudo, de suas características e vicissitudes, o que muito contribuiu para a organização da metodologia deste estudo.

### 3.3. Técnicas projetivas

No que concerne ao uso de técnicas projetivas na avaliação psicológica de casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes, não conheço<sup>8</sup> uma técnica que seja específica para identificar este tipo de violência. E, caso exista, há que se tomar muito cuidado e jamais utilizá-la isoladamente, pois, em minha opinião, o uso de técnicas projetivas e as interpretações delas resultantes devem fazer parte de um conjunto de instrumentos e de observações durante o trabalho psicológico, seja ele um processo psicodiagnóstico, um processo psicoterapêutico ou uma pesquisa, e devem ser relacionados a todos os fatores que intervêm na vida da criança (história familiar, desenvolvimento e situação atual).

No trabalho de avaliação, sempre preferi utilizar os testes projetivos gráficos<sup>9</sup> (HTP, desenho livre, desenho da família, com adaptações ou variações) por questões pessoais (preferência), limitações profissionais (não tenho especialização em outros) e porque, como Ocampo e Arzeno (1981) sinalizaram, abarcam "aspectos mais dissociados, menos sentidos como próprios, permitem que o paciente trabalhe mais aliviado, (...) econômicos quanto ao tempo gasto em sua aplicação..." (p.52).

Além disso, o desenho – como o brincar – é uma tarefa mais conhecida para a criança e, em geral, agradável; o material é simples e conhecido também; há maior aplicabilidade com crianças, mais vantagem entre indivíduos sem escolaridade e com outros tipos de limitações, como as verbais, entre outras vantagens (Campos, 1986; Hammer, 1981).

<sup>8</sup> E isto não significa dizer que não exista.

<sup>9</sup> O uso projetivo do desenho, como afirmou Van Kolck (1984), "se constitui em condição ótima para a projeção da personalidade, possibilitando a manifestação mais direta de aspectos de que o sujeito não tem conhecimento, não quer ou não pode revelar, isto é, aspectos mais profundos e inconscientes; isso porque, sendo um meio menos usual de comunicação do que a linguagem, tem um conteúdo simbólico menos reconhecido. Além da projeção, mecanismos como identificação e introjeção podem eventualmente se manifestar, mas é certo que a expressão e a adaptação constituem dois importantes processos que têm lugar quando um desenho é produzido" (p.2).



Nos casos de violência doméstica, usava especialmente o Desenho da Família por ser indicado para "avaliação dinâmica, principalmente para avaliação de relações familiares, atitudes e sentimentos do sujeito para com sua família, autopercepção na constelação familiar etc." (Cunha, Freitas & Raymundo, 1993, p.151). A análise que fazia dos dados do desenho, para a avaliação, aproximava-se da proposta de Hammer (1981), que considera os aspectos formais e estruturais de cada figura, dando ênfase à representação da própria criança na família, integrando dados relativos à família com hipóteses de interpretação da figura humana.

Realizei uma pesquisa, "A família e o brinquedo: desenhos de crianças atendidas na Vara da Infância e da Juventude" (Mello, 1997), em que a técnica adaptada do desenho da família e do brinquedo predileto revelou-se um importante instrumento auxiliar na identificação da situação emocional, das dificuldades e de alguns traumas da criança vítima de violência física e/ou sexual na família, bem como das crianças não-vítimas destas violências, além de ter contribuído na avaliação de mudanças ou avanços advindos do tratamento psicológico (comparação dos desenhos antes e após um ano de psicoterapia).

Em um determinado momento de meu trabalho na VCIJ, comecei a solicitar às crianças que atendia que incluíssem no desenho da família a representação de seu brinquedo predileto. Esta idéia surgiu a partir de uma observação empírica: algumas crianças vítimas de violência doméstica (física e sexual), de forma independente e espontânea, tinham desenhado ao lado de sua figura, na família, um ursinho de pelúcia, às vezes de mãos dadas com elas, às vezes entre elas e a mãe ou o pai.

Achei este dado muito peculiar e iniciei uma observação mais atenta do significado destes ursinhos, indagando sobre eles às crianças. Pelo que me responderam, concluí que o ursinho de pelúcia, um brinquedo associado aos primórdios da infância, um *objeto transicional* por excelência, era o símbolo

da fragilidade e do desamparo destas crianças, da necessidade de apoio, proteção e afeto por meio de um contato físico seguro, continente.

Esta constatação me levou a realizar a pesquisa. As crianças<sup>10</sup> que dela participaram estavam em processo de avaliação psicológica ou em acompanhamento psicológico a um tempo mínimo de dois meses e máximo de dois anos e, portanto, seus históricos de vida eram conhecidos e foram considerados no trabalho.

À medida que o atendimento avançava (na Vara e na psicoterapia) e elas se sentiam mais protegidas, mais seguras, o tipo de brinquedo representado se modificava, tornando-se mais adaptado à idade da criança e indicando o início ou a volta da possibilidade de brincar.

Em outras palavras, parecia que quanto mais afastadas estivessem de seu agressor e daquela situação de apavoramento, medo e insegurança, da expectativa de sofrer uma nova violência, a possibilidade de brincar nascia para algumas ou voltava para outras, gradativamente e de forma mais adaptada, e era representada graficamente por brinquedos equivalentes. Por exemplo, elas começavam a desenhar bonecas Barbie, carros, bolas, vídeo-games, entre outros, representando no desenho um movimento de brincar<sup>11</sup>.

Antes de chegarem a esta etapa "mais adaptada", algumas passaram por uma etapa "intermediária" durante a qual desenhavam como brinquedo predileto um objeto que não poderia se constituir como tal, representando ainda a necessidade de proteção, mas já com uma possibilidade de defesa.

<sup>10</sup> Participaram deste trabalho, 15 crianças de 5 a 11 anos de idade, de ambos os sexos, divididas em três grupos: vítimas de violência sexual, vítimas de violência física e não-vítimas destes dois tipos de violência; as crianças do terceiro grupo também haviam sofrido situações muito difíceis (separação dos pais com disputas graves entre eles, abandono de um ou dos dois pais; três delas estavam em família substituta e duas delas viviam sem a mãe ou sem o pai).

<sup>11</sup> A hipótese de base, conforme às observações iniciais, era a de que quanto mais traumática a criança tivesse sido a situação de violência vivida, com as marcas emocionais características, mais o brinquedo escolhido seria regressivo e não adaptado a sua idade; e, ao contrário, quanto mais condições psicológicas mostrasse para lidar com o trauma, ao longo do tratamento, mais o brinquedo representado seria apropriado a sua idade.

Por exemplo, um menino de seis anos desenhou, nesta etapa, um extintor de incêndio em sua mão para salvá-lo se necessário.

A inserção da representação do brinquedo no contexto do desenho da família forneceu indícios da capacidade da criança brincar (simbolizar, criar) e a relação percebida entre o tipo de brinquedo representado, sua situação e suas condições emocionais contribuiu para a compreensão de seu estado e de seus progressos psicológicos.

Os resultados da análise do desenho de cada criança corresponderam aos sintomas e às conseqüências psicológicas da violência doméstica apresentadas pela literatura.

Entretanto, não pude afirmar que eles fossem unicamente indicativos da vivência deste tipo de violência. Estavam ligados a uma variedade de situações difíceis ou traumáticas relacionadas às figuras parentais e à dinâmica familiar. Isto porque sinais de prejuízo emocional, na auto-estima, nos vínculos e na capacidade de expressão da vida afetiva, entre outros, também apareceram nos desenhos das crianças que sofreram perdas ou separações dos pais em idade precoce, institucionalizações e outras privações.

Nas crianças que estavam em psicoterapia desde a primeira avaliação, os desenhos realizados antes da indicação e em momentos distintos do processo psicoterapêutico indicaram, comparativamente, avanços do ponto de vista emocional. Os desenhos também contribuíram para definir a indicação de psicoterapia para aquelas crianças que ainda não haviam sido encaminhadas.

Os resultados desta pequena pesquisa com o desenho da família e do brinquedo forneceram então, de modo indireto, uma idéia a respeito da relação entre o trauma decorrente da vivência da violência na família e a possibilidade de brincar, idéia esta melhor aprofundada no presente estudo.

#### 4. O CONTEXTO DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA DA VARA CENTRAL DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Nos anos em que trabalhei<sup>12</sup> no SP/CIJ, éramos 17 psicólogas (em média) dividindo sete boxes de atendimento. Mesmo que o espaço fosse organizado da melhor forma possível, por exemplo, estabelecendo democraticamente boxes e dias para atendimento em avaliação e acompanhamento para cada psicóloga, não era possível sincronizar perfeitamente os horários de início e término dos atendimentos.

Estes atendimentos ocorriam em geral ao mesmo tempo, concentrados, em sua maioria, em um único período (entre 13 e 19 horas). Havia uma taxa significativa de absenteísmo, mesmo com as intimações, e também um número significativo de casos (urgentes) que chegavam sem data nem horário marcado, mesmo existindo (desde 1993) um sistema de agendamento.

Na sala dos atendimentos, além dos boxes, havia uma mesa central para os psicólogos, uma mesa de entretenimento para as crianças e duas mesas para os auxiliares judiciários.

A mesa das crianças, na verdade, compunha-se de duas pequenas escrivaninhas, uma encostada à outra, rodeadas por duas cadeiras e um sofá, local onde as crianças brincavam, desenhavam ou liam gibis e pequenos livros, sentadas, apoiadas na mesa ou, se pequenas, em pé nas cadeiras, pois a mesa não tinha um tamanho adequado. Situada entre as mesas das auxiliares e o único box improvisado (cuja parede era o armário de brinquedos), dela a criança podia ver seus pais em atendimento. A situação desta mesa não podia ser muito controlada, dado seu uso coletivo: podia ter crianças brincando, lendo, desenhando, ou somente uma criança e

<sup>12</sup> Continuo utilizando o tempo passado para construir este relato porque, como informei anteriormente, não trabalho mais neste Serviço desde março de 1998. Não obstante, após algumas visitas atuais ao local, constatei que o ambiente descrito permanece praticamente sem alterações, embora cinco psicólogas (incluindo-me) tenham saído e outros sete (incluindo um psicólogo) tenham ingressado.

nenhum brinquedo, gibi ou livro em cima dela, ou ainda crianças lanchando, descansando ou até dormindo.

Igualmente pouco controlável era a situação da sala: podia estar um pouco mais silenciosa e tranqüila (no período da manhã) ou turbulenta, barulhenta e lotada (no período de *rush* da tarde, entre 14 e 17 horas), com fumaça de cigarro e outros odores; ou ainda menos turbulenta e mais organizada no final do período (entre 17 e 19 horas).

Assim, a abundância de ruídos na sala era praticamente a regra, barulho de conversas múltiplas e de crianças brincando, chorando, falando, pois os boxes são separados por finas divisórias, sem porta nem teto. Ademais, a sala fica no 3º andar do Fórum João Mendes Júnior, localizado em pleno centro da cidade de São Paulo, atrás da Praça da Sé, local de muito trânsito, passeatas e outros eventos. Os atendimentos também podiam ser interrompidos por chamadas telefônicas urgentes, pela chegada de outros casos, chamado dos Juizes ou dos Promotores.

Além disso, as mesas e cadeiras não tinham tamanho adaptado para crianças, havia cadeiras de vários tamanhos, algumas até quebradas, com assento furado, a iluminação e a ventilação eram precárias. Equipamento de serviço público<sup>13</sup>, velho, pouco confortável, mal conservado, que só é substituído quando quebra totalmente. Ambiente frio e cinza, sem cores, mal decorado, sem privacidade.

Na pesquisa sobre os desenhos, apresentada anteriormente, realizada no SP/VCIJ em outubro de 1996, fiz uma estimativa da possível influência do ambiente nos desenhos das crianças atendidas e percebi que esta pode ter sido bastante significativa, pois mais de 80% das crianças realizaram seus desenhos em ambiente não muito favorável (53,3% em prejudicial e 33,3% em aceitável) e somente 13,3% em ambiente favorável.

<sup>13</sup> Não é por ser de um serviço público que a estrutura material tem que ser assim, mas infelizmente é a realidade.



Logo, pude concluir que a sala do SP/VCIJ era um ambiente bem pouco favorável à realização de testes, atendimentos e de pesquisa e por esta razão optei por realizar o presente estudo fora deste ambiente, tendo me preocupado também em realizar a coleta de dados em um local que fosse conhecido para a criança.

Assim, não é fácil imaginar e discutir o uso (adequado) de técnicas de avaliação psicológica no contexto apresentado. Ainda que algumas delas possam ser usadas num momento ou em outro, a validade de seus resultados pode ser questionável dependendo do ambiente em que foram aplicadas.

Os manuais específicos estão repletos de recomendações acerca da importância do ambiente físico no trabalho de avaliação psicológica ou na aplicação de testes: salas devem ser agradáveis, tranqüilas, confortáveis para acomodar todos os participantes, com temperatura, aeração, luminosidade e silêncio adequados, decoração leve, móveis de altura adequada e da mesma altura para pessoas do mesmo tamanho, superfície da mesa sem asperezas, ambiente que garanta privacidade, sem interrupções (Nunes, 1993; Cunha, 1993b; Arzeno, 1995). Como apontaram Cunha, Freitas e Raymundo (1993), "a situação padronizada na aplicação de um teste garante a fidedignidade de seus resultados" (p.74).

Outra questão refere-se ao fato da maioria da população atendida na VCIJ pertencer a faixas socioeconômicas média-baixa e baixa. De um lado, quando se trata de demanda espontânea, isto se deve muito provavelmente ao fato de esta população ter menos condições financeiras para buscar recursos ou serviços privados de atendimento, principalmente na área jurídica e de orientação e tratamento em vários campos.

Por outro lado, no caso de denúncias e notificações, isto se deve ao fato de vizinhos<sup>14</sup> e polícia terem mais acesso a esta população. Além disso, como é ela que mais faz uso do atendimento gratuito municipal e estadual (postos de saúde, hospitais, centros de referência, clínicas universitárias, entre outros), os profissionais destes serviços têm também mais acesso a ela e são eles que mais notificam estes casos.

É sabido que algumas técnicas projetivas sofrem efeito do nível socioeconômico, apresentando diferenças de produção, como, por exemplo, o CAT: Cunha, Nunes e Werlang<sup>15</sup> (apud Cunha, Freitas & Raymundo, 1993, p.145) observaram que "entre crianças de famílias de baixa renda, o instrumento mostra-se pouco produtivo de um ponto de vista clínico, mesmo entre 5 anos e meio e 6 anos e meio, em que predominam verbalizações que envolvem descrição simples". O brincar com certos tipos de brinquedos e jogos pode igualmente sofrer este tipo de efeito.

Neste sentido, tornava-se necessário optar, em certos casos e determinadas situações, pela utilização de outros recursos, menos arriscados, mais fidedignos, como, por exemplo, encaminhar crianças, adolescentes e famílias para realizar um psicodiagnóstico completo com um profissional especializado em local adequado, trabalho este que complementava e enriquecia aquele realizado na Vara.

Foi fundamental, com a experiência e a reflexão crítica, ter podido reconhecer as limitações inerentes ao contexto de atendimento do SP/VCIJ e da população nela atendida.

<sup>14</sup> Geralmente, esta população mora em habitações de aluguel ou de financiamento com valor mais baixo, mais acessível, onde há maior proximidade física e, portanto, menor privacidade: por exemplo, na melhor das hipóteses, conjuntos habitacionais da Cohab, do projeto Cingapura e outros, ou cortiços e favelas.

<sup>15</sup> Cunha, J. A.; Nunes, M. L. T.; Werlang, B. G. As respostas ao CAT-A na faixa pré-escolar. In: *Reunião Anual de Psicologia*, 20., Ribeirão Preto, São Paulo, 1990. Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1990.

## 5. A ESTATÍSTICA DOS CASOS ATENDIDOS

Para finalizar a exposição de meu trabalho no SP/VCIJ, apresento alguns dados de minha estatística pessoal<sup>16</sup> relativa a um período efetivo de atendimento de 62 meses úteis<sup>17</sup>.

No referido período, como pode ser verificado na tabela 1, atendi 330 casos, com um total de 458 crianças e adolescentes atendidos.

TIPO DE CASO	Nº BRUTO	% CASOS	CRIANÇA/ADOLESC.
violência	120	36,4	164
guarda	82	24,9	115
abrigo	43	13,0	70
desajuste de compto	43	13,0	46
suprimento	11	3,3	11
tutela	8	2,4	19
conflito familiar	6	1,8	9
dest. do pátrio poder	3	0,9	7
autorização viagem	2	0,6	2
emancipação	2	0,6	2
outros <sup>18</sup>	10	3,1	13
<b>TOTAL</b>	<b>330</b>	<b>100</b>	<b>458</b>

**Tabela 1:** Tipos de casos atendidos por uma psicóloga no Serviço de Psicologia da Vara Central da Infância e da Juventude, no período de 62 meses úteis.

<sup>16</sup> É importante ressaltar que, no trabalho de triagem e designação dos casos às psicólogas da Seção de Atendimento Básico (seis no total), não houve, até o início de 1998, distribuição equitativa por tipo de caso. Esta distribuição era feita conforme a disponibilidade de cada técnico e era apenas equilibrada quanto ao número. A duração (ou o tempo total de permanência no Serviço de Psicologia) de cada caso era muito variável, dependendo do tipo de caso, dos procedimentos e do estilo de trabalho do psicólogo. Além disso, até maio de 1995, a Seção de Atendimento Básico, da qual eu fazia parte, também atendia os casos de abrigo.

<sup>17</sup> O período computado, de 62 meses úteis, refere-se ao período de outubro de 1990 a março de 1998, descontados 11 meses em que realizei um Diploma de Estudos Aprofundados em Paris, França, 14 meses em que, comissionada, prestei serviços no Laboratório de Estudos da Criança do Instituto de Psicologia da USP, e os meses de férias (3 no total).

<sup>18</sup> A categoria "Outros" abrange casos de crianças e adolescentes em situação de risco por dificuldades ou problemas específicos que não se encaixam nas demais categorias.

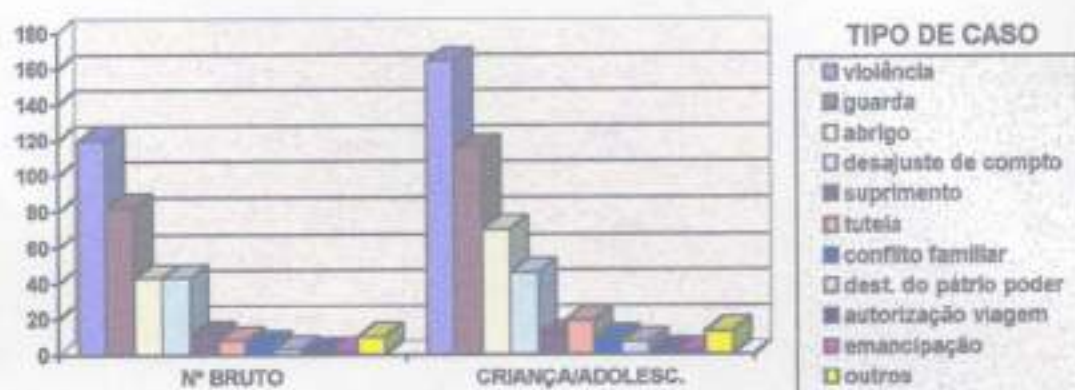


Figura 3: Números brutos dos tipos de casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ e de crianças e adolescentes envolvidos nos mesmos.

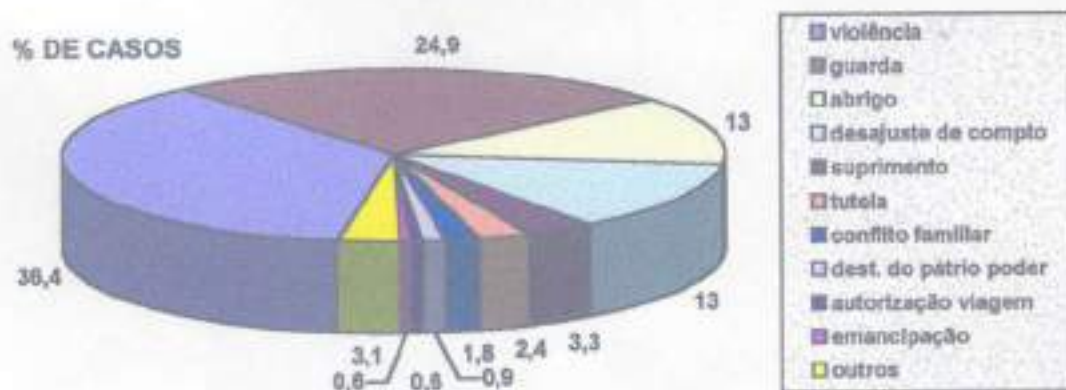


Figura 4: Porcentagem dos tipos de casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ.

Nesta exposição, dou ênfase à discussão dos dados referentes aos casos de violência contra crianças e adolescentes, de modo a caracterizar o máximo possível o contexto no qual surgiu a necessidade deste estudo e para o qual este trabalho também se torna relevante. Os dados de outros casos são também apresentados a título ilustrativo, para configurar a totalidade deste contexto.



As categorias foram estabelecidas com base na definição do tipo de caso no momento da triagem no SP/VCIJ, triagem esta de responsabilidade das chefias das Seções ou realizada eventualmente por um psicólogo de plantão, caso a chefia estivesse impossibilitada momentaneamente de fazê-la.

Esta informação é importante, porque é comum que um mesmo caso mude de categoria muitas vezes durante o processo. Por exemplo, um caso de uma adolescente de 14 anos abusada sexualmente pelo pai chega à VCIJ para providências; descobre-se que ela está grávida; é acolhida em uma instituição; apresenta desajustes de comportamento; tem a criança e decide entregá-la em adoção (há a destituição do pátrio poder desta mãe e um outro processo é aberto para a criança que será adotada); uma tia se oferece para ficar com a guarda da adolescente e a retira da instituição; um ano depois, a jovem vai morar com o namorado, engravida novamente e quer se casar; a tia vai então à Vara para solicitar suprimento de idade e de consentimento para casamento. Assim, este critério de categorização foi utilizado para responder a uma exigência científica e a uma necessidade didática, sendo que sem ele a organização deste universo tornar-se-ia inviável. Entretanto, perde-se um outro lado desta realidade que é justamente sua dimensão dinâmica e "fora de ordem".

Quanto às principais definições de violência contra crianças e adolescentes e de suas modalidades, foram eleitas (e algumas poucas vezes adaptadas) por mim aquelas propostas por Azevedo e Guerra (1989; 1993/1994; 1995). Estas definições resultaram de um sério, crítico e amplo trabalho de revisão e análise dos conceitos e definições apresentados na literatura da área até então, constituindo-se ainda, ao meu ver, nos referenciais conceituais mais completos, consistentes e atualizados neste campo, além de serem despidos de preconceitos.



## 5.1. Violência

Trata-se aqui da violência interpessoal praticada por uma pessoa mais forte (adulto ou adolescente<sup>19</sup>) contra uma pessoa mais fraca (adolescente ou criança). Pode ser também designada pelo termo "abuso-vitimização" que contempla os dois pólos desta relação de poder. A violência pode se dar por ação ou por omissão, mas sempre é capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima, criança ou adolescente.

Assim, esta violência se insere na concepção de Chauí<sup>20</sup> (apud, Azevedo & Guerra, 1989, p.46):

Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria, numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência.

A violência que ocorre na família (intrafamiliar) é aqui designada de *doméstica*, e a que ocorre fora da família é chamada simplesmente de *extrafamiliar*.

**Violência doméstica contra crianças e adolescentes:** Azevedo e Guerra (1994) apresentaram uma definição abrangente deste fenômeno:

Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes no lar que - sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima - implica de um lado numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (módulo 1, p.11).

**Violência extrafamiliar contra crianças e adolescentes<sup>21</sup>:** seguindo o mesmo raciocínio da definição acima, seria todo ato praticado por uma ou

<sup>19</sup> Violência cujo autor é um adolescente, contra uma criança.

<sup>20</sup> Chauí, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985, 4, p.23-62.

<sup>21</sup> Definição adaptada de Azevedo e Guerra, 1994.

mais pessoas de fora da família, conhecidas ou desconhecidas, adultas ou adolescentes, que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica de um lado numa transgressão do poder de proteção da pessoa mais forte (adulto ou adolescente) e, “de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento” (Azevedo e Guerra, 1994, módulo 1, p.11).

MODALIDADES	Nº BRUTO	% DE VIOLÊNCIA
violência física doméstica	70	58,3
violência sexual doméstica	20	16,7
negligência doméstica	14	11,7
violência sexual extrafamiliar	13	10,8
violência física e psicológica na escola	3	2,5
<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100</b>

Tabela 2: Modalidades de violência encontradas nos casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ.



Figura 5: Números brutos e porcentagens das modalidades de violência encontradas nos casos atendidos por uma psicóloga no SP/VCIJ.

### 5.1.1. Violência física doméstica

Segundo Azevedo e Guerra (1993/1994), "corresponde ao emprego de força física no processo disciplinador de uma criança ou adolescente por parte de seus pais (ou quem exercer tal papel no âmbito familiar, por exemplo, pais adotivos, padrastos e madrastas)" (p.18).

Não se encontra um consenso na literatura específica sobre o que poderia ser considerado violência: há desde o simples tapa e a palmada no bumbum até agressões com armas brancas ou de fogo, queimaduras, chutes, golpes etc.

Entretanto, pesquisas mais recentes (do final da década de 80 em diante) ponderam que "toda ação que causa dor física numa criança, desde um simples tapa até o espancamento fatal, representam um só continuum de violência" (Newell<sup>22</sup>, apud Azevedo & Guerra, 1995, p.44).

AUTORES	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
mãe	39	52,0
pai	16	21,3
mãe e pai	6	8,0
padrasto	4	5,3
tia	3	4,0
guardiã	3	4,0
mãe e avô	2	2,7
tia e tio	2	2,7
TOTAL	75	100

Tabela 3: Autores da violência física doméstica.

<sup>22</sup> Newell, P. *Children are people too: The case against physical punishment*. Londres, Bedford Square Press, 1989.

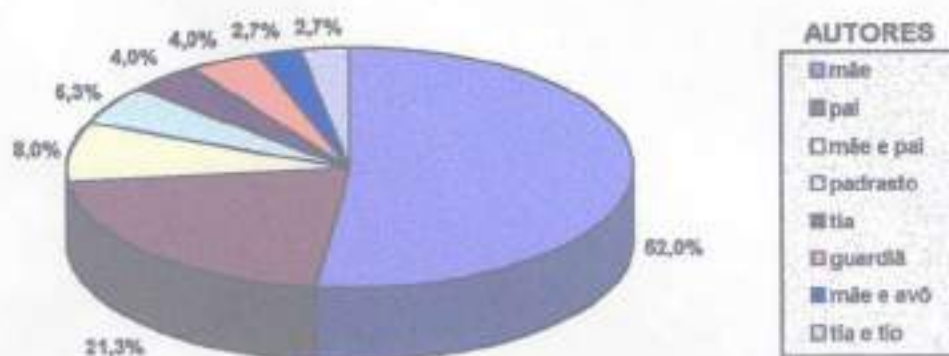


Figura 6: Porcentagem de autores da violência física doméstica.

VÍTIMAS	Nº BRUTO	% VÍTIMAS	% CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	38	40,4	40,4	-	40,4	-
criança/ masculino	36	38,3	38,3	-	-	38,3
adolesc./ feminino	11	11,7	-	11,7	11,7	-
adolesc./ masculino	9	9,6	-	9,6	-	9,6
<b>TOTAL</b>	<b>94</b>	<b>100</b>	<b>78,7</b>	<b>21,3</b>	<b>52,1</b>	<b>47,9</b>

Tabela 4: Vítimas da violência física doméstica, por etapa de desenvolvimento<sup>23</sup> e por sexo<sup>24</sup>.

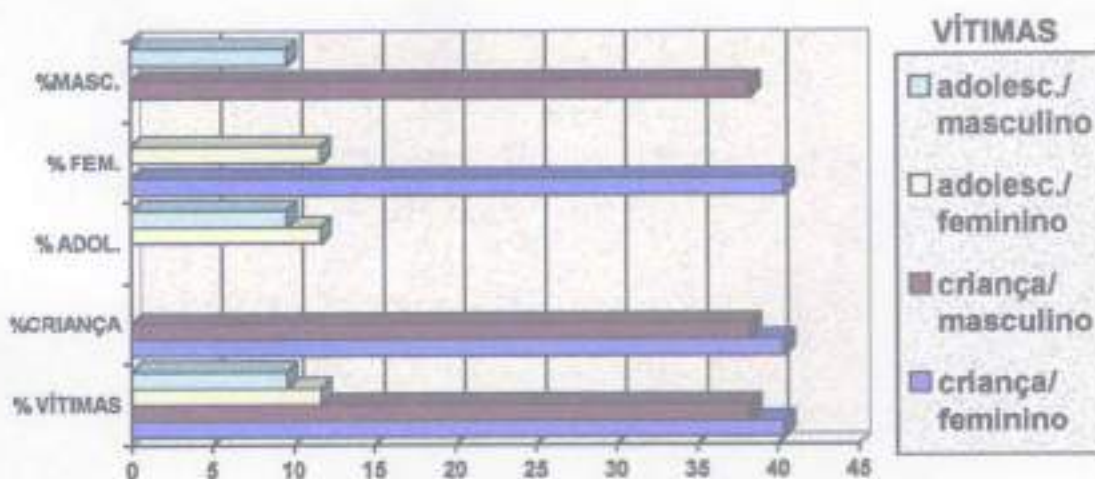


Figura 7: Porcentagem de vítimas da violência física doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

<sup>23</sup> Do ponto de vista legal, segundo o ECA: infância/criança = de 0 a 12 anos incompletos; adolescência/adolescente = de 12 a 18 anos de idade.

<sup>24</sup> Feminino e masculino.



VIOLÊNCIA FÍSICA DOMÉSTICA	CONFIRMADA <sup>25</sup>	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
permanência na família	sim (24/75%) não (8/25%)	32	45,7
acolhimento em instituição	sim	25	35,7
família substituta (guarda)	sim	13	18,6
TOTAL	-	70	100

Tabela 5: Local de destino das vítimas de violência física doméstica, depois do início do processo na VCJI.

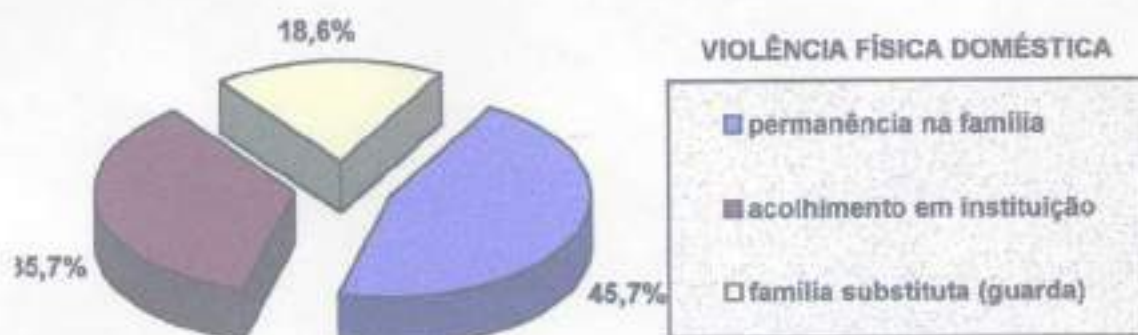


Figura 8: Porcentagem de casos de violência física doméstica segundo o local de destino das vítimas depois do início do processo na VCJI.

### 5.1.2. Violência sexual doméstica

Todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos (com relação de parentesco e/ou de responsabilidade legal) e uma criança ou um adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. (definição adaptada de Myre<sup>26</sup>, apud Azevedo & Guerra, 1989, p.42).

<sup>25</sup> Alguns casos são passíveis de confirmação por meio dos exames de corpo de delito (para lesão corporal) e outros não o são, seja porque a violência física não chegou a deixar marcas visíveis, seja porque quando o caso chegou à VIJ as marcas já haviam desaparecido, às vezes sem deixar traços (como os hematomas, por exemplo). Assim, do ponto de vista legal, não havia prova material da violência física. No entanto, os casos de violência computados neste item foram diagnosticados como tal pelo menos do ponto de vista profissional (psicológico, social e médico: relato da criança, sintomas, dinâmica familiar, exames médicos, entre outros fatores).

<sup>26</sup> Myre, M. J-G. *Les enfants mal aimés. Guide à l'intention des professionnels et des adultes en contact fréquent avec les enfants*. Québec, Comité de la Protection de la Jeunesse, 1988.



Segundo Azevedo e Guerra (1989), trata-se de uma violência de natureza incestuosa já que inclui como agressor todo aquele que tenha um vínculo de responsabilidade para com a criança ou adolescente e cujas relações sejam proibidas por lei ou costume. Inclui toda a gama de atos sexuais propriamente ditos ou com intenção sexual, com ou sem contato físico, com ou sem uso de força física, tentativa ou relação propriamente dita, genital, anal, felação, toques, carícias, beijos, exibicionismo, voyeurismo, uso de materiais pornográficos de qualquer gênero, entre outros.

A criança e o adolescente devem sempre ser considerados *vítimas* e não *réus*, visto que na violência sexual a intenção é sempre o prazer (direto ou indireto) do adulto - da pessoa mais velha, mais madura em termos de idade, e o envolvimento da criança e do adolescente se dá por coerção da parte deste adulto, "coerção esta que tem suas raízes no padrão adultocêntrico de relações adulto-criança vigente em nossa sociedade" (Azevedo & Guerra, 1993/1994, p.19-20).

AUTORES	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
pai	13	65
padrasto	3	15
pai adotivo	1	5
avô	1	5
tio	1	5
tia	1	5
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Tabela 6:** Autores da violência sexual doméstica.

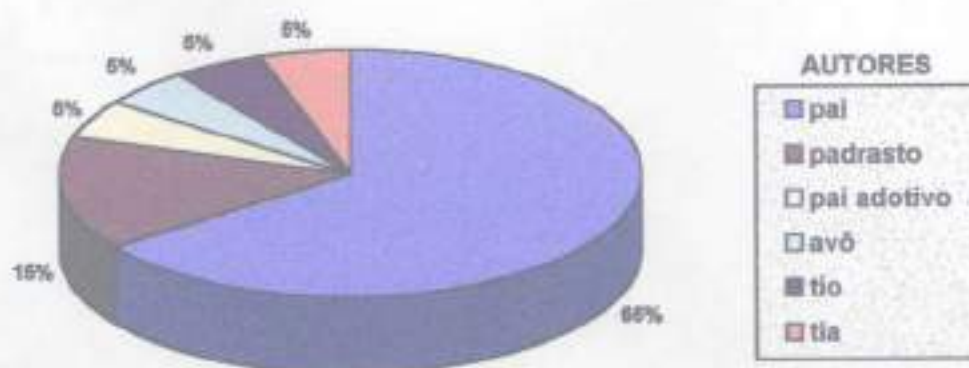


Figura 9: Porcentagem de autores da violência sexual doméstica.

VÍTIMAS	Nº BRUTO	% VÍTIMAS	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	%MASC.
criança/ feminino	11	40,7	40,7	-	40,7	-
criança/ masculino	2	7,4	7,4	-	-	7,4
adolesc./ feminino	14	51,9	-	51,9	51,9	-
adolesc./ masculino	0	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>100</b>	<b>48,1</b>	<b>51,9</b>	<b>92,6</b>	<b>7,4</b>

Tabela 7: Vítimas da violência sexual doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

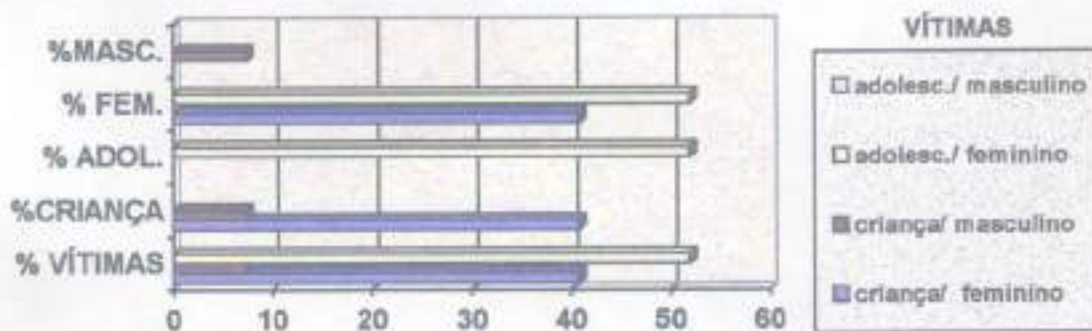


Figura 10: Porcentagem de vítimas da violência sexual doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

VIOLENCIA SEXUAL DOMÉSTICA	CONFIRMADA	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
permanência na família	sim (3/23%) não (10/77%)	13	65
acolhimento em instituição	sim	6	30
família substituta (guarda)	sim	1	5
TOTAL	-	20	100

Tabela 8: Local de destino das vítimas de violência sexual doméstica, depois do início do processo na VCJI.



Figura 11: Porcentagem de casos de violência sexual doméstica segundo o local de destino das vítimas depois do início do processo na VCJI.

### 5.1.3. Negligência doméstica

De acordo com Azevedo e Guerra (1993/1994), a negligência que ocorre na família:

Representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. Configura-se quando os pais (ou responsáveis) falham em termos de alimentar, de vestir adequadamente seus filhos etc., e quando tal falha não é o resultado de condições de vida além de seu controle. A negligência pode se apresentar como moderada ou severa. Nas residências onde os pais negligenciam severamente seus filhos observa-se, de modo geral, que os alimentos nunca são providenciados, não há rotinas na habitação e para as crianças não há roupas limpas, o ambiente físico é muito sujo com lixo espalhado por todos os lados, os filhos são deixados sós por diversos dias, chegando a falecer em consequência de acidentes domésticos ou de inanição. A literatura registra entre estes pais um consumo elevado de drogas, de álcool, uma presença significativa de desordens severas de personalidade. (p.20-21).

AUTOR	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
mãe (solteira ou separada)	13	92,9
pai (mãe falecida)	1	7,1
TOTAL	14	100

Tabela 9: Autores da negligência doméstica.

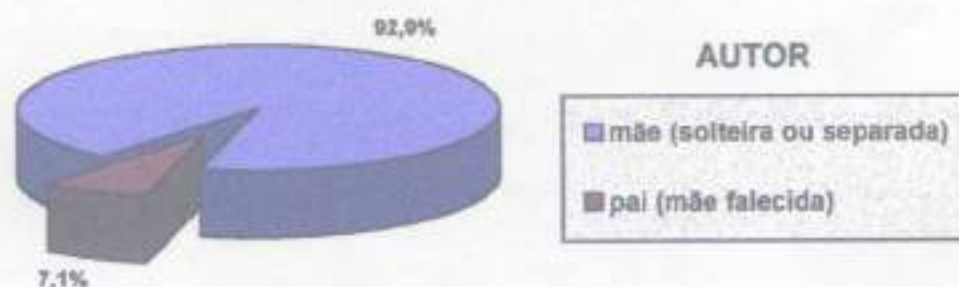


Figura 12: Percentagem de autores da negligência doméstica.

VÍTIMAS	Nº BRUTO	% VÍTIMAS	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	11	35,5	35,5	-	35,5	-
criança/ masculino	17	54,8	54,8	-	-	54,8
adolesc./ feminino	0	-	-	-	-	-
adolesc./ masculino	3	9,7	-	9,7	-	9,7
TOTAL	31	100	90,3	9,7	35,5	64,5

Tabela 10: Vítimas da negligência doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

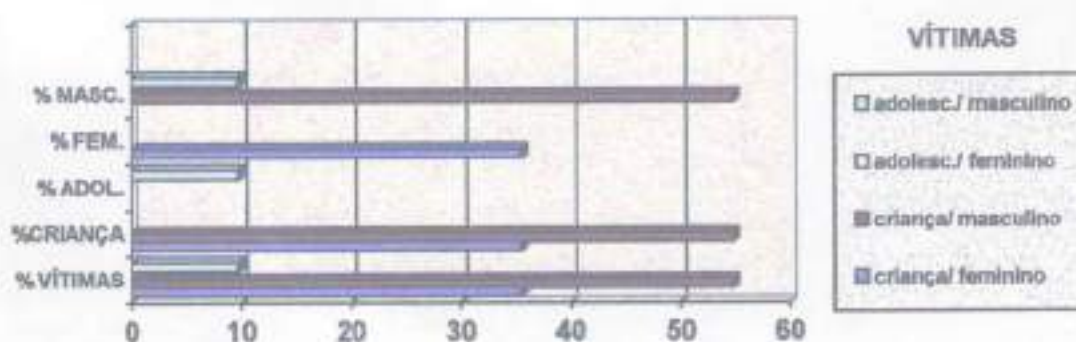


Figura 13: Percentagem de vítimas da negligência, por etapa de desenvolvimento e por sexo.



NEGLIGÊNCIA DOMÉSTICA	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
permanência c/ mãe (autora)	2	14,3
casa do pai (não-autor)	2	14,3
família de tios (guarda)	5	35,7
acolhimento em instituição	5	35,7
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>100</b>

Tabela 11: Local de destino das vítimas de negligência doméstica, depois do início do processo na VCIJ.

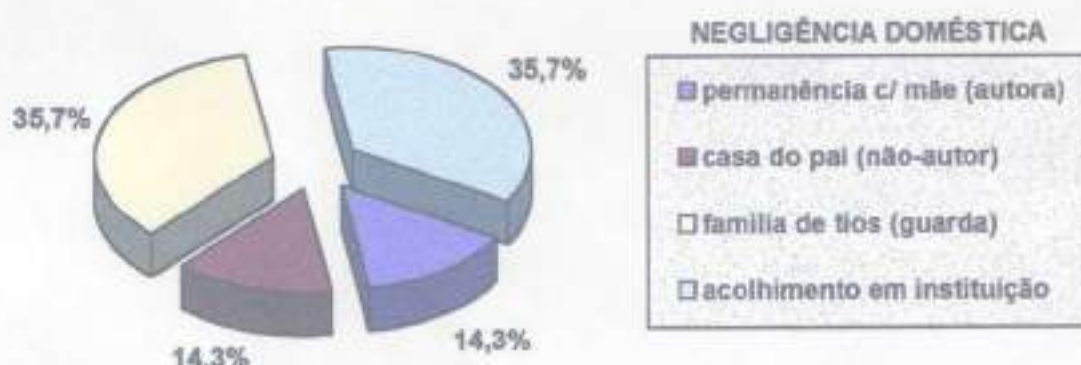


Figura 14: Porcentagem de casos de negligência doméstica segundo o local de destino das vítimas depois do início do processo na VCIJ.

#### 5.1.4. Violência sexual extrafamiliar

Com base na definição de violência sexual doméstica, trata-se, neste caso, de todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos (sem relação de parentesco e/ou de responsabilidade legal, conhecido ou desconhecido da vítima) e uma criança ou um adolescente, tendo por finalidade estimular esta criança ou este adolescente, ou obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa.



Este tipo de violência não é de natureza incestuosa. Inclui-se aqui a violência cometida por um ou mais adolescentes contra uma criança<sup>27</sup>.

VIOLENCIA SEXUAL EXTRA-FAMILIAR	CONFIRMADA	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
adolescente contra criança	sim	5	38,5
adulto contra criança/adolescente	sim	8	61,5
TOTAL	sim	13	100

Tabela 12: Casos de violência sexual extrafamiliar segundo o autor (adolescente ou adulto).



Figura 15: Porcentagem de casos de violência sexual doméstica segundo o autor.

AUTOR	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
adolescente masculino	8	50
adulto masculino	8	50
TOTAL	16	100

Tabela 13: Autores da violência sexual extrafamiliar.

<sup>27</sup> Esta submodalidade foi descrita por Finkelhor (apud, Azevedo & Guerra, 1999, p.42-43), sendo importante indicá-la nesta definição porque na categorização de meus casos utilizei os critérios de diferença de idade especificados por ele: "uma categoria inclui crianças imaturas que têm experiências sexuais com adolescentes ou crianças muito mais velhas. Esta categoria inclui todas as experiências entre uma criança de doze anos e menos e uma outra pessoa com menos de deztoito anos mas que seja, no mínimo, cinco anos mais velha que a criança... A [outra] categoria, [inclui] jovens adolescentes que têm experiências sexuais com adultos muito mais velhos; inclui todas as experiências entre adolescentes de treze e dezesseis anos com adultos legalmente definidos, com pelo menos dez anos ou mais que os adolescentes". [o grifo é meu] Finkelhor, D. *Sexuality victimized children*. New York, The Free Press, 1979.

VÍTIMAS	Nº BRUTO	% VÍTIMAS	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	5	33,3	33,3	-	33,3	-
criança/ masculino	4	26,7	26,7	-	-	26,7
adolesc./ feminino	4	26,7	-	26,7	26,7	-
adolesc./ masculino	2	13,3	-	13,3	-	13,3
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>60</b>	<b>40</b>	<b>60</b>	<b>40</b>

Tabela 14: Vítimas da violência sexual extrafamiliar, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

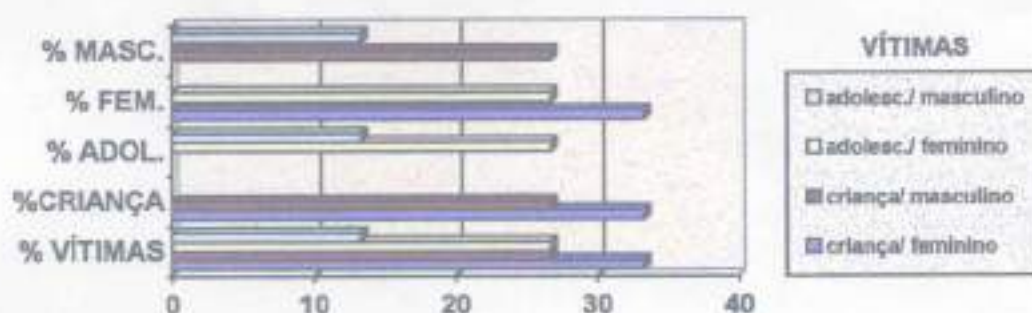


Figura 16: Porcentagem de vítimas de violência sexual doméstica, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

### 5.1.5. Violência física e psicológica na escola<sup>28</sup>

Consiste em toda ação que causa dor física em uma criança ou adolescente, conforme a definição de violência física doméstica, e em toda ação que ataque a auto-estima da criança e do adolescente, como comparações maldosas, insultos, críticas destrutivas, entre outras, que os submeta a vexame ou constrangimento<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Não encontrei uma definição exata desta modalidade na literatura.

<sup>29</sup> Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, é crime submeter criança ou adolescente sob sua autoridade a vexame ou constrangimento, punido com detenção de 6 meses a 2 anos.

AUTORES	N° BRUTO	PORCENTAGEM
professora	2	66,7
professor	1	33,3
TOTAL	3	100

Tabela 15: Autores da violência física e psicológica na escola.

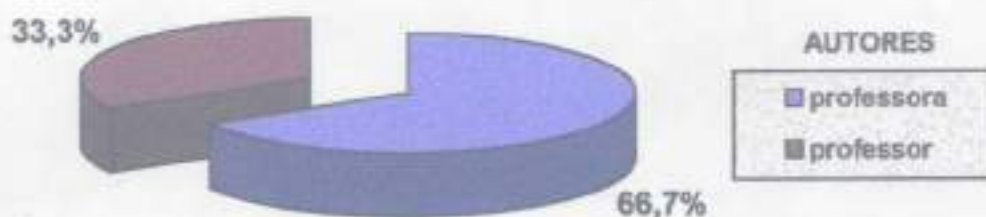


Figura 17: Porcentagem de autores da violência física e psicológica na escola.

VÍTIMAS	N° BRUTO	% VÍTIMAS	%CRIANÇA	%ADOL.	% FEM.	%MASC.
criança/ feminino	0	-	-	-	-	-
criança/ masculino	2	50	50	-	-	50
adolesc./ feminino	0	-	-	-	-	-
adolesc./ masculino	2	50	-	50	-	50
TOTAL	4	100	50	50	-	100

Tabela 16: Vítimas da violência física e psicológica na escola, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

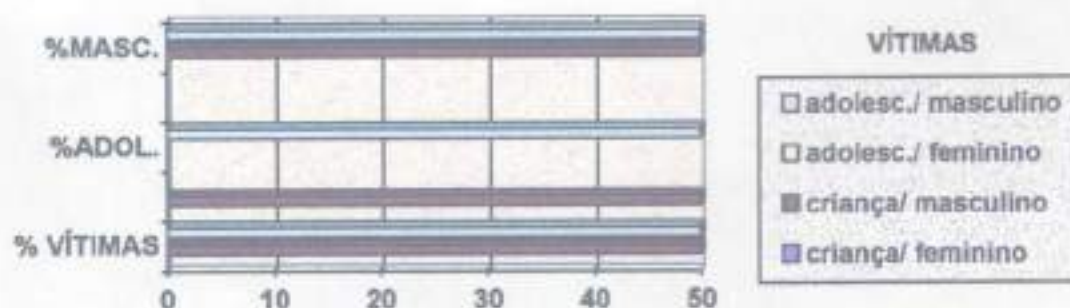


Figura 18: Porcentagem de vítimas da violência física e psicológica na escola, por etapa de desenvolvimento e por sexo.



V.F.P. NA ESCOLA	CONFIRMADA	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
física e psicológica	sim	2	66,7
psicológica	não	1	33,3
<b>TOTAL</b>	-	<b>3</b>	<b>100</b>

Tabela 17: Casos de violência física e psicológica ocorridos na escola.



Figura 19: Porcentagem de casos de violência física e psicológica ocorridos na escola.

#### 5.1.6. Casos de violência contra crianças e adolescentes, autores, condenações criminais e destituições do pátrio poder

VIOLÊNCIA	DOMÉSTICA		EXTRAFAMILIAR	
	Nº BRUTO	PORCENTAGEM	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
física doméstica	70	58,3	-	-
sexual doméstica	20	16,7	-	-
negligência dom	14	11,7	-	-
sexual extrafam.	-	-	13	10,8
física/psic. escola	-	-	3	2,5
<b>TOTAL PARCIAL</b>	<b>104</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>100</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>120</b>	<b>86,7</b>	<b>120</b>	<b>13,3</b>

Tabela 18: Comparação entre os casos de violência doméstica e de violência extrafamiliar.



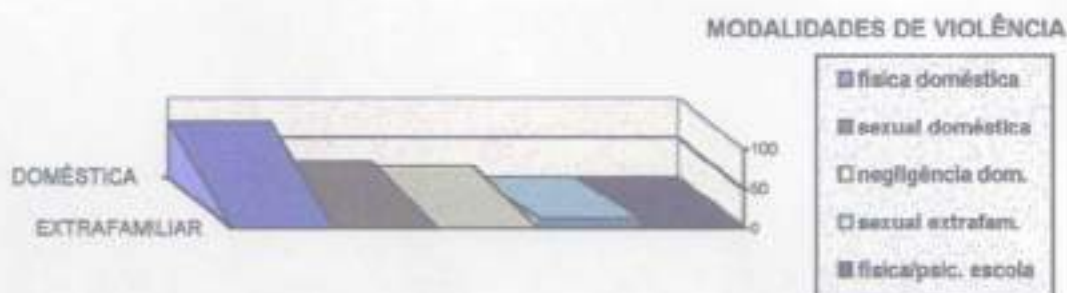


Figura 20: Percentagens das modalidades de violência.

AUTORES	DA PRÓPRIA FAMÍLIA	DE FORA DA FAMÍLIA
violência física doméstica	75	-
violência sexual doméstica	20	-
negligência doméstica	14	-
violência sexual extrafam.	-	16
viol. física/psic. na escola	-	3
total parcial	109	19
% / total geral (128)	85,2	14,8

Tabela 19: Autores da violência doméstica e da violência extrafamiliar.

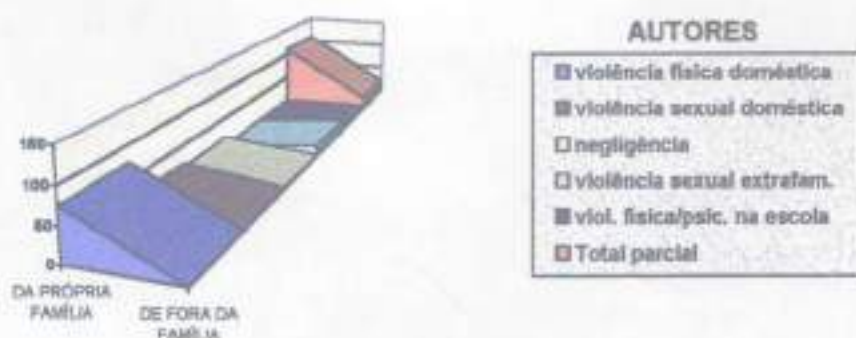


Figura 21: Números brutos dos autores das várias modalidades de violência.

Violência	Vítimas	Crianças	Adolesc.	Feminino	Masculino	% / total	% intrafam	% extrafam
física dom.	94	74	20	49	45	55,0	55,0	-
negligência	31	28	3	11	20	18,1	18,1	-
sexual dom.	27	13	14	25	2	15,8	15,8	-
sexual extra	15	9	6	9	6	8,8	-	8,8
fis/psic. esc.	4	2	2	0	4	2,3	-	2,3
Total n°/%	171/100	128/73,7	45/26,3	94/55	77/45	100	88,9	11,1

Tabela 20: Vítimas da violência doméstica e da violência extrafamiliar.

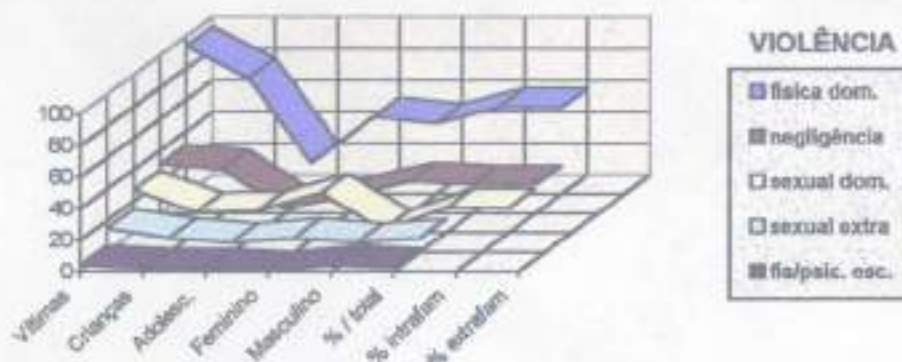


Figura 22: Números brutos e percentagens de vítimas das várias modalidades de violência, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

VIOLÊNCIA FÍSICA/ FÍSICA/PSICOL.	Nº BRUTO	PORCENTAGEM	Nº/%CONDENAÇ. CRIMINAIS	Nº/% DESTITUIÇ. PÁTRIO PODER
doméstica	70	95,9	2 ou 2,9%	nenhuma
extrafamiliar	3	4,1	nenhuma	não cabe
TOTAL	73	100	-	-

Tabela 21: Casos de violência física doméstica, de violência física/psicológica na escola, as condenações criminais dos autores e as destituições do pátrio poder.

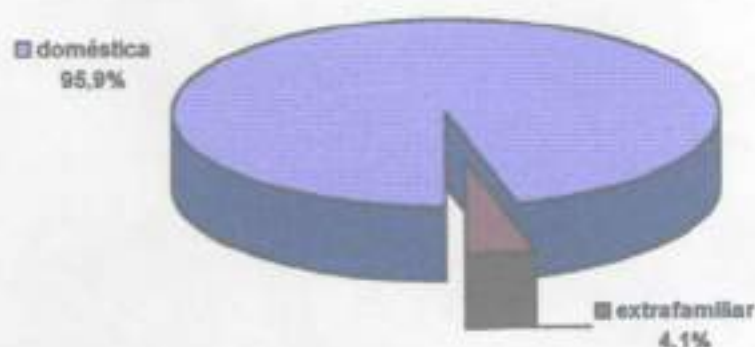


Figura 23: Porcentagem dos casos de violência física doméstica e extrafamiliar.

VIOLÊNCIA SEXUAL	Nº BRUTO	PORCENTAGEM	Nº/% CONDENAÇ. CRIMINAIS	Nº/% DESTITUIÇ. PÁTRIO PODER
doméstica	20	60,6	1 ou 5%	1 ou 5%
extrafamiliar	13	39,4	4 ou 30,8%	não cabe
TOTAL	33	100	-	-

Tabela 22: Casos de violência sexual doméstica, de violência sexual extrafamiliar, as condenações criminais dos autores e as destituições do pátrio poder.



Figura 24: Porcentagem dos casos de negligência sexual doméstica e extrafamiliar.

NEGLIGÊNCIA DOMÉSTICA	Nº BRUTO	PORCENTAGEM	Nº/% CONDENAÇ. CRIMINAIS	Nº/% DESTITUIÇ. PÁTRIO PODER
TOTAL	14	100	nenhuma	1 ou 7,1%

Tabela 23: Casos de negligência doméstica, as condenações criminais dos autores e as destituições do pátrio poder.

### 5.1.7. Discussão sumária da estatística referente aos casos de violência

Os casos de violência representaram 36,4% da totalidade dos casos que atendi no período referido [tabela 1, figura 4]. Esta estatística conseguiu captar as seguintes modalidades de violência contra crianças e adolescentes, na seguinte ordem de maior ocorrência: violência física doméstica (58,3%), violência sexual doméstica (16,7%), negligência doméstica (11,7%), violência sexual extrafamiliar (10,8%) e violência física e psicológica na escola (2,5%) [tabela 2, figura 5].

- **violência física doméstica:**

- esta modalidade de violência liderou o número de ocorrências talvez por ser um fenômeno mais visível e por não se associar diretamente a um tabu, como ocorre com a violência sexual doméstica (o incesto);

- 52% dos autores deste tipo de violência foram mães; elas apareceram também como co-autoras (quase 11%) [tabela 3, figura 6]; isto talvez se deva ao fato de a mãe ser ainda a que mais comumente se encarrega do cuidado e da educação dos filhos, tendo, portanto, um contato mais próximo e intensivo com eles; além disso, têm em geral uma jornada dupla de trabalho; algumas destas mães eram solteiras ou separadas, únicas responsáveis diretas pelos filhos;

- a criança apareceu como a maior vítima (quase 79% dos casos), com um número um pouco maior de meninas (52,1%) do que de meninos (47,9%), indicando uma diferença pouco significativa entre os sexos [tabela 4, figura 7]; isto ocorre provavelmente em virtude de a criança ser mais frágil fisicamente do que o adolescente, isto é, com menores condições concretas de se defender da violência perpetrada pelo adulto; ademais, grande parte delas, infelizmente em virtude do enraizamento de práticas violentas na



educação de crianças em nossa sociedade, acreditam que bater em criança seja legítimo desde que ela "mereça" por ter feito "uma arte"<sup>30</sup>.

– um pouco mais da metade das vítimas da violência física doméstica (54,3%) teve de ser retirada de casa e acolhida em instituição (35,7%) ou em família substituta sob guarda (18,6%) como medida de proteção, porque o risco de recidiva era grande; no entanto, em uma parte significativa dos casos (45,7%) foi possível manter a criança ou o adolescente em sua família, seja porque um trabalho de acompanhamento (junto aos necessários tratamentos) permitia assegurar a proteção e a integridade física e psicológica da criança ou do adolescente, seja porque o autor da violência física havia se afastado do lar<sup>31</sup> e o(a) responsável não-autor havia mostrado capacidade de proteger a vítima [tabela 5, figura 8].

- **violência sexual doméstica:**

– o pai biológico foi mais frequentemente o autor deste tipo de violência (65%) [figura 9]; 95% dos autores foram do sexo masculino e 90% deles representavam a figura paterna [tabela 6];

– o sexo feminino apareceu como a grande vítima desta modalidade de violência (quase 93%), com diferença pouco significativa entre crianças e adolescentes (48,1 e 51,9% respectivamente) [tabela 7, figura 10];

– grande parte das vítimas (65%) pôde permanecer em família, seja por insuficiência de provas materiais do abuso sexual, seja porque o autor do abuso foi afastado do lar (artigo 130 do ECA) e o responsável não-autor

<sup>30</sup> Nos atendimentos de crianças vítimas de violência física, eu lhes perguntava se era correto criança apanhar; a resposta era sempre positiva, embora referissem sentir dor, tristeza e não gostarem de apanhar. Quando comparadas com adultos e animais, afirmavam que estes não deviam apanhar e, indagadas do por quê, não conseguiam explicar por que a criança tem de apanhar e outros seres não o merecem. Provavelmente, cresceriam com estes valores e, depois, se identificariam com o agressor.

<sup>31</sup> Com base no artigo 130 do Estatuto da Criança e do Adolescente: "Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum".

(neste caso, em geral a mãe) revelou-se capaz de proteger a vítima após o desvelamento [tabela 8, figura 11];

– interessante notar que em 77% dos casos [tabela 8] em que a vítima pôde permanecer na família não tinha havido confirmação do abuso sexual incestuoso pelos exames de corpo de delito (para conjunção carnal e para atos libidinosos), enquanto que naqueles de violência física, cujas vítimas permaneceram em suas casas, os exames de corpo de delito (lesão corporal) haviam confirmado 75% das ocorrências [tabela 5], o que reitera a importância da maior visibilidade da violência física e, não obstante, uma maior tolerância com relação à mesma;

– houve acolhimento em instituição em 30% dos casos e colocação em família substituta sob guarda em 5%, todos estes com confirmação da violência sexual doméstica [tabela 8, figura 11].

- **negligência doméstica:**

– a grande maioria dos autores da negligência foi a mãe (quase 93%) [tabela 9, figura 12], muito provavelmente pelas mesmas razões indicadas na discussão da violência física doméstica;

– as vítimas da negligência foram em sua maior parte crianças (90,3%) e do sexo masculino (64,5%) [tabela 10];

– em 85,7% de casos, as vítimas foram afastadas dos responsáveis pela negligência; em 14,3% dos casos, elas ficaram sob a responsabilidade do pai (nestes, as autoras eram mães separadas que viviam sozinhas com os filhos); a proporção de vítimas que foram colocadas sob a guarda de uma outra pessoa da família (nos casos, de tios) e daquelas que foram colocadas em instituição foi a mesma (35,7%) [tabela 11, figura 14];

– em geral, as vítimas foram retiradas da família em virtude de negligência grave, com riscos e/ou conseqüências em todos os níveis e quando não havia possibilidade de realizar a curto prazo um trabalho com a família nuclear porque os pais ou responsáveis estavam acometidos por doenças ou problemas físicos e/ou psíquicos graves;

– é preciso esclarecer que quando a negligência é somente o resultado da falta ou carência de recursos materiais, ela não pode ensejar a perda ou a suspensão do pátrio poder ou, forçosamente, a retirada da vítima da família<sup>32</sup>; entretanto, na prática, a criança ou o adolescente pode estar vivendo em situação material tão precária ou prejudicial frente a qual a sua retirada de casa é a única medida imediata para garantir suas necessidades básicas e sobrevivência; concomitantemente, um trabalho de orientação e auxílio, visando a reestruturação material da família, é empreendido (na medida das possibilidades); muitas vezes, pais em situação de penúria (em virtude de desemprego, morte ou doença na família, por exemplo) aceitam a retirada do filho de casa e respondem satisfatoriamente a um trabalho de acompanhamento visando receber a criança ou o adolescente de volta; há uma série de medidas aplicáveis aos pais ou responsáveis com o fim de auxílio e reabilitação (especialmente as indicadas nos incisos I a VII do artigo 129 do Estatuto da Criança e do Adolescente)<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> Artigo 23 do ECA: "A falta ou a carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou suspensão do pátrio poder. Parágrafo único: Não existindo outro motivo que por si só autorize a decretação da medida, a criança ou o adolescente será mantido em sua família de origem, a qual deverá obrigatoriamente ser incluída em programas oficiais de auxílio".

<sup>33</sup> Artigo 129 do ECA: "São medidas aplicáveis aos pais ou responsável: I - encaminhamento a programa oficial ou comunitário de promoção à família; II - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; III - encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico; IV - encaminhamento a cursos ou programas de orientação; V - obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua freqüência e aproveitamento escolar; VI - obrigação de encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado; VII - advertência; VIII - perda da guarda; IX - destituição da tutela; X - suspensão ou destituição do pátrio poder. Parágrafo único: Na aplicação das medidas previstas nos incisos IX e X deste artigo, observar-se-á o disposto nos artigos 23 e 24".

- **violência sexual extrafamiliar:**

- houve mais casos cujos autores foram adultos (61,5%) do que adolescentes (38,5%) [tabela 12, figura 15]; não obstante, o número bruto de adolescentes autores foi equivalente ao de adultos [tabela 13] (houve um caso de violência sexual cometida por adolescentes em grupo; os adultos em geral agem sozinhos);

- foi constatado que os adolescentes que cometeram abuso sexual sozinhos tinham sido eles próprios vítimas do mesmo tipo de abuso na infância;

- as vítimas desta violência foram crianças (60%) e meninas (60%) em sua maioria, mas com diferenças menores entre criança/adolescente e feminino/masculino [tabela 14, figura 16] do que as encontradas na violência sexual doméstica [tabela 7, figura 10].

- **violência física e psicológica na escola:**

- a maior parte dos casos atendidos nesta modalidade foi de violência física e psicológica (quase 67%) [tabela 17, figura 19], cujos autores foram majoritariamente professoras (também quase 67%) [tabela 15, figura 17] e cujas vítimas foram exclusivamente do sexo masculino, crianças e adolescentes [tabela 16, figura 18];

- interessante mencionar que em todos os casos, os professores, para se defenderem, acusavam a criança ou o adolescente de apresentar distúrbios de comportamento em sala de aula (desobediência, bagunça, desafio verbal à autoridade do professor, liderança negativa etc.), o que foi parcialmente apurado no processo de avaliação, mas, obviamente, não justifica em absoluto o uso da violência no processo educativo;



– os dois casos de crianças, ocorridos em épocas e escolas muito diferentes (uma pública e outra particular hebraica), tinham uma dinâmica muito similar: eram filhos únicos meninos, de mães mais maduras em termos de idade, que haviam se separado do parceiro (marido em um caso) logo após o nascimento do filho e ido morar com os avós maternos; havia raríssimo contato com o pai; as mães não namoraram mais depois da separação; com os meninos, elas eram exigentes e ao mesmo tempo superprotetoras interferindo demasiadamente no processo de escolarização dos mesmos.

No que tange à violência contra a criança e o adolescente como fenômeno, outros aspectos merecem ser indicados e/ou comentados:

Um dos caminhos para a **criminalização do autor** é o seguinte: o caso chega à Vara da Infância e da Juventude e após a autuação e o devido atendimento, uma das medidas consiste na notificação da autoridade policial para a feitura do Boletim de Ocorrência (BO) e a instauração do inquérito policial competente; se este inquérito mostrar evidências do fato (a violência), o expediente é então encaminhado ao Ministério Público (MP) que, por sua vez, propõe uma ação criminal contra o autor da violência; assim, se inicia um processo na Vara Criminal, podendo o Juiz solicitar cópias dos autos da vítima na VIJ ou chamá-la novamente para depor, juntamente com os familiares e outros envolvidos.

O outro caminho é o caso se iniciar com o BO na Delegacia de Polícia (DP) e terminar na Vara Criminal, sem ter passado necessariamente pela Justiça da Infância e da Juventude.

Portanto, nas duas situações, o processo criminal corre paralela e independentemente do processo na Vara da Infância e da Juventude, infelizmente, o que acarreta a meu ver uma série de dificuldades, equívocos

e desgastes, os quais, por sua vez, podem levar a uma certa revitimização da criança ou do adolescente.

Ocorreu-me de ter sido designada quatro vezes, por solicitação de Juízes Criminais à VCIJ, para realizar laudo psicológico de crianças ou adolescentes vítimas de violência sexual (doméstica ou extrafamiliar), sendo que alguns tinham processos em outras Varas de Infância e Juventude, isto é, já haviam sido avaliados e foram obrigados a se submeter novamente a um procedimento de avaliação psicológica.

Não obstante a existência de todo este sistema para a criminalização do agressor, o número de condenações criminais apurado por minha estatística foi muito pequeno. Dos 70 casos de violência física doméstica, em apenas dois (2,9%) houve condenação criminal; enquanto que daqueles ocorridos na escola, nenhum chegou a ensejar um processo criminal [tabela 21]. A violência física intrafamiliar, especificamente, ainda está ancorada no que Miller (1981) designou de "pedagogia despótica"<sup>34</sup>.

Já os casos de negligência doméstica, sem nenhuma condenação criminal [tabela 23], se inserem e se confundem no contexto de miséria e pobreza material, social, cultural e política de nosso país, e se amparam em uma mentalidade assistencialista/paliativa que camufla a violência por omissão da família, da sociedade e do Estado.

Dos 13 casos de violência sexual extrafamiliar, houve condenação criminal em apenas quatro (30,8%) e dos 20 de violência sexual doméstica, somente em um houve condenação (5%) [tabela 22]. Muito provavelmente, há maior facilidade em criminalizar o agressor sexual externo à família do que aquele que a ela pertence, porque o mito da família ainda impera, isto é, a idéia de que a família é sagrada, de que qualquer família é o melhor lugar para a criança se desenvolver, que nela a criança está sempre

<sup>34</sup> Cf. item 3 do capítulo II.

protegida e que os pais têm o direito de decidir como bem lhes aprouver a respeito da vida de seus filhos, sendo estes suas legítimas posses.

Outra constatação se refere à **proteção da criança ou adolescente na família**: triste e chocante é verificar que crianças e adolescentes sofreram mais violações de sua integridade física e psíquica dentro da família (86,7% de violência doméstica responsável por 88,9% das vítimas) do que fora dela (13,3% de violência extrafamiliar responsável por 11,1% das vítimas) [tabelas 18 e 20] – a família (!), esta instituição que existe para, teoricamente, criar, cuidar e proteger crianças e adolescentes. Além disso, reitera esta colocação a observação de que dos autores de violência contra criança e adolescente, 85,2% foram familiares e 14,8% foram pessoas de fora da família [tabela 19].

Neste sentido, percebeu-se também uma porcentagem não negligenciável de casos em que a vítima precisou ser afastada do lar (54,3% na violência física doméstica, 35% na violência sexual doméstica e 85,7% na negligência doméstica) [tabelas 5, 8 e 11, respectivamente], significando, de um lado, que *a vítima acabou sendo mais penalizada* do que o autor destas violências, porque foi ela que, para ser protegida, teve de ser retirada de sua casa e afastada do convívio familiar, e de outro, que foram então *situações graves* de violência familiar para ensejarem uma medida como esta, o que aponta uma realidade dramática vivida por muitas crianças.

A **destituição do pátrio poder**, a medida mais severa, máxima, aplicada aos pais pela Justiça da Infância e da Juventude<sup>35</sup>, foi decretada em apenas dois casos: para um pai que abusou física e sexualmente de seus filhos (uma menina e um menino, de 7 e 5 anos de idade respectivamente, à época) e para uma mãe que negligenciou gravemente

<sup>35</sup> Conferir artigo 129 do Estatuto da Criança e do Adolescente, transcrito na nota de rodapé 33.

seus filhos (dois meninos, à ocasião com 8 e 4 anos de idade), envolvida com drogas pesadas.

A ocorrência não significativa desta medida (protetora para a vítima e certamente punitiva para o autor) – nenhuma nos casos de violência física doméstica, 5% nos de violência sexual doméstica e aproximadamente 7% nos de negligência [tabelas 21, 22 e 23 respectivamente] – reforça os argumentos apresentados acima, acerca da dificuldade de punição dos autores pertencentes à família e do fato da vítima ser mais facilmente “destituída” de sua família original<sup>36</sup>. Muitas vezes, malgrado os esforços, ela é também “destituída” de seu direito à convivência familiar, porque a colocação desta criança vítima em uma família substituta, principalmente se tiver mais idade, é uma possibilidade menos freqüente, e o processo de adaptação em geral é bastante difícil.

Quanto à idade ou à **etapa de desenvolvimento** das vítimas no momento em que a violência ocorreu, de modo geral percebeu-se que o fenômeno decresceu à medida que o processo de desenvolvimento avançou. Neste sentido, pode-se dizer que, muito provavelmente, quanto mais a criança cresce, mais possibilidades de defesa tem diante da violência, isto é, os mais fracos fisicamente são as maiores vítimas (73,7% de vítimas crianças e 26,3% de vítimas adolescentes) [tabela 20, figura 22].

Quanto ao **sexo**, tomando-se a violência de modo geral, a diferença não foi muito significativa (55% do sexo feminino e 45% do sexo masculino) [tabela 20, figura 22]. Entretanto, tomando-se somente os casos de violência sexual, esta diferença se torna importante (81% do sexo feminino e 19% do sexo masculino) [tabela 7]. Já nos casos de violência física, houve pouca diferença (52,1% do sexo feminino e 47,9% do sexo masculino) [tabela 4].

<sup>36</sup> Deixo apenas consignada a importância da discussão referente à eficácia “terapêutica” da criminalização do autor da violência e de sua destituição do pátrio poder, para a vítima e para o agressor, já que nesta oportunidade não caberia desenvolvê-la.



enquanto que nos de negligência doméstica houve um número maior de vítimas do sexo masculino (64,5%) [tabela 10] e nos de violência física e psicológica na escola somente vítimas deste sexo [tabela 16]. Assim, só se pode afirmar que para a violência sexual a menina foi o alvo privilegiado, enquanto que com relação às outras diferenças resta perguntar se os meninos são mais negligenciados em casa e se na escola são o alvo da violência de alguns professores.

Não se pode esquecer da existência da "cifra negra". Nas Varas de Infância e Juventude, trabalha-se apenas com os casos notificados e denunciados (a ponta do *iceberg*) porque a Justiça precisa ser provocada para garantir os direitos de crianças e adolescentes.

Com certeza, há inúmeros outros casos que não são notificados em virtude do citado mito da família, e outros ainda que não são nem identificados seja porque as pessoas em geral não estão sensibilizadas para o fenômeno, seja porque muitos profissionais que conhecem casos como esses em escolas, hospitais e outros serviços não têm o devido preparo para reconhecê-los e encaminhá-los devidamente, além de muitos apresentarem resistências psicológicas frente ao fenômeno (como medo, asco, identificação com a vítima, entre outros) que os impedem de perceber e agir. O silêncio das vítimas "aprisionadas", dos autores, de outros familiares, vizinhos etc., também contribui para a existência desta cifra negra.

Ademais, as cifras da violência sexual podem estar ainda mais subestimadas do que as das outras modalidades de violência, visto que o **complô do silêncio** que paira no abuso sexual doméstico é grande em virtude do tabu do incesto. A violência sexual também é menos visível do que a violência física e a negligência.

A questão da visibilidade remete à questão da **materialidade** da violência. Parece que quanto mais visível (audível, palpável) ou mais concreta ela for, mais chances tem de ser verificada, considerada e aceita pelos olhos daqueles que julgam (da comunidade ao Juiz). Tanto é assim, que nos oito anos de trabalho na VCIJ nunca recebi um caso de **violência psicológica**<sup>37</sup> pura, ainda que, via de regra, este tipo de violência sempre acompanhe as outras em maior ou menor grau dependendo do caso.

Uma outra parcela de casos de violência pode se relacionar àqueles de guarda, tutela, desajuste de comportamento e outros. Isto significa dizer que estes podem ter tido como causa ou origem uma situação de violência por ação ou omissão, às vezes mais distante no tempo ou não necessariamente vinculada à solicitação da pessoa à Vara de Infância e Juventude. Tal situação pode ser descoberta ou desvelada durante o processo. Entretanto, casos deste tipo não foram computados nesta estatística como sendo de violência, conforme o critério definido para categorização (mencionado no início deste capítulo).

## 5.2. Guarda

Diz respeito ao direito e ao dever dos pais, conjuntamente ou de cada um deles, de ter os filhos em sua companhia e de protegê-los, dentro do que prevê a lei civil (Silva, 1995).

<sup>37</sup> "Também designada como 'tortura psicológica', ocorre quando o adulto constantemente 'deprecia a criança, bloqueia seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental. Ameaças de abandono também podem tornar uma criança medrosa e ansiosa podendo representar formas de sofrimento psicológico' [Gil, 1984]. O abuso-vitimização psicológica pode assumir duas formas básicas: a de negligência afetiva e a de rejeição afetiva. A negligência afetiva consiste numa falta de responsabilidade, de calor humano, de interesse para com as necessidades e manifestações da criança. A rejeição afetiva caracteriza-se por manifestações de depreciação e agressividade para com a criança. Por ser muito difícil de detectar, dada sua colocação intensamente subjetiva, costuma-se categorizar como abuso apenas as formas graves (extremas) e continuadas de rejeição ou negligência afetiva' (Azevedo e Guerra, 1989, p.41).

Mas a guarda a que se refere esta categoria concerne ao termo de guarda (provisório ou permanente) para outras pessoas que não sejam os pais, conforme o artigo 33 do ECA:

A guarda obriga à prestação de assistência material, moral e educacional à criança ou adolescente, conferindo ao seu detentor o direito de opor-se a terceiros, inclusive aos pais. Parágrafo 1º: A guarda destina-se a regularizar a posse de fato, podendo ser deferida, liminar ou incidentalmente, nos procedimentos de tutela e adoção, exceto no de adoção por estrangeiros. Parágrafo 2º: Excepcionalmente, deferir-se-á a guarda, fora dos casos de tutela e adoção, para atender a situações peculiares ou suprir a falta eventual dos pais ou responsável, podendo ser deferido o direito de representação para a prática de atos determinados. Parágrafo 3º: A guarda confere à criança ou adolescente a condição de dependente, para todos os fins e efeitos de direito, inclusive previdenciários.

Assim, nesta categoria encontram-se os casos de guarda para familiares (excluindo os pais) e não familiares de crianças e adolescentes portadores ou não do vírus HIV cujos pais estavam em fase terminal ou haviam falecido de complicações decorrentes da AIDS; de crianças e adolescentes filhos de mães solteiras e adolescentes sem condições de educá-los por imaturidade ou problema mais grave, embora mantivessem contato com eles; de filhos de pais que haviam falecido ou os abandonado, com interesse e condições de adoção<sup>38</sup> por parte dos guardiães ou não; de filhos de pais que haviam adoecido e não podiam mais cuidar diretamente dos mesmos, embora estivessem vivos; de filhos de pais presos cumprindo pena que não fosse a máxima; entre outras possibilidades.

*Concessão* significa o deferimento de termo de guarda pelo Juiz; *renovação* ocorre quando o termo (provisório) vence e necessita ser renovado, ou seja, é a nova concessão da mesma guarda. *Exoneração* é a extinção ou o cancelamento do termo.

Finalmente, *disputa de guarda* diz respeito aos casos nos quais já existia um termo de guarda e a mãe, o pai ou ambos requeriam a guarda do filho de volta porque tinha havido, por exemplo, reestruturação de suas

<sup>38</sup> Guarda para adoção, e então o caso era redesignado, como explicado, à Seção de Adoção para prosseguimento.

vidas, amadurecimento, entre outras razões que tornavam possível a volta do filho à casa; entretanto, este havia construído um vínculo afetivo com seu guardião, e vice-versa, havendo, por conseguinte, resistência à entrega da guarda; as partes iniciavam então uma disputa pela guarda da criança ou do adolescente, às vezes nos moldes da que ocorre entre ex-cônjuges em Varas de Família.

GUARDA	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
concessão/renovação	56	68,3
disputa	18	21,9
exoneração	4	4,9
para adoção	4	4,9
TOTAL	82	100

Tabela 24: Tipos de casos de guarda.

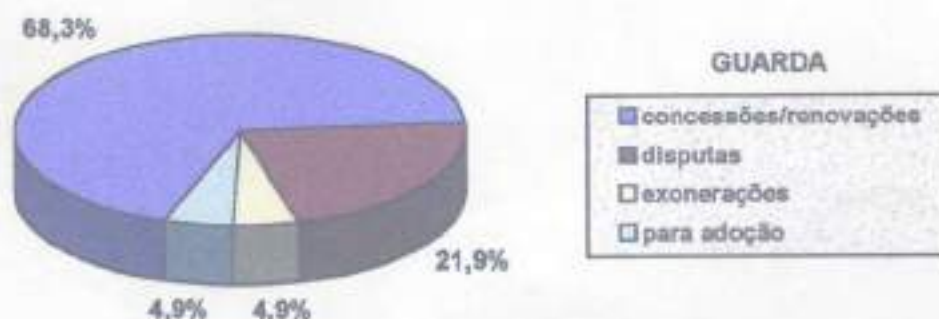


Figura 25: Porcentagem dos tipos de casos de guarda.

De acordo com a tabela 24 (e figura 25), verificou-se uma maior porcentagem de casos de concessão e de renovação de termo de guarda (68,3%).

Observou-se uma porcentagem bem maior de crianças (quase 70%) das quais solicitou-se a guarda e um número um pouco maior de meninas (54%), conforme indicado na tabela 25.



ENVOLVIDOS	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	41	35,7	35,7	-	35,7	-
criança/ masculino	39	33,9	33,9	-	-	33,9
adolesc./ feminino	21	18,3	-	18,3	18,3	-
adolesc./ masculino	14	12,1	-	12,1	-	12,1
<b>TOTAL</b>	<b>115</b>	<b>100</b>	<b>69,6</b>	<b>30,4</b>	<b>54,0</b>	<b>46,0</b>

Tabela 26: Crianças e adolescentes envolvidos em casos de guarda, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

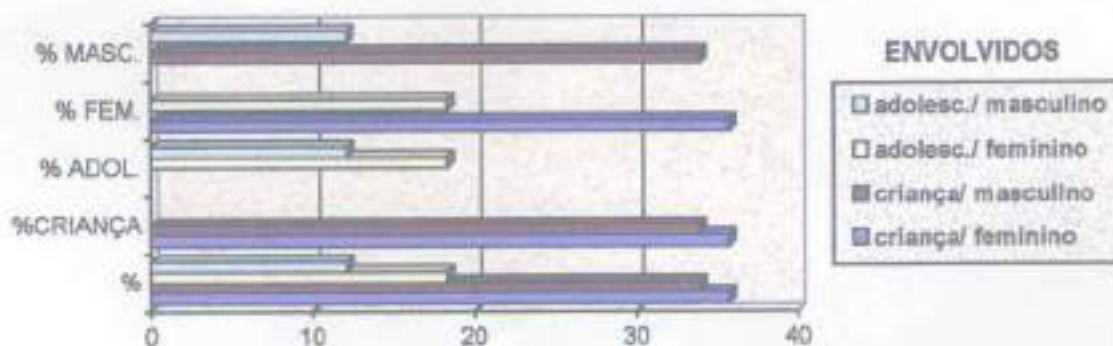


Figura 26: Porcentagem de crianças e adolescentes envolvidos em casos de guarda, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

### 5.3. Abrigo:

É uma das medidas de proteção previstas no artigo 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>36</sup>. Nesta categoria, estão os casos de abrigamento e os de desabrigamento. O abrigamento pode ocorrer sem demanda ou por demanda implícita ou explícita de um ou ambos os pais, isto é, nas situações de abandono total ou de solicitação direta de um ou ambos os pais por falta de condições socioeconômicas para cuidar do filho.

Na primeira situação, ocorria que, depois do acolhimento, em geral a criança ou o adolescente não recebia visitas. Na segunda, tratava-se, em geral, da mãe (solteira ou separada) sem condições de cuidar do filho, mas que o visitava e mostrava interesse ou se esforçava para se reestruturar e poder desacolhê-lo; ou então da avó ou tia, para quem a mãe havia entregue a criança, e que também não tinha condições de permanecer com ela, mas mantinha o vínculo com a mesma (um trabalho de orientação e de acompanhamento era realizado com os pais e familiares visando sempre a estruturação da família e o desacolhimento da criança ou do adolescente). Uma outra possibilidade referia-se a pais que solicitavam um acolhimento em instituição especializada para tratamento do filho. A partir de maio de 1995, todos estes casos passaram a ser atendidos pela Seção de Apoio da VCIJ, como indiquei anteriormente.

<sup>36</sup> Artigo 101: Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas: I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II - orientação, apoio e acompanhamento temporários; III - matrícula e frequência obrigatória em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV - inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; VII - abrigo em entidade; VIII - colocação em família substituta. Parágrafo único: O abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade. Artigo 98 (a que alude o artigo 101): As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados: I - por ação ou omissão da sociedade ou do estado; II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III - em razão de sua conduta. [o negrito é meu].

Resta esclarecer que podia ocorrer, por exemplo, de uma mãe abandonar totalmente seu filho, em um determinado momento e após algum tempo reaparecer para visitá-lo, restabelecendo o vínculo ou desejando construí-lo com intenção e/ou possibilidade de desacolhê-lo. O contrário também podia acontecer, pais vinculados que solicitavam o abrigo por necessidade e, paulatinamente ou de repente, abandonavam totalmente o filho na instituição. Às vezes, tratava-se de mães solteiras ou separadas que encontravam um novo companheiro que não aceitava o filho da relação anterior, ou para quem ela nem havia contado que tinha um filho com medo de ser rejeitada. Esta mãe podia abandonar definitiva ou temporariamente o filho, sendo que, neste último caso, ela voltava a procurá-lo quando se sentia mais segura no novo relacionamento ou em caso de novo rompimento. Tais explicações servem ao escopo de demonstrar mais uma vez como a dinâmica destes casos podia se alterar inúmeras vezes, reiterando a necessidade de categorizá-los somente conforme a situação inicial.

ABRIGO	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
acolhimento	21	48,8
desacolhimento	22	51,2
TOTAL	43	100

Tabela 26: Casos de abrigo (acolhimento e desacolhimento).



Figura 27: Porcentagem dos casos de abrigo (acolhimento e desacolhimento).

MOTIVO DO ABRIGO	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
abandono total	6	28,6
solicitação dos pais	15	71,4
TOTAL	21	100

Tabela 27: Motivo do abrigo.

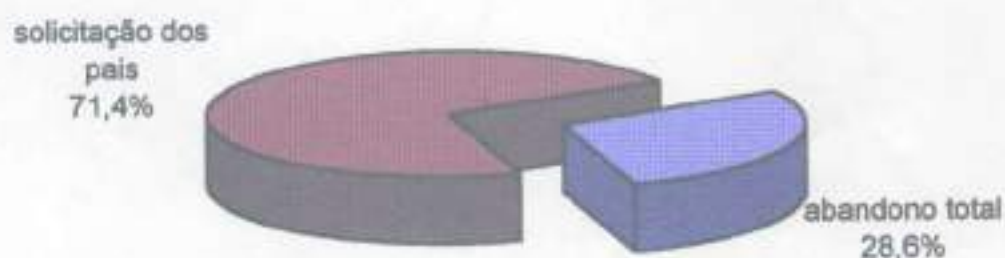


Figura 28: Porcentagem dos casos de abrigo segundo o motivo.

ACOLHIDOS	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	9	33,3	33,3	-	33,3	-
criança/ masculino	16	59,3	59,3	-	-	59,3
adolesc./ feminino	2	7,4	-	7,4	7,4	-
adolesc./ masculino	0	-	-	-	-	-
TOTAL	27	100	92,6	7,4	40,7	59,3

Tabela 28: Crianças e adolescentes acolhidos em instituição, por etapa de desenvolvimento e por sexo.



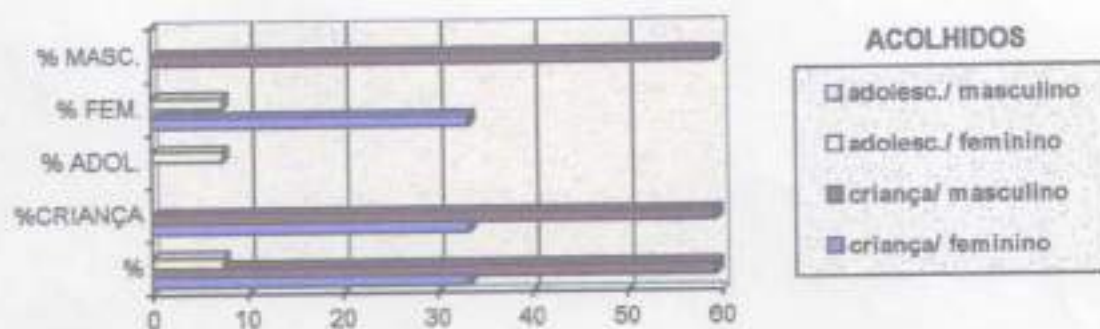


Figura 29: Porcentagem de crianças e adolescentes acolhidos em instituição, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

DESACOLHIDOS	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	16	37,2	37,2	-	37,2	-
criança/ masculino	17	39,5	39,5	-	-	39,5
adolesc./ feminino	4	9,3	-	9,3	9,3	-
adolesc./ masculino	6	14,0	-	14,0	-	14,0
TOTAL	43	100	76,7	23,3	48,5	53,5

Tabela 29: Crianças e adolescentes desacolhidos para voltarem às suas famílias, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

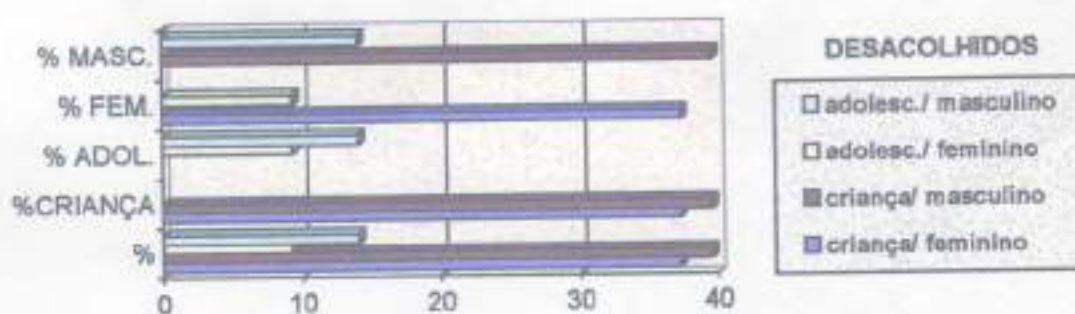


Figura 30: Porcentagem de crianças e adolescentes desacolhidos para voltarem às suas famílias, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

Os dados das tabelas 28 e 29 indicaram que o número de casos de acolhimentos e de desacolhimentos foi praticamente o mesmo. Houve muito mais crianças acolhidas (92,6%) e desacolhidas (76,7%) e mais meninos acolhidos (59,3%) e desacolhidos (53,5%), embora o número de meninas também seja importante (40,7% e 46,5% respectivamente).

Com relação às crianças acolhidas em virtude de um problema específico, por solicitação dos pais de tratamento especializado, houve dois abrigamentos de crianças com deficiência mental grave e uma portadora do vírus HIV, e somente um desacolhimento de uma criança autista. A razão de fundo destes abrigamentos era um misto de falta de condições econômicas para custear um tratamento e de rejeição da criança.

Além destes acolhimentos, os dados relativos a violência física doméstica, violência sexual doméstica e negligência doméstica apontaram mais 36 acolhimentos de crianças ou de adolescentes vítimas; e mais adiante, pode-se verificar que os dados dos casos de desajuste de comportamento indicaram mais 8 acolhimentos. Assim, o total de acolhimentos por razões distintas das mencionadas na definição de abrigo é de 44, elevando para 85 o número total de acolhimentos.

#### **5.4. Desajuste de comportamento**

Refere-se aos casos nos quais a queixa identificada no momento da triagem é de comportamento(s) "desajustado(s)" de criança ou adolescente: por exemplo, ausência de limites, desobediência grave, fugas, envolvimento com drogas e/ou com álcool, amigos ou companheiros não adequados ou desaprovados pelos pais ou responsável (*más companhias*), abandono da escola, comportamento inadequado na escola, baixo rendimento na escola com várias reprovações, comportamento agressivo ou violento em casa, comportamentos sexuais inapropriados, entre outras possibilidades. Podia

ocorrer de um mesmo caso contemplar vários destes problemas ou às vezes todos.

Na origem destes desajustes podia haver a vivência da violência na família, da separação dos pais, de um conflito familiar mais amplo, ou até a revelação da adoção feita tardiamente, entre outras possíveis causas. Assim, em muitos casos tratava-se de uma problemática familiar da qual a criança ou o adolescente era o porta-voz ou o depositário.

DESAJUSTE DE COMPTO	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	1	2,2	2,2	-	2,2	-
criança/ masculino	5	10,9	10,9	-	-	10,9
adolesc./ feminino	23	50,0	-	50,0	50,0	-
adolesc./ masculino	17	36,9	-	36,9	-	36,9
<b>TOTAL</b>	<b>46</b>	<b>100</b>	<b>13,1</b>	<b>86,9</b>	<b>52,2</b>	<b>47,8</b>

Tabela 30: Crianças e adolescentes com desajuste de comportamento, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

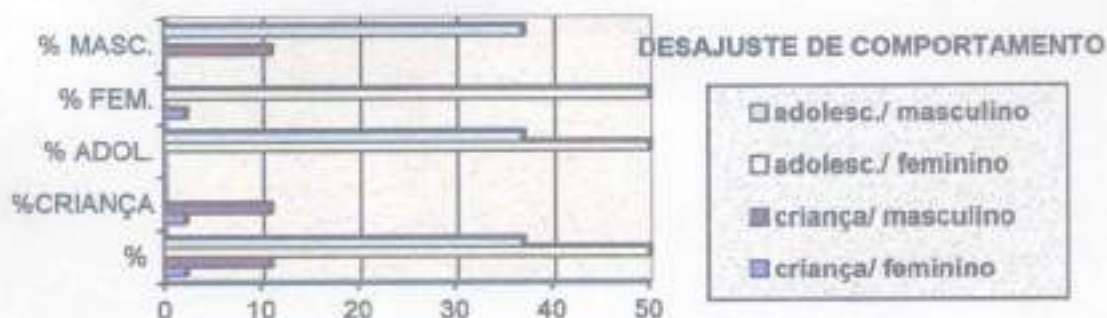


Figura 31: Porcentagem de crianças e adolescentes com desajuste de comportamento, por etapa de desenvolvimento e por sexo.



DESAJUSTE DE COMPORTAMENTO	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
permanência na família	31	72,1
acolhimento em instituição	8	18,6
família substituta (guarda)	4	9,3
<b>TOTAL</b>	<b>43</b>	<b>100</b>

Tabela 31: Local de destino de crianças e adolescentes com desajuste de comportamento, depois do início do processo na VCJI.

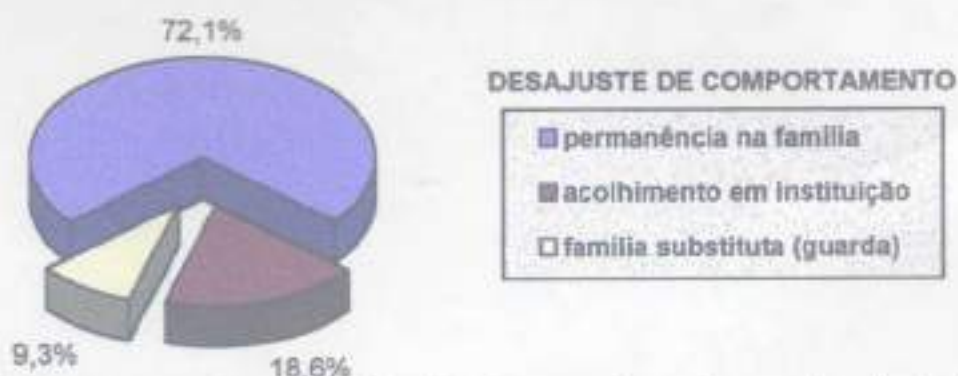


Figura 32: Porcentagem de casos de desajuste de comportamento segundo o local de destino de crianças e adolescentes depois do início do processo na VCJI.

Os dados da tabela 30 [figura 31] mostraram mais adolescentes com desajustes de comportamento (quase 87%), sem diferença muito significativa entre os sexos. Muito provavelmente isto se deva ao próprio período da adolescência que favorece a ocorrência de determinadas crises, conflitos e questionamento dos limites, ou agrava dificuldades ou conflitos instalados anteriormente.

Na maior parte dos casos, como pode se ver na tabela 31 [figura 32], foi possível manter a criança ou o adolescente em casa (72,1%) durante o trabalho de acompanhamento e os tratamentos. A retirada da criança e do adolescente ocorria quando não havia condições de resolver a dificuldade rapidamente e os riscos físicos e psicológicos eram consideráveis para eles e para a família se permanecessem juntos.



### 5.5. Suprimento

Juridicamente, suprir significa substituir, completar algo que falta, e o suprimento, portanto, é o ato executado com a finalidade de preencher uma formalidade ou atender uma exigência indispensável ou necessária à validade de certo ato (Silva, 1995).

Quanto ao casamento, o Código Civil estipula que as mulheres só podem casar com 16 anos e os homens com 18 anos. Assim, para aqueles adolescentes que desejam casar-se antes destas idades-limite, é necessário solicitar à autoridade judiciária um suprimento de idade para casamento.

Segundo o mesmo Código, todo menor de 21 anos depende do consentimento dos pais, responsáveis, tutores ou curadores para casar. Se houver divergência entre os pais quanto ao consentimento, prevalece a vontade paterna. Se o casal de pais for separado, divorciado ou tiver o próprio casamento anulado, prevalece a vontade do pai ou da mãe que tiver a guarda do filho. Em caso de não consentimento, é necessário que os pais ou os responsáveis apresentem um motivo justo para tal. Se o motivo for considerado injusto, ensejando conflitos entre o jovem e os pais/responsável, cabe ao Juiz suprir o consentimento exigido, determinando, se o caso, que se faça um alvará permitindo a sua realização.

SUPRIMENTO	Nº BRUTO	PORCENTAGEM	ADOL. FEM.	ADOL. MASC.
idade	8	72,7	6	2
consentimento	3	27,3	1	2
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>4</b>

Tabela 32: Casos de suprimento de idade para casamento e de suprimento de consentimento para casamento e adolescentes envolvidos, por sexo.

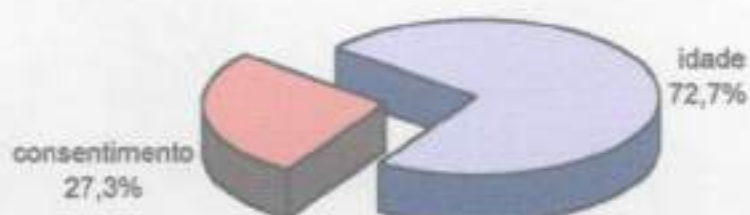


Figura 33: Porcentagem dos dois tipos de casos de suprimimento.

Conforme a tabela 32 [figura 33], depreendeu-se ter havido uma maior proporção de casos de suprimimento de idade para casamento (quase 73%). Na totalidade dos casos, houve mais adolescentes do sexo feminino envolvidas (7) do que do sexo masculino (4) [tabela 32].

## 5.6. Tutela

Segundo Silva (1995):

... é a instituição estabelecida por lei para a proteção dos menores órfãos, ou sem pais, que não possam, por si sós, dirigir suas pessoas e administrar os seus bens, em virtude do que se lhes dá um assistente, ou representante legal, chamado, especificamente, de tutor. (p.427).

De acordo com o ECA:

A tutela será deferida, nos termos da lei civil, à pessoa de até 21 anos incompletos. Parágrafo único: O deferimento da tutela pressupõe a prévia decretação da perda ou suspensão do pátrio poder e implica necessariamente o dever de guarda. (artigo 36).

O Juiz da Infância e Juventude só poderá decretar a tutela em dois casos (nos outros, é o Juiz da Família que deve dela se ocupar): se a criança ou o adolescente estiver sofrendo ameaça ou violação de seu(s) direito(s) reconhecido(s) pelo ECA; ou se a criança ou o adolescente estiver sem representante legal por falecimento ou ausência dos pais, ou por descumprimento desses das obrigações do pátrio poder (Mello, 1997).

*Concessão* significa deferimento de tutela à pessoa solicitante; e *transferência* quer dizer a exoneração da tutela de uma pessoa sobre uma criança ou adolescente e o deferimento da mesma para outra pessoa sobre a mesma criança ou adolescente.

TUTELA	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
concessões	7	87,5
transferência	1	12,5
TOTAL	8	100

Tabela 33: Tipos de casos de tutela.

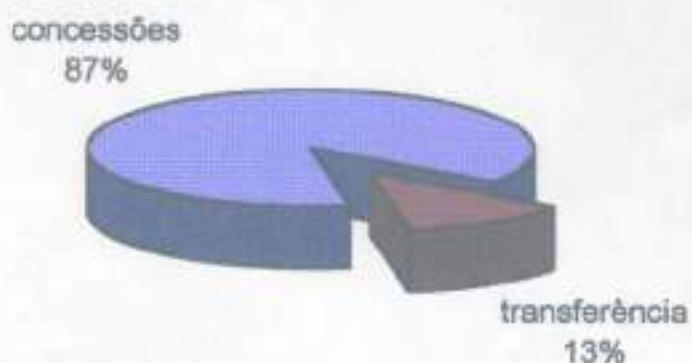


Figura 34: Porcentagem dos tipos de casos de tutela.

A tabela 33 indicou que quase a totalidade dos casos foi de concessão de tutela (87,5%).

ENVOLVIDOS	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	2	10,5	10,5	-	10,5	-
criança/ masculino	1	5,3	5,3	-	-	5,3
adolesc./ feminino	9	47,4	-	47,4	47,4	-
adolesc./ masculino	7	36,8	-	36,8	-	36,8
TOTAL	19	100	15,8	84,2	57,9	42,1

Tabela 34: Crianças e adolescentes envolvidos nos casos de tutela, por etapa de desenvolvimento e por sexo.



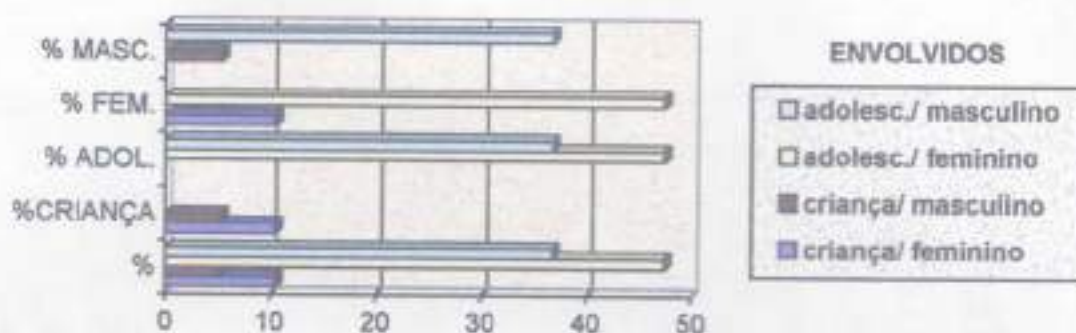


Figura 35: Porcentagem de crianças e adolescentes envolvidos nos casos de tutela, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

Interessante notar que, em comparação aos casos de guarda, a tutela incidiu muito mais sobre os adolescentes (84,2%) e sobre um pouco mais de meninas (quase 58%); e comparando-se os casos de tutela, guarda e abrigo, percebe-se que houve mais pedidos de guarda e tutela sobre meninas e mais pedidos de abrigo de meninos.

A esse respeito, gostaria de acrescentar que, nas discussões de caso na VCIJ, ouvi muitas vezes dizer que nos pedidos de adoção havia preferência por meninas em detrimento dos meninos, tidos como mais agitados, mais "trabalhosos" de se criar. Eu não tinha nenhum dado estatístico que pudesse comprovar esta observação. Então, pedi a uma colega psicóloga que levantasse essa informação com base nos pedidos de 1998 do Cadastro de Pretendentes à Adoção, e obtive os seguintes números: de 36 pedidos, houve 39,11% de preferência por crianças do sexo feminino, 19,44% de preferência por crianças do sexo masculino, e o restante, representando 44,44%, era indiferente quanto ao sexo da criança. Com base nestes dados, pude concluir que a maioria dos pretendentes não manifestou preferência. No entanto, tomando apenas o número daqueles



que manifestaram preferência, constatei que praticamente o dobro preferiu meninas<sup>40</sup>.

### 5.7. Conflito familiar

Duas situações deste tipo foram encontradas. Na primeira, um dos pais apresentava uma queixa "leve" relacionada ao filho (criança ou adolescente), mas logo no primeiro atendimento um conflito familiar se configurava e a queixa inicial se transformava em um pedido de ajuda à toda família. Na segunda, um adolescente, em geral, comparecia espontaneamente solicitando uma ajuda à toda família. Neste contexto, apareciam dificuldades em todos os níveis de relação (entre irmãos, entre pais e filhos, entre pais e avós, entre outros) com desdobramentos em várias outras situações (guardas, separações, abrigo etc.).

CONFLITO FAMILIAR	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
TOTAL	6	100

Tabela 35: Casos de conflito familiar.

ENVOLVIDOS	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	2	22,2	22,2	-	22,2	-
criança/ masculino	1	11,1	11,1	-	-	11,1
adolesc./ feminino	5	55,6	-	55,6	55,6	-
adolesc./ masculino	1	11,1	-	11,1	-	11,1
TOTAL	9	100	33,3	66,7	77,8	22,2

Tabela 36: Crianças e adolescentes envolvidos nos casos de conflito familiar, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

<sup>40</sup> Apenas para complementar esses dados, a título de curiosidade, acrescento que quanto à cor, as informações indicaram 77,8% de preferência por crianças brancas, 13,9% por pardas ou pardas claras e 2,8% por pardas claras, sendo que havia 5,5% de pedidos indiferentes quanto a este aspecto; no que se refere à faixa etária, em termos progressivos, 44,4% solicitaram crianças abaixo dos 6 meses de vida; 61,1% abaixo de 1 ano de idade; 66,7% abaixo de 1 ano e meio; 80,6% até 2 anos; 91,7% até 3 anos e 100% até 4 anos. Isto mostra a baixa perspectiva de adoção das crianças negras e/ou daquelas com mais de 4 anos de idade.

Na totalidade dos casos (seis), foram encontrados mais envolvidos adolescentes (quase 67%) e do sexo feminino (quase 78%) [tabela 36].

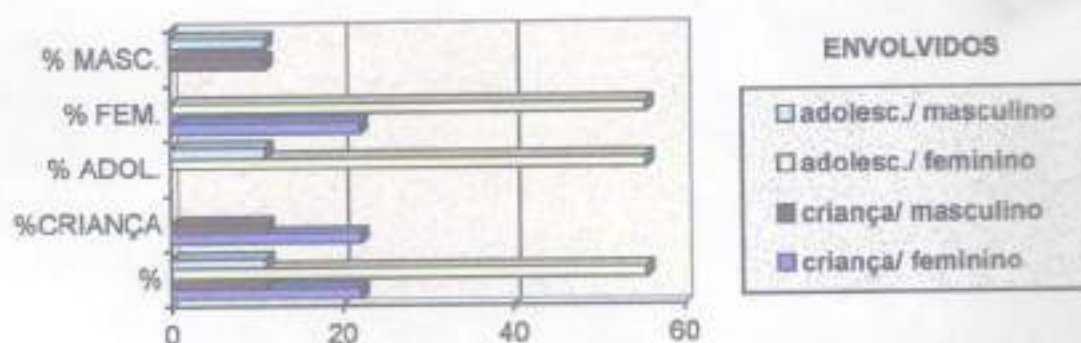


Figura 36: Porcentagem de crianças e adolescentes envolvidos nos casos de conflito familiar, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

### 5.8. Destituição do pátrio poder

Pátrio poder<sup>41</sup> é o poder relativo aos pais, ou conjunto de direitos e deveres que os pais têm sobre os filhos menores e seus bens, visando sua segurança, saúde e moralidade, direito e dever de guarda, de vigilância e de educação (Mello, 1997).

A destituição do pátrio poder é uma sentença decretada<sup>42</sup> pelo Juiz em um procedimento provocado pelo Ministério Público ou por quem tiver

<sup>41</sup> Artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente que versam sobre esta questão: Artigo 21 - O pátrio poder será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe, na forma do que dispuser a legislação civil, assegurando a qualquer deles o direito de, em caso de discordância, recorrer à autoridade judiciária competente para a solução da divergência; Artigo 22 - Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais.

<sup>42</sup> Artigo 24 do ECA: A perda e a suspensão do pátrio poder serão decretadas judicialmente, em procedimento contraditório, nos casos previstos na legislação civil, bem como na hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações a que alude o artigo 22.

legítimo interesse contra o pai ou a mãe, ou ambos, em virtude de falta, omissão ou abuso destes.

DESTITUIÇÃO DO PÁTRIO PODER	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
TOTAL	3	100

Tabela 37: Casos de destituição do pátrio poder.

Estes três casos foram de mães solteiras cujos filhos (criança ou adolescente) estavam acolhidos em instituição em virtude de abandono total, visando a adoção dos mesmos.

Em meu trabalho, encontrei mais duas situações de destituição do pátrio poder não computadas aqui porque ocorreram como desdobramentos de casos de violência<sup>43</sup>.

ENVOLVIDOS	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	1	14,3	14,3	-	14,3	-
criança/ masculino	5	71,4	71,4	-	-	71,4
adolesc./ feminino	0	-	-	-	-	-
adolesc./ masculino	1	14,3	-	14,3	-	14,3
TOTAL	7	100	85,7	14,3	14,3	85,7

Tabela 38: Crianças e adolescentes cujas mães foram destituídas do pátrio poder, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

<sup>43</sup> Cf. com a discussão sumária referente aos casos de violência.

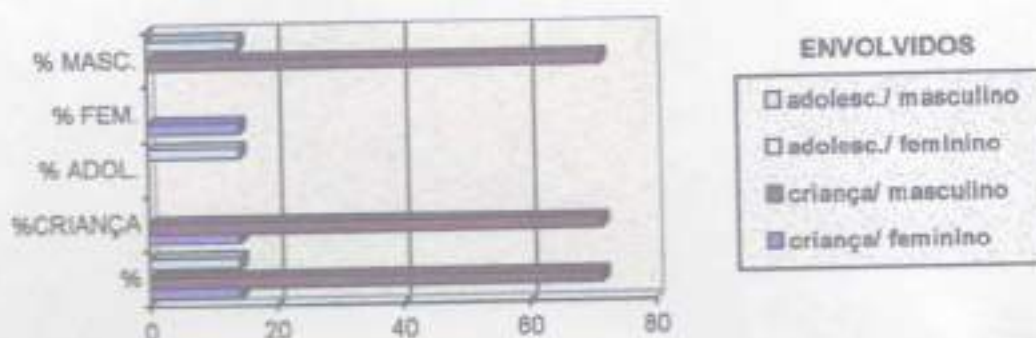


Figura 37: Porcentagem de crianças e adolescentes cujas mães foram destituídas do pátrio poder, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

De acordo com os dados da tabela 38, houve uma proporção maior de crianças (85,7%) e de meninos (85,7%) cujas mães foram destituídas do pátrio poder por abandono total.

### 5.9. Autorização de viagem

De acordo com o artigo 83 do ECA, a criança só pode viajar para fora da comarca onde reside, desacompanhada dos pais ou responsável, com autorização do Juiz. O adolescente, ao contrário, não necessita desta autorização. Para viagem ao exterior, a autorização é exigida se a criança ou o adolescente viajar sozinho, ou se viajar na companhia de um dos pais, sem a autorização expressa do outro, ou em companhia de estrangeiro residente ou domiciliado no exterior (artigos 84 e 85 do ECA).

AUTORIZAÇÃO DE VIAGEM	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
para dentro do país	0	-
para fora do país	2	100
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>100</b>

Tabela 39: Casos de autorização de viagem.



Conforme indicado na tabela 39, teve exclusivamente casos de autorização de viagem ao estrangeiro.

ENVOLVIDOS	Nº BRUTO	%	%CRIANÇA	% ADOL.	% FEM.	% MASC.
criança/ feminino	-	-	-	-	-	-
criança/ masculino	1	50	50	-	-	50
adolesc./ feminino	1	50	-	50	50	-
adolesc./ masculino	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>50</b>	<b>50</b>	<b>50</b>

Tabela 40: Crianças e adolescentes envolvidos em pedidos de autorização de viagem, por etapa de desenvolvimento e por sexo.

Neste tipo de caso, conforme a tabela 40, houve somente uma criança do sexo masculino e um adolescente do sexo feminino envolvidos.

### 5.10. Emancipação

Definida por Silva (1995) como o:

...ato de liberalidade paterna, de liberalidade legal ou concessão judicial, em virtude do qual se antecipa a maioridade de uma pessoa, atribuindo-lhe plena capacidade jurídica para gerir seus negócios e dispor de seus bens. (p.141).

O Juiz pode decretar a emancipação, sob demanda de jovem maior de 18 anos e menor de 21 anos de idade, em caso de falecimento ou desaparecimento dos pais. Sem a intervenção do Juiz, a emancipação pode ocorrer por concessão outorgada pelos pais, ou em virtude de casamento do jovem, de exercício de emprego público efetivo, de colação de grau científico em curso superior ou estabelecimento civil ou comercial, com economia própria (Silva, 1995).

EMANCIPAÇÃO	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>100</b>

Tabela 41: Casos de emancipação.

ENVOLVIDOS	Nº BRUTO	%
jovem feminino	1	50
jovem masculino	1	50
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>100</b>

Tabela 42: Jovens que solicitaram emancipação, por sexo.

Houve apenas dois casos de emancipação de dois jovens [tabela 41], uma moça com 19 anos e um moço com 20 anos de idade [tabela 42].

### 5.11. Outros:

Trata-se de casos que não se enquadraram nas categorias anteriores e que demandaram essencialmente um trabalho psicológico de orientação e acompanhamento, sem necessidade de abrigo.

DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEL	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
mãe solteira com 3 crianças (3fem) em hotel de prostituição	mãe	1	16,6
mãe adol. amasiada, c/ doença cardíaca/ 1 criança fem.	mãe e pai	1	16,6
mãe solteira, com TPM <sup>44</sup> grave/ 1 criança masc.	mãe	1	16,6
mãe separada, interditada, c/ PMD <sup>45</sup> e drogadição/ 1 criança masc.	pai	1	16,6
mãe solteira de 20 anos s/ moradia/ 1 recém nascido fem	mãe	1	16,6
mãe casada, c/grave, depressão impede filho de ir à escola/ 1 criança masc.	mãe e pai	1	16,6
<b>TOTAL</b>	-	<b>6</b>	<b>100</b>

Tabela 43: Casos de mães com problemas graves ou dificuldades, com risco para a criança.

<sup>44</sup> TPM = tensão pré-menstrual.

<sup>45</sup> PMD = psicose maníaco-depressiva.

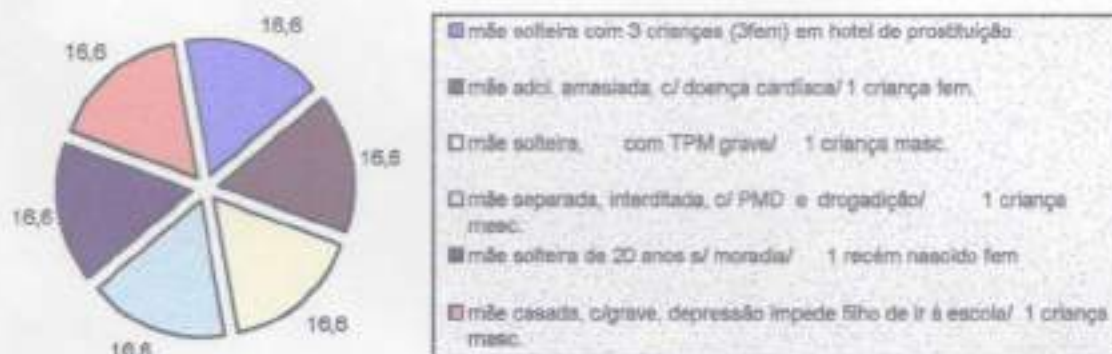


Figura 38: Porcentagens dos casos de mães com problemas graves ou dificuldades, com risco para a criança.

DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEL	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
criança masc. com paralisia cerebral	avó materna	1	100
TOTAL	-	1	100

Tabela 44: Casos de crianças com problemas graves ou dificuldades.

DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEL	Nº BRUTO	PORCENTAGEM
adolescente masc. epilético s/ recursos para tratamento	mãe	1	33,3
adolescente fem. c/ estudo e trabalho, vivendo c/ amiga	não tem	1	33,3
adolescente fem. trabalhando em casa de massagem	tia	1	33,3
TOTAL	-	3	100

Tabela 45: Casos de adolescentes com problemas graves ou dificuldades.

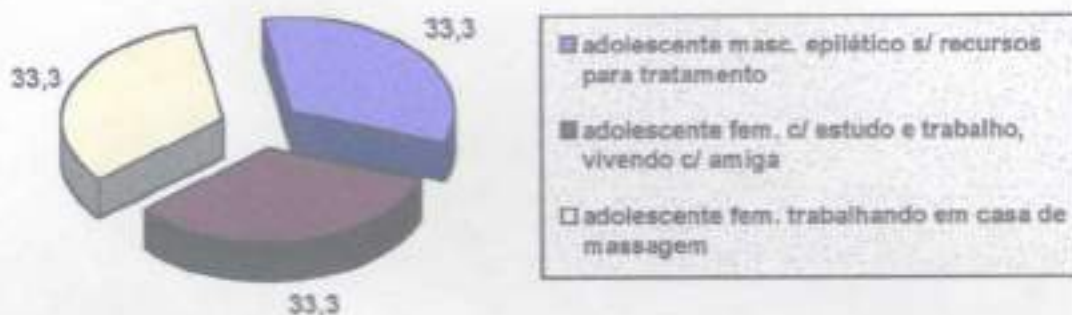


Figura 39: Percentagens dos casos de adolescentes com problemas graves ou dificuldades.

Como se pode verificar nas tabelas 43, 44 e 45, estes casos foram separados em três grandes grupos, segundo a pessoa (mãe, criança, adolescente) que tinha o problema grave ou a dificuldade que desencadeou o atendimento. Não pude relacionar os dados para uma discussão, pois cada caso era muito específico. No cômputo geral destes casos, contou-se 13 crianças e adolescentes envolvidos, incluindo a mãe adolescente, a qual não havia sido emancipada, por não ser casada.



## CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A título introdutório, é necessário situar o significado do termo *brincar*. Na língua portuguesa, há dois verbos para esta atividade lúdica, *brincar* e *jogar*, sendo que esta distinção não é encontrada em outras línguas. Por exemplo, *to play* em inglês, *spielen* em alemão, *jouer* em francês, *giocare* em italiano, *jugar* em espanhol, referem-se tanto ao brincar como ao jogar, ainda que algumas destas línguas possuam expressões específicas equivalentes ao jogo, como *game* em inglês e *jeu* em francês.

*Brincar* (ou *brinco* = do latim *vinculum*<sup>1</sup>) significa, de acordo com o dicionário Aurélio, divertir-se de forma infantil, entreter-se em jogos de crianças, fazer movimentos de folia de modo alegre, gracejar, zombar ou fazer algo por brincadeira, entre outros significados similares<sup>2</sup>.

Enquanto *jogar* (do latim *jocare*<sup>3</sup>), no mesmo dicionário, tem significados distintos em sua maioria, sendo que apenas três deles se relacionam propriamente àqueles da própria definição do brincar (divertir-se

<sup>1</sup> "brinco sm. 'brincadeira, brinquedo' (...). Do lat. *vinculum*, 'laço', através das formas *vinciu*, *vincru*, *vinco* // brincadeira sf. 'ato ou efeito de brincar' (...) // brincar vb. 'divertir-se, entreter-se' (...)", segundo Cunha, 1982, p.124.

<sup>2</sup> brincar = "1. Divertir-se infantilmente; entreter-se em jogos de crianças. 2. Divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar (...). 3. Agitar-se alegremente; foliar, saltar, pular, dançar (...). 4. Dizer ou fazer algo por brincadeira; zombar, gracejar (...). 5. Divertir-se pelo carnaval tomando parte nos folguedos carnavalescos (...). 6. Tremer, oscilar, agitar-se (...). 7. Gracejar, zombar, mexer (...). 8. Entreter-se, distrair-se, ocupar-se (...). 9. Tomar parte em folguedos carnavalescos (...). 10. Enfeitar, ataviar, ornamentar, adornar em excesso (...)" (Novo Dicionário Aurélio, 1986, p.286).

<sup>3</sup> "jogo sm. 'brinquedo, folguedo, divertimento, passatempo sujeito a regras' 'série de coisa que forma um todo ou coleção' (...). Do lat. *jocus* // jogar vb. (...). Do lat. *jocare*, por *jocari* (...)", conforme Cunha, 1982, p.456.

e fazer ou dizer por brincadeira)<sup>4</sup>. O jogar, de acordo com os significados em nossa língua, indica de modo mais freqüente os entretenimentos ou divertimentos organizados por regras.

Por essa razão, preferi o uso do termo brincar, como indiquei na introdução, visto estar mais relacionado à infância e a uma atividade realizada nesta fase da vida de forma mais espontânea, livre e natural.

O termo *ludus*<sup>5</sup>, do latim, mais abrangente que brincar e jogar, refere-se a brincadeiras, divertimentos, jogos, estendendo-se a exercícios físicos, atividades de recreação, representações teatrais e também atividades relacionadas à religião, entre outros significados. O termo lúdico, utilizado em nossa língua, dele deriva e está associado tanto ao brincar quanto ao jogar.

O brincar é estudado e utilizado por várias áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Educação, a Filosofia, a Psicologia, a Psicanálise, a Sociologia, entre outras. É um fenômeno ou uma atividade reconhecidamente universal, como demonstrou Huizinga (1980):

... mesmo em suas formas mais simples, ao nível animal, o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico. Ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função *significante*, isto é, encerra um determinado sentido. (...) Todo jogo significa alguma coisa. (...) Seja qual for a maneira como o considerem, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência. (p.3-4)

<sup>4</sup> *jogar* = "1. Entregar-se ao, ou tomar parte no jogo de; executar as diversas combinações de (um jogo) (...). 2. Aventurar ou arriscar ao jogo; perder no jogo (...). 3. Manejar com destreza ou habilmente. 4. Pôr em risco, arriscar, aventurar (...). 5. Lançar em alguma direção, arremessar, atirar (...). 6. Dizer ou fazer brincadeira (...). 7. (...) atacar (...). 8. Arriscar temerariamente, aventurar (...). 9. Lançar em alguma direção; arremessar, atirar, dar (...). 10. Dizer ou fazer por brincadeira (...). 11. Combinar, condizer, harmonizar-se. 12. Fazer apostas em jogo (...). 13. Basear-se, fundar-se, estribar-se (...). 14. Entregar-se ao jogo; Ter hábito ou vício do jogo (...). 15. Brincar, divertir-se, folgar (...). 16. Oscilar, balançar (-se) (...). 17. Atirar-se, lançar-se, arremessar-se, despenhar-se, precipitar-se (...)" (Novo Dicionário Aurélio, 1986, p.989-990).

<sup>5</sup> *ludus* sm: "1. jogo, divertimento; passatempo; sueto; folga; exercício (físico). Pl. Jogos (de caráter oficial ou religioso); jogos públicos; representações teatrais; teatro (edifício). 2. Escola; aula. 3. Brinquedo; gracejo; graça, facécia. 4. Zombaria, escárnio. 5. Prazeres sensuais. // Obs.: *ludus* designa principalmente 'jogo físico' em oposição a *locus* 'gracejo' ", de acordo com Torrinha, 1937, p.488.

O termo *jogo* parece ter sido empregado por este autor no sentido de atividade lúdica (brincar ou jogar), assim como especificou Brougère (1998):

Jogo é o que o vocabulário científico denomina 'atividade lúdica', quer essa denominação diga respeito a um reconhecimento objetivo por observação externa ou ao sentimento pessoal que cada um pode ter, em certas circunstâncias, de participar de um jogo. Situações bastante diversas são reconhecidas como jogo, de uma maneira direta ou mais ou menos metafórica<sup>6</sup>. (p.14).

Huizinga estudou o jogo como forma específica de atividade, como forma significativa e como função social. Ele também reforçou a assertiva de ser o brincar atividade natural, voluntária e livre para a criança: "As crianças e os animais brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside sua liberdade" (1980, p.10). No entanto, esta liberdade inventiva, criativa, imaginativa, segundo o autor, está circunscrita a alguns limites e obedece a uma certa ordem, variável conforme o jogo. Neste sentido, o brincar pode se comparar a outras criações, como a música e a poesia, inserindo-se portanto no domínio da estética.

A literatura sobre o brincar é muito ampla e inclui abordagens teóricas das mais variadas. Por isso, não é tarefa fácil definir o brincar de uma única forma ou sob um único prisma.

A discussão conceitual, embora seja importante, não é o objeto deste trabalho, o que justifica o fato de não apresentar aqui uma revisão exaustiva dos estudos que tratam desta questão. As definições selecionadas atendem à finalidade de introduzir alguns aspectos que distinguem ou aproximam os dois termos mais utilizados nesta área (brincar e jogar).

<sup>6</sup> Este autor contrapõe esta definição àquela que se refere aos jogos como sistema de regras, como uma estrutura, "... que existe e subsiste de modo abstrato independentemente dos jogadores ..." (1998, p.14), tendo ressaltado que, na verdade, os dois sentidos do termo se sobrepõem: "quando o jogo se desenrola, há jogo no sentido de situação lúdica e presença de um jogo no sentido de sistema de regras" (idem, p.15).

Ainda que tenha escolhido usar o termo *brincar*, ao apresentar ou discutir as idéias de um autor, mantenho o termo que ele escolheu usar ou o tradutor (no caso de não se tratar do original). Mas, considerando que em nossa língua *brincar* e *jogar* não são sempre sinônimos, distinguindo-se entre si, acredito que o sentido dos mesmos deva ser sempre indagado e contextualizado.

Encontra-se o mesmo tipo de distinção no que concerne ao material lúdico: alguns são designados brinquedos e outros são denominados jogos. Sobre esta diferença, Brougère (1998) especificou que:

O brinquedo supõe uma relação com a infância e uma abertura, uma indeterminação quanto ao uso, isto é, a ausência de relação direta com um sistema de regras que organize sua utilização. Por conseguinte, o brinquedo não é a materialização de um jogo, mas uma imagem que evoca um aspecto da realidade e que o jogador pode manipular conforme sua vontade. Os jogos enquanto material, ao contrário, implicam de maneira explícita um uso lúdico que assume frequentemente a forma de uma regra (...) ou de uma restrição interna ao material (...) que constituem uma estrutura preexistente ao material. (p.15).

Nesta mesma direção tem-se o pensamento de Kishimoto (1996), ao discutir os limites entre jogo, brinquedo e brincadeira. Ela afirmou que os dois últimos têm relação direta com a criança e, assim, não se misturam com o jogo, ainda que se possa dizer que a brincadeira ocorre quando a criança concretiza as regras do jogo e se insere na ação lúdica.

De um modo geral, o brincar pode ser entendido como uma forma básica de linguagem e de comunicação infantil, por meio da qual a criança revela sua compreensão do mundo e dos outros, considerando que a criança não se comunica verbalmente do mesma forma que o adulto.



## 1. O BRINCAR SEGUNDO A PSICANÁLISE

Autores psicanalistas – como Sigmund Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, entre outros cujas contribuições não terão destaque aqui<sup>7</sup> – apontaram, entre as muitas funções do brincar, a importância desta atividade como campo de projeção de traumatismos psíquicos, conflitos, ansiedades e angústias de crianças, como meio de expressão simbólica de desejos, fantasias, experiências, e uma forma de equilíbrio psíquico. Assim, foi no campo da psicanálise que encontrei importantes contribuições.

Pfeifer<sup>8</sup> (apud Petot, 1987, p.90) foi o primeiro que resumiu e discutiu, de um ponto de vista psicanalítico, as teorias sobre o brincar de crianças. Este autor relacionou esta atividade à obtenção do prazer de forma exclusiva, à expressão direta da sexualidade infantil e a outras formações do inconsciente, como os sonhos e os atos falhos.

Sigmund Freud (1920) criticou estas teorias, tendo dito que, na tentativa de descobrir os motivos do brincar, elas deixavam de lado justamente a questão econômica, a da produção de prazer.

Na psicanálise, o primeiro a descrever e interpretar o brincar de uma criança foi seu próprio fundador, Sigmund Freud. Ele deu os primeiros passos, mas não desenvolveu a técnica do brincar com crianças. Chegou à infância praticamente por meio da psicanálise de adultos, embora tenha observado seus próprios filhos e publicado, em 1909, um caso de neurose infantil, o do Pequeno Hans, cuja análise foi empreendida pelo próprio pai deste, orientado e supervisionado por Freud.

Foi em "Além do princípio do prazer" (1920) que Sigmund Freud descreveu o brincar de uma criança de 18 meses, seu neto, de afastar e

<sup>7</sup> Por razões de falta de espaço e tempo e não por não reconhecê-los.

<sup>8</sup> Pfeifer, S. Ausserungen infantil-erotischer Triebe im Spiele. [Manifestações das pulsões eróticas infantis nas brincadeiras: posições da psicanálise em face das principais teorias do brincar] *Imago*, v.5, p.243-282, 1919.

trazer para si um carretel de madeira com um pedaço de corda amarrado nele, o jogo do *fort-da* (desaparecimento e reaparecimento do objeto). Primeiramente, Freud afirmou ser esta uma maneira de a criança transformar uma situação desagradável ou penosa (no caso, a ausência temporária da mãe), sofrida de modo passivo, em prazer obtido ativamente. Depois, ele se perguntou por quê a criança repetia principalmente o movimento do desaparecimento do carretel (da mãe), mais do que o seu reaparecimento, tendo concluído, numa segunda interpretação para o brincar, que esta seria uma maneira de ela ir elaborando a sua angústia de separação da mãe. Sublinhou, assim, que a criança brinca tanto para repetir experiências satisfatórias, quanto para elaborar situações traumáticas:

É claro que em suas brincadeiras as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem a intensidade da impressão, tornando-se por assim dizer, senhoras da situação. Por outro lado, porém, é óbvio que todas as suas brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem. Pode-se também observar que a natureza desagradável de uma experiência nem sempre a torna inapropriada para a brincadeira. Se o médico examina a garganta de uma criança ou faz nela alguma pequena intervenção, podemos estar inteiramente certos de que estas assustadoras experiências serão tema da próxima brincadeira; contudo, não devemos, quanto a isso, desprezar o fato de existir uma produção de prazer provinda de outra fonte. Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável para um de seus companheiros de brincadeira e, desta maneira, vinga-se num substituto (...) Isto constitui prova convincente de que, mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente. (1920, p.28-29).

Assim, a compulsão à repetição nesse brincar teria a mesma função daquela que ocorre nos sonhos traumáticos: a de elaborar algo ou um acontecimento penoso, dominá-lo ou dar-lhe sentido, indo portanto *além do princípio do prazer*.

Destaca-se aqui, igualmente, o brincar como atividade simbólica, isto é, o brinquedo e os movimentos que são feitos com eles, bem como as duas palavras que o acompanham – *fort-da*, seriam símbolos daquilo que a criança quer expressar e elaborar (no caso, a ausência e a presença da mãe).

Em um artigo anterior (1908), S. Freud já havia explanado a respeito do brincar. Ao refletir sobre o escritor criativo e a criação poética, relacionou-os à criança que brinca, porque esta seria também uma atividade imaginativa, na qual haveria criação de um mundo próprio, contraposto ao real e não ao que é sério. Para Freud, a criança saberia distinguir entre o mundo do brinquedo e a realidade, ligando o que produz no brincar (objetos e situações que ela imagina) ao mundo real. Nesse sentido, o brincar da criança se distinguiria do fantasiar. Freud relacionou igualmente o humor do adulto ao brincar infantil. Escreveu também que ao crescer, a criança substituiria o brincar pelo fantasiar, criando os devaneios. A diferença entre eles seria que a criança não oculta seu brincar, enquanto o adulto o faz com suas fantasias. Afirmou ainda que a atividade de brincar seria determinada por um único desejo da criança: o de tornar-se grande e adulta; por isso ela imitaria ou reproduziria o que conhece da vida dos adultos.

No início da década de 20, na tentativa de se psicanalizar crianças, foi se constatando a dificuldade de utilizar com elas o método da associação livre, proposto por S. Freud, em virtude das limitações da linguagem verbal, especialmente das crianças mais novas. Ademais, percebia-se que uma das características do comportamento infantil é a tendência à ação e que, frente à proposta de deixar a criança livre para se expressar, esta brinca mesmo que seja com objetos não estruturados como brinquedo. A brincadeira ocorre, assim, naturalmente, tal como a fala do adulto<sup>9</sup>, e está ausente ou se mostra de forma bizarra somente nas formações patológicas muito graves. Verificou-se então que, para a maioria das crianças, a dificuldade era a de não brincar. Frente a estas constatações, nasceu a psicanálise de crianças com um método estruturado no brincar. Seus primeiros representantes foram Hermine Von Hug-Helmuth, Anna Freud e Melanie Klein<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Klein afirmou, depois de aplicar a interpretação ao brincar da criança, que "... a brincadeira e as atividades diversas [da criança] - de fato, todo o seu comportamento - são meios de expressar o que o adulto manifesta predominantemente por palavras" (1955, p.27).

<sup>10</sup> Santa Roca, 1993.

Hug-Helmuth<sup>11</sup> (apud Klein, 1921) foi a primeira psicanalista que atendeu regularmente crianças, tendo declarado considerar que a análise se aplicaria somente a crianças a partir dos seis anos de idade.

Anna Freud, que de certa maneira herdou o que Hug-Helmuth concluiu acerca deste trabalho, preconizava, em sua primeira fase (1926), que o método psicanalítico não podia ser aplicado às crianças, o que a levou às conhecidas controvérsias com Melanie Klein. Da forma como o método tinha sido concebido para o uso com adultos, não poderia mesmo funcionar com crianças.

Klein, por sua vez, havia concluído diferentemente de Hug-Helmuth, tendo afirmado que a psicanálise seria utilizada com mais propriedade com crianças de dois a três anos de idade, esta análise precoce poderia "proporcionar proteção contra os traumatismos severos e facilitar a superação das inibições" (1921, p.79), beneficiando mais diretamente a saúde do indivíduo e, por conseguinte, a cultura.

Anna Freud recomendou, nesta época, que o analista desempenhasse um papel ativamente pedagógico, disciplinar, da "vida instintiva" infantil. No entanto, muitos anos depois que Melanie Klein indicou existir efetivamente a transferência na análise de crianças e instituiu a correspondência entre a técnica do brincar e a das associações livres, Anna Freud (1965) reconheceu a pertinência das idéias de Klein, tendo podido tirar o compromisso que havia estabelecido entre a psicanálise de crianças e a pedagogia<sup>12</sup>. Admitiu, também, que os princípios de base da prática psicanalítica poderiam ser utilizados na psicanálise de crianças, tendo abaixado a faixa etária para a qual poderia ser aplicada a análise e aceito, até certo ponto, a técnica do brincar como meio necessário à análise infantil.

<sup>11</sup> Hug-Helmuth, H. Von: On the technique of analysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, v.2, 1921.

<sup>12</sup> Klein teceu críticas pertinentes com relação aos conceitos de Anna Freud e de Hermine Von Hug-Helmuth acerca da análise infantil, críticas essas consignadas em seu artigo de 1927.



Atenho-me, primeiramente, às idéias de Melanie Klein a esse respeito, por ter sido ela a principal responsável pela sistematização da técnica do brincar na análise de crianças.

Em 1921, em seu artigo "O desenvolvimento de uma criança", no qual descreveu a análise de um menino, Klein mostrou sua compreensão a respeito do brincar – a existência de uma relação entre o brincar e a fantasia: em geral, segundo ela, a criança expressaria no brincar suas fantasias inconscientes e a inibição da fantasia seria a causa da inibição lúdica. Klein utilizou a expressão simbólica destas fantasias como material para a interpretação analítica. Nesse sentido, percebo uma diferença entre esta concepção e aquela de Freud (1908), na qual ele distinguiu o brincar do fantasiar. Ele afirmou que quando esta atividade se transforma no fantasiar, depois que a criança cresce, se assemelha então aos devaneios (que podem ser inconscientes, mas nem sempre o são).

Foi em um artigo de 1926 que Klein apresentou o que chamou de "técnica de jogo analítica" como uma técnica adaptada à mente infantil. Mostrou, por meio da análise de algumas crianças, que a inibição para brincar, entre outros sintomas, se relacionava com conflitos ou sentimentos ambivalentes, assim como com o sentimento de culpa destas crianças, ligados ao complexo de Édipo.

Klein indicou, no mesmo trabalho, que o mecanismo fundamental do jogo de desempenhar papéis servia para separar as identificações com o pai e com a mãe absorvidas na elaboração do complexo edípico, e que atormentavam a criança. Como consequência da divisão dos papéis no jogo, a criança se sentiria aliviada, o que contribuiria para o prazer que resulta do mesmo. Klein observou igualmente que o prazer no jogo ressurgia após a interpretação na análise, atividade esta que havia sido interrompida em função do recalçamento. Ela comparou a expressão simbólica no brincar àquela utilizada nos sonhos:

Em seus jogos, as crianças representam simbolicamente fantasias, desejos e experiências. Empregam então a mesma linguagem, o mesmo modo de expressão, arcaico e filogeneticamente adquirido, que se nos tornaram familiares pelos sonhos. Podemos compreender completamente esta linguagem apenas quando a abordamos pelo método que Freud elaborou para decifrar os sonhos. O simbolismo é só parte desse processo; se quisermos compreender corretamente os brinquedos das crianças em conexão com o seu comportamento na hora da análise, devemos levar em conta não só o simbolismo que às vezes surge tão claramente em seus jogos, mas também todos os meios de representação e os mecanismos empregados na ação dos sonhos, e ainda deveremos ter em mente a necessidade de examinar o nexu integral dos fenômenos. (1926, p.185).

Assim, depreende-se de suas colocações a necessidade de realizar uma investigação dos elementos do brincar usando o método de análise dos sonhos, de S. Freud, e de relacioná-los a outros fatores em jogo, para obter uma compreensão correta. Klein indicou que vários fatores envolvidos no brincar deveriam também ser analisados – por exemplo, a maneira como as crianças brincam, o motivo de mudarem de um brinquedo para o outro, os meios escolhidos para realizarem suas representações, pois todos esses elementos possuem significações cuja interpretação<sup>13</sup> revelaria o que está subjacente ao mesmo.

Com esta técnica, Klein comparou os elementos produzidos e/ou representados no brincar da criança com aqueles decorrentes do método de associação livre utilizado com adultos, tendo concluído que as crianças produzem outras associações, no processo de análise, dos aspectos de seus jogos e que, portanto, estas deveriam ter o mesmo valor que aquelas produzidas pelos adultos. Por meio desta técnica, de acordo com ela, se atingiria experiências e fixações recalçadas muito profundamente. Ademais, esta técnica revelar-se-ia eficaz porque a representação por meio dos brinquedos ou do brincar – simbólica, em suma – traria em si menor ansiedade do que aquela relacionada às palavras, facilitando o trabalho com as resistências. Destacou, além disso, outro modo de representação

<sup>13</sup> Não obstante, assinalou que tais interpretações não são elaboradas conscientemente pela criança pequena durante muito tempo, sendo efetuada entretanto mais tarde, o que contribuiria com o processo de adaptação à realidade. A primeira assimilação seria então inconsciente.

arcaico utilizado pelas crianças no lugar das palavras: a atuação ou a ação de representar (Klein, 1926).

Foi assim que Klein afirmou a impropriedade para as crianças da técnica psicanalítica usada com adultos, a qual, por não ser adaptada, impediria o acesso às camadas mais profundas da mente infantil. Deste modo, utilizar o brincar no trabalho com a criança seria compreender corretamente seu modo de expressão e facilitar-lhe o acesso à compreensão de seu psiquismo. A técnica na análise infantil seria, portanto, a única diferença da análise de adultos, sendo que Klein manteve os princípios e critérios básicos do tratamento proposto por Freud, a saber: o trabalho com a transferência e as resistências, considerando os impulsos da criança, o recalçamento e seus efeitos, a amnésia, a compulsão à repetição e a descoberta da cena primária.

No artigo sobre a técnica psicanalítica através do brinquedo (1955), Klein indicou ainda que a agressividade da criança seria expressa no brincar de modo direto ou indireto, por exemplo quando ela quebra o brinquedo ou ataca outros objetos da sala, entre outras possibilidades. Segundo Klein, seria necessário permitir que a criança expresse essa agressividade e, principalmente, dever-se-ia entender a razão dos impulsos destrutivos se manifestarem em determinado momento na situação de transferência, bem como observar seus efeitos na mente da criança. Klein enfatizou, também, a variedade de situações emocionais que poderiam ser expressas no brincar, bem como "a repetição de experiências reais e pormenores da vida cotidiana, freqüentemente entretecidos com suas fantasias" (1955, p.34).

Graças à Klein, o método lúdico e a possibilidade de analisar crianças tornaram-se estreitamente relacionados. Nesse sentido, está reconhecida a importância fundamental desta autora na descoberta e na consolidação do brincar como técnica de análise infantil.

Enquanto reconheço a importância de Klein ter tomado possível a análise das crianças por meios que lhe são mais próprios e de ter afirmado que estes meios representariam de modo simbólico desejos, fantasias e experiências infantis, penso que tenha exagerado, de meu ponto de vista, ao generalizar a significação atribuída aos conteúdos do brincar. Não quero dizer com isso que suas hipóteses não sejam verossímeis (ela mostrou tê-las verificado nos casos que analisou), mas torná-las regra é o que é questionável.

Klein (1926) preconizou que as descargas das fantasias de masturbação seriam o mecanismo fundamental no brincar de crianças, e não somente no brincar mas em todas as sublimações posteriores. Além disso, afirmou que a repetição compulsória<sup>14</sup> destas fantasias masturbatórias (na base de todas as atividades lúdicas) estimulariam constantemente a criança no jogo. Conseqüentemente, as inibições do jogo se originariam, para esta autora, do recalque exagerado dessas fantasias e com elas, de todas as fantasias. Ademais, utilizando a mesma linha de raciocínio, Klein colocou a cena primária como tendo papel importante nas experiências dramatizadas por crianças, embora, quanto a esta assertiva, tenha parecido mais ponderada do que na primeira. Tais idéias receberam reforço em um artigo posterior, no qual frisou categoricamente que:

... o conteúdo específico dos seus jogos, que se repete constantemente ou recorre às formas mais variadas, é idêntico [grifo meu] ao núcleo das fantasias de masturbação, e que, uma das principais funções dos jogos infantis é de proporcionar uma descarga para essas fantasias. (1929, p.268).

Penso, à guisa de exemplo, que esse raciocínio não possa ser aplicado diretamente, e sem justa reflexão, às crianças que sofreram traumas como conseqüência de ações de seu meio, notadamente na família. O que teria dito Melanie Klein ao analisar, por exemplo, o brincar de crianças vítimas de abuso sexual incestuoso? Persistiria esse tipo de (pré)

<sup>14</sup> Talvez o termo mais apropriado ou que soa melhor seja *repetição compulsiva*, ao invés de *compulsória* na tradução, ainda que etimologicamente ambos tenham a mesma origem e significado.



interpretação descontextualizada e centrada somente nos aspectos da sexualidade infantil, na qual um significado pré-concebido prevaleceria sobre o sentido? Onde estaria situada a intersecção ou o limite entre as onipresentes fantasias masturbatórias da criança e a realidade? Estas se apresentariam sempre e inequivocadamente no brincar infantil?

Assim, ao meu ver, é discutível o valor – superestimado ou excessivo, ou o "poder" que Klein atribuiu a essas fantasias, as quais teriam representação e ab-reação em todo brincar infantil, em detrimento dos fatores que advêm do mundo exterior. Esse pressuposto kleiniano, ligado ao conteúdo do brincar de crianças, merece então um questionamento, ainda que Klein tenha frisado, em seu pós-escrito (1947) do artigo "Simpósio sobre a análise infantil" (1927), que levava em conta outros fatores, para além das interpretações simbólicas, relacionados à realidade exterior da criança. Entretanto, na prática da análise dos casos não parecia agir como disse pensar. Por isso, considero limitador este seu ponto de vista, forçando pressupor que a riqueza do conteúdo do brincar da criança se reduza a isto. A análise do significado do brincar não pode e não deve, ao meu ver, se restringir a esta interpretação.

Meu questionamento encontrou reforço no que ponderou e acrescentou Santa Roza (1997) com muita justeza. Ela escreveu que muitos autores, apoiados nestes pressupostos kleinianos, relacionam a identidade do brincar ao sonhos e à expressão direta de fantasias inconscientes, mas:

... esta visão pode nos fazer crer que haveria um tipo de conduta humana na qual a sexualidade infantil se manifestasse diretamente, ou melhor que a realidade psíquica – o desejo e as fantasias que a circundam – se apresentasse de maneira inequívoca. Ora, o sonho, o devaneio, o chiste e o ato falho não possuem esses atributos: eles, por serem formações do inconsciente, têm seu conteúdo manifesto deformado pelos mecanismos de condensação e deslocamento e pela censura. Além disso o brincar não é um conceito psicanalítico, não é uma formação do inconsciente, implicando portanto numa sistematização de diferenças. Não se pode aplicar ao fenômeno lúdico as mesmas caracterizações que se dão ao sonho ou ao fantasma. (p.76).

Assim sendo, com base no que colocou Santa Roza, haveria então uma contradição teórica na tese kleiniana: se o brincar é equiparado ao sonho, em termos dos mecanismos que os regem, seu conteúdo manifesto não poderia ser traduzido literalmente em conteúdo latente, já que teria sofrido deformação pela condensação, pelo deslocamento e pelo simbolismo. Ademais, se o brincar é tomado como atividade que expressa diretamente a realidade psíquica (no caso, fantasias inconscientes masturbatórias), seria portanto diferente dos sonhos.

A esse respeito, Lebovici e Diatkine (1985) teceram considerações semelhantes. Observaram, por exemplo, que a correspondência entre fantasias inconscientes e o brincar não foi estabelecida consistentemente. Segundo eles, o brincar pertenceria mais ao campo das fantasias conscientes, ainda que pudesse representar a elaboração de uma fantasia inconsciente.

Freud (1908) já tinha indicado que a criança, quando brinca, sabe ou está consciente da teor fictício da trama, embora a relacione com a realidade. Ademais, esta atividade se insere numa realidade, é realizada por meio de objetos reais e a criança exerce um certo domínio sobre ela.

Por isso, creio que, dentre os autores psicanalistas, Winnicott se sobressaia neste campo por ter entendido e explicado o brincar de maneira inovadora, coerente e integrada, por ter ido além da dualidade realidade interna/realidade externa.

Segundo a biografia escrita por Kahr (1996), Winnicott teria se entusiasmado muito, no início, com as teorias de Melanie Klein a respeito da vida psíquica da criança, e a admirado como psicanalista. Ela foi sua supervisora clínica durante aproximadamente seis anos. Ele mesmo a reconheceu como uma "mestra generosa" (Winnicott, 1962, p.158), tendo

constatado que muito do que descobrira, ela já sabia, e afirmado ter aprendido psicanálise com ela.

Winnicott fez análise<sup>15</sup> com Joan Rivière, kleiniana, durante cinco anos e chegou a ser considerado analista didata kleiniano<sup>16</sup> pela própria Melanie Klein durante um certo tempo (Kahr, 1996). Na opinião de Winnicott, a maior contribuição de Melanie Klein à teoria psicanalítica foi o conceito de "posição depressiva", que inclui a capacidade para se preocupar e se sentir culpado e se associa às idéias de restituição e de reparação (Winnicott, 1962).

No entanto, as idéias de Winnicott a respeito da influência do ambiente familiar na vida psíquica da criança foram fazendo com que ele se diferenciasse e se confrontasse com a concepção Kleiniana. Suas críticas eram direcionadas aos conceitos de posição esquizo-paranóide e de posição depressiva (os quais, de acordo com ele, perderiam a importância se tivesse havido um ambiente suficientemente bom), à terminologia "bom" e "mau" objeto aplicada ao lactente, às idades que Klein atribuía à ação dos mecanismos mentais e ao fato de ela ter examinado superficialmente a influência do ambiente na vida da criança (Winnicott, 1962)<sup>17</sup>. Por conseguinte, ele foi se distanciando do grupo liderado por Klein, bem como de outros da Sociedade Britânica de Psicanálise, tendo se declarado um psicanalista independente<sup>18</sup> e se dedicado a sua própria abordagem da psicologia infantil.

A obra deixada por Winnicott é riquíssima, vasta, e abrange muitos aspectos da vida emocional da criança e de suas relações com o ambiente

<sup>15</sup> Anteriormente, havia se submetido a uma análise, de 10 anos, com James Strachey.

<sup>16</sup> Este dado consta da referida biografia, embora a percepção de Winnicott a respeito pareça ter sido outra: "... de qualquer modo achei que ela não me tinha incluído como um kleiniano" (1979, p.161).

<sup>17</sup> Neste artigo, ele também enumerou, criticamente, as contribuições de Melanie Klein (p.162).

<sup>18</sup> Formou, com outros psicanalistas, como M. Balint, J. Bowlby, M. Khan, M. Little, M. Milner, C. Rycroft e outros, o *Middle Group*, conhecido atualmente como o Grupo Independente, que "constituiu um espaço intermediário entre kleinianos e freudianos ..." (Kahr, 1996, p.100).

(principalmente, com a mãe), entre outros temas. Por esta razão, limito-me aqui a apresentar e comentar o brincar na concepção de Winnicott. Outros conceitos<sup>19</sup> são apresentados no item seguinte.

Winnicott revolucionou, ao meu ver, em muitos sentidos a psicanálise infantil, inovando-a de modo muito criativo. A começar pelo fato de mudar a ótica individual pela qual era visto o bebê. Para Winnicott, o bebê só teria sentido (como existência) se relacionado à maternagem (o cuidado com o bebê), porque sem esta ele não poderia existir (1959). Assim, é que instaurou a importância da mãe (ambiente) na formação do *self* da criança. Além disso, para ele, a área do brincar, principalmente, é uma daquelas em que: "... o comportamento do ambiente faz parte do próprio desenvolvimento do indivíduo e, portanto, tem de ser incluído" (1971b, p.79). Neste sentido, não se justificariam estudos nesta área que só considerassem o indivíduo. O fato de ele ver a realidade externa por este prisma e com esta importância não o tornava menos psicanalista, segundo depreende-se de suas colocações (Winnicott, 1971b).

Torna-se relevante retomar aqui alguns conceitos fundamentais do autor, porque eles dão base a sua concepção do brincar. Segundo Winnicott, em seu artigo "Objetos transicionais e fenômenos transicionais" (1951a), entre o bebê e a mãe se formaria uma área intermediária da experiência na qual se situariam os objetos transicionais e os fenômenos transicionais, que pertenceriam ao campo da ilusão. Tanto a realidade externa (segunda área) quanto a interna (primeira) contribuiriam para esta área intermediária (terceira), configurada entre o subjetivo e o que é percebido objetivamente.

<sup>19</sup> O uso do termo "conceito" me faz recordar e reconhecer o que Khan escreveu no Prefácio dos "Textos selecionados...", de Winnicott: "... Simplesmente dogmatizar suas abstrações das experiências clínicas, conferindo-lhes condição de conceitos, é distorcer seu estilo de pensamento. Elas são, mais exata e deliberadamente, o que Nietzsche chama de "fições reguladoras" (1975, p.15). Conceitos ou "fições reguladoras"..., o que interessa é o auxílio que prestam à compreensão e à reflexão.



Neste contexto, o objeto transicional (um pedaço de tecido, de cobertor, um ursinho, entre outros) seria, não o primeiro objeto das relações objetais da criança, mas sim sua primeira possessão *não-eu*. De acordo com Winnicott (1951a), ele não viria de dentro do bebê e tampouco seria oriundo de fora. Seu valor simbólico (por exemplo, representar o seio materno ou a mãe) teria tanta importância quanto a sua realidade (o fato dele não ser o seio nem a mãe). A primeira possessão seria o momento no qual a criança utilizaria pela primeira vez um símbolo (da união mãe-bebê) e teria sua primeira experiência da brincadeira (1967a). Os fenômenos transicionais, por sua vez, considerados por Winnicott como saudáveis e universais, seriam tudo aquilo que se associa ou se vincula com esta experiência: atividades com o objeto transicional, movimentos da boca ou das mãos para acompanhá-lo, sons etc. (Winnicott, 1951a).

De acordo com o autor, este objeto transicional tornar-se-ia absolutamente necessário à criança em alguns momentos, como, por exemplo, na hora de dormir, quando se sente só ou está deprimida. A criança saudável tenderia a se desvincular desta possessão (ou a descatexizá-la) de modo gradual em virtude da ampliação de seus interesses, que faz com que ela (possessão) perca o seu significado. Todavia, haveria sempre a possibilidade do objeto transicional reaparecer mais tarde em caso de ameaça de uma privação, por exemplo.

Comparando o conceito de objeto transicional com o de objeto interno, de Klein, Winnicott apresentou a seguinte equação entre os objetos:

O bebê pode usar um objeto transicional quando o objeto interno está vivo e é real e suficientemente bom (não muito persecutório). Mas esse objeto interno depende, quanto a suas qualidades, da existência, vitalidade e comportamento do objeto externo (seio, figura materna, cuidado ambiental geral). O fracasso deste em alguma função essencial leva indiretamente à morte, ou a uma qualidade persecutória do objeto. Após a persistência da inadequação do objeto externo, o objeto interno deixa de ter sentido para o bebê, e então – e somente então – o objeto transicional fica sem sentido. O objeto transicional pode, portanto, representar o seio "externo", mas *indiretamente*, por ser representante de um seio "interno". (1951a, p.400).

Por isso, para o progresso emocional do bebê seria imprescindível a existência de uma mãe suficientemente boa, que não necessitaria ser a própria mãe dele (seria a função materna). Winnicott a definiu como aquela que:

... efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. Naturalmente, a própria mãe do bebê tem mais probabilidade de ser suficientemente boa do que alguma outra pessoa, já que essa adaptação ativa exige uma preocupação fácil e sem ressentimentos por determinado bebê; na verdade, o êxito no cuidado infantil depende da devoção, e não de jeito ou esclarecimento intelectual. (1951a, p.401).

Só na presença desta mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um amontoado de reações à violação; o self verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso self que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo. (1960a, p.24).

Winnicott (1960a) descreveu três funções da mãe suficientemente boa nos primeiros estágios do desenvolvimento do bebê: o *holding*, a manipulação e a apresentação de objetos. O *holding* é o que interessa-me pontuar aqui como o inverso da negligência, com base no que o autor estabeleceu para esta função.

O *holding* está relacionado ao momento em que o bebê ainda depende absolutamente da mãe, do cuidado materno, e significa, em suma, a capacidade da mãe de proteger o bebê de agressões fisiológicas, de satisfazer suas necessidades fisiológicas de modo consistente (não mecânico, implicando empatia materna) levando em conta sua sensibilidade e sua falta de conhecimento sobre o que não seja ele próprio, incluindo o estabelecimento de uma rotina de cuidado completa e adequada e as mudanças que ocorrem na mesma. Este conceito diz respeito, em especial, ao *holding* físico do lactente (como maneira de amar). Um *holding* deficiente é fonte de muita aflição, ansiedade e sensação de insegurança na criança, de tipo psicótico (Winnicott, 1960b).

No processo de adaptação gradativa às necessidades do bebê, essa mãe suficientemente boa, de acordo com Winnicott, lhe daria oportunidade de ter uma ilusão de que o seio faz parte dele (ou de que aquilo que ele cria realmente existe), e depois teria de desiludi-lo<sup>20</sup> gradativamente<sup>21</sup> – isso se relacionaria com a capacidade de amar.

Para Winnicott (1951a), a área intermediária – transicional – estaria em continuidade direta com a área do brincar e ela só se realiza se tiver havido uma maternagem suficientemente boa na fase crítica mais primitiva, com a continuidade no tempo "do ambiente emocional externo e de elementos específicos do ambiente físico, tais como o objeto ou os objetos transicionais" (p.405).

Winnicott (1971a) apresentou a brincadeira ou o brincar como:

... universal e (...) própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. (p.63).

... sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver. (p.75).

... inerentemente excitante e precário. Essa característica não provém do despertar instintual, mas da precariedade própria ao interjogo na mente da criança do que é subjetivo (quase-alucinação) e do que é objetivamente percebido (realidade concreta ou realidade compartilhada). (p.77).

Em suas "Notas sobre o Brinquedo" (s/d) encontram-se dados que complementam estas idéias, dos quais destaco: o prazer seria a característica do brincar, a satisfação nessa atividade dependeria do uso de

<sup>20</sup> O processo de ilusão-desilusão entre mãe e bebê poderia ser transposto para períodos posteriores da relação mãe-criança, pois, como o próprio autor ressaltou, este ocorreria antes do desmame, mas "também continua sendo uma das missões dos pais e dos educadores" (1951a, p.404), sugerindo um processo que se repete em outros momentos do desenvolvimento da criança e da vida do ser humano (nas artes, na religião, no viver imaginativo e no trabalho científico criador).

<sup>21</sup> Outra colocação de Winnicott (1956a) esclarece a tarefa da mãe de fracassar gradativamente na adaptação: "Uma mãe deve falhar na satisfação das exigências pulsionais mas pode conseguir, com total sucesso, não 'desapontar o bebê', atender às necessidades do ego, até a época em que o bebê possa introjetar uma mãe apoiadora do ego e tenha idade suficiente para manter esta introjeção, apesar das falhas do meio ambiente real em termos de apoio ao ego" (p.507).

símbolos<sup>22</sup>; a capacidade de brincar significaria uma conquista no desenvolvimento emocional da criança; o brincar seria uma elaboração imaginativa ligada a funções do corpo e relacionada a objetos e ansiedade, sendo que gradualmente, com a formação da personalidade, o brincar expressaria a identificação com pessoas, animais e objetos inanimados; por meio do brincar a criança poderia lidar de modo criativo com a realidade externa; o brincar exerceria função vital na administração da agressão e da destrutividade<sup>23</sup> e, de modo adicional, na conquista da ambivalência.

Winnicott (1971a) questionou a vinculação que Klein estabeleceu entre o brincar e a atividade masturbatória e outras experiências sensuais, demasiada de seu ponto de vista (com o que concordo), tendo ele proposto que o brincar fosse estudado em si mesmo. Para ele, aliás, o elemento ligado à masturbação estaria, na verdade, essencialmente ausente quando a criança brinca e caso ocorresse qualquer excitação física durante o brincar, este se interromperia ou se estragaria.

Segundo pensava Winnicott (1971a), o psicanalista teria estado preocupado demais em estudar o uso que a criança faz do brinquedo, bem como com o seu conteúdo, deixando de estudá-lo como uma coisa em si (fazendo referência à Melanie Klein).

A partir de seus estudos sobre os fenômenos transicionais, o brincar como fenômeno adquiriu novas dimensões: teria um lugar e um tempo, nem dentro, nem fora, situando-se em uma área que "não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo" (Winnicott, 1971a, p.76). Estaria, então, localizado na terceira área do espaço potencial

<sup>22</sup> "Símbolos: isto representa aquilo. Se aquilo é amado, isto pode ser usado e fruído. Se aquilo é odiado, isto pode ser derrubado, ferido, morto, etc., e restaurado, e ferido novamente" (Winnicott, s/d, p. 49).

<sup>23</sup> "No brinquedo, um objeto pode ser: destruído e restaurado; ferido e reparado; sujo e limpo; morto e trazido de volta à vida" (Winnicott, s/d, p. 50).



entre a mãe e o bebê (1971b, p.79), na qual, mais amplamente, se localizaria também a experiência cultural, a experiência de viver (Winnicott, 1968). A experiência cultural seria uma "extensão direta do brincar das crianças" (1968, p.160).

A brincadeira começaria no espaço potencial entre o bebê e a mãe se um estado de confiança tivesse sido criado (e, por conseguinte, introjetado) pelo fato da mãe desempenhar bem suas funções. A criança traria para a área do brincar objetos ou fenômenos da realidade externa para expressar amostras de sua realidade interna. O que é expresso neste contexto, sem alucinar, seria uma amostra do potencial onírico (Winnicott, 1971a).

Como o brincar está fundamentado na aceitação de símbolos, conteria, segundo ele, infinitas possibilidades da criança "... experimentar tudo o que se encontra em sua íntima realidade psíquica pessoal, que é a base do sentimento de identidade em desenvolvimento. Tanto haverá agressividade como amor" (Winnicott, 1964, p.100). Mas o brincar construtivo, seu surgimento e sua manutenção, seria um sinal de saúde na criança dos mais importantes por significar que a criança aceitou a responsabilidade pelos aspectos destrutivos inerentes a sua própria natureza. Este tipo de brincar apareceria com o tempo e se relacionaria com as experiências da criança em seu ambiente.

Winnicott (1971b) relacionou ainda o brincar à criatividade e à descoberta do *self*, residindo aí sua importância. O brincar seria essencial pois nele a criança manifestaria sua criatividade<sup>24</sup>. Segundo ele, é necessário haver certas condições na busca do *self*, condições essas associadas à criatividade. Como considerava que somente no brincar o indivíduo pode ser criativo, seria então por meio dele que ocorreria a descoberta do *self* pelo indivíduo.

<sup>24</sup> "A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente na brincadeira" (Winnicott, 1967a, p.139).

Winnicott (1971a) ampliou a idéia do brincar, na clínica, para além da compreensão e da interpretação do brincar da criança. O trabalho psicoterapêutico, de acordo com ele, se daria na sobreposição de duas áreas do brincar: uma do paciente e outra do terapeuta. Além disso, este trabalho trataria de duas pessoas que brincam juntas. No caso do brincar não ser uma possibilidade para o paciente, o trabalho do terapeuta se centraria em levá-lo do estado de não ser capaz de brincar para outro em que pudesse fazê-lo. Para ele, "o brincar é por si mesmo uma terapia" (p.74).

## 2. ALGUNS CONCEITOS "WINNICOTTIANOS" ÚTEIS À COMPREENSÃO DAS CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

O primeiro conceito útil é o da mãe suficientemente boa, apresentado no item anterior por estar na base do brincar. Este conceito é profundamente importante neste trabalho que trata da violência física doméstica, porque a ocorrência desta traz consigo a constatação de que a mãe da criança vítima não é uma mãe que se encaixa neste parâmetro, seja por ter agido de forma violenta contra seu próprio filho, seja por ter se omitido diante da violência cometida contra ele.

Assim, torna-se possível entender a manifestação da violência como o resultado<sup>25</sup> de uma falha anterior na relação mãe-criança, neste processo de adaptação às necessidades do bebê. Isto, por sua vez, se relacionaria, retroativamente, com fracassos na maternagem da própria mãe enquanto criança, o que instaura a violência num ciclo de repetição<sup>26</sup>. A mãe, neste

<sup>25</sup> Estou pensando agora na relação mãe-bebê, que é uma faceta fundamental do fenômeno, mas não a única. Não deixo de considerar que a violência na educação de crianças foi legitimada na história do ser humano, e sofre influências de outros fatores, econômicos, sociais, situacionais etc.

<sup>26</sup> Repetição como aquilo que se cumpre inconscientemente e no trabalho do negativo, diferente de reprodução que concerne ao que se cumpre consciente e positivamente (Poussin, 1993, p.208).

contexto de fracassos advindos do seu próprio desenvolvimento, não conseguiria contribuir ou facilitar o processo do bebê ou da criança lidar com a frustração ou com seu fracasso. A própria relação se tornaria frustrante e fracassaria, prejudicando a relação da criança consigo mesma e com os objetos do mundo real.

Nos casos de violência física doméstica, ponho em dúvida se a ilusão, como parte da maternagem, chegou a ser verdadeiramente instalada e, caso tenha sido, a desilusão não foi gradativa, e sim violenta. A violência, neste sentido, não seria um fenômeno isolado e sim o resultado, ou mais justamente, a expressão extrema de uma dificuldade de amar, de alimentar, de cuidar (muito provavelmente reeditada).

Outro conceito importante, também já apresentado no item anterior, é o de objeto transicional. Este, assim como os próximos conceitos serão úteis para auxiliar a leitura e a compreensão de comportamentos, atitudes e relações estabelecidas durante o brincar e para a análise de alguns conteúdos expressos no brincar das crianças estudadas.

Winnicott relacionou a agressão originariamente à motilidade do bebê desde a vida intra-uterina. Em seu artigo "Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional" (1950-5), ele apresentou contribuições importantes sobre a origem e os vários estádios da agressão.

Em outro artigo (1964), desenvolvendo a mesma idéia, ele escreveu:

... existe em toda criança essa tendência para movimentar-se e obter alguma espécie de prazer muscular no movimento, lucrando com a experiência de mover-se e dar de encontro com alguma coisa. Acompanhando essa característica, poderíamos descrever o desenvolvimento de uma criança anotando a progressão de um simples movimento até as ações que exprimem raiva ou os estados que denunciam ódio e controle do ódio. Poderíamos continuar descrevendo a maneira como a pancada casual converte-se em machucar com a intenção de machucar e, ao lado disso, poderemos encontrar uma proteção do objeto que é simultaneamente amado e odiado. Além disso, poderemos definir a organização das idéias e impulsos destruidores numa criança como um padrão de comportamento; e, no desenvolvimento sadio, tudo isso pode mostrar como as idéias destrutivas, conscientes ou inconscientes, e as reações a tais idéias, aparecem nos sonhos e

brincadeiras da criança, e também na agressão que é dirigida contra aquilo que é aceito no meio imediato da criança como merecedor de destruição. (1964, p.98).

Para ele, a agressão teria dois significados diferentes: um que se constitui em uma reação à frustração, de forma direta ou indireta, e outro que é o fato de ela ser uma das muitas fontes de energia da pessoa (Winnicott, 1964). Quanto a este último, depreende-se que o que diferenciaria uma criança da outra seria a maneira como cada uma lida com suas "cargas de impulsos agressivos" (p.97).

Diferenciando a criança sadia da enferma, no tocante à agressão, Winnicott explicou em um outro trabalho (1958a) que, na primeira, "grande parte do potencial de agressão funde-se às expectativas instintivas e ao padrão dos relacionamentos do pequeno indivíduo" (p.17), tendo indicado que, para tanto, é necessário haver condições suficientemente boas. No caso da criança enferma, somente uma pequena parte deste potencial se fundiria com a vida erótica e, como conseqüência, certos impulsos sem sentido passariam a atormentar a criança, levando à destrutividade na relação com os objetos e até a atividades sem sentido (como, por exemplo, as convulsões). Esta agressão, não-fundida, poderia se manifestar também como expectativa ou ataque.

O conceito de tendência anti-social, apresentado por Winnicott (1956a), é extremamente útil, esclarecedor e importante neste trabalho para se entender alguns comportamentos e atitudes das crianças vítimas de violência física. Esta tendência, segundo ele, poderia ser encontrada em qualquer indivíduo (normal, neurótico ou psicótico), de qualquer idade, já que se relacionaria a dificuldades que fazem parte do desenvolvimento emocional.

A tendência anti-social estaria relacionada à privação. A criança que teria sido privada de determinadas características fundamentais da vida familiar sofreria de privação e, por conseguinte, sua característica básica



seria a falta de esperança. A tendência anti-social, neste sentido, seria a expressão da esperança. Winnicott, tendo feito referência aos estudos de Bowlby sobre a privação, indicou que:

Quando há uma tendência anti-social, houve uma verdadeira privação<sup>27</sup> (não uma privação simples), isto é, houve a perda de algo bom que havia sido positivo na experiência da criança até uma determinada data e que lhe foi retirado; esta retirada se estendeu por um período de tempo maior do que aquele durante o qual a criança consegue manter viva a recordação da experiência. (1956a, p.503-504)

De acordo com Winnicott, a tendência anti-social teria duas direções básicas, o roubo e a destrutividade (sendo que a ênfase poderia recair mais sobre uma delas, dependendo do caso):

Seguindo a primeira direção, a criança busca alguma coisa em algum lugar e, quando não a encontra, procura em outro lugar, se conserva a esperança. Seguindo a outra, a criança busca a quantidade de estabilidade ambiental que poderá suportar a tensão resultante de um comportamento impulsivo. Trata-se da busca de uma provisão ambiental que foi perdida, uma atitude humana que, porque se pode contar com ela, dá ao indivíduo a liberdade de se mover, agir e ficar excitado.

É especialmente devido à segunda destas direções que a criança provoca reações ambientais totais, como se buscasse um sistema cada vez mais amplo, um círculo que teria tido como seu primeiro exemplo os braços ou o corpo da mãe. Uma série pode ser discriminada – o corpo da mãe, os braços da mãe, a relação parental, o lar, a família, incluindo primos e parentes próximos, a escola, a localidade com suas delegacias de polícia, o país com suas leis.

Ao examinar as raízes quase normais e (em termos do desenvolvimento individual) iniciais da tendência anti-social, gostaria que se tivesse em mente o tempo todo estas duas direções: busca do objeto e destruição. (1956a, p.504-505).

O roubo, e a mentira que está associada a ele, para Winnicott estaria relacionado à busca da mãe, isto é, quando a criança rouba algo, o alvo verdadeiro não é o objeto roubado, mas a mãe sobre a qual ela teria direitos (por ter sido criada por ela). A união entre as duas direções, roubo e destruição (ou, respectivamente, a busca do objeto e aquilo que esta provoca, ou a compulsão libidinal e a agressiva) estaria dentro da criança e representaria uma tendência para a auto-cura (Winnicott, 1956a):

<sup>27</sup> Na tradução deste mesmo artigo, no livro "Privação e Delinquência", ao invés de "privação", o termo usado foi desapossamento, e no lugar de privação simples, usou-se "simples carência" (Winnicott, 1956b, p.131). Há outras diferenças de tradução do mesmo texto entre um livro (1956a) e outro (1984), o que poderia ser objeto de discussão.

Quando, na época da privação original, há alguma fusão da raiz agressiva (motilidade) com a raiz libidinal, a criança solicita a mãe roubando, ferindo, fazendo bagunça, dependendo dos detalhes específicos do desenvolvimento emocional daquela criança. Quando há menos fusão, a busca do objeto e a agressão estão mais separadas uma da outra na criança, que apresenta um maior grau de dissociação. Isto leva à proposição segundo a qual a *amolação causada pela criança anti-social é uma característica essencial* e, também, sob seu melhor aspecto, *uma característica favorável* que de novo indica uma potencialidade para a recuperação da fusão perdida entre o impulso libidinal e o motor.

(...) A manifestação da tendência anti-social inclui o roubo e a mentira, a incontinência e o "fazer bagunça". Embora cada sintoma tenha seu significado e valor específicos, o fator comum que é relevante para minha tentativa de descrição da tendência anti-social é a amolação causada pelo sintoma. Isto é explorado pela criança, não se tratando de uma ocorrência casual. Grande parte da motivação, mas não toda, é inconsciente. (p.506).

O comportamento anti-social não significaria necessariamente doença; se traduziria mais por um pedido de socorro, a solicitação do controle de pessoas que sejam fortes, amorosas e confiantes (Winnicott, 1946).

Neste texto de 1946, Winnicott indicou que aquilo que a criança anti-social busca no ambiente é o controle<sup>28</sup>, isto é, ela transgride para restabelecer um controle que vem de fora. Enquanto que, em 1956a usou o termo provisão ambiental. As crianças anti-sociais perceberiam que a causa desta tendência seria um fracasso ambiental (falha ou omissão) e estariam exigindo, motivadas inconscientemente, a cura por meio de uma provisão ambiental. Ao mesmo tempo, elas não seriam capazes de usá-la (Winnicott, 1956a).

O momento no qual a criança manifestaria o que Winnicott chamou de esperança, na busca da cura, foi sistematizado por ele da seguinte maneira:

[A criança] Percebe uma nova situação que contém elementos de confiabilidade; Experimenta um impulso que poderia ser chamado de busca do objeto; Reconhece que a crueldade está a um passo de se tornar uma característica, e então: Provoca o meio ambiente em um esforço para torná-lo alerta ao perigo e fazer com que ele se organize para tolerar a amolação. Se a situação se mantém, o meio ambiente deve ser repetidamente testado em termos de sua capacidade de suportar a agressão, de impedir ou reparar a destruição, de tolerar a amolação, de reconhecer o elemento positivo da tendência anti-social, de fornecer e preservar o objeto que deve ser buscado e encontrado. (1956a, p.510).

<sup>28</sup> Talvez tenha usado este termo por ter falado, originariamente, em uma palestra para magistrados. *Provisão ambiental* parece ser um termo mais amplo do que *controle*, ou que vai além dele.

Em acréscimo, Winnicott afirmou que na questão da privação, a doença da criança não resultaria da perda em si, mas do fato de que esta tenha ocorrido em um momento do desenvolvimento emocional em que a criança ainda não poderia reagir maduramente a ela, não poderia realizar o luto. Daí a importância de se avaliar em que estágio a criança estava quando a perda aconteceu para se avaliar o tipo de reação à perda (Winnicott, 1958b).

No sumário do artigo de 1951a, Winnicott apresentou suas idéias sobre os objetos transicionais e indicou como poderiam ser as manifestações psicopatológicas nesta área. Entre as várias manifestações, afirmou que o roubo poderia ser descrito "em termos de um impulso inconsciente que o indivíduo tem de preencher uma lacuna na continuidade da experiência no que tange a um objeto transicional" (p.407).

Quanto ao brincar, em outro trabalho (1967a), Winnicott indicou que: "A 'criança privada' é notoriamente inquieta e incapaz de brincar, apresentando um empobrecimento da capacidade de experiência no campo cultural" (p.141). A criança para a qual houve fracasso ou perda do objeto, haveria também, segundo ele, "perda da área da brincadeira e perda de um símbolo significativo. (...) ausência do uso criativo de objetos, ou esse uso é relativamente incerto" (1967a, p.141).

Um artigo de Winnicott sobre a criança carente (1950) pode também trazer algumas contribuições ao meu estudo, mas nele o autor não foi exaustivo ao classificar os lares desintegrados<sup>29</sup> (e talvez nem o tenha pretendido), tendo faltado incluir possibilidades como aquela em que a criança é vítima de violência na família e para ser protegida desta, tem de

<sup>29</sup> Categorias propostas por Winnicott: "(a) Lar bom e normal, rompido pela morte de um ou ambos os pais. (b) Lar rompido pela separação dos pais, que desempenham bem sua função parental. (c) Lar rompido pela separação dos pais, que não desempenham bem sua função parental. (d) Lar incompleto pela ausência do pai (filho ilegítimo). A mãe é boa; os avós podem assumir a função paterna ou ajudar em alguma medida. (e) Lar incompleto pela ausência do pai (filho ilegítimo). A mãe não é boa. (f) Nunca houve um lar" (1950, p.195).

ser retirada de casa, perdendo-a (os pais podem continuar unidos); ou aquela em que há a formação de uma segunda família, e a criança, fruto de uma primeira relação (ou casamento) da mãe, passa a ser não aceita, rejeitada, e a sofrer violências em virtude disto.

No artigo em pauta, Winnicott afirmou que a criança carente seria perturbada, e a natureza desta perturbação não permitiria que simplesmente mudando seu ambiente a criança se tornasse sadia. Talvez, como ele avaliou, ela avançaria e, à medida que melhorasse, apresentaria uma fúria reacional ao seu estado de carência (ódio dirigido ao mundo, cuja manifestação é o caminho para a saúde), isto se tudo estivesse mais ou menos acessível ao seu *self* consciente.

Winnicott (1950) destacou ainda alguns fenômenos que ocorreriam na criança na ocorrência de destruição de um bom ambiente ou no caso deste nunca ter existido, como: repressão do ódio, perda da capacidade de amar outras pessoas, cristalização de organizações defensivas na personalidade, regressão a fases iniciais que foram satisfatórias, desencadeamento de um estado de introversão patológica, cisão da personalidade. Não obstante, indicou igualmente alguns sinais que poderiam ser favoráveis, como, por exemplo, a depressão simples (indicativa de que a criança conserva a unidade de sua personalidade e um sentido de preocupação, responsabilizando-se por aquilo que deu errado) e os atos anti-sociais (já explanados) que indicam esperança.

O autor acrescentou, neste mesmo artigo (1950), referindo-se ao objeto transicional, que crianças desajustadas não teriam tido um objeto deste tipo e, se chegaram a tê-lo, ele teria sido perdido. Este objeto precisaria representar alguém, o que quer dizer que não adiantaria simplesmente dar a criança um objeto qualquer para substituí-lo; ele só surgiria quando do estabelecimento de uma relação de confiança com alguém.



Em outro artigo (1965), no qual relacionou a função da família à idéia de trauma, Winnicott teceu considerações úteis, embora, nessa tentativa, tenha vinculado as duas idéias com a premissa: "a família fornece à criança que cresce *uma proteção quanto ao trauma*" (p.102), o que é o ideal mas não a regra absoluta, já que ela pode ser (com certa freqüência) a origem do próprio trauma. Mas entendo que o que ele quis dizer foi exatamente isso, considerando-se que quando escreveu família estava se referindo, muito provavelmente, à função desta. O que interessa-me é o fato de Winnicott ter relacionado a natureza do trauma com fatores externos: "O trauma é um fracasso relativo à dependência. O trauma é aquilo que rompe com a idealização de um objeto pelo ódio do indivíduo, reativo ao fracasso desse objeto em desempenhar sua função" (1965, p.113).

O trauma variaria de significado de acordo com a etapa do desenvolvimento emocional da criança. Deste modo, "quanto mais a criança alcança integração, mais gravemente ela pode ser ferida se for traumatizada; ferida, ou feita sofrer, significando algo oposto a ser impedido de alcançar a integração" (Winnicott, 1965, p.114). O trauma é aqui entendido como um evento que se situaria para além da capacidade que a criança tem para lidar com a sua reação aos fracassos que fazem parte do próprio desenvolvimento:

Ao fim das contas, o trauma é a destruição da pureza da experiência individual por uma demasiada intrusão súbita ou imprevisível<sup>30</sup> de fatos reais, e pela geração de ódio no indivíduo, ódio do objeto bom experienciado não como ódio, mas delirantemente, como sendo odiado. (Winnicott, 1965, p.114).

Assim, relaciono os conceitos apresentados com o seguinte e simples esquema (não obstante tenha conhecimento da complexidade que os envolve): um ambiente que não é suficientemente bom (por ação inadequada ou omissão de cuidados) provocaria um trauma (implicando

<sup>30</sup> Esta palavra foi copiada tal qual do texto e muito provavelmente trata-se de um erro, pois não a encontrei em dicionário de nossa língua. Muito provavelmente, o tradutor tenha querido escrever "imprevisível" ou aquilo que não se pode prever.

quebra na confiança), cujo significado variaria dependendo do estágio de desenvolvimento emocional da criança; este trauma, representando o fracasso da provisão ambiental, provocaria reativamente (e de modo agravado, exasperado) agressão/destrutividade ou totalmente o contrário, repressão do ódio/introversão, depressão, apatia, ou a tendência anti-social. É nesta rede que vejo inserida a criança vítima de violência física.

Neste sentido, entendo também que constatar que a função-família como protetora de traumas é aquela que, quando insuficiente, inadaptada, está na origem dos mais difíceis traumas, é mais um paradoxo do ser humano. Winnicott sublinhou que "... precisamos aceitar o paradoxo, não resolvê-lo" (1968, p.161). Creio que não se deve sucumbir a esta afirmação, pois a "aceitação do paradoxo inerente", utilizando ainda a expressão de Winnicott, permite a manutenção da esperança e dos esforços para facilitar às crianças vítimas o encontro *de* ou *do* algo suficientemente bom que tanto necessitam para viver criativamente. E isto já é um caminho para a resolução.

### 3. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E A CRIANÇA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA FÍSICA DOMÉSTICA

Neste trabalho, o fenômeno da violência doméstica contra crianças é entendido segundo um modelo interativo ou multicausal (Azevedo & Guerra, 1994). Neste modelo, vários fatores do macro-sistema socioeconômico e cultural<sup>31</sup> concorreriam para a construção (e mais apropriadamente, para a reconstrução ou a reprodução) de um padrão abusivo de interação pai-mãe-filho(a), culminando no abuso-vitimização deste último.

<sup>31</sup> Experiências de socialização, características particulares, características patológicas, posição social, posição cultural, entre outros, dos vários protagonistas familiares, associados a fatores situacionais de estresse e a situações precipitantes.

A violência doméstica como fenômeno e o significado do termo abuso-vitimização foram apresentados no capítulo I deste trabalho (reportar-se às páginas 27-29).

Antes de continuar, abro um pequeno parêntese. À primeira vista, pode parecer paradoxal apresentar como base um modelo multicausal logo após ter escrito que tentarei entender ou ler o brincar da criança vítima de violência física, seus comportamentos, atitudes e relações, à luz de alguns conceitos winnicottianos, fundados na relação mãe-bebê. Afirmo acreditar ser possível fazê-lo, porque a violência doméstica contra crianças enquanto fenômeno se inscreve, sem dúvida, no contexto global mencionado, mas quando um profissional está trabalhando diretamente com a criança e vê, ouve, sente a concretude do seu sofrimento e os reflexos deste em suas ações ou na falta destas, não basta – operacionalmente – falar ou pensar em termos históricos, econômicos, sociais e culturais. Este é o todo dinâmico que deve ser transformado historicamente por ações competentes e comprometidas com a defesa das crianças. Enquanto isso, o micromundo da criança pode e deve receber compreensão, apoio e auxílio efetivo, tecnicamente falando, advindo de referenciais diversos, como, por exemplo, da psicanálise, entre outros.

Dentro da perspectiva multicausal, a violência física é considerada como o uso da força física por pais (ou responsáveis) para disciplinar crianças, conforme definiram Azevedo e Guerra (1993/1994). É importante sublinhar a falta de consenso na literatura sobre quais atos poderiam ser considerados violência física; encontra-se desde um simples tapa ou palmada no bumbum, até agressões mais graves, como golpes, queimaduras, com uso de objetos ou armas de vários tipos. Pesquisas mais recentes apontaram que "toda ação que causa dor física numa criança,

desde o simples tapa até o espancamento fatal, representam um só continuum de violência' (Newell<sup>32</sup> apud Azevedo & Guerra, 1995, p.44).

Considerando que o castigo físico como forma de educar crianças foi historicamente legitimado em nossa sociedade e ainda persiste, é difícil encontrar uma criança que não o tenha experienciado, pelo menos de modo leve. Miller (1981) designou este tipo de educação com o termo<sup>33</sup> *pedagogia despótica*<sup>34</sup>.

... uma atitude que pretende ensinar à criança a moral, a correção e a sinceridade, e crê poder se autorizar a fazê-lo recorrendo a meios tais como os castigos corporais, a mentira, a enganação, a manipulação, etc. A 'pedagogia despótica' é nada mais que o disfarce do abuso do poder do adulto sobre a criança, abuso perfeitamente legalizado e integrado, que batizamos de educação<sup>35</sup>. (p.25).

No primeiro capítulo de seu livro "C'est pour ton bien" (1980)<sup>36</sup>, Miller comentou criticamente excertos da obra "Schwarze Pädagogik" (vide nota 33), que mostravam as técnicas de educação de crianças desde o século XVIII, usadas por pais e educadores: castigos físicos, humilhações e mentiras. Miller detectou a violência nestas situações e suas conseqüências para a criança:

Pode-se fazer da criança um grande número de coisas nos dois primeiros anos de sua vida, dobrá-la, dispor dela, ensinar-lhe bons hábitos, corrigi-la e puni-la, sem que aconteça nada, sem que a criança se vingue. Isso faz com que ela só consiga superar sem dificuldade a injustiça que lhe foi feita se puder se defender dela, isto é, com a condição de poder dar ao seu sofrimento e a sua raiva uma expressão estruturada. Se é proibido à criança reagir a sua maneira, porque os pais não suportam suas reações (gritos, tristeza, raiva) e lhe proíbem com um simples olhar ou outras medidas educativas, a criança aprende a se calar. Seu mutismo certamente garante a eficácia dos princípios de educação, mas ele encobre além disso os focos de infecção da evolução ulterior. Se as reações adequadas às vexações, às humilhações e às violências – no sentido mais amplo do termo – sofridas são excluídas, elas não podem também ser integradas na personalidade, os sentimentos são recalçados, e a necessidade de se exprimir de modo estruturado permanece insatisfeita e sem esperança de satisfação. Esta ausência de toda

<sup>32</sup> Newell, P. *Children are people too: the case against physical punishment*. Londres, Bedford Square Press, 1989.

<sup>33</sup> O termo original é *Schwarze Pädagogik* (pedagogia negra), emprestado da obra homônima de Katharina Rutschky, 1977.

<sup>34</sup> Termo traduzido por Azevedo e Guerra, 1994, como *despótica* para evitar preconceitos; na tradução francesa foi traduzido literalmente, como *pédagogie noire*.

<sup>35</sup> A tradução dos excertos de Miller é minha.

<sup>36</sup> Tradução do alemão; "É para o seu bem: raízes da violência na educação da criança".



esperança de exprimir os traumatismos inconscientes, com os sentimentos respectivos (...), leva a graves distúrbios psíquicos na maior parte das pessoas. (1980, p.19).

A idéia acima, não obstante esteja situada na questão da educação, vai de encontro à linha de pensamento psicanalítica. O adulto que reproduz e perpetua este tipo de violência foi um dia, quando criança, vítima da mesma.

Miller (1980) acrescentou que, na história da educação de crianças, os adultos criaram um dispositivo de argumentos para justificar o valor e a necessidade de bater na criança para o seu próprio bem. Na verdade, segundo ela, os pais estariam lutando para obter sobre os filhos o poder que eles próprios tiveram de abdicar junto a seus próprios pais. A ameaça que eles teriam vivido nos primeiros anos de suas vidas seria revivida com seus próprios filhos e, contra estes, mais fracos, eles se "defenderiam" pela primeira vez e de maneira poderosa. As razões de suas atitudes seriam, portanto, internas, mas eles se apoiariam em uma série de racionalizações inteligíveis nesta forma de educação, de que este tipo de tratamento seria bom para a criança (argumento esse transmitido de geração em geração).

Isto eu mesma pude comprovar nos atendimentos na Vara da Infância e da Juventude. Ouvi muitas e muitas vezes dos pais que eles achavam necessário bater para ensinar seus filhos e que eles (pais) tinham conseguido "vencer" na vida justamente porque haviam sido tratados da mesma maneira. Muitos não conseguiam conceber a educação e a relação com o filho sem o recurso da violência. A única forma de mostrar-lhes a inverdade deste argumento, identificados como estavam com seus próprios pais, era ajudá-los a recuperar o que sentiam quando os pais lhes batiam. Se eles conseguissem chegar a se re-identificarem com a criança que haviam sido (e que ainda se encontrava neles, precisando ser resgatada), na melhor das hipóteses, aproximavam-se dos filhos pela primeira vez e conseguiam pelo menos sentir (mais do que entender) o sofrimento destes.

Este tipo de argumentação também estava fortemente enraizado nos argumentos das crianças. Nos atendimentos, eu costumava lhes perguntar se era certo, legítimo, bater em criança. A resposta geral era "sim", seguida de argumentos do tipo: "eu mereci", "criança faz arte", "se não apanhar não aprende", "é assim que a gente cresce", entre outros. Então, eu lhes perguntava se era certo, por exemplo, bater em um cachorro ou bater em um adulto, sendo que a resposta era sempre "não". Motivadas a me dizerem a diferença entre crianças, animais e adultos, com respeito ao "merecer apanhar quando erra", elas não conseguiam estabelecê-la de pronto, ficando um pouco confusas e se perguntando, tímida e medrosamente, pela primeira vez, por que criança teria mesmo que apanhar.

O excerto seguinte de Miller (1980) completa o entendimento desta situação:

Os golpes que pode dar bruscamente um homem em fúria são mais freqüentemente a expressão de uma profunda desesperança, mas a ideologia do castigo corporal e a crença segundo a qual ele seria inofensivo têm por funções dissimular as conseqüências do ato e de fazê-las passarem despercebidas; a maneira pela qual a criança se tornou surda ao sofrimento lhe interdita, durante toda sua vida, o acesso a sua própria verdade. Somente os sentimentos vívidos poderiam ser mais fortes que estas barreiras, mas, justamente, eles não têm o direito de se manifestarem. (p.98-99).

Por último, resta indicar que Miller concluiu que os mecanismos psicodinâmicos principais da *Schwarze Pädagogik* seriam a dissociação e a projeção: tudo que possa ser reunido na expressão "fraqueza" (emoções, lágrimas, piedade, compreensão de sua própria sensibilidade e da dos outros, sentimentos de angústia, de impotência, de desesperança) teriam sido reprimidos impiedosamente no interior do eu – porque perigoso e, portanto, interdito na infância; o objeto alvo da projeção receberia todas essas reações indesejáveis, "más", e seria combatido inexoravelmente: "... a criança desprezada desde sempre e fraca, que faz parte do eu mas não teve jamais o direito de habitá-lo verdadeiramente, pode ser de novo desprezada e combatida" (Miller, 1980, p.107). Assim, de acordo com esta

autora, este princípio pedagógico teria nascido de uma necessidade de dissociar de si o que inquieta sua interioridade e de projetá-lo num objeto disponível: a criança (exterior) seria idealmente este objeto por sua característica maleável, sem defesa e disponível.

Ainda na delimitação do fenômeno da violência doméstica, é necessário discriminar entre duas formas de ocorrência. Esta distinção existe na prática e define dinâmicas singulares relacionadas à violência e estratégias diferenciadas de tratamento e prevenção. Ambas produzem efeitos bastante deletérios no desenvolvimento da criança, em vários níveis, como se verá adiante.

Barudy (1992), partindo de uma abordagem sistêmica de compreensão e de uma abordagem operacional dialética na intervenção terapêutica, assinalou que, para uma melhor compreensão do fenômeno da violência doméstica contra crianças e também para a adaptação das modalidades de intervenção, seria necessário distinguir entre (1) a violência como expressão de uma crise e (2) a violência como experiência organizadora da fenomenologia familiar (as famílias transgeracionalmente perturbadas).

A primeira situação diria respeito aos momentos de adaptação por que passam as famílias (casamento, nascimento, mortes, mudança de casa, divórcio, perda de emprego, imigração, dentre outros), os quais poderiam corresponder a momentos de "crise". Esta crise poderá ser tanto uma possibilidade de crescimento quanto uma fonte de tensão e de estresse intrafamiliar. Esta tensão familiar poderia ultrapassar os limites toleráveis, em função da família não ter o apoio social necessário, e a criança (por ser mais fraca) acabar sendo o alvo da descarga desta tensão.

Ainda segundo Barudy (1992), fatores ligados à criança poderiam também contribuir para o desencadeamento de uma crise: comportamentos,

atributos físicos, dificuldades etc. Entretanto, a criança não pode ser tomada como responsável pela crise. As famílias nesta situação se apresentariam como tendo podido, no passado, assegurar o bem-estar de seus membros; ademais, os pais se mostrariam conscientes da situação de crise, reconheceriam sua violência (capacidade crítica); estariam abertos à ajuda, solicitando-a; a criança teria possibilidade de expressar seus sentimentos com respeito à violência e recusá-la; o prognóstico seria positivo quanto às mudanças. Moulay (1992) também tratou da relação entre estes estados de crise familiar e a possibilidade da passagem ao ato violento contra a criança, sem que a família constituísse um sistema patológico propriamente dito.

Na segunda situação, a violência que ocorre na família seria um modo de vida desta que se repete de geração em geração: "Trata-se de famílias na qual os adultos tendem a repetir comportamentos abusivos em seus filhos que, por sua vez, poderão tornar-se pais abusivos" (Barudy, 1992, p.369).

Neste sentido, poder-se-ia reconhecer esses dois tipos de funcionamento familiar relacionado à ocorrência da violência, sendo que no primeiro, a violência resultante poderia ser chamada de episódica, e no segundo de sistemática. É claro que a questão da violência doméstica não se reduz a estas denominações, mas elas são úteis para diferenciar a violência quanto ao seu significado na dinâmica familiar e quanto à frequência.

Além disso, esta diferenciação se adapta melhor à realidade das diversas situações familiares e permite que, embora se considere violência qualquer ação física que cause dor na criança, possa se atribuir significações diferentes àquela que ocorre como resultado de uma descompensação, circunscrita a uma situação específica, e àquela que se constitui no próprio modo de relacionamento com a criança.



Considero o segundo tipo de maior gravidade, com conseqüências para a criança ainda mais graves do que o primeiro, justamente por ser um modo de relação que se repete no tempo. Além disso, é de mais difícil e complexa intervenção. Na maioria destes casos, o afastamento ou a retirada da criança é medida primordial para sua sobrevivência (já que a família está fundada na violência e organizada por ela, sem reconhecê-la) e, em geral, determina seu acolhimento em instituição. O trabalho com a família é, geralmente, mais difícil e prolongado.

Não vou adentrar na discussão dos fatores parentais, sociais e culturais em jogo na questão da violência doméstica. Por estar interessada neste estudo, entre outras questões, em relacionar aquilo que as crianças vítimas expressam no brincar com suas características, comportamentos, atitudes, modo de se relacionar e com a violência sofrida, destacarei aqui o que acontece ou pode acontecer à criança vítima, em termos físicos e psicológicos. A violência física, pelo que ela provoca no corpo e no psiquismo, já é um trauma em si, o qual desencadeia, por sua vez, sérios traumatismos manifestos na forma de perturbações, que podem variar em grau dependendo da gravidade da violência infligida, do tempo de submissão a ela e das características da criança.

As vítimas da violência física doméstica seriam de todas as idades e dos dois sexos. Algumas pesquisas brasileiras indicaram maior concentração de vítimas na faixa etária de 7 a 13 anos, dados esses que coincidem com a realidade de outros países da América do Sul (Guerra & Azevedo<sup>37</sup> apud Azevedo & Guerra, 1995, p.50).

A estatística do Service National d'Accueil Téléphonique pour L'Enfance Maltraitée, da França, que recebe em média 700 chamadas por dia, apontou que 80% das crianças maltratadas são menores de 12 anos

<sup>37</sup> Guerra, V. N. A.; Azevedo, M. A. *Violência física doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo, 1981. [pesquisa inédita]

(Gosset et al., 1996, p.8). Gosset et al. apontaram também, segundo seus próprios dados de atendimentos em medicina legal, que 1/3 das crianças vítimas têm menos de um ano, e a metade menos de dois anos de idade (1996, p.34). A estatística de meus atendimentos indicou que 78,7% das vítimas tinha menos de 12 anos de idade, com diferença pouco significativa entre os sexos.

As lesões físicas na criança, de acordo com Gosset et al. (1996) podem ser caracterizadas como:

- a) manifestações cutâneas: escoriações, equimoses, hematomas, feridas contusas, perfurantes, pérfuro-contusas, lacerações;
- b) queimaduras (atingem 10% das crianças vítimas): de todos os graus grau e aquelas que atingem os tecidos subjacentes;
- c) traumatismos crânicos e lesões intracranianas (atingem de 20 a 25% das vítimas e são responsáveis por 75% de mortes destas crianças e de seqüelas neurológicas): hematoma subdural, edema difuso, lesões, contusões e infarto cerebral, fraturas do crânio; a síndrome da criança sacudida brutalmente inclui hemorragias subdurais e retinianas;
- d) traumatismos torácicos: lesões causadas por objetos cortantes ou perfurantes, fraturas costais, ruptura da pleura (levando a pneumotórax ou hemotórax), contusão pulmonar, rupturas de órgãos intramediastinais;
- e) traumatismos abdominais e lesões intra-abdominais (segunda causa de morte de crianças vítimas): esmagamento de órgão abdominal (especialmente fígado e baço) ou ruptura do sistema vascular que alimenta os órgãos;
- f) lesões do esqueleto em geral, principalmente das extremidades dos ossos longos (20% das ocorrências), da coluna vertebral e da pélvis (mais raras); lesões ósseas múltiplas e multifocais consolidadas em estádios diferentes (típicas);
- g) lesões oro-faciais: nos freios labiais, nos lábios, na língua, na cavidade bucal; fraturas, luxações e extrações dentárias; fraturas do maxilar;
- h) mordidas provocando vários tipos de lesões cutâneas;
- i) lesões oftalmológicas (20 a 40% dos casos): lesões da pele da região orbitária; hemorragias conjuntivais, focais ou difusas; hifema (sangue) na câmara anterior; hemorragias intra-oculares (50% dos

casos); descolamento da retina; perda da visão por atrofia ótica; estrabismo; glaucoma secundário; catarata.

Os quadros clínicos, mais usuais na vitimização física, apresentados por Santoro Jr. (1989) vão de encontro ao exposto acima. Este autor acrescentou a ocorrência de intoxicações exógenas. Girodet (1993) apontou, além das já citadas, as feridas genitais (que evocam sanções relativas à enurese e à masturbação); a alopecia (resultado do arrancamento brutal e repetido de cabelos); e as lesões otológicas ou auditivas (ruptura traumática do tímpano, lesões do ouvido externo). Indicou, ainda, que as seqüelas podem ser disfórmicas ou mutilantes, ortopédicas, endobuciais, nasais e neurológicas (as mais graves), levando à epilepsia, à hemiplegia, à cegueira; e graves reflexos no desenvolvimento psico-afetivo.

Constatar que a família é a maior responsável por este tipo de violência contra a criança (assim como por outros tipos), que pais são capazes de causar tanto mal ao filho a quem deveriam amar e proteger, causa choque e indignação. Mesmo trabalhando há mais de 12 anos nesta área, acreditando sempre que esta violência existe e tratando de entendê-la e trabalhá-la, nunca deixei de sentir indignação. O caso que exponho brevemente a seguir tornou-se, para mim, o maior símbolo desta verdade, dura e cruel.

Atendi em psicoterapia<sup>38</sup> (por um ano e meio) o caso mais grave de violência física doméstica de que tive conhecimento. Olavo, um menino de 13 anos, tinha sido enfim retirado de casa, depois de ter sofrido barbaramente desde os nove meses de vida. Sua mãe foi a autora das violências e seu pai se omitiu. Ambos foram destituídos do pátrio poder e a mãe foi condenada a cinco anos de reclusão.

<sup>38</sup> No Laboratório de Estudos da Criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Em virtude das violências, Olavo, em diferentes idades, teve perfuração do intestino (ileo), ficando em coma (submeteu-se à apendicectomia e enterectomia); teve obstrução intestinal devido a aderências secundárias à apendicite aguda com peritonite, lesões na parede abdominal (por golpes e pontapés); apresentava inúmeras cicatrizes de cortes por todo o corpo e face, diversas cicatrizes no couro cabeludo, equimoses generalizadas em diferentes estágios de evolução, arranhões (por golpes com cinta, chinelo e correia, surras com cacos de vidro); foram constatadas diversas fraturas consolidadas de arcos costais em diferentes fases de consolidação, fratura de nariz, fratura de úmero esquerdo e deformidade no braço (por golpes e torções violentas); teve perda de dentes, deformidade da língua, dos lábios e do palato bucal (fístula oronasal adquirida) por perfuração (provocadas por chave de fenda, colher) queimaduras nos lábios e no rosto (por garfo quente, leite fervendo); lesões oculares, catarata e lesões auditivas (por golpes na cabeça). Além disso, apresentava sintomas de carência e negligência, como anemia e curva de crescimento lento. Na época, havia nove cirurgias programadas para que Olavo pudesse se recuperar parcialmente. Cheguei a acompanhá-lo em duas delas, para reconstituição do palato bucal.

No tocante às conseqüências psicológicas da violência física, Rouyer e Drouet (1986) observaram em crianças vítimas de violência física, com idades entre dois e cinco anos, uma tremedeira generalizada, sem causa orgânica, aparecendo ou se agravando frente a situações novas e a emoções de alegria e de medo, grande instabilidade motora, excitação excessiva provocando distúrbios do sono, e graves dificuldades de aprender limites. Outras vítimas apresentavam grande passividade, chegando a um estado de ensimesmamento.



Azevedo<sup>39</sup> (1989) apresentou algumas conseqüências psicológicas da vitimização física em crianças, a saber: retardo no desenvolvimento intelectual sem evidência de dano neurológico, problemas de aprendizagem, leves a graves patologias emocionais, maior expressão de agressividade do que as crianças que não são maltratadas, baixa auto-estima, dificuldades de se relacionar, prejuízo na capacidade de acreditar nos outros e infelicidade. Acrescentam-se a estas, a presença de sentimentos de raiva e de medo do agressor; autoritarismo; atitudes de aceitação e de tolerância com relação à violência, reproduzindo-se em outras relações; comportamentos extremos: agressivos, impulsivos, destrutivos, ou excessivamente tímidos, passivos, submissos, retraídos; quadros depressivos; parricídio, matricídio (Azevedo & Guerra, 1995).

Girodet (1993) relatou que os recém nascidos que sofrem violência física apresentam condutas de evitação ou de fuga do contato ocular, estado de "vigilância gelada" (controle da motricidade, da baba e do choro em função do estado emocional dos pais), quadro de depressão ou de agitação. As crianças maiores apresentam, de acordo com esta autora, distúrbios de comportamento que se manifestam de formas opostas: (a) um estado de inibição ou de grande passividade, (b) uma agitação e instabilidade psicomotora associada à agressividade (contra outras crianças ou contra a própria criança, chegando à auto-mutilação); estas crianças pareceriam incapazes de se proteger e ter limites. Já nos pré-adolescentes e nos adolescentes, os sintomas se manifestariam mais como fugas ou tentativas de suicídio.

Rouyer (1993) citou dois grupos de distúrbios: um primeiro grupo relacionado à agressividade, e outro à afetividade. A agressividade viria como um reflexo de sobrevivência que permite a essas crianças uma defesa

<sup>39</sup> Com base na revisão feita por Augustinos (1987), nos trabalhos de Cautriez e Frydman (1986) e de Straus e Manciaux (1982), apud Azevedo, 1989.

precoce. Em algumas delas, observou uma maturidade precoce; porém, defesas adequadas que foram criadas para um meio violento tornavam a adaptação difícil em um meio diferente, que atendesse suas necessidades; a criança exprimia revolta contra essas novas regras de vida, apresentando problemas de integração social.

Segundo Rouyer, a agressividade (expressa em dois comportamentos opostos: submissão ou ato agressivo) não seria manejada adequadamente por essas crianças, aparecendo como uma expressão do sadismo e do masoquismo precocemente ativados pela vivência da violência. O sadismo seria manifesto, em geral, contra uma criança mais nova. O masoquismo apareceria na forma de comportamentos auto-destrutivos que traduzem um mal-estar corporal profundo, um estado de tensão interna; atos impulsivos e perigosos, neste contexto, poderiam significar condutas suicidas. Os dois tipos de atitudes seriam um apelo da criança. O comportamento de provocação seria mais claramente perceptível na criança vítima que foi institucionalizada. Entretanto, esta oposição se manifestaria mais freqüentemente de maneira passiva: pela inércia ou pelo mutismo.

Rouyer (1993) apontou que os distúrbios afetivos se expressariam como uma maior dificuldade em estabelecer vínculos afetivos autênticos, com capacidade diminuída para estabelecer novos vínculos. Apesar do sofrimento vivido, as crianças vítimas idealizam os pais, principalmente quando longe deles, e tanto mais quanto mais decepcionante for a nova realidade.

Deltaglia (1993) citou os distúrbios da afetividade que aparecem a longo termo na criança vítima: "incapacidade relacional, marginalidade, delinqüência, patologias mentais diversas etc." (p.484). O sentimento de ser diferente, desprezado e a vergonha de ser vítima da violência poderia levar a um ensimesmamento e uma perda total da confiança nos outros, o que, por sua vez, traria problemas na área relacional. Haveria também um

"prejuízo" na memória: as crianças vítimas ficariam obnubiladas pela constante presença de lembranças dolorosas, revivendo repetidamente as cenas traumáticas, o que poderia paralisar sua evolução e adaptação.

Fatout (1993), revisando alguns estudos sobre as conseqüências do abuso físico (cuja definição incluía tanto a violência física como a negligência), relatou incapacidades nas áreas neurológica, do desenvolvimento e psicológica. Como efeitos mais imediatos, apontou déficits nas áreas da confiança básica, da percepção do *self* ou identidade, e da felicidade geral da criança; e como efeitos a longo termo, o suicídio, a delinqüência juvenil e uma propensão para perpetuar o ciclo de abuso quando forem pais.

Gosset et al. (1996) indicaram, no recém nascido e na criança pequena, a ocorrência de atrasos no desenvolvimento psicomotor e distúrbios funcionais como a anorexia, o mericismo e os distúrbios do sono (insônia, pesadelos, sonolência excessiva). Na criança com mais idade, destacaram os distúrbios esfinterianos (enurese, encoprese), distúrbios de conduta (hiperatividade, agressividade, impulsividade, ou o contrário, apatia), manifestações psicossomáticas, distúrbios emocionais (ansiedade, depressão, auto-culpabilidade, baixa auto-estima, sentimentos de impotência e de frustração, inibição nos contatos). A longo termo, a violência física poderia estar na origem de distúrbios da ansiedade (pânico, fobias, ansiedade generalizada), de distúrbios da personalidade (personalidade anti-social e personalidade *borderline*), de fugas, de delinqüência, de condutas aditivas (abuso de álcool e drogas), tentativas de suicídio e até distúrbios psicóticos.

Resultados, advindos de estudos empíricos com grupo-controle, reiteraram o que foi relatado a respeito dos efeitos da violência física no desenvolvimento da criança e sobre os comportamentos mais comumente encontrados nas vítimas. Foram observados modelos inseguros de apego

(Cicchetti & Barnett, 1991); interações sociais perturbadas (Haskett & Kistner, 1991; Salzinger et al., 1991); tendência à depressão e baixa auto-estima (Gross & Keller, 1992); problemas socio-emocionais e acadêmicos difusos e severos, e inesperada força em medidas de comportamento adaptativo (Kurtz et al., 1993); comportamentos mais hostis e agressivos (Prino & Peyrot, 1994); presença de mais distúrbios no comportamento social (Feldman et al., 1995); escores mais elevados de distúrbios de conduta, de problemas sociais, de comportamentos delinquentes, de problemas de concentração, de introversão, e ajustamento escolar inferior (De Paúl & Arruabarrena, 1995); desvios precoces evidentes na compreensão do afeto negativo, imaturidade no controle cognitivo, eficácia social mais baixa e níveis altos de comportamento agressivo na escola (Rogosch, Cicchetti & Aber, 1995).

Na introdução do estudo de Rogosch, Cicchetti e Aber (1995, p.591-595), dados de trabalhos similares foram levantados, indicando resultados semelhantes para as crianças vítimas de violência física: que a violência perturba o curso do desenvolvimento normal e leva a desvios no funcionamento emocional e social da personalidade da criança; que estas crianças apresentam atitudes de agressão verbal e física ou de introversão, atitudes que podem ser também tanto agressivas quanto introvertidas (na mesma criança); níveis baixíssimos de competência social; dificuldades relativas ao êxito com pares durante as idades pré-escolar e escolar, como rejeição ou evitação ativa dos pares, respostas de raiva e agressão frente a gestos amigos de outras crianças, medo e vacilação entre comportamentos de conforto e de ataque; dificuldade de expressar, compreender emoções e comunicar verbalmente suas experiências internas, de reconhecer corretamente expressões faciais de emoção em adultos e crianças, e de identificar apropriadamente sentimentos nos outros.



Para finalizar este item, relato as dificuldades psicológicas e as dificuldades nas relações sociais apresentadas por Olavo. Aos oito anos, quando foi atendido pela primeira vez, mostrou-se uma criança insegura, ansiosa, assustada, calada. Durante a primeira hospitalização, mostrou-se mais alegre, expansivo e afetivo, mas com grande dificuldade de se adaptar a ambientes novos. Não conseguia verbalizar sobre a violência sofrida. Apresentava atraso no desenvolvimento psicomotor (andou somente aos três anos e falou com cinco anos), dificuldades de fala (por falta de dentes, de parte da língua e do palato) e de aprendizagem. Com 10 anos, quando ficou sob a guarda de uma tia, falou pela primeira vez das violências que sua mãe lhe infligia; portanto, seu silêncio era devido ao medo. Com a tia, mostrou rebeldia e carência de afeto, em casa e na escola. Apresentava um auto-imagem depreciativa. Nessa ocasião, voltou para a família e mostrou-se bastante regredido, com emoções reprimidas, tímido, amedrontado, totalmente submisso, negando as violências.

Somente dois meses antes de completar 12 anos, Olavo foi retirado de casa e abrigado numa instituição. Nesta, passou de um comportamento tímido e receoso, no início, para uma atitude de maior extroversão, conseguindo se defender e também agredir outras crianças. Teve relacionamento regular com crianças de sua idade ou mais velhas (às vezes as provocava e as colocava uma contra a outra, gerando conflitos e discussões que pareciam lhe dar prazer; ou, então, lhes mostrava seus machucados, impressionando-as), e batia nas pequenas. Participava das atividades com interesse, tendo apresentado, entretanto, momentos de isolamento e depressão. Continuou sensível e amedrontado. Recolheu um musgo no jardim e um inseto, dos quais cuidou com afincio e carinho. Não falava espontaneamente de sua história. Apresentava vocabulário pobre para sua idade.

Em uma avaliação psicológica, demonstrou baixa auto-estima e muita preocupação em melhorar a imagem de seu corpo. Era temeroso no contato com as pessoas, embora solicitasse atenção. Sua postura geral ainda era de retraimento, inibição, insegurança e ansiedade. Nas atividades lúdicas, tinha dificuldade de elaboração; mantinha-se distante, no início, passando a uma participação tímida e superficial. Chegou a demonstrar sentimentos de ódio e de angústia em relação à figura materna; internalizou uma figura paterna frágil e omissa. Sua auto-imagem, expressa em desenhos, era a de um menino totalmente mutilado. Sentia-se rejeitado, não amado, e punido (por estar em uma instituição).

A psicoterapia se iniciou quando ele estava com 13 anos e 4 meses. Na fase inicial de seu tratamento, mostrou muitos comportamentos agressivos e provocativos na instituição a ponto de ser agredido na primeira e na segunda, sendo que estes comportamentos diminuíram paulatinamente quando já estava na terceira instituição, onde reside até hoje, tendo sido adotado pelo casal que a dirige. O trabalho psicoterapêutico centrou-se na construção paulatina de um vínculo de confiança, proporcionando a Olavo auto-conhecimento e um fortalecimento progressivo do *eu*. Pouco a pouco, ele começou a expressar seus sentimentos por meio das palavras e do corpo, com atitudes tanto agressivas e impulsivas quanto de solicitação voraz de afeto e atenção. Passou de uma postura extremamente defensiva e temerosa, com inibição, para um contato mais direto, com expressão de emoções e expectativas, medos e anseios.

O conteúdo de sua expressão verbal, gráfica e lúdica era pouco elaborado e foi se tornando mais elaborado a partir do momento em que começou a representar tudo o que havia lhe ocorrido em família, bem como sentimentos de ódio, por meio dos brinquedos (principalmente os bonecos da família); com as massas de modelar, iniciou espontaneamente um trabalho de reconstrução de seu próprio corpo, que ia apresentando formas

mais harmônicas à medida que os tratamentos médico, cirúrgico e psicológico iam avançando e mostrando-lhe resultados. Apreciava jogos de combate, dominó, dama, entre outros, se preocupando no início somente em ganhar e "roubar" para garanti-lo. A necessidade de roubar para ganhar, após seis meses de psicoterapia, foi substituída pelo próprio prazer do jogo, no qual, mais seguro, aceitava perder sem desestruturar-se. Deixou de brincar com os bonecos e passou a relatar sua história, trabalhando diretamente com tudo que lhe dizia respeito, seus sentimentos, temores, suas dúvidas e angústias.

Seus sentimentos com relação à família, principalmente à mãe, eram muito ambivalentes, oscilando do ódio, do horror e da tristeza, para uma idealização dos pais e sentimento de culpa pelo que lhes ocorreu, às vezes verbalizando querer salvá-los e perdoá-los. Outras vezes, se mostrava profundamente deprimido. Indicou ter uma compreensão muito amadurecida da problemática de seus pais, como pessoas e como casal, bem como do papel que tinha na dinâmica familiar. Sentia-se culpado pela condenação da mãe e responsável pela situação dos irmãos, pois não confiava no pai. Empreendeu algumas fugas para encontrá-los e "ajudá-los", mesmo depois da saída da mãe da prisão e de sua adoção.

#### **4. ALGUNS ESTUDOS SOBRE O BRINCAR DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA**

Rouyer e Drouet (1986) não realizaram um estudo específico sobre o brincar de crianças vítimas, mas relataram algumas observações a respeito de atendimentos. As autoras perceberam que se a criança vítima não se encontra em um estado de "sideração" e de falta de ação, ela consegue exprimir e liberar pulsões violentas que não foram integradas. Neste contexto, bonecas seriam açoitadas, espancadas, abandonadas. Quando, por exemplo, o médico na brincadeira se transforma de sádico em

reparador, isto significaria, segundo elas, uma evolução da criança que teria se tornado capaz de integrar a solicitude da qual ela seria então objeto. Observaram também que algumas crianças vítimas eram incapazes de brincar, destruindo o material proposto.

Kempe (1976), num estudo comparativo, encontrou nas crianças fisicamente abusadas falta de interesse, de prazer e de habilidade para brincar, sendo que elas não pareciam capazes de organizar o brincar como uma atividade planejada ou estruturada, freqüentemente antecipando seu fracasso, além de não envolverem um adulto no seu brincar, como em geral faziam seus pares (não abusados).

Watkins e Bradbard (1984) utilizaram sessões de jogo sociodramático para determinar se crianças, em idade pré-escolar, que sofreram abusos de vários tipos<sup>40</sup>, quando comparadas com crianças não-abusadas, eram menos propensas a exibir comportamentos apropriados de dar cuidado<sup>41</sup> a um par mais jovem ou a uma boneca, e para ver se a manifestação de comportamentos de cuidado seguia uma seqüência de desenvolvimento. Seus resultados revelaram não ter havido diferenças significativas entre as crianças abusadas e as não-abusadas nos comportamentos de dar cuidado. Embora as descobertas sejam limitadas pelo fato das amostras terem sido pequenas, o estudo mostrou que os pré-escolares de classe baixa, abusados e não-abusados, foram mais parecidos do que diferentes em seus comportamentos de dar cuidados no brincar.

Howard (1986) comparou a idade de desenvolvimento do brincar de dois grupos de crianças, entre um e cinco anos de idade, abusadas fisicamente e não abusadas. Segundo a autora, "as crianças fisicamente

<sup>40</sup> Os estudos de língua inglesa apresentam a expressão *child abuse and neglect* para se referirem a crianças que sofreram abuso ou violência física e negligência ou violências em geral; quando tratam de abuso sexual usam a expressão *sexual abuse* e quando tratam especificamente da violência ou do abuso físico usam a expressão *physical abuse*.

<sup>41</sup> Amamentar, tratar, manipular, colocar na cama ou no carrinho, compartilhar, reforçar, punir, ocupar-se com o brinquedo associativo.



abusadas apresentaram uma idade de desenvolvimento do brincar mais rebaixada em comparação às suas idades cronológicas, do que as crianças não abusadas<sup>42</sup> (p.693), principalmente quanto à imitação e à participação.

Howard apontou que suas descobertas estavam de acordo com aquelas de Jacobson e Straker<sup>42</sup> (apud Howard, 1986, p.694), os quais constataram que crianças abusadas interagem de forma menos imaginativa no brincar do que crianças não abusadas. Eles também observaram que as crianças abusadas são menos interativas socialmente, o que esta pesquisadora relacionou com a idade de brincar rebaixada encontrada na subseção participação (tipo de interação social, cooperação e linguagem).

Howard observou, igualmente no brincar, tanto comportamentos violentos como apáticos (de ausência) em oito das crianças fisicamente abusadas e em somente três das crianças não abusadas, o que foi de encontro às descobertas de Jones e de Mirandy.

Jones<sup>43</sup> (apud Howard, 1986, p.692) verificou que os pré-escolares fisicamente abusados tendem a desenvolver um dos dois padrões de comportamentos distintos: (a) apático ou ausente com um método passivo de imitação, ou (b) negativo e agressivo com um método de ação orientada de imitação. Mirandy<sup>44</sup> (apud Howard, 1986, p.692) também se referiu a esses extremos como padrões de comportamento de crianças pré-escolares abusadas e notou que a maioria delas carecia de habilidades básicas para brincar. Howard citou outros trabalhos nos quais foram constatados mais comportamentos agressivos durante o brincar de crianças que sofreram abuso físico e/ou baixa tolerância à frustração.

<sup>42</sup> Jacobson, R. S.; Straker, G. Peer group interaction of physically abused children. *Child Abuse & Neglect*, v.6, p.321-327, 1982.

<sup>43</sup> Jones, C. O. Characteristics and needs of abused and neglect children. In: Faller, C. K., ed. *Social Work with abused and neglect children: A manual of interdisciplinary practice*. New York, Free Press, 1981. p.79-83.

<sup>44</sup> Mirandy, J. Preschool for abused children. In: Martin, H. P., ed. *The abused children: A multidisciplinary approach to developmental issues and treatment*. Cambridge, Ballinger, 1976. p.215-224.

Fagot et al. (1989) pesquisaram os comportamentos de brincar de três grupos de crianças pré-escolares, de ambos os sexos (sexualmente abusadas, fisicamente abusadas e negligenciadas, e um grupo-controle). Seus resultados mostraram que as crianças fisicamente abusadas e negligenciadas foram mais anti-sociais, desorganizadas, agressivas, e também passivas. As sexualmente abusadas foram relativamente tranquilas e engajaram-se em atividades mais tipicamente femininas. A interação entre os pares nos dois grupos de crianças abusadas foi significativamente menos positiva do que no grupo-controle.

Harper (1991), investigando a brincadeira de crianças fisicamente abusadas, sexualmente abusadas, que sofreram ambos os tipos de violência, e crianças não-vítimas, constatou que as que sofreram violência física apresentaram universos representacionais e de fantasia contendo considerável agressão e desorganização, cujos temas diziam respeito aos conflitos, ao caos, bem como à realização de desejos.

Alessandri (1991) realizou um estudo sobre o comportamento de brincar e de não-brincar em crianças pré-escolares vítimas de violência emocional, sexual, física e negligência (sendo que 65% delas haviam experienciado mais de uma forma de violência) e crianças não-vítimas. Não encontrou diferenças entre os dois grupos quanto à habilidade cognitiva e de linguagem. Entretanto, as crianças vítimas, em comparação com as que não sofreram violência, se engajaram menos no brincar geral e muito mais no brincar funcional e sensório-motor. As crianças vítimas também apresentaram mais comportamentos de agressão, foram menos competentes que seus pares e foram percebidas por seus professores como mais perturbadas emocionalmente.

White e Allers (1994) realizaram uma revisão muito rica da literatura sobre a terapia do brincar com crianças abusadas de várias orientações teóricas (comportamental, psicodinâmica, cognitiva, do desenvolvimento e

sistêmica). Segundo eles, tais pesquisas contribuíram para identificar sete comportamentos característicos exibidos por crianças abusadas durante o brincar: imaturidade no desenvolvimento, oposição e agressão, introversão e passividade, auto-desaprovação e auto-destruição, hipervigilância, sexualidade e dissociação.

Quanto à *imaturidade no desenvolvimento*, os estudos indicaram que atrasos cognitivos e de linguagem de crianças abusadas e negligenciadas prejudicaram o desenvolvimento do brincar e da maturação normal. No tocante aos comportamentos de *oposição e agressão*, notaram comportamento agressivo e de oposição ou passivo-agressivo em suas brincadeiras e interações sociais. No que concerne à *introversão* e à *passividade*, destacaram a observação de um tipo de criança abusada e negligenciada que teria aprendido a introversão como recurso defensivo frente a situações novas ou desgastantes (o isolamento e a passividade como auto-defesa); foram apontados também comportamentos no brincar de evitação, medo e introversão, desatenção e falta de cooperação com os adultos (White & Allers, 1994).

Comportamentos de *auto-desaprovação* e de *auto-destruição* foram encontrados também no brincar das crianças abusadas, por exemplo, "...usar os materiais de brinquedo para infligir danos a si mesma" (White & Allers, 1994, p.391). Para estes autores, os comportamentos auto-destrutivos da criança no brincar se distinguem do brincar de oposição e agressivo, pois a raiva demonstrada pela criança auto-depreciativa seria em geral enfocada interiormente. A *hipervigilância* ou o comportamento de vigilância e de precaução elevada com relação ao ambiente também foi presenciada como impedindo a criança abusada de explorar ou brincar. A hipervigilância não foi identificada como uma característica de crianças negligenciadas. Os comportamentos *sexualizados* ou sexuais durante o brincar (como, por exemplo, masturbação aberta, curiosidade sexual

excessiva, cenas de abuso sexual, entre outros) foram relacionados nas pesquisas revisadas por White e Allers às crianças abusadas sexualmente, isto é, não foram vistos como característicos do brincar de crianças fisicamente abusadas, nem de crianças negligenciadas.

White e Allers (1994) afirmaram que a *dissociação*, como um processo complexo de alteração de uma experiência consciente individual, tem sido mais largamente investigada na população adulta e que os estudos desta manifestação psicológica e o brincar em crianças abusadas são insuficientes. Entretanto, eles observaram que a dissociação (como uma ausência do ambiente imediato, falta de reação à estimulação externa, como um estado de sonho) emerge no brincar de crianças abusadas como um fenômeno digno de nota. Segundo disseram, ela foi descrita nas pesquisas levantadas como expressão de crianças sexualmente abusadas. Embora a dissociação não tenha sido documentada nem discutida na literatura sobre abuso físico e negligência, os autores indicaram que as crianças fisicamente abusadas e as negligenciadas poderiam também apresentá-la durante o brincar.

White e Allers (1994) realizaram igualmente uma revisão dos temas de brincar de crianças abusadas apresentados pela literatura. Segundo eles, há dois temas que aparecem de modo recorrente: (1) brincar literal e não imaginativo e (2) repetição e compulsão.

Sobre o primeiro tema<sup>45</sup>, citaram vários estudos que indicaram crianças abusadas e negligenciadas cujo brincar era muito menos criativo, imaginativo ou elaborado do que o de crianças não abusadas; crianças vítimas que não tinham capacidade para brincar livremente, rir e divertir-se de forma desinibida; crianças abusadas que passavam de um brinquedo a

---

<sup>45</sup> "Um exemplo de brincar literal e não-imaginativo é a criança que limpa o chão, lava os pratos e as roupas de brinquedo, arruma cuidadosamente os brinquedos espalhados, e quando espera silenciosamente seu pai ou sua mãe chegar" (White & Allers, 1994, p.392).



outro por puro acaso, impulsivamente, sem habilidade para explorar seu ambiente de maneira confortável e espontânea. O brincar literal e não-imaginativo poderia ser um reflexo da identificação parental e de um estilo de vida pseudo-adulto que estas crianças freqüentemente desenvolvem para sobreviver em lares caóticos e abusivos (McFadden<sup>46</sup>, apud White & Allers, 1994, p.392).

Com relação à compulsão e à repetição no brincar, segundo tema encontrado<sup>47</sup>, o estudo de Terr<sup>48</sup> (apud White & Allers, 1994, p.392) verificou que crianças fisicamente ou sexualmente abusadas poderiam apresentar um conjunto rígido de comportamentos de brincar, representando o trauma vivido de modo repetido e inconsciente. Este tipo de brincar cessava somente se os pais ou o professor as mandavam parar ou ir embora, ou ainda se alcançassem uma compreensão emocional que conectasse o brincar com o trauma original. White e Allers afirmaram que este tema não foi identificado como característico nas crianças que vivenciaram somente a negligência.

O estudo de Warren, Oppenheim e Emde (1996) examinou a relação entre os temas e as emoções expressas no brincar com problemas de comportamento de crianças em idade pré-escolar. Os pesquisadores constataram uma correlação entre os temas do brincar e os problemas de comportamento externalizados, conforme a avaliação de pais e professores; crianças que apresentaram mais angústia e temas destrutivos durante o brincar foram aquelas avaliadas como tendo mais problemas de comportamento externalizados.

<sup>46</sup> Mc Fadden, E. J. Helping the abused children through play. In: The Association for Childwood Education, International's, ed. *Play: Working partner of growth*. Wheaton, Author, 1986, p.73-79.

<sup>47</sup> "Um exemplo de tema de brincar compulsivo e repetitivo é a criança fisicamente abusada que a cada dia na entrada da sala de brinquedo, checa todas as portas e janelas e grita 'Fora! Fora!' antes de brincar com outros brinquedos e jogos" (White & Allers, 1992, apud idem, p.392).

<sup>48</sup> Terr, L. C. Forbidden games: Post-traumatic child's play. *Journal of American Academy of Child Psychiatry*, v.20, p.741-760, 1981.

O estudo de Fantuzzo et al. (1996) teve o objetivo de avaliar diferenças entre o brincar social de crianças pré-escolares vítimas de abuso físico e negligência e o de crianças não-vítimas, bem como a eficácia de um tratamento (RTP ou *resilient peer treatment*) para vítimas destes tipos de abuso, socialmente introvertidas. A constatação que interessa-me indicar é a de que, antes do tratamento, as crianças vítimas mostraram-se significativamente mais isoladas e menos interativas no brincar em pares do que as crianças não-vítimas.

Zinni (1997) realizou uma comparação do comportamento na caixa de areia (*sand play*) e fotografias de quadros com dois grupos: um de crianças que experimentaram precocemente abuso sexual, físico ou emocional e outro, controle. Resultaram diferenças significativas entre os dois grupos no que concerne ao conteúdo, ao tema e à abordagem da caixa de areia, bem como na técnica das fotografias: as crianças vítimas de abuso apresentaram baixa competência, dificuldades para ficar dentro do limite da caixa, tendo mostrado um brincar mais regredido e quadros mais desorganizados.

O único estudo de orientação psicanalítica encontrado, na área do brincar de crianças vítimas, foi o de Purcell (1996). Na verdade, trata-se de um estudo teórico com um exemplo clínico. O autor sublinhou a importância da fase do brincar grandioso, descrita por Kohut, nos padrões multigeracionais de abuso e negligência infantil; descreveu como as famílias com esta problemática são organizadas, o estado emocional da criança neste tipo de organização familiar, e as fases da terapia do brincar desenvolvida com crianças destas famílias, baseada na psicanálise.

Embora cada um dos estudos apresentados tenha focado um ou mais aspectos do brincar de crianças vítimas, pode-se dizer que foram unânimes na constatação de que estas crianças expressam no brincar temas relacionados à vivência da violência e que, enquanto brincam, apresentam

comportamentos e atitudes correspondentes àqueles que são tipicamente considerados como conseqüências da violência física.

Para encerrar este capítulo, apresento uma amostra do panorama dos estudos na área, que reitera a relevância deste estudo sobre o brincar de crianças vítimas, utilizando uma leitura psicanalítica, dado que este tipo de trabalho parece ser o que tem menor representação no universo dos estudos sobre o brincar e a violência contra crianças.

Para ter uma idéia desta realidade, utilizei a base de dados PsycLIT. Este levantamento abrangeu o período de 1996 até o final de 1998<sup>49</sup>. Foram encontrados 400 títulos somando os estudos sobre o brincar de crianças e aqueles a respeito do brincar de crianças vítimas de violência. À primeira vista, percebi que o número de estudos sobre o brincar de crianças vítimas de violência física era muito pequeno, e que também eram poucos os trabalhos na abordagem psicanalítica. Para confirmar esta percepção, organizei-os estatisticamente.

Segue a síntese dos resultados:

- quanto ao tipo do trabalho e do estudo, os artigos foram maioria (78,25%), seguidos pelos capítulos de livros (16,25%) e, por último, os livros (5,5%); **os estudos empíricos prevaleceram (73%)** sobre os técnicos (19,75%) e os teóricos (7,25%);
- no que concerne à abordagem, **apenas 3,5% dos estudos eram de abordagem psicanalítica** (sendo que, destes, 28,6% utilizando os conceitos de Winnicott, unicamente ou cruzando-os com conceitos de outros autores); do restante, 95,5% eram de outras abordagens da psicologia, e 1% de fora da psicologia (terapia ocupacional, musicoterapia e antropologia);

<sup>49</sup> No levantamento, a grande maioria dos estudos indicados (93,75%) era de 1996 a 1998, mas também apareceram alguns estudos de 1995, 1994, 1989, 1987, 1985 e 1984.

- no tocante aos temas, apareceram 81,25% dos estudos sobre o brincar em geral (dos quais, 90,5% sobre o brincar, 8,9% sobre o faz-de-conta, brincar simbólico ou imaginativo; e 0,6% sobre o jogo); 13,5% dos estudos sobre violência contra criança e adolescente (38,9% sobre violência sexual, 35,2% de violência em geral; 18,5% sobre violência física, 5,6% sobre violência física e negligência; e 1,8% sobre violência física e sexual); e, finalmente, **apenas 5,25% dos estudos sobre o brincar de crianças vítimas de violência doméstica** (dos quais, 66,7% sobre o brincar de crianças vítimas de violência sexual; 14,29% sobre o brincar de crianças vítimas de violência em geral; 9,52% sobre o brincar de crianças vítimas da síndrome de Munchausen por procuração; e **9,52% sobre o brincar de crianças vítimas de violência física – destes, a metade de violência física + negligência, e a outra metade de violência física<sup>50</sup>**);
- com respeito aos sujeitos (neste caso, dos estudos empíricos e técnicos), **em 78,4% eram crianças**, em 6,5% crianças e adolescentes, em 0,54% somente adolescentes, em 0,54% seres humanos e animais, e 14,1% envolviam outros sujeitos (por ordem de maior ocorrência, profissionais, interação mãe-criança, famílias, pais, agressores, adultos, clero);
- no que se refere à faixa etária das crianças, encontrei 52,2% de estudos com pré-escolares (de 0 a 71 meses ou 5 anos e 11 meses), **20,3% com pré-escolares e escolares**, e 16,5% com escolares (de 6 a 11 anos e 11 meses, às vezes 12 anos completos); 29,5% dos estudos não trabalharam especificamente com uma destas faixas etárias e sim com crianças em geral;

<sup>50</sup> Em número bruto, isto significou apenas um (1) estudo encontrado sobre o brincar de crianças vítimas de violência física doméstica.



- um pouco mais da metade dos estudos (51,3%) versava sobre crianças em situações especiais, com dificuldades, **traumas**, distúrbios ou doenças<sup>51</sup>, enquanto o restante (48,7%) sobre crianças normais;
- e, para finalizar, quanto à nacionalidade dos estudos, 67,25% eram dos Estados Unidos; 6,25% da Inglaterra; 4,5% do Canadá; 3,5% da Austrália; 2% da França; Israel e Itália empataram com 1,75%; 1,25% do Japão, Alemanha, **Brasil** e Noruega também empataram com 1% cada um; Coréia, Espanha, Holanda e Suíça com 0,75%; Finlândia com 0,5%; e África do Sul, Bélgica, Singapura, Escócia, Índia, Rússia, "Santa Helena", Suécia e Taiwan com 0,25%; nos 3% restantes dos resumos não havia indicação do país, embora tenham sido apresentados em inglês.

Nos estudos sobre o brincar de crianças vítimas em outras abordagens da psicologia que se distinguem da psicanálise, não encontrei nenhum que pudesse ser comparado ao que desenvolvo neste trabalho.

Os estudos psicanalíticos encontrados versavam sobre aspectos observados no brincar de crianças em análise, trabalhando sempre com

<sup>51</sup> Crianças com: necessidades especiais; dificuldades intelectuais; atraso cognitivo; atraso de linguagem; déficit generalizado de memória; problemas de comportamento; comportamento severamente perturbado; conflitos; ansiedade; problemas emocionais diversos; trauma emocional; Inibição para se relacionar; dificuldades de relacionamento; desordens do apego; medos e fobias; que nasceram prematuras; gêmeas; adotadas; resistentes; agressivas; psicologicamente desintegradas; marginalizadas; neuróticas; perfeccionistas; expostas à drogas; cujos pais são divorciados; cujas mães são mulheres espancadas; cujas mães são deprimidas; cujos pais morreram na guerra; cujos pais são alcoólatras; cujos pais são drogaditos; que foram expostas no útero à cocaína; que foram expostas no útero a opiáceos; cujos pais estão presos; cujos pais morreram de AIDS; sobreviventes de desastres naturais; com distúrbio pós-traumático; risco de desordens psiquiátricas; distúrbio deficitário de atenção com hiperatividade; depressão; psicóticas; com personalidade narcísica; síndrome psiquiátrica; autismo; retardo mental; distúrbios motores; síndrome de Down; **vítimas de abuso dos diversos tipos**; portadoras do vírus HIV; com déficit de atenção e com surdez; déficit de visão e com cegueira; mutismo seletivo; deficiências físicas diversas; deficiências múltiplas profundas; câncer; hipotonia cerebral; sob tratamento dentário invasivo; sob tratamento com cortisona; com riscos de futuros problemas por múltiplas transições; em famílias de acolhimento ou de apoio.

poucas crianças, na maioria deles com uma criança, em geral, no período de latência (Gotthold, 1996; Sidoli, 1996; Fascher, 1997; Hauge, 1997; Turbiaux, 1997; Krimendahl, 1998; Meschiany & Krontal, 1998, este último sem caso clínico). O único que fazia referência à criança vítima de abuso era o estudo de Purcell, 1996 (já comentado).

Os trabalhos, nos quais utilizou-se conceitos de Winnicott (de objeto e espaço transicional) no estudo do brincar de crianças, foram os de Bonaminio e Di-Renzo (1996) e de Ebert (1998), apresentando vinhetas clínicas; e de Holgersen (1998) e de Turkel (1998) que empreenderam reflexões teóricas.

### III

## METODOLOGIA

### 1. OBJETIVOS

Com base nas indagações iniciais, os objetivos do presente estudo foram os seguintes:

- observar se crianças em idade pré-escolar e escolar (1) vítimas de violência física doméstica e acolhidas em instituição, (2) não-vítimas deste tipo de violência e acolhidas em instituição, e (3) não-vítimas de qualquer modalidade de violência que vivem com suas famílias, brincam em grupo com os bonecos da família e blocos de madeira;
- compreender de que forma brincam, utilizam os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar;
- observar seus comportamentos, suas atitudes e as relações que estabelecem durante o brincar;
- levantar os temas surgidos no brincar, analisar seus conteúdos, relacionando-os a alguns conceitos winnicottianos e contextualizando-os segundo o histórico de cada criança;
- verificar as possíveis relações entre a violência física sofrida, a maneira de brincar e os conteúdos expressos nesta atividade; e
- comparar os resultados das crianças vítimas com aqueles das crianças não-vítimas.

Trata-se de um estudo essencialmente qualitativo, de observação e análise de um fenômeno específico: o brincar das crianças referidas, em idade pré-escolar e escolar. Assim, os instrumentos utilizados variaram conforme a etapa do trabalho.

## 2. SUJEITOS

Doze crianças, com idades entre quatro anos e sete meses e seis anos e onze meses, de ambos os sexos, participaram deste estudo, formando três grupos distintos:

- **grupo 1** = quatro crianças vítimas de violência física doméstica, acolhidas em instituição;
- **grupo 2** = quatro crianças não-vítimas desta modalidade de violência, acolhidas em instituição;
- **grupo 3** = quatro crianças não-vítimas de violência que vivem com suas famílias.

Para compor os grupos de crianças, utilizei os seguintes critérios de seleção:

1º) quanto à faixa etária, as crianças deveriam ter, no mínimo, quatro anos e seis meses e, no máximo, sete anos de idade;

2º) no tocante ao tempo de abrigamento, procuraria selecionar crianças, vítimas de violência física doméstica (grupo 1) e não-vítimas mas abandonadas (grupo 2), com um tempo mínimo de um mês de institucionalização e com um tempo máximo que fosse o menor possível, cada um destes grupos em uma mesma instituição;



3º) no que concerne à violência física doméstica, para fazer parte do grupo 1, a criança deveria ter sofrido este tipo de violência durante um período de sua vida e com intensidade tal que lhe tivesse deixado marcas físicas visíveis; para integrar o grupo 2, a criança não deveria ter sofrido este tipo de violência (embora possa ter apanhado alguma vez, mas com intensidade branda, sem marcas no corpo, e não de modo sistemático), sendo que o abandono deveria ser a razão de seu acolhimento em instituição; para integrar o grupo 3, a criança não deveria ter sido vítima de nenhuma das modalidades de violência (embora também possa ter apanhado alguma vez, mas com intensidade branda e não de modo sistemático);

4º) com respeito às crianças vítimas de violência física doméstica, o grau desta violência deveria ter sido descrito por profissionais que atenderam ou examinaram a criança, seja no primeiro serviço que a atendeu (por exemplo, por assistente social ou psicólogo de um centro de referência ou de uma Vara de Infância e Juventude), seja no hospital (por profissionais médicos ou paramédicos), seja no Instituto Médico-Legal (exame de corpo de delito realizado por médicos legistas), e variar entre leve e grave;

5º) quanto ao nível socioeconômico, para as crianças do grupo 1, não havia exigência *a priori* quanto à faixa socioeconômica<sup>1</sup>; as do grupo 2 deveriam pertencer a uma faixa socioeconômica menos favorecida (ou a segmentos populacionais de baixa renda); e as do grupo 3 deveriam pertencer a uma faixa socioeconômica mais favorecida (ou a segmentos populacionais de renda média ou média-alta).

A opção por estudar crianças na faixa etária indicada, que corresponde às etapas pré-escolar e escolar, respondeu à necessidade de ampliar a

<sup>1</sup> Embora, por experiência, tivesse a íntima convicção de que as crianças vítimas que eu iria encontrar institucionalizadas seriam aquelas das classes menos favorecidas economicamente, porque à elas se tem mais acesso (vizinhos, polícia) e são elas que utilizam os serviços da rede pública (municipais e estaduais), os quais formam, nestes casos, uma rede mais articulada (de notificação, atendimento e seguimento) com a Justiça da Infância e da Juventude.

abrangência da pesquisa às etapas mais investigadas pela literatura, o que facilitaria a compreensão e a contextualização dos dados em relação às referidas etapas do desenvolvimento infantil, bem como o cotejo dos mesmos com aqueles da literatura específica.

Como indiquei na introdução, a escolha de realizar a pesquisa com crianças vítimas de violência física doméstica abrigadas em instituição deveu-se a imposições da realidade. Primeiramente, porque não era possível realizar este gênero de pesquisa durante os atendimentos na Vara da Infância e Juventude, visto que neste contexto as crianças são "objeto" de uma intervenção da Justiça, visando sua proteção, e seus processos estão protegidos pelo *segredo de justiça*. Por essa razão, no ambiente da Vara não há permissão para realizar uma pesquisa desta envergadura, reunindo as crianças em grupo e filmando-as, como pôde ser feito na instituição e em casa. E, mesmo se houvesse a devida permissão, a Vara Central da Infância e da Juventude não havia se revelado um ambiente adequado à pesquisa, como expliquei no capítulo I.

Em segundo lugar, mesmo que tivesse havido permissão e ambiente adequado para a realização da pesquisa na VCIJ, eu antevia uma série de dificuldades e de obstáculos para reunir este número de crianças na Vara. As famílias abusivas em geral se caracterizam pela falta de ordem, ou falta de respeito à ordem e aos limites. Teria sido necessário convocá-las e aguardar que cumprissem uma série de regras, o que provavelmente seria difícil. Neste sentido, o fato das crianças estarem acolhidas – e cada grupo em uma mesma instituição – facilitou-me o acesso a elas, em grupo, e o cumprimento do enquadre pré-estabelecido.

O motivo de ter querido encontrá-las numa mesma instituição, para cada grupo, respondeu à preocupação, em primeiro lugar, de que elas compartilhassem um mesmo ambiente, com o mesmo tipo de regras, organização, pessoal etc. e, também, que já se conhecessem. Em segundo

lugar, este critério viabilizaria a realização da pesquisa com grupo de crianças, já que, se estivessem em instituições diferentes teria sido impossível transportá-las para um local comum, porque não há autorização judicial nem institucional para isto e tal deslocamento certamente implicaria em uma série de responsabilidades e riscos.

Além disso, acredito que o acolhimento em instituição possa ser uma variável significativa, pouco estudada, que muito provavelmente influencia o comportamento da criança. Por isso, as crianças selecionadas deveriam ter, se possível, um tempo próximo de permanência na instituição e pertencer ao mesmo ambiente institucional.

A escolha de realizar a pesquisa com grupos de crianças atendeu ao objetivo de captar dados referentes à capacidade de estabelecer relações durante o brincar, à forma e à qualidade das mesmas.

No que se refere ao terceiro critério, foi necessário estabelecer uma relação entre grau e frequência da violência. Considerando que a definição de violência comporta a idéia de que toda a ação física que cause dor na criança pode ser considerada violência, e que, infelizmente, nossa sociedade ainda admite o uso de castigos físicos moderados na educação de crianças, posso arriscar dizer que toda, ou quase toda, criança deve ter vivido pelo menos um episódio de violência física em sua vida.

Portanto, para melhor caracterizar as crianças vítimas, estas seriam aquelas que sofreram violência física sistemática (como forma de correção, de castigo) de grau leve a grave, ou apenas um episódio de violência física considerado grave a ponto de ensejar uma intervenção na família, com medidas de proteção à criança. As crianças dos dois outros grupos, não-vítimas, seriam aquelas que não sofreram violência física conforme definido acima, mas que poderiam eventualmente ter apanhado de modo leve de um ou ambos os pais (ou responsável).

Em acréscimo (quarto critério), para ser considerada violência física, seria necessário uma comprovação técnica mediante relatório ou laudo com parecer de profissional habilitado para proceder à identificação deste tipo de violência, independentemente da instituição a que pertencesse (centro de referência, Vara de Infância e Juventude, hospital, ou outra). O ideal seria ter podido restringir este critério à exigência de comprovação por laudo de exame de corpo de delito (para lesão corporal), exame para o qual a criança deve ser encaminhada neste tipo de caso, pela autoridade policial ou pela autoridade judicial. Este exame é realizado por médicos peritos legistas no Instituto Médico-Legal (IML).

Todavia, não pude fazê-lo porque, infelizmente, os procedimentos em Varas de Infância e Juventude, como pode ser constatado no relato dos históricos das crianças (Anexo A), não têm na prática um rigor ou não seguem uma ordem que garanta que este exame seja realizado no tempo devido. Ele deve ser realizado tão logo a violência seja identificada, mesmo como suspeita, porque marcas do tipo equimose<sup>2</sup>, hematoma, arranhão, entre outras, são curadas e cicatrizam com o tempo, desaparecendo portanto a tão necessária prova material, na maioria das vezes fundamental para criminalizar o agressor.

Como crítica, e sugestão dela decorrente, deixo aqui consignada a constatação que fiz respeitante à insuficiência dos exames de corpo de delito a cujos resultados tive a oportunidade de ter acesso, não somente para este estudo, mas em todos os anos de meu trabalho na Vara. Os exames realizados no IML parecem superficiais, limitando-se a observar o observável. É mais que sabido, para quem tem conhecimento nesta área, que as conseqüências mais deletérias, do ponto de vista físico – com o devido respeito aos médicos porque sou psicóloga – correspondem a lesões ou traumas que não são visíveis a olho nu, como os hematomas subdurais,

<sup>2</sup> Equimoses, por exemplo, desaparecem no prazo de 2 a 4 semanas (Gosset et al., 1996).



as fraturas de várias localizações e consolidadas sem tratamento, rupturas de órgãos internos, tão comumente encontradas nestes casos, entre outros.

Para um diagnóstico competente no plano físico, creio que o primeiro exame corporal da vítima deveria no mínimo comportar, além da observação, uma radiografia completa do esqueleto, uma tomografia cerebral (ou similar), uma ultra-sonografia da região abdominal, exames oftalmológicos (conheci casos de cegueira e de catarata em virtude de traumatismo ocular), além de outros da moderna medicina. Se, para tanto, isto só seria realizável em estrutura hospitalar, então o IML, para estes casos, deveria instalar-se ou funcionar em um hospital especializado, com recursos mínimos para realizar uma avaliação deste porte e de importância vital para a criança. Outrossim, os laudos deveriam ser datilografados ou digitados, porque, não bastasse a limitação referente aos dados, alguns são ilegíveis até para os próprios colegas médicos.

O último critério, concernente ao nível socioeconômico, diferenciaria *a priori* as crianças do grupo 2 [controle] (não-vítimas na instituição) daquelas do grupo 3 [controle] (não-vítimas na família), tomando este último mais próximo de condições socioeconômicas adequadas de vida e, portanto, com mais características de "controle" neste nível.

### 3. CAMPO DE TRABALHO

A coleta de dados foi realizada em três locais diferentes: os dados das crianças vítimas foram coletados no Lar da Criança Menino Jesus (LCMJ), no qual encontravam-se abrigadas; os dados das crianças não-vítimas institucionalizadas foram coletados na Unidade de Acolhimento e Encaminhamento (UAE-1) Sampaio Viana da FEBEM<sup>3</sup>; e os dados das

<sup>3</sup> FEBEM: Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor.

crianças não-vítimas vivendo com a família foram observados no apartamento de uma das crianças que compunha este grupo.

### **3.1. Lar da Criança Menino Jesus**

Esta instituição foi fundada em 1968 e legalizada em 1972. É dirigida por uma das fundadoras, D. Guiomar Morselli (há um grupo de diretores, mas é ela quem dirige mais diretamente o trabalho no Lar). Atualmente, tem 168 crianças e adolescentes, de zero a 14 anos, de ambos os sexos. No Lar, trabalham, atualmente, 43 pessoas, entre elas, uma psicóloga, uma pedagoga e voluntários de diferentes áreas.

O prédio da instituição está situado há 30 anos no bairro de Santana, na cidade de São Paulo. Foi construído especialmente para abrigar crianças. Os quartos são organizados por alas e berçários de acordo com a faixa etária das crianças. São oito alas e cada uma delas têm 17 crianças com mais de três anos. Há dois berçários para crianças abaixo dos três anos de idade. Esta instituição não aceita visitas dos pais às crianças; estas visitas são realizadas, sob acompanhamento, no Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CERCA) ou nas Varas da Infância e da Juventude (VIJs).

### **3.2. Unidade de Abrigo e Encaminhamento 1 da FEBEM**

Foi uma unidade de abrigo e encaminhamento, desativada em dezembro de 1997, e sua história vale à pena ser revisitada em breves linhas. Estava ligada à Roda dos Expostos (cuja finalidade era recolher anonimamente as crianças enjeitadas) criada na época da Colônia. A Roda durou quase um século e meio e neste período foi "praticamente a única instituição de assistência à criança abandonada em todo o Brasil" (Marcilio, 1997, p.51). As Rodas foram instaladas junto às Santas Casas de

Misericórdia, primeiramente em Salvador, Rio de Janeiro e Recife. A de São Paulo foi criada em 1825 também na Santa Casa de Misericórdia e sobreviveu até a década de 1950 (Marcílio, 1997).

Em 1895, na fase assistencialista filantrópica, foi criada a Casa dos Expostos<sup>4</sup> devido ao aumento do número de crianças atendidas pela Roda e à deficiência de amas-de-leite pagas para alimentá-las. Esta Casa começou a funcionar no local da UAE-1, que na época era uma chácara chamada Wanderlei.

O edifício onde funcionava foi construído no período de 1895 a 1897<sup>5</sup> e até a atualidade chegou a atingir uma grande área construída (12.000 m<sup>2</sup>) com prédios muito antigos (alguns de mais de um século), em um enorme terreno (46.000 m<sup>2</sup>) localizado no bairro Pacaembú, em São Paulo. A ampliação se deu durante a administração do Dr. Sampaio Viana, que foi Diretor de 1902 a 1935, quando faleceu e a Casa passou a chamar-se Asilo Sampaio Viana.

Em 1936, foram criados o berçário e o lactário. Em 1944, com a ampliação do programa assistencial, o Asilo passou a ser chamado de Educandário Sampaio Viana. Nesta ocasião, iniciou-se o Serviço de Colocação Familiar e Assistência aos Egressos.

Uma Lei Estadual (185/72) instituiu a Fundação Paulista de Promoção Social do Menor – a Pró-Menor, vinculada à Secretaria da Justiça, sendo que os "institutos de menores" da Coordenadoria dos Estabelecimentos Sociais do Estado de São Paulo ficaram subordinados à ela. Em 1975, o Educandário passou a ser chamado de Unidade de Triagem Sampaio Viana (UT-1)<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Por ato da mesa administrativa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, segundo histórico consultado na própria instituição (a extinta UAE – 1).

<sup>5</sup> Projeto do engenheiro paulista Ramos de Azevedo, na administração do Major Domingos Sertório, que foi o primeiro Mordomo (leia-se Diretor) da Casa dos Expostos; idem.

<sup>6</sup> Pela Portaria 003/75 do gabinete da Presidência; idem.

No mesmo ano (1975), um decreto<sup>7</sup> desligou a Pró-Menor da Secretaria da Justiça e vinculou-a à Secretaria da Promoção Social<sup>8</sup>. Em 1976, a Pró-Menor passou a ser denominada de Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor<sup>9</sup>, como forma de representar a adequação ao modelo federal da FUNABEM.

Há cerca de sete anos, houve a última mudança de denominação, passando a instituição a chamar-se Unidade de Abrigo e Encaminhamento-1. Durante muitos anos abrigou mais de 600 crianças de zero a seis anos e onze meses, órfãs e abandonadas, meninos e meninas. No ano em que realizei a pesquisa, a UAE-1, a caminho da desativação, tinha de 350 a 400 crianças. Muitos profissionais lá trabalhavam, entre eles, psicólogos (aproximadamente nove), assistentes sociais (dez), médicos (três a quatro), enfermeiras e auxiliares de enfermagem<sup>10</sup> e um grupo bastante organizado de voluntários, o qual fundou o Movimento de Apoio à Integração Social (MAIS) que recebeu uma parte das crianças, lá acolhidas, na ocasião da extinção da Obra.

No local onde funcionou a UAE-1 também existiu a Casa das Mães<sup>11</sup> que recebia mães adolescentes sem apoio da família durante a gestação.

### 3.3. Família:

As sessões de brincar foram feitas no apartamento de uma das crianças deste grupo, em um bairro situado entre a zona sul e o centro de São Paulo.

<sup>7</sup> Decreto 5926/75, conforme histórico consultado na própria UAE-1.

<sup>8</sup> Hoje, Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo.

<sup>9</sup> Por Lei, de 26/04/1976, votada pela Assembleia Legislativa e sancionada pelo então Governador Paulo Egydio Martins, idem.

<sup>10</sup> Houve época (durante 3 a 4 anos) em que havia fonoaudiólogo, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional, além dos profissionais mencionados, segundo relato de uma psicóloga da Unidade.

<sup>11</sup> Fundada em 1951, com o nome de Casa Regina Coeli, tinha a finalidade de dar acomodação e assistência à "menores" gestantes até os 18 anos. A partir de 1972, passou a funcionar junto ao Educandário Sampaio Viana. Em 1980 foi desvinculada deste, mas continuou a funcionar no mesmo terreno.



#### 4. INSTRUMENTOS

Os dados foram coletados a partir de quatro fontes diferentes:

- *documental*: referente a todo tipo de informação (em geral escrita) encontrada nos prontuários das crianças dos grupos 1 e 2 nas instituições, nas pastas do CERCA das crianças do grupo 1 e nos processos das VIJs das crianças dos grupos 1 e 2;
- *profissional*: concernente a todo tipo de informação fornecida verbalmente pelos profissionais (advogado, assistente social, pedagogo, psicólogo etc.) das instituições, do CERCA e das VIJs responsáveis pelo atendimento das crianças dos grupos 1 e 2;
- *familiar*: relativo às informações fornecidas por escrito pelos pais<sup>12</sup> das crianças do grupo 3;
- *observacional*: todos os dados verbais e não-verbais advindos das observações das sessões do brincar das crianças dos três grupos.

Assim, para cada fonte correspondeu um tipo de instrumento, conforme a tabela 46:

<sup>12</sup> Como todos os pais trabalhavam e, portanto, não tinham muito tempo disponível, substituí uma entrevista com cada um deles pelo preenchimento de um questionário de anamnese elaborado por mim especialmente para este trabalho, conjugando uma série de dados (vide Anexo C). A proposta deste questionário era a de ser o mais amplo e detalhado possível, de modo a fornecer um conjunto de dados que me possibilitasse montar um histórico de cada criança e confirmar que, quanto à violência física, tratava-se efetivamente de crianças não-vítimas, caracterizando assim um grupo-controle.

FONTE	INSTRUMENTO
documental	<i>leitura</i> de prontuários, pastas e processos e <i>cópia</i> de todos os dados constantes dos mesmos [dados no Anexo A]
profissional	<i>entrevista semi-aberta</i> informal para completar ou esclarecer os dados coletados nos prontuários, pastas e processos [dados no Anexo A]
familiar	<i>questionário de anamnese</i> elaborado especialmente para este fim [modelo no Anexo C]
observacional	<i>gravação em vídeo</i> das sessões de observação das crianças (com filmadora Panasonic VHS, X30 digital zoom) [transcrição no Anexo B]

Tabela 46: Instrumentos utilizados na pesquisa conforme a fonte de dados.

## 5. MATERIAL

Nas sessões de observação do brincar, com os três grupos de crianças, um mesmo grupo de brinquedos foi usado como material, a saber:

**Bonecos da família:** bonecos artesanais, com a seguinte composição: um pai, uma mãe, um avô, uma avó, uma mulher adulta, uma criança do sexo masculino, uma criança do sexo feminino, um bebê, um cachorro e um gato; os bonecos estavam vestidos com roupas que podiam ser retiradas e não eram anatômicos, não possuindo portanto distinção genital; material lúdico, cuja marca não constava na embalagem, adquirido na Casa do Psicólogo Livraria e Editora, em São Paulo.

**Blocos de madeira:** três caixas de pequenos blocos pintados de várias cores (conhecidos familiarmente como *castelinhos* ou *tijolinhos*), uma com 53 peças, outra com 44 e outra com 33, reproduzindo partes de casas, edifícios (fachada, telhado etc.), marcas Xalingo, Saxonia e Arco Íris, respectivamente, para crianças a partir de dois ou três anos de idade; adquiridos em loja de brinquedos educativos em São Paulo.

Estes brinquedos foram escolhidos por serem adaptados à faixa etária das crianças. Além disso, os bonecos da família poderiam suscitar a expressão de conteúdos mais diretamente relacionados à família. Os blocos de madeira, por sua vez, por motivarem representações concernentes a construções, de um modo geral, também poderiam se associar, direta ou indiretamente, ao lar e à família.

## 6. ESTRUTURA GERAL DA PESQUISA

O procedimento teve uma estrutura geral, que sofreu algumas alterações ou adaptações conforme o contexto (local em que foi aplicado e grupo de crianças).

**6.1. Primeira fase:** consistiu em muitos meses de busca e seleção de crianças que atendessem aos critérios estabelecidos para a composição dos três grupos de sujeitos; compreendeu inúmeros contatos diretos e telefônicos com instituições, VIJs, CERCA, famílias e pessoas que pudessem auxiliar neste trabalho, idas a estes locais, muitas conversas e explicações acerca do estudo, várias solicitações de autorização para ter acesso aos dados de prontuários, pastas e processos e para utilizá-los, e, por fim, muitas horas para realizar a coleta (cópia) do maior número de dados possíveis para conhecer e compor os históricos das crianças; o resultado final desta fase foi, enfim, o êxito na busca das crianças, na

composição dos grupos e no estabelecimento de datas, horários e locais para a realização das sessões de observação.

## 6.2. Segunda fase: consistiu em três momentos:

- *Primeiro contato:*

Constituiu-se de um encontro com as crianças antes das sessões de observação, de duração aproximada de uma hora. O objetivo deste primeiro momento foi o de apresentar-me, apresentar a cinegrafista, estabelecer um primeiro *rapport* com as crianças e possibilitar que elas se familiarizassem conosco e com a câmera filmadora (minimizando uma possível interferência desta).

Torna-se necessário fazer um pequeno prólogo à apresentação dos momentos seguintes, as sessões propriamente ditas. No projeto inicial desta pesquisa, eu havia estabelecido que seriam realizadas quatro sessões com as crianças e que cada uma delas duraria 30 minutos. Entretanto, após a realização de um teste piloto, na ocasião em que efetuei a pré-pesquisa sobre o brincar, mencionada na introdução, verifiquei primeiramente que, após duas sessões com os mesmos brinquedos, as crianças expressavam indícios de saciação, isto é baixa de motivação e desinteresse (Bomtempo, 1986), o que contra-indicava a realização de uma terceira sessão. Em segundo lugar, como as crianças institucionalizadas apresentaram um número significativo de comportamentos exploratórios com os bonecos da família, os quais ocuparam boa parte do tempo proposto, levantei a hipótese de que estes se devessem ao fato do material ser uma novidade para elas. Deste modo, aumentei o tempo de brincar para 40 minutos e não mais do que isso porque após este tempo apareceram também sinais de desinteresse ou queda na motivação. Portanto, o tempo de 40 minutos



pareceu ideal para que crianças desta faixa etária se entretivessem neste tipo de atividade.

- *Primeira sessão:*

Consistiu em uma sessão de brincar, com um aquecimento inicial se necessário (com música cantada ou conversa). Os brinquedos foram oferecidos acompanhados de uma instrução aberta<sup>13</sup> para as crianças brincarem no espaço delimitado enquanto eu estaria com elas e seríamos filmados. Minhas intervenções foram limitadas a responder perguntas ou solicitações de ajuda, a fazer alguma pergunta importante, a intervir em caso de briga entre as crianças, caso elas não conseguissem uma solução imediata para o conflito, ou até participar de uma brincadeira<sup>14</sup> quando solicitada, isto é, participando como *contínente* ou suporte seguro para a atividade proposta.

- *Segunda sessão*

Consistiu em uma sessão de brincar com o mesmo formato da primeira. Quando necessário, o enquadre foi reforçado (instrução e delimitação do espaço de brincar).

Todos os três momentos descritos acima foram integralmente gravados em vídeo, para posterior transcrição e análise dos dados. A pessoa que filmou as sessões é cinegrafista profissional, e também psicóloga, reunindo portanto todas as qualidades requeridas para o trabalho que realizou com excelência.

<sup>13</sup> Segundo Erikson (1963), instruções mais vagas parecem operar como a associação livre, favorecendo o aparecimento de temas que, após análise, revelam relacionar-se com a história de vida do sujeito: "Parece, pois, que essas instruções vagas provocavam o mesmo efeito que a 'associação livre' (isto é, deixar o pensamento vagar e as palavras fluírem sem auto-censura) em uma entrevista psicanalítica, da mesma forma que a sugestão para jogar na entrevista com crianças tendem a surgir temas aparentemente arbitrários que, num estudo mais demorado, mostram estar relacionados com a dinâmica da história de vida da pessoa". (p.89).

<sup>14</sup> Como escreveu Winnicott: "As crianças brincam com mais facilidade quando a outra pessoa está e está livre para ser brincalhona". (1971b, p.67).

## 7. DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A COLETA DE DADOS

A busca e a seleção das crianças deste grupo foi a tarefa mais árdua e difícil deste trabalho, e por pouco a pesquisa não se revelou impossível em função dos obstáculos encontrados.

Iniciei a busca das crianças vítimas de violência física doméstica acolhidas em instituição no ano de 1997<sup>15</sup>, quando ainda trabalhava na Vara Central da Infância e da Juventude (VCIJ). Dentre os casos de crianças vítimas deste tipo de violência que estavam sob a minha responsabilidade naquele ano, não encontrei quatro crianças que preenchessem os critérios pré-estabelecidos para a composição da amostra.

Comecei então a buscá-las junto às minhas colegas de trabalho, tendo também realizado um levantamento de casos junto ao Serviço Social e no Cartório da VCIJ, sem entretanto ter tido êxito.

A partir das dificuldades encontradas no levantamento inicial, concluí que o caminho mais fácil seria procurá-las diretamente nas instituições. Realizei então um levantamento, nas pastas de recursos da comunidade de nossos serviços, das instituições que recebiam crianças na faixa etária estabelecida. Com a lista em mãos, comecei a estabelecer contato com elas, pessoalmente ou por telefone.

Nesta primeira rodada, contatei várias instituições<sup>16</sup>, sem ter tido êxito. Foram 41 contatos (incluindo as unidades), sendo que em alguns deles tive que me deslocar até a instituição para proceder à leitura de prontuários, em outros tive que solicitar autorização especial para fazer esta consulta e, em outros ainda, pude solicitar a busca por telefone, o que infelizmente não me dava a certeza da inexistência dos casos, já que algumas instituições

<sup>15</sup> Logo após o exame de qualificação do projeto, que havia acontecido em dezembro do ano anterior.

<sup>16</sup> Listadas no Anexo D.

resistiam à idéia de colaborar com minha pesquisa. A compreensão, a boa vontade e a confiança da parte das pessoas e das instituições eram condições básicas para que elas me ajudassem efetivamente, mas nem sempre eram a regra.

Neste longo caminho sem sucesso, que durou quase todo o ano de 1997, pude felizmente encontrar as crianças do grupo 2 na instituição que mais me facilitou o acesso e o trabalho, a UAE-1 da FEBEM (Sampaio Viana) – atualmente desativada. Isto se deu, possivelmente, porque tive a inestimável colaboração de uma psicóloga que lá trabalhava, Ednéia Rodrigues, com quem tinha uma ótima relação profissional e parceria de trabalho na Vara. Assim, em setembro do mesmo ano, paralisei as buscas do grupo 1 e realizei a coleta de dados do grupo 2 e no mês seguinte a do grupo 3.

No entanto, a questão principal era a de que, a rigor, a qualquer momento poderia se dar a conjuntura esperada, encontrar as quatro crianças vítimas numa mesma instituição, mas era impossível prever *quando* e *em qual delas*, o que demandava, de minha parte, uma busca constante e intensiva nas mesmas instituições, deparando-me com as mesmas pessoas e, assim, desgastando-me e desgastando aquelas a quem eu solicitava informações e apoio para concretizar a pesquisa. Houve, ademais, uma circunstância agravante das dificuldades já existentes: o fato de eu não estar mais trabalhando – desde março de 1998 – na Vara Central da Infância e da Juventude, mesmo ainda estando no Tribunal de Justiça, fechou-me as portas de muitas instituições.

Tive então de mudar de estratégia. Comecei a solicitar ajuda de colegas que, ao mesmo tempo, acreditavam no meu trabalho e tinham contatos importantes nas instituições. Com isso, consegui voltar a algumas delas, como por exemplo, às Casas de Convivência da UEP-2 e às UAEs da FEBEM, e à Associação Santa Terezinha. Nesta última, por exemplo,

com 549 crianças e adolescentes à época (fevereiro de 1999), realizei uma longa busca em 54 prontuários de crianças de cinco a sete anos, tendo encontrado somente uma criança vítima de violência física, mas com três anos e nove meses.

Fiquei no aguardo de alguma resposta até o início de março, quando então solicitei ajuda à Dra. Lia Junqueira, advogada coordenadora do Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CERCA). Este Centro é uma unidade da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo, envolvida com a Secretaria da Justiça e da Cidadania e com a Ordem dos Advogados do Brasil. Ele foi fundado, por meio de decreto governamental, em 1988, como Serviço de Advocacia da Criança e, em 1993, transformou-se em Centro de Referência. A Dra. Lia Junqueira o coordena desde 1992<sup>17</sup>.

O objetivo do CERCA é a defesa ampla dos direitos de crianças e adolescentes, independentemente da situação econômica. Só para se ter uma idéia da amplitude e importância do serviço que o CERCA presta a crianças e adolescentes, eis alguns números mais recentes fornecidos pela própria coordenadora: em média, são mais de 6000 crianças e adolescentes atendidos por ano cujos casos totalizam um número aproximado de 1600 processos por ano (em 1997, foram 1484 e em 1998, 1550 processos). Recebe denúncias de todo o Brasil, a cobrar, pelo número de telefone (011) 239.0411, e também dá orientações por telefone (em 1997, foram 9395 orientações e no ano seguinte, cerca de 11400).

Sem a colaboração decisiva do CERCA, na pessoa da Dra. Lia, não teria conseguido as crianças do grupo principal. A seu pedido, uma das

<sup>17</sup> Além da coordenadora, o CERCA conta atualmente com os seguintes profissionais: cinco advogados, cinco estagiários de Direito, três psicólogos, uma assistente de Psicologia, três assistentes sociais, uma estagiária de Serviço Social, dois motoristas, duas recreacionistas, uma recepcionista, uma copeira/cozinheira, uma arrumadeira, oito funcionários administrativos e um policial militar.



instituições com a qual trabalha, o Lar da Criança Menino Jesus, forneceu uma lista com mais de 100 nomes de crianças lá acolhidas, cujos processos eram acompanhados pelo CERCA.

Fui recebida pela Dra. Lia por dois dias<sup>18</sup> no CERCA, durante os quais procedemos à busca das pastas destas crianças. Estas pastas continham o histórico e a evolução de cada caso. Selecionamos, a princípio, as crianças que se encontravam na faixa etária estabelecida para a pesquisa e então, de posse das pastas, li uma a uma delas, num total de 18, tendo encontrado quatro crianças que atendiam os critérios de seleção da amostra principal, uma menina e três meninos (sendo dois deles irmãos) vítimas de violência física doméstica.

Não pude ser muito exigente quanto ao tempo de institucionalização das crianças (o tempo mínimo encontrado foi de cinco meses e o máximo chegava a ultrapassar um pouco um ano de permanência), pois não havia mais tempo disponível para arriscar novas buscas e havia um risco real de perder as crianças já encontradas, já que duas delas, os irmãos, por pouco não haviam sido desabrigadas da instituição pelo pai que tentava obter uma autorização do Juiz para retirá-las. Em razão deste mesmo risco, não pude fazer um intervalo maior entre as sessões.

De posse dos nomes das crianças, de uma certa quantidade de dados levantados das pastas das mesmas no CERCA e dos números de processos nas VIJs, fui a estas últimas coletar (copiar) os dados processuais. Estas crianças tinham processos nas Varas da Infância e da Juventude Central, de Santana e de São Miguel Paulista. Estive em cada uma delas, utilizando um tempo médio de três horas para copiar os dados fundamentais de cada processo.

<sup>18</sup> Dias 15 e 16 de março de 1999.

Em seguida, estive duas vezes na instituição na mesma data<sup>19</sup>. Na primeira, reuni-me com D. Guiomar Morselli, que dirige o Lar, para apresentar os objetivos da pesquisa, explicar-lhe os procedimentos e para combinarmos os dias, horários e salas para realizar as sessões de brincar.

Na segunda vez, reuni-me por algumas horas com a psicóloga da instituição para passar-lhe as mesmas informações (os objetivos e o procedimento) e para discutirmos cada um dos casos. Nessa ocasião, a psicóloga passou-me dados importantes a respeito das crianças (como chegaram à obra, física e emocionalmente, como se encontravam, quais eram seus comportamentos, que relações tinham com as outras crianças e com os profissionais e funcionários da casa, entre outros). Frisou, preocupada, o fato da Obra não ter acesso aos dados constantes dos processos, não obstante as inúmeras solicitações às Varas; faltava-lhe conhecer as histórias das crianças e até a data de nascimento de algumas delas; pude colaborar, neste sentido, fornecendo-lhe informações, o que tornou nosso encontro uma troca.

## 8. PROCEDIMENTO

### 8.1. Grupo 1

- Primeiro contato<sup>20</sup>:

Com a psicóloga da instituição, estive em cada uma das alas onde residiam as crianças. Não levei a cinegrafista nesta ocasião, porque a proposta de filmagem foi recebida com certa resistência pela diretoria da instituição. Para conseguir gravar as sessões em vídeo, tive de garantir que o material gravado serviria tão somente para o meu trabalho de coleta de

<sup>19</sup> 19 de março de 1999.

<sup>20</sup> 19/03/99. As datas do primeiro encontro e das sessões serão doravante indicadas em nota de rodapé porque servirão na análise para situar o momento observado no histórico das crianças.

dados, já que, durante as sessões, eu estaria disponível às crianças e, portanto, não conseguiria realizar anotações. Ofereci o material já gravado com os outros grupos como prova de seu uso exclusivo para coleta de dados e, assim, a gravação foi aceita exclusivamente durante as sessões.

Neste primeiro encontro, fui então apresentada à cada uma das crianças e fiquei um certo tempo com elas, acompanhando as atividades que realizavam (algumas brincavam, outras viam televisão e outras, ainda, estavam tendo aula de religião em pequenos grupos com voluntárias). Os meninos que iriam fazer parte das sessões estavam bastante engajados em atividades, com motivação e interesse, enquanto a menina, porque havia mudado de ala naquele dia, estava mais tímida, sentada quieta, assistindo televisão com outras meninas. Como as crianças estavam envolvidas em outras atividades e com outras crianças, infelizmente não houve oportunidade de realizar com elas uma pré-atividade mais específica nem de apresentar o trabalho propriamente dito.

- Primeira sessão<sup>21</sup>:

Chegamos (eu e a cinegrafista) 10 minutos antes do início da sessão (marcada para 15h30) para prepararmos a sala, testarmos a câmera, a distância etc.

As sessões de observação do brincar foram realizadas em uma sala de aproximadamente 30 m<sup>2</sup>. Era uma sala de aula, com lousa, muitas carteiras escolares, uma grande prateleira instalada em uma das paredes contendo materiais escolares de todos os tipos, livros, gibis, cadernos, pastas, entre outros, e uma escrivaninha retangular na frente da lousa com uma cadeira de professor. Sobre ela havia um globo do mundo.

---

<sup>21</sup> 27/03/99.

Na parede oposta à da prateleira, havia duas janelas grandes até o chão e duas janelas menores até a metade da parede, as quatro dando para uma grande varanda. As paredes sem janela tinham alguns posters com motivos infantis. Havia também um banheiro contíguo à sala.

Afastamos metade das carteiras da sala de aula e as enfileiramos em frente à grande prateleira, de modo que as crianças não tivessem acesso ao material que estava na mesma. Assim, formamos um espaço livre de aproximadamente 16 m<sup>2</sup> para as crianças brincarem.

Uma monitora levou as crianças até a sala, onde nós as esperávamos. As crianças estavam arrumadas e de banho tomado. De pronto, os meninos avançaram sobre as cadeiras para alcançar os materiais escolares, fazendo muitas perguntas. Tive que pedir-lhes que saíssem do local, explicando-lhes que na atividade que iríamos realizar os materiais escolares não podiam ser utilizados. A menina, a única tranqüila dos quatro, quis ir ao banheiro e eu a acompanhei. Indagados, os meninos não quiseram ir ao banheiro. A cinegrafista iniciou a filmagem assim que consegui fazer com que as quatro crianças sentassem comigo em círculo no centro do espaço para brincar.

Não foi necessário usar nenhum tipo de aquecimento para iniciar a sessão porque as crianças, especialmente os três meninos, estavam bastante excitadas, elétricas. Expliquei-lhes que havia levado alguns brinquedos para que brincassem como quisessem, enquanto eu estaria com elas (não especifiquei se iria ou não participar da brincadeira, pois participaria na medida de suas solicitações). Retirei os brinquedos dos sacos de pano, despejando-os no centro do espaço criado para brincar. As crianças avançaram em cima dos brinquedos, soltando gritos de alegria e excitação e iniciando imediatamente o contato com os mesmos. Eu me afastei um pouco, mantendo-me entretanto próxima delas.



Houve uma intercorrência: como a janela que dava para a varanda teve de ficar aberta para permitir a entrada de luz e de ar, pois fazia muito calor, algumas crianças pequenas apareceram duas vezes para ver o que estava acontecendo; ficaram observando através da janela. Isto chamou a atenção das crianças do grupo, que queriam deixá-las entrarem. Uma delas ofereceu um brinquedo da pesquisa para uma das crianças de fora e eu tive de pedi-lo de volta, com todo jeito e calma. Em poucos minutos, as crianças entenderam que não podiam ficar à janela, mas tive de encostá-la porque não podia controlar as outras do lado de fora, nem interromper a sessão para chamar alguém da instituição. Não obstante a breve interrupção, o fato não abalou as crianças, nem atrapalhou o ritmo das sessões. Assim que fechei a janela, os meninos se entretiveram novamente em atividades lúdicas e a sessão transcorreu sem problemas até o seu término.

Findo os 40 minutos, comuniquei-lhes que o tempo de brincar havia terminado e que continuaríamos na próxima sessão. Encerrei a sessão e acompanhei-as aos seus respectivos grupos da instituição.

As crianças choraram quando deixei-as no local apropriado. A expectativa delas era a de que eu as levasse embora. Uma delas havia me perguntado duas vezes durante a sessão a que horas íamos embora e eu, entendendo que a pergunta se referia ao término da sessão e à volta aos quartos, indicava a hora do final. Ao levá-las, entendi que esperavam ir embora comigo, talvez porque haviam sido arrumadas para o encontro, além de nutrirem esta expectativa em virtude de suas histórias de vida e da institucionalização. Pude explicar-lhes, com todo cuidado, que não as levaria embora, mas que viria durante um bom tempo "brincar" com elas. Ficaram muito decepcionadas, mas, sem outra saída, "aceitaram" a realidade muito chorosas, o que tocou o coração de todos.

- Segunda sessão<sup>22</sup>:

Chegamos um pouco antes de iniciar a sessão e rearranjamos a sala de modo a controlar melhor a luz para a filmagem, mantendo entretanto um espaço de brincar do mesmo tamanho da sessão anterior.

Todas as crianças chegaram ao mesmo tempo, trazidas por uma funcionária. Duas delas quiseram ir ao banheiro e eu as acompanhei. Estavam bastante motivadas e um pouco mais calmas. Antes mesmo que eu chegasse até a mochila de brinquedos, elas a encontraram e despejaram todos eles no chão, começando imediatamente a brincar. Não precisei dar explicações sobre os brinquedos, embora tenha delimitado novamente o espaço do brincar, frisando que os materiais escolares da prateleira não poderiam ser utilizados e que elas não poderiam ultrapassar o limite das cadeiras, das janelas e da porta, delimitação essa que as crianças ignoraram completamente, ainda que tivessem dito "sim" em resposta à mesma.

Terminado o tempo estabelecido, comuniquei-lhes o fim das atividades propostas e reiterei, de modo que pudessem compreender, que iríamos continuar a encontrar-nos uma vez por semana. Mesmo assim, a criança mais nova chorou bastante com o término da sessão. Fiquei mais um momento com as crianças, acalmando a pequena, agradei-lhes e encerrei a sessão, acompanhando-as até seus respectivos grupos da instituição.

## 8.2. Grupo 2

Após alguns contatos telefônicos, tive uma primeira reunião com uma das psicólogas da UAE-1 da FEBEM, em 03/09/97, para leitura de prontuários e discussão de casos de crianças que poderiam preencher os requisitos para a formação do grupo 2. Consegui uma lista de 14 crianças

---

<sup>22</sup> 28/03/99.

"candidatas" ao grupo e, destas, escolhi quatro que se encaixavam perfeitamente nos critérios estabelecidos. Assim, posso afirmar que, em comparação ao primeiro, formar este grupo foi bastante simples.

Na mesma semana, consultei os processos destas crianças na VCIJ e coletei todas as informações existentes nos mesmos, as quais eram reduzidas visto que os referidos processos haviam recém iniciado e os históricos de duas das crianças, encontradas na rua, eram praticamente inexistentes. Programei revisitar estes processos na ocasião da análise dos dados do estudo, o que foi feito em março de 1999, tendo eu encontrado dados complementares sobre as crianças; seus processos já haviam "engrossado", duas delas ainda permaneciam em instituição com perspectiva de encaminhamento a famílias substitutas, e as outras duas haviam sido adotadas.

Com os dados obtidos na primeira coleta, pude constatar que tratava-se de crianças acolhidas em virtude de abandono ou falta de condições materiais e/ou emocionais dos pais ou responsáveis para cuidar delas, mas não foi possível apurar se tinham sofrido em suas vidas castigos físicos, em que grau e em que freqüência, por falta de dados e pela impossibilidade de contato com os pais ou responsáveis na ocasião. Nada obstante, segundo os profissionais da UAE-1, as crianças não apresentavam marcas de violência física na ocasião do acolhimento nem relataram esse tipo de experiência, ainda que uma delas tenha chegado um tanto negligenciada em termos de saúde. Na segunda fase da coleta, pude pelo menos confirmar que nenhum dado de violência física havia aparecido até então.

- Primeiro contato<sup>23</sup>:

Encontrei-me com a psicóloga da UAE-1 em uma determinada hora. Fomos buscar as crianças, uma a uma, e ela foi me apresentando às

---

<sup>23</sup> 10/09/97

mesmas. As crianças já se conheciam, o que dispensava apresentações entre elas. Não apresentaram nenhuma resistência ao contato e aceitaram prontamente a idéia de brincarem comigo no *playground* defronte à casa principal.

A psicóloga da instituição se retirou e a cinegrafista aproximou-se com a câmera filmadora, sendo que ambas foram apresentadas às crianças. Estas mostraram-se curiosas com relação à câmera, quiseram tocá-la, saber como funcionava etc., mas logo se desinteressaram e fomos todos rumo ao *playground*. No espaço gramado, com um leve declive, havia dois balanços, uma gangorra, um gira-gira e uma bola.

Antes de brincar, reuni as crianças e expliquei-lhes, de modo simples, o meu trabalho, que tinha ido conhecê-las e brincar com elas daquela primeira vez e que, dali alguns dias, voltaria mais duas vezes trazendo alguns brinquedos para elas brincarem em uma sala da instituição, enquanto a cinegrafista nos filmaria. Perguntei-lhes se tinham compreendido e se queriam fazer-me alguma pergunta. Recebi movimentos de "sim" com a cabeça como resposta e nenhuma resistência por parte delas, ou sinal de medo, insegurança, desinteresse, mas não estava certa de que haviam entendido o que eu disse. Parecia que o que mais lhes importava era que eu estava com elas e que íamos brincar naquele momento. Mostraram-se muito pacatas, comportadas e extremamente carentes do ponto de vista afetivo.

Brincamos durante uma hora em todos os brinquedos. Elas solicitaram-me muito, individualmente, e tentei atender a todas, na medida do possível. Finda esta hora, disse-lhes que voltaria seis dias depois e acompanhei-as até o refeitório, pois já era hora do almoço. Respeitaram o término da atividade, ainda que tivessem resistido em deixar o contato físico comigo.



- Primeira sessão<sup>24</sup>:

Chegamos (eu e a cinegrafista) 15 minutos antes do início da sessão (marcada para 9h30) para prepararmos a sala, testarmos a câmera, a distância, a colocação do tapete etc.

As sessões de observação do brincar foram realizadas em uma sala de aproximadamente 15 m<sup>2</sup> próxima à sala da equipe técnica da unidade, no mesmo andar. Esta sala, de pé direito alto, tinha uma mesa retangular encostada em uma das paredes com duas cadeiras, uma pia ao lado da porta e um tapete sobre o qual as crianças brincaram; também tinha duas grandes janelas na parede oposta à da porta. Em uma parede, havia uma pequena lousa e nas outras não havia quadros. A sala não continha outros materiais lúdicos.

Uma outra psicóloga e uma monitora se encarregaram de levar as crianças até a sala, onde nós as esperávamos. Duas delas foram levadas antes das outras, tendo aquelas esperado pacientemente estas, sentadas no tapete com as pernas cruzadas, conversando comigo sobre o que estavam fazendo antes. A cinegrafista iniciou a filmagem desde a chegada das primeiras crianças.

Com o grupo completo, iniciei a sessão. Em seguida, perguntei se alguém sabia uma música e uma das crianças cantou uma canção com desenvoltura, e eu a acompanhei. As outras escutaram com atenção, mas não cantaram conosco.

Em seguida, expliquei que havia levado alguns brinquedos para que brincassem como quisessem, enquanto eu estaria com elas (não especifiquei se iria ou não participar da brincadeira, pois participaria na medida de suas solicitações). Retirei os brinquedos dos sacos de pano, despejando-os no centro do tapete. As crianças olharam com atenção, sem

---

<sup>24</sup> 15/09/97.

avançar nos brinquedos, e somente uma delas, a mesma que havia cantado, perguntou como deveria brincar. Repeti-lhe que poderia brincar como quisesse. Esta mesma criança perguntou se não havia mais brinquedos e quis olhar dentro dos sacos. As outras a acompanharam. Depois, elas foram pouco a pouco pegando os brinquedos, sem disputa, e começaram a explorá-los e a brincar, enquanto eu me afastei um pouco, mantendo-me entretanto no tapete com elas.

Findo os 40 minutos, comuniquei-lhes que o tempo de brincar havia terminado e que continuaríamos na próxima sessão. Encerrei a sessão e acompanhei-as aos seus respectivos grupos da instituição.

- Segunda sessão<sup>25</sup>:

Todas as crianças chegaram ao mesmo tempo. Uma das meninas quis ir ao banheiro e eu a acompanhei. Estavam mais soltas, desinibidas, com exceção de uma que estava deprimida. Voltando, convidei-as novamente para se sentarem comigo no chão, sobre o tapete. Duas delas foram mexer na pia, para lavar as mãos e, depois, indagaram-me sobre os brinquedos. Assim, não achei necessário repetir o "aquecimento".

Dando continuidade à proposta inicial, apresentei os mesmos brinquedos da sessão anterior, tirando-os dos sacos de pano e repetindo as explicações introdutórias. As crianças brincaram. Terminado o tempo estabelecido, comuniquei-lhes o fim das atividades propostas. Fiquei mais um momento com elas, agradei-lhes e encerrei a sessão, acompanhando-as para se juntarem aos respectivos grupos da instituição.

---

<sup>25</sup> 19/09/97.

### 8.3. Grupo 3

Não foi difícil formar este terceiro grupo, mas a organização do esquema das sessões não ocorreu sem um certo esforço. Solicitei a uma prima, residente em São Paulo, que tem uma filha na faixa etária estabelecida para a pesquisa, que me ajudasse a formar um grupo de crianças com os amiguinhos e/ou conhecidos desta. Esta prima mobilizou amigas e conhecidas com esta proposta e, graças ao seu empenho e ajuda, em dois meses conseguimos montar o grupo.

A dificuldade com este grupo foi a de encontrar um horário em que todas as crianças estivessem livres para participar das sessões, já que como "bons filhos" de pais de classe média, suas agendas estavam bastante ocupadas com cursos complementares e/ou atividades esportivas.

Uma das mães, gentilmente, ofereceu seu apartamento para as sessões, tendo organizado um sistema de almoço para as crianças no dia da primeira sessão e outro almoço e um passeio com ida ao teatro para depois da última sessão. Foi necessário também organizar um esquema para levar e buscar as crianças, entre as mães, sendo que eu me incumbi de uma delas, porque sua mãe estaria totalmente impossibilitada na data prevista.

O apartamento onde ocorreu a coleta de dados era bastante amplo, com três dormitórios e uma grande sala de estar. Esta pôde ser organizada para acolher as crianças na atividade proposta de modo confortável: em uma parte dela, foi feito um arranjo com os móveis (retiramos uma mesa de centro e uma poltrona, afastando os sofás) de modo a criar um espaço para brincar com cerca de 9 m<sup>2</sup>, onde realizaram-se as sessões; o espaço era circundado em duas laterais por dois sofás, em uma lateral por uma parede com janelas e a última abria-se para outra parte da sala; o piso de madeira foi forrado com uma espécie de colcha de algodão.

Com todo este esquema organizado, graças à cooperação de todas as mães, praticamente restou-nos (a mim e à cinegrafista) chegar ao local com o material e realizar as sessões.

- Primeiro contato<sup>26</sup>:

Este primeiro contato com as crianças ocorreu antes da primeira sessão de observação, mas no mesmo dia desta, tendo durado quase uma hora. Quando cheguei com a cinegrafista ao apartamento, as quatro crianças já estavam lá: as meninas almoçavam com uma das mães (a dona do local), o menino mais velho estava sentado à mesa participando da conversa, mas já havia almoçado, e o mais novo circulava ora brincando com uma casinha que estava sobre uma outra mesa, ora participando da conversa com todos.

Juntei-me à mesa, almoçando com elas. Assim, fui apresentando-me, bem como a cinegrafista, expondo o trabalho que iríamos realizar naquela tarde. A cinegrafista participou um pouco da conversa e começou a filmar-nos, o que possibilitou que as crianças fossem se dessensibilizando com relação à câmera.

- Primeira sessão<sup>27</sup>:

As crianças estavam tranqüilas e mostraram muita curiosidade quanto aos brinquedos que seriam apresentados. Sentados sobre a colcha, os meninos quiseram tirar seus tênis para ficarem mais à vontade porque as meninas já estavam descalças. Retomei o enquadre do trabalho, dizendo-lhes que poderiam ficar à vontade para brincar com os brinquedos oferecidos durante 40 minutos, enquanto eu estaria com elas (não

---

<sup>26</sup> 24/10/97.

<sup>27</sup> 24/10/97.



especifiquei se iria ou não participar da brincadeira, pois participaria na medida de suas solicitações) e a cinegrafista as filmaria.

Não achei necessário fazer o "aquecimento" considerando que já estávamos juntos havia uma hora e que elas estavam bastante motivadas para brincar. Ao despejar os brinquedos no centro da colcha, as crianças deram pequenos gritos de excitação e iniciaram imediatamente o brincar. Recuei um pouco do centro do local de brincar, deixando o espaço para elas.

Findo os 40 minutos, comuniquei-lhes que o tempo de brincar havia terminado e que continuaríamos na próxima sessão. Ao chegar em casa uma das crianças (um menino) apresentou febre e logo foi diagnosticado que estava com catapora, tendo tido complicações. Assim, foi necessário adiar a segunda sessão por 28 dias em razão deste fato, até que o menino estivesse plenamente recuperado.

- Segunda sessão<sup>28</sup>:

Todas as crianças estavam no apartamento quando eu e a cinegrafista chegamos e já se mostravam bastante interessadas em brincar novamente com aqueles brinquedos, tendo elas próprias ajudado a dona da casa a aprontar o local da brincadeira. Com as crianças "a postos", esperando os brinquedos, não foi necessário repetir o enquadre.

Dando continuidade à proposta inicial, apresentei os mesmos brinquedos da sessão anterior, tirando-os dos sacos de pano e colocando-os no centro da colcha. As crianças responderam imediatamente aos mesmos com animação e brincaram. Terminado o tempo estabelecido, comuniquei-lhes o fim das atividades propostas. Fiquei mais um momento com elas, agradei-lhes e encerrei a sessão.

---

<sup>28</sup> 22/11/87.

## IV

### RESULTADOS

Apresento os resultados da pesquisa em duas partes:

- a primeira contempla a síntese do histórico das crianças por grupo na forma de tabelas para facilitar a visualização dos dados; o histórico completo de cada uma delas encontra-se no Anexo A; os significados das siglas e abreviações podem ser consultados na lista correspondente (p. xvii);
- a segunda contém os dados de observação das crianças por grupo, organizada segundo os objetivos do estudo; a descrição das sessões na íntegra encontra-se no Anexo B.

Apenas para lembrar, os dados dos históricos das crianças do grupo 1 foram coletados das pastas do CERCA, dos processos das VIJs e da entrevista com a psicóloga do LCJM; os das crianças do grupo 2, dos processos da VIJ; e aqueles das crianças do grupo 3, dos questionários preenchidos pela mãe e/ou pai das mesmas.

## 1. SÍNTESE DO HISTÓRICO DAS CRIANÇAS

## 1.1. Grupo 1

DADOS PESSOAIS	HENRIQUE	ANITA	RAFAEL	TIAGO
nascimento	30/08/94	17/03/94	27/07/93	19/07/92
idade	4 anos e 7 meses	5 anos	5 anos e 8 meses	6 anos e 8 meses
sexo	masculino	feminino	masculino	masculino
cor	branca	branca	branca	branca
ordem na prole	caçula de três	segunda de três	primogênito de quatro	segundo de três
tempo de abrigo <sup>1</sup>	8 meses e 5 dias	13 meses e 24 dias	4 meses e 26 dias	8 meses e 4 dias
escolaridade	1º estágio da pré-escola; escola pública	2º estágio da pré-escola; escola pública	2º estágio da pré-escola; escola pública	3º estágio da pré-escola; escola pública
características observadas pela psicóloga do CERCA	expansivo, agitado, vinculou-se com facilidade	brincou bem; comunicativa, forte vínculo c/ mãe; expansiva; fácil vinculação; verbalização infantil; dispersiva; fácil interação c/ outras crianças	não foi avaliado no CERCA	não foi avaliado no CERCA
características observadas pela psicóloga da VIJ	bom desenvolvimento físico e motor, noções de limite, facilidade de expressão	psicólogas não chamaram nenhuma vez a criança para avaliação	não foi chamado para avaliação	bom desenvolvimento físico e motor, noções de limite, facilidade de expressão
características observadas pela psicóloga do LCMJ	comportado, respondia aos por quês, carinhoso, doce; falador, tumultuava um pouco; não esquecia a violência sofrida, falando muito sobre as marcas e o fato da mãe ter lhe batido; relação com irmãos muito boa, afetiva	sempre pedia a mãe, voltava chorando dos encontros, muito triste; bastante sensível emocionalmente; chorava por qualquer motivo	chegou muito agressivo; agredia violentamente qualquer pessoa, recusava-se a atender qualquer pedido ou regra, jogando-se no chão, com crises violentas; chutou a barriga da professora na escola; havia melhorado, embora fosse difícil	comportado, respondia aos por quês, carinhoso, doce; muito responsável para a sua idade; respondia bem na área pedagógica, caprichoso; relação com irmãos muito boa, afetiva

TABELA 47: Dados pessoais das crianças do grupo 1.

<sup>1</sup> Até a realização das sessões de observação do brincar, em 27 e 28/03/99.

DADOS FAMILIARES	HENRIQUE	ANITA	RAFAEL	TIAGO
idade pai	sem dados	pai: sem dados padrasto: 31 anos	pai: sem dados padrasto: 32 anos	sem dados
idade mãe	sem dados	38 anos	20 anos	sem dados
ocupação pai	pedreiro	padrasto: pintor	padrasto: segurança	pedreiro
ocupação mãe	sem dados	empregada doméstica	empregada doméstica	sem dados
naturalidade pai	Bahia	São Paulo	sem dados	Bahia
naturalidade mãe	sem dados	Paraíba	sem dados	sem dados
estado civil pais	separados	pais separados; mãe c/ parceiro	pai não assumiu; mãe c/ parceiro	separados
tempo de união	7 anos	pais: 4 anos; mãe e parceiro; mais de 6 meses	mãe e padrasto: 3 anos	7 anos
tempo de separação	entre 4 meses e um ano	dos pais: desde 1 ano de Anita	não houve união	entre 4 meses e 1 ano
outros familiares	tias e avós paternos residentes na Bahia; tia materna sem dados quanto ao local de moradia; contatados pelo CERCA	em São Paulo, não havia; único relacionamento mais estreito era com a guardiã de fato do filho mais velho da mãe (sua ex- patroa)	familiares do padrasto compartilhavam o mesmo quintal; mãe afastada de seus genitores, estes separados, com outra união e outros filhos	tias e avós paternos residentes na Bahia; tia materna sem dados quanto ao local de moradia; contatados pelo CERCA
renda mensal aproximada	pai: 800 reais; mãe: sem dados	mãe: 300 reais; depois, ficou desempregada; padrasto: s/dados	padrasto: 940 reais; mãe: sem dados	pai: 800 reais; mãe: sem dados
tipo de moradia	pai: alojamento; depois, casa alugada; mãe: casa	a princípio, quar- to de pensão; depois, cômodo em cortiço	casa própria com três cômodos e banheiro	pai: alojamento; depois, casa alugada; mãe: casa

Tabela 48: Dados familiares das crianças do grupo 1.



DADOS DO CASO <sup>2</sup>	HENRIQUE	ANITA	RAFAEL	TIAGO
início CERCA	22/07/98: denúncia do pai	1ª denúncia anônima: 26/06/97 2ª.: 03/02/98	28/10/98: denúncia anônima	22/07/98: denúncia do pai
início VIJ	23/07/98	09/02/98	30/10/98	23/07/98
boletim de ocorrência	em 21/07/98, de lesão corporal dolosa/maus-tratos	não foi feito (sem justificativa)	não lavrou-se na data, pois priorizou-se o atendimento médico	em 24/07/98, de lesão corporal dolosa/maus-tratos
ECD: exame de corpo de delito	em 23/07/98	não foi feito (s/justificativa)	em 03/11/98	em 24/07/98
atendimento médico	em 22/07/98, em HM	não foi levada	em 29/10/98, em HM	não foi levado
abrigo	em 22/07/98, no LCMJ	em 03/02/98, no LCMJ	em 29/10/98, no LCMJ	em 23/07/98, no LCMJ
avaliação psicológica/CERCA	em 22/07/98	em 01/10/97	não houve	não houve
avaliação psicológica/VIJ	em 10/12/98	não havia sido avaliada	não havia sido avaliado	em 10/12/98
encontros desde o abrigo	mãe: proibida; pai: dois encontros no CERCA	mensal c/ mãe, desde maio/98, no CERCA	mãe autorizada a visitá-lo e os encontros seriam iniciados	mãe: proibida; c/ pai, dois encontros no CERCA
acompanhamento	pais e crianças na VIJ	mãe e padrasto na VIJ	mãe na VIJ	pais e crianças na VIJ
tratamento	sem notícia	mãe: psicoterapia no NRVV	mãe: psicoterapia em PS	sem notícia

Tabela 49: Dados dos casos das crianças do grupo 1.

<sup>2</sup> Entenda-se caso como o conjunto dos dados da pasta do CERCA, do processo da VIJ e dos dados da instituição relativos ao andamento, evolução do caso, providências tomadas, entrevistas etc.

DADOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	HENRIQUE	ANITA	RAFAEL	TIAGO
modalidade	física	física	física	física
descrição da violência no primeiro atendimento (CERCA)	muitos hematomas e marcas em forma de laço no corpo: nas costas, na barriga, nos braços, nas pernas e nas nádegas	hematoma na face e falta de dois dentes da frente na arcada inferior	queimaduras na parte interna do pulso D (lesão grande s/ pele) e em 3 dedos da mão D, c/ inflamação; cicatriz de queimadura recente mão D	não houve este atendimento
grau (ECD)	"lesões corporais de natureza leve"	não realizou este exame	"lesões corporais de natureza leve"	"lesões corporais de natureza leve"
freqüência	freqüente, segundo o pai	freqüente, segundo criança	freqüente, segundo padrasto e cunhada	freqüente, segundo o pai
descrição no exame de corpo de delito	equimoses provocadas por laço composto dobrado em todo dorso, antebraço, perna esquerda e flanco abdominal direito, provocadas por agente contundente	este exame não foi realizado em Anita	queimadura de 2º grau em dorso dos 3º, 4º e 5º dedos direitos e face anterior do punho direito; mancha rósea em dorso do polegar direito, produzidas por fogo.	equimoses (não foi possível ler em que região – talvez dorso lombar), provocadas por agente contundente
relato da criança a respeito da violência	a mãe lhe bateu; apanhava de cinta, cabo de vassoura, chinelo, sapato e mão (CERCA)	1ª): negou; 2ª): "o [padrasto] bateu na minha boca c/ o chinelo e engoli o dente"; padrasto já bateu c/ mão e sapato nas nádegas, pernas e rosto; mordeu-a na bochecha (CERCA)	sem dados	sem dados
medida de proteção imediata	abrigo	abrigo	abrigo	abrigo
sentimentos da criança p/ c/ instituição	disse gostar da instituição	sem dados	sem dados	disse gostar da instituição
irmão(s) vítima(s)	sim: Tiago e outro irmão de 7 anos e 8 meses de idade	não; irmão de 12 anos vivia com guardiã; irmã bebê, filha do padrasto com a mãe	não; um irmão de 3 anos, uma irmã de 1 ano e um irmão bebê, filhos do padrasto com a mãe	sim: Henrique e outro irmão de 7 anos e 8 meses de idade

DADOS DA VD (cont.)	HENRIQUE	ANITA	RAFAEL	TIAGO
motivo que ensejou a última violência	Henrique e os irmãos colocaram fogo no sofá (estavam sozinhos em casa)	Anita fez birras e não obedeceu.	Rafael havia desobedecido a mãe	Tiago e os irmãos colocaram fogo no sofá (estavam sozinhos em casa)
autor da violência; assunção do ato	mãe: assumiu a autoria, dizendo ter cometido um grande erro em um momento de fraqueza	padrasto: negou a princípio; depois, disse que deu tapas em Anita algumas vezes	mãe: assumiu a autoria, alegando que "perdeu a cabeça", colocando a mão dele na chama do fogão; admitiu exagerar nos corretivos; disse que Rafael era a desgraça de sua vida, que nunca deveria ter nascido; sentia ódio e raiva pelo filho	mãe: assumiu a autoria, dizendo ter cometido um grande erro em um momento de fraqueza
manifestação de remorso por parte do autor da violência	sim, em duas cartas enviadas ao Juiz	não, houve negação da violência	disse sentir remorso e culpa; e que só queria ameaçar, s/ ver que o queimava	sim, em duas cartas enviadas ao Juiz
outros dados do autor	segundo o pai, mãe era muito agressiva	alcoolista; suspeita de envolvimento com drogas; imitava-se com facilidade; era muito exigente com Anita	engravidou sem desejar de Rafael c/ 15 anos; conflitos c/ seu genitor; alegou ter sido maltratada por ele; foi abrigada grávida; apresentou desajustes de comportamento; agressividade nas gestações; depressão pós-parto	segundo o pai, mãe era muito agressiva
sentimentos da criança com relação ao autor da violência	disse que não gostava da mãe, pois apanhava freqüentemente; demonstrou temor ao se referir à mãe; não quer mais viver c/ ela	sem dados	sem dados	demonstrou temor quando se referiu à mãe; não quer voltar a viver com ela

DADOS DA VD (cont.)	HENRIQUE	ANITA	RAFAEL	TIAGO
capacidade de proteção do outro genitor/responsável; reconhecimento da violência, providências tomadas	pai: sim, reconheceu a violência, denunciou a mãe e estava se reestruturando para assumir os filhos	mãe: também era vítima de violência física perpetrada pelo parceiro (tapas, hematomas no rosto); de início, negou a violência; depois, disse que ele era violento quando bebia e que deu tapas em Anita; aceitou abrigo para proteção da filha	mãe disse: ele não concordava, brigando c/ ela; cunhada: ele não interferia quando mãe agredia Rafael; padrasto: que ao dar banho em Rafael observava hematomas e censurava mãe, procurando vigiá-la; ela batia no filho quando ele urinava na cama; que quando ela queimou a mão do filho (1ª vez), ele chamou-a de "louca" (reconheceu, mas foi omissivo)	pai: sim, reconheceu a violência, denunciou a mãe e estava se reestruturando para assumir os filhos
outros dados do não-autor	pai: muito preocupado com os filhos	mãe: fragilizada, confusa, dependente do companheiro	padrasto: ficou com guarda de Rafael para desabrigá-lo	pai: muito preocupado com os filhos
sentimentos da criança p/ com o genitor/resp. não-autor	afirmou desejar residir com o pai (e a avó)	disse gostar da mãe, e que ela não lhe batia e não bebia	sem dados	afirmou desejar residir com o pai
informações complementares	não havia	relatório da instituição de março/98 informou que Anita estava com ótima saúde, tinha se adaptado bem à Obra e estava freqüentando pré-escola	rels. instituições (até os 2,5 anos de Rafael): bom vínculo afetivo mãe-filho; ela quis uma vez entregá-lo em adoção; ele era risonho, se relacionava bem c/ pessoas, muito ativo, necessitava atenção redobrada; boa saúde; depois de 1 ano c/ a mãe tornou-se agressivo na escola, batendo e mordendo colegas	não havia

Tabela 50: Dados da violência física doméstica sofrida pelas crianças do grupo 1.



## 1.2. Grupo 2

DADOS PESSOAIS	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
nascimento <sup>3</sup>	17/03/92	08/05/91	15/05/91	24/03/91
idade	5 anos e 6 meses	6 anos e 4 meses	6 anos e 4 meses	6 anos e 5 meses
sexo	feminino	feminino	masculino	masculino
cor	parda	branca	parda	negra
ordem na prole	segunda de quatro	sem dados	sem dados	primeiro de dois (?)
tempo de abrigo <sup>4</sup>	3 meses e 13 dias	4 meses e 4 dias	4 meses e 9 dias	6 meses
escolaridade	2º estágio da pré-escola; escola pública	3º estágio da pré-escola; escola pública	3º estágio da pré-escola; escola pública	3º estágio da pré-escola; escola pública
características observadas pela psicóloga da VIJ	pareceu triste, um pouco inibida (11/09/97)	inteligente, esperta (07/01/98); esperta, ativa, inteligente, organizada; domina o espaço; alegre (10/06/98)	conversou pouco, s/ expressar c/ clareza opiniões e desejos; tímido, confuso c/ o acolhimento/desacolhimento; pareceu mais novo do que EVI (12/ 97); alegre, comunicativo, espontâneo, demonstrou afetividade p/ com a família (01 e 03/98); alegre, afetuoso, tranquilo e esperto (12/98)	menino alegre, extrovertido; não tinha noção de tempo e apresentava dificuldades na fala

<sup>3</sup> As datas de nascimento de Aline, Nilo e Felipe, e as idades respectivas, foram estimadas com base no Exame de Verificação de Idade (EVI), realizado na UAE-1.

<sup>4</sup> Até a realização das sessões de observação do brincar, em 16 e 19/09/97.

DADOS PESSOAIS (cont.)	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
características observadas pela instituição	mais comunicativa, interagia bem com outras crianças; meiga, afetuosa, unida aos irmãos, cuidando deles (MAESP/15/5/98)	facilidade de expressão verbal, bom nível intelectual, bastante receptiva ao diálogo, manifestando desejo de falar de si e de sua vida pregressa (MAIS/01/12/97)	sem dados	dificuldades na linguagem verbal (trocas fonêmicas e confusão); nível de compreensão abaixo do esperado; desenhos s/ estruturação adequada, c/conteúdos regressivos; "lateralidade, organização espacial e temporal prejudicadas", quase não conversava; dificuldades de aprendizagem; dócil, aceitava regras e limites e se relacionava bem c/ todos; tímido; certa autonomia e independência na higiene; cooperador; ritmo + lento; dificuldade de coordenação motora fina

TABELA 51: Dados pessoais das crianças do grupo 2.

DADOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
idade pai	sem dados	pai: sem dados; guardião: 60 anos	sem dados	sem dados
idade mãe	27 anos	mãe: sem dados; guardiã: 60 anos	sem dados	sem dados
ocupação pai	sem ocupação	pai: sem dados; guardião: serviços de limpeza	sem dados	sem dados
ocupação mãe	sem ocupação	mãe: s/ dados; guardiã: dona de casa	sem dados	sem dados
naturalidade pai	sem dados	sem dados	sem dados	sem dados

DADOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM (cont.)	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
naturalidade mãe	São Paulo	sem dados	sem dados	sem dados
estado civil pais	amasiados	pais: s/dados; guardiães: casados	sem dados	sem dados
tempo de união	sem dados	pais: sem dados; guardiães: 32 anos	sem dados	sem dados
tempo de separação	mãe pretendia separar-se do pai	-	-	sem dados
situação de vida da mãe; dificuldades	agressiva verbal e fisicamente c/ pessoas quando contrariada; dificuldade de contato; muito vinculada aos filhos; respondia 9 processos criminais por roubo, crime contra a administração pública, lesão corporal dolosa; agrediu profissionais da VIJ e da UAE-1; proibida de entrar em ambas	sem dados; guardião de fato relatou que a mãe de Aline a abandonou com 7 meses de vida na casa dele, nunca mais voltou, e ele e sua esposa a criaram; não tinha certidão de nascimento de Aline	sem dados; guardião de fato contou que sua companheira encontrou Nilo com 3 meses de vida abandonado junto a sacos de lixo de uma rua, em 07/04/92, e que resolveram criá-lo s/ providenciar legalização	sem dados
histórico da mãe	"infância de abandono materno"; foi menina de rua, interna da FEBEM	sem dados	sem dados	sem dados
situação de vida do pai; dificuldades	preso por roubo e envolvimento c/ drogas; condenado em 3 processos criminais a 3 anos, 9 meses e 10 dias de prisão; abandonou o regime semi-aberto em 5/1/98	sem dados	sem dados	sem dados
histórico do pai	foi interno da FEBEM; usuário de drogas	sem dados	sem dados	sem dados

DADOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM (cont.)	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
outros familiares	tia paterna (22 anos), casada, 2 filhos, s/ emprego, s/ condições de amparar sobrinhos; outros 5 tios paternos internos da FEBEM	guardiães de fato tinham 3 filhas: de 31, 24 e 14 anos e um filho de criação c/ 14 anos; familiares biológicos desconhecidos	biológicos, desconhecidos; somente a família guardiã de fato, descrita na tabela 53	sem dados
relato da criança a respeito de sua história familiar	contou ter boas recordações dos pais (MAESP)	contradições; apontou guardiães de fato como seus pais; disse que tinha irmãos; descreveu pai (guardião) alcoolista que maltratava mãe (guardiã) quando bêbado, porém provedor de afeto e meios materiais; mãe cuidava da casa e não lhe dava carinho	sem dados	afirmou que tinha pais e uma irmã, logo que foi encontrado, mas não houve êxito na reconstrução de sua história; relato contraditório; Felipe condensava dados de sua realidade atual com aqueles de sua história pregressa
sentimentos da criança com relação à família de origem	sentia falta da mãe; tinha vínculo com tia paterna (VIJ)	sentimentos ambivalentes p/ c/ irmão, tendo dito que ele motivou sua saída de casa; sentia por ele afeto, admiração e saudade, e ao mesmo tempo ressentimento, tristeza e rejeição; descartou volta à família alegando não ser bem vinda por ele	sem relato	sem relato
renda mensal aproximada	mãe: de 10 a 15 reais/dia (bicos)	guardião: 500 reais	sem dados	sem dados
tipo de moradia	cortiço de "pés-sima aparência"; quarto "sujo, em desordem total, abafado"	sem dados	sem dados	sem dados



DADOS DA FAMÍLIA DE ORIGEM (cont.)	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
dados complementares	houve processo de Denise, 1993: ela havia sido abrigada na AST a pedido do pai, pois a mãe havia sido presa; ela foi subtraída da AST 20 dias depois pelos pais (quando mãe saiu da prisão), que moravam sob viaduto; processo arquivado	guardião informou ter mudado de casa e Aline saiu p/ brincar e se perdera na rua; desistiu de lutar p/ Aline pela falta de documentação; guardiã o aconselhou a não tentar mais localizá-la; desinteresse manifesto na VJ em 11/12/97	guardiã havia sido presa por estelionato e guardião deixara Nilo c/ tomadeira de conta por quase dois anos; enquanto ficou presa, guardiã o visitou duas vezes; saiu da prisão em agosto/97 e foi procurá-lo na UAE-1	-

Tabela 52: Dados das famílias de origem das crianças do grupo 2.

DADOS DA FAMÍLIA SUBSTITUTA	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
idade pai adotivo	-	35 anos	o mesmo guardião: 62 anos	-
idade mãe adotiva	-	45 anos	a mesma guardiã: 44 anos	-
ocupação pai adotivo	-	comerciante	pedreiro, encanador, eletricitista	-
ocupação mãe adotiva	-	psicóloga, dona de escola	vendedora ambulante	-
naturalidade pai adotivo	-	sem dados	sem dados	-
naturalidade mãe adotiva	-	sem dados	sem dados	-
estado civil pais adotivos	-	casados	amasiados	-
tempo de união	-	10 anos	sem dados	-
outros familiares adotivos	-	irmão adotivo (9 anos), também adotado, c/ atraso no desenvolvimento emocional e na linguagem; avó materna adotiva	guardiães tiveram 6 filhos: 4 meninos de 16, 15, 13 e 12 anos e 2 natimortos; c/ a família, morava uma amiga de 30 anos, que ia ser madrinha de Nilo	-

DADOS FAMÍLIA SUBSTITUTA (cont.)	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
renda mensal aproximada	—	casal: acima de 15.000 reais	casal: 1.700 reais	—
tipo de moradia	—	apartamento de padrão médio, bem equipado	apartamento alugado, c/ sala, quarto etc.	—
sentimentos da criança com respeito à família substituta	não queria família substituta (VIJ)	afeto, necessidade de segurança e de testar limites; verbalizou sentir-se feliz; sentimento de pertença; com irmão adotivo: afeto, ciúmes, rivalidade	afeto e ansiedade para permanecer com ela	sem relato a esse respeito
dificuldades apresentadas na família substituta	—	comportamentos de birra, rebeldia, apropriou-se de objetos alheios na escola, atuava "de forma destrutiva e com oralidade com os brinquedos"	certa confusão ou dificuldade de expor seus sentimentos e desejos em função da situação que era confusa	—
progressos conseguidos na família substituta	—	desenvolvimento positivo do vínculo afetivo com pais adotivos; integração na família; superação de birras; tomou-se mais socializada, segura; respeitava pais e professores; não se apropriou mais de objetos alheios; melhorou oralidade e destrutividade"	organizou-se melhor c/ a revelação de sua origem e de sua história; verbalizou seu desejo de ser adotado por esta família; integrou-se, estava vinculado afetivamente aos membros da família e apresentava sentimento de pertença	—
características pais adotivos	—	motivados p/ adoção; sensíveis, maduros, continentés; desempenhavam bem as funções materna e paterna	dificuldade inicial de contar a Nilo sua origem; motivados p/ adoção, reconhecendo-o como filho; realizaram a revelação	—

Tabela 53: Dados das famílias substitutas das crianças do grupo 2.

DADOS DO CASO	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
entrada	Cruzada Pró-Infância (11/01/1993)	SOS Criança (12/04/97): policiais	SOS Criança (14/03/97): denúncia anônima de negligência	SOS Criança → UAE-1: notificação
início VIJ	15/04/97	16/04/97	14/03/97	03/04/97
atendimento médico	em 04/97: p/ desintoxicação por cola, Denise: diarreias frequentes; 10/97: eutrofia e anemia em tratamento; HIV e VDRL negativos	em 12/97: exames HIV e VDRL negativos	sem dados	exames HIV e VDRL negativos; teve pneumonia em 05/98
providências	em 03/06/97, busca e apreensão de Denise e irmãos no cortiço, c/ concurso da polícia e de um chaveiro	em 26/04/97, imagem de Aline foi divulgada na TV; providências para localização dos pais	em 07/05/97, busca e apreensão na casa da tomadeira de conta e encaminhamento ao SOS Criança	04/97 e de 98, divulgação da imagem de Felipe na TV; providências para localização dos pais
abrigo	em 03/06/97, na UAE-1	em 12/04/97, na UAE-1	em 09/05/97, na UAE-1	em 16/03/97, na UAE-1
irmãos abrigados	irmã de 9 anos abrigada desde os 2 e adotada; irmão de 3 anos e irmã de 10 meses abrigados c/ Denise, pelas mesmas razões	não tinha	não tinha	sem notícias
relatórios das instituições	12/12/97/AESP: Denise muito carinhosa com mãe na visita; 15/5/98/MAESP: bem adaptada à Obra, cursando pré-escola	01/12/97/MAIS: adaptou-se bem à instituição	12/08/97/UAE-1: encontro muito afetivo guardião-Nilo, ele alegrou-se, chamou-a de mãe e perguntou-lhe quando voltaria p/ casa	15/12/97/MAIS: boa integração c/grupo de crianças e funcionários; sugestão de providências para colocação em família substituta
avaliação psicológica/ VIJ	em 11/09/97: crianças regrediram muito após proibição de visitas da mãe, ficaram tristes	em 07 e 28/01, 11/03, 09/04 e 10/06/98, no processo de adoção (dados descritos na tabela 53)	em 17 e 22/12/97, 26/01, 09/03, 13/04 e 07/12/98 no processo de adoção (dados descritos na tabela 53)	em 16/06/98: não soube informar sobre sua vida em família

DADOS DO CASO (cont.)	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
encontros desde o abrigamento	UAE-1: 2 visitas (última: 06/97) terminaram em tumulto, ameaças e agressões da mãe; c/ filhos muito afetiva; foi proibida de visitar; tentou ver os filhos + 3 vezes s/ êxito; ASESP: visita tranqüila em 12/97, muita afetividade entre mãe e Denise	não houve visitas dos guardiães de fato à criança	UAE-1: guardiães e filhos visitaram Nilo semanalmente em 08 e 09/97; todos dispensaram carinho e afeto a Nilo; depois, passou 4 fins de semana com a família, tendo chorado ao voltar à UAE-1	nenhum familiar o havia procurado
acompanhamento	mãe e crianças na VIJ	durante estágio de convivência p/ adoção/VIJ	durante estágio de convivência p/ adoção/VIJ	criança na VIJ
tratamento	mãe iniciou psicoterapia, mas parece que não prosseguiu	não houve	não houve	indicação de tratamento fonoaudiológico e psicoterapia
transferências de instituição	em 06/11/97 para a ASESP; em 12/01/98 para o MAESP	em 13/10/97 para o MAIS	em 13/10/97 para o MAIS	em 15/10/97 para o MAIS
DPP dos pais	início: 05/09/97 por "abandono material, assistencial, moral e psicológico dos filhos"	não houve	não houve	início: 30/07/98; os pais foram citados e o prazo decorreu sem manifestação deles; a sentença seria dada pelo Juiz até final de março/99
desabrigamento	continuava no abrigo	em 31/12/97, pelo casal pretendente à adoção c/ TGR	em 18/12/97, pelo casal pretendente à adoção c/ TGR	continuava no abrigo
sentença de adoção	-	em 15/09/98; arquivamento dos autos determinado em 10/11/98	o casal havia formalizado o pedido de adoção e o processo caminhava sem problemas	-

Tabela 54: Dados dos casos das crianças do grupo 2.

DADOS DO ABANDONO	DENISE	ALINE	NILO	FELIPE
tipo	mãe sem condições materiais, morais e psicológicas de cuidar dos filhos	abandonada quando bebê pela mãe; pais não localizados; guardiães de fato não se manifestaram para a assunção legal de Aline, desistindo de persistir para tê-la de volta; em 25/09/97, declarada pela Juíza em estado de abandono, sem filiação	abandonado quando bebê pela mãe; criado por uma família que não regularizou esta situação; c/ a prisão da guardiã de fato, esta família desestruturou-se provisoriamente e Nilo passou a ser cuidado por tomadeira de conta, caracterizando um abandono provisório	encontrado em situação de rua, institucionalizado por esta razão, sem familiares reclamando por ele
descrição do abandono no primeiro atendimento	Denise e irmãos eram trancados em casa enquanto mãe saía p/ usar drogas; ambiente "precário, caótico, perigoso", crianças expostas a riscos; não havia sinais de "maus-tratos" e sim negligência nos cuidados	Aline foi encontrada sozinha e perdida na rua; guardiães de fato não manifestaram interesse em assumi-la; não foram localizados os genitores e outros familiares	denúncia anônima de que Nilo teria sido deixado pelo "pai" com uma tomadeira de conta e que não estaria sendo bem cuidado por ela	Felipe foi encontrado em situação de rua e não soube dar pistas sobre seu endereço, o motivo de estar sozinho, embora tenha informado o nome de seu pai, de sua mãe e de uma irmã mais nova
motivo que ensejou o abandono	mãe viciada em coca; crianças em contato com droga, apresentando inapetência e sangramentos nasais; situação de negligência com riscos para as crianças	não ficou claro; Aline estava perdida em um bairro da extrema zona norte de São Paulo, tendo dito que seus pais haviam viajado à Bahia e a deixado sozinha	não ficou totalmente claro; parece ter sido consequência da prisão da guardiã, do fato do guardião ter ficado com a responsabilidade de quatro filhos, sendo que Nilo era pequeno e ele supostamente teria dificuldade para cuidar da criança nesta situação	desconhecido

Tabela 55: Dados do abandono das crianças do grupo 2.



## 1.3. Grupo 3

DADOS PESSOAIS	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
nascimento	04/08/92	20/09/91	14/07/91	06/11/90
idade	5 anos e 2 meses	6 anos e 1 mês	6 anos e 3 meses	6 anos e 11 meses
sexo	masculino	feminino	feminino	masculino
cor	branca	branca	branca	negra
ordem na prole	único	única	segunda de duas	primogênito de dois
com quem vive	mãe; babá	mãe; empregada	pais e irmã; empregada	pais e irmão
escolaridade	jardim de infância; escola particular, período integral	pré-primário; escola particular, período da manhã	pré-primário; escola particular, período da manhã	3º estágio da pré-escola; escola pública, 6h30 às 15hs.
quando iniciou a escola; como reagiu	com 2 anos; reagiu bem	com 1 ano e meio; dificuldade de adaptação (escola rígida)	com 1 ano e 8 meses; reagiu bem	com 6 meses; reagiu "normalmente"
o que acha da escola	adora	adora; gosta de aprender, tem concentração e responsabilidade	gosta	gosta
dificuldades de aprendizagem	nenhuma	nenhuma	nenhuma	nenhuma
dificuldades de relacionamento	nenhuma	nenhuma	nenhuma	nenhuma
características indicadas pela mãe e/ou pai	fácil; tranquilo desde que nasceu; muito compreensivo; gosta de acertar para ser elogiado; um pouco tímido; adapta-se relativamente rápido ao ambiente novo	muito fácil em casa, porque gosta de aprender; é tranquila, ouve e obedece; independente, tem resposta para tudo; não se adapta rapidamente a um meio desconhecido; temperamento calmo, temperado	fácil, porque dialoga muito e é receptiva; calma, tranquila e segura nas suas atitudes; adapta-se rápido a um meio diferente	difícil, pois tem ciúme do irmão e não obedece; quer ser filho único para ganhar tudo sozinho; muito nervoso e chorão; pula e grita quando nervoso; muito teimoso; mãe acha esse temperamento normal para a idade; adapta-se rápido a um ambiente diferente

DADOS PESSOAIS (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
em que situações se altera e como	quando quebra um brinquedo ou quando não acerta: fica nervoso	ao ser contrariada: faz bico, argumenta, fica brava; em situações novas, fica quieta	em geral, não se altera	quando quer muito alguma coisa: pula, grita, chora e xinga
chora fácil	não	não	não	sim
medos	do escuro	de situações novas, diferentes	de trovão	de inseto, cão e escuro
ciúmes	de um ex-namorado da mãe	de sua mãe e de sua cadelinha	da irmã e da mãe	da mãe c/ outros e principalmente com o irmão
crises de birra	raras	nunca	nunca	sim
informações complementares	-	-	-	pais reagem à birra conversando com ele

TABELA 56: Dados pessoais das crianças do grupo 3.

DADOS DO DESENVOLVIMENTO	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
gestação planejada	não	sim	sim	não
problemas na gestação	nenhum	nenhum	nenhuma	nenhum
complicações no parto e pós-parto	nenhuma	parto: teve circular de cordão	nenhuma	durante: fórceps de alívio; após: sofreu asfixia perinatal grave
sentou	aos 6 meses	sem dados	aos 5 meses	aos 4 meses
andou	com 1 ano	com 1 ano	aos 10 meses	aos 10 meses
falou primeiras palavras	com 1 ano	com 1 ano	com 1 ano	com 1 ano
dificuldades de linguagem	troca o "r" pelo "l"	nenhuma	nenhuma	nenhuma
problemas psicomotores	nenhum	nenhum	nenhum	muito agitado e desastrado; não consultou psicomotricista
hábitos/manipulações	chupa o dedo	chupeta até os 4 anos	usou chupeta	chupeta até os 4 anos

DADOS DO DESENVOLVIMENTO (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
controle esfinteriano	mãe não se lembrou quando foi; na escola	aos 2 anos e meio; pela mãe e escola	com 1 ano e 3 meses; pela mãe	não informou
sexualidade	não manifesta curiosidade	já desenvolve auto-conhecimento do corpo; já perguntou sobre concepção e gestação	não exprime curiosidade; apresenta alguns comportamentos de auto-erotismo	exprime curiosidade: olhar trocar de roupa, tomar banho e cenas de amor; comportamentos de auto-erotismo
atitude dos pais frente à sexualidade da criança	mãe leu para ele o livro "De onde viemos"	mãe responde perguntas espontâneas, não vai além da curiosidade de Bruna	pais reagem naturalmente	reação "normal, explicando"

Tabela 57: Dados do desenvolvimento das crianças do grupo 3.

DADOS DA SAÚDE	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
problemas de saúde do nascimento à idade atual	gastroenterite (c/ 8 meses); escarlatina (c/ 4 anos)	otite média de repetição (até 3 anos); foi alérgica; bronquite asmática (2 vezes)	nenhum	icterícia; amigdalite
seqüelas	nenhuma	nenhuma	-	nenhuma
toma medicação	não	não	não	não
cirurgias/hospitalizações	nunca precisou	nunca precisou	nunca precisou	sim, uma vez (12 horas de hospitalização)
consultas pediátricas	duas a três vezes ao ano	uma vez por ano	uma vez por ano	a cada três meses
sono	dorme bem, sozinho em seu quarto, s/ distúrbios do sono; não vai p/ cama da mãe; dorme chupando dedo	dorme bem, sozinha em seu quarto; às vezes, se agita, transpira, range dentes; até 5 anos ia p/ cama dos pais	dorme bem, divide quarto com a irmã; s/ distúrbios do sono; não vai à cama dos pais	dorme bem, sozinho; s/ distúrbios do sono; não vai para cama dos pais; às vezes, enurese noturna
alimentação	mamou no peito até os 6 meses; come bem, ritmo lento	mamou no peito até os 7 meses; come bem	mamou no peito até os 7 meses; come bem	mamou no peito até os 6 meses; come bem

DADOS DE SAÚDE (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
já fez psicoterapia; motivo	nunca (mãe havia consultado uma psicóloga quando ele teve comportamento regredido, imitando filho da empregada, 1 ano e meio mais novo; superado)	iniciou (havia 5 meses) psicoterapia, por ter dificuldade de estar sozinha, ir à casa de amigos, dos avós, do pai e conversar com pessoas de fora de se convívio	não	não

Tabela 58: Dados da saúde física e psicológica das crianças do grupo 3.

DADOS DA EDUCAÇÃO EM CASA	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
como é repreendido	brincas	conversas, explicações, estórias; às vezes, bronca	brincas (conversas) e castigos	pais começam com bronca
quem repreende	mãe	mãe	pais	pais (mais a mãe)
motivos	teimosia	não especificou	desobediência	teimosia
reação da criança à repreensão	assusta-se e obedece	ouve e aceita	fica calada	não indicou
é ou foi castigado; como	nunca	uma vez; ficar sentada na cama por um minuto	sim; não brincar ou não assistir TV	sim; ficar sentado no quarto e no banheiro sem TV
reação da criança ao castigo	-	ficou muito sentida e desesperada	aceita	não gosta do castigo e sai logo
reação da mãe e/ou do pai depois do castigo	-	percebeu que era demasiado e desnecessário	não especificou	não especificou
já apanhou; como	uma vez, mãe deu um "tapa no bumbum"	uma vez, mãe deu uma palmada	uma vez, um "tapinha"	poucas vezes; "tapas ou chinelo no bumbum"
reação da criança ao apanhar	chorou e obedeceu a mãe	disse que a mãe não precisava fazer mais aquilo porque ela não ia desobedecer mais	chorou	chorou, xingou e repetiu o que havia feito

DADOS DA EDUCAÇÃO EM CASA (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
reação da mãe e/ou do pai ao bater	entrou em seu quarto e chorou muito	ficou triste e percebeu que era demasiado, pois Bruna é muito sensível	não indicaram	mãe: sentiu remorso, mas achou que tinha sido necessário
uso do castigo físico na educação na família extensa	não há	não há	não especificaram	não especificou

Tabela 59: Dados da educação em casa das crianças do grupo 3.

DADOS DE ATIVIDADES E DE SOCIABILIDADE	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
lição de casa	não leva	faz sozinha	faz sozinha	faz sozinho
desenhos; temas	desenha pouco e quando o faz desenha os primos	gosta de desenhar e o faz espontaneamente, quase todos os dias; casa, bichinhos, menina, sua cadelinha, flores; não inclui o pai no desenho da família	desenha; casinhas, flores e bichos	desenha; carro, casa, menino e desenhos geométricos
prefere brincar sozinho ou c/ amigos	com amigos	com amigos	com amigas	com amigos
que amigos prefere	os da escola	meninas, da sua idade	meninas, da sua idade	primos e colegas da escola
atitude no relacionamento (dominação/submissão)	domina	domina	dominada por crianças com as quais não tenha intimidade	gosta de dominar, dependendo do temperamento da criança c/ quem brinca
reações quando briga com amigos	foi agressivo com 3 anos; hoje, só chora quando briga	raramente briga; quando acontece, ela fala o que pensa, fica chateada	costuma reagir agressivamente e chorar	bater ou sair de perto
brincadeiras preferidas	aquela que possa partilhar	casinha, escolinha, bichos de pelúcia e jogos	casinha e bonecas	corrida, carrinho, escolinha



DADOS DE ATIVIDADES E DE SOCIABILIDADE (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
brinquedos preferidos	motoca, bicicleta, seu urso	Barbie, bichos de pelúcia, jogos	bonecas e jogos	jogos, carrinhos e robôs
brincadeiras detestadas	não indicou	mãe acredita que não exista	não indicaram	esconde-esconde
brinquedos que não gosta	não indicou	não indicou	não indicaram	brinquedos quebrados
em casa, onde brinca	sala	seu quarto e sala	sala de TV	quintal
atitude na brincadeira (dominação/submissão)	domina	domina	dominada por crianças com as quais não tenha intimidade	deixa-se dominar
prefere brincar ou assistir TV	TV	brincar	brincar	brincar
tempo diário na TV	3 horas	1 a 3 horas	3 horas	4 horas
programas preferidos	desenhos animados, Castelo Rá-tim-bum, Cocoricó, X-tudo	desenhos animados, Chaves, Chiquititas	shows e filmes	Castelo Rá-tim-bum, Disney Club, Mundo da Lua e filmes
assiste filmes de violência	não	não	não	nos fins de semana, dependendo da programação
outras atividades que aprecia e pratica	não indicou	escrever, ler, atividade artística	atividade artística	pintar; ver vídeos de música e ouvir música; estuda música
atividades esportivas	nenhuma; praticou natação	natação	natação e atividade artística	futebol

Tabela 60: Dados de atividades e sociabilidade das crianças do grupo 3.

DADOS FAMILIARES	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
idade pai	29 anos	37 anos	39 anos	32 anos
idade mãe	27 anos	34 anos	40 anos	36 anos
ocupação pai	industrial	engenheiro civil	administrador de empresas	mecânico de aeronaves
ocupação mãe	médica	médica	comerciante	técnica em contabilidade e secretária

DADOS FAMILIARES (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
horário de trabalho da mãe e/ou do pai	mãe: 8 às 17 horas	mãe: 8 horas por dia, manhã e tarde	não indicaram	9 hs./dia, não especificou se ambos os pais
naturalidade pai	Minas Gerais	Minas Gerais	São Paulo	São Paulo
naturalidade mãe	Bahia	São Paulo	São Paulo	São Paulo
estado civil pais	divorciados	separados	casados	casados
tempo de união	2 anos e 10 meses	5 anos	16 anos	7 anos
qualidade da relação conjugal	-	-	ótima; conflitos resolvidos por meio de diálogo e somente o casal participa;	"normal, sem problemas"
tempo de separação	1 ano e 10 meses	3 anos e meio	-	8 meses, e voltaram
motivo da separação	brigavam muito por saídas e embriaguez de fim de semana do pai	após nascimento de Bruna, foram surgindo problemas até a relação tornar-se insustentável; pouco diálogo; discussões e agressões verbais por parte do pai	-	um desentendimento (não especificou)
criança presenciou conflitos dos pais	raramente	algumas discussões	-	não informou
relação dos pais pós-separação	sem dados	melhorou, havia um ano, passando a ser tranquila, de reconhecimento e ajuda mútua; dificuldade da atual esposa do pai aceitar Bruna	-	-
autoridade em casa	mãe	mãe	pais conjuntamente	mãe
relação mãe-criança	muito boa, muito apego	ótima, muito diálogo, leituras, passeios, brincadeiras, viagens juntas, amigas	muito boa, com muito carinho e atenção	boa

DADOS FAMILIARES (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
relação pai-criança	Daniel muito ligado ao pai apesar da distância, incluindo-o ao falar de família; relação muito boa	boa, de afeto; não têm conversas profundas; relação mais superficial, de brincadeiras e passeios	boa, com carinho	boa
tempo diário da mãe c/ criança	4 a 5 horas, à noite	5 horas, à noite	4 horas	6 horas
tempo diário do pai com a criança	pai mora na Bahia; fala com Daniel uma vez por semana por telefone; Daniel passa as férias escolares c/ ele (2 meses/ano)	quartas, das 17 às 20 hs., um fim de semana/mês e outras duas metades de fim de semana; leva Bruna à escola 3 vezes/semana	4 horas	6 horas
outras pessoas no lar; relação com elas	babá: serve o café da manhã para Daniel, o leva e o busca na escola; boa relação com Daniel, que gosta muito dela	empregada: cuida de Bruna da hora do almoço até a noite, brinca com ela, busca na escola, leva na natação e psicóloga; boa relação, uma gosta da outra	irmã, 11 anos: paciente e compreensiva; relação boa, de muito amor e brigas por diferenças de interesses, uma bate na outra; empregada: cuida de Clara, passa o dia c/ ela após a escola; relação entre elas: ótima	irmão, 3 anos: relacionamento entre João e irmão foi descrito como "normal"; João tem ciúme dele e às vezes lhe bate; não há outras pessoas no lar
composição familiar materna	mãe: filha caçula de uma prole de 3; avós maternos vivos, separados	mãe: filha mais velha de uma prole de 4; avós maternos vivos, divorciados	mãe: a caçula de uma prole de 3; avô materno faleceu de acidente e avó materna está viva	mãe: segunda filha de uma prole de 3; avós maternos vivos, casados
composição familiar paterna	pai: filho mais velho de uma prole de 4; avós paternos vivos, casados	pai: filho mais velho de uma prole de 3; avós paternos vivos, casados	pai: o caçula de uma prole de 4; avô paterno faleceu de enfarto e avó paterna, viva	pai: filho único; avô paterno faleceu de enfarto e avó paterna é viva
familiares mais significativos afetivamente para a criança	pais e uma prima de 4 anos	pais, avô materno e uma tia materna	avó e primos	um tio e um primo

DADOS FAMILIARES (cont.)	DANIEL	BRUNA	CLARA	JOÃO
perdas e/ou separações marcantes p/ criança	a separação dos pais, e da babá (temporária)	a separação dos pais; morte da tia-avó e da bisavó maternas, e de um galo da avó	não houve	separação de primos que se mudaram para outro estado
problemas de saúde na família; alcoolismo, drogadição e outros	pai: "etilista de fim de semana"; avô materno com o mesmo problema	não há	não há	mãe: problemas cardíacos; avô materna: hipertensão; avô materno: diabetes; pai: não é alcoólatra, "mas bebe bem"
casos de violência física, sexual e/ou psicológica na família	não há	não há	não há	não há
religião	mãe: espírita, voltando a praticar	mãe: católica não praticante	católicos não praticantes	católicos "mais ou menos" praticantes
interesses culturais da família	mãe: livros, música	mãe: teatro, cinema, exposições, museus, shows, clube	viagens, livros e filmes, com ou sem as filhas	cinema e shows
lazer	mãe e filho frequentam livrarias, lanchonetes infantis, teatro, parques; mãe sai pouco sozinha	além dos descritos acima, viagens, passeios e <i>shopping</i> , na maioria das vezes com Bruna	idem acima	passeios com os filhos em <i>shopping</i> , lanchonetes infantis, cinema, clube, andar de bicicleta e viajar à praia
renda mensal aproximada	mãe: 3.500 reais	mãe: 5.000 reais	não informaram	2.600 reais
tipo de moradia	apartamento de dois quartos	apartamento de três quartos	apartamento de três quartos	casa de dois quartos

Tabela 61: Dados familiares das crianças do grupo 3.

## **2. DADOS DE OBSERVAÇÃO DO BRINCAR**

### **2.1. Grupo 1**

#### **2.1.1. Brincar em grupo com os brinquedos oferecidos**

As crianças vítimas de violência física doméstica, acolhidas em instituição, brincaram com os bonecos da família e com os blocos de madeira (além de outros objetos encontrados na sala), mas não o fizeram em grupo.

Elas estavam em grupo desenvolvendo um brincar paralelo, isto é, interagem, conversavam, reclamavam entre si e, também, sentiam-se ameaçadas com a presença do outro em seu território de brincar. No entanto, as quatro crianças não brincaram juntas, no grupo como um todo. No máximo, brincaram (ou tentaram brincar) em dupla.

Os irmãos Henrique e Tiago foram os únicos que brincaram algumas vezes juntos e, durante a maior parte do tempo das duas sessões, brincaram um ao lado do outro, conversando. Anita e Rafael brincaram sozinhos. Tiago e Rafael brincaram uma vez comigo. Tiago tentou brincar com Anita.

No início, cada um separou uma quantidade e um tipo de brinquedo para si, todos frisaram que aquilo e aquele tanto eram seus, estabelecendo um "patrimônio" e um "território", e defenderam suas "posses" a partir de então, cada um do seu jeito e com uma intensidade, dependendo do momento.

#### **2.1.2. Forma de brincar e de utilizar os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar**

Anita brincou sempre de maneira tranqüila, organizada, concentrada, construtiva. Enquanto brincava, manteve-se silenciosa. Alterou-se somente



quando algum dos meninos se aproximou, defendendo seus bonecos, reclamando com eles e raramente me chamando. Não os atacou nem mexeu no brinquedo deles nenhuma vez. Apresentou, em alguns momentos, certa depressão.

O brincar de Tiago oscilou de uma forma mais estruturada para outra mais instável, mas sempre agitada, com muitos movimentos. Ele chegou a se cansar. Na maioria das vezes, desenvolveu um brincar construtivo. Conversava muito enquanto brincava.

Henrique foi o mais agitado, o mais falador, não permanecia muito tempo na mesma atividade, uma ação se encadeava na outra aparentemente sem conexão. A brincadeira mais consistente e de maior continuidade no tempo foi a com o laço<sup>5</sup> e, mesmo assim, turbulenta. Em geral, mostrou-se hiperativo, hiperexcitado, fazendo muitos movimentos, de maneira instável, ficando ofegante. Às vezes, agia de maneira destrutiva, gratuitamente (sem um motivo desencadeador), pisando nos tijolinhos, chutando-os, espalhando-os, jogando-os. Falava verbosamente, repetia várias vezes a mesma frase, gritava, urrava, cantava, dançava, pulava, batia palmas, ria. Henrique e Tiago transpiraram muito nas sessões.

Rafael brincou de maneira tranqüila, organizada e concentrada a maior parte do tempo. Não obstante, foi o mais impetuoso, aquele que mais extrapolou e testou limites, tendo mexido em tudo o que não era permitido, ido para a varanda, pulado a janela, trepado na prateleira, entre uma brincadeira e outra. Em geral, manteve um brincar construtivo e, de vez em quando, tinha atitudes destrutivas, especialmente com relação aos bonecos.

Com os tijolinhos, somente os meninos brincaram, tendo os utilizado, em geral, de modo tranqüilo, compenetrado, organizado para construir algo. Depois de terminada, a construção muitas vezes era desmanchada e recomeçada, nos mesmos moldes ou de forma diferente, com outro tema.

<sup>5</sup> Originariamente o cachecol de um dos bonecos, que Henrique transformou em laço e chicote.

Rafael foi o que fez construções mais elaboradas, de modo mais consistente, tendo sido minucioso e criterioso na escolha dos tijolinhos. Tiago construiu com um grau médio de elaboração, não tendo se entretido muito tempo com suas construções. As de Henrique foram pouco elaboradas e não duraram muito. Em geral, Henrique não chegava a terminar o que construía, mudava de tema rapidamente, ou então, à medida que ia percebendo que os tijolinhos formavam algo, associava outras imagens à original e ia modificando sua construção. Anita só mexeu nos tijolinhos para juntá-los e guardá-los para si na segunda sessão.

Com os bonecos, Anita foi a única que permaneceu toda a primeira sessão e a maior parte da segunda brincando com eles, de forma tranqüila, organizada, estável, juntando-os, acariciando-os, fazendo-os dormir, arrumando-os e representando cenas de relacionamento afetivo.

Tiago tinha estabelecido previamente que os bonecos eram brinquedo de menina, embora tenha tentado brincar com eles, formar uma família (mas Anita não o deixou). Depois, ele estabeleceu que os meninos podiam brincar com os bonecos-homens. Não obstante, ele chegou a brincar em alguns momentos com as bonecas também: de tirar e colocar a roupa, fazê-los ir à piscina, agrupar pares de namorados. Em outros momentos, usou-os com outra finalidade: como bola, como volante de carro ou como objeto de ataque. Algumas vezes, jogou-os ou chutou-os (uma das vezes, dizendo que era a 'mamãe dela' – de Anita, e outra vez, dizendo que era eu quando lhe coloquei um limite). Escolheu, também, uma boneca para ser eu e mergulhou-a fundo em uma piscina imaginária.

Rafael não brincou propriamente com os bonecos, tendo mantido com eles uma relação ambivalente, que oscilava entre proximidade com manifestação de afeto e distância com expressão de raiva e agressividade: por exemplo, de repente beijava forte um boneco; em outro momento, o puxava, o xingava, o jogava de modo violento, batia o boneco de um lado para o outro, o chutava. Também jogou com os bonecos como se fossem

bola e, em um momento, tirou a roupa de um, dizendo que estava pelado, rindo e fazendo os outros rirem.

Henrique brincou com os bonecos colocando-os sempre na posição de alguém que apanhava dele (com o laço): bateu nas nádegas de uma boneca, várias vezes, com violência, embora risse; enforcou o boneco que dizia ser o pai, com muita força e violência. Brincou especialmente com este laço, rodando-o, batendo no irmão, batendo nos objetos e móveis da sala, amarrando-o em sua cabeça, passando-o em meus olhos, batendo em bonecos, amarrando-o no pescoço de um boneco para enforcá-lo.

Outras brincadeiras, atividades e interesses surgiram com outros brinquedos e objetos que eles acharam na sala (prateleira de materiais e carteiras) e fora dela (terraço). Tiago jogou bola sozinho e com o irmão. Os irmãos e Rafael chutaram um globo do mundo como se fosse uma bola, num jogo de futebol. Os irmãos brincaram de cavalinho (Tiago carregando Henrique nas costas). Rafael se interessou por livros e gibis, pegando-os em vários momentos. Anita e Henrique também se interessaram pelos gibis, mas de modo menos intenso. Henrique brincou de lançar uma argola em seu irmão, de jogar uma borrachinha e de fazer mágica com um tijolinho, o que consistiu em grudar o tijolinho em sua mão (que devia estar suada) e levantá-la, mostrando esta "mágica" para todos.

Os meninos brincaram de esconder debaixo da escrivaninha, separando homens (debaixo) e mulheres (na sala). Anita interessou-se por um grande enfeite. Ela mordeu duas vezes uma argola para colocá-la no saco. Os meninos quiseram brincar e dar brinquedos da sessão para crianças que apareceram na janela. Os irmãos brincaram de correr e pegar, em volta do espaço do brincar, e o mesmo fizeram Tiago e Rafael em outro momento. Henrique pisou e arrastou os tijolinhos com os pés gritando, com voz grave, que era um monstro, que ia explodir e que ia "fazer um assassino". Em outro momento, imitou rapidamente Papai Noel, com um saco nas costas. Rafael fez-se de monstro e gorila, uma vez, e deu um

tapinha em Henrique. Anita desenhou na lousa algo que parecia uma cerca de tábuas com buracos no meio de cada uma delas (no final de segunda sessão). Tiago também, tendo feito uma baleia e a pintado. Henrique desenhou círculos no chão, pintando-os com um giz e depois o apagou com o laço.

Uma outra espécie de brincadeira, surgida no final da segunda sessão e iniciada por Anita, tendo sido imitada por todos, consistiu em guardar os tijolinhos e/ou bonecos em um dos sacos de pano, para guardá-los para si, carregá-los como se fossem suas bolsas ou mochilas. Estas bolsas foram alvo de disputa entre as crianças. Anita foi a mais empenhada em guardar os brinquedos da sessão para si e protegê-los dos outros.

Anita usou os bonecos de modo apropriado, esperado para aquele tipo de brinquedo. Os bonecos foram utilizados pelos meninos de modo não próprio ao brinquedo, quando os jogavam ou os lançavam como se fossem bolas. Mas foram também usados de modo apropriado por Henrique e Tiago, principalmente, em alguns momentos. Todos expressaram curiosidade com relação ao corpo dos bonecos (queriam ver como era debaixo da roupa).

Os meninos utilizaram os tijolinhos, em geral, da maneira correspondente ao brinquedo (construção), com exceção de Tiago que inventou um modo de brincar com o tijolinho como se fosse uma bola de gude e Henrique, que fez a "mágica".

Quanto ao uso do espaço do brincar, foram os meninos os que mais o exploraram, mais se movimentaram nele (Tiago e Henrique excessivamente) e também o extrapolaram, saindo pela janela e pela porta para a varanda (principalmente Rafael). Anita, ao contrário, permaneceu a maior parte do tempo sentada em um mesmo lugar, tendo se levantado poucas vezes para pedir ajuda com uma boneca, para se proteger dos meninos e para explorar algo da sala (somente um enfeite e um gibi).



### 2.1.3. Comportamentos, atitudes e relações estabelecidas durante o brincar

Tiago e Henrique foram os únicos que brincaram várias vezes juntos e, quando brincaram separados ou fizeram outras atividades, explorações e descobertas, contaram-nas um para o outro. Henrique, principalmente, chamou a atenção do irmão para tudo que fez. A relação afetiva entre eles pareceu ser forte, de cumplicidade e, algumas vezes, "maternal" da parte de Tiago. De um lado, ele protegia Henrique, ensinava-lhe várias coisas, o elogiava quando ele acertava ou fazia algo interessante (sempre com uma voz maternal). De outro, Tiago também competia com o irmão, fazendo questão de dizer que era o mais forte, que sabia mais e que fazia melhor do que ele. Henrique, uma vez, quis mostrar que era mais forte que o irmão. Em um dado momento, uma conversa entre eles delimitou as individualidades, Henrique tendendo a fundir-se na figura do irmão e este delimitando suas identidades. Tiago fez questão de frisar que era o mais velho de todos e, em outro momento, disse que era mais velho que eu e a cinegrafista juntas.

As atitudes de Tiago para com os outros foi em geral de respeito, atenção, compreensão. Mesmo quando invadiu o espaço do outro, como fez com Anita (colocando seus bonecos dentro do saco de bonecos dela), ele aceitou o limite dela e reparou o que havia feito. Foi o único que se aproximou de Anita para tentar brincar ou compartilhar os bonecos. Foi doce com ela ao falar, mas também soube mostrar-lhe limites, como quando lhe disse que os bonecos não eram só dela (ela não queria compartilhá-los com Henrique). Soube pedir quando desejou algo, compartilhar e também aceitou dar. Conversou muito com o irmão explicando-lhe as coisas, fazendo-o mudar de assunto, incentivando-o etc.

Henrique foi muito afetivo com o irmão. Mesmo quando, na brincadeira, o atacou, lhe bateu com o laço ou o perseguiu, o fez sempre rindo e sem machucar. Não foi deliberadamente agressivo com o irmão, mas suas brincadeiras com ele tiveram conotação agressiva. Algumas vezes, um



provocou o outro, falando besteiras e rindo muito. Com freqüência, Henrique dirigiu-se ao irmão fazendo voz de bebê. Algumas vezes, fez chantagem emocional, ameaçando parar de brincar se o irmão não fizesse o que ele queria. Em relação aos outros, em alguns momentos, Henrique disputou tijolinhos ou bonecos com Anita e com Rafael, atirando bonecos neste último, mostrando maior agressividade ou até destrutividade. Bateu algumas vezes com o laço na cabeça de Rafael, que não se incomodou. Pareceu sentir-se amparado pelo irmão pelo fato de ser o menor e, talvez por isso, tenha sido mais contundente, afoito. Não chegou a negociar brinquedos ou pedi-los, tendendo sempre a tirá-los ou, então, a desistir deles. Compartilhou brinquedos somente com Tiago.

Rafael brincou sozinho quase todo tempo, a não ser por um breve momento em que chutou o globo com Tiago e Henrique. Não brincou junto, mas manteve-se atento aos outros, ouvindo o que eles diziam, dando suas opiniões, reclamando se eles invadissem seu espaço, emprestando-lhes algo, fazendo gracinhas para eles rirem, puxando bonecos deles (às vezes, de forma bastante agressiva), participando das conversas, entre outras atitudes. Algumas vezes, chegou a ser violento com os bonecos, o que acabou atingindo Anita que os segurava (causando medo). Na interação com os meninos, foi mais brusco: empurrou Tiago na escrivaninha, fingiu enforcar Henrique (apertando seu pescoço de leve), devolveu tijolinhos para Henrique com irritação. Também jogou, pisou e arrastou os tijolinhos, agressivamente, no final da segunda sessão, ajudando-me, depois, a guardá-los.

Anita, diferentemente dos meninos, foi a única que relacionou-se com os outros poucas vezes. Sua relação limitou-se à defesa dos bonecos com os quais brincava, a afastar-se dos meninos, a reclamar um pouco. Em dois momentos, esteve mais próxima de Tiago, mas foi ele quem tentou compartilhar os brinquedos. Mesmo assim, a relação entre ela e Tiago pareceu mais tranquila: riram juntos, conversaram, ao contrário da relação

tensa com Rafael (de quem teve medo, porque ele era brusco com os bonecos) e com Henrique (com quem não teve muita paciência). Em um momento, expressou, com o rosto, vontade de participar da brincadeira, mas não brincou (quando os meninos tapavam-me os olhos). Em geral, ficou alheia às conversas, não participou, não deu opiniões, não expressou seus sentimentos e não compartilhou brinquedos. Algumas vezes, mostrou-se deprimida.

Com relação a minha pessoa, os três meninos solicitaram-me muito, a todo momento, mostrando-me o que faziam, pedindo-me aprovação, reconhecimento, elogio, chamando minha atenção para tudo, pedindo minha intervenção, exibindo-se ou fazendo demonstrações (de paradas de mão, estrelas, chutes, bicicletas, caretas etc.), contando-me situações da vida deles na instituição ou da violência sofrida (Tiago e Henrique), perguntando sobre mim (onde morava, que outras vezes estaria com eles, se iria levá-los) e até brincando comigo (de tamar os olhos e adivinhar quem é, de jogar bonecos como se fosse bola, de bater a mão na minha cabeça, sem machucar). Quando jogamos bonecos, Tiago e Rafael não os jogaram entre si, mas somente comigo, fazendo com que eu mantivesse dois jogos paralelos. Henrique olhou para esta brincadeira com vontade, mas não conseguiu integrar-se. Anita solicitou-me poucas vezes para intervir quando os meninos pegaram seus bonecos, duas vezes para colocar uma roupinha e outras duas para mostrar-me o que havia feito.

Todos mostraram expectativa de que os levaria embora ou para passear, muito provavelmente porque haviam sido arrumados para as sessões, tendo sofrido com isso, cada um a sua maneira. Rafael foi o que mais me perguntou quando iríamos embora. Na primeira sessão, eu havia entendido que ele me perguntava a hora do final, dizendo-lhe então que esta hora iria chegar logo (o que aumentou sua expectativa). Na segunda sessão, depois de ter compreendido o teor da sua pergunta, expliquei-lhe a realidade e ele se decepcionou, sem expressar abertamente seus sentimentos como o

fez Henrique (que chorou e contou-me que havia chorado porque queria ir embora). Depois disso, percebi que o brincar de Rafael modificou-se. Quando a expectativa ainda existia, ele verbalizava querer construir castelos até o teto e muito bonitos, buscando sempre meu reconhecimento, como se quisesse me agradar ou seduzir. Após nossa conversa, sua forma de brincar e sua concentração se alteraram. Construiu um palhaço com grandes pernas (que transformou nele mesmo 'grandão'), depois robôs, desconcentrando-se rapidamente, dispersando-se em várias outras atividades, até envolver-se com a "captura" dos gibis (em como escondê-los em sua roupa, para levá-los consigo).

No tocante à cinegrafista, os meninos falaram com ela, algumas vezes, perguntando-lhe algo, avisando-a que iam pegar alguma coisa, ou então simplesmente sorrindo para ela, parecendo indicar que a presença dela não era ameaçadora. Anita não se manifestou verbalmente, mas uma vez olhou para a câmera, com expressão séria; outra vez, sorriu.

Rafael apresentou a atitude de se apropriar dos gibis quase no final da segunda sessão. Pediu-me para levá-los e eu não consenti sem ordem da direção da instituição, explicando-lhe os motivos. Tentou dissuadir-me, sem êxito. Então, resolveu que ia levá-los: pegou vários deles e passou um bom tempo escondendo-os dentro de sua bermuda e de seu bolso, cobrindo-os com a camiseta. Mal podia dobrar a barriga. Tiago interveio, dizendo-lhe que "ninguém era ladrão", mas Rafael não lhe deu atenção. Anita mostrou-me o que Rafael estava fazendo e ele também não se importou. Deixei-o para ver até onde ia, pois a questão em jogo não era a explicação, a regra, a ordem; ele sabia que o que estava fazendo não era permitido, mas precisava se apropriar de alguma coisa e dizer-me isto.

Esta atitude talvez pudesse ser comparada com aquela de guardar os brinquedos para si, nos sacos, desenvolvida por todas as crianças do grupo, mas com uma diferença: ninguém levou efetivamente os tijolinhos e bonecos (Anita fez menção, mas eu lhe expliquei que era das sessões e ela aceitou).

Tiago perguntou, dei-lhe a mesma explicação e ele também aceitou), nem saiu correndo no final da sessão com eles, como fez Rafael com os gibis. A atitude de Rafael tinha sido recriminada e apontada pelos outros; a de todos, com os sacos, tinha sido compartilhada como parte do brincar.

#### 2.1.4. Temas surgidos no brincar

Com os bonecos, surgiram seis temas. O brincar de casinha ou de família, que consistiu em escolher os familiares pela semelhança, agrupá-los, contemplá-los, fazer com que eles expressassem afeto (por beijo, abraço, carregar no colo, encostar o corpo etc.), fazer com que eles namorassem (os avós, os pais, o casal de crianças), trocá-los, arrumá-los, penteá-los, fazê-los dormir, passear, entre outros. Somente Anita desenvolveu este tema, tendo dado ênfase à relação afetiva mãe-filha; sua família principal tinha quatro membros: mãe, pai e duas filhas. Tiago tentou brincar como Anita (e também com ela) algumas poucas vezes (mas sem a mesma riqueza), colocando os bonecos da família em cima dos dela, no mesmo saco, para dormir, ou fazendo com que os pares de bonecos, que sobraram dela, namorassem.

O segundo tema com bonecos foi o de tirar e vestir as roupas sem brincar propriamente de casinha, mas para ver como era o corpo dos bonecos, para explorá-los nesse sentido, isto é, para satisfazer a uma curiosidade de caráter sexual. Esta atividade teve uma certa duração. Rafael, Tiago e Anita apresentaram este tema.

O terceiro tema foi o que Tiago desenvolveu, levando os bonecos para nadar na piscina. Tirou a roupa deles e levou-os a uma piscina imaginária, mas não continuou a brincadeira com eles. Escolheu uma boneca para ser eu e foi esta a única boneca a nadar, tendo feito com que ela mergulhasse até o fundo.



Tiago representou-me nos bonecos mais duas vezes, sem desenvolver um brincar com isto: deu um chute, verbalizando: "...vou dar um chute em você! Você fez eu sair da janela!", porque eu lhe tinha colocado um limite. Alguns minutos depois, quando brincávamos de jogar os bonecos, ele me representou como "a gatinha".

Um quarto tema de brincadeira foi o dizer que um boneco era namorado de uma das crianças. Henrique jogou um boneco para Tiago dizendo-lhe que era seu namorado. E em outro momento, Tiago fez o mesmo com Rafael. E Anita também disse a mesma coisa para Rafael, em outra ocasião.

Um quinto tema foi o de se transformar em monstro ou gorila, fingindo destruir os objetos e ameaçando as pessoas, tema apresentado por Henrique e por Rafael, em dois momentos distintos.

O brincar de Henrique com o laço pode ser considerado um tema à parte. Com este objeto transformado em chicote, verbalizou sentir-se poderoso, forte e, assim, estar habilitado para agredir ('Agora eu tenho cinta, agora eu vou te bater!'), tendo batido nas crianças, nos bonecos e nos móveis. Disse que batia quando estava bravo. Em um momento, fingiu que se enforcava com o laço. Houve uma brincadeira entre os irmãos com o laço: Henrique batia e Tiago lhe respondia que ele tinha ficado bravo e "cagado". Henrique escolheu uma boneca para dar chicotadas nas nádegas dela (não disse quem era). O auge do brincar de Henrique com o laço aconteceu quando ele ficou enforcando o boneco que ele disse ser o pai, violentamente, porque o pai não o havia obedecido, gritando várias vezes: "Eu vou te sufocar! Eu vou arrancar a tua cabeça!".

Com os blocos de madeira, o tema geral foi o da construção de castelos. Os três meninos construíram castelos e Rafael foi o que mais elaborou, rebuscou e aprimorou os seus. Tiago e Rafael denominaram



alguns deles de "castelos da bruxa". Rafael dizia sempre que o seu era um "castelão".

Houve variações de temas com os tijolinhos. Rafael construiu também casas (com garagem, carro etc.) – sempre denominando-as de "casonas", uma grande cadeia, vários robôs (sendo que um deles tinha braços, pernas e unhas bem pontudas e outro tinha 'aquele negócio montado'), um palhaço com sapato que ele transformou nele mesmo com longas pernas, dois robôs (um com cabelo e outro com uma cobra), seu nome. Henrique construiu uma casa, um robô, um martelo, um carro, um avião com grandes asas. Tiago construiu robôs, casinhas, uma casa para morar com a mãe (outra mãe que não fosse aquela que tinha lhe batido), o pai e os irmãos.

Henrique expressou também, com os tijolinhos, temas ligados à violência: usou um tijolinho para atirar (como se fosse uma arma) várias vezes em Rafael e o assoprou como se fosse um revólver; pisou e arrastou os tijolinhos com os pés gritando com voz grave que era um monstro, que ia explodir e que ia "fazer um assassino". Rafael também pisou e arrastou tijolinhos no final da segunda sessão.

Outro tema significativo, talvez não de uma brincadeira propriamente dita, mas que acabou se tornando jogo, foi aquele que partiu de Anita e contagiou a todos: o de guardar os brinquedos para si em um saco, como se fosse sua mochila, bolsa ou bagagem, e ficar protegendo-o até o fim da sessão.

#### **2.1.5. Outros dados dignos de nota**

Henrique, principalmente na primeira sessão, fez muita questão de frisar que tinha um irmão, que seu irmão era Tiago, que era irmão dele, entre outras colocações, indicando a importância que este fato tem em uma situação de institucionalização na qual se perde o contato com a família e, às vezes, a identidade, a individualidade. Ter algo e, especialmente, alguém,

um irmão, pareceu significar ter um maior status na instituição. Rafael, às vezes os olhava de um modo parecendo invejar a relação entre os dois. Tiago também reforçou, sempre que pôde, a importância de ter um irmão, de ser irmão de Henrique, e reassegurou, emocionalmente, a si e ao irmão com isso.

Outro dado de interesse pode ser a importância que os meninos atribuíram aos telhados dos blocos de madeira. Cada um deu ênfase a um tipo de telhado em sua construção. Por exemplo, na casa e no castelo, Henrique preferia os pequenos vermelhos. Para construir o carro e o robô, preferiu os verdes pontudos. Já Rafael sempre escolhia os verdes pontudos. Tiago ficava com os médios. Entretanto, não houve disputa específica com os telhados.

Um dado significativo refere-se ao momento em que Tiago construiu uma casinha para a sua família (a ideal), o que suscitou o relato da violência sofrida (que sua mãe havia batido em suas costas com o fio do ventilador) e de seus sentimentos a respeito da mãe (que por esta razão não a queria mais, e sim outra mãe). Henrique falou, no mesmo momento, que estava ali porque a mãe tinha batido nas costas dele. O relato de Tiago suscitou em Henrique a "brincadeira" de enforcar o "pai" com o laço.

## **2.2. Grupo 2**

### **2.2.1. Brincar em grupo com os brinquedos oferecidos**

As crianças não-vítimas de violência física doméstica, acolhidas em instituição, brincaram com os bonecos da família e com os blocos de madeira, mas não o fizeram em grupo. Desenvolveram um brincar paralelo, interagindo e perguntando algo eventualmente, reclamando um com o outro. Aline, Nilo e Felipe mostraram sentir-se ameaçados com a presença do outro em seu território de brincar.

Os meninos brincaram juntos em alguns momentos. Nilo e Aline participaram de forma breve de um momento do brincar de Denise. Felipe participou um pouco de uma brincadeira de Aline.

No início, cada um começou a brincar com uma quantidade e um tipo de brinquedo, do monte central, sem entretanto frisarem a posse dos mesmos. Pouco a pouco, estabeleceram cada um seu "patrimônio" e um "território", e o defenderam a partir de então, cada um do seu jeito e com uma intensidade, dependendo do momento.

### **2.2.2. Forma de brincar e de utilizar os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar**

Denise, na primeira sessão, brincou de maneira tranqüila, organizada, concentrada, construtiva. Falou enquanto brincava, descrevendo o que fazia. Não se alterou durante o brincar, nem brigou com as outras crianças ou reclamou delas. Quando houve diferenças entre ela e outra criança, ela a explicou, solucionando-a pelo diálogo. Não atacou ou mexeu no brinquedo dos outros nenhuma vez. Na segunda sessão, não brincou, ficou sozinha a maior parte do tempo, com expressão deprimida, às vezes com o corpo largado, manipulando um saco plástico e uma argola que havia levado consigo.

O brincar de Aline foi organizado, tranqüilo, estável, embora tenha interrompido algumas vezes sua atividade para olhar o que os outros faziam (principalmente Denise) e para defender seu "patrimônio". Conversou algumas vezes enquanto brincava.

Nilo brincou de forma organizada, em geral tranqüila e estável. Alterou-se somente ao brincar com Felipe de tijolinhos e com a janela, tendo, então, se mostrado mais ativo e às vezes impetuoso. Nessas brincadeiras com Felipe, Nilo mostrou, algumas vezes, maior agressividade.

Felipe apresentou um brincar intermitente, isto é, parava muito para pegar tijolinhos dos outros, se deslocar pela sala com movimentos variados, para olhar o que os outros estavam fazendo, perguntar e tentar imitá-los. Não era agitado demais, mas não tinha estabilidade. Assobiava constantemente enquanto brincava. Suas construções foram feitas de modo rápido e mais displicente, sem organização específica. Felipe brincou muito deitado de lado, de bruços, o que parecia aumentar seu grau de dificuldade nas montagens. Apresentou certa dificuldade de coordenação motora, o que o atrapalhou nas construções (em geral, estas não passavam do terceiro tijolinho, tendo tido mais êxito nas construções horizontais). Não obstante, mostrou ter encontrado um meio criativo de driblar esta dificuldade (colocando um tijolinho sobre o outro irregularmente, o que conferiu um 'equilíbrio desordenado' à construção, tornando possível chegar ao sétimo tijolinho).

Todos brincaram com os tijolinhos: Aline, Nilo e Denise de modo tranquilo, compenetrado, organizado para construir algo, e Felipe, de seu modo mais displicente. As construções terminadas foram desmanchadas e recomeçadas, nos mesmos moldes ou de forma diferente, com outro tema. Denise brincou com os tijolinhos uma vez, integrando-os à brincadeira com os bonecos. Aline e Felipe brincaram com os tijolinhos a maior parte do tempo, e Nilo um pouco menos, mas o brincar com estes brinquedos superou aquele com os bonecos. Aline brincou de pintar os tijolinhos, como se marcasse quais eram os seus.

Denise e Nilo realizaram, cada qual, uma brincadeira com os bonecos, na primeira sessão. Denise criou um enredo de atividades domésticas e relações familiares. Nilo representou principalmente uma relação sexual, a gravidez e o nascimento de um bebê. Aline brincou com os bonecos em um breve momento da segunda sessão, também encenando a gravidez e o nascimento. Em outro momento, criou um jogo de fazer desaparecer a "mamãe", procurá-la e encontrá-la, recomeçando. Felipe participou uma vez

deste jogo, mas sozinho não brincou propriamente com os bonecos; colocou uma vez um casal de bonecos deitados juntos dizendo que eles estavam namorando, manipulou muitos bonecos e fez perguntas a respeito de roupas e identificação dos bonecos, tendo sido acompanhado por Aline que lhe respondia as perguntas.

Outras brincadeiras e interesses surgiram com os brinquedos oferecidos e com outros objetos que estavam na sala. Aline e Felipe jogaram bonecos um para o outro e no meu colo. Nilo jogou tijolinhos sozinho contra a parede, como se esta fosse um gol, e depois jogou-os com Felipe, um para o outro, chegando a ser um jogo mais violento no final. Atacaram igualmente bonecos um para o outro. Os dois brincaram também com uma folha da janela, abrindo-a e fechando-a, medindo forças, o que acabou em disputa. Nilo e Denise, em momentos diferentes, mexeram na barra de ferro de fechar a janela, brincando com ela. Várias vezes (principalmente Felipe e Denise) foram à janela olhar para fora. Aline e Felipe se interessaram pela mala da máquina filmadora. Felipe quis mexer na extensão da máquina. Aline passou boa parte da segunda sessão sentada no meu colo, o que fez também Denise no final da mesma sessão, sendo que as duas chegaram a disputar timidamente o colo. Além dos tijolinhos, Aline pintou sua calça e um saco de pano. Felipe rodou o laço algumas vezes, chacoalhou-o em Nilo e o ameaçou usando o laço como se fosse um estilingue, mas não chegou a bater.

A brincadeira, ou o "fenômeno", de guardar os brinquedos (no caso deste grupo, os tijolinhos) em um dos sacos de pano, para guardá-los para si, em bolsas ou mochilas, surgiu também com estas crianças da metade (Nilo e Felipe) ao final (Aline e Denise) da segunda sessão, iniciada por Nilo e imitada por todos. As bolsas foram alvo de disputa, principalmente entre os meninos em um dado momento. Nilo empenhou-se mais nesta atividade, mas também foi o primeiro que deixou-a para se interessar por outra coisa. Já o interesse de Felipe foi pouco consistente.



Denise, Nilo e Aline usaram os bonecos de modo apropriado, esperado para aquele tipo de brinquedo. Todos expressaram alguma curiosidade com relação ao corpo dos bonecos, tendo tirado a roupa deles em alguns momentos, verbalizando pouco a respeito.

Todas as crianças utilizaram os tijolinhos, em geral, da maneira correspondente ao brinquedo (construção), de modo pouco elaborado (empilhar, juntar ou enfileirar). Houve algumas exceções: Nilo e Felipe jogaram tijolinhos como se fossem bolas, Aline desenhou e pintou nos tijolinhos. Denise chupou-os (no final das duas sessões).

Quanto ao uso do espaço do brincar, foram os meninos os que mais o exploraram, mais se movimentaram (na segunda sessão), mas não excessivamente e sem extrapolar limites. Não houve correrias, nem tentativas de sair da sala. Algumas vezes, saíram de cima do tapete, que não era muito grande. Na primeira sessão, houve momentos de profundo silêncio, cada criança brincando sozinha.

### **2.2.3. Comportamentos, atitudes e relações estabelecidas durante o brincar**

Nenhuma das crianças manifestou atitudes agressivas em direção aos bonecos (do tipo chutar, lançar com violência, bater etc.), e nem tampouco atitudes explicitamente afetivas (beijar, acariciar etc.) – somente Denise acariciou uma vez os cabelos da boneca-mãe. Com os tijolinhos, não houve comportamentos agressivos ou destrutivos, embora tenham sido usados pelos meninos em jogo e combate, nos quais, algumas vezes, eles foram atacados com maior força ou violência.

Entre eles, o único que expressou, mais explicitamente, uma atitude de agressão foi Nilo, que quis chutar Felipe quando mediam forças empurrando a janela. Ele também ameaçou atirar um tijolinho em Denise para ela sair do meio do jogo e uma vez ameaçou machucar Felipe neste mesmo jogo. Este

também tentou puxar o tapete sobre o qual Nilo estava apoiado, mas não conseguiu. Às vezes, quando um pegava o tijolinho do outro, apareceram comportamentos de irritação na defesa de seus "patrimônios", como, por exemplo, puxar um tijolinho com força, tirar ou arrancar o saco de pano, entre outros, mas que não chegaram a ser propriamente agressivos. Em geral, as crianças foram amistosas umas com as outras e aceitaram a imposição do limite de cada uma, sem maiores discussões ou disputas (estas, quando ocorreram, foram breves).

As crianças conversaram algumas vezes entre si, sempre rapidamente, fazendo alguma observação, pergunta, dando uma idéia, oferecendo algo, mas não mantiveram um diálogo mais consistente.

Algumas vezes, nas crianças, pareceu haver um conflito entre o desejo de partilhar a brincadeira e a necessidade de estar sozinha, de ter seus próprios brinquedos, de não ter que dividir. Não obstante, estavam sempre atentas ao que os outros faziam ou diziam, participando com algumas perguntas ou opiniões. Denise foi a que, no geral, se manteve mais distante dos outros, seja porque, na primeira sessão, estava entredidíssima no seu brincar, seja porque, na segunda, estava ensimesmada, mais deprimida, parecendo sem ânimo para interagir.

Todas as quatro mostraram expressão de inveja quando uma delas desenvolveu um brincar mais interessante, dinâmico e com estória, como fez Denise na primeira sessão. Esta também demonstrou este tipo de sentimento quando Aline ocupou o meu colo. Felipe pareceu se ocupar bastante do que fazia os outros, tentando imitá-los e, por conseguinte, concentrando-se pouco no seu próprio brincar.

Felipe e Aline mantiveram o mesmo padrão de comportamentos e de interação nas duas sessões, enquanto Nilo tornou-se mais espontâneo, mais extrovertido, mais ativo e falante, e Denise, o contrário.

No tocante à relação comigo durante o brincar, Felipe e Aline solicitaram freqüentemente minha atenção, minha opinião, meu reconhecimento. Aline, ao dirigir-se a mim, falava com voz de bebê, sempre muito doce e delicada, mas sabia ser brava quando tratava de defender seus brinquedos. Ela foi muito carinhosa, mostrou necessidade de apego, de contato físico, de troca afetiva. Esteve sempre próxima e passou muito tempo, na segunda sessão, sentada em meu colo, conversou comigo, fez perguntas, tocou-me.

Denise não foi tão explícita quanto Aline, mas pareceu necessitar o mesmo, tendo se aproximado lentamente de mim na segunda sessão, até partilhar com Aline o meu colo e depois consegui-lo para si. Entretanto, diferentemente de Aline, Denise quase não conversou comigo naquele momento, mostrando um comportamento bem regredido, chupando um tijolinho e segurando um saco plástico e uma argola na mão, fazendo às vezes movimentos com a cabeça (de sim ou de não). No final da primeira sessão, ela me abraçou e sentou no meu colo, com um braço pendurado em meu pescoço (estava mais esperta e dialogou).

Nilo não se aproximou muito de mim durante o brincar, falou pouco comigo, mas no final da primeira sessão se aproximou, pelo chão, como se fosse um "gatinho" pedindo atenção, carinho e um brinquedo.

Felipe, embora tenha falado muito comigo, não se aproximou fisicamente. Tudo que pegava, fosse tijolinho ou boneco, ele mostrava-me indicando ou perguntando o que era, como fazem crianças mais novas. Pareceu ter dificuldade de identificar os bonecos ou querer reforço de sua percepção o tempo todo.

As crianças não demonstraram expectativa de que eu as levasse embora ou para passear, tendo sido tranqüilas a esse respeito na minha chegada e na minha partida.

Com relação à cinegrafista, as crianças praticamente não se dirigiram à ela, com exceção de Felipe que tentou tampar a lente da câmera uma vez, perguntou-lhe se a extensão do fio dava choque e mostrou-lhe algo que havia feito. No início da primeira sessão, Denise e Nilo olharam fixamente para a câmera mas, ao verem os brinquedos, desligaram-se dela. Quando Nilo guardou quase todos os tijolinhos para si no saco, olhou várias vezes para a câmera como se vigiasse uma possível reação da cinegrafista, assim como fez comigo.

#### 2.2.4. Temas surgidos no brincar

Com os bonecos, surgiram seis temas. Um deles, que mesclava bonecos e tijolinhos, foi o desenvolvido por Denise. Ela construía uma árvore, fazia com que esta fosse destruída por um ou vários bonecos e depois a reconstruía e recomeçava. Quando sua construção era desmanchada pelo boneco, exclamava: "Ele(a,s) derrubou a árvore!". Primeiro, usou um boneco que tinha dito ser a mamãe e depois não era mais; em seguida, usou a "filhinha" duas vezes, e depois todos os bonecos juntos. A árvore tinha "portinha". Aline e Nilo participaram deste jogo de Denise, sem brincar propriamente, no momento em que ela pegou a "filhinha", dizendo que havia duas "filhinhas" e que uma era amiga da outra. Trocaram idéias a esse respeito, rapidamente, e Denise continuou a brincar sozinha, enquanto os outros se voltaram para suas atividades.

O tema anterior deu origem ao brincar de casinha ou de família, consistindo em escolher alguns familiares, representar com que eles cenas cotidianas, tirar suas roupas, trocar a roupa entre eles, arrumá-los, acariciá-los, dar-lhes banho, fazê-los dormir, ter relação sexual, lavar as roupas, pendurá-las em um varal. Denise desenvolveu este tema, com o seguinte enredo: depois de derrubarem a árvore, os bonecos foram tomar banho; ela construiu um chuveiro e sabonetes com os tijolinhos; tirou as roupas das bonecas mãe e avó dizendo que elas estavam sujas e que queria vê-las

tomarem banho; depois, deu banho nos bonecos, sendo que na mãe com o chuveirinho; colocou o boneco (a quem chamou de avô) para subir no telhado, e ele caiu; escolheu roupa para ele passear; fez uma boneca (que representava um homem) andar dizendo-lhe que ela tinha que andar porque sabia andar; fez este homem dizer que ia caçar mulher, pegá-la em casa, ficar em cima dela; fez com que ele sentasse em cima da região genital da mãe, fazendo movimentos para baixo; depois, ele falou que ia levá-la para casa, e que, após tomar banho, ia dormir com a mãe; transformou bonecos em bonecas e vice-versa, trocando as roupas deles (calça por saia); vestiu-os e falou que estava quase na hora de almoçar; lavou as roupas, fez um varal e as pendurou uma a uma; colocou os bonecos para dormir; tocou as roupas para verificar se estavam secas

O terceiro tema com bonecos foi o de amarrar a boneca-mãe à boneca-filha e fazer com que as duas ficassem atadas. Nilo brincou desta forma e empreendeu bastante esforço para ter êxito. Mostrou muita satisfação quando conseguiu atá-las. Repetiu este jogo. Denise participou em um breve momento, identificando mãe e filha, e a semelhança de suas roupas. Felipe apresentou um tema similar, na outra sessão, colocando mãe e filha juntas e perguntando se a mãe ia cuidar da filha.

O quarto tema foi o de representar uma relação sexual entre o boneco-pai e a boneca-mãe: Nilo fez com que eles se abraçassem e se beijassem, apertando-os bastante um contra o outro; depois, colocou o boneco sobre a boneca e apertou-o bastante contra ela; em seguida, os fez dormir. Depois, a boneca-mãe ficou grávida (o boneco-bebê foi colocado dentro da sua saia, na barriga) e o bebê nasceu. Nilo disse: "Ela 'tá grávida! É a mamãe!". Após, colocou toda a família para dormir. Denise e Felipe ficaram curiosos. Aline também interessou-se e, na outra sessão, brincou de modo semelhante, colocando o boneco-bebê dentro da barriga da boneca-mãe e fazendo-o nascer. Depois, fez a mãe passear com o bebê nos braços.



Um quinto tema (associado ao anterior, mas mais simples) foi o do namoro, desenvolvido rapidamente por Felipe na segunda sessão: consistiu em colocar um par de bonecos, o pai e a mãe, deitados juntos e falar que eles estavam namorando.

O sexto tema foi o de procurar e encontrar a "mamãe". Aline jogava bonecos no meu colo quando perguntou onde estava a mamãe. Sem encontrá-la, disse que ela havia ido embora. Eu perguntei quem ia achar a mamãe, Felipe a procurou e a encontrou. Aline riu e jogou-a novamente bem longe. Foi buscá-la e disse que a havia encontrado, jogando-a para mim. Ela continuou o jogo de lançar a mamãe, procurar e achá-la, expressando grande prazer no mesmo.

Com os blocos de madeira, o tema geral foi o da construção, com variedade. Denise construiu várias vezes uma árvore (com os quadradinhos pequenos, pintados de amarelo, juntando-os em forma de quadrado ou retângulo, às vezes em forma de T, com o corpo mais grosso). Aline enfileirou cuidadosamente os telhadinhos vermelhos dizendo que era uma "mesinha"; esta fileira foi sendo aumentada sem um critério específico até alcançar mais de um metro, ganhando um segundo andar, em uma parte; depois construiu uma torre várias vezes.

Nilo construiu torres, fez uma fileira em forma de C, depois uma fileira dupla. Felipe fez uma fileira curva de telhadinhos dizendo que era uma casinha; empilhou tijolinhos como torres, denominando uma delas de castelo, fez outra grande fileira. Em geral, as construções eram pouco elaboradas: peças juntadas em forma de quadrado, enfileiradas ou colocadas umas sobre as outras, com raro uso dos telhados.

Outro tema significativo foi aquele que, neste grupo, partiu de Nilo e também contagiou todos, em graus variados: o de guardar os brinquedos para si em um saco, fazendo sua mochila, bolsa ou bagagem, e ficar protegendo-a até o fim da sessão.

### 2.2.5. Outros dados dignos de nota

A mudança de comportamento e de estado emocional de Denise da primeira para a segunda sessão foi um dado significativo. Nesta, ela passou todo o tempo sem brincar, com uma relação especial de apoio, regredida e deprimida, com um saco plástico transparente e uma argola. Durante toda a segunda sessão, fez vários movimentos com eles, de modo repetido, sem ordem e muito lentamente: encher o saco de ar e o segurar pela boca; enfiar a barra de ferro da janela no saco; acoplar a argola fazendo uma boca no saco e colocar essa boca na barra; enfiar a mão ou a argola dentro do saco; raspar a argola na ponta da barra; dobrar e desdobrar a boca do saco; bater a argola de leve no vidro da janela; balançar a argola para fora da janela (sempre segurando o saco com a outra mão); balançar a saco para fora da janela; apertar a boca do saco para fechá-lo com ar; raspar a argola na parede; encostar a boca do saco nos lábios; chupar a argola.

Denise mostrou ter habilidade para manipular o saco plástico. Este e a argola foram deixados (jogados) na sala espontaneamente no final da segunda sessão: ela foi a última a sair da sala, depois de mim inclusive (a cinegrafista continuava filmando); saiu chupando a argola e com seu presente (ursinho) na outra mão; voltou para a sala olhando por tudo como se esquecesse algo; então, olhou para seu urso de pelúcia, tirou a argola da boca e jogou-a longe na sala, saindo e fechando a porta atrás de si.

Outro dado importante, comparativamente ao primeiro grupo, foi o fato das crianças, em geral, não terem feito uso apropriado dos telhados em suas construções. Somente Nilo fez uma torre com um telhadinho em cima uma vez e uma fileira dupla na qual tentou colocar telhadinhos. Felipe e Aline os utilizaram, em momentos diferentes, para fazerem fileiras.

### **2.3. Grupo 3**

#### **2.3.1. Brincar em grupo com os brinquedos oferecidos**

As crianças não-vítimas de nenhum tipo de violência, vivendo em família, desenvolveram um brincar paralelo na maior parte da primeira sessão com os bonecos da família e com os blocos de madeira, e na segunda, brincaram tanto paralelamente quanto em grupo. Nesta última situação, formaram alianças: meninas contra meninos.

Bruna e Clara brincaram em dupla nas duas sessões. Os meninos não chegaram a brincar em dupla, ainda que Daniel tenha tentado brincar com João. As crianças interagiram, conversaram, fizeram perguntas uma para a outra, observaram-se, compararam-se, reclamaram uma com a outra e, também, sentiram-se ameaçadas com a presença da outra em seu território de brincar.

No início de cada sessão, cada uma pegou para si uma quantidade de tijolinhos e alguns bonecos, formando um "território" e um "patrimônio" também e tratando de defendê-los. Quando necessário, os brinquedos foram negociados, trocados, emprestados ou dados. Só foram deliberadamente tomados um do outro quando a brincadeira havia se tornado disputa e conquista dos brinquedos.

#### **2.3.2. Forma de brincar e de utilizar os brinquedos oferecidos e o espaço do brincar**

Bruna foi a única que efetivamente escolheu e manteve os bonecos que queria, tendo ficado com a mãe e a filha, conseguido depois o cachorro numa troca, e em alguns momentos ficou também com o menino (irmão), com a avó, o avô e o bebê.

Clara ficava sempre com o que sobrava de Bruna: os avós e o menino (que chamou de netinha), o pai, o gato, o bebê, dependendo do momento, não tendo conseguido se aproximar da mãe, malgrado seus esforços.

João, no início da primeira sessão, pegou para si o casal de avós e o bebê. Logo deu o casal para Clara e, depois, Daniel lhe ofereceu um dos bichos, tendo João escolhido o gato. Na segunda sessão, não brincou com os bonecos.

Daniel, por sua vez, ficou com o pai e uma boneca-mulher (que Bruna havia designado "a cozinheira", mas que ele denominou de mãe e, depois, simplesmente de namorada) e com o cachorro, na primeira sessão. Na outra, conseguiu em um momento o casal de avós.

Na primeira sessão, eles brincaram a maior parte do tempo cada um em seu lugar, construindo casas, prédios, cidades e castelos, e integrando-os na brincadeira com os bonecos. Não usaram outros objetos da sala, a não ser João que, em um momento, pegou um caminhãozinho e quando eu lhe disse para deixá-lo para depois, ele aceitou e o colocou de lado.

As duas meninas fizeram construções elaboradas, sempre com telhados e outros detalhes, mas que eram logo desmanchadas para darem lugar a outras, sempre brincando juntas ou uma em relação à outra. As construções de João eram as mais elaboradas, grandes, altas, com muitos telhados, pontes, pátio, chamando a atenção de todos. As de Daniel eram pequenas, com telhados (ele sempre ficava com um número menor de tijolinhos).

O brincar das meninas temperou-se entre momentos tranquilos e outros mais agitados, mas foi um brincar dinâmico, com muita conversa, discussão a respeito do que e como iam fazer, divisão de tarefas, de papéis e negociação de brinquedos. Foi também um brincar estável, interrompido eventual e rapidamente para olhar os outros brincarem ou trocar algum brinquedo.

Os meninos brincaram de maneira tranqüila, estável, organizada. Entretanto, Daniel motivou-se mais com os brinquedos do que João. Este, depois de construir dois castelos, brincar um pouquinho com cada um deles e os bonecos, na primeira sessão, logo se desinteressou e foi observar o brincar das meninas, que parecia mais animado (sem entretanto participar dele). Ajudou-as, quando solicitado, emprestando tijolinhos do seu castelo.

Depois, João levou seus tijolinhos para a frente delas, passando portanto a brincar bem próximo, pegando telhados delas sem que percebessem. No momento em que Bruna o percebeu, a luta pela defesa dos telhadinhos e para recuperá-los se iniciou. As construções foram desmanchadas e a disputa tornou-se o jogo, chegando no final a ser agressiva por parte das meninas.

Na segunda sessão, o brincar de João foi a própria atividade de construir o castelo e, depois, admirá-lo. O brincar de Daniel e das meninas continuou apresentando o mesmo formato.

Em um determinado momento, os tijolinhos de João foram alvo do ataque das meninas e Daniel entrou na disputa para ajudá-lo. A disputa transformou-se no próprio jogo, meninas contra meninos, até que elas se cansaram. Houve um breve acordo de que as meninas ficariam com os bonecos e os meninos com os tijolinhos.

Entretanto, não satisfeitas, Bruna e Clara tomaram a pegar alguns tijolinhos dos meninos até um determinado limite. Em pares, os meninos não chegaram a brincar entre si, mas disputaram, contaram e dividiram os tijolinhos; as meninas dividiram os bonecos e ficaram um longo tempo negociando a mãe e a filha.

Nas duas sessões, o fim interrompeu o brincar e as crianças, principalmente as meninas, queriam continuar. No entanto, aceitaram o término da sessão, ajudaram a guardar os brinquedos e em nenhum momento fizeram menção de guardar algum para si.



Os brinquedos foram usados pelas crianças de modo adequado ou apropriado a cada tipo e com grau mais alto de elaboração. Somente Daniel mostrou curiosidade em ver como eram os bonecos sem roupa.

O espaço delimitado para brincar foi respeitado. Em alguns momentos, usaram um dos sofás para sentar ou deitar. Passaram a maior parte do tempo sentados ou deitados sobre o chão ou a colcha. Apenas em dois momentos correram em volta do espaço, brevemente e sem extrapolá-lo.

### **2.3.3. Comportamentos, atitudes e relações estabelecidas durante o brincar**

Bruna mostrou-se bastante competitiva e dominadora com relação às outras crianças, principalmente no relacionamento com Clara. Queria sempre o melhor para si, estabelecia o que Clara deveria fazer, com quais bonecos deveria brincar, e se esta não concordava, ela se empenhava em convencê-la com muita arte. Os melhores brinquedos ou eram dela ou ela propunha, então, que fossem partilhados. Empenhava-se para que aquilo que Clara fizesse não ficasse melhor do que o dela; no máximo, igual. Bruna pedia emprestado, mas dificilmente emprestava ou dava o seu brinquedo, a não ser que este não lhe interessasse. Às vezes, mandou em Clara de forma autoritária, chegando a ser agressiva verbalmente. Com João, Bruna foi competitiva, enfrentando-o, tendo o ameaçado uma vez verbalmente de modo agressivo. Já com Daniel, ela foi mais tolerante, condescendente e às vezes protetora. Em alguns momentos, soube ser doce, divertida, ponderada.

Clara mostrou-se, em geral, submissa em relação à Bruna, acatando suas imposições, mesmo reclamando destas ou não as achando justas. Quando pedia algo à Bruna ou negociava com ela, o fazia com voz melosa, chorosa. Em um momento, resistiu às ordens de Bruna, não dando-lhe ouvido e construindo algo seu, o que irritou profundamente Bruna que não sossegou enquanto Clara não aceitasse brincar com ela. Soube também

propôr, negociar, dar idéias, criar, mas no final vencida a palavra de Bruna. Brincou de forma mais entretida, preocupando-se menos com o que os outros faziam e em mostrar-me o seu ou pedir-me aprovação. Com os meninos, principalmente com João, Clara foi mais impositiva e corajosa.

Bruna e Clara brincaram muito juntas e também discutiram algumas vezes para dividirem os bonecos (sempre era uma divisão que favorecia Bruna) ou os tijolinhos, mas em relação aos outros mostraram-se extremamente unidas, formando uma forte aliança.

João chamou a atenção porque era fisicamente grande para a sua idade e porque fez grandes e belas construções. Ficou quieto a maior parte do tempo, mas mostrou-se observador, interessando-se pelo brincar das meninas. Aceitou dar quando as meninas lhe pediram tijolinhos, o mesmo não acontecendo com relação a Daniel, com quem pareceu não ter muita paciência nem vontade de brincar. Soube defender-se e foi muito moderado em suas atitudes, mesmo quando atacado, não usando a força que tinha, ainda que se irritasse bastante algumas vezes.

Daniel mostrou-se tranqüilo, relacionou-se bem com todos, evidenciando-se sua capacidade de doar e de aliar-se ao justo, ficando ao lado daquele que estava sendo desfavorecido. Demonstrou ser cauteloso, mas quando precisou de algum brinquedo, foi atrás dele, avisando sempre o que ia fazer e pedindo-me um certo respaldo.

As crianças não demonstraram atitudes agressivas ou destrutivas em direção aos brinquedos, tratando-os e manipulando-os sempre de modo muito adequado.

Entre elas, apareceram olhares, perguntas e observações, quando alguém fazia algo muito bonito e/ou interessante, indicativos de sentimentos de inveja ou, às vezes, de ciúme (quando eu estava olhando o que uma criança fazia ou confirmando que estava bonito). Por exemplo, quando João fez um grande e alto castelo, e eu confirmei-lhe que era um castelo grande,

Daniel observou: "De novo o castelão? Por que não cai de novo esse castelão?" e Bruna: "Ele não sabe fazer outra coisa?".

Bruna e Daniel, especialmente este último, foram os que mais solicitaram minha atenção, mostrando-me o que faziam, querendo reconhecimento, elogio, atenção. Daniel pediu-me ajuda para tirar e colocar a roupa dos bonecos e também me consultava quando queria pegar ou fazer algo que fosse mexer com os outros.

Clara praticamente não se dirigiu a mim e João estabeleceu contato comigo mais pelo olhar, pedindo aprovação ou, algumas vezes, esperando uma reação da minha parte. Nenhuma das crianças aproximou-se fisicamente de mim, nem pediu colo ou carinho.

Com a cinegrafista, Daniel foi o único que se incomodou e perguntou bastante a respeito. Na primeira sessão, pareceu irritar-se quando a câmera se dirigia a ele. Entretanto, no momento em que a câmera passou mais tempo focalizando as outras crianças, revelou que na verdade estava gostando de ser filmado muito tempo, passando a brincar somente quando a câmera virava para ele. Mas, na maior parte do tempo, brincou sem dar muita atenção ao fato. Esta sua "relação" com a câmera pareceu ligar-se, de algum modo, ao que ele contou, de que todos o achavam parecido com o Zequinha, personagem do programa "Castelo Rá-tim-bum". Ele também se achava parecido, com exceção do cabelo, indicando que, por ser semelhante, fazia-me perguntas a "toda hora".

As outras três, vez ou outra dirigiram um rápido olhar à câmera, seja porque estavam fazendo algo que poderia não ser aprovado, seja porque esperavam reconhecimento. No final da última sessão, incentivados por Bruna, acenaram para a câmera, despedindo-se.

### 2.3.4. Temas surgidos no brincar

O primeiro tema com os bonecos, desenvolvido principalmente pelas meninas, foi o de brincar de casinha ou de família, de modo mais elaborado, que consistiu em construir casas e cidades e fazer com que os bonecos se relacionassem, reproduzindo cenas da vida doméstica, como cozinhar, comer, passear, ir à praia. A que mais encenou as relações familiares foi Bruna, criando situações e conversas principalmente entre mãe e filha, muito unidas, como, por exemplo: "Lá, lá, filhinha! Vamos, vamos pra praia. Ah, as casinhas da cidade são tão lindinhas! Eu queria morar numa delas. Vamos morar, rápido, rápido, na maior de todas! Oh, aí está!", com voz de faz de conta; algumas vezes com a participação do cachorro latindo, e outras vezes com a avó. João desenvolveu um tema similar, mas não criou um enredo como o delas. O seu brincar consistiu em construir um castelo e colocar o bebê e o gato dormindo ao lado ou em cima dele.

O segundo tema, desenvolvido especialmente por Daniel, foi o de uma relação sexual entre namorados: começou dizendo que "às vezes, o namorado deita na cama e tira a roupa da mulher", explicando que tinha visto isso na televisão. Com o casal, fez o homem tirar a roupa da mulher, e vice-versa; depois, com eles nus, bateu-os um contra o outro, encaixando várias vezes a região entre as pernas de cada um (como se fossem tesouras) e fazendo uma expressão de satisfação; falou que, depois, eles deram-se as mãos pelados, beijaram-se na boca e foram tomar banho. Fez mais duas cenas curtas de namoro. João representou uma cena de conteúdo semelhante quando brincou com o casal de avós, fazendo com que eles conversassem primeiramente e, depois, se virassem um sobre o outro.

Em outro momento da mesma sessão, Daniel apresentou uma variação deste mesmo tema: uma outra relação sexual que consistia no boneco ficar deitado, a boneca bater com os pés na região genital dele; depois, fazia o cachorro subir da região genital do boneco e bater na região genital da

boneca, várias vezes; em seguida, o cachorro descia e batia novamente na região genital do boneco.

Um terceiro tema foi desenvolvido também por Daniel: foi uma cena na qual os bonecos (casa e cachorro) e o castelo morriam, iam para o cemitério, depois nasciam de novo, "sobreviviam", e o castelo era montado de novo, mas de outro jeito (ele verbalizou esta explicação, completando: "...Toda hora eles morrem e também sobrevivem"); e morriam novamente; terminou dizendo: "Daí quando eles sobreviveram, depois eles morreram sujos. Daí eles foram tomar banho (...) porque eles esqueceram de tomar banho", antes de morrerem.

Houve um quarto tema, apresentado por Daniel: o gato vestia a blusa do pai, e este o mandava tirá-la; o gato não tirava e o pai dizia que iria acertá-lo; ele explicou que o gato tinha pego a roupa do pai, escondido.

Nas construções com os tijolinhos, o tema dos meninos foi o castelo (de vários tamanhos e estilos). As meninas também construíram castelos, no início, mas prevaleceu a construção de casas e prédios, geralmente compondo uma cidade, e partes da casa, como o quarto ou a cozinha. A única utilização diferente com os tijolinhos foi feita por Bruna em dois momentos: em um, quando rapidamente pegou um telhado pontudo, colocou-o na boca e fumou-o feito cigarro; em outro, quando fez um tijolinho ser o brinquedo de seu boneco.

Um outro tema foi a disputa dos brinquedos que pareceu encerrar em si competitividade e guerra entre os sexos. Para além dos brinquedos, a finalidade pareceu ser o jogo em si, a emoção da disputa, da luta, da captura, do conseguir a maior quantidade e os melhores, na concepção deles (principalmente os telhados verdes pontudos) e vencer. Todos se envolveram nesta brincadeira de modo bastante intenso.



### **2.3.5. Outros dados dignos de nota**

É importante ressaltar e considerar que Bruna era a dona da casa na qual as sessões de brincar foram realizadas. Este fato pode ter exercido uma influência no grau de sua dominação (das atitudes à maneira de falar e ao seu tom de voz) e no grau (variado) de submissão ou comportamento mais controlado, equilibrado, das outras três crianças.

Para este grupo, os telhados tiveram um significado especial e foram o objeto de maior disputa entre as crianças. Além disso, elas estabeleceram uma graduação de valor entre os três tipos de telhados.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

## 1. BRINCAR EM GRUPO

As crianças do grupo 1 e do grupo 2 não brincaram em grupo, tendo havido predominância do brincar paralelo. No grupo 1, os irmãos brincaram algumas vezes em dupla, e no grupo 2, os meninos brincaram uma vez em dupla. Somente as crianças do grupo 3 brincaram uma vez em grupo, mas, como nos outros, predominou o brincar paralelo, sendo que as meninas brincaram boa parte do tempo em dupla.

Para explicar esta situação, apolo-me nos estágios indicados por Piaget (1932), relativos aos jogos em grupo e à prática de regras. As crianças que participaram deste estudo estariam em um momento entre o estágio egocêntrico (entre dois e cinco anos de idade)<sup>1</sup> e o estágio da cooperação nascente (que se inicia entre sete e oito anos)<sup>2</sup>. Elas ainda estariam (entre cinco e seis anos) se descentrando paulatinamente e se percebendo em relação às outras crianças. Portanto, a possibilidade do brincar em grupo ainda não é totalmente efetível.

Além disso, a proposta inicial feita às crianças era a de que brincassem com os brinquedos oferecidos *como quisessem*. Neste sentido, para as crianças de todos os grupos, posso pensar que a tendência maior tenha sido para brincar com esses brinquedos sozinhas ou em dupla, por esta ser a

<sup>1</sup> A criança joga sozinha, sem se preocupar em encontrar um parceiro, mas também com outras crianças, sem ter entretanto preocupação de vencer, nem de uniformizar as maneiras de jogar, mesmo quando juntas, jogam para si sem cuidar da codificação de regras (Piaget, 1932, p.33).

<sup>2</sup> No qual cada uma procura vencer a outra, havendo necessidade de controle mútuo, de uniformização de regras (*idem*, *ibidem*); o jogo torna-se social, isto é, há uma real cooperação entre as crianças que jogam (*idem*, p.46).

necessidade delas ou a possibilidade inicial com os tipos de brinquedos oferecidos. Talvez se o brinquedo fosse uma bola, ou uma corda, ou algum tipo de jogo, a tendência poderia ter se revelado inversa.

O número de duas sessões pode igualmente ter sido insuficiente para que elas brincassem em grupo. Talvez, brincando mais tempo juntas, elas pudessem chegar a um momento em que compartilhar os brinquedos entre elas fosse mais interessante do que brincar sozinho.

Existiu em todos os grupos uma divisão dos brinquedos, isto é, a preocupação inicial era a de ter uma certa quantidade e também qualidade de brinquedos. Cada uma das crianças pegou um "tanto" para si (de bonecos e de tijolinhos, ou de um só tipo) e fez deste "tanto" sua posse, mantida em um território e defendida. O "compartilhar" brinquedos existiu praticamente só com a dupla de meninas do grupo 3 e sob certas condições. Neste grupo, também, instituiu-se a troca de brinquedos. Quando as crianças do grupo 3 brincaram todas juntas, a brincadeira era, em realidade, a disputa e a posse dos brinquedos entre meninos e meninas e não o "compartilhar".

Portanto, constatei que, no tempo proposto e com os brinquedos oferecidos, não houve propriamente um brincar compartilhado que incluísse as quatro crianças juntas, nos três grupos. De acordo com Piaget (1932), isto é esperado em crianças desta faixa etária.

Não obstante, com relação ao grupo 1, posso pensar que o fato de não brincarem juntas, nem o conseguirem em dupla (com exceção dos irmãos que tinham um entrosamento e um vínculo forte, anterior), se relacione também com alguma dificuldade de interação social ou com pares, como mencionado na literatura (Azevedo, 1989; Rogosch, Cicchetti & Aber, 1995; Straker, apud Howard, 1986; Fantuzzo et al., 1996). A análise da interação é realizada no item 3, fornecendo elementos que podem, em certa medida, corroborar os resultados dos estudos mencionados.

## 2. FORMA DE BRINCAR E DE UTILIZAR OS BRINQUEDOS OFERECIDOS E O ESPAÇO DO BRINCAR

### 2.1. Forma de brincar

Foram duas as principais formas de brincar identificadas: uma tranqüila, mais compenetrada, organizada, estável; e outra com muita movimentação, hiperativa, instável ou intermitente, ou também desorganizada. Estas formas tiveram duas tonalidades básicas: uma construtiva e outra agressiva, ou até destrutiva. Houve combinações e variações conforme a criança.

Quanto ao grupo 1, não é possível falar de uma forma de brincar do grupo como um todo, pois uma criança agiu diferentemente da outra. A única que manteve nas duas sessões um brincar aparentemente tranqüilo, organizado, estável e construtivo foi Anita, embora essa estabilidade fosse frágil, às vezes invadida por uma certa depressão, e com alheamento, retraimento e evitação em relação ao brincar dos outros.

Nos meninos do grupo 1, as formas foram variadas. Tiago brincou de modo bastante agitado, mas algumas vezes de maneira organizada e estável; entretanto, a estabilidade não durava no tempo, era frágil. Suas brincadeiras foram, em geral, construtivas. Henrique praticamente não parou na mesma atividade, brincou de modo muito agitado, hiperativo. Teve um brincar turbulento e instável, de conotação geral mais destrutiva: ou se comportava destrutivamente com relação aos tijolinhos ou agredia fisicamente os bonecos. Em Rafael, predominaram momentos de brincar mais estável e organizado, mas sua estabilidade também mostrou-se frágil, tendo sido interrompida por rompantes de impulsividade, destrutividade com relação a alguns brinquedos (especialmente os bonecos) e às vezes agressividade ou ameaça de ataque com relação aos outros.

Mesmo assim, é possível depreender três padrões gerais do brincar no grupo 1: um que foi aparentemente mais tranquilo, estável e construtivo; outro que foi totalmente o contrário, hiperagitado, instável e destrutivo; e um terceiro que foi ora uma coisa ora outra, com mudanças bruscas. Toda a aparente estabilidade denotou ser frágil, inconsistente. As duas tonalidades estiveram presentes, construtiva e destrutiva, sendo que o predomínio de uma ou outra dependeu da criança. Mas, comparativamente, as crianças do grupo 1 foram as únicas que demonstraram agressividade e destrutividade com relação aos brinquedos e outros objetos da sala. Além disso, o volume de som, a agitação e a quantidade de fala do grupo 1 foram incrivelmente maiores que a do grupo 2, e de qualidade diferente quando comparadas ao grupo 3.

Estes padrões encontram sustentação na literatura: a identificação de comportamentos tanto violentos como apáticos no brincar (Howard, 1986); presença de desorganização, agressividade e também passividade (Fagot et al., 1989); comportamento agressivo e de oposição ou passivo-agressivo nas brincadeiras, e comportamentos de brincar de evitação, medo e introversão (White & Allers, 1994).

Com relação ao grupo 2, foi possível observar a ocorrência das duas formas de brincar. Entretanto, houve predominância do brincar tranquilo, estável e organizado, sendo que somente uma criança (Felipe) exibiu um brincar mais instável, intermitente, de pouca consistência, muito provavelmente ligado a um atraso no desenvolvimento psico-motor e ao fato de ser a única criança que não tinha referências consistentes na vida para se apoiar (até suas lembranças já estavam misturadas com a vida da instituição). Houve predominância também de um brincar de conotação construtiva. Um brincar mais agressivo ocorreu entre os meninos, mas não chegou a ser destrutivo. Nenhuma das crianças foi agressiva ou destrutiva com relação aos brinquedos ou outros objetos da sala. O que se revelou



único neste grupo foi o não-brincar de Denise na segunda sessão, ligado à regressão de comportamento e à depressão.

A maior instabilidade ou inconsistência do brincar de algumas crianças dos grupos 1 (os meninos) e do grupo 2 (principalmente Felipe) pode estar ligada também à instabilidade e à inconsistência da figura materna. As crianças, destes dois grupos, que apresentaram maior estabilidade foram aquelas que pareciam ter uma representação interna da mãe mais integrada (independentemente dos problemas que a mãe real pudesse ter).

No grupo 3, predominou o brincar tranqüilo, estável, organizado, construtivo. A brincadeira, na segunda sessão, de disputa dos brinquedos foi agitada, pela própria característica do "combate", mas não foi instável, nem inconsistente, nem propriamente destrutiva como brincadeira, embora as crianças tivessem mostrado atitudes agressivas em alguns momentos, umas em relação às outras, ao disputarem os brinquedos. Nenhuma das crianças foi agressiva ou destrutiva com relação aos brinquedos ou outros objetos da sala.

## **2.2. Forma de utilizar os brinquedos oferecidos (grau de elaboração, integração, adequação e concentração)**

Quanto à forma de construir ou de usar o brinquedo, comparativamente, o grupo 1 demonstrou graus de elaboração que variaram de baixo a médio; o grupo 2, apresentou o grau de elaboração mais baixo de todos; e o grupo 3, graus de elaboração que variaram de médio a alto (principalmente, alto).

O grau de elaboração resulta da interação de uma série de fatores ligados à própria criança, ao seu desenvolvimento físico, emocional e intelectual, às condições socioeconômicas, entre muitos outros. Os históricos das crianças dos grupos 1 e 2, principalmente, não forneceram dados suficientes a respeito de como se desenvolveram estas crianças. Não

obstante, é possível inferir, com base no que lhes aconteceu (violência e abandono), a existência de falhas, perturbações ou dificuldades em etapas precoces do desenvolvimento que podem explicar o grau mais baixo de elaboração em suas produções, quando comparadas ao grupo 3. Além disso, as crianças dos grupos 1 e 2 advêm de famílias com situação socioeconômica e cultural menos favorecida (algumas delas, de situação precária), enquanto as crianças do grupo 3 são mais favorecidas também neste campo.

Quanto ao grupo 1, especificamente, tal resultado encontra também reforço na literatura, que aponta que crianças vítimas de violência física podem apresentar, por exemplo, falta de habilidade para brincar (Kempe, 1976; Mirandy, apud Howard, 1986), idade do desenvolvimento do brincar mais rebaixada em comparação à idade cronológica (Howard, 1986), retardo no desenvolvimento intelectual sem evidência de dano neurológico (Azevedo, 1989), menor competência no brincar (Alessandri, 1991). Tais déficits certamente afetam o grau de elaboração que estas crianças podem atingir no brincar.

No tocante à integração na brincadeira, isto é, integrar um tipo de brinquedo (tijolinhos) a outro (bonecos) para brincar, no grupo 1 não houve integração (ou se brincava com os tijolinhos ou com os bonecos ou com nenhum dos dois); no grupo 2, praticamente não houve integração (a única que integrou-os em um momento foi Denise na brincadeira dos bonecos com a 'árvore'); e no grupo 3, houve integração em praticamente todos os momentos do brincar para a maioria das crianças (os bonecos habitavam a cidade, a casa ou o castelo que tinha sido construído, por exemplo).

A integração dos brinquedos seria, neste contexto, uma parte da elaboração do brincar e, portanto, os mesmos argumentos referentes à capacidade de elaboração cabem na questão da integração. Ademais, as influências emocionais são evidentes: como brincar de maneira elaborada, se tanto sofrimento ainda não foi elaborado e se falta respaldo para isso?

Como brincar de maneira integrada, se não houve integração em suas vidas, em suas casas, perguntas sem respostas, sentimentos sem retorno?

Com respeito à adequação do uso dos brinquedos, somente o grupo 3 utilizou-os com 100% de adequação, pode-se dizer (em dois breves momentos o tijolinho não serviu para construir, tendo variado de uso em função do faz de conta). Os demais grupos, além de terem feito um uso adequado dos brinquedos em alguns momentos, também os utilizaram de outras maneiras e com outras finalidades. No grupo 1, o cachecol de um boneco virou chicote, laço e corda para enforcar, os bonecos foram jogados como bola, foram usados como volante de carro, como objeto de ataque, os tijolinhos foram feitos de bola de gude. No grupo 2, os tijolinhos foram jogados como bola, foram pintados e também usados para ataque; o cachecol virou laço e estilingue.

As novas ou alternativas utilizações dos brinquedos se relacionam, ao meu ver, com a necessidade urgente de exprimir determinados conteúdos, ou exatamente o contrário, de fugir da possibilidade de que eles sejam expressos e mobilizem, por conseguinte, angústias e sentimentos com os quais a criança não consegue lidar. Do grupo 1, Henrique, por exemplo, repetiu compulsivamente os atos violentos dos quais foi vítima, o que lhe tomou quase todo o tempo de brincar; Rafael manifestou contra os bonecos muita raiva e agressividade, não conseguindo utilizá-los para brincar propriamente. Para as crianças do grupo 2, a inconsistência e/ou intermitência dos lares e dos cuidados poderia estar na origem do fato delas não conseguirem construir realmente casas, de construírem com pouca estrutura ou pouca consistência ou derrubarem algo que tinha raízes.

Outras utilizações, como jogar bonecos ou tijolinhos como se fossem bolas, podem ter o mesmo tipo de fundamento: a impossibilidade de entrar em contato com o que suscitam os brinquedos (o que despertaria uma série de lembranças, sentimentos, frustrações), ou uma atitude de desprezo com relação ao que eles representam ou podem vir a representar, ou ainda

poderia significar uma carência de representações internas consistentes de lar e família (no sentido de que tais representações poderiam ser tão frágeis ou frouxas que em um dado momento elas se esgotariam).

Todas estas influências parecem ter perturbado a capacidade de concentração das crianças dos grupos 1 e 2. O grupo 3 foi o que mais apresentou concentração nos brinquedos e brincadeiras realizadas: o único que se interessou por um outro brinquedo da sala foi João, tendo pego este brinquedo para integrá-lo em sua construção e tendo aceito deixá-lo. O grupo 2, mostrou uma concentração de média para baixa: as crianças se interessaram por outros objetos da sala e por situações fora da mesma: máquina filmadora, mala da máquina, janela e o que se passava lá fora. O grupo 1 foi o que mostrou menor concentração ou maior dispersão: as crianças mexeram em muitos outros objetos da sala (carteiras, computador, gibis, livros, extensão da filmadora, enfeites, borrachas e outros), de fora da sala (pegaram bola e outros objetos na varanda, com os quais brincaram) e criaram outras brincadeiras (esconder, tampar olhos, pegar etc.).

Embora algumas crianças do grupo 3 tenham passado por momentos difíceis em suas vidas, como por exemplo a separação dos pais depois de uma série de conflitos, ou a dificuldade de aceitar um irmãozinho, a impressão que sobressai é a de que tais crianças tiveram e têm o respaldo familiar, a continência de um ambiente e, principalmente, de uma função materna "suficientemente boa", usando a expressão de Winnicott. São crianças que foram e são aceitas, cuidadas, acompanhadas, e que, nas sessões, puderam brincar com concentração, elaboração, integração, adequação certamente porque tiveram esta sustentação.

Ao contrário, as crianças dos grupos 1 e 2 sofreram um trauma, na concepção de Winnicott (1965), isto é, um evento (violência/abandono) que situou-se além da capacidade delas lidarem com a reação aos fracassos, que destruiu a pureza de suas experiências individuais, constituindo-se em



uma falha do ambiente quanto à função essencial ao desenvolvimento descrita por este autor.

### 2.3. Forma de utilizar o espaço do brincar

Os espaços do brincar de cada grupo foram delimitados no início da primeira sessão. Estes espaços foram descritos com mais detalhes no item relativo ao procedimento (capítulo III).

As crianças do grupo 1 foram as que mais exploraram, se movimentaram no espaço do brincar e extrapolaram seus limites. Os movimentos dos meninos eram bruscos, muito agitados e agressivos. Mexeram e pegaram materiais da sala, correram e brincaram em locais variados, subiram em mesas, carteiras, esconderam-se debaixo da mesa, abriram portas e janelas saindo para a varanda, dependuram-se<sup>3</sup>.

As crianças do grupo 2 também exploraram e movimentaram-se na sala, mas com uma intensidade bem menor do que as do grupo 1, e não abriram portas, nem janelas (embora tenham mexido nestas com certa frequência), nem saíram da sala. As crianças do grupo 3 não exploraram nem se movimentaram fora do limite estabelecido para brincar. Mesmo quando uma criança tentou pegar a outra, ao disputarem os brinquedos, esse movimento foi feito dentro do espaço estabelecido.

A hiperatividade e a dispersão encontrada nos meninos do grupo 1, está ligada muito provavelmente à situação psicológica decorrente da violência sofrida. Não se pode dizer que se tratava somente de uma curiosidade ou de uma atitude puramente exploratória. Eles conheciam a sala, apesar de não terem permissão da instituição para utilizar livremente os materiais ali guardados. Além disso, tinham sido alertados por mim (uma

<sup>3</sup> Eu não conseguia, praticamente, parar sentada. Tive de tirá-los da janela, por exemplo, na qual se penduravam, ou da última prateleira dos materiais. Somente assistindo as fitas de vídeo das sessões dos três grupos e comparando-as, pode-se ter uma idéia do grau de excitação e de movimentação das crianças do grupo 1.



pessoa relativamente desconhecida para eles) de que não deveriam pegá-los e, também, que não era permitido abrir portas ou janelas nem sair da sala. Neste contexto, tais comportamentos adquirem o sentido de dificuldade em aceitar os limites, rebeldia, provocação e teste de realidade.

A menina deste grupo teve um comportamento inverso. Somente em um breve momento, do final da segunda sessão, explorou um pouco o ambiente, mas a maior parte do tempo praticamente não saiu do lugar onde brincava, mudando de posição somente para se afastar dos meninos. Mostrou-se, na verdade, praticamente impassível à movimentação das outras crianças (alguns fortes ruídos de objetos caindo ou gritos não a alteravam, a não ser quando se tratava de atitudes bruscas dirigidas à ela); no entanto, repentinamente, mostrava uma atitude hipervigilante como se esperasse uma agressão.

Tanto um comportamento (dos meninos) quanto o outro (da menina) parecem se associar a uma reação contra um excesso de agressividade do ambiente (familiar).

Na literatura, algumas conseqüências psicológicas citadas são semelhantes as que foram observadas. Por exemplo, grande instabilidade motora, excitação excessiva e graves dificuldades de aprender limites, ou passividade (Rouyer & Drouet, 1986); distúrbios de comportamento que se manifestam de formas opostas: um estado de inibição ou de grande passividade, ou uma agitação e instabilidade motora ligada à agressividade (Girodet, 1993); comportamento de provocação mais claramente perceptível na criança vítima institucionalizada (Rouyer, 1993); hiperatividade, agressividade ou impulsividade, ou o contrário, apatia (Gosset et al., 1996); comportamento de vigilância e de precaução elevada com relação ao ambiente impedindo a criança de explorar ou brincar (White & Allers, 1994).

### 3. COMPORTAMENTOS, ATITUDES, RELAÇÕES ESTABELECIDAS

Entre as crianças do grupo 3, no início, houve atitudes cooperativas e amistosas umas em relação às outras. Com exceção de Clara, as outras crianças mostraram atenção e curiosidade com relação à brincadeira da outra, demonstrando inveja quando esta outra fazia algo bonito e grande e recebia de mim confirmação da atenção solicitada. Entretanto, houve comportamentos diversos em cada criança.

Bruna revelou atitude dominadora, autoritária, principalmente com relação à Clara, que mostrou submissão a maior parte do tempo, ainda que tenha tentado se tornar independente algumas vezes. Bruna expressou dificuldade em partilhar e necessidade constante de levar vantagem na escolha e negociação dos brinquedos, enquanto as outras crianças compartilharam ou trocaram com mais facilidade. Para Bruna, compartilhar, dividir, poderia significar separar (separação dos pais), isto é, algo com o qual ela não conseguia lidar muito bem (quando ela falava em dividir, no lugar deste verbo dizia separar; por exemplo: "vamos separar todos; (...) a gente tem que separar; (...) agora, vamos separar tudo").

João foi mais complacente com as meninas do que com Daniel, o mais novo, com quem tinha pouca paciência e vontade de brincar. Isto pode se relacionar com a sua dificuldade de lidar com o irmãozinho (ciúme). Daniel, por sua vez, foi o mais tranqüilo nas relações, mais doador, e o que sempre ficava em desvantagem com relação à quantidade dos brinquedos. Bruna mostrou-se competitiva e algumas vezes agressiva verbalmente com Clara e também com João. Nas disputas, as meninas, muito unidas, exerceram domínio e influência sobre os meninos.

A intensidade da dominação de Bruna, da submissão de Clara, e do respeito e moderação de atitudes com que os meninos se dirigiam às meninas (mesmo nas disputas), pode se relacionar ao fato das sessões terem sido realizadas na casa de Bruna, isto é, num território que lhe

pertencia. Talvez se Bruna tivesse brincado em um local que não lhe fosse tão familiar, tão seu, ou que fosse desconhecido, ela pudesse ter sido mais flexível, menos impositiva e mais cuidadosa no tratamento com os outros. A mãe de Bruna indicou, no questionário, a dificuldade da filha se adaptar rapidamente a ambientes diferentes, enquanto que para as outras crianças a informação das mães foi a de que se adaptavam rápido a ambientes novos. Bruna não precisou se adaptar pois estava em sua própria casa. As outras crianças se adaptaram e respeitaram, no geral, as regras e imposições de Bruna.

O grupo 3 foi o que mais apresentou riqueza de relações: entre as crianças, houve conversas, observações, opiniões, idéias, negociações, brincadeiras partilhadas e também discussões e disputas. Embora Bruna e Daniel, principalmente, tenham solicitado algumas vezes minha atenção, as crianças, enquanto brincavam, exibiram maior autonomia e independência (em comparação aos outros grupos), sem necessidade de contato físico ou afetivo. Não houve nenhum tipo de comportamento agressivo ou destrutivo com relação aos brinquedos e nenhuma menção de querer levá-los ou guardá-los para si. Quanto a este último aspecto, foram curiosas e motivadas para com os brinquedos, mostrando-se suficientemente satisfeitas ou seguras em termos de provisão ambiental, isto é, podendo se desligar deles e entregá-los sem dificuldade.

No grupo 2, as relações foram a maior parte do tempo amistosas, tranqüilas, mas com menor riqueza do que as do grupo 3. Os diálogos entre as crianças eram breves, pouco consistentes: algumas perguntas, algumas idéias. Mostraram curiosidade com relação ao brincar da outra, especialmente Aline e Felipe (este imitou os outros algumas vezes), com alguma expressão de inveja, mas no geral não arriscaram compartilhar a brincadeira. Somente Nilo e Felipe brincaram de jogar os tijolinhos no final da segunda sessão e disputaram a janela, um brincar que chegou a ser agressivo e a ensejar atitudes agressivas de um em direção ao outro e com

relação à Denise (que rolava no meio do jogo), mas dentro do que se pode esperar de dois meninos desta idade disputando algo. Com relação aos brinquedos, nenhuma criança manifestou atitudes agressivas ou destrutivas, nem explicitamente afetivas.

Comigo, as crianças do grupo 2 estabeleceram uma relação de apoio constante (pedindo a todo tempo minha atenção, aprovação e intervenção) e de solicitação de afeto e de contato físico (sentaram no colo, fizeram carinhos, tocaram-me, conversaram comigo 'amenidades', isto é, nada significativo quanto contar o que lhes tinha acontecido, o que gostariam de fazer ou o que sentiram, como aconteceu com algumas crianças do grupo 1). Aline, por exemplo, instalou-se em meu colo do meio da segunda sessão até quase o final, parando de brincar. Denise veio se juntar à Aline, em meu colo, e depois tomou-o para si.

Aline e Felipe mostraram comportamentos mais estáveis de uma sessão à outra, enquanto que em Nilo houve uma abertura significativa, tendo se tornado mais espontâneo, ativo e falante, e com Denise ocorreu o inverso, ela tornou-se deprimida e regredida. A mudança de comportamento em Nilo e Denise pode ser explicada pelo que lhes ocorria naquele momento. Na ocasião das sessões, Nilo tinha reencontrado sua guardiã, a quem chamava de mãe, e retomado o contato com ela, com o guardião e com os filhos deles, sua família de fato. Os contatos eram semanais e neles Nilo era tratado com carinho e atenção, tendo tido portanto um incremento quantitativo e qualitativo em suas relações afetivas.

Com Denise ocorria o contrário. As sessões aconteceram no período subsequente à proibição de visitas da mãe à Denise e seus irmãos na instituição, isto é, este contato (que era intenso afetivamente, apesar dos problemas da mãe) havia sido interrompido abruptamente. No relatório da Obra constava que Denise e os irmãos haviam regredido muito após a interrupção das visitas, tomando-se tristes e deprimidos. A mãe de Denise sofreu privação materna e, entre outros vários problemas, era viciada em



cola de sapateiro, Denise, até seu abrigo, presenciava a mãe se drogando a ponto de ter sido intoxicada também pela cola. Na segunda sessão, Denise não conseguiu brincar. Chegou regredida, deprimida, carregando um saco de plástico e uma argola, que manipulou e explorou de diversas maneiras durante a sessão, ou então ficou simplesmente segurando-os e encostando-os na boca. Estes objetos parecem ter evidente relação com a mãe e à imagem que ficou dela ligada à oralidade e à dependência da droga (a cola é cheirada, aspirada, dentro de um saco cuja abertura é colocada sobre a boca). A meu ver, este objeto, neste contexto, tem o valor de um objeto transicional, recuperado em um momento de privação (Winnicott, 1951a). O que Denise procurava naquele momento de depressão era o afeto materno perdido no tempo, mas cuja lembrança ela mantinha viva. Isto foi se tornando mais claro à medida em que, na sessão, Denise foi buscando o colo, a atenção e o afeto em mim. No final desta última sessão, substituiu o ursinho de pelúcia, dado por mim, pelo saco e a argola, tendo deixado estes últimos na sala e fechado a porta atrás de si.

Quanto ao grupo 1, é tarefa difícil falar de comportamentos, atitudes ou relações típicas. Cada criança apresentou um estilo. Tiago foi o que mais interagiu e, em geral, de maneira respeitosa, compreensiva e não diretamente agressiva em direção ao outro. Demonstrou, em muitos momentos, um maior amadurecimento, com ponderação em suas atitudes. Com o irmão, exibiu um comportamento maternal na maior parte do tempo, ainda que algumas vezes tivesse competido com ele, numa atitude mais tipicamente fraternal. Henrique, ao contrário, mostrou-se mais infantil, dependente da atenção e do cuidado do irmão, invasivo com relação ao brincar dos outros, hiperativo e agressivo algumas vezes em direção à Anita e Rafael.

Os comportamentos de Rafael oscilaram entre muita atividade e algumas vezes agressividade e violência, dirigida especialmente aos bonecos mas também aos outros, e certa tranquilidade enquanto construía



com os tijolinhos. Todavia, era instável e agia de modo agressivo sem motivo aparente, como se a agressividade lhe invadissem de repente e ele precisasse liberá-la, seja contra algo ou alguém, seja na forma de atitudes impulsivas e até perigosas para si (pendurar-se na janela e na prateleira). Rafael e Tiago foram os que mais estiveram atentos aos outros. Henrique ficou muitas vezes obnubilado pela sua brincadeira com o laço.

Anita, diferentemente dos meninos, praticamente não se relacionou com eles, limitando-se a uma postura de defesa. Manteve-se afastada, com uma atitude que oscilava do alheamento à hipervigilância. Não posso deixar de considerar aqui a possível influência do fato de Anita ter sido a única menina no grupo. Será que ela apresentaria um comportamento mais interativo e aberto se tivesse havido uma outra menina com quem ela pudesse brincar? Mas se a questão se reduzisse ao fato de não ter uma parceira, por que não tentou apoiar-se em mim ou brincar comigo? Anita ligou-se intensamente aos bonecos, mas manteve-se distante do contato humano. Não atacou os meninos, não foi agressiva diretamente com eles, embora às vezes respondesse agressivamente quando eles tentavam retirar-lhe algum boneco. Mostrou sinais de depressão.

Os meninos solicitaram-me o tempo todo, pedindo atenção, aprovação, opinião, e também conversaram comigo, bem como, algumas vezes, com a cinegrafista. Entretanto, não demonstraram necessidade de contato físico. Anita solicitou-me somente para intervir em sua defesa, poucas vezes. Também não se aproximou fisicamente.

Portanto, não houve um padrão único. Nos comportamentos e atitudes dos meninos, observou-se agressividade e destrutividade em diversos graus, manifesta direta ou indiretamente, dirigida tanto aos brinquedos quanto às outras crianças, em alguns momentos. Enquanto que em Anita observou-se atitudes de afeto e de cuidado com relação aos brinquedos, mas uma agressividade defensiva ou não-ativa com relação aos meninos semelhante

a uma forma descrita por Winnicott (1957): "...mantém a agressão 'dentro dela' e, portanto, fica tensa, excessivamente controlada e séria" (p.265).

No entanto, essas crianças pareceram incapazes (ou pareceram ter muita dificuldade) de manifestar diretamente a raiva e a agressividade em direção ao adulto (no caso, eu e a cinegrafista) – talvez no desenvolvimento de uma relação de transferência em um processo terapêutico isso pudesse acontecer. Enquanto que suas brincadeiras e histórias estavam cheias de agressividade, de destrutividade. As angústias relativas a esses temas não foram expressas diretamente, mas a constante presença dos mesmos denotava a intensidade com que tais questões atormentavam suas mentes.

Winnicott (1960c) indicou que seria relativamente fácil chegar-se à destrutividade que existe em cada pessoa quando esta se liga à raiva resultante da frustração, ao ódio em relação a algo que se desaprova, ou quando significa uma reação contra o medo. Nas crianças vítimas, encontram-se estas três possibilidades de emergência da destrutividade, o que pode corroborar a intensidade de sua expressão.

A expectativa das crianças do grupo 1 de que eu as levaria embora, criada muito provavelmente pelo fato de terem sido arrumadas para a sessão, foi generalizada (elas a expressaram abertamente, cada uma a seu modo) e deu origem a algumas atitudes. Henrique, por exemplo, chorou muito, pôde verbalizar sua expectativa e perceber que de fato queria ir embora para a sua casa. Tiago manifestou-se indiretamente, pelas palavras do irmão e pelas questões que me fez a respeito da proximidade de minha casa, sem arriscar entretanto expor-se. Anita simplesmente perguntou-me e aparentemente satisfez-se com minha explicação (todavia, intensificou seu apego ao saco de brinquedos que havia guardado para si).

Esta expectativa em Rafael parece tê-lo feito manter um brincar mais organizado durante um certo tempo: quis construir coisas bonitas, me mostrá-las e agradar-me. Quando expliquei-lhe a realidade, esta maneira de

brincar parece ter perdido rapidamente o sentido. Naquele momento, pareceu abatido por um enorme sentimento de perda, tendo demonstrado em seguida a atitude de se apoderar dos gibis, escondê-los dentro de sua roupa e ir embora correndo com eles, apesar de saber que não poderia fazê-lo.

Considero esta uma atitude anti-social tal como descrita por Winnicott (1956a). O autor relacionou esta tendência à verdadeira privação, isto é, à perda de algo bom, que foi positivo para a criança até certa data e que lhe foi retirado; esta retirada teria durado mais tempo do que aquele no qual a criança poderia manter viva a lembrança desta experiência boa.

Esta tendência pode ter aparecido de maneira mais explícita em Rafael, comparativamente às outras crianças deste grupo, por se ligar ao fato de ele ter sido a que mais precocemente sofreu privação materna (situação anterior à da violência e agravada por esta). Ele foi separado de sua mãe pela primeira vez com quatro meses de vida, sendo que, à época, o vínculo afetivo entre eles era considerado forte, bom, apesar das dificuldades da mãe adolescente. Com 10 meses, voltou para a mãe, mas menos de um mês mais tarde foi novamente separado dela, voltando para a instituição. Seu desabrigoamento ocorreu apenas quando ele já estava com dois anos e quatro meses e já tinha um irmãozinho, aparentemente bem cuidado pela mãe. As dificuldades entre a mãe e Rafael foram então crescendo: ele chamando a atenção dela e a testando, ela o rejeitando cada vez mais; ele já manifestava comportamentos agressivos na escola. A violência parece ter sido o resultado extremo desse desinvestimento afetivo por parte da mãe.

Assim, naquele contexto da sessão, a tendência anti-social expressa por Rafael adquiriu o sentido de esperança. Rafael buscava algo que pensou

pudesse encontrar<sup>4</sup> em mim, mas não o encontrou, procurando então em outro lugar – daí, o "roubo" dos gibis (sem manifestação de sentimento de culpa). Por meio deste ato anti-social, ele conservou a esperança. Segundo Winnicott (1956a), isto seria positivo por representar uma tendência para a auto-cura. Além disso, esse ato traria uma satisfação para a criança que, na realidade, não se traduz no objeto roubado em si, mas na busca da capacidade de encontrar (Winnicott, 1967b).

A tendência anti-social foi observada também na forma de agitação e destrutividade manifestadas por Rafael e por Henrique. Baseando-se em Winnicott (1956a), posso arriscar dizer que ambos buscavam uma estabilidade no ambiente que pudesse suportar a tensão de seus comportamentos impulsivos e agressivos (incrementados pela violência sofrida), ou a provisão ambiental que perderam, a atitude humana cujo primeiro exemplo seria os braços ou o corpo da mãe. Suas atitudes na sessão tomaram necessária uma contenção física (ou controle): tive de pegá-los várias vezes no colo para tirá-los das prateleiras e da janela, momentos únicos, aliás, em que houve contato físico.

A diferença entre Henrique (tendência anti-social como destrutividade) e Rafael (as duas possibilidades: roubo mais destrutividade) é que a privação neste último teria se dado muito antes em seu desenvolvimento emocional do que no caso de Henrique, como descrito por Winnicott:

Esses dois tipos clínicos de manifestação da tendência anti-social estão realmente relacionados entre si. De modo geral, é simplesmente o caso de que o roubar se relaciona com uma privação que ocorreu muito antes da explosão agressiva, durante o desenvolvimento emocional da criança. (1967b, p.75).

Por que Tiago aceitava limites e não exibia, na mesma intensidade, os comportamentos de Henrique, considerando que são irmãos e sofreram o mesmo tipo de violência da mesma mãe? Posso aventar algumas hipóteses.

<sup>4</sup> De acordo com Winnicott (1967b), "Toda vez que as condições fornecem um certo grau de esperança, então a tendência anti-social transforma-se numa característica clínica: a criança torna-se difícil" (p.73).



Tiago, talvez por ser dois anos mais velho que Henrique, tenha reagido à violência materna de maneira distinta, com um amadurecimento precoce. Assumiu um papel mais "maternal" que lhe exige maior preocupação com o outro e, neste sentido, menor oportunidade de demonstrar o que poderia ser sentido como "fraqueza". Henrique, nesta relação "contínua", identificado com o bebê, pareceu ter mais liberdade para expressar o que sente, recebendo de modo complementar amparo, suporte e contenção do irmão.

Alguns estudos corroboram esta possibilidade encontrada em Tiago, como o de Rouyer (1993), que observou uma maturidade precoce em algumas crianças vítimas de violência física, e o de Kurtz et al (1993) que indicou a ocorrência em algumas crianças de uma inesperada força em medidas de comportamento adaptativo.

Posso dizer também que, por falta de uma maternagem suficientemente boa, estas crianças tornaram-se um "amontoado de reações à violação", usando a expressão de Winnicott (1960a). Estas reações se manifestaram, no grupo, predominantemente na forma ativa (meninos) e, menos intensamente, na forma passiva (menina).

A semelhança entre o grupo 1 e o grupo 2 consistiu no comportamento ou atitude de guardar os brinquedos para si no saco de pano e manter este saco junto a si como se fosse sua possessão. Este "fenômeno" partiu de uma criança (Anita, no grupo 1, e Nilo, no grupo 2) na metade da segunda sessão e foi imitada, ou aceita e compartilhada por todas as outras crianças, em diferentes graus. Deve estar relacionado com a perda ou a separação da família e à institucionalização, porque não apareceu no grupo 3.

Em um primeiro plano, este movimento parece significar a tentativa de posse de algo em um lugar (instituição) onde o "ter" algo para si não é possível (tudo ou quase tudo deve ser compartilhado), sendo que, neste contexto, o "ser" se confunde com o "ter" (para "ser" a criança precisa "ter" algo ou alguém). Para exemplificar, tem-se o fato do alto valor e status



atribuído a quem tem um irmão na instituição. Henrique e Tiago tinham um ao outro como irmãos e fizeram questão de frisar isto diversas vezes. As outras crianças reagiram ao fato expressando sentimentos de inveja.

Em um segundo plano, este movimento poderia significar ou fazer alusão a uma espécie de reedição de um objeto transicional diante da iminência ou da ameaça de privação (o fim da segunda e última sessão e a retirada 'definitiva' dos brinquedos). No brincar, as crianças puderam criar a ilusão de adquirirem direitos sobre algo, os objetos (brinquedos). A proximidade do fim da sessão significaria a perda destes direitos, intensificando seus sentimentos de perda. O movimento de recorrer a este saco de brinquedos pareceu tão intenso emocionalmente que suspendeu o brincar e instalou nas crianças uma atitude de cuidado, apreensão e vigilância, em relação às outras crianças e a mim, para impedir que esta "posse" lhes fosse retirada. Foi interessante observar como este movimento contagiou todas as crianças, como se este significado fosse profundamente apreendido e compartilhado por elas.

#### 4. CONTEÚDO DOS TEMAS DO BRINCAR

A análise dos temas exige uma atenção individualizada à expressão de cada criança. Os conteúdos expressos no brincar mostraram evidente relação com aspectos de suas vidas, com a etapa de desenvolvimento emocional<sup>5</sup> em que se encontravam e também com o momento vivenciado (as sessões de brincar).

<sup>5</sup> No que se refere ao desenvolvimento emocional das crianças destas idades, de acordo com Freud (1905, 1924, 1925), elas estariam na fase fálica, isto é, no momento da primazia do falo, cuja antítese traduz-se em ter um pênis – único órgão genital em questão – ou não tê-lo (ser castrado). Assim, o complexo de castração, vivido diferentemente por cada um dos sexos, marcaria a saída dos meninos do complexo de Édipo e a entrada das meninas no mesmo. Para ambos os sexos, Freud indicou uma posição positiva e outra invertida deste último complexo, as quais estariam na base da ambivalência nas relações entre a criança e seus pais. Em seguida, idealmente, haveria a formação do superego, herdeiro do complexo de Édipo. Ao mesmo tempo, iniciaria-se o declínio do Édipo com a definição das identificações paterna e materna e de sua preponderância, e dar-se-ia a entrada das crianças no período de latência.

Todos os conteúdos das expressões de cada criança são muito ricos e passíveis de análise. No entanto, a análise integral e exaustiva de todas as sessões, na perspectiva de cada uma das crianças, tornaria este trabalho extenso demais. Por esta razão, selecionei os temas principais, isto é, aqueles cuja representação foi mais consistente. Ademais, com alguns conteúdos foi possível alcançar uma maior profundidade de análise e com outros, a análise infelizmente se revelou limitada.

#### 4.1. Análise dos conteúdos do brincar das crianças do grupo 1

Anita foi a única criança deste grupo que brincou de casinha ou de família, reproduzindo cenas cotidianas, de afeto, de cuidado e de contato físico entre os bonecos. A família que compôs para brincar tinha a mesma composição que sua família de origem. Pareceu expressar em seu brincar sua necessidade de afeto, de cuidado e de contato físico, principalmente com relação à figura materna. Do grupo, Anita era a única criança cuja violência sofrida não foi perpetrada diretamente pela mãe, tendo guardado muito provavelmente lembranças positivas do afeto materno. Todavia, este afeto não foi suficiente para protegê-la da violência e talvez por isso ela tenha dado ênfase às atitudes de cuidado e de proteção em seu brincar.

Tanto o tema de namoro entre os bonecos quanto o de tirar as roupas deles para ver o corpo teve intensidade moderada, devendo-se muito provavelmente à curiosidade sexual, natural, das crianças desta idade.

O tema que Tiago desenvolveu dos bonecos indo nadar em uma piscina imaginária parece relacionar-se com a própria sessão de brincar. Todos iam nadar na piscina, mas na verdade o único boneco que ele mergulhou até o fundo dela foi aquele que ele disse ser eu. Este mergulho não tinha conotação agressiva ou destrutiva em direção a mim, isto é, ele não tentou "me" afogar, por exemplo. Creio que expressava uma compreensão da minha necessidade de conhecimento em direção a eles, de "ir até o fundo". Mas também era uma forma de expressar a sua própria

necessidade de entender e conhecer o que se passava com ele, possivelmente por meio da minha ajuda. Os brinquedos intermediaram algumas vezes a relação que estabelecia comigo e amenizaram suas reações agressivas e afetivas: ao expressar sua raiva porque eu lhe colocara um limite, chutou um boneco, dizendo-me que era eu e que o fez para punir-me; quando eu estava sendo "boazinha", brincando com ele, então "mereci" ser chamada de "gatinha".

O jogo de Henrique com o laço me fez pensar em duas significações que podem se complementar. O laço foi transformado em chicote, em cinta, em instrumento para bater nos objetos (brinquedos e móveis) e nos outros, reproduzindo por semelhança o instrumento por meio do qual sua mãe lhe infligiu a violência. Ele verbalizou ter se tomado forte e poderoso com a "cinta" na mão: "Agora você vai ver como eu 'tô forte, ouviu? (...) 'Tô batendo de chicote! (...) Agora estou bravo! (...) Ô irmão, tira a calça dela que eu vou bater na bunda dela assim ó! (...) Agora eu tenho cinta! Agora eu vou te bater!".

Neste movimento, em concordância com o que Freud (1920) descreveu como o mecanismo de base no jogo do *fort-da*, Henrique passou do papel passivo, em um situação original desagradável na qual era a vítima, para o papel ativo, exercendo sobre os diversos objetos (substitutos) a vingança que ele não pôde exercer contra o seu agressor – a mãe. Esse movimento não é incompatível com o caráter desagradável da lembrança, produzindo prazer por possibilitar a passagem da passividade para a atividade. A abreação permitiu que Henrique fosse contra a intensidade da impressão e se tornasse mestre na situação, dominando-a. Esse mecanismo alude também ao que Ferenczi (1932) descreveu como identificação ao agressor: a criança, cuja personalidade está ainda fracamente desenvolvida, "reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e a introjeção daquele que a ameaça e a agride" (p.103).

O mesmo raciocínio se aplica a outros momentos do brincar de Henrique, principalmente naquele em que, com o mesmo laço, enforcou violentamente o boneco que chamou de pai, tendo indicado que o fazia porque o pai não havia lhe obedecido. O pai neste contexto é, ao meu ver, diferente dos outros objetos substitutos, isto é, penso que há ódio em Henrique dirigido ao pai, ligado à omissão e ao abandono, para além da questão do complexo de Édipo (a mãe passou a ser mais violenta com os filhos depois da separação, da saída do pai de casa; todavia, o pai, ao invés de 'salvá-los' e cuidar deles, 'deixou' que eles fossem abrigados e, portanto, privados de família – Henrique deve ter desenvolvido uma série de fantasias e de sentimentos a esse respeito). Ele disse: "Eu 'tô enforcando o pescoço dele! É o papai! Ele não 'tá obedecendo eu. Eu vou te sufocar, eu vou te sufocar!! Eu vou arrancar a tua cabeça!! Eu vou enforçar ele, eu vou!", enforcando o boneco com todas as suas forças.

O laço, o chicote, a cinta, aludem também ao significado simbólico atribuído ao *cordão*, em um caso relatado por Winnicott (1951b), porque este objeto não deixa de ser algo que liga Henrique à mãe e seu uso excessivo uma forma de negar a separação dela. Segundo Winnicott:

"O cordão pode ser encarado como uma extensão de todas as outras técnicas de comunicação. (...); o exagero de seu uso pode facilmente pertencer aos primórdios de um sentimento de segurança ou à idéia de uma falta de comunicação. (...) Como negação, o cordão se torna uma coisa em si, algo que possui propriedades perigosas e necessidades que precisam ser dominadas". (1951b, p.36).

Assim, entendo que o laço, e todas as suas transformações ou variantes, pode ter ao mesmo tempo os dois sentidos: o objeto por meio do qual ele pode se vingar da violência que sofreu, e uma forma de negar a separação da mãe. Esse objeto teve valor de objeto transicional para Henrique. Sua perda, em um momento da sessão, provocou-lhe certo pânico, desespero e o comportamento compulsivo de procurá-lo em todos os lugares. O reencontro deste objeto, na outra sessão, causou-lhe euforia, alívio, satisfação, segurança.



O faz de conta de monstro e gorila desenvolvido rapidamente por Henrique e Rafael em momentos distintos relacionou-se, ao meu ver, à expressão da destrutividade que vivenciaram: neste caso também, de passivos diante da violência, tornaram-se ativos, transformando-se em personagens fortes, grandes e destruidores. Henrique gritou com voz grave: "Eu sou um monstro! Eu vou explodir! Eu vou fazer um assassino!", pisando, arrastando e jogando os tijolinhos. Rafael fingiu-se de monstro e fez de conta que agredia Henrique.

Os temas expressos por Rafael e Henrique também se relacionam à tendência anti-social, conforme explicado no item precedente.

Quanto aos temas de construção, Rafael mostrou por meio de suas construções a dificuldade de situar um lar adequado. Suas casas nunca tinham um tamanho médio. Eram exageradas e transformadas em "castelões" (da bruxa, da Carlota Joaquina, isto é, de figuras poderosas e talvez más), tendo sido uma vez transformada em uma enorme cadeia. Assim, não parece haver em Rafael uma representação apropriada de lar, sendo que esta apareceu estruturada com elementos de instituições (onde passou boa parte de sua vida) – especialmente falta de liberdade e regras rígidas, como numa prisão. Além de não conseguir representar um lar, suas construções não eram habitadas por uma família, mesmo que fosse uma família idealizada.

Em Tiago, isto foi diferente. Embora tenha denominado uma construção sua de castelo da bruxa, esta era a bruxa boa do Castelo Rá-tim-bum. Tiago mostrou representações de duas formas de família, suscitadas pela construção de uma casa, a sua família de origem, cuja mãe ele não queria mais porque ela havia lhe batido (também passando a idéia de que o pai seria uma figura frágil, não verdadeiramente protetora), e uma nova família, real (talvez uma família de apoio que o receba em fins de semana e férias), cujos pais eram bons e gostavam dele.



Os robôs, outro tema comum nas construções, parecem ser muito apreciados por meninos desta idade, mas a prevalência desta representação sobre outras possibilidades mais humanas, me leva a pensar, de um lado, num possível sentimento de artificialidade ou de vida mecânica, sem graça, na qual suas expectativas e necessidades, notadamente as afetivas, não são atendidas. O mesmo poderia se dizer do palhaço que foi construído por Rafael exatamente quando sobreveio a realidade e a conseqüente frustração de que eu não iria levá-lo embora comigo; palhaço aqui no sentido pejorativo, isto é, idiota, bobo. Por outro lado, a construção dos robôs também me fez pensar no desejo deles de serem fortes, poderosos, imbatíveis, indestrutíveis (isto é, o contrário de fraco e desamparado), principalmente pela forma como foram construídos por Rafael, com longas pernas, longos braços, cabeça grande, com unhas compridas e pontudas, e com uma cobra (uma figura agressiva). O mesmo se aplicaria a algumas construções de Henrique como o gavião com grandes asas e também o martelo (que poderia se associar igualmente ao primeiro significado que atribuí ao laço).

Os telhados dos tijolinhos tiveram outra função, para além daquela de proteger as casas e outras construções similares. Aliás, foram usados mais com outra finalidade do que para proteger. Os telhados pontudos foram usados para as asas do gavião, as rodas do carro, as unhas do robô, tendo sido os preferidos de Rafael e Henrique, os que mais externalizaram a agressividade e a destrutividade. Tiago, por exemplo, não usou este tipo de telhado.

O tema da construção de uma casa para a família ideal, desenvolvido por Tiago, suscitou o relato da violência sofrida:

Tiago contou: Faz de conta que eu fiz uma casinha e pinte! [me contou detalhes dessa casa, que era a sua casa e com quem morava] Com minha mãe, com meu pai e com meus irmãos. Mas não com essa mãe, com outra, porque essa aí me bate! (...) Ela pegou o fio do ventilador e bateu nas minhas costas! Henrique completou: A minha mãe bateu na minha costa e ficou vermelho. Eu venho aqui porque a minha mãe bateu na minha costa! e Tiago: (...) Ficou vermelha as nossas costas! Ela é brava a minha mãe!

Esse relato dos irmãos e a conversa sobre a existência de duas mães e dois pais, pais que não foram bons e pais idealizados, levou Henrique a "enforcar o pai" com muita violência. Para além dos significados que já foram discutidos, isto comprova o potencial de ab-reação, de compensação e de elaboração contido no brincar.

Outra passagem que também ilustra esta possibilidade, é aquela do diálogo entre os irmãos:

Henrique, que estava batendo com o laço no ar, disse: Agora, você vai ver como eu tô forte, ouviu, ouviu?. Tiago lhe falou: Na na ni na não, já vai fechar o portão! e riu, Henrique lhe deu laçadas no rosto. Tiago falou-lhe: Não me bate! E Henrique perguntou: O que você falou? Tiago lhe respondeu: Que você cagou! e deram risada (...). Henrique bateu mais uma vez no rosto dele, perguntando: Quem mandou você falar isso? Tiago respondeu: Quem mandou você cagar tudo isso? E Henrique continuou batendo (...) e mandando: Pára com isso!, rindo; e Tiago repetia: Quem mandou você cagar tudo isso? E continuaram nesse jogo. Henrique: O que você falou?, e Tiago: O que você cagou?, e Henrique batia nele com o laço, gritando: Vou te bater!, e o fez com força. Então, eu falei: Olha que isso dói. Tiago respondeu: Não, isso não dói. Henrique continuou batendo nele e falando: Tô batendo de chicote! Tiago respondeu-lhe: Pode me bater quanto você quiser. (...) Henrique afirmou, chicoteando no ar: Eu bate quando eu tô bravo! (...) Agora estou bravo, estou bravo! Tiago lhe disse: Não tá bravo nada! E Henrique o ameaçou com o laço: Hum, o que você falou? Tiago recomeçou: Você ficou bravo e cagou! Henrique riu e lhe disse: Pára de falar isso, viu!, e saiu de lado rodando o seu laço no ar. Tiago repetia: Pára de cagar isso! (...) Tiago ria e falava com voz baixa e grave: Pára que é uma ordem! (...) Henrique, vai até a morte! e Henrique lhe perguntou: Por que você sumiu, Tiago? Então, Tiago mostrou-lhe o laço, riu e jogou-o longe, no meio das carteiras. Henrique foi atrás do laço, dando urros muito fortes. Voltou, depois de encontrá-lo, e disse a Tiago: Agora eu tenho cinta, agora eu vou te bater!...

Ao meu ver, tratava-se de uma cena de vingança, crítica/julgamento e desprezo com relação à mãe. Vingança de Henrique que assumia o papel ativo e também de Tiago que, supostamente no papel passivo, desafiava ativamente a violência, dizendo que ela não provocava dor (por isso, desprezo com relação ao agressor). Crítica porque as expressões: "Que você cagou!" ou "Quem mandou você cagar tudo isso?" parecem significar, no contexto, que por causa deste ato de violência a mãe *estragou* tudo, fez algo importante (ela, os filhos, a família, o lar...) desaparecer depois da violência ("Por que você sumiu, Tiago?") e talvez sua punição/sentença fosse a morte ("Pára que é uma ordem! (...) Henrique, vai até a morte!").

A análise relativa ao tema do guardar brinquedos no saco e guardá-los para si (deste grupo e do grupo 2) foi desenvolvida no item anterior.

#### 4.2. Análise dos conteúdos do brincar das crianças do grupo 2

O primeiro tema desenvolvido por Denise, que consistiu em construir uma árvore e fazer com que a mãe, a filha, depois vários bonecos, a destruíssem, reconstruindo novamente e recomeçando a brincadeira, não tinha conotação propriamente destrutiva. A construção e a destruição de algo com a significação de uma árvore (pode-se pensar em algo vivo, que dá sombra, protege, que dá frutos, que tem raízes, por exemplo) ligada à família parecia representar o que ela tinha recém vivenciado: a sua retirada de casa (o lar destruído), o vai e vem de sua mãe nas poucas e turbulentas visitas, e a sensação resultante da destruição (rompimento) e reconstrução (reencontro) dos laços, do contato físico e afetivo. Muito provavelmente, esta foi uma forma de ir elaborando tais situações por meio do brincar.

O brincar de casinha, tema desenvolvido posteriormente por Denise, reproduzia cenas provavelmente vividas em seu cotidiano. Demonstrou uma preocupação com a sujeira e a necessidade de limpá-la, lavá-la, nos bonecos e nas roupas. Isto talvez possa ter relação com o ambiente em que viveu (debaixo de viadutos ou em cortiços muito sujos, em desordem), como também com o contato com a cola que a mãe utilizava e que freqüentemente sujava os cabelos e os rostos dela e dos irmãos (Denise apresentou sintomas de intoxicação pela cola). A relação sexual que Denise encenou neste brincar, era uma relação um tanto agressiva, sem amor, sendo que ela usou um vocabulário incomum às crianças (*ir caçar mulher*), o que sugere a possibilidade dela ter presenciado alguma relação deste tipo nos locais onde viveu (nos quais, comumente, há promiscuidade sexual).

Ao contrário, a relação sexual encenada por Nilo representava gestos de afeto e união e teve como resultado a gravidez da mãe e o nascimento de um bebê. Aline também encenou algo muito semelhante (sem a relação

sexual), com o nascimento do bebê e a mãe o carregando depois. A questão central para estas duas crianças parecia referir-se às suas origens. Tanto Nilo quanto Aline foram abandonados com poucos meses de vida e cuidados por famílias que não regularizaram suas situações, nem tampouco lhes contaram sobre suas origens. Portanto, ao meu ver, era essa a preocupação principal destas crianças, saber de onde vieram, quem realmente lhes tinha gerado e cuidado até um certo tempo. Além disso, em acréscimo, o tema sugere a realização de um desejo de completarem esta lacuna inicial dos primeiros e essenciais cuidados da vida.

Nilo brincou também de atar a mãe à filha com o laço (o cachecol de um boneco) empreendendo esforço cujo êxito lhe proporcionou muita satisfação. Esta situação alude ao significado simbólico do cordão, indicado por Winnicott (1951b). Entretanto, no caso de Nilo, diferentemente de Henrique, não houve um uso excessivo do cordão e este, ao meu ver, não significaria uma negação da separação, mas sim uma defesa contra a ameaça de uma nova separação. O laço serviu para atar, ligar, fazer permanecer unido, o que muito provavelmente se relaciona com as três situações de perda e abandono vivenciadas (a primeira, da mãe biológica; a segunda, da guardiã considerada mãe, que foi presa; e a terceira, da sua tomadeira de conta que cuidava dele havia quase dois anos). Portanto, este movimento parecia significar, por um lado, a necessidade de segurança e, por outro, uma defesa diante de um grande medo de perder o referencial materno, como lhe aconteceu tantas vezes. Além disso, havia outra ameaça: na ocasião das sessões, Nilo havia retomado o contato com a guardiã e família na instituição e estava passando fins de semana na casa dela; cada separação, no fim da visita na instituição ou no fim do domingo, era vivida por ele dramaticamente, com choro e sofrimento. Este seu brincar faz então muito sentido neste contexto.

Os temas do brincar de Felipe foram pouco consistentes, isto é, não chegavam a ter desenvolvimento: pai e mãe foram colocados lado a lado e



estavam namorando. O movimento significativo neste menino e que se relaciona diretamente a sua situação emocional, foi o de ficar tentando identificar os membros da família, perguntando a todo momento quem era a mamãe, quem era o papai, quem era o bebê, que era o filhinho, e precisando receber sempre confirmação externa para sua busca. Isto parece indicar como Felipe estava perdido, confuso, com relação aos seus referenciais familiares. A inconsistência manifesta externamente parecia representar a falta de consistência das figuras parentais, internas. A questão da suposta separação ou do suposto abandono que ensejou seu acolhimento parecia ser secundária à falta de referenciais em Felipe, isto é, tais supostas situações não chegaram a ser representadas em seu brincar.

O tema do esconder, procurar e achar a mamãe, desenvolvido por Aline e partilhado rapidamente por Felipe, faz referência à passagem do passivo para o ativo que a brincadeira possibilita e ao domínio de uma situação que originariamente tinha causado sofrimento (a separação, o afastamento da mãe ou substituta materna), domínio este que proporciona satisfação, conforme descrito por Freud (1920).

As construções realizadas pelas crianças deste grupo muito raramente foram relacionadas com casas. Com exceção da árvore de Denise (já discutida), as construções das outras crianças foram fileiras retas ou curvas e torres, pouco elaboradas, com raro uso apropriado dos telhados (isto é, os telhados eram como qualquer outra peça). Somente Felipe construiu uma fileira curva só com telhados e disse que era uma casinha. A dificuldade de representar uma casa, um lar, um lugar habitável, a falta de telhados ou o uso excessivo destes em uma construção sem estrutura, remetem a uma mesma significação: o abandono, a perda ou a inconsistência dos referenciais familiares externos e internos, a falta e a necessidade de segurança, de proteção, aliada a um sentimento de impotência e de desamparo. Não sei se para todas as crianças deste grupo caberia o termo privação, já que este, segundo Winnicott, implicaria a "perda de algo que foi



positivo na experiência da criança até uma certa data, e que foi retirado' (1956b, p.131), o que não se pode ter certeza com relação à Aline, Nilo e Felipe (por insuficiência dos dados do histórico). Com respeito à Denise, a privação nesses termos se iniciaria quando ela não pudesse mais manter viva a experiência boa com a mãe devido a um tempo excessivo de separação, o que não se tem comprovação. A mãe estava sendo destituída do pátrio poder e, assim, posso pressupor que esta separação será definitiva, podendo vir a se constituir em privação dependendo do destino que tenha Denise. Acredito que o termo "simples carência" (Winnicott, 1956b, p.131) também não se aplique ao caso destas crianças, porque o que lhes aconteceu é algo muito mais complexo.

#### **4.3. Análise dos conteúdos do brincar das crianças do grupo 3**

O brincar de casinha, cidade e família, desenvolvido de forma integrada pelas meninas, foi bastante rico e encenava diversas situações do cotidiano delas. Como, no entanto, elas atribuíram o significado da figura familiar à forma física do boneco e ambas deram mais valor à mãe e à filha, foi Bruna que mais explorou e representou esta relação, visto que se apropriara autoritariamente destas duas bonecas (em detrimento das outras). Isto tem relação com a história de Bruna, a separação de seus pais e o vínculo afetivo positivo e estreito que desenvolveu com sua mãe, com quem se sentia segura, protegida, bem como à dificuldade que manifestava à época de ficar com outras pessoas. As escolhas dos bonecos efetuadas por Bruna tiveram associação direta com as figuras e com as relações de maior valor afetivo para ela: a mãe, a cadelinha e os avós.

Com o restante das crianças não foi possível verificar estas relações com a mesma intensidade e clareza, já que ficaram com o que sobrou de Bruna. Mesmo assim, posso mencionar a pequena motivação de João para brincar com os bonecos. Ele se limitou a colocar o bebê e o gato dormindo no seu castelo, sem encenar propriamente algo, e a representar uma cena

de relação entre um casal cuja forma dificultou-me compreender se tratava-se de uma relação sexual ou de uma luta breve.

Daniel, por sua vez, exprimiu em seu brincar uma variedade de temas. O primeiro deles, que foi encenado três vezes, tratava de uma relação sexual na qual ele fazia os bonecos manifestarem afeto, sensualidade e um certo furor físico. Ele verbalizou ter visto uma cena dessa na televisão, o que é bem possível. Não havia mais dados que pudessem levar adiante uma hipótese de que ele tivesse presenciado uma relação sexual. Ele deu um nome ao boneco ao qual não relacionava ninguém conhecido, fez questão de frisar que o boneco não era ele, e não conseguiu dar nome à boneca. Provavelmente a cena se devia a uma curiosidade própria da fase de desenvolvimento emocional e se relacionava a fantasias ligadas aos pais e, secundariamente, a sua babá e ao namorado desta (casal de importância em sua vida e que ele mencionou em conversa comigo durante o brincar), tendo-lhe proporcionado visível satisfação – poderia relacionar à cena primária, ao complexo de Édipo (Freud, 1905) mas não é este o objeto do estudo. O que interessa aqui é constatar que o brincar ocorre mesmo neste espaço intermediário, como Winnicott (1951a) observou, que não é nem realidade externa nem realidade psíquica, está entre o subjetivo e o que é percebido objetivamente, sendo realmente um terceiro espaço que transita entre os dois. Interessa-me justamente a relação entre esse dentro e esse fora que pode ser manifestada no brincar.

O tema de Daniel da morte dos bonecos, cemitério, novo nascimento, isto é, destruição, morte, nascimento, reconstrução, teve o seguinte enredo:

Daí eles morreram e foram pro cemitério que era aqui embaixo. Daí então o cachorro caiu e morreu também, e também foi pro cemitério de cachorro. Aqui que tá o cachorro e aqui que tá eles [separados]. E o castelo ficou lá e eles tavam aqui. Ai o castelo também morreu e foi parar no cemitério de gente também! Daí eles nasceram de novo e o castelo montou tudo de novo, mas montou de outro jeito! Ah! O cemitério de cachorro também sobreviveu. [Observei: Quer dizer que eles morreram e sobreviveram] É! Toda hora eles morrem e também sobrevivem! Daí, quando eles sobreviveram, depois eles morreram sujos. Daí eles foram tomar banho. [Perguntei: Mas por que eles morreram sujos?] É porque eles esqueceram de tomar banho!

Isto me fez pensar, primeiramente, em um brincar que representava a sua vivência da separação dos pais<sup>6</sup>: a relação que morreu, ele (identificado com o cachorrinho) que foi privado de conviver com os pais juntos (por isso o cachorro foi enterrado em outro lugar), o lar que foi deixado, perdido ou destruído (Daniel veio para São Paulo com a mãe, o pai ficou na Bahia).

A parte seguinte é onde começaria efetivamente sua fantasia de fazer renascer a relação entre os pais, fantasia de reparação: a relação seria construída de uma maneira diferente (porque aquela provavelmente não tinha dado certo) e aquela "sujeira" que a destruiu deveria ser lavada, eliminada.

A frase: "Toda hora eles morrem e também sobrevivem" me levou a pensar algo relacionado também com a concepção (espermatozoides/óvulo), com a fantasia ligada ao que resultaria da união dos pais. Essa última hipótese tornou-se verossímil quando a comparei com uma variação do tema "relação sexual" de Daniel: aquela em que a relação consistia no boneco ficar deitado e lançar de sua região genital o cachorrinho que batia na região genital da boneca e assim sucessivamente.

Com relação ao outro tema de Daniel, que tratava da discussão entre o gato e o pai (o gato havia vestido escondido a roupa do pai e o desafiava, sendo que o pai dizia que iria acertá-lo), parece claro verificar aqui a situação edípica (o gato era Daniel): ele expressava a rivalidade com o pai e a ameaça da castração (Freud, 1905, 1924, 1925).

A disputa dos brinquedos confirmou a dificuldade ainda existente, nessa fase do desenvolvimento das crianças, de integrar meninos e meninas nas brincadeiras. O prazer da brincadeira pareceu residir na disputa em si, na expressão mais aberta de rivalidades, desejos de dominação, de conquista.

<sup>6</sup> E pode-se pensar também no conseqüente sentimento de culpa, ligado ao Édipo, e em seguida na necessidade de reparação, para aliviá-lo.

Secundariamente, a disputa do sexo feminino com o masculino, o movimento e o ritmo da brincadeira, o contato físico na luta pelos brinquedos e o uso da sedução e outros recursos na negociação dos brinquedos, aludia à sexualidade, de modo latente.

As crianças atribuíram valores especiais aos telhados na disputa dos brinquedos. O mais valioso e grande alvo era o telhado verde pontudo, depois o vermelho médio e, por último, o pequeno. Para este grupo, a única hipótese que consegui aventar a esse respeito foi o fato dos telhados verdes pontudos serem diferentes, maiores, aparentemente mais bonitos, e as três crianças que mais os disputaram (Bruna, Clara e João) terem manifestado maior competitividade e rivalidade entre si.

O uso dos tijolinhos, por Bruna, para representar um cigarro com um telhadinho pontudo e um brinquedo de um boneco com um tijolinho, pode ser visto apenas como variações possíveis do faz de conta.

Finalmente, nos temas das construções, todas as crianças deste grupo, diferentemente das crianças dos outros grupos, empreenderam construções elaboradas, com boa estrutura (firme e flexível, no sentido de que podiam ser alteradas) e adequado uso dos telhados. As cidades, as casas, os prédios e os castelos foram construídos criativamente, eram todos habitados e tinham movimento, vida.

Isto significava que, não obstante algumas vicissitudes em suas vidas, experiências difíceis em vias de elaboração, estas crianças mostraram ter referenciais familiares suficientemente seguros, estáveis, estruturados, ou "suficientemente bons".



#### **4.4. Relação entre os temas do brincar das crianças do grupo 1 e aqueles referidos pela literatura sobre as conseqüências psicológicas e sobre o brincar das crianças vítimas de violência física**

No brincar de Anita, a idealização das figuras parentais pode corresponder à idealização que Rouyer (1993) indicou acontecer nas crianças vítimas, principalmente quando elas estão longe dos pais, idealização que será maior quanto mais decepcionante for a nova realidade (no caso de Anita, a institucionalização). Em Anita, apareceu no brincar a manifestação de uma capacidade aparentemente adequada de dar cuidado, o que está em conformidade ao estudo de Watkins e Bradbard (1984).

Deltaglia (1993) constatou que crianças vítimas revivem repetidamente as cenas traumáticas, o que poderia paralisar sua evolução e adaptação. A repetição compulsiva de cenas traumáticas foi verificada na expressão de Henrique, mas o brincar abriu uma via para a elaboração (e não para uma paralisação) na medida em que permitiu que ele passasse do papel passivo para o ativo e, com isso, ab-reagisse os sentimentos de raiva e de ódio decorrentes da violência sofrida e exercesse domínio sobre a situação. Este movimento observado vai de encontro ao que relataram Rouyer e Drouet (1986): se a criança vítima não se encontra sem ação, ela consegue exprimir e liberar no brincar pulsões violentas que não foram integradas.

Os temas mais comumente apresentados na literatura sobre o brincar de crianças vítimas, apurados por White e Allers, (1) brincar literal e não-imaginativo e (2) repetição e compulsão, foram observados na crianças vítimas. Quanto ao primeiro, em Anita, apareceu o brincar literal e pouco criativo, imaginativo ou elaborado; e nos meninos, o movimento de passar de um brinquedo a outro impulsivamente. No entanto, o brincar dos meninos deste grupo pareceu mais imaginativo do que o do grupo 2, embora menos elaborado do que o do grupo 3. A compulsão e a repetição apareceu em Henrique, que representou o trauma vivido de modo repetido e inconsciente nas duas sessões, desempenhando o papel ativo.



## VI

### CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que os objetivos deste estudo foram plenamente atingidos. A análise dos resultados obtidos permite-me concluir que:

1. As crianças estudadas, em idade pré-escolar e escolar, vítimas de violência física doméstica e acolhidas em instituição (grupo 1), não-vítimas deste tipo de violência e acolhidas em instituição (grupo 2), e não-vítimas de qualquer modalidade de violência e que vivem com suas famílias (grupo 3), não brincaram propriamente em grupo com os bonecos da família e blocos de madeira, e sim paralelamente ou algumas vezes em dupla.

Isto porque elas ainda não atingiram o estágio do brincar social, no qual a característica básica é a cooperação (Piaget, 1932). Observei ainda que, considerando a etapa em que se encontram, de passagem do egocentrismo para a cooperação, o tipo de proposta, as modalidades de brinquedos e o tempo oferecido podem ter diminuído a possibilidade de um brincar compartilhado.

2. As crianças vítimas apresentaram três formas de brincar: (a) aparentemente tranqüila, estável e construtiva, (b) hiperativa, instável e destrutiva e (c) ora uma, ora outra, com mudanças bruscas, impulsivas. Estas formas também foram mencionadas na literatura. Foram diferentes dos dois outros grupos, nos quais predominou a forma (a), com diferenças qualitativas entre estes.

As crianças vítimas utilizaram os brinquedos oferecidos com graus de elaboração variando de baixo a médio, sem integração entre os brinquedos, de modo tanto apropriado ao brinquedo como não próprio, predominantemente sem concentração ou com muita dispersão. Foram superiores ao grupo 2 quanto ao grau de elaboração e à dispersão, e

semelhantes no que se refere à falta de integração e à variação no uso apropriado dos brinquedos. Em comparação ao grupo 3, tiveram *performance* inferior em todos os níveis.

As crianças vítimas utilizaram o espaço do brincar de forma predominantemente distinta daquela apresentada pelos dois outros grupos: por um lado, a agressividade, a destrutividade e a impulsividade, e, por outro, a passividade e o alheamento, determinaram padrões extremos de exploração, movimentação e aceitação/extrapolação dos limites (também indicados na literatura), enquanto nos outros grupos houve maior estabilidade na utilização do espaço, movimentação adequada e respeito aos limites, com diferenças qualitativas entre eles.

3. Os comportamentos e as atitudes das crianças vítimas, durante o brincar, foram (a) impulsivos, hiperativos, agressivos, destrutivos, (b) passivos, defensivos, pouco criativos, e (c) amadurecidos precocemente, controlados, construtivos (neste último caso, tanto a agressividade quanto a passividade se manifestaram indiretamente). Estas modalidades corresponderam àquelas mencionadas na literatura. Nas crianças abandonadas, os comportamentos e as atitudes foram semelhantes ao tipo (b), com algumas alterações, e nas crianças que viviam em família apareceu uma variedade diferente de comportamentos e atitudes situados num nível intermediário, mais equilibrado.

Em duas das crianças vítimas pude observar as duas possibilidades de tendência anti-social, descritas por Winnicott (1956a): a destrutividade e o roubo, sendo que no caso da criança que expressou esta última não pude confirmar tratar-se de um comportamento resultante exclusivamente da violência sofrida, porque antes dela a criança havia sofrido grave privação materna, tendo permanecido mais de dois anos em instituição. Em contrapartida, nenhuma das formas da tendência anti-social apareceu nas crianças que sofreram abandono (grupo 2).

Pude associar a relação entre uma criança do grupo 2 e um determinado objeto, com o fenômeno de recuperação de um objeto transicional em um momento de privação (Winnicott, 1951a). O mesmo pude fazer com um tipo de comportamento, exprimindo necessidade de posse dos brinquedos, comum ao grupo 1 e ao 2. Pude relacioná-lo, num primeiro plano, tanto à perda ou à falta da família, quanto à institucionalização, e num segundo plano, à recuperação de um objeto transicional diante da ameaça de privação.

As relações estabelecidas entre as crianças vítimas corresponderam aos mesmos padrões dos comportamentos e atitudes, o mesmo tendo acontecido nos outros grupos. Na relação com o adulto, as crianças dos grupos 1 e 2 se assemelharam no tocante à grande quantidade de solicitação e à dependência, com a diferença de que, no primeiro, as crianças não demonstraram necessidade de contato físico afetivo (o contato só se deu para a contenção de determinados comportamentos) e, no segundo, esta necessidade foi externalizada. No grupo 3, a autonomia e a independência prevaleceram.

4. Os temas surgidos no brincar não traduziram nem a realidade interna nem a realidade externa da criança, mas algo que se situou nesta área intermediária, entre o subjetivo e o que é percebido objetivamente, conforme indicou Winnicott (1951a) ao definir o brincar. Os conteúdos expressos no brincar tiveram evidente relação com a história de vida das crianças, com a etapa de desenvolvimento emocional em que se encontravam e com situações e relações vivenciadas nas sessões de brincar. O brincar não foi simplesmente um meio para repetir experiências traumáticas ou um campo no qual elas foram reproduzidas tal e qual, e sim uma forma de ir elaborando-as, transformando-as, como Freud (1920) observou (os graus variaram conforme as possibilidades de cada criança). O que se manifestou de modo mais bruto, no sentido de não lapidado, foram as impossibilidades, as dificuldades, as defesas, os sentimentos. Os

conteúdos do brincar das crianças estudadas puderam ser associados àqueles encontrados na literatura.

Portanto, a forma de brincar e os conteúdos das brincadeiras das crianças vítimas tiveram estreita relação com as violências que sofreram: a violência física, a violência de serem retiradas de casa (mesmo que para serem protegidas), a violência de serem institucionalizadas e de não terem um lar porque seus pais não puderam ser "suficientemente bons".

Felizmente, os resultados obtidos não se limitaram a atender aos objetivos estabelecidos, tendo eu encontrado uma riqueza impressionante de dados, que poderia render outras teses. Parte desta riqueza e da variedade dos significados foi contemplada pelo trabalho de análise. Entretanto, alguns aspectos necessitam ser aprofundados em um estudo posterior, como, por exemplo, a questão da tendência anti-social como uma das conseqüências da violência física doméstica e a especificidade da privação nos casos em que a mãe é a autora da violência física e a criança é separada dela, provisoriamente ou definitivamente.

Os conceitos de Winnicott que escolhi como referência principal foram muito úteis neste trabalho de compreensão, assim como outros de Freud. Nenhum dos dois autores trabalhou com crianças vítimas de violência física doméstica, ainda que tenham estudado outros tipos de situações traumáticas, e isto tornou este estudo um grande desafio para mim, especialmente no que tange à utilização de uma parte da teoria desenvolvida por Winnicott na leitura do fenômeno estudado. Espero, como alertou Outeiral (1996), não ter repetido simplesmente o que Winnicott disse, mas acrescentado verdadeiramente minha contribuição pessoal neste campo e utilizado ('rabiscado') criativamente suas propostas teóricas, o que é mais coerente com sua forma de pensar.

As indagações iniciais, nascidas da minha prática com crianças vítimas na Vara da Infância e da Juventude, foram respondidas:

Estas crianças conseguiram brincar, mas esta atividade apresentou-se bastante impregnada da repetição ou da lembrança do trauma vivido, da necessidade premente de lidar com ele, de elaborá-lo. As conseqüências psicológicas da violência física transbordaram no brincar e deram um formato e um significado diferentes, específicos, aos comportamentos, às atitudes e às relações estabelecidas durante as brincadeiras, bem como aos temas expressos no brincar, quando comparados aos das outras crianças, que não sofreram este tipo de violência. Ainda assim, creio não ser prudente generalizar, sendo fundamental a contextualização dos fenômenos observados na história de vida de cada criança.

O brincar revelou-se, efetivamente, um campo propício e mais "natural", bem como um instrumento auxiliar eficaz para se observar e avaliar qualquer criança (mesmo aquelas que apresentam inicialmente inibição no brincar) e, portanto, se aplica a crianças vítimas de violência física doméstica.

As dificuldades encontradas para chegar às crianças vítimas, depois de ultrapassadas, deram-me o valor da conquista, do crescimento, e reforçaram a importância fundamental das parcerias nesta área, pois sem elas eu nada teria conseguido.

Como resultado imediato deste estudo, iniciei um trabalho voluntário de atendimento psicoterápico ao grupo de crianças vítimas de violência física e de supervisão técnica nesta área para os profissionais da instituição, trabalho este que foi bem aceito por todos os envolvidos (crianças, instituição, CERCA) e vem se desenvolvendo de modo profícuo, permitindo-me confirmar a consistência destas conclusões.



## VII

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALESSANDRI, S. M. Play and social behavior in maltreated preschoolers. **Development & Psychopathology**, v.3, n.2, p.191-205, 1991.
- ARZENO, M. E. G. **Psicodiagnóstico Clínico: Novas contribuições**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- AZEVEDO, M. A. Conseqüências psicológicas da vitimização de crianças e adolescentes. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A., orgs. **Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo, Iglu, 1989. p.143-167.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A., orgs. **Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo, Iglu, 1989. p.25-47.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. Com licença eu vou à luta! - Guia de Bolso sobre Atuação Profissional, integrante do **Telecurso de Especialização em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes**. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1993/1994. [Material instrucional digitado, não publicado]
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Telecurso de Especialização em Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes**. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1994. [Material instrucional digitado, módulos 1 a 8, não publicado]

- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **A violência doméstica na infância e na adolescência.** São Paulo, Robe, 1995.
- BARUDY, J. La violence comme organisatrice de la subjectivité individuelle, familiale et sociale. **Neuropsychiatrie de l'Enfance**, v.40, n.7, p.363-377, 1992.
- BOMTEMPO, E. Categorias de respostas de manipulação e saciação em pré-escolares: um estudo em situação de brinquedo. In: BOMTEMPO, E., org. **Psicologia do Brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos.** São Paulo, Nova Stella/EDUSP, 1986, p.119-146.
- BOMTEMPO, E. **A violência contra crianças e o comportamento de brincar - a visão da literatura científica.** Núcleo de Estudos do Brinquedo e da Criança, Laboratório de Estudos da Criança, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1994. [Digitado]
- BONAMINIO, V.; DI-RENZO, M. Giocare e sognare come potenziale esperienze complete del Se. Senso e non-senso nel materiale clinico della relazione analitica con bambino ed adolescenti. **Richard e Piggie**, v.4, n.1, p.9-22, 1996. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- BRASIL, **Código de Processo Civil e Legislação Processual em Vigor.** Negrão, T., org., Gouvêa, J. R. F., col. 29.ed. atualizada até 05/01/98. São Paulo, Saraiva, 1998.
- BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei nº 8.069 de 13/07/1990. 4.ed. São Paulo, Atlas, 1995. [Manual de Legislação Atlas, n.32]
- BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

- CAMPOS, D. M. S. **O teste do desenho com instrumento de diagnóstico da personalidade.** Petrópolis, Vozes, 1986.
- CARLETTI, A. (1985) **Dicionário de Latim Forense.** 3.ed. São Paulo, Livraria e Editora Universitária de Direito, 1990.
- CICCHETTI, D.; BARNETT, D. Attachment organization in maltreated preschoolers. **Development & Psychopathology**, v.3, n.4, p.387-411, 1991. Special issue: Attachment and developmental psychopathology. Resumo 383 em KALICHMAN, S. C.; GARY, A. T., eds. **Child Abuse. Abstracts of the Psychological and Behavioral Literature**, n.9, 1990-1995.
- COHEN, E. R.; METHA, M.; MICHAEL, J., eds. **Ernst. Great Modern Masters.** New York, Harry N. Abrams, 1997.
- CUNHA, A. G. (1982) **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.** 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- CUNHA, J. A. Fundamentos do psicodiagnóstico. In: CUNHA, J. A. e cols. **Psicodiagnóstico-R.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993a. p.3-10.
- CUNHA, J. A. Passos do processo psicodiagnóstico. In: CUNHA, J. A. e cols. **Psicodiagnóstico-R.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993b. p.64-98.
- CUNHA, J. A.; FREITAS, N. K.; RAYMUNDO, M. G. B. Catálogo de técnicas úteis. In: CUNHA, J. A. e cols. **Psicodiagnóstico-R.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. p.135-216.
- DELTAGLIA, L. La réparation. In: MANCIAUX, M., org. **L'Enfant Maltraité.** Paris, Fleurus, 1993. p.483-495.

- DE PAÚL, J.; ARRUBARRENA, M. I. Behavior problem in school-aged physically abused and neglected children in Spain. **Child, Abuse & Neglect**, v.19, n.4, p.409-419, 1995.
- DINIZ, M. H. **Dicionário Jurídico**. São Paulo, Saraiva, 1998.
- EBERT, B. Acting out, enactment and play. **Australian Journal of Psychotherapy**, v.12, n.1/2, p.89-107, 1998. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- ERIKSON, E. H. (1963) **Infância e Sociedade**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- FAGOT, B. I. et al. A comparison of the play behaviors of sexually abused, physically abused, and nonabused preschool children. **Topics in Early Childhood Special Education**. v.9, n.2, p.88-100, 1989.
- FANTUZZO, J. et al. Community-based resilient peer treatment of withdrawn maltreated preschool children. **Journal of Consulting & Clinical Psychology**, v.64, n.6, p.1377-1386, 1996. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- FASCHER, R. Reflections on psychodynamic meaning of playing hide-and-seek in child psychotherapy. **Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie**, v.46, n.9, p.660-671, 1997. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- FATOUT, M. F. Physically abused children: activity as a therapeutic medium. **Social Works with Groups**, v.16, n.3, p.83-96, 1993.

- FELDMAN, R. S. et al. Parent, teacher, and peer ratings of physically abused and nonmaltreated children's behavior. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v.23, n.3, p.317-334, 1995. Resumo 664 em KALICHMAN, S. C.; GARY, A. T., eds. **Child Abuse. Abstracts of the Psychological and Behavioral Literature**, n.9, 1990-1995.
- FERENCZI, S. (1932) Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: **Obras completas/ Sandor Ferenczi**. São Paulo, Martins Fontes, 1992. v.4, p.97-106.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FREUD, A. (1926) **O tratamento psicanalítico de crianças**. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- FREUD, A. (1965) **Infância normal e patológica: determinantes do desenvolvimento**. 4.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. v.7, p.117-231.
- FREUD, S. (1908) Escritores criativos e devaneios. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. v.9, p.135-143.
- FREUD, S. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. v.10, p.11-133.



- FREUD, S. (1912) A Dinâmica da Transferência. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. v.12, p.108-119.
- FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1ª.reimp. 1988. v.18, p.13-75.
- FREUD, S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1ª.reimp. 1988. v.19, p.189-199.
- FREUD, S. (1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, 1ª.reimp. 1988. v.19, p.273-286.
- GIRODET, D. Éléments cliniques et démarche diagnostique. In: MANCIAUX, M., org. **L'Enfant Maltraité**. Paris, Fleurus, 1993. p.165-204.
- GOSSET, D. et al. **Maltraitance à enfants**. Paris, Masson, 1996.
- GOTTHOLD, J. J. It's as easy as child's play: play, a self psychological understanding. **Psychoanalysis & Psychotherapy**, v.13, n.1, p.19-26, 1996. Resumo em: **PSYCLIT: journal articles 1996-1998**. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- GROSS, A. B.; KELLER, H. R. Longterme consequences on childhood physical and psychological maltreatment. **Agressive Behavior**, v.18, n.3, p.171-185, 1992. Resumo 871 em KALICHMAN, S. C.; GARY, A. T., eds.

**Child Abuse. Abstracts of the Psychological and Behavioral Literature**, n.9, 1990-1995.

- HOLGERSEN, H. Lekeobservasjon: Noen betraktninger med utgangspunkt i Winnicotts begrep 'potensielt rom'. [Observation of children's play: Reflections with reference to Winnicott's concept of 'potential space'] **Tidsskrift for Norsk Psykologforening**, v.35, n.1, p.16-21, 1998. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- HAMMER, E. F. **Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos**. Rio de Janeiro, Interamericana, 1981.
- HASKETT, M. E.; KISTNER, J. A. Social interactions and peer perceptions of young physically abused children. **Child Development**, v.62, n.5, p.979-990, 1991. Resumo 931 em KALICHMAN, S. C.; GARY, A. T., eds. **Child Abuse. Abstracts of the Psychological and Behavioral Literature**, n.9, 1990-1995.
- HAUGE, K. Reconstruction in a analysis of a child. **Scandinavian Psychoanalytic Review**, v.20, n.2, p.160-177, 1997. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- HOWARD, A. C. Developmental play ages of physically abused and nonabused children. **The American Journal of Occupational Therapy**, v.40, n.10, p.691-695, 1986.
- HUIZINGA, J. (1938) **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 2.ed. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- KAHR, B. **A vida e a obra de D. W. Winnicott: um retrato biográfico**. Rio de Janeiro, Exodus, 1996.

- KEMPE, R. Arresting or freezing the developmental process. In: HELFER, R. E.; KEMPE, C. H., eds. **Child Abuse and Neglect**. Cambridge, Ballinger, 1976. p.55-73.
- KHAN, M. M. R. (1975) Prefácio. In: WINNICOTT, D. W. **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. p.7-61.
- KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T.M., org. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo, Cortez, 1996. p.13-43.
- KLEIN, M. (1921) O desenvolvimento de uma criança. In: **Contribuições à Psicanálise (1921-1945)**. São Paulo, Mestre Jou, 1970. p.15-85.
- KLEIN, M. (1926) Princípios psicológicos da análise infantil. In: **Contribuições à Psicanálise (1921-1945)**. São Paulo, Mestre Jou, 1970. p.177-191.
- KLEIN, M. (1927) Simpósio sobre a análise infantil. In: **Contribuições à Psicanálise (1921-1945)**. São Paulo, Mestre Jou, 1970. p.193-232.
- KLEIN, M. (1929) A personificação nos jogos das crianças. In: **Contribuições à Psicanálise (1921-1945)**. São Paulo, Mestre Jou, 1970. p.268-282.
- KLEIN, M. (1955) A técnica psicanalítica através do brinquedo. Sua história e seu significado. In: KLEIN, M., HEIMANN, P.; MONEY-KYRLE, R. E. (1955) **Novas Tendências na Psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p.25-47.
- KRIMENDAHL, E. K. Metaphor in child psychoanalysis: Not simply a means to an end. **Contemporary Psychoanalysis**, v.34, n.1, p.49-66, 1998.

- Resumo em: **PSYCLIT: journal articles 1996-1998**. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- KURTZ, P. D. et al. Maltreatment and the school-aged child: School performance consequences. **Child, Abuse & Neglect**, v.17, n.5, p.581-589, 1993. Resumo 1243 em KALICHMAN, S. C.; GARY, A. T., eds. **Child Abuse. Abstracts of the Psychological and Behavioral Literature**, n.9, 1990-1995.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1967) **Vocabulário de Psicanálise**. 5.ed. Santos, Martins Fontes, 1979.
- LEBOVICI, S.; DIATKINE, R. **Significado e função do brinquedo na criança**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- MARCÍLIO, M. L. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. In: FREITAS, M. C., org. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo, Cortez, 1997. p.51-76.
- MELLO, A. C. M. P. C. de; BOMTEMPO, E. O brincar da criança pré-escolar vítima da violência física doméstica. [Pré-pesquisa apresentada no III Congresso Interno do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 20 e 21 de novembro de 1995]
- MELLO, A. C. M. P. C. de A Família e o Brinquedo: Desenhos de Crianças atendidas na Vara da Infância e da Juventude. [Pesquisa apresentada no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de 6 a 11 de julho de 1997].
- MELLO, A. C. M. P. C. de **O jovem e seus direitos**. São Paulo, Moderna, 1997.
- MESCHIANY, A.; KRONTAL, S. Toys and games in play therapy. **Israel Journal of Psychiatry and Related Sciences**, v.35, n.1, p.31-37, 1998.

- Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- MILLER, A. (1980) La "pédagogie noire". In: **C'est pour ton bien: Racines de la violence dans l'éducation de l'enfant.** Paris, Aubier, 1984. p.15-123.
- MILLER, A. (1981) **L'Enfant sous terreur: L'ignorance de l'adulte et son prix.** Paris, Aubier, 1986.
- MOULAY, M. Actes de maltraitance pendant une crise familiale: les problèmes de l'expertise psychologique. **Dialogue.** Impensables violences, n.117, p.71-80, 1992.
- NUNES, M. L. T. Entrevista psicológica. In: CUNHA, J. A. e cols. **Psicodiagnóstico-R.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1993. p.29-50.
- OCAMPO, M. L. S.; ARZENO, M. E. Entrevistas para a aplicação de testes. In: OCAMPO, M.L.S. e cols. **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas.** São Paulo, Martins Fontes, 1981. p.46-56.
- OUTEIRAL, J. O. Perspectivas de pesquisa na abordagem winnicottiana. In: CATAFESTA, I. F. M., org. **D. W. Winnicott: O Verdadeiro e o Falso: A tradição independente na Psicanálise Contemporânea.** São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1996. p.71-83.
- PIAGET, J. (1932) As regras do jogo. In: **O Juízo Moral na Criança.** São Paulo, Summus, 1994. p.23-91.
- PETOT, J. **Melanie Klein I.** São Paulo, Perspectiva, 1987.
- POUSSIN, G. Les conséquences des défaillances parentales sur l'enfant. In: **Psychologie de la fonction parentale.** Paris, Dunod, 1993. p.175-247.



- PRINO, C. T.; PEYROT, M. The effect of child physical abuse and neglect on aggressive, withdrawn and prosocial behavior. **Child, Abuse & Neglect**, v.18, n.10, p.871-884, 1994. Resumo 1767 em KALICHMAN, S. C.; GARY, A. T., eds. **Child Abuse. Abstracts of the Psychological and Behavioral Literature**, n.9, 1990-1995.
- PURCELL, W. J. Grandiosity, trauma and self. **Journal of Child Psychotherapy**, v.22, n.1, p.112-127, 1996. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- ROGOSCH, F. A.; CICCHETTI, D.; ABER, J. L. The role of child maltreatment in early deviations in cognitive and affective processing abilities and later peer relationship problems. **Development & Psychopathology**, v.7, p.591-609, 1995.
- ROUYER, M. Psychopathologie de la maltraitance. In: MANCIAUX, M., org. **L'Enfant Maltraité**. Paris, Fleurus, 1993, p.205-231.
- ROUYER, M.; DROUET, M. **L'enfant violenté: des mauvais traitements à l'inceste**. Paris, Paidós/Le Centurion, 1986.
- RUSS, S. W. Psychodynamically based therapies. In: OLLENDICK, T. H., ed., HERSEN, M. et al. **Handbook of Child Psychopathology**. 3.ed. New York, Plenum Press, 1998. p.537-556.
- SALZINGER, S. et al. Risk of physical child abuse and the personal consequences for its victims. **Criminal Justice & Behavior**, v.18, n.1, p.64-81. Special issue: Physical child abuse. Resumo 1917 em KALICHMAN, S. C.; GARY, A. T., eds. **Child Abuse. Abstracts of the Psychological and Behavioral Literature**, n.9, 1990-1995.

- SANTA ROZA, E. **Quando brincar é dizer: A experiência psicanalítica na infância.** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.
- SANTA ROZA, E. E agora eu era o herói... O brincar na teoria psicanalítica. In: SANTA ROZA, E.; REIS, E. S. **Da análise na infância ao infantil na análise.** Rio de Janeiro, Contra Capa, 1997. p.75-86.
- SANTORO JR., M. Vitimização física: a conduta médica. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A., orgs. **Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder.** São Paulo, Iglu, 1989. p.115-122.
- SIDOLI, M. Farting as a defense against unspeakable dread. **Journal of Analytical Psychology**, v.41, n.2, p.165-178, 1996. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- SILVA, de P. **Vocabulário Jurídico.** 4.ed. Rio de Janeiro, Forense, 1995.
- STREECK-FISCHER, A. Verschiedene formen des spiels in der analytischen psychotherapie. [Various forms of play in psychoanalytic psychotherapy] **Forum der Psychoanalyse: Zeitschrift fuer Klinische – Theorie and Praxis**, v.13, n.1, p.19-37, 1997. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- TORRINHA, F. (1937) **Dicionário Latino Português.** 2.ed. Porto, Gráficos Reunidos, 1942.
- TURBIAUX, M. Le secret de Polichinelle ou de l'art de la marionnette en thérapie. **Bulletin de Psychologie**, v.50, n.429, p.253-276, 1997. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.

- TURKEL, A. R. All about Barbie: Distortions of a transitionnal object. **Journal of the American Academy of Psychoanalysis**, v.26, n.1, p.165-177, 1998. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- VAN KOLCK, L. O. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico**. São Paulo, EPU, 1984.
- WARREN, S. L.; OPPENHEIM, D.; EMDE, R. N. Can emotions and themes in children's play predict behavior problems? **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v.35, n.10, p.1331-1337, 1996. Resumo em: PSYCLIT: journal articles 1996-1998. Washington, DC, American Psychological Association/Silver Platter, 1998.
- WATKINGS, H. D.; BRADBARD, M. R. Young abused children's knowledge of caregiving behaviors. **The Journal of Genetic Psychology**, v.144, p.145-146, 1984.
- WHITE, J.; ALLERS, C. T. Play therapy with abused children: a review of the literature. **Journal of Counseling & Development**, v.72, p.390-394, 1994.
- WINNICOTT, D. W. (s.d.) Notas sobre o brinquedo. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R.; DAVIS, M., orgs. (1989) **Explorações Psicanalíticas**. D. W. Winnicott. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. p.49-52.
- WINNICOTT, D. W. (1946) Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: **Privação e Delinquência** (1984). São Paulo, Martins Fontes, 1987. p.119-125.
- WINNICOTT, D. W. (1950) Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela perda da vida familiar. In: **A família e o**

- desenvolvimento individual** (1965). São Paulo, Martins Fontes, 1993. p.193-212.
- WINNICOTT, D. W. (1950-5) Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise** (1958). 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. p.355-374.
- WINNICOTT, D. W. (1951a) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise** (1958). 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. p.389-408.
- WINNICOTT, D. W. (1951b) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: **O brincar e a realidade** (1971). Rio de Janeiro, Imago, 1975. p.13-44.
- WINNICOTT, D. W. (1956a) A tendência anti-social. In: **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise** (1958). 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. p.499-511.
- WINNICOTT, D. W. (1956b) A tendência anti-social. In: **Privação e Delinqüência** (1984). São Paulo, Martins Fontes, 1987. p.127-137.
- WINNICOTT, D. W. (1957) As raízes da agressividade. In: **A criança e o seu mundo** (1965). 6.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1982. p.262-270.
- WINNICOTT, D. W. (1958a) O primeiro ano de vida. Concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: **A família e o desenvolvimento individual** (1965). São Paulo, Martins Fontes, 1993. p.3-20.
- WINNICOTT, D. W. (1958b) A psicologia da separação. In: **Privação e Delinqüência** (1984). São Paulo, Martins Fontes, 1987. p.139-141.

- WINNICOTT, D. W. (1959) O destino do objeto transicional. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R.; DAVIS, M., orgs. (1989) **Explorações Psicanalíticas. D. W. Winnicott.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. p.44-48.
- WINNICOTT, D. W. (1960a) O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: **A família e o desenvolvimento individual** (1965). São Paulo, Martins Fontes, 1993. p.21-28.
- WINNICOTT, D. W. (1960b) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: **O ambiente e os processos de maturação** (1979). 3.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990. p.38-54.
- WINNICOTT, D. W. (1960c) Agressão, culpa e reparação. In: **Tudo começa em casa** (1986). São Paulo, Martins Fontes, 1996. p.63-70.
- WINNICOTT, D. W. (1962) Enfoque pessoal da contribuição Kleiniana. In: **O ambiente e os processos de maturação** (1979). 3.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990. p.156-162.
- WINNICOTT, D. W. (1964) Raízes da agressão. In: **Privação e Delinquência** (1984). São Paulo, Martins Fontes, 1987. p.96-103.
- WINNICOTT, D. W. (1965) O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R.; DAVIS, M., orgs. (1989) **Explorações Psicanalíticas. D. W. Winnicott.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. p.102-115.
- WINNICOTT, D. W. (1967a) A localização da experiência cultural. In: **O brincar e a realidade** (1971). Rio de Janeiro, Imago, 1975. p.133-143.
- WINNICOTT, D. W. (1967b) A delinquência como sinal de esperança. In: **Tudo começa em casa** (1986). São Paulo, Martins Fontes, 1996. p.71-78.



- WINNICOTT, D. W. (1968) O brincar e a cultura. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R.; DAVIS, M., orgs. (1989) **Explorações Psicanalíticas. D. W. Winnicott.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994. p.160-162.
- WINNICOTT, D. W. (1971a) O brincar. Uma exposição teórica. In: **O brincar e a realidade** (1971). Rio de Janeiro, Imago, 1975. p.59-77.
- WINNICOTT, D. W. (1971b) O brincar. A atividade criativa e a busca do eu (*self*). In: **O brincar e a realidade** (1971). Rio de Janeiro, Imago, 1975. p.79-93.
- ZINNI, V. R. Differential aspects of sandplay with 10 and 11-year-old children. **Child, Abuse & Neglect**, v.21, n.7, p.657-668, 1997.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABER, J. L.; ALLEN, J. P. Effects of maltreatment on young children's socioemotional development: an attachment theory perspective. *Developmental psychology*, v.23, p.406-414, 1987.
- ABER, J. L. et al. The effects of maltreatment on development during early childhood: recent studies and their theoretical, clinical and policy implications. In: CICHETTI, D.; CARLSON, V., eds. **Child maltreatment: theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect**. New York, Cambridge University Press, 1989.
- ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- AGOSTINI, D. L'enfant, les érinnyes, les médusés: Étude des imbrications interactives parents maltraitants – enfants maltraités – intervenants médico-sociaux. *Handicaps et inadaptations*, n.40, p.1-19, 1987.
- AGOSTINI, D. Lorsque l'enfant disparaît: vampirisation du corps et des affects de "l'enfant de la réalité" par "l'enfant imaginaire" des parents dans la maltraitance. *Perspectives psychiatriques*, n.20/V, p.341-344, 1989.
- ALESSANDRI, S. M. Mother-child interactional correlates of maltreated and non-maltreated children's play behavior. *Developmental and psychopathology*, v.4, n.2, p.257-270, 1992.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1981.
- ASSOCIATION FRANÇAISE D'INFORMATION ET DE RECHERCHE SUR L'ENFANCE MALTRAITÉE (AFIREM) **Secret maintenu, secret dévoilé: A propos de la maltraitance**. Paris, Karthala, 1994.
- AUFAUVRE-BOUJILLY, M. R.; HENRY, G. **Aide au jeu des enfants en difficulté**. Lausanne, Delachaux et Niestlé, 1993.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A., orgs. **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo, Cortez, 1993.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Infância e violência doméstica: perguntelho**. São Paulo, IPUSP, Laboratório de Estudos da Criança, 1994.

- BADINTER, E. **L'amour en plus: Histoire de l'amour maternel (XVIIe.-XXe. siècle)**. Paris, Flammarion, 1980.
- BANDET, J.; SARAZANAS, R. **L'enfant et les jouets**. Tournai, Casterman, 1972.
- BAZIN, H. **Vipère au poing**. Paris, Bernard Grasset, 1948.
- BENJAMIN, W. História cultural do brinquedo. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. v.1.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: A Criança, o Brinquedo e a Educação**. São Paulo, Summus, 1994.
- BERGER, M. Violence et échec de l'emprise. **Dialogue**. Impensables violences, n.117, p.3-18, 1992.
- BERGERET, J. **La violence et la vie: la face cachée de l'oedipe**. Paris, Payot, 1994.
- BERGERET, J. et al. **Quand et comment punir les enfants?** 2.ed. Paris, ESF, 1990.
- BERLINER, L.; CONTE, J. R. The process of victimization: the victims perspective. **Child, abuse & neglect**, v.14, p.29-40, 1990.
- BICHARA, I. D. **Um estudo etológico da brincadeira de faz-de-conta em crianças de 3 a 7 anos**. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- BISSON, D.; SCHONEN, E. de **L'enfant derrière la porte**. Paris, Bernard Grasset, 1993.
- BLASSEL J-M. De l'enfant maltraité à l'adult maltraitant. **Dialogue**. Impensables violences, n.117, p.19-18, 1992.
- BOCCA, F.; MIGNOT, C.; ROUYER, M. Les enfants maltraités. In: BRÜCKER, G.; FASSIN, D., dir. **Santé publique**. Paris, Markeling, 1989. p.690-702.
- BOMTEMPO, E. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, T. M., org. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo, Cortez, 1996. p.57-71.
- BOMTEMPO, E. **Brincando se aprende: uma trajetória de produção científica**. São Paulo, 1997. Tese (Livre Docência) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- BOMTEMPO, E.; HUSSEIN, C. A. O brinquedo: conceituação e importância. In: BOMTEMPO, E., org. **Psicologia do Brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Nova Stella/EDUSP, 1986. p.17-28.

- BOURGUIGNON, O. Les mauvais traitements. In: **Mort des enfants et structures familiales**. Paris, PUF, 1984. p.53-59
- BOUSQUET, M. M. **Théorie et pratique ludiques**. Paris, Economica, 1984.
- BOWLBY, J. Violence in the family as a disorder of the attachment and caregiving systems. **The American journal of psychoanalysis**, v.44, n.1, p.9-27, 1984.
- BRADEN, J. A. Adopting the abuse child: love is not enough. **Social casework**, v.62, p.362-367, 1981.
- BRETHERTON, I. **Symbolic Play: The development of social understanding**. Orlando, Academic Press, 1984.
- BRETHERTON, I. Pretense: The form and function of make-believe play. **Developmental review**, v.9, p.383-401, 1989.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo, Cortez, 1995.
- BURGUIÈRE, A., KLAPISCH-ZUBER, C., SEGALEN, M., ZONABEND, F., dir. **Histoire de la famille**. 3v. Paris, Armand Colin, 1996.
- CAMARGO, C. L. de **Violência física contra crianças e adolescentes: um recorte localizado**. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- CAMPO, A. J.; RIBERA, C. **El juego, los niños y el diagnóstico: "La hora del juego"**. 2.ed. Barcelona, Paidós, 1992.
- CARLSON, V. et al. Desorganized/disoriented attachment relationships in maltreated infants. **Developmental psychology**, v.25, p.525-531, 1989.
- CATTANACH, A. **Play therapy with abused children**. London, Jessica Kingsley Publishers, 1992.
- CICCHETTI, D.; BEEGHLY, M. Symbolic development in maltreated youngsters: an organizational perspective. **New directions for child development**, v.36, p.47-68, 1987.
- CICCHETTI, D. et al. Resilience in maltreated children: Processes leading to adaptive outcome. **Development & psychopathology**, v.5, n.4, p.629-647, 1993.
- CHATEAU, J. (1954) **O Jogo e a Criança**. São Paulo, Summus, 1987.
- CHAVES, A. M. **Crianças abandonadas ou desprotegidas**. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

- CHESNAIS, J-C. La criminalité familiale. Infanticide, empoisonnement et parricide. In: *Histoire de la violence*. Paris, Robert Laffont, 1981. p.100-124.
- CHRISTIANSEN, J. L. Educational and psychological problems of abused children. Doctoral dissertation. *Child, abuse & neglect abstracts*, 1978. p.124.
- CHU, J. A.; DILL, D. L. Dissociative symptoms in relation to childhood physical and sexual abuse. *American journal of psychiatry*, v.147, p.887-892, 1990.
- CIRILLO, S.; DI BLASIO, P. *La famille maltraitante*. Paris, ESF, 1992.
- COHN, A. H. The treatment of child abuse: what do we know about what works? In: LEAVITT, J. E., ed. *Child Abuse and Neglect: research and innovations*. Boston, Martinus Nijhoff, 1982. p.195-209.
- COLLARD, R. R. Exploratory and play behaviors of infants reared in an institution and in a lower and middle-class homes. *Child development*, v.42, n.4, p.1003-1015, 1971.
- COUCHARD, F. *Emprise et violence maternelles*. Paris, Dunod, 1991.
- COTTLE, T. J. *O segredo na infância*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- CRIVILLÉ, A., org. *Parents maltraitants, enfants meurtris*. 2.ed. Paris, ESF, 1991.
- DALIGAND, L. La victimologie des enfants maltraités. *Revue internationale de police criminelle*, n.428, p.31-37, 1991.
- DEL PRIORE, M. *História da Criança no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1991.
- DE MAUSE, L. *The History of Childhood*. New York, The Psychohistory Press, 1974.
- DESCHAMPS, G. Évolution de la définition des mauvais traitements. *Informations techniques*, n.2, p.23-25, 1984.
- DESCHAMPS, G.; DERUELLE, S.; DESCHAMPS, J. P. Incidence des mauvais traitements chez les enfants. *Archives françaises de pédiatrie*, v.39, p.627-631, 1982.
- DODGE, K. A.; PETTIT, G. S.; BATES, J. E. Effects of physical maltreatment on the development of peer relations. *Development & psychopathology*, v.6, p.43-55, 1994.
- DOYLE, A. B. et al. Developmental changes in pretend play during middle childhood. *Canadian journal of research in early childhood education*, v.3, p.43-51, 1989.
- DUBOC, M. Les implications psychologiques dans les mauvais traitements envers les enfants. *Droit de l'enfant et de la famille*, v.39, p.185-197, 1994.
- ELKONIN, D. B. *Psicología del juego*. Madrid, Visor, 1980.



- FEIN, G. G. Pretend play in childhood: an integrative review. *Child development*, v.52, p.1095-1118, 1981.
- FERENCZI, S. (1928) A adaptação da família à criança. In: *Obras completas/ Sandor Ferenczi*. São Paulo, Martins Fontes, 1992. v.4, p.1-13.
- FLOREY, L. Studies of play, implications for growth, development, and for clinical practice. *American journal of occupational therapy*, v.35, n.8, p.519-524, 1981.
- FORWARD, S. *Parents toxiques*. Mesnil-sur-l'Estrée, Stock, 1991.
- FOUCAULT, M. *Surveiller et punir*. Paris, Gallimard, 1975.
- FREDERICKSON, J. From delusion to play. *Clinical social work journal*, v.19, n.4, p.349-362, 1991.
- FREITAS, M. C., org. *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo, Cortez, 1997.
- GABEL, M.; LEOVICI, S.; MAZET, P., orgs. *Maltraitance: maintien du lien?* Paris, Fleurus, 1995.
- GABEL, M.; LEOVICI, S.; MAZET, P., orgs. *Maltraitance: répétition, évaluation*. Paris, Fleurus, 1996.
- GAENSBAUER, T. J., MRAZEK, D.; HARMON, R. Emotional expression in abused and/or neglect infants. In: FRUDE, N., ed. *Psychological approaches to child abuse*. Totowa, Rowan and Littlefield, 1981. p.120-135.
- GALDSTON, R. The domestic dimensions of violence: child abuse. *Psychoanalytic study of child*, v.36, p.391-414, 1981.
- GARBARINO, J. e col. *Children in Danger*. California, Jossey-Bass, 1992.
- GARVEY, C.; KRAMER, T. L. The language of pretend play. *Developmental review*, v.9, p.364-382, 1989.
- GELLES, R. J.; CORNELL, C. P. *Intimate violences in family*. 4.ed. Londres, Sage, 1986.
- GEORGE, C.; MAIN, M. Social interactions of young abused children: approach, avoidance and aggression. *Child development*, v.50, p.306-318, 1979.
- GIL, D. G. *Violence against children*. Cambridge, Harvard University Press, 1970.
- GIL, E. *The healing power of play: working with abused children*. New York, Guilford Press, 1991.

- GÓNCU, A. Developmental of intersubjectivity in social pretend play. **Human developmental**, v.36, p.185-198, 1993.
- GREVEN, P. **Spare the child**. New York, Vintage, 1992.
- GROLNICK, S. A. **Winnicott. O Trabalho e o Brinquedo: uma leitura introdutória**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- GUILLEMAUT, J.; MYQUEL, M.; SOULAYROL, R. **Le jeu, l'enfant**. Paris, Expansion Scientifique Française, 1984.
- GUTTON, P. **Le jeu chez l'enfant**. Paris, GREUPP, 1988.
- HADJIISKY, E. Apparition du geste violent. **Santé mentale, individus et sociétés**, n.97-98, p.37-42, 1988.
- HARPER, J. Consequences of 'the warmth of wrath': caring for the physically abused child. **Australian journal of early childhood**, v.11, p.33-36, 1986.
- HARPER, J. Children's play: the differential effects of intrafamilial physical and sexual abuse. **Child, abuse & neglect**, v.15, n.1/2, p.89-98, 1991.
- HELPER, R. E.; KEMPE, C. H., eds. **Child abuse and neglect: the family and the community**. Cambridge, Ballinger, 1976.
- HELLBRUNN, R. **Pathologie de la violence**. Paris, Réseaux, 1982.
- HENOCQ, A.; HERVÉ, C. Clinique des enfants victimes de sévices. Aspects pédiatriques. **Droit de l'enfant et de la famille**, v.39, p.167-184, 1994.
- HENRIOT, J. **Le Jeu**. 2.ed. Paris, PUF, 1976.
- HERRENKOHL, R. C.; HERRENKOHL, E. C. Some antecedents and developmental consequences of child maltreatment. **New directions for child development**, v.11, p.57-76, 1991.
- HERRON, R. E.; SUTTON-SMITH, B., eds. **Child's Play**. New York, Wiley, 1971.
- IN, P.A.; MCDERMOTT, J. F. The treatment of child abuse: Play therapy with a 4-year-old child. **Journal of the american academy of child psychiatry**, v.15, p.430-440, 1976.
- HOMEYER, L. E.; LANDRETH, G. L. Play therapy behaviors of sexually abused children. **International journal of play therapy**, v.7, n.1, p.49-71, 1998.
- JADE, V. **Bébé bleu**. Paris, Albin Michel, 1993.

- JAFFÉ, P. D. Aptitudes cognitives de l'enfant victime témoin en justice. **Publications de l'Université de Rouen, Psychologie légale clinique**. Victimes: actes et silences, n.204.
- JONES, D. P. H. The untreatable family. **Child abuse & neglect**, v.11, p.409-420, 1987.
- KAUFMAN, J.; CICHETTI, D. Effects of maltreatment on school-age children's socioemotional development: assessments in a day-camp setting. **Developmental psychology**, v.25, p.516-524, 1989.
- KEMPE, R. S.; KEMPE, C. H. **Child abuse**. London, Fontana/Open Books, 1978.
- KENDE, H. Jeu, réalité, devenir de l'enfant maltraité. **Revue internationale de criminologie et de police technique**, v.45, n.1, p.29-50, 1992.
- KLINKHAMER-STEKETEE, H. T. **Psychothérapie par le jeu**. 4.ed. Liège, Mardaga, 1997.
- KOLKO, D. J. Characteristics of child victims of physical violence: Research findings and clinical implications. **Journal of interpersonal violence**, v.7, p.244-276, 1992.
- KOLKO, D. J. Clinical monitoring of treatment course in child physical abuse: psychometric characteristics and treatment comparisons. **Child, abuse & neglect**, v.20, n.1, p.23-43, 1995.
- KORCZAK, J. **Como amar uma criança**. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- KRYNSKI, S. (coord.) **A criança maltratada**. São Paulo, Almed, 1985.
- KURTZ, P. D. et al. The consequences of physical abuse and neglect on the school age child: Mediating factors. **Child, abuse & neglect**, v.15, n.2., p.85-104, 1993.
- LEBOVICI, S. **Le nourrisson, la mère et le psychanalyste: les interactions précoces**. Paris, Le Centurion, 1983.
- LEBOVICI, S. Interaction fantasmatique et transmission intergénérationnelle. In: CRAMER, B., dir. **Psychiatrie du Bébé**. Paris, Eshel, 1988. p.321-334.
- LEBOVICI, S. Psychopathologie de la violence et de l'agressivité. **Revista portuguesa de pedopsiquiatria**, n.2, p.69-77, 1991.
- LEULIETTE, P. **Les enfants martyrs**. Paris, Seuil, 1978.
- LYNCH, M. A.; ROBERTS, J. **Consequences of child abuse**. London, Academic Press, 1982.
- MANCIAUX, M. L'enfance maltraitée, aujourd'hui. **Échanges santé**, n.56/57, p.3-5, 1989.

- MANCIAUX, M., dir. **L'enfant maltraité**. Paris, Fleurus, 1993.
- MANN, E.; MACDERMOTT, J. Play therapy for victims of child abuse and neglect. In: SCHAEFER, C. E.; O'CONNORS, K., eds. **Handbook of play therapy**. New York, Wiley, 1983. p.283-307.
- MARGOLIN, L. Beyond maternal blame: physical child abuse as a phenomenon of gender. **Journal of family issues**, v.13, n.3, p.410-423, 1992.
- MARQUES, M. A. B. (org.) **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- MARTIN, H. P.; RODEHEFFER, M. A. The psychological impact of abuse in children. In: WILLIAMS, G. J.; MONEY, J., eds. **Traumatic abuse and neglect of children at home**. Baltimore, John Hopkins University Press, 1980.
- MASSON, O. Mauvais traitements envers les enfants et thérapies familiales. **Thérapie familiale**, n.2, p.269-286, 1981.
- MAZET, P. Le devenir de l'enfant maltraité. **Gazette médicale**, v.97, n.11, p.69-73, 1990.
- MCFADDEN, E. J. Helping the abused child through play. In: The Association of Childhood Education International's, ed. **Play: Working partner of growth**. Whaton, Author, 1986. p.73-79.
- MIERMONT, J. Violence et famille. Complexité, circularité. **Santé mentale, individus et sociétés**, n.97/98, p.28-35, 1988.
- MILLER, A. (1988) **La connaissance interdite: affronter les blessures de l'enfance dans la thérapie**. Paris, Aubier, 1990.
- MILLER, A. (1988) **La souffrance muette de l'enfant: l'expression du refoulement dans l'art et la politique**. Paris, Aubier, 1990.
- MILLER, A. (1990) **Abattre le mur du silence: pour rejoindre l'enfant qui attend**. Paris, Aubier, 1991.
- MIRANDY, J. Preschool for abused children. In: MARTIN, H.P., ed. **The abuse child: a multidisciplinary approach to developmental issues and treatment**. Cambridge, Ballinger, 1976. p.215-224.
- MULLEN, P. E. et al. The long-term impact of the physical, emotional, and sexual abuse of children: a community study. **Child, abuse & neglect**, v.20, n.1, p.7-21, 1996.

- MULLER, R. T.; HUNTER, J. E.; STOLLAK, G. The intergenerational transmission of corporal punishment: a comparison of social learning and temperament models. *Child, abuse & neglect*, v.19, n.11, p.1323-1335, 1995.
- OATES, K. R.; FORREST, D.; PEACOCK, A. Self-esteem of abused children. *Child, abuse & neglect*, v.9, p.159-163, 1985.
- OATES, K. R.; BROSS, D. C. What have we learned about treating child physical abuse? A literature review of last decade. *Child, abuse & neglect*, v.19, n.4, p.463-473, 1995.
- OKUN, A.; PARKER, J. K.; LEVENDOSKY, A. A. Distinct and interactive contributions of physical abuse, socioeconomic disadvantage, and negative life events to children's social, cognitive, and affective adjustment. *Development & psychopathology*, v.6, p.77-98, 1994.
- OLIVEIRA, M. H. P. de *Lembranças do passado: a infância e a adolescência na vida dos escritores brasileiros*. São Paulo, 1988. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, M. K. Brinquedo e desenvolvimento. In: *Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico*. São Paulo, Scipione, 1995. p.65-67.
- OLIVEIRA, V. B. de *O símbolo e o brinquedo: A representação da vida*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- OLIVEIRA, Z. M. R. de *Jogo de papéis: uma perspectiva para análise do desenvolvimento humano*. São Paulo, 1988. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- OUTEIRAL, J. O.; GRAÑA, R. B. e cols. *Donald W. Winnicott: estudos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- PARENS, H. Cruelty begins at home. *Child, abuse & neglect*, v.11, p.331-338, 1987.
- PASSETTI, E., coord. *Violentados: crianças, adolescentes e justiça*. São Paulo, Imaginário, 1995.
- PELENTO, M. L. A contribuição de Winnicott à psicanálise de crianças. In: OUTEIRAL, J. O. e cols. *Donald W. Winnicott: Estudos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991. p.38-43.
- PELENTO, M. L. A concepção do brinquedo na teoria de Winnicott. In: OUTEIRAL, J. O. e cols. *Donald W. Winnicott: Estudos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991. p.102-111.



- PERRONE, R.; NANNINI, M. **Violence et abus sexuels dans la famille**. Paris, ESF, 1995.
- PHILLIPS, R. D.; LANDRETH, G. L. Play therapists on play therapy: II. Clinical issues in play therapy. *International journal of play therapy*, v.7, n.1, p.1-24, 1998.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3.ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1978.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. A Função Semiótica ou Simbólica (O jogo simbólico). In: PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. 12.ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993. p.51-55.
- POURTOIS, J-P. **Blessure d'enfant: La maltraitance: théorie, pratique et intervention**. Bruxelles, DeBoeck Université, 1995.
- PRICE, A. Effects of maternal deprivation on the capacity to play: A Winnicottian perspective on work with inner-city children. *Psychoanalytic psychology*, v.11, n.3, p.341-355, 1994. Special issue: Child analytic work.
- RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **A idade pré-escolar**. São Paulo, EPU, 1981.
- RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **A idade escolar e a adolescência**. São Paulo, EPU, 1981-82.
- RASCOVSKY, A. **El filicidio**. Buenos Aires, Orion, 1973.
- REAMS, R.; FRIEDRICH, W. The efficacy of time-limited play therapy with maltreated preschoolers. *Journal of clinical psychology*, v.50, n.6, p.889-899, 1994.
- REIDY, T. J. The aggressive characteristics of abused and neglect children. *Journal of clinical psychology*, v.33, n.4, p.1140-1145, 1977.
- REGO, T. C. A função da brincadeira no desenvolvimento infantil. In: **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da Educação**, Petrópolis, Vozes, 1995. p.80-83.
- RODULFO, R. **O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- ROUYER, M. Problèmes généraux concernant la maltraitance. *L'Information psychiatrique*, v.62, n.1, p.11-18, 1986.
- ROUYER, M. Les enfants maltraités en placement familiale. *Sauvegarde de l'Enfance*, n.3, p.213, 1994.

- SALZINGER, S. et al. Risk of physical child abuse and the personal consequences for its victims. *Criminal justice & behavioral*, v.18, p.64-81, 1991.
- SALZINGER, S. et al. The effects of physical abuse on children's social relationships. *Child development*, v.64, p.169-187, 1993.
- SCHWARTZ, D.; DODGE, K. A.; COIE, J. D. The emergence of chronic peer victimization in boy's play groups. *Child development*, v.64, p.1755-1772, 1993.
- SINGER, D. G. *Playing for their lives: helping troubled children through play therapy*. New York, Free Press, 1993.
- SNYDERS, G. *Não é fácil amar os nossos filhos*. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- SOIFER, R. *Psicodinamismos da família com crianças: Terapia familiar com técnica de jogo*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1989.
- SOULÉ, M., dir. *Mère mortifère, mère meurtrière, mère mortifiée*. Paris, ESF, 1978.
- SOUSA, E.; MARTINS, A.; FONSECA, A. A construção social dos maus tratos (I). *Análise psicológica*, Lisboa, série 11, n.1, p.75-86, 1993.
- STAMBAK, M.; SINCLAIR, H., dir. *Les jeux de fiction entre enfants de 3 ans*. Paris, Presses Universitaires de France, 1990.
- STARR, R.; WOLFE, D., eds. *The effects of child abuse and neglect: issues and findings*. New York, Guilford Press, 1991.
- STEELE, B. F.; POLLOCK, C. B. A psychiatric study of parents who abuse infants and small children. In: HELFER, R. E.; KEMPE, C. H., ed. *The battered child*. 2.ed. Chicago, University of Chicago Press, 1974. p.89-134.
- STETTbacher, J. K. *Pourquoi la souffrance: La rencontre salvatrice avec sa propre histoire*. Paris, Aubier, 1991.
- STITH, S. M.; WILLIAMS, M. B.; ROSEN, K., orgs. *Psicosociologia de la violencia en el hogar: estudio, consecuencias y tratamientos*. Espanha, Desclée de Brouwer, 1992.
- STRAUS, P.; ROUYER, M. Enfants maltraités et négligés. In: MANCIAUX, M. et al. *L'enfant et la santé: Aspects épidémiologiques, biologiques, psychologiques et sociaux*. Paris, Doin, 1987. p.785-798.
- SWED, C. Les prises en charge des enfants maltraités en maison d'enfants à caractère social. *Le Mascaret*, n.22, p.42-55, 1994.
- SWEET, J. J.; RESICK, P. A. The maltreatment of children: a review of theories and research. *Journal of social issues*, v.35, n.2, 1979.

- THOUVENIN, C. L'enfant maltraité en psychothérapie. *AFIREM*, n.18, p.29-50, 1992.
- VALLÈS, J. *L'Enfant*. Manchecourt, Presses Pocket, 1990.
- VIDAILHET, C. Parents maltraitants. *Informations techniques*, n.2, p.31-33, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: *A formação social da mente*. 4.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991. p.105-118.
- WARNER, J.; HANSEN, D. The identification and reporting of physical abuse by physicians: a review and implications for research. *Child, abuse & neglect*, v.18, n.1, p.11-25, 1994.
- WATSON, J. Guys and dolls: exploratory repetition and maternal subjectivity in the fort/da game. *American imago*, v.52, n.4, p.453-503, 1995.
- WIDLÓCHER, D. *L'interprétation des dessins d'enfants*. 13.ed. Liège, Mardaga, 1993.
- WILLIAN, I.; GROSSMAN, M. D. Pain, aggression, fantasy, and concepts of sadomasochism. *Psychoanalytic quarterly*, v.60, p.22-52, 1991.
- WOLFE, P. A.; MOSK, M. D. Behavioral comparisons of children from abusive and distressed families. *Journal of consulting and clinical psychology*, v.51, n.2, p.702-708, 1983.
- WOLFGANG, C. *Cómo ayudar a los preescolares pasivos y agresivos mediante el juego*. 3.ed. Barcelona, Paidós, 1989.
- WRIGHT, S. A. Physical and emotional abuse and neglect of preschool children : A literature review. *Australian occupational therapy journal*, v.41, n.2, p.55-63, 1994.
- ZEANA, C. H.; ANDERS, T. F. La subjectivité dans les relations parents-enfants. In: CRAMER, B., dir. *Psychiatrie du Bébé*. Paris, Eshel, 1988.

**ANEXOS**

## ANEXO A

### DADOS DO HISTÓRICO DAS CRIANÇAS

O histórico de cada criança foi composto com base nos dados que pude obter das fontes especificadas no início de cada um deles. Assim, a quantidade e qualidade dos dados variou conforme a fonte. Algumas vezes, acrescentei informações ou explicações e teci comentários a respeito dos dados, dos procedimentos de atendimento e das medidas aplicadas, no próprio corpo do histórico ou, mais freqüentemente, em nota de rodapé.

Para proteger a identidade das crianças, utilizei nomes fictícios, assim como omiti qualquer dado que pudesse facilitar ou conduzir a um reconhecimento (nas transcrições de documentos, no lugar dos dados omitidos com este fim, coloquei uma informação substituta, explicativa entre colchetes).

- **GRUPO 1: Crianças vítimas de violência física doméstica, acolhidas em instituição**

Três meninos e uma menina compõem este grupo, por ordem crescente de idade: Henrique, Anita, Rafael e Tiago.

#### G1.1. e 4. Henrique e Tiago

Os dados destes dois irmãos, com 4 anos e 7 meses e 6 anos e 8 meses, respectivamente, à época da observação, foram coletados principalmente de fontes documentais – da pasta do Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CERCA), em 15/03/98, e do processo da Vara da Infância e da Juventude (VIJ), em 19/03/98, e de fonte profissional – entrevista informal com a psicóloga do LCMJ, em 19/03/99.

Henrique e Tiago têm um irmão mais velho, a quem chamarei de Rodrigo, com 7 anos e 8 meses (idade na ocasião das sessões), que está acolhido na mesma instituição, tendo também sido vítima de violência física doméstica. Não foi incluído no grupo por ter mais de 7 anos, mas está participando do trabalho psicoterapêutico que iniciei com o grupo logo após a coleta de dados.

O caso começou no CERCA, com o comparecimento espontâneo do pai em 22/07/98 para relatar que separou-se da mãe de seus filhos havia cerca de 4 meses, tendo deixado as crianças com ela. Até o momento em que viviam juntos, o pai disse que a mãe sempre batia nas crianças, mas não a ponto de deixar marcas, e que ela também costumava levar as crianças para passar uns dias na casa de parentes, escondendo-lhe o motivo.

Após a separação de fato do casal, o pai disse ter passado a visitar os filhos freqüentemente e, nestas ocasiões, percebia que as crianças apresentavam marcas de surras. Segundo ele, a mãe, muito agressiva, não deixava que ele tirasse as crianças de casa.

No dia anterior a sua ida ao CERCA, o pai tirou Henrique – na época com 3 anos e 11 meses – de casa, num momento em que os três filhos estavam sozinhos, e o levou até uma Delegacia para lavrar um boletim de ocorrência (BO).



Lá recebeu um encaminhamento para levar o filho ao Instituto Médico-Legal (IML) a fim de ser submetido a exame de corpo de delito. O pai afirmou que, naqueles dias, não podia ficar com a responsabilidade dos filhos pois estava residindo em um alojamento.

O BO foi então lavrado em 21/07/98, no qual constava como natureza do mesmo lesão corporal dolosa (LCD)/ maus-tratos e a seguinte descrição dos fatos, aqui transcrita:

Comparece nesta Distrital por meios próprios o declarante acima qualificado, o qual é genitor da vítima aqui presente. Que segundo noticia o declarante, o mesmo foi amásio da indiciada pelo período de 7 anos, sendo que dessa união tiveram três filhos em comum. Que atualmente é separado da indiciada, pelo período aproximado de 4 meses, sendo que os filhos encontram-se sob a guarda da indiciada, residindo com a mesma no local dos fatos. Que nesta data, ao efetuar visita a seus filhos, verificou que a vítima [Henrique] apresentava lesões nas costas e barriga proveniente de maus-tratos, informando também que a indiciada não se encontrava em casa, estando seus filhos sozinhos. Que diante dos fatos, socorreu a vítima ao P.S. [Posto de Saúde] de [bairro onde a família mora], onde lá foi medicada e liberada, sendo que a seguir, compareceu nesta Distrital onde reportou o ilícito à Autoridade Policial que determinou a lavratura do presente<sup>1</sup>.

No dia seguinte (23/07/98) ao comparecimento do pai ao CERCA para comunicar a violência física da qual seus filhos haviam sido vítimas, Henrique foi levado ao mesmo serviço pelo genitor e, depois de ser avaliado por uma das psicólogas, foi abrigado no LCMJ pelo próprio CERCA<sup>2</sup>. Uma petição do CERCA, de 23/07/98, comunicava o fato à autoridade judiciária com a descrição completa do relato do pai, da avaliação da criança e das providências tomadas em caráter de urgência (encaminhamento da criança para abrigo, para atendimento médico em um hospital municipal e para exame de corpo de delito naquela data).

Além dos dados já relatados, a petição do CERCA acrescentava o seguinte:

...A criança [Henrique] foi examinada no CERCA constatando-se de forma impressionante grande quantidade de hematomas no corpo todo, encontrando-se a criança muito machucada<sup>3</sup>. (...) Entrevistado pelo Setor de Psicologia, o infante confirmou a autoria das agressões recebidas, indicando ser a mãe a agressora, que também espanca igualmente as duas outras crianças [Rodrigo e Tiago] ....

Como a situação dos outros dois meninos era preocupante, o CERCA sugeriu que fossem retirados do lar o mais rápido possível "face à dramática

<sup>1</sup> Todas as transcrições de dados (totais ou parciais) foram feitas praticamente *ipsis litteris*, com exceção dos nomes das pessoas e de lugares que foram omitidos para proteger a identidade das crianças, ou de alguns nomes de crianças que foram substituídos por nomes fictícios pela mesma razão. Portanto, erros de ortografia, de acentuação ou de organização do discurso, que aparecem nestes excertos, foram mantidos conforme os originais.

<sup>2</sup> O artigo 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente, transcrito integralmente na nota de rodapé 58 da Introdução, prevê como medida de proteção à criança, nas hipóteses descritas no artigo 98, também transcrito na mesma nota de rodapé, o abrigo em entidade (inciso VII); e o artigo 93 reza que "As entidades que mantenham programas de abrigo poderão, em caráter excepcional e de urgência, abrigar crianças e adolescentes sem prévia determinação da autoridade competente, fazendo comunicação do fato até o segundo dia útil imediato". Portanto, o procedimento de abrigamento de Henrique foi correto e dentro do que prevê a Lei.

<sup>3</sup> O negrito é meu. Todos os trechos em negrito doravante dizem respeito à constatação da violência física por profissionais, familiares, a própria criança ou outras pessoas envolvidas.

situação em que vivem, estando, com certeza, os infantes correndo riscos". Ao final, requereu imediata busca e apreensão das crianças e instauração de procedimento verificatório.

O relatório psicológico de Henrique, feito por uma Psicóloga do CERCA, dizia:

...[Henrique] permaneceu expansivo e, em alguns momentos, manteve comportamento agitado, porém vinculou-se com facilidade. Espontaneamente, [Henrique] levantou sua blusa de moletom e mostrou suas costas, onde observamos grande quantidade de marcas. Enquanto a criança mostrava suas costas, disse à entrevistadora, também de forma espontânea: 'olha, minha mãe me bateu' (sic).

[Henrique] disse, de forma confusa e agitada, ter apanhado de cinta e, em seguida, disse apanhar também de cabo de vassoura, chinelo, sapato e mão, porém não conseguiu esclarecer se as marcas atuais foram causadas por todos esses objetos.

Disse residir com a genitora e não gostar dela, pois apanha freqüentemente, o mesmo ocorrendo com seus dois irmãos [Rodrigo], 7 anos, e [Tiago], 6 anos.

Contou que freqüentava creche, porém sua genitora disse que não iria mais levá-lo. Não soube informar a razão dessa atitude materna.

[Henrique] disse ter apanhado porque fez bagunça e, novamente, mostra suas marcas repetindo que sua genitora 'é muito brava' (sic).

Observamos que [Henrique] possui uma grande quantidade de marcas muito visíveis nas costas, lembrando marcas de fio, algumas em forma de laço. Em alguns locais, a pele da criança apresenta pequenas fissuras, onde provavelmente foi aplicado maior força quando lhe bateram.

[Henrique] apresenta marcas também na barriga, braço, pernas (parte posterior das coxas) e nádegas. Em seu pé esquerdo, a unha e o dedão estavam inflamados, com uma pequena bolha amarelada (pus?) e a região muito vermelha. Quando [Henrique] mostrou o dedão, ficou muito agitado e não conseguiu explicar o que lhe ocorreu.

[Henrique] mostrou espontaneamente, uma grande saliência em sua virilha direita, dizendo: 'olha o meu ovo' (sic). Informou não sentir dor no local. Posteriormente o genitor informou que a criança necessita fazer uma cirurgia, pois os testículos do filho 'sobem para a barriga' (sic)<sup>4</sup>.

Observamos que [Henrique] possui uma tosse muito intensa, sendo que o fato dificultou, inclusive, que a criança conseguisse se expressar de forma clara, pois necessitava interromper sua fala para tossir e respirar.

[Henrique] disse não querer voltar para a casa da genitora.

As marcas que [Henrique] apresenta causam espanto e impacto, tanto pela quantidade, como pela provável intensidade com que lhe bateram.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Muito provavelmente, criptorquidia, retenção do testículo na cavidade abdominal ou no canal inguinal e, por conseguinte, ausência do testículo na bolsa escrotal. Junto à receita médica do hospital que o atendeu na ocasião, havia um diagnóstico de criptorquidia à direita e indicação cirúrgica.

<sup>5</sup> O negrito é todo meu.

Nas anotações informais da Psicóloga na pasta, encontrei ainda a informação, que não havia sido incluída no relatório, de que Henrique teria dito que lhe falaram que "quem ama cuida e que ninguém o amava".

Assim que a petição do CERCA, com todas essas informações, chegou à VIJ competente, houve autuação do expediente na mesma data (23/07/98) e, primeiramente, o Promotor manifestou-se nos autos do processo das crianças:

...Do quanto relatado nestes autos, notam-se os indícios presentes do *fumus boni iuris*<sup>6</sup> e do *periculum in mora*<sup>7</sup>, hábeis a autorizar com a celeridade devida, a busca dos menores [Rodrigo e Tiago], sob pena de se tornar inócua qualquer medida futura tendente à salvaguarda da integridade física dos infantes, que deverão ficar junto com o irmão [Henrique] no Lar da Criança Menino Jesus até ulterior determinação deste R. Juízo. Pelo deferimento do pedido.

Em seguida, constou o despacho do Juiz da Infância e Juventude:

1. Aflora suficientemente equacionado nos autos o binômio do *periculum in mora* e do *fumus boni iuris*, tendo em vista a grave situação a que estariam expostas [Rodrigo...] e [Tiago...]. Assim, e sem olvidar que cabe ao Juiz da Infância e da Juventude velar sempre pelo primado da proteção integral à criança e ao adolescente, estampado no artigo 1º da Lei Federal 8069/90<sup>8</sup>, determino a imediata expedição de mandado de busca e apreensão, a ser cumprido por Oficiais de Justiça e Voluntários do Juízo. Fica autorizada e desde que haja manifesta necessidade, a convocação de força policial para efetivação da busca e apreensão. Fica, ainda, autorizada a utilização da faculdade do art. 172, § 1º do C.P.C.<sup>9</sup>

2. Consumada a apreensão, os menores deverão ser encaminhados ao Lar Menino Jesus, sendo, de rigor, para a implementação desta medida, a expedição das necessárias guias de abrigo.

3. Int.<sup>10</sup>

Assim foi feito e Rodrigo e Tiago foram então retirados de casa e abrigados no LCMJ. Em 24/07/98 foi realizada complementação do BO feito para Henrique, sendo que Rodrigo e Tiago tiveram de comparecer à Delegacia, acompanhados do pai. Na mesma data, também foi requisitado exame de corpo de delito para eles.

A genitora compareceu na VIJ em 24/09/98 e foi entrevistada por uma Assistente Social. No relatório desta, constava apenas que a mãe contou que havia batido nos filhos uma vez quando chegou em casa porque eles (que haviam ficado sozinhos) tinham atado fogo no sofá; a mãe entendeu que precisava

<sup>6</sup> Locução latina significa fumaça ou aparência do bom direito (Carletti, 1985, p.111; Diniz, 1998, p.611); no Direito Processual Civil significa "... Possibilidade da existência de um direito, por apresentar base jurídica, que constitui um dos pressupostos de admissão de medida cautelar para evitar dano irreparável. ..." (Diniz, 1998, p.611).

<sup>7</sup> Locução latina que significa "... 1. Perigo na demora. 2. Possibilidade de concessão de liminar em mandado de segurança e em medida cautelar, por existir um fato que pode ocasionar dano irreparável, se houver demora de uma providência que venha a impedi-lo" (Diniz, 1998, p.573).

<sup>8</sup> Estatuto da Criança e do Adolescente. Artigo 1º. Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

<sup>9</sup> Art. 172 do Código de Processo Civil: "Os atos processuais realizar-se-ão em dias úteis, das 6 às 20 horas". Parágrafo 1º: "Serão, todavia, concluídos depois das 20 horas os atos iniciados antes, quando o adiamento prejudicar a diligência ou causar grave dano".

<sup>10</sup> Int. = Intime-se.

castigá-los e, quando o fez, foi denunciada pelo genitor das crianças, de quem disse que estava separada havia mais de um ano. A Assistente Social a orientou a apresentar "os históricos escolares" das crianças no prazo de 15 dias à VIJ. Quanto ao pedido de visita, a Assistente Social não se manifestou, submetendo o mesmo à apreciação do Juiz.

Na pasta do CERCA, havia uma informação de que ocorreu um encontro do pai com as crianças realizado no próprio CERCA, mas não havia um relatório descrevendo como transcorreu este encontro.

Face ao pedido de visita da mãe, feito em 24/09/98 à Assistente Social, o Promotor requereu, em 15/10/98, "a prévia manifestação do Setor de Psicologia, momento tendo em vista os noticiados maus-tratos impostos aos menores". Disse ainda que aguardava a apresentação do histórico escolar de Rodrigo (o único em idade escolar) e de sua certidão de nascimento. O Juiz deferiu o requerido pelo MP 6 dias depois.

Em 13/11/98, a Psicóloga se manifestou, indicando a necessidade de entrevistar as crianças para verificar se elas desejavam ver a mãe. Sugeriu uma data para que a Obra apresentasse as crianças para entrevista.

Segundo uma certidão expedida pelo cartório, a mãe havia comparecido em 20/11/98 para apresentar o documento que lhe foi solicitado, deixando a seguinte carta manuscrita ao Juiz:

Ao Exmo. Sr. Juiz de Direito da VIJ do Fórum de [nome do bairro].

O motivo que pelo qual escrevo esta carta ao sr. Juiz, é a mais ou menos 4 meses que estou separada dos meus filhos. Fiz algo muito errado no qual me arrependi muito apenas alguns segundos depois que fiz fiquei muito triste porque a minha intenção não era de machuca-los e sim corrigi-los, hoje estou sofrendo muito não sei se vou merecer uma segunda chance, mas se for agraciada de ter este presente de te-los novamente no meu lar vou agarrar esta chance com toda amor do mundo, pois, eles são a única coisa de valor na minha vida.

Sr. Juiz, é muito triste não poder mais fazer as comidas e doces prediletos deles, a minha vida cada dia que passa tem perdido cada vez mais o sabor, a beleza, a tristeza tem tomado conta de todos os cantos da casa, do coração e da minha vida. As roupas sapatos deles continuam no mesmo lugar na qual não agüento nem olhar, pois sempre me lembro deles. Perco o sono à noite. Somente Deus tem acompanhado minha vida. Desculpe se eu estou sendo inconveniente para com o sr. Juiz, pois somente gostaria de pedir ao sr. Juiz que julgasse minha causa, pois ficaria muito grata.

Eu só queria mais uma chance e poder dizer e mostrar o quanto eu os amo. Terminó esta agradecendo desde já a sua gratidão. O nº do processo é [Y], o meu endereço é [seu endereço, telefones, RG e CPF]. [assinou a carta].

O Promotor tomou ciência da carta, em 25/11/98, e requereu que se aguardasse a entrevista com as crianças, que já havia sido agendada (cota acolhida pelo Juiz dois dias mais tarde).

Em 03/12/98, o pai compareceu ao CERCA para informar que tinha deixado de visitar as crianças durante o período entre o encontro de 13/10 e esta data, porque elas haviam chorado muito durante o mesmo. Informou também que estava trabalhando. Não havia encontrado uma pessoa para cuidar de seus filhos e poder, assim, desacolhê-los. Um outro encontro do pai com as crianças foi agendado para 21/12/98.



Em 07/12/98, o CERCA requereu nos autos do processo das crianças a juntada dos resultados dos exames de corpo de delito realizados no IML, nos quais constatou-se as lesões sofridas pelas mesmas, de natureza leve.

#### Laudo de Henrique:

**Frente da folha** - (...) Laudo nº [Y]/98 BO nº [Y]/98 Inquérito Policial nº [Y]/98 (...). LAUDO DE EXAME DE CORPO DE DELITO - LESÃO CORPORAL. Aos vinte e três de julho de mil novecentos e noventa e oito, nesta cidade de S. Paulo a fim de atender a requisição do doutor [Delegado de Polícia] os infra-assinados, doutores médico-legistas do Instituto Médico-Legal, procederam ao exame de corpo de delito em [Henrique...] para responder aos quesitos seguintes: **Primeiro** - Há ofensa à integridade corporal ou à saúde do examinando? **Segundo** - Qual a natureza do agente, instrumento ou meio que a produziu? **Terceiro** - Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio insidioso ou cruel? (Resposta especificada) **Quarto** - Resultará incapacidade para as ocupações habituais por mais de trinta dias; ou perigo de vida; ou debilidade permanente de membro, sentido ou função; ou antecipação de parto? (Resposta especificada) **Quinto** - Resultará incapacidade permanente para o trabalho, ou enfermidade incurável; ou perda ou inutilização de membro, sentido ou função; ou deformidade permanente ou abortamento? (Resposta especificada) - Realizada a perícia, passaram a oferecer o seguinte laudo: Qualificação: [Henrique...], nascido aos 30/08/94, filho de [nome do pai] e [nome da mãe].

**Verso da folha** - IML (...). NOME : [Henrique...]. HISTÓRICO: Alega a acompanhante que o menor é vítima de agressões repetidas pela mãe; não foi madrasta. **DESCRIÇÃO**: ao exame externo observamos: 2. (x) **Esquimose(s)**<sup>11</sup> (...) Localizados em: (2) de formato linear e curva distal (aparentemente provocadas por laço composto dobrado) localizadas difusamente por todo o dorso, parte posterior do antebraço, em região anterior da perna esquerda e flanco abdominal direito. **Solicitado fotos realizadas neste Instituto, sob nº [Y] e anexas a este. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO**: do observado e exposto concluímos que o examinado: (x) **sofreu lesão (ões) corporal (ais) de natureza leve**<sup>12</sup>. **RESPOSTAS AOS QUESITOS**: 1. sim (x); 2. agente contundente; 3. prejudicado; 4. não; 5 não. [assinaram dois médico-legistas]

#### Laudo de Tiago:

**Frente da folha** - (...) Laudo nº [Y]/98 BO nº [Y]/98 Inquérito Policial nº [Y]/98 (...). LAUDO DE EXAME DE CORPO DE DELITO - LESÃO CORPORAL. Aos vinte e quatro de julho de mil novecentos e noventa e oito, nesta cidade de São Paulo a fim de atender a requisição do doutor [Delegado de Polícia] os infra-assinados, doutores médico-legistas do Instituto Médico-Legal, procederam ao exame de corpo

<sup>11</sup> O termo correto é equimose, que significa "pequena mancha, de natureza hemorrágica, que se pode observar na pele ou em membrana mucosa como placa não saliente, arredondada ou irregular, de matiz azul ou púrpura" (Dicionário Aurélio, p.675) ou simplesmente "infiltração de sangue coagulado nos tecidos" (Gossat et al., 1996, p.11) - na verdade, nas fotografias (6) de Henrique constantes do processo, via-se muitas marcas fortes nas costas, pernas, braços, barriga e nádegas, avermelhadas, como se fosse chicotadas em forma de laço. Os outros tipos de lesões encontradas no exame de corpo de delito e que não foram assinaladas, são: 1. Escoriação (ões), 3. Hematoma(s), 4. Ferimento(s) contuso(s), 5. Ferimento(s) corto-contuso(s), 6. Ferimento(s) perfuro-contuso(s), 7. Ferimento(s) perfuro-inciso(s), 8. Ferimento(s) inciso(s), 9. Ferimento(s) punctório(s), 10. Outros.

<sup>12</sup> Neste item, aparecem duas outras possibilidades para assinalar, as quais foram descartadas com um risco, a saber: "Não apresenta vestígios de lesões no tegumento cutâneo corpóreo ou sinais de ofensa à saúde" e "Deverá ser submetido a exame complementar".



de delito em [Tiago...] para responder aos quesitos seguintes: **Primeiro** – Há ofensa à integridade corporal ou à saúde do examinando? **Segundo** – Qual a natureza do agente, instrumento ou meio que a produziu? **Terceiro** – Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio insidioso ou cruel? (Resposta especificada) **Quarto** – Resultará incapacidade para as ocupações habituais por mais de trinta dias; ou perigo de vida; ou debilidade permanente de membro, sentido ou função; ou antecipação de parto? (Resposta especificada) **Quinto** – Resultará incapacidade permanente para o trabalho, ou enfermidade incurável, ou perda ou inutilização de membro, sentido ou função; ou deformidade permanente ou abortamento? (Resposta especificada) – Realizada a perícia, passaram a oferecer o seguinte laudo: Qualificação: [Tiago...], com 6 anos de idade, natural de São Paulo, filho de [nome do pai] e [nome da mãe], residente à [endereço da mãe].

**Verso da folha** – IML (...). NOME : [Tiago...]. HISTÓRICO: Agressão com um fio no dia 21/07/98. Não foi atendido em P.S. DESCRIÇÃO: ao exame externo observamos: 2. (X) **Esquimose(s)** (...) Localizados em: (2) **a região ...**<sup>13</sup> DISCUSSÃO E CONCLUSÃO: do observado e exposto concluímos que o examinado: (X) **sofreu lesão (ões) corporal (ais) de natureza leve.** RESPOSTAS AOS QUESITOS: 1. **sim (X)**; 2. **agente contundente**; 3. **não**; 4. **não**; 5. **não**<sup>14</sup>. [assinaram outros dois médico-legistas]

O exame de corpo de delito de Rodrigo, o irmão mais velho, não foi transcrito pois ele não faz parte do grupo. Mas o resultado de seu exame é praticamente idêntico ao de Tiago, com a diferença de que, na localização da lesão, foi possível ler: região dorso lombar (com dois números ilegíveis); esta deve ter sido a mesma região em que foram encontradas as equimoses em Tiago.

Na mesma petição do CERCA, junto à qual anexou-se os resultados dos exames das crianças ao processo, havia uma informação de que o pai vinha empregando esforços para desabrigar os filhos, sendo que ele já tinha alugado um imóvel e apresentado o contrato de locação. Ele estava trabalhando como pedreiro. Uma cópia deste contrato e uma declaração de trabalho do pai foram juntadas aos autos.

Uma segunda carta da mãe chegou aos autos em 19/12/98:

Ao Exmo. Sr. Juiz, Juiz de Direito da VIJ de [nome do bairro].

Gostaria através desta lhe dizer o quanto preciso de sua ajuda, tenho um processo neste mesmo fórum, já alguns meses estou afastada dos meus filhos e não agüento mais a saudade, tenho sofrido muito longe deles, o nº do processo é [Y].

Pois cometi um grande erro no qual eu estou muito arrependida e gostaria de receber uma nova oportunidade de provar que sou uma boa mãe e que eu amo demais os meus filhos, eles são tudo para mim.

Ainda não tive oportunidade de me defender. Os dias tem se tornado muito longos e a minha tristeza aumentando; o motivo de minha carta é para pedir-lhe que julgue minha causa. Pois está sendo muito difícil viver sem almenos poder ve-los.

Sr. Juiz foi um momento de fraqueza que cometi este erro, apesar de tudo sou humana e o ser humano erra, como eu errei e gostaria de consertar o erro, através da sua gratidão sei que vai ler meu processo com atenção ficarei muito grata e feliz com sua resposta.

<sup>13</sup> Segue duas palavras e um símbolo totalmente ilegíveis.

<sup>14</sup> O negrito em ambos os exames de corpo de delito foi colocado por mim.

Tenho feito muitos planos para o futuro deles quero fazer dos meus filhos grandes homens da sociedade. Prometo cria-los com amor e carinho. Gostaria somente de poder te-los ao meu lado. Amo eles demais.

Vou terminar este agradecendo desde já a sua atenção. Meu endereço é [endereço e telefones de contato]. [não assinou o carta].

O encontro do pai e das crianças ocorreu no CERCA em 21/12/98, como estava noticiado no acompanhamento do caso na pasta das crianças deste mesmo serviço. Todavia, não constava o relatório respectivo.

A Psicóloga da VIJ entrevistou as crianças e apresentou relatório desta entrevista em 22/12/98, com o seguinte conteúdo:

Presente na Psicologia as crianças em tela, trazidas pela secretária da Obra Lar do Menino Jesus em 10 de dezembro. Em entrevista, as crianças dizem desejar residir com o pai e a avó [nome da avó], gostam do local onde se encontram e demonstram temor quando se referem à figura da mãe.

As crianças apresentam bom desenvolvimento físico e motor, têm noções de limite e expressam-se com facilidade.

Face ao exposto, sugerimos: - que por ora a genitora não seja autorizada a visitar os filhos; - convocação dos genitores para entrevista em 15/03/99 às 10 hs<sup>15</sup>.

Em 29/12/98, o Serviço Social do CERCA realizou contato telefônico com uma tia paterna das crianças, residente em uma cidade do Estado da Bahia, que disse, na ocasião, estar disposta a cuidar dos sobrinhos. Uma outra tia paterna, que também mora na mesma cidade que a primeira, se prontificou a vir a São Paulo buscá-los se para tanto o genitor a ajudasse financeiramente. Uma tia materna foi igualmente contatada (não havia informações na pasta se esta morava também na Bahia) e demonstrou receptividade como as outras.

Quase um mês mais tarde, já em 1999, o genitor compareceu ao CERCA atendendo uma convocação do Serviço Social. Reiterou a informação de que uma das tias paternas havia se prontificado a cuidar das crianças. Ele afirmou que estava ganhando por volta de 800 reais e que tinha, assim, condições de enviar ajuda a esta sua irmã, em quem disse ter plena confiança. Informou, outrossim, que os avós paternos também moravam na Bahia, em uma outra cidade. A coordenadora do CERCA solicitou então, a um programa correlato da Bahia (de atendimento a crianças), a realização de uma visita domiciliar à casa desta tia paterna a fim de verificar se ela tinha realmente condições de assumir as crianças.

O Promotor requereu, em 23/02/99, o acolhimento das sugestões da Psicóloga de 22/12/98, o que foi deferido pelo Juiz em 04/03/99. Somente a mãe foi intimada pelo cartório para comparecer ao Serviço de Psicologia da VIJ em 15/03/99, apesar de a sugestão da Psicóloga ter sido a de intimar ambos os pais.

Até 19/03/99, eram essas as informações constantes do processo das crianças. Não havia relatório referente à entrevista de 15/03, para a qual a mãe havia sido intimada. Entretanto, havia um bilhete preso na capa do processo que indicava que a mãe havia comparecido em 15/03/99, às 17 horas e não às 10

<sup>15</sup> Ao que o relato indica, esta Psicóloga não investigou com as crianças a questão da violência física propriamente dita, não tendo realizado também uma avaliação psicológica aprofundada de outros aspectos das crianças e de sua história familiar.

horas conforme fora intimada. No bilhete constava ainda que a mãe iria ligar, provavelmente para marcar outra entrevista.

A Psicóloga do LCMJ informou-me, pessoal e informalmente, no dia de minha visita à Obra (19/03/99), que Rodrigo, Tiago e Henrique eram meninos comportados, carinhosos, doces e respondiam aos "por quês". Segundo ela, Henrique era mais falador e tumultuava um pouco. Tiago era muito responsável para a sua idade, respondia bem na área pedagógica, era caprichoso e estava na mesma ala que Rodrigo. A relação entre os três irmãos, de acordo com a Psicóloga, era boa, muito afetiva. Contou que foram à VIJ abraçados. Rodrigo falava bem do pai. Henrique não se esquecia da violência física da qual foi vítima: ele falava do assunto a todo o momento, falava das marcas e que a mãe lhe bateu. No dia em que eles chegaram à Obra contaram à Psicóloga que a mãe lhes havia batido porque, sem querer, eles haviam colocado fogo no sofá (estavam brincando com fósforo). A Psicóloga afirmou ainda que os três lhe disseram que não querem voltar a viver com a mãe, e sim com o pai.

### G1.2. Anita

Os dados desta menina, de 5 anos de idade à época da observação, foram coletados principalmente de fontes documentais – da pasta do CERCA (em 15/03/98) e do processo da VIJ (em 17/03/98), e de fonte profissional – entrevista informal com a psicóloga do LCMJ (em 19/03/99).

O caso de Anita iniciou com uma denúncia anônima ao CERCA em 26/06/97. A pessoa que telefonou ao CERCA declarou que Anita era vítima de constantes agressões físicas em casa e que naquela data estava com hematomas e escoriações no rosto. A denunciante disse ainda que a mãe de Anita era alcoolista, que ela batia muito na criança e que o local onde moravam era muito "bagunçado".

Em vista da denúncia, o CERCA realizou uma visita domiciliar em 07/07/97 para apurar a situação. A Assistente Social conversou, primeiramente, com o companheiro da mãe de Anita, o qual contou que convivia com a mãe havia cerca de seis meses. Ele trabalhava como pintor autônomo. A respeito do machucado de Anita, disse que a mãe lhe contara que uma criança havia mordido o rosto dela. Segundo ele, Anita freqüentava creche. Ele afirmou que a mãe era confusa, mas tinha bom coração e nem ela nem ele batiam na menina; que ele tinha um bom relacionamento com a mãe e gostava de Anita. Ele disse ter passado água e sal no rosto da criança porque havia ouvido dizer que isto era bom, mas o sal irritou-o.

A Assistente Social do CERCA verificou que a família residia em um cômodo nos fundos de uma pensão, com bom aspecto em relação à organização e à higiene. A mãe trabalhava como empregada doméstica, com salário aproximado de 300 reais. Tinha um filho mais velho, com 12 anos, que era criado por sua patroa desde tenra idade.

O caso foi sendo acompanhado com a finalidade de aprofundamento da investigação. Em entrevista, a mãe negou a denúncia de maus-tratos, confirmando o relato do companheiro. Acrescentou que seu irmão estava passeando em sua casa e havia levado Anita para brincar na rua, quando esta foi mordida por uma criança. Afirmou que nem ela nem o companheiro bebiam. Ela disse ter levado Anita ao médico, mas este não lhe deu medicamento. Então, ela passou uma



pomada no rosto da filha por conta própria. Contou ainda que Anita foi fruto de um outro relacionamento e que estava grávida de seu atual companheiro.

A Assistente Social fez contato com a patroa da mãe, a qual disse que havia 14 anos que a conhecia, que a mãe era boa pessoa, mas ingênua; que o companheiro da mãe era quieto e educado e que a criança lhe disse ter sido mordida por outra criança.

Continuando a investigação, a Assistente Social entrou em contato com a creche. A coordenadora pedagógica lhe disse que Anita havia aparecido com o rosto machucado no início do mês; que havia faltado na semana anterior, mas o companheiro apareceu na creche para buscar leite e lhe contara que Anita estava faltando porque havia sido mordida por uma criança e que ele havia passado água com sal no local. A coordenadora fez com que o padrasto assinasse um documento informando que a criança já havia chegado à creche machucada e orientou-o a levá-la ao médico. Para complementar, a Assistente Social fez contato com o PAS onde Anita havia sido atendida e solicitou relatório médico referente ao atendimento.

Em 01/10/97, Anita (com 3 anos e meio) foi avaliada por uma Psicóloga do CERCA:

A criança demonstra ser comunicativa, porém pela pouca idade, pouco verbalizou, brincou e solicitou que a entrevistadora participasse das brincadeiras. Disse que mora com a genitora e o [nome do padrasto], companheiro da mãe. Disse que passa o dia na creche e a mãe vai buscá-la depois do trabalho.

Afirma gostar da mãe e do padrasto e que esses não batem. Sobre o machucado no rosto, afirmou que 'o... morde' (sic), não foi possível entender o nome, mas a criança disse que ele era do tamanho dela; que o machucado não doeu, pois a mãe passou remédio. Mãe e filha demonstram ter vínculos e a mãe é pessoa afetuosa e paciente com a filha.

Assim, de acordo com os dados do CERCA, parecia que a denúncia não procedia. No entanto, em 03/02/98, mais uma denúncia anônima com o mesmo teor deflagrou nova visita domiciliar na mesma data. A mãe estava em casa com as duas filhas. Anita apresentava um hematoma na face e falta de dentes na arcada inferior. Indagada, Anita disse à Assistente Social que "o tio bateu na minha boca com o chinelo e engoli o dente" (sic), referindo-se ao companheiro da genitora como sendo seu tio. No mesmo momento, a mãe retrucou, sublinhando que Anita havia caído.

Nesta ocasião, a mãe contou que havia mudado de pensão, porque o aluguel do outro cômodo tinha ficado muito caro para ela. O cômodo de então era menor do que o outro, segundo observou a Assistente Social; a mãe dormia com as duas filhas (Anita e um bebê) em uma cama de solteiro e o companheiro dormia em uma cama de armar. A mãe havia dado à luz uma menina, em 29/12/97; portanto, o bebê contava um pouco mais de um mês de vida. Em virtude do parto recente, a mãe estava sem trabalhar. A mãe também apresentava hematomas no rosto e, quando questionada a respeito, respondeu que também havia caído.

A patroa foi novamente contatada por telefone, tendo então relatado que o companheiro da mãe só tinha aparência de boa pessoa, mas costumava agredir fisicamente a genitora. O filho da genitora, criado pela patroa, contara a esta última que, quando visitou a mãe tinha ficado muito triste de ver Anita

machucada e com pomada no rosto, pois após cada surra, o padrasto a medicava. Acrescentou que a mãe havia lhe contado que seu companheiro usava cocaína.

A Assistente Social conduziu a mãe e suas duas filhas, com a viatura, até o CERCA para que Anita fosse entrevistada pela Psicóloga, a qual relatou:

[Anita] é uma criança expansiva, se vinculou com facilidade. Possui verbalização bastante infantil, o que dificulta o entendimento do relato. Estava muito empolgada com os brinquedos, conversando pouco pois se distraía com facilidade.

Disse que reside com a mãe, com o padrasto (a quem chama de tio) e com a irmãzinha de 1 mês e 5 dias, filha da mãe e do padrasto.

Disse que seu padrasto 'bebe cerveja e é muito bravo' (sic), que ele já lhe bateu com mão e sapato (nas nádegas, nas pernas e no rosto e, inclusive, mordeu-a na bochecha).

Que uma vez ele bateu em sua boca com um sapato, sendo que seu dente ficou mole e caiu, 'saiu sangue e eu chorei' (sic). Mostrou sua boca, onde se observava a ausência de dois dentes na arcada inferior (da frente).

Disse que o padrasto bateu na mãe dando tapas no rosto e não sabia por que a mãe e ela apanham. Contou que frequenta a creche e saiu (passou a idade), sentindo falta do ambiente de brincadeiras e atividades. Disse que gosta da mãe e que ela não lhe bate e não bebe.

Apresentava pequeno hematoma no rosto porque o padrasto lhe bateu com chinelo, não sabendo porque apanhou; não havia outras marcas aparentes.<sup>16</sup> [Anita] interagiu com facilidade com outras crianças.

Sobre a mãe, a Psicóloga relatou:

A mãe tem aparência fragilizada, tendo demonstrado confusão quanto às suas expectativas sobre o seu relacionamento com o companheiro. Vive com ele há mais de um ano. Disse que ele é trabalhador e atencioso, porém há algum tempo vem percebendo que ele se irrita com facilidade.

Negou que o companheiro tenha batido e mordido [Anita] e disse que ele compra brinquedos e roupas para a criança. Afirmou que [Anita] foi mordida por outra criança; que não estava em casa para saber que mordeu a filha; que esta não fica sozinha com o padrasto, pois este trabalha e ela ia em creche.

Depois a mãe disse que o padrasto é muito exigente com [Anita], não quer que esta faça bagunça, que fique na porta com os outros, porque a criança conversa com pessoas da pensão, que ele quer que a menina fique quieta. Ao mesmo tempo, ela nega que ele tenha batido em [Anita]. Em alguns momentos, a mãe acredita que ele tenha problema na cabeça, que não seja certo.

Sobre a ausência de dentes na filha, disse que ela caiu e bateu a boca na cama; sobre o hematoma, disse que a criança caiu também e não forneceu detalhes. Sobre os seus próprios hematomas, um de cada lado do rosto, disse que caiu e sorriu encabulada. ...

Segundo a Psicóloga, ainda, a mãe disse que dependia do companheiro porque estava com a filha recém nascida e sem trabalho, não podendo se separar do mesmo. Assim, depois de entrevistada e orientada, aceitou a colocação de Anita em um abrigo, com o intuito de protegê-la, até que conseguisse se

<sup>16</sup> O negrito é meu.



reorganizar e se separar do companheiro para reavê-la. Deste modo, a criança foi acolhida no LCMJ na mesma data.

Não constava o motivo pelo qual Anita não foi encaminhada a exame de corpo de delito e à avaliação médica em hospital no momento em que se constatou os machucados em seu rosto e corpo.

No dia seguinte, 04/02/98, a mãe compareceu no CERCA com o companheiro para dar continuidade à entrevista com o Serviço Social. Na ocasião, a mãe já tinha modificado um pouco sua proposta do dia anterior: disse que queria se reorganizar para ter a filha de volta mas continuaria com o companheiro se este modificasse seu comportamento.

Ela contou que no dia anterior havia conversado com ele e contado que Anita havia sido abrigada em virtude da postura agressiva dele e que a recém nascida poderia ser abrigada também caso ele não demonstrasse ser um bom pai. Segundo a mãe, ele não respondeu nada, ficou cabisbaixo. Não obstante, a mãe continuou negando que Anita tivesse sido vítima de violência física em casa, mas confirmou que o companheiro tinha lhe batido (nela própria, mãe) com tapas no rosto. Ela disse que não sabia o motivo. Descreveu que ele ficava nervoso, reclamava e depois a agredia fisicamente.

A mãe, originária do Estado da Paraíba, estava com 37 anos e desconhecia a idade do companheiro. Este, nascido em Alagoas, achava que tinha 29 anos, mas instado a consultar seu documento percebeu que tinha completado 31 anos de idade. Estava em São Paulo havia 4 meses.

O padrasto negou ter batido na mãe e na criança. Afirmou que bebia cerveja moderadamente. Indagado acerca da ausência dos dentes na criança, afirmou que Anita bateu a boca na cama e estava com um "roxo" porque também havia caído. Segundo relatou à Assistente Social, os hematomas da mãe eram "olheiras".

O CERCA protocolou uma petição datada de 05/02/98 na VIJ competente, contendo os relatórios referentes aos atendimentos de 03 e 04/02. Este expediente foi autuado pelo Cartório da VIJ em 09/02/98 e encaminhado aos Setores Técnicos da mesma.

A Assistente Social da VIJ, em 20/02/98, se manifestou no processo: realizou um breve resumo dos fatos relatados na petição do CERCA, sugerindo intimação da genitora e do companheiro dela, relatório atualizado da criança na Obra e manifestação da Psicologia. O Juiz acolheu estas sugestões em 03/03/98.

Uma petição do CERCA foi juntada aos autos do processo de Anita em 17/03/98, contendo outro relatório da Assistente Social informando que a mãe esteve no serviço em 13/03/98 solicitando autorização para visitar Anita. A mãe havia relatado que sua relação com o companheiro estava melhor e que naquele momento "só tinha bate-boca". De acordo com a mãe, ele estava mais calmo pois tinha trabalho e teria dito sentir falta de Anita. Estavam pretendendo mudar de pensão, pois o cômodo era pequeno demais para a família. No final, a mãe completou que se a volta de Anita para casa estivesse dependendo da sua separação do companheiro, ela se separaria em breve mesmo gostando muito dele.

Em 25/03/98, a Assistente Social da VIJ entrevistou a mãe e o companheiro:

... [a mãe], 38 anos, solteira, empregada doméstica, residente [endereço] (...) nega maus-tratos por parte do companheiro. Alega que ele gosta muito da criança, (...) que na ocasião ele estava nervoso face à falta de emprego e **chegou a dar uns tapas em [Anita]**, devido ao fato de ela estar fazendo birras e não obedecendo. (...) Diz que [Anita] bateu os dentes na cama quando calu. (...) que a mordida foi uma outra criança.

(...) Convive maritalmente há um ano e meio com o sr.[companheiro], tendo [nome da irmãzinha de Anita, bebê]. (...), o relacionamento com ele é bom e melhorou após o que ocorreu com [Anita]. Nega que tenha sido vítima de agressão por parte do companheiro, (...) que os hematomas que apresenta pode ter sido em virtude de alguma batida. Diz que houve um período de discórdia entre eles devido ao nervosismo dele pelo desemprego.

(...) O companheiro trabalha como pintor autônomo e mantém a família. Residem em cômodo de pensão. A genitora está com emprego em vista de doméstica e [o bebê] freqüentará creche. Sobre o genitor de [Anita], a genitora diz que conviveu com ele 4 anos e quando [Anita] tinha 1 ano de idade ele foi embora para sua cidade natal em São Paulo e perderam o contato.

[Dados sobre o filho mais velho da genitora, iguais ao do CERCA] Diz que visitou [Anita] somente uma vez no CERCA, não tendo sido informada do local em que ela se encontra.

O sr.[companheiro], 31 anos, solteiro, (...) nega os maus-tratos. Diz que [Anita] bateu a boca na cama e perdeu os dentes. (...) que não presenciou a mordida. (...) que **somente uma vez deu uns tapas em [Anita] para repreendê-la<sup>17</sup>**, referindo nunca ter se excedido e também com a companheira nunca ter sido agressivo. (...) que o relacionamento com a criança é bom e que gostaria que ela voltasse para casa. (...) que não faz uso de drogas e toma cerveja esporadicamente.

(...) A genitora apresenta postura fragilizada. (...) ela sente falta da criança (...). (...) situação socioeconômica precária com perspectiva de melhora. ...

Esta Assistente Social sugeriu que fosse realizada visita domiciliar na casa da genitora e intimação de sua ex-patroa. A Psicóloga da VIJ entrevistou a mãe e o companheiro nesta mesma data e seu relatório completo foi o seguinte:

[A mãe e o companheiro] relataram ter bom relacionamento. Parecem ser vinculados à [Anita] e sentir falta da mesma. Negam os maus-tratos, parecendo num primeiro momento sinceros em suas colocações. Há necessidade de aprofundamento do caso.

Esta Psicóloga sugeriu também uma entrevista com a ex-patroa e retorno do casal para aprofundamento. O Juiz acolheu as sugestões técnicas da Assistente Social e da Psicóloga em 26/03/98.

Uma informação do LCMJ, assinada pela própria Diretora-Presidente chegou aos autos em 30/03/98, apontando que Anita aparentava ótima saúde conforme a avaliação pediátrica, que havia se adaptado muito bem à Obra e que estava freqüentando pré-escola.

Em 29/04/98, a Psicóloga da VIJ relatou sobre o retorno da mãe e do companheiro:

A mãe começou a trabalhar em empresa de limpeza. Parece que o casal mantém relacionamento bastante harmonioso, denotando intenso vínculo para com [Anita]. A mãe está agendando outra visita à filha no CERCA. O caso parece evoluir

<sup>17</sup> O negrito é meu.

para o desacolhimento, necessitando de acompanhamento deste Serviço para tal. Sugiro aguarde-se relatório da visita domiciliar, acompanhamento psicológico e envie-se ofício para relatório atualizado da Obra<sup>18</sup>.

Na mesma data, foi juntado relatório da Assistente Social da VIJ sobre a visita domiciliar realizada, o qual acrescentou o seguinte aos dados já descritos:

... Entrevistei uma moradora da pensão que disse que nunca viu [o companheiro da mãe] bater ou maltratar criança ou brigar com a companheira. Os zeladores da pensão disseram nunca ter visto o companheiro da genitora maltratar [Anita], e que a genitora e ele são pessoas excelentes e maravilhosas, e que viram uma discussão rápida entre o casal. ...

Esta Assistente Social concluiu que as informações captadas em visita domiciliar não confirmavam a denúncia. Sugeriu permanência de Anita na Obra e intimação da ex-patroa da mãe, o que foi acolhido pelo Juiz em 07/05/98.

Em 08/05/98, ocorreu no CERCA o primeiro encontro da mãe com a criança, após o abrigamento, acompanhado por uma Psicóloga. De acordo com o relato desta, a mãe chegou pontualmente e ela e a filha se entrosaram de imediato:

... a maior parte do tempo, [Anita] ficou sentada no colo da mãe, brincando com a mesma. Utilizaram diversos brinquedos, brincando de forma adequada. A mãe acariciou a filha chamando-a de minha menina. A criança retribuía com sorrisos e abraços.

[Anita] também quis brincar com outras crianças da recreação. A mãe incentivou, mas sempre próxima da filha e participativa. (...) [Anita] chorou muito de se afastar novamente da mãe e demorou a se tranquilizar.

A entrevista da Assistente Social da VIJ com a ex-patroa da mãe ocorreu em 02/06/98. Esta, 60 anos, divorciada, profissional liberal, nível universitário, guardiã de fato do filho mais velho da genitora (que já estava com 13 anos), afirmou, conforme o relatório técnico:

... que não presenciou os maus-tratos mas ficou sabendo através da própria genitora a situação ocorrida com a criança **(que o companheiro dela teria mordido o rosto da criança)**<sup>19</sup>. (...) que a genitora foi vista várias vezes com hematomas e que deduzia que seriam resultado das agressões do companheiro.

[A ex-patroa] acredita que exista algum tipo de maus-tratos do companheiro com relação à [Anita] pois ela [ex-patroa] e [o irmão mais velho de Anita] encontraram duas vezes [Anita] com pomada no rosto e **já perceberam uma vez hematoma na perna direita de [Anita]**. Também percebem que Anita tem receio do padrasto, pois procurava justificar ao mesmo suas atitudes sendo uma criança esperta.

<sup>18</sup> Este conteúdo era todo o relatório da psicóloga. Ela não apresentou dados que fundamentassem as afirmações de "relacionamento bastante harmonioso" do casal e "intenso vínculo" para com a criança. Que tipo de vínculo intenso era este que fazia com que a mãe deixasse a filha também ser vítima do padrasto, como ela, preferindo seu companheiro? A psicóloga indicou, além disso, que o caso parecia evoluir para desacolhimento se baseando possivelmente nas afirmações acima, sem fundamentação, porque na verdade ela não realizou avaliação a respeito da violência doméstica, parecendo ignorá-la a partir de então. Não chamou a criança para ser avaliada! Felizmente havia uma esperança: ela disse que o caso necessitava de acompanhamento da Psicologia.

<sup>19</sup> O que contradizia a informação inicial desta pessoa prestada por telefone.

(...) que a genitora lhe contou uma vez que o companheiro eventualmente usava drogas e bebia. Acredita que nessas ocasiões ocorram dificuldades no relacionamento da família.

[Conversaram sobre uma possível guarda para a ex-patroa do filho mais velho da genitora] Sugiro (...) o prosseguimento do acompanhamento uma vez que ainda não está claro a possibilidade de uma evolução positiva da dinâmica familiar, de modo que não haja reincidência de maus-tratos.

Do relatório da Psicóloga da VIJ referente à entrevista com a mãe em 05/06/98, tem-se o seguinte:

... Avalia-se que a genitora está confusa quanto a permanecer ou separar-se de seu companheiro. Denota sentir-se fragilizada, sem forças para se reestruturar<sup>20</sup>. A mãe foi encaminhada para psicoterapia, tendo aceito de pronto o encaminhamento. [a psicóloga concorda<sup>21</sup> com a legalização da guarda do filho mais velho para a ex-patroa<sup>22</sup>] O caso é complexo e há necessidade de prosseguir no acompanhamento psicológico. [então, sugere:] (...) intimação da ex-patroa e de [nome do irmão de Anita]<sup>23</sup> e continuidade do acompanhamento psicológico.

O Juiz acolheu as sugestões acima em 11/06/98.

A data marcada para entrevista com a ex-patroa e do filho mais velho da genitora era 03/07/98. Apenas a ex-patroa compareceu e foi entrevistada primeiramente pela Assistente Social da VIJ. Em resumo, a ex-patroa solicitou a guarda e a Assistente Social, diante do histórico, sugeriu a concessão da medida, sendo que o Juiz deferiu o termo por um ano. Com relação à Anita, a Assistente Social sugeriu que se aguardasse o acompanhamento da Psicologia.

Na mesma data, a Psicóloga da VIJ informou que a mãe não havia comparecido, embora ela não tivesse percebido que esta nem havia sido intimada. Na verdade, era a data para entrevistar a guardiã de fato do adolescente, mas esta não havia sido encaminhada à Psicologia.

Em 24/08/98, uma outra Psicóloga da VIJ foi colocada no lugar da anterior sem nenhuma explicação no processo<sup>24</sup>. Esta nova Psicóloga informou que a genitora não havia comparecido em uma data agendada previamente (21/08) e sugeriu nova intimação da genitora e da ex-patroa desta. Em 16/10/98, ocorreu então a entrevista psicológica com a ex-patroa que mais uma vez compareceu sem o adolescente, alegando que este estava em provas. A genitora não compareceu. A psicóloga agendou nova data para entrevista com ex-patroa com a presença do menino, pois, segundo esta, ele estava apresentando alguns desajustes de comportamento. Sugeriu também nova intimação da genitora<sup>25</sup>.

<sup>20</sup> Impossível não observar que o trabalho da psicóloga da VIJ estava centrado na mãe, na perspectiva desta. As conclusões da colega variavam de acordo com as oscilações da mãe, sem que ela notasse entretanto que este era o funcionamento da mãe e que se tratava de uma estrutura familiar comumente encontrada em casos de violência doméstica.

<sup>21</sup> De antemão.

<sup>22</sup> Isto sem entrevistar psicologicamente este adolescente, nem a ex-patroa.

<sup>23</sup> A genitora não foi intimada para comparecer na mesma data que a ex-patroa e manifestar oficialmente sua concordância quanto à guarda do seu filho para esta última.

<sup>24</sup> Procedimento que nesta VIJ não é usual. Sempre que há uma mudança, esta é (ou deve ser) comunicada, prevendo-se um tempo de passagem, sempre que possível.

<sup>25</sup> Neste período, Anita continuou "esquecida" na instituição pelos profissionais da VIJ.



Em 19/11/98, a mãe foi entrevistada pela Psicóloga da VIJ. Disse a ela que não havia comparecido por não ter recebido as intimações, devido à mudança de endereço para outra pensão. A psicóloga relatou que a mãe mostrou-se colaboradora e muito interessada em desabrigar Anita, mas consciente das dificuldades que teria de enfrentar, considerando que continuava vivendo com o companheiro acusado de maltratar a filha. A mãe contou que o companheiro vinha largando o vício da bebida, tendo confirmado que quando ele bebia tornava-se agressivo, por vezes violento.

Em vários momentos da entrevista com a Psicóloga, a genitora afirmou que faria o possível para ter Anita de volta, até deixar o companheiro, mas acrescentou que este nem cogitava separar-se dela. Contou ainda que ele era muito ciumento e, quando bebia, este ciúme tomava-se doentio. A mãe estava trabalhando havia 8 meses fazendo serviços de limpeza com um salário de 250 reais. A filha pequena, de 9 meses, estava em creche. O companheiro continuava trabalhando como pintor. A mãe disse que estava visitando mensalmente a filha no CERCA porque a Obra não permitia visitas. Disse também que continuava fazendo psicoterapia no Núcleo de Referência às Vítimas da Violência (NRVV) do Instituto Sedes Sapientiae. A Psicóloga marcou retorno para a mãe com o padrastró, sugeriu a continuidade do acompanhamento e solicitou relatório psico-social atualizado da criança à Obra, sugestões acolhidas pelo Juiz em 23/11/98.

O relatório do retorno da genitora ao Serviço de Psicologia da VIJ informava o seguinte:

... A genitora compareceu sozinha, dizendo que o companheiro não pôde comparecer por estar trabalhando em uma empresa de pinturas em [outra cidade de São Paulo] e não foi liberado pelo patrão. A genitora disse que está sofrendo ante o fato de sua filha não passar o Natal consigo, tendo sido explicado à mesma que, no momento, seu desejo não seria atendido. (...) A genitora tem intenção de levar um presente para a filha. (...) é importante propiciar a genitora que visitasse a filha, talvez fosse o caso de se pensar numa transferência, o que colocamos à apreciação de V.Exa<sup>26</sup>.

Esta Psicóloga comunicou-se por telefone com uma funcionário do abrigo, a qual lhe contou que Anita voltava triste e chorosa dos encontros com a mãe, falando que gostaria de ficar com esta.

Em 18/12/98, consta do processo nova entrevista da mãe feita pela Assistente Social da VIJ. A genitora mencionou a mudança de moradia. Comunicou que visitava mensalmente a filha no CERCA e que Anita sofria ao

<sup>26</sup> Vê-se, mais uma vez, que a situação da violência doméstica ficou em segundo plano no atendimento. A criança não foi atendida neste aspecto na VIJ, não foi vista, nem ouvida, muito menos avaliada. A Obra tem motivos legítimos para não permitir a visita de familiares no local (não tem estrutura profissional para receber os pais e abriga muitas crianças órfãs sem perspectiva de colocação em família substituta) e se coloca disposta e disponível para levar as crianças seja para encontros com os pais no CERCA, seja para encontros na própria VIJ. Bastaria uma sugestão técnica que solicitasse esse procedimento. Uma instituição desta não é uma espécie de "colégio interno" com livre acesso aos pais (outras instituições que permitem visitas também não o fazem sem dificuldades). Grande parte das crianças estão ali acolhidas por ordem judicial como medida de proteção de sua integridade física e emocional, porque tiveram seus direitos violados pelos próprios pais ou responsáveis. Portanto, não creio ser justo que a Obra seja julgada neste aspecto, desconhecendo-se como, por quê e em prol do quê toma esta atitude. Considerando-se o exposto e ainda o fato da criança estar adaptada no abrigo referido, é no mínimo precipitada uma sugestão de transferência simplesmente para satisfazer o desejo de visita da mãe ou mesmo realizar seu direito.



separar-se dela. A mãe disse também que se sentia dividida quanto à necessidade de separar-se do companheiro, pois sua "relação familiar" teria melhorado, o companheiro vinha se mostrando bom pai para sua filha mais nova, demonstrou-lhe gostar de Anita e querê-la de volta, sendo que a genitora acreditava que não ocorreria mais maus-tratos. A Assistente Social descreveu que a mãe estava mais tranqüila e confiando mais em seu companheiro; que a situação socioeconômica estava estabilizada (casal com emprego fixo). Sugeriu nova visita domiciliar para verificar a perspectiva de desabrigoamento e marcou outro retorno para o casal, o que foi acolhido pelo Juiz em 22/12/98.

Quase um mês e meio depois, em 10/02/99, houve uma entrevista conjunta da mãe e do companheiro feita pela Psicóloga e pela Assistente Social da VIJ. A mãe comunicou que não havia conseguido agendar uma visita à Anita no CERCA em dezembro anterior. As profissionais mencionaram que isto era prejudicial para a criança e para a mãe. Relataram que o companheiro disse que no relacionamento entre ele e a mãe estava havendo maior maturidade e tolerância de ambos, sendo que as crises de ciúme recíproco tinham diminuído; que ele manifestou o desejo de ter Anita de volta; que a genitora havia dito que sentia falta da filha e que havia falado ao companheiro que "em função de ele ser também pai de [a filha deles] entende que ele precisa ter paciência e que não deve bater em crianças, devendo, isto sim, conversar com elas", afirmando ainda que ele estava conseguindo se controlar melhor.

Segundo este mesmo relatório, a mãe havia sido demitida do emprego no começo de fevereiro e somente o companheiro estava trabalhando. Pretendiam mudar novamente de pensão ou talvez mudar para outra cidade próxima, porque o aluguel estava muito caro. Segue um excerto de uma colocação da Psicóloga neste relatório:

... sr. [nome do companheiro] recebeu orientação quanto a controlar seus impulsos<sup>27</sup>, uma vez que toda e qualquer criança necessita de carinho, afeto, atenção e imposição de limites (de forma moderada, nunca violenta)<sup>28</sup>, ao que referiu que **algumas vezes bateu em [Anita]**, mas sem exageros. [O companheiro] disse que de forma alguma maltratava Anita, parecendo-nos sincero em sua manifestação.

Sugeriram que se aguardasse a visita domiciliar e reiteraram o pedido de relatório psico-social à Obra.

Nova visita domiciliar ocorreu em 26/02/99. A Assistente Social verificou que a família estava morando numa casa de tipo cortiço com pouca infra-estrutura, pouca higiene e asseio no prédio. O quarto que habitavam estava razoavelmente organizado e com poucos móveis, um berço para o bebê e um pedaço de espuma para o casal. O companheiro e a mãe afirmaram que pretendiam mudar-se dali; que a relação conjugal havia melhorado embora estivessem se conscientizando de que esta necessitava melhorar; que recebiam cesta básica; que estavam

<sup>27</sup> Não basta este tipo de orientação verbal, sem um trabalho psicológico específico com os pais.

<sup>28</sup> A que, exatamente, a psicóloga estaria se referindo? Ao fato de, como insiste nosso código penal, à beira do século XXI, castigos moderados serem aceitáveis? A um homem que é violento com a mulher e a criança, falar de imposição de limites de forma moderada, sem trabalhar com ele que existem outras formas de se ensinar limites às crianças que não sejam pelo uso da força física, não basta. Será que ele sabe disso ou poderia entender que é lícito usar a força física moderadamente com seus filhos (que conceito de violência teria ele)? Pelo que se depreende do relato, ele entendia que bater sem exageros era aceitável e não significava maltratar. Este discernimento é fundamental para a consciência da responsabilidade inerente às nossas colocações profissionais.

conscientes de que a habitação não era adequada e que precisavam arrumar outra.

A Assistente Social orientou-os também a providenciarem vaga em escola para Anita se quisessem seu desabrigoamento e que seria necessário, ainda, que o acompanhamento técnico continuasse. Sugeriu que Anita permanecesse abrigada e que se oficiasse a Obra para facilitar a visita da mãe à Anita. O Juiz determinou manifestação da Psicologia.

Esta manifestação foi feita em 17/03/99. A Psicóloga disse que a situação socioeconômica continuava precária, reiterou a sugestão de se oficializar a Obra para que esta facilitasse as visitas e afirmou que "se tais dificuldades persistirem, seria oportuno a transferência da garota para outro abrigo que favorecesse as visitas da genitora"; e sugeriu intimação desta para 26/04/99. O processo ia para despacho do Juiz.

Em 19/03/99, a Psicóloga da Obra contou-me o seguinte: que Anita chegou à Obra chorando muito e sempre pedia pela mãe; que Anita voltava chorando de todos os encontros, muito triste; que acreditava haver um relacionamento muito forte entre mãe e filha; que tinha pouco contato com Anita porque esta não participava do reforço escolar; que Anita era sempre emocionalmente sensível, chorando por qualquer coisa.

### G1.3. Rafael

Os dados deste menino, com 5 anos e 8 meses à época da observação, foram coletados principalmente de fontes documentais – da pasta do CERCA (em 16/03/98) e do processo da VIJ (em 22/03/98), e de fonte profissional – entrevista informal com a psicóloga do LCMJ (em 19/03/99).

O caso se iniciou no CERCA com uma denúncia anônima, em 28/10/98 após às 18 horas, de que a genitora havia queimado a mão do filho Rafael na chapa do fogão e que se tratava da segunda agressão ao menino.

No dia seguinte, 29/10/98, uma Assistente Social do Cerca realizou uma visita domiciliar para verificar a denúncia de agressão e relatou o seguinte:

... Encontramos em casa a genitora e os filhos [Rafael, Vinicius e Amanda]<sup>29</sup>. Examinamos a criança [Rafael] e observamos que a mão direita tinha queimaduras na parte interna do pulso com uma lesão bastante grande e sem pele. Nos dedos, na parte externa, observamos queimadura e já com inflamação nos dedos polegar, médio e indicador em grande parte dos dedos, sem ter tido atendimento médico.

Quando questionada sobre o ocorrido, primeiro a genitora tentou negar dizendo ter sido um acidente com água fervendo. Depois passou a dizer que a criança é muito levada e ela perde a cabeça, passando então a chorar, pedindo que não levássemos as outras crianças, [Vinicius e Amanda]. Perguntamos por que a preferência com os outros filhos, ao que a genitora respondeu dizendo que 'Essa criança [Rafael] é a desgraça da minha vida, nunca deveria ter nascido'. Perguntamos se ela havia sido violentada quando engravidou do [Rafael], ao que ela respondeu negativamente. Informou ainda não saber o paradeiro do genitor de [Rafael]. Ele não reconheceu a paternidade.

<sup>29</sup> Nomes fictícios para os irmãos de Rafael.

[A genitora] informou conviver com [nome do companheiro] com o qual tem os filhos [Vinícius e Amanda] de 3 e 2 anos respectivamente, e está grávida de 6 meses. Refere que seu companheiro não está de acordo com as agressões e inclusive já brigou com ela várias vezes por esse motivo.

No quintal residem todos os irmãos do sr. [companheiro]. Falamos com [nome de uma irmã do companheiro] que confirmou as agressões da genitora para a criança. Inclusive as queimaduras. Disse que esta situação está causando constrangimentos em todos os familiares. Que ao falarem com a genitora [nome dela], esta se defendeu dizendo que o filho é seu e ela faz o que achar melhor.

Frente aos ferimentos observados na criança, inclusive uma cicatriz de queimadura recente na mão direita, que a tia garante que foi agressão da genitora, que a genitora a queimou na chama do fogão, retiramos a criança do lar, levamos ao Hospital Municipal [nome do hospital] onde foram feitos curativos, e solicitado retorno no dia 03/11/98. A criança foi conduzida ao Lar Menino Jesus.

Em 30/10/98 ligou o padrasto [nome dele], informou ter a guarda de Rafael que iniciou no Fórum de [outro Fórum] e está agora no Fórum de [Fórum atual]; que Rafael foi criado em instituição até os dois anos, quando veio para a companhia do casal. Não sabe o motivo pelo qual a esposa não gosta da criança. Diz já tê-la aconselhado a entregar a criança para o Juiz. Informa que ela não agride as outras crianças. [O companheiro] informou trabalhar como segurança no [nome da empresa] sem lugar fixo para plantões.

Em 30/10/98 foi protocolada na VIJ competente uma petição do CERCA informando sobre a denúncia anônima de violência física contra Rafael perpetrada pela mãe, a visita domiciliar para constatação do fato, a condução da criança ao hospital para curativo e, finalmente, o abrigo da criança no Lar da Criança Menino Jesus; informou-se, ainda, na petição, que não havia sido lavrado BO em virtude da gravidade da situação em que se encontrava a criança, necessitando urgentemente de cuidados médicos. O CERCA requereu guia de internação para o LCMJ e ciência ao MP para determinação de instauração de Inquérito Policial a fim de que o CERCA pudesse encaminhar a criança a exame de corpo de delito.

O expediente foi autuado em 30/10/98 na VIJ, abrindo-se um processo para Rafael. O requerimento de exame de corpo de delito foi feito por determinação do Juiz da VIJ na mesma data, bem como uma autorização para que um funcionário do CERCA acompanhasse a criança ao exame. Na mesma data, também, expediu-se guia de acolhimento da criança "por prazo indeterminado, salvo ulterior deliberação judicial a respeito". Em pesquisa na VIJ, constatou-se que havia mais dois processos vindos de outra VIJ e arquivados, um com o nome de Rafael e outro com o nome da mãe.

Em 03/11/98, foi juntada nova petição do CERCA informando que o exame de corpo de delito em Rafael havia sido realizado na mesma data.

O Departamento de Polícia Científica da Polícia Civil do Estado de São Paulo encaminhou um ofício, em 23/11/98, com o original do laudo de exame de corpo de delito, transcrito abaixo:

**Frente da folha** - (...) Laudo nº [Y]/98 BO nº [Y]/98 Inquérito Policial nº [Y]/98 (...) LAUDO DE EXAME DE CORPO DE DELITO - LESÃO CORPORAL. Aos três de novembro de mil novecentos e noventa e oito, nesta cidade de S. Paulo a fim de atender a requisição do doutor [Delegado de Polícia] os infra-assinados, doutores médico-legistas do Instituto Médico-Legal, procederam ao exame de corpo de delito em [Rafael...] para responder aos quesitos seguintes: **Primeiro** - Há ofensa à

integridade corporal ou à saúde do examinando? **Segundo** – Qual a natureza do agente, instrumento ou meio que a produziu? **Terceiro** – Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio insidioso ou cruel? (Resposta especificada) **Quarto** – Resultará incapacidade para as ocupações habituais por mais de trinta dias; ou perigo de vida; ou debilidade permanente de membro, sentido ou função; ou antecipação de parto? (Resposta especificada) **Quinto** – Resultará incapacidade permanente para o trabalho, ou enfermidade incurável; ou perda ou inutilização de membro, sentido ou função; ou deformidade permanente ou abortamento? (Resposta especificada) – Realizada a perícia, passaram a oferecer o seguinte laudo: Qualificação: [Rafael...], nascido aos 27/07/93, filho de [nome da mãe].

**Verso da folha** – IML (...). NOME : [Rafael...]. ACOMPANHANTE: assistente social do CERCA [nome]. HISTÓRICO: O menor relata queimadura em mão direita em 28/10/98. Atendido no Hospital [nome do hospital]. DESCRIÇÃO: ao exame externo observamos: (...) 10. (x) **Outros** Localizados em: **(10) queimadura de segundo grau em dorso do terceiro, quarto e quinto quirodáctilos<sup>30</sup> direitos e face anterior do punho direito; (10) mancha rósea em dorso do polegar direito.** DISCUSSÃO E CONCLUSÃO: do observado e exposto concluímos que o examinado: (x) **sofreu lesão (ões) corporal (ais) de natureza leve.** RESPOSTAS AOS QUESITOS: 1. sim (x); 2. agente físico – calor; 3. sim, produzida por fogo; 4. não; 5 não<sup>31</sup>. [assinaram dois médico-legistas]

Diante disto, a Promotora requereu, em 01/12/98, realização de estudo social e entrevista psicológica, com urgência, e o Juiz deu o seguinte despacho em 11/12/98: "Vistos. Realize-se estudo social, com visita domiciliar no prazo de 10 dias, com o laudo, e entrevista psicológica no prazo de 20 dias".

Em 30/12/98, a Assistente Social da VIJ apresentou o laudo referente à visita domiciliar conforme determinação:

... Estivemos em visita domiciliar no endereço acima, local onde reside a genitora do menor em epígrafe. (...) encontramos a genitora, sra. [nome da mãe] e seus três filhos [Amanda...] com 1 ano e 11 meses, [Vinicius...] com 3 anos e [Diogo...] com 9 dias (nasceu em 14/12/99).

Em entrevista, [a mãe] disse-nos ter 20 anos de idade e convive há 3 anos com [nome do companheiro]. Esclareceu-nos que quando conheceu-o já estava grávida do filho [Vinicius], mas ao nascer, seu companheiro assumiu a paternidade e juntos tiveram os outros dois [Amanda e Diogo]. Na época, o filho [Rafael] estava abrigado.

Contou-nos que a gravidez do filho [Rafael] foi indesejada. Que seu pai expulsou-a de casa e o pai da criança não assumiu. Que ela e o filho foram abrigados. Ela era menor e não tinha como criá-lo. Depois ela saiu e o filho permaneceu no abrigo.

Quando amasiou-se com [o companheiro], com o apoio dele, desinternou o filho. [A mãe] acredita que o filho [Rafael] se adaptou bem às suas companhias; porém alega que é uma criança muito peralta e admite perder o controle e às vezes exagerar nos corretivos.

Quando dos fatos denunciados, disse-nos que quis assustá-lo, pois ele tinha a desobediência. Que não tinha a intenção de queimá-lo, mas admite que colocou a

<sup>30</sup> Dedos da mão

<sup>31</sup> O negrito é meu.



mão do filho na chama do fogão. [A mãe] começou a chorar quando lembrou-se da perda do filho, pedindo que perdoássemos.

No quintal onde [a mãe] reside, residem irmãos do seu companheiro e, durante nossa entrevista com [a mãe], a sra. [irmã do companheiro], (...), contou-nos que sempre procurou alertar [a mãe] sobre a maneira como tratar o filho [Rafael]. A sra. [irmã do companheiro] disse-nos que o menor [Rafael] é muito 'levado', mas não justifica que sua mãe o maltrate.

Contou-nos ainda que seu irmão [o companheiro] não interfere, permitindo que a mãe seja agressiva para com o filho, porém [o companheiro] interfere quando a mesma quer agir da mesma maneira com os outros filhos. Acredita que o menor [Rafael] é discriminado pelo casal.

A sra. [irmã do companheiro] disse que nada falta àquele casal e filhos. Têm casa para morar, [o companheiro] trabalha e ganha bem, tem convênio para os filhos; porém falta ao menor [Rafael] um melhor tratamento.

Em entrevista, [o companheiro], tem 32 anos, trabalha no [nome do estabelecimento comercial]. É segurança e recebe 940 reais por mês mais cesta básica, convênio médico e outros benefícios. Residem em casa própria com 3 cômodos e banheiro. Disse que nada falta a sua família, inclusive para [Rafael]. Que possui a guarda do menor [Rafael] (processo Y) e incluiu-o como dependente em convênio médico da empresa onde trabalha.

Quanto à denúncia de maus-tratos, admitiu que sua companheira é muito nervosa para com [Rafael], porém não entende por que ela queimou a mão do menor. Disse que algumas vezes **ao dar banho na criança, observava hematomas no corpo dele e censurava a mãe**<sup>32</sup> e procurava vigiá-la, porém com relação ao ocorrido, não percebeu e a criança não se queixou.

Desmentiu-nos que ele seja conivente com a situação ou que o menor [Rafael] seja discriminado. Alegou-nos que percebeu a companheira mais nervosa durante a gravidez. Disse-nos saber que a companheira sofreu muito no passado, por causa da gravidez do filho [Rafael], mas não acredita que ela necessite de tratamento.

Diagnóstico: (...) pareceu-nos que [Rafael] já vinha sofrendo maus-tratos, culminando com o fato de sua mãe ter queimado suas mãos. Talvez a genitora por ter tido uma gravidez indesejada, por ter sofrido por causa dessa gravidez, rejeite o filho até hoje. (...) não faltava o necessário (materialmente) a [Rafael], pois as condições socioeconômicas da família não são ruins; porém, com certeza, faltava-lhe um tratamento mais adequado.

Conclusão: acreditamos que o menor deva permanecer abrigado e o caso seja melhor avaliado; que se aguarde a avaliação psicológica.

A Psicóloga da VIJ fez a primeira avaliação do caso em 19/01/99, entrevistando a mãe. Eis parte de seu relatório:

... Solicitamos que [a mãe] falasse sobre si e sobre [Rafael], então ela inicia dizendo: 'É uma coisa que nem eu mesma sei explicar. Morei no pensionato com ele, depois de 6 meses fui separada dele, na época sofremos muito, tanto eu quanto ele, ele foi para a Sampalo Viana e eu fui para um pensionato da [nome do bairro] e depois de 15 anos sem ver a minha mãe, ela me achou, não sei se foram procurar por ela, sei que ela foi até o pensionato e fui morar com ela e o [Rafael] também foi desabrigado. Não deu certo porque os irmãos implicaram muito, fui então morar com uma amiga, e arrumei um emprego que também não deu certo porque a patroa não aceita; fui morar, então, com o meu pai e também não deu certo por causa da

<sup>32</sup> O negrito é meu.



madrasta, que sempre implicava e meu pai ia a favor dela. Quando conheci o [companheiro] ele desintemou o menino, porque eu não podia porque era menor de idade. Então quando olhava para ele não sentia mais aquele amor, sentia um ódio, uma raiva, principalmente porque fiquei grávida, e quando eu fico grávida fico muito nervosa, e ele começou a ficar terrível, acho que é porque ninguém dava atenção para ele, era só para o [Vinicinho].

Acrescenta que todas as suas gestações foram seguidas de depressão pós-parto. Diz se sentir muito só, que seu companheiro não dá a atenção que gostaria, que ele a vê chorando e 'é incapaz de chegar perto e perguntar o que está acontecendo' (sic). Diz que a sua cunhada [nome dela], na última gravidez, dizia: 'tomara que morra essa peste, ela e o filho dela' (sic), que teve febre alta no pós-parto e esta cunhada só xingando, que o sr. [companheiro] joga muito na minha cara que a casa é dele, diz pega seus panos de bunda e vai embora' (sic).

Que [Rafael] mexia em tudo, geladeira, TV, tudo e que [a cunhada] (...) disse a ela que deveria ameaçar o menino, de queimar a sua mão para que ele parasse de mexer nas coisas; então, ela pensou em fazer isso, de ameaçar e quando foi ameaçar, não percebeu que estava queimando o menino efetivamente<sup>33</sup>.

Posteriormente, esclarece que morou com o pai até os 15 anos, quando este foi denunciado por maus-tratos; então, ela foi para o pensionato (já grávida do [Rafael])<sup>34</sup>.

Dinâmica familiar: [A mãe] deixa claro que o problema é com [Rafael], que com os outros filhos os conflitos não se repete, manifestando o receio de que os demais filhos também sejam abrigados.

Declara que seu esposo disse que caso ela fosse presa 'ele não faria nada para me tirar da cadeia' (sic). Sente-se culpada e pergunta a todo momento o que tem que fazer para reaver [Rafael] ou pelo menos visitá-lo. Disse que viu o menor na TV (recebendo presentes de [um apresentador de TV] e que emocionou-se muito, dizendo que não consegue nem mais comer direito. Mostramos a [mãe] como o ciclo vem se repetindo (o pai foi denunciado, agora ela repete o comportamento de seu pai e é denunciada).

Sugestões técnicas: [A mãe] foi encaminhada para psicoterapia, pois é patente que neste momento ela se encontra sem condições emocionais de responsabilizar-se por [Rafael]. Além disso, seria conveniente, s.m.j.<sup>35</sup>, que [a mãe] fosse acompanhada por este setor, bem como gostaríamos de entrevistar [o companheiro] e [a irmã deste].

A Promotora requereu o acolhimento das sugestões técnicas em 22/01/99 e o Juiz as acolheu em seguida.

Em 25/02/99, houve nova entrevista da Psicóloga da VIJ com a genitora, o companheiro desta e a cunhada. A mãe relatou que iniciaria psicoterapia em março com um psicólogo com quem já havia se tratado em um posto de saúde do bairro. Ela disse que estava animada com o tratamento e que vislumbrava a possibilidade de alterar seus comportamentos. Solicitou autorização para que Rafael passasse uns dias em sua casa para comemorar o aniversário dele e o do irmão junto (em julho e agosto, respectivamente), bem como autorização para visitá-lo. Falou de saudade do filho. Estava trabalhando em dois empregos como "diarista". Disse à Psicóloga que estava mais calma e mais paciente com os filhos

<sup>33</sup> O negrito é meu.

<sup>34</sup> A psicóloga não explorou a questão da história da mãe e dos antecedentes familiares de "maus-tratos".

<sup>35</sup> Abreviação de salvo melhor juízo.

e completou: "(...) antes eu ficava muito nervosa porque o [Rafael] era muito danado, mas sinto muito a falta dele, muito remorso. Se ele voltasse para mim, nunca iria mais repetir o que fiz". Contou ainda que havia escrito ao seu pai contando que havia perdido Rafael e pedindo-lhe para conversarem, mas este a destratou.

Na entrevista com o companheiro da mãe, os seguintes dados foram acrescentados aos já existentes: que ele conheceu a mãe de Rafael na casa de sua irmã, pois ela trabalhava para esta como empregada doméstica; que ele falou de Vinicius sem especificar se este era ou não seu filho biológico; que, depois de um ano de relacionamento, conseguiram desinternar Rafael, tendo visitado o mesmo durante este período semanalmente; que a mãe batia em Rafael de vez em quando, quando ele urinava na cama; que gostava de Rafael e que este o chamava de pai; que a primeira vez que a mãe queimou a mão do menino, ela admitiu o fato e ele a chamou de louca; da segunda vez, só soube depois que a Assistente Social foi em sua casa.

Da cunhada, a Psicóloga extraiu os seguintes novos dados: que qualquer pessoa perderia a cabeça com Rafael de tanto que ele era levado e que a mãe batia nele por esta razão; que esta não queria machucá-lo e nunca batia "à toa"; que a cunhada aconselhava a mãe a colocá-lo de castigo e a não bater nele; mas que tudo foi num crescendo até culminar nas agressões a Rafael; que a mãe dava a Rafael o mesmo que dava aos outros; que a mãe dizia que estava arrependida, porém ela não sabia se era "fingimento" ou verdade; e que atribuía o difícil relacionamento entre a mãe e Rafael não somente ao fato de ele ser um menino "muito danado" mas ao fato de ela "ter passado maus bocados na gravidez de [Rafael], a família não aceitou, deu muito problema".

No parecer psicológico, destaca-se:

... [a mãe] parece muito preocupada em demonstrar a esta técnica seu arrependimento e seu empenho para o início do tratamento, (...) e pergunta se estando em tratamento existe a possibilidade de [Rafael] voltar ao convívio familiar. Nos parece que, s.m.j., seria conveniente uma aproximação gradual do grupo familiar com o menor, iniciando primeiramente com visitas da família ao menor na instituição, para que posteriormente, após avaliação dos resultados do tratamento psicoterápico, se pense em aproximações maiores (fins de semana em casa e posteriormente desabrigoamento do menor); (...) neste momento nos parece que a solicitação da mãe de desabrigoamento é prematura; sugiro acompanhamento da genitora pelo setor de psicologia a fim de avaliar os resultados da psicoterapia e (...) seja permitida visitas à criança na instituição.

A Promotora, em 04/03/99, manifestou-se favoravelmente à aproximação gradual, sem prejuízo do acompanhamento da genitora, opinando pela manutenção do acolhimento da criança. Em 09/03/99, o Juiz autorizou visita à criança na instituição e determinou que esta fosse cientificada desta determinação<sup>36</sup>; determinou, outrossim, nova entrevista psicológica em 60 dias, visando o exame da evolução do tratamento psicoterápico e condições de desabrigoamento da criança. A mãe foi então intimada para retomar à Psicologia em 07/05/99.

<sup>36</sup> Não parece que soubessem que o LCMJ não permite visitas.

O último dado do processo era uma informação do CERCA, indicando que o Lar da Criança Menino Jesus não permite visitas de familiares e que o CERCA colocava suas dependências à disposição do Juízo para as referidas visitas.

Como pôde-se constatar, até este momento do processo Rafael não havia sido avaliado psicologicamente na VIJ.

A Psicóloga do LCMJ contou-me, em 19/03/99, que Rafael chegou à Obra muito agressivo: agredia violentamente qualquer pessoa, se recusava a fazer qualquer coisa que lhe pedissem, por mais simples que fosse (por exemplo, ir jantar). Diante de um pedido ou de uma ordem, se jogava no chão e tinha crises de birra. Acabava sendo pego por meninos maiores que ele, que o levavam à força para o local que ele deveria ir. Ele ia chutando tudo e todos pelo caminho, egarrando-se aos batentes das portas, às paredes, numa cena "horível". Na escola, chegou a dar chutes na barriga de sua professora. Atualmente, tem estado um pouco mais calmo neste aspecto, embora continue difícil. Atende a algumas solicitações se lhe falam com muito jeito. A Psicóloga havia encontrado uma forma de fazê-lo colaborar sem crises: incumbê-lo de determinadas tarefas, dando-lhe importância e valorização pelo que faz. Assim, ele tem atendido algumas de suas solicitações. A Psicóloga não havia recebido nenhuma informação da VIJ a respeito do histórico familiar de Rafael, não obstante seus vários pedidos.

No arquivo do Cartório da VIJ responsável pelo caso de Rafael consegui encontrar o processo da genitora com numeração de 1997, que condensava o processo dela iniciado em 1993 e aquele referente à guarda de Rafael para o companheiro dela. Estes processos tinham sido transferidos de outra VIJ do lado oposto da cidade. Assim, apresento a seguir um resumo dos dados destes autos, para complementar o histórico de Rafael.

Em 06/04/93, uma petição do antigo Serviço de Advocacia da Criança (SAC – hoje, CERCA) informava que havia recebido a denúncia de que dois adolescentes, a genitora de Rafael – vou chamá-la doravante de Luíza<sup>37</sup>, então com 15 anos, e seu irmão mais novo – Marco, de 13 anos de idade, filhos da mesma mãe e do mesmo pai, estavam sendo violentamente agredidos pelo pai e madrasta (mulher deste). Uma visita domiciliar do SAC constatou a veracidade da denúncia (mas não havia descrição das violências físicas perpetradas, nem exames de corpo de delito). Luíza estava grávida de três meses de Rafael e "psicologicamente bastante perturbada"; o SAC requereu instauração de procedimento verificatório na VIJ e vaga na Casa das Mães da Unidade Sampaio Viana da FEBEM.

Um relatório do Serviço Social do SAC, da mesma data, informava que a madrasta dos adolescentes se desentendia com estes, deixando-os sem comida; que a madrasta influenciava o pai contra os adolescentes e este espancava Marco, e já tinha colocado ambos os filhos fora de casa. Em uma destas vezes, Luíza teria saído com um jovem de 18 anos de quem engravidou. Em conseqüência, estava deprimida, não queria abortar e tinha dito que preferia morrer porque a vida não significava nada para ela. Luíza queria sair de casa, mas temia deixar o irmão e este morrer de fome. Na mesma data, também, foi feita busca e apreensão de Luíza e seu abrigo na Casa das Mães.

<sup>37</sup> para não confundir com seus próprios pais.



No dia seguinte, o pai de Luíza, pintor autônomo, foi entrevistado na VIJ pela Assistente Social. Disse-lhe que separou-se da mãe de Luíza e Marco havia 11 anos; a princípio, os filhos ficaram com ela; depois, ela mandou-lhe Marco. Quando o pai uniu-se novamente, assumiu Luíza, porque sua ex-esposa não tinha condições de criá-la. A mãe nunca mais visitou Luíza e Marco. Com a então companheira, talvez a terceira (aqui chamada de madrasta), estava amasiado havia três anos, tendo deste relacionamento um filho de três anos e outro de 10 meses.

Segundo o genitor de Luíza, esta havia cursado até a 4ª série e apresentava problemas havia dois anos, "empreendendo fugas, dormindo fora de casa, andando em más companhias, mentindo e levantando falso testemunho dos outros, sendo agressiva quando contrariada". Ele afirmou não usar castigos físicos na educação dos filhos. Fomeceu o nome do genitor do futuro bebê (Rafael), contando que este era um vizinho, de 20 anos, e se recusava, de forma agressiva, a assumir a criança alegando não ser seu filho; Luíza, de acordo com seu pai, tinha certeza da paternidade de Rafael por ter sido este jovem seu único namorado.

O pai de Luíza afirmou não ter se recusado a ajudar a filha grávida e pretendia assumir o neto, desaconselhando a filha a abortar, como sugeriu o namorado desta. O genitor impressionou positivamente a Assistente Social da VIJ, tendo esta afirmado ser ele bem intencionado e afetivo. Relatou ainda que, em entrevista, Marco confirmou ser bem tratado pelo pai e contou-lhe que Luíza "estava aprontando". Negou que fosse vítima de privações em casa, tendo dito sentir-se amado e respeitado pelo pai e pela madrasta. Esta, na entrevista, falou que Luíza havia ficado agressiva em virtude da gravidez. A Assistente Social sugeriu que a jovem ficasse abrigada e recebesse visita da família.

Em uma audiência com o Juiz, em 19/05/93, Luíza mostrou-se tranqüila. Continuava abrigada. Disse que não tinha uma família ruim, que seu pai era uma boa pessoa, que ela gostava dele e ele dela; falou do quanto não quis que seu pai se casasse de novo embora permitisse que ele namorasse; que os problemas começaram depois que o pai se casou novamente; que ela começou a se desentender com a madrasta e o pai começou a lhe bater depois que esta se queixava a ele; que desejava voltar para casa.

Em outra audiência, um dia depois, com toda a família, Luíza falou novamente que queria voltar para casa e que respeitaria as regras da mesma; o pai e a madrasta aceitaram e Luíza foi desabrigada. O processo foi arquivado, sem determinação de acompanhamento, em 27/05/93. E, como esperado, mal chegou no arquivo e teve de ser retomado em 18/06/93: Luíza e Marco compareceram à VIJ afirmando que continuavam sendo vítimas de maus-tratos e que Marco, principalmente, tinha apanhado de cabo de vassoura.

O pai e a madrasta foram convocados novamente a comparecer à VIJ em 21/06/99, ocasião em que reiteraram que Luíza continuava desobediente, que não ajudava em casa, saía com amigas e chegava tarde, mesmo grávida, e estava bebendo cerveja. A jovem, na frente do pai, negou os maus-tratos, disse ser incompreendida e queria retornar à Casa das Mães. Marco também desmentiu os maus-tratos dizendo ter sido forçado pela irmã a acusar o pai. Luíza não estava fazendo pré-natal. A Psicóloga da VIJ promoveu uma conversa entre pai e filha, durante a qual esta desabafou e o pai falou de suas dificuldades com a filha e de

uma crise financeira, com tranquilidade e paciência para com Luiza, segundo relatou a profissional. Mesmo assim, a adolescente resolveu ir morar com uma amiga. O acompanhamento parou neste momento.

Em 05/08/93, Luiza reaparece na VIJ com seu bebê Rafael, de 10 dias de vida, solicitando abrigo para ele e o filho na Casa das Mães. Disse que havia tentado conviver com o pai, mas este a xingava e não a tratava bem, obrigando-a a fazer serviços domésticos. Foram abrigados. Em declaração de nascido vivo, apresentada por Luiza à VIJ, constava que Rafael nasceu de parto normal com 2.470 gramas; foi registrado sem nome do pai.

Foi feita uma visita domiciliar, no mês seguinte, à casa do pai de Luiza. Vizinhos declararam que o pai e a madrasta não tratavam bem os adolescentes, que haviam obrigado Marco a carregar um botijão de gás cheio e que este usava roupas sujas. A Assistente Social constatou que Marco estava realmente fora da escola, usando roupas sujas e com o olho roxo, tendo dito ter sido atingido por um colega. Tinha medo de ser abrigado porque havia tido uma experiência precoce de abrigo muito traumática<sup>38</sup>. Assim, Marco foi deixado em casa.

Outro mês se passou e mais uma visita à casa da família: Marco apresentava problemas de comportamento, não ia mais à escola, não ajudava em casa, ficava na rua e apresentava atitudes agressivas. Era tratado diferentemente de seus irmãos, filhos do pai e da madrasta. O pai revelava-se ausente. Marco continuava afirmando ter muito medo de ser reinternado<sup>39</sup> e por essa razão foi novamente deixado em casa, sob "acompanhamento" da VIJ.

Em dezembro de 1993, Luiza foi transferida para um pensionato da FEBEM – separada de seu filho Rafael, enquanto este permaneceu na Unidade Sampaio Viana, bastante distante fisicamente do abrigo para o qual ela foi.

Um mês mais tarde, já em 1994, Luiza recebe a inesperada visita de sua genitora, da qual estava afastada havia muitos anos, sem contato. A mãe de Luiza se propôs a ficar com ela e com o neto. Ela tinha 32 anos, estava casada novamente e tinha tido mais 8 filhos. Luiza aceitou, principalmente pela possibilidade de estar mais perto de seu filho.

Na seqüência, não havia informação no processo se Luiza havia sido desabrigada de imediato, nem Rafael. Porém, um relatório da Unidade Sampaio Viana da FEBEM, de 28/03/94, indicava a situação de Rafael, que, portanto, havia permanecido abrigado. O relatório informava apenas que Rafael estava acolhido desde 30/11/93, que Luiza o visitava regularmente e havia boa relação afetiva entre mãe e filho; que a jovem tinha um novo namorado, ainda estava no pensionato e se preparava para assumir Rafael.

Em 13/05/94, foi feita uma visita domiciliar à mãe de Luiza. Marco tinha sido entregue a ela por uma tia paterna dele. Luiza também estava na casa da mãe (havia sido desabrigada no mesmo mês por esta), tinha conseguido um trabalho de empregada doméstica e desabrigado Rafael.

<sup>38</sup> Esta experiência parece não ter sido relatada pelo garoto nem tampouco indagada pela assistente social. Não houve também encaminhamento de Marco a atendimento psicológico para que pudesse relatar e trabalhar suas dificuldades.

<sup>39</sup> No entanto, as razões deste medo continuaram ignoradas ou não sendo investigadas e o menino continuou sem receber o atendimento que tanto necessitava.



No entanto, menos de um mês mais tarde, Luiza compareceu à VIJ com Rafael, contando que o convívio com sua mãe não havia dado certo porque na casa desta havia pulgas e Rafael era alérgico. Não podia levá-lo para a casa de sua patroa, não havia conseguido vaga em creche e, assim, solicitou o reabrigo do filho na mesma instituição. Rafael foi, então, novamente abrigado, mas em uma outra instituição num bairro na zona sul de São Paulo, próximo do bairro onde Luiza morava.

Um relatório desta instituição, de 11/08/94, informava que Rafael, ao chegar, apresentava muitas manchas de pele, diarreia e muitas assaduras, quase não dormia à noite, era chorão, dominhoco de dia. Segundo constava no relato, ele havia melhorado em algumas semanas, tornando-se mais ativo e brincalhão. A diarreia persistia em virtude da dentição. Mas, no geral, estava saudável, esperto, sem problemas maiores, sabia brincar sozinho, engatinhava. No início, Luiza o visitava semanalmente e quando não podia, telefonava; depois passou a não comparecer nas visitas. A Obra tinha tomado conhecimento de que Luiza havia proposto a um casal de entregar Rafael em adoção<sup>40</sup>, mas a coordenação da Obra foi contra a entrega do menino.

Em 27/09/94, outro relatório da mesma Obra informava que Rafael estava bem, que o relacionamento dele com a mãe era excelente. Ela o visitava regularmente e havia um estreito vínculo afetivo entre eles. Rafael era uma criança risonha, que aparentava felicidade. Se relacionava bem com outras crianças e com os funcionários. Estava com boa saúde, alimentava-se bem, tinha sono tranquilo e estava seguro para andar.

O relatório seguinte da Obra datava de 04/05/95: a saúde de Rafael continuava boa, embora tivesse tido verminoses e diarreia e ainda estivesse em tratamento. Tinha sono tranquilo, desenvolvimento físico adequado, andava perfeitamente, pronunciava algumas palavras, muito risonho e aparentemente feliz. Muito ativo, necessitava, segundo constou, atenção redobrada, pois fazia travessuras. Desde o início daquele ano, Luiza o havia visitado somente uma vez. Tinha levado seu novo companheiro para conhecer o filho, tendo dito que pretendia casar-se e desabrigá-lo.

Um relatório da Assistente Social da VIJ, de 20/04/95, contava que Luiza, então com 17 anos, já estava vivendo com seu atual companheiro havia três meses e estava grávida de dois meses (segundo contara à profissional). Luiza não estudava, não trabalhava e sua gravidez era de risco. Mesmo assim, solicitou o desabrigo de Rafael. Havia se mudado para um bairro na extrema zona norte de São Paulo, totalmente oposto ao bairro onde estava situada a instituição que abrigava o filho.

Exatamente 2 meses depois, Luiza e seu companheiro compareceram à VIJ reiterando o pedido de desabrigo de Rafael. A informação era a de que estaria grávida de 6 meses. A Assistente Social disse que materialmente a genitora estava amparada pelo companheiro e mostrava condições afetivas para assumir o filho. Encaminhou-os à entrevista psicológica. Nesta, apurou-se que o companheiro vinha de um relacionamento anterior com uma mulher separada com três filhos (dela); que Luiza havia engravidado deste companheiro de forma não

<sup>40</sup> Esta situação não foi investigada pela VIJ.

planejada<sup>41</sup>, embora desejassem ter filhos; o parecer da Psicóloga foi favorável à guarda de Rafael para o companheiro, porque observou-se que este e Luíza eram "afetivos com crianças"<sup>42</sup>, se relacionam adequadamente e fazem planos para o futuro".

Outro relatório da Obra, juntado depois da entrevista acima relatada, mas datado de 13/06/95, informava que Rafael ainda não havia sarado completamente da verminose e da anemia, embora o tratamento fosse rigoroso. Continuava com desenvolvimento adequado e excelente relacionamento com todos. Indicava ainda que a mãe o tinha visitado duas vezes, mas a Obra colocava-se contra o desabrigamento porque considerava Luíza "imatura, às vezes irresponsável, com desculpas inconsistentes para ausências tão prolongadas".

Em face disto, o Juiz não deferiu o desabrigamento e determinou que a relação mãe-criança fosse observada, por meio de acompanhamento, durante seis meses.

Em 08/07/95, mais um relatório da instituição chegou aos autos, informando que Rafael estava com saúde excelente, muito peralta, falava bastante, com desenvolvimento adequado para a idade. Não recebia visitas da mãe desde junho. Luíza havia avisado que não estava podendo visitá-lo pois iria dar à luz. Em julho, ela telefonou à Obra para dizer que estava tendo muito trabalho com o novo bebê que não tinha boa saúde. Rafael estava chamando a sua babá da Obra de "mãe".

Diante destas informações, o Juiz determinou que Luíza fosse entrevistada para definir a situação de Rafael, contando inclusive com a possibilidade de colocá-lo em família substituta mediante adoção para "não ter prejuízos no desenvolvimento em virtude da institucionalização prolongada".

Na entrevista, realizada em 04/12/95, a Assistente Social da VIJ foi favorável ao desabrigamento da criança para a mãe e o companheiro desta. O Juiz deferiu então o desabrigamento condicionado a um acompanhamento técnico da família; deferiu também termo de guarda e responsabilidade para o companheiro até abril do ano seguinte, pois a mãe era menor de idade. Em 15/12/95, Rafael foi finalmente desabrigado, "apesar de tudo".

Em 17/04/96, houve uma entrevista com a mãe, o companheiro e Rafael para a renovação da guarda. Não havia notícia no processo de que tivesse havido o acompanhamento familiar determinado pelo Juiz neste período. A Assistente Social percebeu contentamento em Rafael e afinidade entre o casal e a criança. Rafael continuava "em tratamento para verminoses e apresentava feridas na cabeça e cicatrizes"<sup>43</sup>. A Assistente Social notou que a criança vinha se desenvolvendo bem, estava bem vestida, ficou no colo da mãe tranquilamente. O bebê Vinícius também havia sido levado, tinha oito meses e estava bem cuidado. O parecer foi favorável à renovação da guarda e não houve entrevista na Psicologia; o Juiz determinou a renovação do termo de guarda até 16/04/97 e o arquivamento dos autos.

<sup>41</sup> O que contradiz o dado no processo de Rafael de que ela já estaria grávida quando conheceu o companheiro e de que este teria assumido a paternidade da criança que não era sua.

<sup>42</sup> Embora não tenha dito com quais crianças os observou, já que Rafael ainda estava abrigado e o casal ainda não tinha filhos consigo.

<sup>43</sup> cuja etiologia não foi investigada.

Em 22/04/97, mais uma entrevista social para renovação de guarda no mesmo esquema da anterior. O companheiro estava procurando emprego e construindo uma casa. Rafael se desenvolvia "normalmente", freqüentava creche, mas fazia três meses que a diretora havia solicitado providências porque **Rafael estava muito agressivo, batendo e mordendo os coleguinhas**<sup>44</sup>. A mãe havia contado à Assistente Social que Rafael e Vinicius brigavam muito mas tinham afeto. Recebeu orientação para fazer atendimento psicológico em posto de saúde do bairro. A Assistente Social foi favorável à renovação da guarda e sugeriu que os autos fossem transferidos para a VIJ do bairro onde a família residia. O Juiz determinou renovação até 12/05/95 e a transferência dos autos.

Em 13/05/98, houve renovação da guarda sem muito aprofundamento e os autos foram arquivados.

... até que em 28/10 daquele mesmo ano, uma denúncia anônima ao CERCA noticiou a violência física perpetrada em Rafael pela genitora...

- **GRUPO 2: Crianças não-vítimas deste tipo de violência, acolhidas em instituição**

Dois meninos e duas meninas compõem este grupo, por ordem crescente de idade: Denise, Aline, Nilo e Felipe.

### G2.1. Denise

Os dados desta menina, com 5 anos e 6 meses por ocasião das observações, foram coletados principalmente de fonte documental – do processo da VIJ, em dois momentos distintos: o primeiro, em 05/09/97, antes da realização das sessões, no qual coletei os dados do início do processo (abril de 1997) até a última informação do mesmo, datada de 01/09/97; e o segundo, em 18/03/99, quando o processo já estava no segundo volume, no qual complementei os dados até o presente. No prontuário da criança na UAE-1, as informações nele contidas no primeiro momento coincidiam com aquelas dos autos do processo, sendo que estas eram mais completas.

O processo se iniciou com uma notificação da Cruzada Pró-Infância ao Juiz da VIJ, em 08/04/97, solicitando providências para a devida proteção de três crianças: Denise e seus dois irmãos menores, aqui chamados de Pedro (nascido em 20/12/93, portanto com três anos e três meses) e Diana (nascida em 18/06/96, com quase 10 meses então). A genitora estava viciada em cola de sapateiro.

A notificação informava que as crianças freqüentavam a sua creche desde outubro de 1996, embora a mãe já mantivesse contato com a instituição desde 1987. Na época, a mãe fazia "carretos e biscates na feira e tinha parado de roubar"; já tinha "gênio agressivo e grosseiro".

Quando lá entraram, as crianças estavam famintas e fracas e aos poucos foram se recuperando. A mãe sempre demonstrara interesse por elas, embora tivesse ela própria uma série de problemas. Levou-as ao médico por orientação da creche. Denise e Pedro necessitavam de uma cirurgia e os três tinham dificuldade

<sup>44</sup> Possivelmente, um indício de já estar vivenciando uma situação de violência física e psicológica, resultado de toda esta história de quebras na relação mãe e filho e, por fim, de rejeição.

de ganhar peso, embora fossem crianças "bem dispostas, de fácil adaptação, carinhosas e ativas".

No entanto, em dezembro de 1996, Diana começou a apresentar inapetência e freqüentes sangramentos nasais. Pedro apresentava eventuais sangramentos nasais. As três crianças passaram a chegar descuidadas na creche e, principalmente, sujas de cola de sapateiro. Diana, que tinha 6 meses, era a mais atingida: chegava sempre com fios de cola pela cabeça e rosto. Os profissionais da creche tentaram intervir, mas a mãe começou a ficar muito agressiva e os conflitos se iniciaram. A mãe chegava a cheirar cola com o bebê no colo na saída da creche, tendo entrado em conflito com outras mães que a recriminaram. A mãe foi orientada quanto à necessidade de tratamento e quanto ao risco que os filhos corriam.

Em fevereiro de 1997, Diana estava "estacionária no peso, [com] inapetência, desânimo, cansaço, pouco interesse aos estímulos, (...) o peito cheio de líquido, com dificuldade para respirar e sangramentos nasais cada vez mais freqüentes". Em abril, as três crianças precisaram ser levadas ao médico para "desintoxicação para cola". Diana apresentava grave desnutrição e diarréias freqüentes por mamar no peito da mãe intoxicada pela cola. Denise também tinha diarréias freqüentes e Pedro apresentava certo grau de desnutrição e diarreia freqüente. Exames específicos para drogas haviam sido solicitados ao "CCI"<sup>45</sup>.

O pai das crianças estava preso. O relacionamento da creche com a mãe foi se deteriorando, pois ela ameaçava e hostilizava outras mães e funcionários, de forma cada vez mais agressiva, sempre chegando "dopada e em estado lastimável".

Na época, a creche, ao invés de notificar diretamente o fato às autoridades, disse à mãe que ela deveria inscrever Denise e Pedro em outra creche, porque naquela não havia "estrutura para encrencas"; só cuidariam de Diana porque era um bebê (I).

A notificação, assinada pela Superintendente Geral, por uma Psicóloga e por uma Assistente Social, era encerrada assim:

... A mãe sempre foi menina de rua, exceto nas temporadas de internação na FEBEM. Está totalmente nas drogas embora 'ame a sua maneira' os seus filhos que parecem ser seu último e único vínculo com a sociedade; o nosso compromisso com as crianças, entretanto, exige o afastamento.

A creche havia enviado em anexo a esta notificação uma comunicação feita ao Juiz em 11/01/93; isto é, um primeiro processo para Denise existiu nesta VIJ e havia sido transferido. A referida comunicação informava que em dezembro de 1992 a Cruzada Pró-Infância havia sido procurada pelo pai para abrigar Denise, na época com oito meses, pois a mãe havia sido presa. Denise fora então encaminhada à Associação Santa Terezinha (AST). À época, a mãe já tinha três processos criminais (um de 1990, por roubo; e dois de 1991, por crime contra a administração pública e por lesão corporal dolosa) e um inquérito policial em curso (também por roubo). A Cruzada já fazia um trabalho de quatro anos com a mãe e de dois anos com o pai. Estes nunca haviam trabalhado regularmente.

<sup>45</sup> CCI: Centro de Controle de Intoxicações, pertencente ao Hospital Municipal do Jabaquara.



A comunicação informava ainda que, em 11/01/93, os pais haviam reaparecido na creche querendo Denise de volta. Estavam morando sob um viaduto. A mãe contara que tinha uma filha mais velha que havia sido abrigada, mas desabrigada por ela em 1990, sem ordem judicial.

A comunicação indicava também que a própria VIJ havia informado, em 18/01/93, que a primeira filha da genitora tinha sido encaminhada à adoção havia uma semana e que todo o histórico dos pais constava dos autos de outra Vara, na qual desenvolveu-se o processo desta filha. Assim, os autos foram remetidos à esta última.

Em anexo, constava também um BO datado de 31/01/93 de "subtração de incapaz": em visita à AST, os pais haviam retirado Denise da mesma sem que os funcionários percebessem. Diante do fato, o Promotor havia requerido que os autos aguardassem provocação no arquivo porque não havia endereço dos pais e também não tinha havido ordem judicial de abrigamento (esta havia sido feita pela creche)<sup>48</sup>.

Todo este expediente advindo da Cruzada Pró-Infância foi então atuado em 15/04/97 com sugestão técnica de diligência para localizar as crianças e a mãe em um cortiço e levá-las para entrevista na VIJ. A Juíza acolheu a sugestão em 23/04/97.

A diligência foi realizada em 12/05/97. Os comissários informaram que haviam encontrado as crianças trancadas no local e conversado com elas pela fresta da porta. Elas lhes contaram que o pai estava preso e a mãe havia saído com o bebê. O local foi descrito como de péssima aparência. Um vizinho informou que a genitora trancava as crianças e saía para usar drogas.

Em 14/05/97, os Comissários conseguiram levar, coercitivamente, a mãe para entrevista com a Assistente Social da VIJ. Ela tinha 27 anos, era solteira, natural de São Paulo, havia estudado até a 2ª série do 1º grau, não tinha documentos e morava em cortiço havia 3 meses. A mãe disse que havia deixado as crianças com sua cunhada de 19 anos e não forneceu o endereço desta, tendo afirmado tê-las escondido porque estava sendo perseguida pela creche. Contou que Denise tinha sido operada de uma hérnia havia três meses, que o pai da criança estava preso havia quase dois anos, condenado a quatro anos de cadeia por roubo e envolvimento com drogas, e que pretendia separar-se dele. Disse também que fazia bicos ganhando de 10 a 15 reais por dia e que estava sem cheirar cola havia duas semanas. Comprometeu-se a voltar à VIJ com os filhos. A Assistente Social sublinhou que a mãe tinha dificuldade de estabelecer contato, era verbalmente agressiva e não pareceu firme quando disse que havia deixado a cola. Sugeriu que se aguardasse o retorno dela com as crianças.

Todavia, no dia seguinte, a mãe compareceu sem as crianças e sem os documentos das mesmas, tendo sido muito agressiva e ameaçado a outra Assistente Social que a atendeu. As carteiras de vacinação estavam atrasadas e o bebê não havia sido registrado, o que levou a profissional a suspeitar de negligência e a sugerir busca e apreensão das crianças, com ajuda policial e arrombamento da porta se necessário, e acolhimento das mesmas no SOS Criança na mesma data.

<sup>48</sup> E então, restou a dúvida: este processo (de Denise) de 1993 fora transferido para a outra Vara onde havia o processo da irmã mais velha ou fora arquivado na Vara de origem?



O Promotor manifestou-se contra a sugestão técnica, argumentando que não havia sido provada a necessidade da medida excepcional e requereu visita domiciliar com urgência e acompanhamento psicológico e social das crianças para verificar se elas sofriam maus-tratos ou negligência, assim como a suspeita de que a mãe as drogasse, e se estavam, portanto, em situação de risco, definida por ele como "periclitção da saúde, ambiente hostil e presença de figura materna hostil aos menores". A Juíza, de acordo com a cota do Promotor, indeferiu a sugestão técnica de busca e apreensão e determinou realização de visita domiciliar com duas outras Assistentes Sociais e duas Psicólogas, bem como relatório em 5 dias.

As Psicólogas apresentaram um relatório da visita, em 23/05/97, afirmando que a mãe havia sido pouco disponível ao diálogo, com respostas curtas e evasivas. Ela lhes falou que estava proibida de visitar uma filha de 10 anos acolhida na FEBEM com processo em outra Vara. A mãe, apesar de irritável e perturbada, com impressão de ter usado drogas, segundo observaram as profissionais, demonstrou estar vinculada às crianças. Durante a visita, Denise e Pedro se alimentavam sozinhos e mostravam-se alheios ao que ocorria. O bebê Diana mamava ao peito e chorou fortemente quando a mãe o tirou de forma brusca. Não fora possível conversar com as crianças. O ambiente foi descrito como precário e caótico, perigoso, pouco propício ao desenvolvimento saudável das crianças, expondo-as a riscos. A mãe parecia desorganizada internamente. Não obstante, as Psicólogas não observaram sinais de maus-tratos nas crianças. Concluíram que havia negligência nos cuidados e foram favoráveis ao acolhimento das mesmas.

No relatório das Assistentes Sociais, de 26/05/97, referente a esta visita domiciliar, constou que a mãe morava em um quarto de cortiço, sujo, em desordem total, mobiliado com precariedade e muito abafado, com roupas jogadas no chão. No momento da visita, a mãe dormia e as crianças estavam junto à ela. A mãe relutou em abrir a porta e não saiu da cama. Foi irônica, agressiva e demonstrou pouco caso. Havia desconfiança e hostilidade por parte dos moradores. Uma vizinha disse que a mãe usava cola com outras mulheres do cortiço. As Assistentes Sociais terminaram por sugerir busca, apreensão e acolhimento das crianças no SOS Criança com ajuda policial dado o clima hostil que reinava no cortiço, com autorização para arrombamento da porta.

Diante dos fatos relatados, o Promotor concordou com as sugestões técnicas. A Juíza determinou, então, em 27/05/97, busca e apreensão das crianças com força policial, se necessário, e arrombamento, se o caso, autorizando as visitas da mãe aos filhos, considerando "a precariedade em que se encontram as crianças, situação que poderá redundar em efetivos riscos à integridade física e psíquica dos infantes".

Em 03/06/97 foi enfim realizada a busca e apreensão pelo Comissariado. As três crianças encontravam-se trancadas em casa. Eles arrombaram a porta com o concurso da polícia e de um chaveiro, tirando-as do local e entregando-as à UAE-1.

Na mesma data, depois da retirada das crianças, uma Assistente Social da VIJ informou ao Juiz que a mãe havia invadido a sala do Serviço Social, descontrolada, e tinha sido muito agressiva com uma Assistente Social, exalando forte odor de cola e com esta substância grudada nas roupas e na cabeça. O segurança foi chamado para contê-la. Ela gritou, disse que era uma pessoa ruim e

que ia se vingar de todos, ameaçando de morte as profissionais e falando muitos palavrões. Ela quis o endereço da Obra para onde as crianças haviam sido levadas, o qual lhe foi fornecido. A mãe disse que estava indo retirá-las. A UAE-1 foi avisada por telefone das ameaças da mãe.

No dia seguinte, a mãe compareceu novamente à VIJ e foi encaminhada à sala do Promotor, que a orientou. Depois, foi entrevistada no Serviço Social e solicitou a desinternação das crianças. Disse que ia fornecer endereços de parentes e comprovante de vaga em creche, tendo saído mais tranqüila. A Assistente Social sugeriu nos autos que as crianças permanecessem acolhidas, que houvesse manifestação da Psicologia e que fosse solicitado relatório à Obra e informações à outra VIJ sobre o processo da filha mais velha da genitora, sugestões estas acolhidas pela Juíza um dia depois.

Em 06/06/97, o Promotor se pronunciou nos autos, denunciando a mãe:

... por sérias ameaças de causar mal injusto e grave, com ameaças de morte, com emprego de faca e palavras de baixo calão às Assistentes Sociais, (...) por ter cometido crime de desacato (art. 331 do Código Penal), ameaças (art. 147 do Código Penal), constrangimento ilegal contra as Assistentes Sociais para que entregassem os filhos recolhidos por ordem judicial.

Requeru, então, que fosse enviado ofício à Delegacia de Polícia (DP) para lavrar auto de prisão em flagrante da genitora pelos delitos perpetrados, sublinhando que ela já tinha antecedentes criminais. A Juíza acolheu a cota do MP "ante a gravidade dos fatos noticiados", na mesma data.

No mesmo dia, as Assistentes Sociais foram chamadas à DP mas não quiseram representar contra a pessoa da mãe para a lavratura do ato de prisão em flagrante, preferindo apenas registrar a ocorrência a título preventivo. Foi então lavrado BO de ameaça.

Enquanto isso, a mãe voltou à creche para solicitar vagas aos filhos, mas lhe disseram que ela só as conseguiria com a condição de submeter-se a um tratamento médico de desintoxicação.

Uma petição do CERCA, protocolada em 24/06/97, informava que a mãe havia comparecido em 17/06 naquele serviço; que, ao chegar, tinha sido calma, depois foi muito agressiva, exaltando-se. Exalava forte cheiro de cola e havia afirmado que cola não era droga. A Advogada do CERCA acreditava que a mãe não tinha nenhuma condição de desabrigar as crianças pois continuava a se drogar e não trabalhava. Além disso, em virtude de a mãe ser pessoa agressiva, colocou em dúvida a viabilidade de visitar as crianças na Obra, prevendo que ela causaria tumultos. O relatório social do CERCA, anexado à petição, repetia alguns dados e acrescentava que ambos os pais haviam sido internos da FEBEM; que somente Denise havia sido registrada em nome do pai; que a filha mais velha, de 10 anos, estava institucionalizada desde os 2 anos de idade; e que os técnicos da UAE-1 haviam também sido ameaçados pela mãe.

Em 25/06/97, a Psicóloga da VIJ solicitou que a Obra apresentasse Denise e Pedro para entrevista psicológica.

A mãe compareceu, em 27/06/97, para fornecer o endereço de sua cunhada ao Serviço Social, solicitando que esta fosse chamada para assumir a guarda de seus filhos.

Em 15/07/97, o Promotor, ante as notícias apresentadas pelo CERCA, requereu proibição de visitas da genitora aos filhos na UAE-1 e que fosse realizada entrevista somente com a cunhada da genitora. O Juiz acolheu o pedido do Promotor em 17/07/97.

Neste interim, foi juntada aos autos, pela mãe, uma declaração de outra creche, a qual indicava que Denise havia frequentado seu programa de março de 1994 a dezembro de 1995, e que tinha apresentado desenvolvimento esperado para sua faixa etária, estava sempre asseada e com seus pertences organizados, apesar da situação precária da família.

Em 25/07/97, havia uma informação de outra Assistente Social, contando que uma funcionária da VIJ havia sido reconhecida pela mãe na rua e que esta a havia ameaçado, dizendo que voltaria para matar as Assistentes Sociais e o Juiz. A mãe estava cheirando cola com uma companheira na rua.

Em 11/08/97, a Psicóloga da VIJ voltou a solicitar que a Obra fosse oficiada para apresentar Denise e Pedro para avaliação psicológica, o que foi acolhido pelo Juiz em 18/08/97.

A entrevista com a cunhada da genitora aconteceu em 01/09/97 no Serviço Social. A irmã do genitor, com 22 anos, estava desempregada. Contou que seu irmão era usuário de drogas e estava preso por roubo. Ela vivia com um moço de 25 anos, que trabalhava como "tomador" de conta de carro na rua, e tinha dois filhos pequenos. Ele havia sido atropelado e usava sonda e pinos na perna, trabalhando com dificuldades. Portanto, ela afirmou que não tinha condições para amparar seus sobrinhos. Contou ainda que cuidou deles durante um tempo porque estavam sem alimentação adequada, mas a mãe os retirara dela sob gritarias. Afirmou que a mãe usava drogas havia muitos anos e que agredia fisicamente as pessoas quando contrariada, utilizando às vezes uma faca. Segundo relatou, ela (irmã) e o genitor tinham mais cinco irmãos menores internos na FEBEM. Após o relatório, a Assistente Social sugeriu manifestação da Psicologia.

Em 05/09/97, a nova Promotora no processo propôs ação de destituição do pátrio poder (DPP) dos pais em separado e requereu o assento de nascimento do bebê. O processo de DPP foi então instaurado por "abandono material, assistencial, moral e psicológico dos filhos". Os pais foram citados e para eles foram nomeados defensores dativos<sup>47</sup>.

Um relatório da UAE-1 foi juntado aos autos em 05/09/97. Além dos dados já conhecidos, o relatório, assinado por uma Psicóloga, pela Encarregada Técnica e pela Coordenadora Técnica da Obra, acrescentou o seguinte:

... A mãe foi moradora de rua, interna da FEBEM, disse que desconhece o paradeiro de seus pais e que não possui parente que possa ajudá-la. Não quis falar sobre drogas, tendo dito que há três semanas não cheirava. (...) que não vê [a filha mais velha], de 9 anos, há 7 anos. [a mãe foi orientada]

Em 18/06/97, [a mãe compareceu] novamente solicitando atendimento técnico. Como não foi possível atendê-la no momento, ela ficou agressiva, inadequada e invadiu o quarto onde estavam as suas crianças. [no caminho] tentou agredir a assistente social de plantão, puxou o braço de uma criança que supostamente havia batido em [Denise]. [Foi orientada e agendaram outro atendimento para 20/06].

<sup>47</sup> Neste ponto, terminava o processo no primeiro momento da coleta de dados do histórico e, na seqüência, foram realizadas as sessões de observação.



[Neste] a mãe foi agressiva verbalmente e foi preciso interromper o atendimento. Invadiu o quarto e o berçário, retirou os filhos para ficar com eles. Depois, deixou os filhos em seus lugares. (...) insultou e agrediu verbalmente as técnicas.

(...) [Em outro contato, a mãe recebeu mais uma orientação para tratamento contra drogas]. A mãe falou sobre a sua infância de abandono materno e do ressentimento que nutre por sua genitora. [Relatou-se o contato feito com a assistente social da Cruzada Pró-Infância que informou sobre o caso].

Em 24/07/97, a mãe foi informada da proibição de visitas. Ela ouviu, depois questionou, depois tornou-se bastante agressiva e invadiu a casa para ver os filhos de qualquer jeito. Disse palavrões, disse que podia chamar a polícia, esmurrou o braço de uma das técnicas que tentava conversar com ela, saindo correndo a seguir. A Vigilância foi acionada e ela foi retirada à força dentro de uma viatura de polícia. Na portaria, agrediu fisicamente uma das vigilantes e ameaçou a todos de se vingar. (...) Em 27/07 e 03/08/97, a mãe tentou visitar os filhos e fez mais escândalos e ameaças aos funcionários tendo sido necessário força policial para afastá-la do abrigo.

Em virtude de todo ocorrido e também da informação de que o tênue vínculo que os profissionais haviam estabelecido com a genitora havia se rompido com a proibição de visitas, estes avaliaram como muito difícil restabelecerem qualquer tipo de trabalho com ela. Sugeriram que o grupo de irmãos fosse transferido para uma Obra de permanência continuada.

Em 03/10/97, a Assistente Social da VIJ, face às informações da Obra, sugeriu que as crianças permanecessem acolhidas aguardando transferência; que se aguardasse a definição legal das crianças na ação de DPP e que fosse solicitado o resultado dos exames de HIV e VDRL<sup>48</sup>, sugestões acolhidas pela Juíza.

Os resultados dos exames médicos das crianças chegaram em 31/10/97. Para Denise estava indicado eutrofia<sup>49</sup> e anemia em tratamento com boa evolução – pesava 14.900 gramas e media 105 cm. Exames HIV e VDRL negativos. Pedro apresentava o mesmo diagnóstico, acrescido de adenopatia<sup>50</sup>. Diana também, acrescido de otite e verminose.

Em 08/11/97, um ofício da UAE-1 foi juntado aos autos, comunicando que as três crianças tinham sido transferidas para uma outra Obra (Associação das Senhoras Evangélicas de São Paulo).

Em 05/12/97, a Psicóloga da VIJ juntou o relatório da avaliação das crianças Denise e Pedro, sendo que o atendimento parece ter sido realizado em 11/09 e o atraso na apresentação do relatório deveu-se ao fato de ela não ter tido acesso aos autos; portanto, os dados se referem ao período em que as crianças ainda estavam na UAE-1. A Educadora que acompanhou as crianças, havia lhe contado que a mãe foi muito afetiva com elas nas visitas, que sentiu ciúme do relacionamento das funcionárias com seus filhos; que as crianças haviam regredido muito após a proibição de visitas da mãe, tendo ficado tristes; que acreditava que o vínculo afetivo entre mãe e filhos era muito forte. Denise e Pedro relataram à Psicóloga que sentiam falta da mãe e não queriam ir para outra família. Denise contou que tinha mais irmãos. Ela e Pedro afirmaram ter vínculo

<sup>48</sup> VDRL é um exame feito para detectar sífilis.

<sup>49</sup> Eutrofia é o estado de nutrição e crescimento normais.

<sup>50</sup> Adenopatia é uma inflamação nos gânglios.

com a tia paterna entrevistada na VIJ. "As crianças pareceram triste, um pouco inibidas e deixaram claro o desejo de voltar a conviver com a genitora", concluiu a Psicóloga.

Esta Psicóloga entrevistou a mãe em 09/12/98, no processo de DPP, que lhe afirmou não ter mais cheirado cola desde que os filhos foram acolhidos. Mostrou um comprovante de que estava fazendo psicoterapia em clínica universitária, mas queria mudar o atendimento pela distância de sua moradia. A Psicóloga observou que ela estava relativamente calma, verbalizando com clareza e coerência, tendo apresentado, em alguns momentos, verbalizações agressivas, principalmente quando se falava na possibilidade de perder os filhos. Assim, segundo a avaliação, era emocionalmente instável, com dificuldade para organizar sua vida e de assumir os cuidados dos filhos, embora fosse bastante vinculada afetivamente aos mesmos.

Em 12/12/97, um ofício da Associação das Senhoras Evangélicas de São Paulo (ASESP) solicitava a transferência das três crianças para ao Movimento de Assistência dos Encarcerados do Estado de São Paulo (MAESP), uma instituição que desenvolve um trabalho voltado aos filhos de presidiários.

Em 22/12/97, uma Escrevente da VIJ informou sobre o andamento do processo de DPP e que a mãe havia sido autorizada a visitar os filhos naquela data. Esta visita foi relatada pela Obra como tendo sido tranqüila. Foi observada muita afetividade entre mãe e filhos, principalmente com a filha Denise, que estava muito carinhosa e havia contado ter boas recordações dos pais quando ela e os irmãos viviam com eles. A mãe não tinha fixado residência e não trabalhava.

Na VIJ, a mãe compareceu em 05/01/98, solicitando nova autorização para visitar os filhos. Nesta ocasião, a mãe relatou à Assistente Social que o contato com as crianças tinha sido bom, que as crianças ficaram felizes e a pequena havia chorado.

Em 14/01/98, a Diretoria Técnica da VIJ informou que a mãe, por morar perto do Fórum e não ter trabalho, inconformada com o abrigamento dos filhos, comparecia diariamente à VIJ cada vez mais agressiva, entrando em qualquer sala sem controle, fazendo ameaças físicas e verbais aos funcionários, dizendo que iria quebrar os carros destes estacionados do lado de fora do prédio. Providências foram pedidas para a proteção dos funcionários. Face à notícia, o Juiz determinou que a mãe fosse proibida de entrar nas dependências da VIJ.

Em 04/02/98, um ofício da Obra informou que as crianças haviam sido transferidas para o MAESP em 12/01/98.

A Assistente Social da VIJ manifestou-se solicitando relatório ao MAESP em 04/03/98 e sugerindo manifestação da Psicologia, o que foi acolhido pelo Juiz em 10/03. A Psicóloga em 18/03 solicitou que os autos fossem encaminhados à ela para ciência quando da chegada do relatório do MAESP.

Em 02/04/98, a mãe encontrou uma funcionária da VIJ no saguão do Fórum e a xingou, o que levou o Juiz a estender a proibição de entrada dela ao prédio todo.

Em 15/05/98, o relatório do MAESP foi juntado aos autos. Informava que as crianças encontravam-se bem adaptadas. Denise e Pedro estavam cursando pré-escola. Pedro se mostrava muito apático. Denise e Diana estavam mais



comunicativas e interagiam bem com as demais crianças da Obra, sendo meigas, afetuosas e muito unidas. Denise cuidava dos irmãos. Não tinham recebido visitas de familiares.

Diante deste relato, a Assistente Social da VIJ, em 14/07/98, sugeriu que as crianças permanecessem acolhidas e que se aguardasse o andamento do processo de DPP. A Psicóloga reiterou estas sugestões e o Juiz as acolheu.

Em 17/07/98, foi juntada aos autos de DPP uma informação sobre a situação processual da mãe, enviada pelo Serviço Técnico de Informação Criminal: ela era ré em 9 processos criminais de 1989 a 1998.

Em 28/08/98, constou no processo de DPP que o pai não estava mais na prisão e não tinha sido citado enquanto lá se encontrava. Então, o Juiz tomou providências para localizá-lo e poder citá-lo, o que foi conseguido em 17/09/98. O pai tinha sido preso por condenação em três processos criminais de 1994 e 1995, com pena total de 3 anos, 9 meses e 10 dias. Na verdade, ele não tinha sido libertado, mas sim abandonado o regime semi-aberto em 05/01/98 por ocasião da saída temporária.

No período de 19/12/98 a 04/01/99, as três crianças foram passar as festas de natal, separadas, em famílias de funcionários da Obra. Em 12/09/99, foi enviado um ofício à Obra para que as crianças fossem apresentadas para entrevistas nos Serviços Técnicos da VIJ em 23/03/99.

## G2.2. Aline

Os dados deste menina, com 6 anos e 4 meses<sup>51</sup> à época da observação, foram coletados principalmente de fonte documental – do processo da VIJ, em dois momentos distintos: o primeiro, em 05/09/97, antes da realização das sessões, no qual coletei os dados do início do processo (abril de 1997) até a última informação do mesmo, datada de 31/07/97; e o segundo, em 18/03/99, quando a adoção de Aline já tinha sido concretizada, no qual complementei os dados até o presente. As informações contidas no prontuário da criança na UAE-1, coletadas no primeiro momento, coincidiam com aquelas dos autos do processo, sendo estas mais completas.

O caso começou quando Aline foi levada ao SOS Criança em 12/04/97 por policiais, que informaram que ela estava perdida em um bairro na extrema zona norte de São Paulo. Ela havia relatado que seus pais viajaram à Bahia, deixando-a sozinha, sendo esta a única informação que revelou de seus familiares. Aparentava ter aproximadamente 5 anos. Na informação do SOS Criança constava o nome de Aline com dois sobrenomes, embora não se tenha explicado como coletaram este dado. Também constava nomes de pai e de mãe, sem que se soubesse de onde viera tal informação. Aline foi abrigada na UAE-1. O processo na VIJ se iniciou com estas informações enviadas em notificação do SOS Criança em 16/04/97.

Em 15/05/97, foi juntado aos autos um relatório técnico da UAE-1, assinado pela Encarregada Técnica, com o EVI de Aline. O relatório dizia que a Obra havia sido informada do comparecimento de um senhor no SOS Criança em 17/04:

<sup>51</sup> Segundo Exame de Verificação de Idade (EVI).

... A princípio, ele se identificou como pai e disse que a procurava desde 12/04/97, dizendo que sua família mudou-se de [uma cidade próxima a São Paulo] para [um bairro na extrema zona norte de São Paulo], que [Aline] saiu para brincar na rua e não voltou. Ele acredita que ela tenha se perdido por não conhecer o bairro. Alegou não ter a certidão de nascimento consigo, e depois disse que não a tinha porque [Aline] fora deixada ainda bebê por sua mãe em sua residência. Desde então ele e sua esposa [nome desta] cuidam da menina. Foi orientado a procurar o documento e voltar. [Em 23/04/97, por contato telefônico com o SOS Criança], ele informou não possuir realmente a certidão de nascimento de [Aline] e desconhecer se a mãe a havia registrado. Foi orientado a comparecer no Fórum.

A Encarregada Técnica da UAE-1 sugeriu então que este casal fosse intimado a comparecer na VIJ para esclarecimentos. Informou, outrossim, que, em 26/04/97, a imagem de Aline foi divulgada em um Programa de TV e, após o mesmo, não tinha sido procurada por ninguém até aquela data.

O EVI, com data de 08/05/97, indicava que Aline é uma criança de cor branca, de 110 cm de altura, com peso de 20.400 gramas, e concluía que ela tinha idade provável de 6 anos. Assim, a data base para o registro foi a de 08/05/91.

Em 24/06/97, a Assistente Social, tendo tomado conhecimento das informações da Obra, sugeriu que o casal, que dizia ter criado a menina, fosse intimado, o que foi acolhido pela Juíza em 02/07/97. A mesma Assistente Social informou em 31/07/97 que o casal não havia sido localizado para a intimação, tendo sugerido assento do registro de nascimento da criança com base nos elementos do EVI e ofício solicitando mais informações à Obra<sup>52</sup>, sugestões acolhidas pela Juíza em 06/08/97.

A Assistente Social solicitou novamente, na data de 18/09/97, informações à UAE-1 sobre eventuais visitas de familiares após a divulgação da imagem pela imprensa e sugeriu que se aguardasse a juntada da certidão de nascimento.

Em 25/09/97, a Juíza da VIJ indicou os acontecimentos desde o início do processo, sublinhando que Aline estava acolhida desde 12/04 sem ter sido procurada até aquela data e que haviam sido esgotados os meios para a localização dos genitores. Diante do que expôs, declarou Aline em estado de abandono, sem filiação e determinou que tal decisão fosse publicada em Cartório e que fosse expedido mandado de registro de nascimento com os dados constantes dos autos, sem filiação, bem como o encaminhamento dos autos ao Cadastro de Pretendentes à Adoção (CPA).

Em 15/10/97, foi juntada aos autos a informação de que Aline havia sido transferida em 13/10 ao MAIS.

O registro de nascimento de Aline chegou aos autos em 23/10/97 e foi lavrado com a data de nascimento de 08/05/91, conforme o EVI.

Em 07/11/97, a Juíza determinou mais uma vez que os autos fossem enviados ao CPA para informar acerca de casais brasileiros inscritos e habilitados para a adoção da criança, por ordem cronológica de inscrição e, caso não houvesse, que a Comissão Estadual Judiciária de Adoção Internacional (CEJA) e um projeto de adoção fossem consultados.

<sup>52</sup> Quando realizei as observações do brincar da crianças, tinha informações até este momento dos autos.

Uma Assistente Social da VIJ, em busca no CPA, localizou, em 14/11/97, dois casais brasileiros interessados em uma criança como Aline. Sugeriu que fosse solicitado ao MAIS uma fotografia da criança e resultados dos exames de HIV e VDRL, o que foi acolhido pela Juíza.

Em 01/12/97, o primeiro relatório do MAIS foi apresentado aos autos, assinado por uma Psicóloga e uma Assistente Social, do qual destaca-se o seguinte conteúdo:

... [Aline] apresentou boa capacidade adaptativa à nova instituição. (...) Diante da carência de dados sobre seu histórico de vida, nosso trabalho inicial focalizou as informações que a própria criança tinha condições de fornecer. Conversamos bastante com [Aline] para estabelecermos uma relação de confiança e criamos situações que favorecessem suas colocações. Observamos que, ainda hoje, contradiz-se no decorrer de sua fala, porém muitos conteúdos são constantes, faz referências à família apontando o sr. [...] e a sra. [...] [aquele casal que havia cuidado dela], mencionados na identificação, como sendo seus pais, diz possuir irmãos, não precisando exatamente quantos, porém dois deles aparecem em seu relato de forma significativa [nomes de filhos deste casal], relacionados aqui por ordem de significação afetiva.

Sobre a dinâmica familiar, [Aline] descreve um pai alcoolista que maltrata a mãe quando está bêbado, porém provedor de afeto e pessoa que subsidia financeiramente a família, através de seu trabalho. Uma mãe que desempenha as funções domésticas, não ingere bebida alcoólica, mas não lhe é carinhosa. A irmã que ajuda a mãe nas tarefas do lar e brinca com ela. Fala de duas crianças pequenas, apontando-as ora como irmãos, ora como filhos da irmã. Na figura do irmão centraliza os sentimentos mais profundos e ambivalentes, o qual situa como motivador de seu afastamento familiar, manifestando grande afetividade para com ele, admiração e saudade e, ao mesmo tempo, ressentimento, tristeza e rejeição. Sempre que lhe é colocada a alternativa de retorno para casa, descarta esta possibilidade alegando não ser bem vinda por ele. Afirma: 'Ele era meu amigo, agora ele não gosta mais de mim, e não quer que eu volte'.

[Aline] apresenta facilidade para expressar-se verbalmente, tem bom nível intelectual e mostra-se bastante receptiva quando solicitada a conversar, muitas vezes manifestando espontaneamente o desejo de falar sobre si e sua vida pregressa.

(...) Em 25/11/97, telefonamos para o trabalho do sr. [que cuidava de Aline] que informou não ser o pai biológico de [Aline] e ignorar o paradeiro de sua genitora. Esta deixou a criança sob sua responsabilidade e da esposa quando contava 7 meses de vida, nunca mais retomando. Desconhece a existência de certidão de nascimento de [Aline]. Ele tem 60 anos e convive com a sra. [nome da esposa], 60 anos, há 32 anos. Possuem quatro filhos biológicos: [uma moça], 31 anos, [outra moça], 24 anos, [uma adolescente], 14 anos, possui um 'filho de criação' (...), 14 anos. Sr. [que cuidou de Aline] trabalha no Setor de Limpeza da [nome da instituição], com salário de 500 reais.

(...) [Este sr.] acha que a menina tenha se perdido quando saiu para procurá-lo. Indagado quanto a ter cessado a busca por [Aline] disse que a falta de documentação dificulta suas possibilidades de reavê-la, que gosta muito dela, porém a esposa aconselhou-o a não tentar mais localizá-la, não sabendo o motivo da sugestão. Foi orientado a se apresentar na [VIJ].

(...) Percebeu-se que [Aline], embora confusa e contraditória em seu discurso, apresenta ressentimentos ligados às figuras parentais, principalmente ao irmão pelo qual se sente rejeitada. A cada vez que lhe é dada oportunidade para falar de sua vida, acrescenta elementos novos aos anteriormente relatados, sendo-lhe difícil



esclarecer o que de fato ocorreu e quais são seus desejos a partir de então. (...) Sugerimos que o casal seja ouvido pelos Serviços Técnicos da Vara para esclarecer os cuidados dispensados à ela e intenções futuras. (...).

Junto ao relatório, foi apresentada uma fotografia recente de Aline e os resultados dos exames (negativo para HIV e não-reagente para VDRL).

No relatório da Assistente Social da VIJ, de 11/12/97, referente ao atendimento do casal guardião de fato de Aline, restou configurado o desinteresse do mesmo. A Assistente Social sublinhou, então, a necessidade de garantir à criança uma família que lhe propiciasse "adequadas condições afetivas e materiais para o seu pleno desenvolvimento". Indicou o primeiro dos casais inscritos no CPA e sugeriu manifestação da Psicologia. A Juíza, em 18/12/97, acolheu a sugestão da Assistente Social e, caso o casal se interessasse pela adoção de Aline, autorizou visitas deste à criança na Obra e desinternação da mesma para estágio de convivência.

Este casal compareceu à VIJ em 30/12/97 para buscar a autorização para conhecer Aline, sair com ela e desinterná-la se já houvesse "empatia recíproca". Ela foi, então, desacolhida em 31/12/98.

Em 07/01/98, o casal se apresentou à Vara para solicitar a guarda de Aline e formalizar o pedido de adoção. Relatou à Assistente Social que o encontro com a criança havia sido ótimo, que ela havia reagido prontamente, que havia demonstrado e verbalizado sentir-se feliz, tendo neste período apresentado cada membro da família pretendente como seus pais, irmão e avó. O filho da casal, de 9 anos, também adotado, havia sido receptivo à Aline. O casal havia conhecido a história da criança naquela data e já havia manifestado como gostaria que a criança se chamasse quando do deferimento da adoção. A Assistente Social foi favorável à concessão da guarda e sugeriu estudo social por visita domiciliar.

Em 07/01/98, houve avaliação psicológica na VIJ. A Psicóloga relatou que:

... O casal contou que gostou de [Aline] e a deseja como filha. Seu filho [nome deste e idade], também adotivo e que apresenta um atraso no desenvolvimento emocional e na linguagem, recebeu bem a menina e aceita sua permanência como irmã mais nova. A mãe da interessada, que reside com a família, teve uma boa impressão de [Aline] e compartilha do desejo do casal de que ela faça parte da família.

(...) [Aline] verbalizou o desejo de permanecer com o casal [identificando-o como pais, irmão e avó]. Observou-se que o casal está motivado para assumir a guarda de [Aline] com vistas à adoção, demonstrando disponibilidade interna para recebê-la como sua segunda filha. As colocações do casal revelam sensibilidade e maturidade. (...) [Aline] pareceu ser uma criança inteligente e esperta, mas manifestou alguns comportamentos de birra, que precisarão ser trabalhados pelo casal. Ela demonstrou desejar permanecer nesta família. ...

A Psicóloga concluiu que o casal apresentava condições afetivo-emocionais para assunção da guarda e sugeriu aprofundamento da avaliação psicológica durante a vigência do termo de guarda e responsabilidade (TGR).

Em 13/01/98, o Juiz deferiu TGR por um ano e estágio de convivência de 180 dias. Determinou que a visita domiciliar da Assistente Social ocorresse em abril do mesmo ano e que o acompanhamento psicológico tivesse curso durante o estágio de convivência.

Em 27/03/98, a Psicóloga da VIJ apresentou mais um relatório referente a dois retornos de acompanhamento realizados em 28/01 e 11/03. Observou ter havido:

... desenvolvimento positivo do vínculo afetivo já iniciado entre os guardiões e [Aline]. Gradualmente está ocorrendo integração de [Aline] como membro da família e os guardiões continuam motivados para adotá-la, assim como [Aline] vem manifestando o desejo de permanecer com eles. O relacionamento entre [Aline] e o [irmão] está se aprofundando, havendo manifestações cada vez mais espontâneas de sentimentos, tais como os de carinho, de raiva e de ciúme. Ambos estão aprendendo a conquistar seus espaços individuais e também a compartilhá-los entre si (...). [Aline] manifestou no primeiro mês (...) fortes comportamentos de birra, principalmente direcionados à guardiã, (...) que foram superados e [Aline] vem respondendo de forma positiva às intervenções da guardiã.

[Aline] está começando a falar sobre o seu passado, principalmente com a guardiã, e pelas colocações feitas a impressão é a de que a guardiã está sendo contida à menina. O casal vem apresentando uma postura adequada e madura frente à história de [Aline]. (...)

Do ponto de vista psicológico, observou-se que o período de adaptação familiar está transcorrendo satisfatoriamente, havendo empenho de todos para superação dos problemas que surgiram até este momento. ...

Esta Psicóloga sugeriu a manutenção da guarda, a continuidade do acompanhamento até o fim do estágio de convivência e comunicou que estava sendo substituída por outra Psicóloga no caso, em virtude de transferência de local de trabalho no Tribunal de Justiça.

Na visita domiciliar realizada em 08/05/98, a Assistente Social apurou da família adotante:

... Moram em [bairro entre zona sul e centro de São Paulo]. Sra. [nome da guardiã], 45 anos, psicóloga, proprietária de [nome do estabelecimento de ensino], é casada há 10 anos, com o sr. [nome do guardião], 35 anos, comerciante, proprietário de [nome do estabelecimento].

[Descreveu um apartamento da classe média, bem equipado], ótimas condições de higiene e organização. [Renda mensal da família acima de 15.000 reais]. [Descreveu problemas de esterilidade do casal].

(...) [Aline] freqüente escolinha [nome da escola]. Está totalmente adaptada junto à família. (...) [Aline] é muito bonita e inteligente e muito afetiva com a guardiã. [Esta] é equilibrada e está satisfeita como mãe. As relações familiares são harmoniosas, e o ambiente apresenta condições favoráveis aos cuidados e educação da criança.

A Assistente Social foi favorável à adoção da criança.

A Psicóloga, que iniciou no caso, informou em 09/04/98, no relatório de acompanhamento, que o casal continuava motivado e que o vínculo afetivo estava se desenvolvendo. Aline continuava com comportamentos de birra, tinha apresentado rebeldia, se apropriado de objetos dos colegas da escola, testava os limites dos guardiões e tentava "usar de manipulação na escola", segundo relatou a Psicóloga. Aline chorou na entrevista quando contou ter sido repreendida por ter escondido um brinquedo de um colega e levado para casa. A Psicóloga sugeriu continuidade do acompanhamento.



Em 10/06/98, a mesma profissional apresentou o relatório conclusivo do acompanhamento psicológico, com o seguinte conteúdo:

... o casal continua bastante motivado para a adoção. Estabeleceu-se um vínculo afetivo-emocional significativo entre o casal e a criança. [Aline] se integrou e se adaptou gradativamente. No início, apresentou os comportamentos mencionados no último relatório, além de atuar de forma destrutiva e com oralidade com os brinquedos. Estes comportamentos levaram a algumas crises e dificuldades no relacionamento do guardião e [Aline], e entre esta e o irmão. [Aline] foi pouco a pouco mudando sua conduta em função das posturas adequadas dos guardiões e da intervenção destes para o estabelecimento de limites. [Aline] está, então, mais socializada, sente-se mais segura junto à família substituta, respeita os guardiões e professores, parece ter superado seu comportamento de birra e não se apropria de objetos alheios. Melhorou também o aspecto da oralidade e destrutividade.

(...) No relacionamento de [Aline] com o irmão ainda há carinho, ciúme e disputa. (...) [Aline] é muito esperta, ativa, inteligente, organizada. (...) consegue dominar o espaço, inclusive o do irmão que apresenta atraso (...). Este já lida melhor com o ciúme da irmã. (...) [Aline] é mais apegada à guardiã. Mostra-se alegre e deseja ser adotada pelos guardiões, identificando-os como pai e mãe. Psicologicamente, estes desempenham satisfatoriamente a função paterna e materna para [o irmão] e [Aline] propiciando-lhes ambiente e condições favoráveis às necessidades específicas de cada criança.

O parecer psicológico também foi favorável à adoção.

Em 15/09/98, saiu a sentença de adoção de [Aline], que ganhou, além do seu original, um segundo prenome e o sobrenome de seus pais adotivos. Em 14/10/98, seu novo registro de nascimento foi feito e o anterior cancelado. O Juiz determinou arquivamento dos autos em 10/11/98.

### G2.3. Nilo

Os dados deste menino, com 6 anos e 4 meses<sup>33</sup> quando foi feita a observação, foram coletados principalmente de fonte documental – do processo da VIJ, em dois momentos distintos: o primeiro, em 05/09/97, antes da realização das sessões, no qual coletei os dados do início do processo (março de 1997) até a última informação do mesmo, datada de 24/06/97; e o segundo, em 17/03/99, quando Nilo já estava novamente com a família que o havia criado, no qual complementei os dados até o presente. Os dados do prontuário da criança na UAE-1 continham informações que coincidiam com aquelas do primeiro momento de coleta nos autos do processo, sendo que estas eram mais completas.

O caso se iniciou com uma notificação em 14/03/97 do SOS Criança à VIJ, a qual relatava o conteúdo de uma denúncia anônima:

... um menino de mais ou menos 5 anos, sem documentação, apresentando lesões pelo corpo e principalmente na cabeça, não recebe cuidados pessoais e higiênicos por parte de uma sra. [nome desta] que é remunerada para tal função pelo genitor [nome deste e endereço].

Duas Assistentes Sociais do SOS Criança entraram em contato com este senhor (indicado como genitor na denúncia), o qual lhes disse que não era o pai da criança; que Nilo havia sido encontrado por sua companheira junto a sacos de lixo de um bairro de classe média alta de São Paulo havia aproximadamente 4

<sup>33</sup> Com base em EVI.

anos; que, por insistência dela, resolveram ficar com o menino, mas não providenciaram nenhuma documentação; que em agosto de 1995, a companheira havia sido presa, enquadrada no artigo 171 do Código Penal e cumpria pena de 3 anos e 15 dias em uma DP; que desta data em diante, durante 9 meses, Nilo passou a ser cuidado por uma irmã dele (o senhor); que de maio de 1996 até aquele momento, uma moça era paga por ele para cuidar do menino; e que ele desconfirmava a denúncia de maus-tratos e negligência. Manifestou-lhes, ainda, seu interesse em obter a guarda da criança, apesar de ter dito que tinha 4 filhos com idades entre 11 e 15 anos.

Esta moça que cuidou do menino, ao ser questionada, declarou às profissionais do SOS Criança que cuidava dele havia 1 ano e 9 meses, ganhava 150 reais por mês daquele senhor para este trabalho, e não tinha interesse em ficar com ele sem ganhar. Disse que uma amiga sua havia conhecido a guardiã de fato do menino quando este contava 1 ano e 8 meses de idade, e que ela havia dito que o achara em um cesto de lixo e que resolvera criá-lo. Ela teria dito também que o menino era portador do vírus HIV. Declarou, ainda, que uma senhora achou que Nilo se parecia com uma criança que havia desaparecido com 1 ano e 7 meses no Rio de Janeiro em maio de 1993, que tinha inclusive um prenome similar.

Por essa razão, o Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente foi chamado no Rio de Janeiro pelo SOS Criança, tendo informado que aquele menino continuava desaparecido. O SOS Criança solicitou, então, providências à VIJ.

Face ao pedido, o Juiz determinou, em 02/04/97, visita domiciliar urgente, a qual foi realizada 15 dias depois. A Assistente Social relatou que a moça que cuidava do menino não tinha condições de permanecer com ele porque não trabalhava e tinha dois filhos. Segundo contara a tal moça, o senhor que dizia ter sido guardião de fato da criança não visitava o menino havia 3 meses e também tinha deixado de pagá-la, a guardiã de fato continuava presa e havia visitado duas vezes a criança à noite com acompanhamento policial; e por mais de uma vez pessoas haviam lhe chamado a atenção na rua para a semelhança de Nilo com este menino desaparecido cuja fotografia aparecia em um cartaz espalhado pela cidade.

A Assistente Social olhou o cartaz e constatou também a semelhança. Informou-se junto ao referido Centro no Rio de Janeiro, o qual reiterou que a criança continuava desaparecida e que um contato seria feito com os genitores da mesma para futuro reconhecimento. Assim, a Assistente Social sugeriu que a criança fosse acolhida por meio do próprio SOS Criança e providências para que fosse feita uma certidão de nascimento para Nilo. O Juiz acolheu estas sugestões em 28/04/97, determinando busca e apreensão do garoto e seu encaminhamento para o SOS Criança, o que ocorreu em 07/05/97. Dois dias depois, Nilo foi abrigado na UAE-1.

Em 18/05/97, a Obra enviou aos autos o resultado do EVI feito em 15/07/97 em Nilo, com os seguintes dados: cor parda, peso de 18.600 gramas e estatura de 115 cm.; idade provável, naquela data, de 6 anos, e data base para registro: 15/05/91. Com estes dados, a Assistente Social sugeriu, em 16/06/97, o assento do registro de nascimento da criança e solicitou autorização para que a imagem

dela fosse divulgada na TV, o que foi atendido pelo Juiz em 24/06/97. A certidão de nascimento foi feita em 21/07/97, com base no EVI<sup>54</sup>.

Um relatório da UAE-1, assinado pela Encarregada Técnica, foi apresentado em 25/09/97 nos autos. Iniciava com o histórico já conhecido e acrescentava que:

... Em 12/08/97, compareceu a sra. [guardiã de fato] (...). Relatou ter encontrado [Nilo] com 3 meses de idade, junto a sacos de lixo da rua [nome desta], tendo o criado desde então. Questionada sobre a regularização da situação de [Nilo], respondeu que não foi atrás da certidão de nascimento da criança porque não teve tempo. Saiu recentemente (08/08/97) da Penitenciária Feminina do Carandirú onde cumpriu toda a sua pena, tendo sido presa e sentenciada por estelionato (artigo 171), (...) que não tinha culpa alguma e que a verdadeira culpada era uma antiga vizinha (...) com quem mantinha amizade, e que foi envolvida porque estava na residência desta senhora quando a polícia chegou.

Enquanto ficou presa, sr. [guardião de fato] continuou trabalhando como pedreiro e eletricista e cuidando dos 4 filhos do casal de 16, 15, 13 e 12 anos. (...) O encontro entre a sra. [guardiã] e [Nilo] foi muito afetivo, ele ficou muito contente e lhe perguntou: 'quando eu vou para casa, mãe?'

(...) Foi feito contato com o pai da criança do Rio de Janeiro, que foi roubada por uma pessoa da rua, mas o menino não apresentava as características relatadas. [fotografias iam ser enviadas pelo correio]

(...) [Nilo] recebeu visitas semanais de [guardiã de fato] e família em 17, 24 e 31/08/97, 07, 14 e 21/09/97, nas quais observou-se o carinho e o afeto dispensado por todas as pessoas à criança. O reencontro o beneficiou muito. ...

O relatório da Obra terminava sugerindo que fosse dada a guarda de Nilo ao casal guardião de fato.

Aos 13/10/97, a Obra informou que Nilo havia sido transferido ao MAIS.

Em 14/10/97, a Assistente Social da VIJ sugeriu entrevista com o casal, a qual foi realizada em 10/11/97. O relatório respectivo informava:

... [o guardião], 62 anos, solteiro, analfabeto, encanador e pedreiro autônomo e sua companheira [nome desta], 44 anos, 1º grau incompleto, separada de fato, ambulante, residentes [endereço]. (...), solicitam o desacolhimento de [Nilo].

A guardiã contou que encontrou [Nilo] em uma caixa de papelão, abandonado, quando levava seus filhos para a escola. Desde então, o criaram, mas nunca regularizaram sua situação.

[Quando foi presa] entregou [Nilo] aos cuidados de [dados da pessoa] para cuidar dele sob pagamento. Os filhos adolescentes permaneceram com o pai e [Nilo] foi entregue à tomadeira de conta porque era o menor e o guardião não tinha condições de cuidar dele. O sr. [guardião] visitava a criança, mas [a tomadeira de conta] a escondia (sic). (...)

Quando saiu da prisão, [a guardiã] foi direto ao SOS Criança com a fotografia de [Nilo] e o localizou. (...) [A guardiã] disse que os filhos estão ansiosos para a volta dele. Afirmou que o tem visitado freqüentemente.

(...) Residem em apartamento alugado, composto de ampla sala, um quarto e demais dependências. O sr. [guardião] trabalha para uma [nome da empresa] fazendo reparos. Não é registrado e percebe 900 reais. Sra. [guardiã] vende

<sup>54</sup> As sessões de observação foram realizadas em meados de setembro de 1997.

[determinados produtos como ambulante] e sua renda gira em torno de 800 reais. Todos os filhos estudam [relata escolas e séries]. ...

Esta Assistente Social sugeriu que fosse feito estudo social por visita domiciliar, o que foi realizado por outra Assistente Social em 08/12/97. O relatório desta acrescentou os seguintes dados:

... Com a família, mora uma amiga [nome desta], de 30 anos. (...) Apartamento mobiliado com bons eletrodomésticos e em condições sanitárias satisfatórias. (...) A família está inscrita em mutirão para construção de moradias populares. (...) Sr. [guardião] trabalha há 26 anos como autônomo (...).

(...) [Nilo] já passou 4 fins de semana com a família e chora ao ser levado para a instituição de volta. (...) O casal quer o desacolhimento da criança o mais rápido possível.

(...) Sr. [guardião] frequenta a [uma Igreja Evangélica] e a sra. [guardiã] é católica praticante. (...)

Parecer: Sra. [guardiã] e Sr. [guardião] são pessoas simples, em situação de entrevista se mostraram educadas, afetivas e muito interessadas na criança, bem como nos filhos, os quais foram elogiados como jovens obedientes, estudiosos e de comportamentos satisfatórios. A futura 'madrinha' [a amiga que morava na casa] nos pareceu uma pessoa responsável, batalhadora, interessada em apoiar a criança. ...

Esta Assistente Social sugeriu o desacolhimento de Nilo com termo de guarda e responsabilidade (TGR) com vistas à adoção ao casal. O Juiz acolheu a sugestão.

Em 17/12/97, o TGR foi expedido com validade até 16/12/98. Nilo foi desabrigado em 18/12/97.

A Psicóloga da VIJ apresentou, em 19/01/98, relatório referente a duas entrevistas psicológicas realizadas em 17 e 22/12/97. Na parte do histórico, a Psicóloga acrescentou que o casal guardião teve seis filhos, os quatro adolescentes e dois natimortos. A guardiã também tinha um outro filho de 23 anos, casado, fruto de um relacionamento anterior. Além disso, lia-se no relatório que:

... O casal acrescentou que [Nilo] não tem conhecimento de sua verdadeira origem e que não pretende revelar a ele a sua história.

Na primeira entrevista, o casal mostrou-se ansioso para desacolher o menino e manifestou o desejo de adotá-lo, alegando reconhecê-lo como filho e querer regularizar a sua situação, inclusive quanto a seu sobrenome. Na segunda entrevista, o casal já havia desacolhido o menino e este compareceu com o casal.

Em entrevista, [Nilo] pouco conversou e quando o fez não conseguiu expressar-se com clareza, ora dizendo que queria permanecer com o casal ora dizendo que queria voltar à Obra. Às vezes, parecia que ele apresentava dificuldade de expor seus pensamentos e desejos e que tinha dificuldade de compreensão. Em outros momentos, parecia que estava confuso e que ainda não sabia ao certo qual era o seu desejo. (...)

Parecer psicológico: (...), este caso demonstrou ser complexo, exigindo análise mais cautelosa através do acompanhamento durante a guarda a fim de se obter melhores esclarecimentos quanto à história contada pelo casal, verificar a profundidade e qualidade do vínculo afetivo entre a família e o menino, a adequação do casal quanto ao tratamento dispensado a [Nilo] e melhor analisar o desejo de adoção e até mesmo a pertinência do menino permanecer nesta família. (...), o casal necessitará de orientação quanto à revelação da origem do menino. (...).



Este parecer está baseado nas seguintes observações, a saber: os guardiões demonstraram estar motivados para desacolher e adotar [Nilo] parecendo haver vínculo afetivo com a criança. Por outro lado, a história contada pelo casal têm lacunas e provoca uma série de questionamentos, como por exemplo, qual a intensidade e a qualidade do vínculo existente entre o casal e o menino uma vez que [Nilo] permaneceu muitos anos sem uma certidão de nascimento e foi entregue a uma tomadeira de conta (...), sendo que o casal tinha mais filhos que ficaram com o guardião? O que de fato ocorreu com a tomadeira de conta e o guardião para que o menino fosse acolhido sem o seu conhecimento? Por que o guardião foi somente visitá-lo na FEBEM após a saída da guardiã da prisão? (...) Qual a repercussão para [Nilo] do seu afastamento dos guardiões (...)?

Ademais, os guardiões por vezes mostraram-se ambíguos, contraditórios e evasivos em suas colocações.

De um lado, os guardiões demonstraram uma grande afetividade e preocupação com o bem-estar do menino, mas por outro lado, a história contada pelo casal deixa a impressão de desinteresse e/ou negligência com ele.

[Nilo] pareceu ser criança tímida, confusa com a situação de acolhimento e desacolhimento e com dificuldade para definir se gostaria ou não de permanecer com o casal, seja em razão de uma dificuldade de compreensão do que lhe foi perguntado seja por não ter ainda clareza quanto ao seu desejo. Ele pareceu ser uma criança mais nova do que foi atestado pelo EVI, o que leva a pensar que a data que o casal forneceu de quando conheceu o menino, 07/04/92, possa ser verdadeira. (...) Esse aspecto necessita ser melhor avaliado.

Esta psicóloga terminou sugerindo que naquele momento a criança permanecesse com os guardiões e que a avaliação psicológica tivesse prosseguimento.

A mesma profissional apresentou mais um relatório em 27/03/98, concernente às entrevistas de retorno realizadas em 26/01 e 09/03/98, de cujo conteúdo se extraiu:

... Observou-se que o menino [Nilo], apesar de sua timidez, está mais alegre, comunicativo e espontâneo em suas atitudes. Dois de seus "irmãos" [nomes deles], filhos da guardiã, compareceram na entrevista, demonstrando forte vínculo afetivo com ele e o desejo de que [Nilo] permaneça na família. [Nilo] também demonstrou gostar dos meninos (...), parecendo haver um relacionamento entre eles permeado de amizade e carinho. (...)

Os guardiões continuam motivados para adotar o menino [Nilo] e não pretendem mais separar-se dele. Observou-se um progresso nos guardiões quanto à revelação da origem de [Nilo], (...) mais abertos a contar para ele a sua verdadeira história. (...) Eles continuam demonstrando grande afetividade e preocupação com o bem-estar do menino, mas ainda é necessário avaliar a qualidade do vínculo e a adequação dos guardiões quanto ao tratamento dispensado a Nilo.

Esta Psicóloga sugeriu a continuidade do acompanhamento e comunicou que estava sendo substituída por outra Psicóloga no caso, em virtude de transferência de local de trabalho no Tribunal de Justiça.

Em 13/04/98, houve mais uma entrevista de prosseguimento com a nova psicóloga no caso e o único dado acrescentado referia-se à mudança de residência dos guardiões, para outro bairro.

Em 07/12/98, a Psicóloga da VIJ apresentou o relatório conclusivo. Dele depreende-se que os guardiões estavam providenciando vaga em escola para Nilo



e que este estava se desenvolvendo bem. Eles tinham contado a Nilo sua história, o que lhes trouxe alívio e tranquilidade, e à criança melhor compreensão da situação, sendo que Nilo verbalizou seu desejo de ser adotado por esta família. Os guardiães tinham dito que Nilo era um garoto muito prosa, esperto, obediente, alegre e carinhoso. Mostrou-se uma criança mais tímida, mas alegre, afetuosa, tranqüila e esperta. Foi constatado haver bom relacionamento entre Nilo e os filhos do casal. Estes concordavam com a adoção. Os guardiães mantinham bom relacionamento entre si e com os filhos. Assimilaram positivamente as orientações quanto à adoção. Todos os esclarecimentos foram dados e Nilo participou ativamente deste processo. Estava integrado ao lar substituto, vinculado aos membros da família e apresentava sentimento de pertença. Estava igualmente feliz com a possibilidade de adoção, reconhecendo os guardiães como pais e sentindo orgulho deles. Foi acolhido como filho pela família. O parecer final da Psicóloga, em virtude de todo o observado, foi favorável à adoção.

Em 17/12/98, a Promotora requereu a adoção de Nilo, considerando que todos os requisitos legais já haviam sido preenchidos e existia boa adaptação da criança à família.

Em 03/01/99, o casal compareceu à VIJ para formalizar o pedido de adoção e solicitar que Nilo ganhasse mais um prenome e seus sobrenomes. Neste mesmo dia, houve audiência interprofissional com a presença do Juiz, da Promotora, dos guardiães e da criança, cujo resultado foi a renovação do TGR por 180 dias. Após, o processo iria para o MP para que este se manifestasse em relação ao pedido de adoção formalizado naquela data.

#### G2.4. Felipe

Os dados deste garoto, com 6 anos e 5 meses<sup>55</sup> na ocasião das sessões, foram coletados principalmente de fonte documental – do processo da VIJ, em dois momentos distintos: o primeiro, em 05/09/97, antes da realização das sessões, no qual coletei os dados do início do processo (abril de 1997) até a última informação do mesmo na ocasião, datada de 02/09/97; e o segundo, em 17/03/99, quando o processo já estava no segundo volume, no qual complementei os dados até o presente. As informações do prontuário da criança na UAE-1 coincidiam com aquelas do primeiro momento de coleta nos autos do processo, sendo estas mais completas.

A autuação do caso na VIJ foi feita em 03/04/97, com a apresentação de uma notificação da UAE-1 da FEBEM, da mesma data, com um relatório que informava o abrigo de Felipe desde 16/03/97 naquela unidade por encaminhamento do SOS Criança.

A criança havia sido encontrada "em situação de rua" e, quando indagada, "não soube (ou não quis) dar pistas sobre seu endereço, nem dizer porque estava sozinho, informando apenas o nome de sua mãe, de seu pai e de uma irmã mais nova (...)", mas até aquele dia não tinha sido procurada por familiares. A UAE-1 solicitava abertura de processo para Felipe e o assento da certidão de nascimento do mesmo com os dados do EVI. Mas na verdade este exame não tinha

<sup>55</sup> Com base em EVI.

acompanhado o relatório e acabou sendo encaminhado à VIJ somente em 03/06/97.

O EVI feito em Felipe em 24/03/97 descrevia ser ele um menino de cor negra, com 113 cm. de estatura, 19.800 gramas de peso, e idade provável de 6 anos. A data base para registro foi a de 24/03/91.

Em 30/04/97, chegou à VIJ uma informação da UAE-1 indicando que a imagem de Felipe havia sido divulgada em programa de TV quatro dias antes. Em 10/06/97, a Obra enviou aos autos uma fotografia recente de Felipe.

O Juiz determinou, em 17/06/97, expedição de mandado para assento de nascimento de Felipe, colocando os nomes de pai e de mãe que o menino havia indicado.

A certidão de nascimento do garoto ficou pronta em 22/06/97 e foi juntada ao processo. Em 02/09/97, a Assistente Social da VIJ pediu relatório à Obra<sup>36</sup>.

Felipe foi transferido para o Movimento de Apoio à Integração Social (MAIS) em 15/10/97, fato informado nos autos no dia seguinte.

Em 15/12/97, o MAIS apresentou um relatório de Felipe, assinado por uma Psicóloga e uma Assistente Social, indicando que:

... [Felipe] tem apresentado boa integração com o grupo de crianças e funcionários e parece estar gostando do novo espaço físico.

Não obtivemos êxito quanto à reconstrução de sua história e à localização de familiares pelas informações da criança. Seu relato transcorreu de forma contraditória. A criança confunde dados de sua realidade atual com situações vivenciadas anteriormente, acrescentando a sua família de origem crianças com as quais convive na instituição.

[Felipe] apresenta dificuldades na expressão da linguagem oral, com algumas trocas fonêmicas e temos observado que o seu nível de compreensão encontra-se abaixo de esperado para a sua faixa etária, o que pode estar relacionado à limitação de estímulos oferecidos em fases anteriores de seu desenvolvimento ou ainda estar vinculado a bloqueios emocionais.

Até a data, não houve contato de familiares. ...

A Obra solicitou autorização para divulgar novamente a imagem de Felipe na imprensa e sugeriu que, esgotadas as tentativas de localização de familiares, fosse verificada a possibilidade de colocá-lo em família substituta.

Em 22/12/97, a Assistente Social da VIJ sugeriu ao Juiz que fosse autorizada a divulgação da imagem de Felipe, bem como providências para a localização dos genitores. O Juiz acolheu as sugestões e foram tomadas providências para localização dos pais junto a órgãos de documentação, sendo que todas as respostas foram negativas.

Em 19/03/98, a Assistente Social da VIJ sugeriu que fosse solicitado novo relatório ao MAIS e a Psicóloga, que a criança fosse entrevistada, sugestões acolhidas pelo Juiz.

O novo relatório do MAIS chegou aos autos em 27/04/98, informando que a imagem de Felipe havia sido mais uma vez veiculada em um programa de TV no

<sup>36</sup> As sessões de observação ocorreram logo após.

Início daquele mês. Mesmo assim, não tinha havido contato de familiares até aquele momento, sendo que Felipe permanecia em situação de abandono. O relatório acrescentava que:

... [Felipe] não forneceu outros dados da família. Continua a expressar-se verbalmente de modo confuso, condensando passado e presente alternadamente, misturando situações vivenciadas e atuais, sem seqüência de raciocínio lógico.

Seus desenhos carecem de estruturação adequada e denotam conteúdos regressivos. Noções de lateralidade, organização espacial e temporal encontram-se prejudicadas.

A princípio, e aparentemente, parece mais responsivo a situações concretas (...). Como se desconhece sua história de vida, persiste a interrogativa quanto à forma de tratamento e estimulação recebidas durante grande parte de sua primeira infância, o que dificulta a interpretação dos reflexos ora manifestados, cabendo-nos a alternativa de investigar e investir o potencial existente.

A Assistente Social e a Psicóloga da Obra, que assinaram o relatório, sugeriram que fosse feita pesquisa no Cadastro de Pretendentes à Adoção.

A Assistente Social do CPA da VIJ informou que os resultados dos exames de HIV e VDRL de Felipe foram negativos, tendo apontado que ele já estava com 7 anos e necessitava ser colocado rapidamente em família substituta. Por conseguinte, sugeriu que se aguardasse providências para tanto e a entrevista na Psicologia.

Na primeira entrevista com a Psicóloga (que ocorreria em 28/05/98), Felipe não pôde comparecer pois estava com pneumonia. Nova data foi agendada (16/06/98), na qual a entrevista ocorreu, Felipe compareceu à VIJ acompanhado de uma Assistente Social da Obra. A Psicóloga relatou que Felipe não soube informar sobre seus familiares ou sua vida antes do acolhimento. A Psicóloga observou que ele é um menino alegre e extrovertido, não tendo entretanto noção de tempo e apresentando dificuldades na fala.

A Assistente Social da Obra ratificou as impressões da Psicóloga, tendo acrescentado que Felipe quase não conversava e vinha apresentando problemas de aprendizagem. Por isso, recebia reforço escolar na Obra. Disse também que ele era uma criança dócil, que aceitava regras e limites e possuía bom relacionamento com as outras crianças. Informou também que ele quase não falava ou pedia pelos familiares. A opinião da Assistente Social era a de que para Felipe seria muito positivo a colocação em uma família substituta. A Psicóloga orientou-a quanto à necessidade de encaminhá-lo a tratamento psicoterapêutico e fonoaudiológico, sendo que a Assistente Social disse que este último já estava sendo providenciado pela Obra. A Psicóloga concluiu que, aparentemente, a criança estava sendo assistida em suas necessidades, tendo reiterado a sugestão da Assistente Social de providências para a colocação de Felipe em família substituta.

Diante dos fatos, em 22/07/98, a Promotora apresentou em separado o pedido de destituição do pátrio poder dos pais (DPP), requerendo citação editalícia dos genitores, ante o paradeiro ignorado dos mesmos. Em 30/07/98 houve abertura do processo de DPP em separado.

Na data de 20/08/98, os pais foram citados e o prazo decorreu sem manifestação deles. A Promotora requereu, então, nomeação de curador especial

aos revéis em 02/10/98. O Defensor apresentou resposta à ação de DPP, solicitando que outros órgãos fossem acionados para a localização dos mesmos, o que foi feito com resposta negativa.

Em 26/08/98, novo relatório técnico do MAIS, feito por uma Psicóloga e uma Assistente Social, indicava que a situação de Felipe permanecia inalterada, isto é, sem visitas e sem procura de familiares e/ou pessoas conhecidas. Estavam contatando recursos para o atendimento fonoaudiológico e psicoterápico de Felipe. Outrossim, relataram que:

... [Felipe] é uma criança sociável, que compartilha brinquedos e relaciona-se harmoniosamente com adultos e crianças. Timido, muitas vezes se retrai frente a situações novas. Continua a apresentar dificuldades na comunicação verbal (troca e/ou omissão de sílabas), além de expressar-se em determinados momentos de maneira confusa. Apresenta certa autonomia e independência nos cuidados de higiene pessoal, cooperando em atividades de organização da vida diária, embora apresente ritmo mais lento que as crianças de sua faixa etária. Frequenta 1ª série (...). Apesar de estar socialmente integrado, apresenta dificuldades na coordenação motora fina. (...)

As profissionais, avaliando que uma "vivência familiar continente, estável e afetiva" proporcionaria a Felipe progressos consideráveis, reiteraram a sugestão de pesquisa para sua colocação em uma família substituta que pudesse atendê-lo em suas necessidades específicas.

Em 08/09/98, A Assistente Social do CPA da VIJ sugeriu, diante dos dados, que se aguardasse a definição da situação de Felipe (o processo de DPP) e manifestação da Psicologia, sugestão acolhida pelo Juiz em 21/09/98.

Quanto a este Processo, diante da insucesso na localização dos genitores, o juiz havia dispensado a audiência e determinado que o Defensor e a Promotora se manifestassem em separado para dar a sentença até o final de março de 1999 (no dia em que consultei os autos eles estavam indo conclusos ao Juiz para a dita sentença).

#### • GRUPO 3: Crianças não-vítimas de violência, vivendo em família

Dois meninos e duas meninas compõem este grupo, por ordem crescente de idade: Daniel, Bruna, Clara e João.

##### G3.1. Daniel

O histórico deste menino, com 5 anos e 2 meses à época da observação, foi montado exclusivamente com base no questionário preenchido por sua mãe em 24/10/97. Assim, todo o conteúdo foi descrito conforme o relato e o ponto de vista da mãe.

Daniel é filho único de pais divorciados. Nasceu em uma cidade da Bahia, estado de origem dos pais. Vivia com sua mãe, 27 anos, Médica, na cidade de São Paulo. A renda aproximada da mãe era de 3.500 reais por mês. Seu pai, 29 anos, Industriário, vivia na Bahia.

A gestação de Daniel não foi planejada. Foi a primeira gravidez da mãe e transcorreu sem problemas. Ele nasceu de parto cesárea, a termo, com 3.400 gramas e 50 cm. Não houve complicações no pós-parto.



Como doenças e/ou problemas de saúde do nascimento à idade atual, Daniel teve gastroenterite com oito meses (1993) e escarlatina aos quatro anos (1996)<sup>57</sup>. Não houve nenhum tipo de seqüela. Não tomava nenhum medicamento. Nunca teve de submeter-se a cirurgias, nem necessitou ser hospitalizado. A mãe costumava levá-lo ao pediatra para consultas dois a três vezes por ano, no máximo.

Quanto ao sono, Daniel dormia bem e sozinho em seu quarto desde que nasceu. Não apresentava nenhum tipo de distúrbio do sono e não costumava dormir na cama da mãe. Deitava-se entre 21h30 e 22 horas e demorava um pouco a adormecer. Só dormia chupando o dedo.

No que concerne à alimentação, mamou no peito até os 6 meses de idade. Comia bem e mais ou menos de tudo, mas com um ritmo lento.

Daniel sentou com seis meses, engatinhou aos oito, ficou de pé aos 11, e com um ano andou e falou as primeiras palavras. Como única dificuldade de fala na fase atual, trocava o "r" pelo "l". É canhoto e, às vezes, ambidestro. A mãe não se lembrou em que época foi feito o controle esfinteriano. Este foi realizado na escola. Daniel nunca apresentou problemas na área psicomotora.

O único hábito que tinha era o de chupar o dedo. Nunca usou chupeta. A mãe havia tentado, de várias formas, estimulá-lo a parar de chupar o dedo, negociando por "tocar", "apertar" outros objetos como traveseiro, bichinhos de pelúcia, mas não teve sucesso.

No tocante à educação em casa, Daniel era repreendido por meio de broncas dadas pela mãe, a maioria das vezes em virtude de comportamentos de teimosia. A bronca foi definida pela mãe como a atitude de falar com ele, algumas vezes mais energicamente, mas raramente gritando. Daniel reagia diante da bronca assustando-se e obedecendo. A mãe afirmou nunca ter usado castigos. No entanto, bateu uma única vez em Daniel com "um tapa no bumbum", tendo usado a mão para bater. Não perdeu o controle quando o fez. Depois que bateu no filho, entrou em seu quarto e chorou muito. Após ter levado o "tapa no bumbum", Daniel chorou e obedeceu a mãe.

A mãe afirmou que Daniel era uma criança fácil, muito tranqüila desde que nasceu. Também era muito compreensivo e gostava de "acertar" para ser elogiado.

Daniel entrou na escola com dois anos de idade, tendo reagido bem à mesma. Não apresentava dificuldades de aprendizagem, nem de relacionamento na escola, embora a mãe tenha descrito ser ele um pouco tímido, isto é, ao encontrar outras crianças, ficava acanhado, mas não demorava para se soltar, adaptando-se relativamente rápido ao ambiente novo.

Freqüentava o jardim de infância em escola particular, período integral (das 8 às 17 horas). Não levava lições para casa. A mãe escreveu que ele adorava a escola. Frente ao bom rendimento escolar do filho, a mãe disse ficar feliz e demonstrar isto a ele.

De acordo com a mãe, Daniel desenhava pouco. Quando o fazia, desenhava geralmente seus primos da Bahia.

<sup>57</sup> Acrescento que no dia da primeira observação teve catapora, conforme descrito no procedimento.



Quanto às relações sociais, Daniel tem amigos na escola. Preferia brincar com eles do que sozinho. No relacionamento, geralmente dominava e na brincadeira, a mãe achava que ele também exercia domínio sobre os outros. Preferia brincadeiras com os quais pudesse brincar com outras crianças. Não gostava mesmo de brincar sozinho. Quanto aos brinquedos preferidos, adorava andar de "motoca" ou bicicleta e brincar com seu "ursão". A mãe não indicou brinquedos e brincadeiras que ele detestasse. Entre brincar e assistir TV, preferia esta última atividade, passando três horas por dia em frente à TV, preferindo assistir desenhos animados, Castelo Rá-tim-bum, Cocoricó e X-Tudo. Não via filmes de violência.

Além dessas, a mãe não indicou que outras atividades ele preferia ou não apreciava. Não estava praticando esportes, mas já havia feito natação. Não realizava outras atividades extra-escolares.

No que diz respeito à sexualidade, a mãe nunca havia notado curiosidade sexual no filho, nem comportamentos masturbatórios. Afirmou já ter lido para ele o livro "De onde viemos".

A mãe definiu o temperamento de Daniel como tranqüilo. Ele se alterava quando algum brinquedo se quebrava, ficando muito nervoso, ou quando não acertava fazer alguma coisa. Não chorava facilmente, mas chorava quando via algum brinquedo quebrado. Ele tinha medo de escuro. Daniel demonstrou muito ciúme de um namorado da mãe, quando ele estava com 3 anos e meio. Crises de birra eram raras em Daniel.

Daniel nunca havia feito psicoterapia. Todavia, a mãe já havia consultado uma psicoterapeuta porque, durante um determinado tempo, Daniel passou a imitar o filho da empregada, um ano e meio mais novo que ele, falando com voz de criança mais nova, pedindo para segurar suas mãos quando sentava no vaso, o que já sabia fazer bem. A mãe seguiu as orientações da profissional e isto passou. Não mencionou que idade ele tinha quando isto ocorreu e quanto tempo durou.

Com referência aos dados familiares, a mãe é a filha mais nova de uma prole de três (um irmão mais velho solteiro, uma irmã casada, com dois filhos). Os avós maternos são vivos e separados. O pai de Daniel é o filho mais velho de uma prole de quatro (os três mais novos, um homem e duas mulheres são solteiros, sem filhos). Os avós paternos são vivos e casados.

A família materna é originária do interior da Bahia e a paterna, do interior de Minas Gerais. Os familiares mais significativos afetivamente para Daniel eram o pai, a mãe e uma prima de 4 anos.

Os pais de Daniel casaram-se em fevereiro de 1992. Foi o primeiro casamento para ambos. Quanto à qualidade do relacionamento conjugal, a mãe respondeu que não brigavam muito, porque ela suportava tudo calada (referindo-se a saídas do ex-marido sem ela e à embriaguez dele de fim de semana). Separaram-se em novembro de 1994; permaneceram casados por 2 anos e 10 meses. Sobre a forma como lidavam com os conflitos conjugais, a mãe disse que sempre tentava o diálogo, mas o pai apenas fingia concordar para acabar a conversa, e depois repetia da mesma forma. Dificilmente os pais discutiam na frente de Daniel. Com o tempo, as discussões tornaram-se inevitáveis e optaram pela separação.

Desde a separação (ocorrida 1 ano e 10 meses antes), Daniel vivia com a mãe, sendo ela, portanto, a única autoridade em casa. Entretanto, a mãe contou que quando viviam com o pai de Daniel, as decisões e responsabilidades também eram dela.

Após separar-se, a mãe mudou-se para São Paulo com Daniel e chamou novamente a babá que havia trabalhado com a família quando ele era menor. Daniel havia sentido muito a partida desta babá, tendo mudado seu comportamento na escola na época. Ela era a única pessoa que ajudava diretamente a mãe com Daniel, em São Paulo. Daniel não sofreu perdas significativas por morte de pessoas próximas. As separações mais importantes foram a dos pais e a da referida babá.

Sobre o tempo que cada um dos pais passava com a criança, a mãe ficava com Daniel de quatro a cinco horas por dia, à noite. O pai falava com ele por telefone uma vez por semana. Desde a separação, Daniel passava as férias escolares com o pai na Bahia (janeiro e julho). A babá era quem mais ficava com Daniel: servia-lhe o café da manhã, o levava e buscava na escola, a pé, num total de seis a sete horas por dia com ele. A relação entre a babá e Daniel era muito boa, e ele gostava muito dela.

A mãe definiu a relação entre ela e o filho como muito boa. Ela disse que eles eram muito apegados e que sempre, no final das férias com o pai, Daniel já ficava "louco" para voltar para casa. Quanto à relação entre o pai e Daniel, contou que o filho era muito ligado ao pai, apesar da distância, fazendo questão de incluí-lo quando se fala em família. Afirmou ser esta uma relação muito boa.

O pai de Daniel, segundo a mãe, bebia aos fins de semana, tendo chegado algumas vezes a ficar dormindo no chão, enquanto o Daniel estava com ele nas férias. Diante disto, Daniel lhe perguntara uma vez: "Mãe, por que meu pai está dormindo aqui no chão, se está todo mundo acordado?". A namorada ou os amigos do pai ajudavam a cuidar de Daniel por essa razão. O avô materno também apresentava este problema, mas Daniel nunca havia feito observações com relação a ele.

Nas perguntas específicas sobre violência, a mãe respondeu que não havia nenhum caso de violência física, sexual e/ou psicológica na família. Segundo a mãe, os modelos de educação de ambas as famílias não aceitavam a violência. Os pais dela nunca lhe bateram e o seu ex-marido informou-lhe o mesmo. O modelo que ela utilizava para educar seu filho era o mesmo de seus pais.

Quanto à religião, a mãe era espírita não praticante. A mãe estava voltando a praticar sua religião e começando a fazer meditação. Na área cultural, apreciava livros e música. Com respeito ao lazer, mãe e filho costumavam frequentar livrarias, lanchonetes infantis, teatro, parques. Sozinha, ela disse sair muito pouco.

A mãe trabalhava como Médica das 8 às 17 horas. Ela e o filho moravam em um apartamento de dois quartos em um bairro da zona oeste de São Paulo. O local da casa mais usado pela criança para brincar era a sala. Já haviam se mudado quatro vezes de domicílio.

### G3.2. Bruna

O histórico desta menina, com 6 anos e 1 mês à época da observação, foi montado exclusivamente com base no questionário preenchido por sua mãe em 18/11/97. Deste modo, todo o conteúdo foi descrito conforme o relato e o ponto de vista da mãe.

Bruna é filha única de pais separados. Nasceu na cidade de São Paulo, onde vivia com sua mãe, 34 anos, Médica, renda aproximada mensal de 5.000 reais. Seu pai, 37 anos, Engenheiro Civil, também vivia em São Paulo.

A gestação de Bruna foi a primeira da mãe, planejada e transcorreu sem problemas. Bruna nasceu a termo, de parto cesárea (teve circular de cordão), com 3.350 gramas e 51 cm. Não houve complicações pós-parto.

Quanto a problemas de saúde, Bruna teve otite média de repetição quando bebê até a idade de 3 anos, tendo feito tratamentos e a curado. Era alérgica e já teve duas vezes bronquite asmática, inclusive com crise de asma. Não tomava nenhuma medicação constante. Nunca teve de se submeter a cirurgia, nem ser hospitalizada. Era levada ao pediatra pela mãe uma vez por ano.

No tocante ao sono, dormia bem, sozinha, em seu próprio quarto. Às vezes, se agitava no sono e transpirava muito. Acontecia, outras vezes, de ranger os dentes. Até os 5 anos costumava ir a cama dos pais. Deitava-se entre 20h30 e 21 horas e adormecia depois de ler um livro em companhia da mãe. Não apresentava distúrbios mais graves do sono.

No aspecto da alimentação, mamou até os sete meses (aleitamento materno até os cinco meses e desmame até os sete). Comia muito bem, sem problemas com a alimentação, isto é, nunca foi forçada a comer, experimentava de tudo e comia em horas certas.

Bruna não engatinhou. Pôs-se de pé antes de um ano de idade, tendo andado e falado as primeiras palavras com um ano. Não teve problemas na fala. É destra. O controle esfinteriano se deu com dois anos e meio, transcorreu naturalmente, sem problemas, tendo sido feito pela mãe e pela escola. Nunca apresentou distúrbios psicomotores.

Usou chupeta até os 4 anos de idade e frente a isto a mãe sempre reagiu tranquilamente, sem se incomodar. Quando Bruna largou a chupeta, o fez por decisão própria e de forma tranquila, depois que a mãe lhe contou uma estória.

Com relação à educação em casa, era a mãe quem costumava repreendê-la e com muita conversa, explicações e estórias. Quando dava broncas, a mãe o fazia falando, raramente gritando. Bruna ouvia e aceitava a bronca. A mãe relatou ter colocado, uma única vez, Bruna de castigo, o que deixou a filha muito sentida e levou a mãe a perceber que o castigo era demasiado e desnecessário. O castigo consistiu em deixá-la sentada em sua cama durante um minuto. Bruna havia ficado "sentida e desesperada". Uma vez, também, a mãe deu uma palmada em Bruna e constatou o mesmo descrito acima. A mãe descreveu ter ficado triste e percebido que para Bruna também era demasiado, pois ela era muito sensível. Bruna havia reagido à palmada dizendo que a mãe não precisava fazer aquilo e que ela não ia mais desobedecer (ela tinha brincado na privada). Não ocorreu mais nada depois disso. O pai, depois da separação, não interferia quanto à educação em casa.



A mãe definiu Bruna como uma criança muito fácil em casa, porque gostava de aprender, era tranqüila, ouvia e obedecia. Aos 6 anos, Bruna estava mais independente, tinha resposta para tudo, mas mesmo assim era fácil. Entretanto, não se adaptava rapidamente a um meio desconhecido.

Bruna iniciou a escola com um ano e meio, tendo apresentado dificuldades em ir, não gostava, era triste na escola. Depois, a mãe percebeu que a escola era muito rígida. Estava no pré-primário, já tinha sido alfabetizada e não apresentava problemas de aprendizagem. Estudava em escola particular, no período da manhã. Adorava a escola, apreciava muito aprender, tinha concentração e era muito responsável.

Quanto ao seu relacionamento na escola, Bruna dava-se bem com as crianças e era querida por elas. A mãe reagia ao bom rendimento escolar de Bruna com reconhecimento e estímulo, e às eventuais dificuldades na escola, com estímulo. Bruna era independente nas lições de casa.

Bruna gostava de desenhar e o fazia de modo espontâneo, quase todos os dias. Seus temas prediletos de desenho eram: casa, bichinhos, menina, pipoca, flores. Não incluía o pai no desenho da família. Adorava também escrever.

Seus amiguinhos eram de ambos os sexos, mas muito mais meninas, crianças da sua idade. Preferia brincar com eles do que sozinha. No relacionamento, freqüentemente dominava, bem como na brincadeira. Raramente brigava com amigos, mas quando acontecia, Bruna costumava falar o que pensa e ficar chateada.

Bruna preferia brincar de casinha, de escolinha, com bichinhos, bonecas, ler livros e jogar. Seus brinquedos prediletos eram a boneca Barbie, os bichinhos de pelúcia e os jogos. A mãe achava que não havia brincadeira que a filha detestasse. Entre assistir TV e brincar, Bruna preferia brincar, mas em certos horários escolhia a TV, assistindo desenhos animados e os programas do Chaves e das Chiquititas, de uma a três horas por dia. Não via filmes de violência.

A atividade artística era a que Bruna mais apreciava, e a mãe desconhecia uma atividade que a filha detestasse. Bruna praticava natação duas vezes por semana, única atividade extra-escolar.

No tocante à sexualidade, a mãe acreditava que sua filha já desenvolvesse o auto-conhecimento do corpo. A atitude da mãe frente às descobertas da criança quanto à sexualidade era a de observar e responder às perguntas que surgissem de modo espontâneo, nunca indo além da curiosidade da filha. Bruna já havia perguntado "do nenê na barriga, das duas sementinhas da mãe e do pai e deduziu que a sementinha do pai chega na mãe pelo umbigo".

A mãe definiu o temperamento de Bruna como "tranqüilo, temperado". Bruna se alterava ao ser contrariada, fazendo "bico", argumentando, ficando brava. Em situações novas, costumava ficar quieta. Não chorava fácil. Quando chorava, isto indicava cansaço, chateação ou desejar alguma coisa. Bruna manifestava medo de situações novas, diferentes. Sentia ciúme da mãe e de sua cadelinha. Nunca teve crises de birra.

Bruna tinha iniciado (havia cinco meses) psicanálise três vezes por semana, por ter dificuldade de estar sozinha, de ir em casa de amigos, dos avós, do pai, de



viajar com o pai, de sair com amigos e seus pais, e de conversar com pessoas de fora de seu convívio.

No que concerne aos dados familiares, o pai, natural de uma cidade de Minas Gerais, é o filho mais velho de uma prole de três (uma irmã casada, com dois filhos, e um irmão solteiro). Os avós paternos são vivos e casados. A mãe, nascida em São Paulo, também é primogênita de uma prole de quatro (um irmão e duas irmãs, todos solteiros). Os avós maternos são vivos e divorciados.

A mãe afirmou não existirem problemas físicos ou mentais na família, deficiências, nem casos de alcoolismo ou uso de drogas. Também indicou não haver casos de violência doméstica de nenhum tipo.

Os pais ficaram casados durante cinco anos e estavam separados havia três anos e meio. A relação conjugal foi descrita como boa no início, até o nascimento de Bruna, tendo se tornado, após o mesmo, pouco a pouco "insuportável". Durante o casamento, o diálogo tornou-se difícil e quase inexistente no final. Houve discussões e agressões verbais por parte do pai, sendo que Bruna presenciou algumas destas.

Após a separação, o relacionamento entre os pais foi muito difícil e havia um ano tinha melhorado, passando a ser tranquilo, de paz, reconhecimento e ajuda mútua. A atual esposa do pai apresentava muita dificuldade de aceitação do casamento anterior, não aceitando bem Bruna. Ocorreram situações desagradáveis entre elas, nas quais o pai havia ficado do lado da filha, protegendo-a da situação.

Para a mãe, a separação do casal de pais foi a crise familiar mais difícil que pode ter afetado de algum modo a criança, bem como todos os conflitos relacionados, antes, durante e após.

Desde a separação, a mãe passou a exercer a autoridade em casa, contando com a ajuda de uma empregada. Esta convivia com Bruna havia um ano, cuidando da criança, brincando com ela, buscando-a na escola, levando-a em suas atividades (natação, psicóloga). Ficava com Bruna da hora do almoço até a noite. O relacionamento entre elas era bom, uma gostava da outra.

A mãe trabalhava oito horas por dia, mas almoçava todos os dias com a filha em casa e, à noite, depois do trabalho, ficava aproximadamente cinco horas com Bruna. O pai ficava com a filha às quartas, das 17 às 20 horas, um fim de semana inteiro e duas metades de fim de semana por mês, e também a levava à escola três vezes por semana.

A relação mãe-criança foi descrita como ótima, de muito diálogo, leituras, passeios, brincadeiras, viagens juntas. A mãe disse também que eram muito amigas e abertas uma com a outra. A do pai e Bruna foi definida como boa, se gostavam muito. Não conversavam sobre problemas ou sobre a vida de cada um mais profundamente. A mãe definiu-a como uma relação mais superficial, de brincadeiras e passeios. Bruna não se abria com ele.

Como perdas significativas para Bruna, a mãe citou as mortes de uma tia-avó materna, de uma bisavó materna e de um gato da avó. E como separação significativa, a do pai. Os familiares mais importantes afetivamente para Bruna eram a mãe, o pai, o avô materno (figura muito importante e próxima na época da separação dos pais e, após, substituindo o pai) e uma tia materna de quem ela

gostava muito desde pequena e com quem escolhia para estar na ausência da mãe.

Quanto ao modelo educacional, a mãe disse que se apoiava no dos avós maternos, sendo que os paternos eram mais superficiais. O modelo que a mãe utilizava para educar Bruna se aproximava do de seus pais, com a diferença de uma maior presença, interação e participação, e um diálogo mais aberto e mais profundo.

A mãe era católica não praticante. Como interesses culturais, cultivava idas a teatro, cinema, exposições, museus, shows, clube. As atividades de lazer (além das descritas, viagens, passeios e idas ao shopping) eram feitas, a maioria das vezes, com a filha.

Morava com a filha em um apartamento de três dormitórios em um bairro entre a zona sul e o centro de São Paulo. Em casa, Bruna costumava brincar mais em seu quarto e na sala. Desde que Bruna nasceu, nunca mudaram de domicílio.

### G3.3. Clara

O histórico desta menina, com 6 anos e 3 meses na ocasião das sessões, foi montado exclusivamente com base no questionário preenchido por seus pais em conjunto, em novembro de 1997, tendo sido organizado, portanto, conforme seus relatos e pontos de vista.

Clara é a caçula de duas filhas. Sua irmã tinha 11 anos. Seus pais, nascidos em uma cidade do interior de São Paulo, eram casados havia 16 anos. O pai, 39 anos, era Administrador de Empresas. A mãe, 40 anos, era Comerciante (proprietária de uma loja). Não informaram a renda familiar.

A gestação de Clara foi planejada. Não houve problemas durante a gravidez. Nasceu a termo, de parto normal, com 3.650 gramas e 50 cm, e não houve complicações pós-parto.

Clara nunca teve doenças ou problemas de saúde, nem fez cirurgias ou precisou ser hospitalizada. A mãe a levava ao pediatra uma vez ao ano.

Quanto ao sono, dormia bem e compartilhava o quarto com a irmã. Não apresentava nenhum distúrbio do sono e também não costumava ir à cama dos pais. Deitava-se às 21h30 e adormecia sem dificuldades.

Clara foi amamentada no peito até os sete meses de idade. Alimentava-se bem. Sentou com cinco meses, engatinhou aos seis, ficou de pé aos oito, andou aos 10 meses e começou a falar com um ano. Não apresentava problemas na fala. É destra.

O controle esfinteriano foi feito com a idade de um ano e três meses "no penquinho", pela mãe. Às vezes, Clara mostrava-se um pouco agitada, mas não apresentava distúrbios psicomotores. Clara usou chupeta (a mãe não especificou até que idade) e não tinha outros hábitos nem manipulações.

Quanto à educação em casa, costumava ser repreendida com broncas e castigos, em situações de desobediência. Ambos os pais se responsabilizavam por isso e se ocorresse de ser só um deles, o outro concordava com a atitude daquele que estava corrigindo. A bronca era dada por meio de conversa, e Clara ficava calada frente à ela. Os castigos eram do tipo "não brincar" ou "não assistir

TV". Clara os aceitava. A criança já havia apanhado uma vez, com um "tapinha" dado com as mãos, mas os pais não usavam bater. Quando isto aconteceu, Clara chorou. Às vezes, ela apanhava da irmã e também batia nesta. No geral, os pais julgavam Clara uma criança fácil, porque dialogava muito e era receptiva.

Clara começou a frequentar escola com um ano e oito meses, tendo reagido bem. Nunca apresentou dificuldades de aprendizagem, nem de relacionamento. Estudava em escola particular, no pré-primário, período da manhã. Ela gostava da escola. Os pais disseram reagir normalmente frente ao bom rendimento escolar da filha. Clara não necessitava de ajuda para fazer suas lições. Costumava desenhar temas como casinhas, flores e bichos.

As amiguinhas de Clara eram meninas de sua idade. Preferia brincar com elas do que sozinha. No relacionamento era comumente dominada por crianças com as quais não tinha intimidade, o mesmo ocorrendo nas brincadeiras. Entretanto, quando brigava com suas amigas costumava reagir agressivamente e gritar.

Tinha preferência por brincar de casinha e de bonecas. Como brinquedos, preferia bonecas e jogos. Os pais não indicaram brinquedos ou brincadeiras que ela detestasse. Entre brincar e assistir TV, dava prioridade ao brincar. Em geral, passava três horas por dia em frente a TV, escolhendo shows e filmes. Não via filmes de violência. Como atividade extra, praticava natação 3 vezes por semana, e, às vezes, fazia atividades artísticas.

Os pais afirmaram que a filha não exprimia curiosidade sexual, embora manifestasse, às vezes, comportamentos masturbatórios quando sozinha. Eles disseram reagir naturalmente frente à sexualidade da criança. Ainda não lhe haviam dado informações sexuais.

Os pais definiram Clara como uma criança calma, tranqüila, segura nas suas atitudes. Em geral, não se alterava, nem chorava fácil. Chorava ao brigar com a irmã. Adaptava-se rápido a um meio diferente. Tinha medo de trovão. Sentia ciúme da irmã e da mãe. Nunca apresentou crises de birra. Não precisou consultar um psicólogo ou fazer psicoterapia.

No que tange aos dados familiares, o pai é filho caçula de uma prole de quatro (três irmãs mais velhas, todas casadas e com filhos). O avô paterno faleceu de enfarto. A avó paterna estava viva. A mãe também é a caçula de uma prole de três (uma irmã e um irmão casados e com filhos). O avô materno faleceu de acidente e a avó materna estava viva. Não indicaram a existência de problemas físicos ou mentais na família, deficiências, ou casos de alcoolismo e uso de drogas, nem tampouco algum caso de violência familiar, de qualquer tipo.

Os pais afirmaram não ter havido mortes, separações, crises ou conflitos familiares significativos para Clara, que pudessem ter lhe afetado. Os familiares mais importantes afetivamente para Clara eram a avó (não especificaram qual) e primos, com os quais tinha um contato constante.

O casamento dos pais, primeira e única união para ambos, tinha 16 anos. A qualidade do relacionamento conjugal foi definida por eles como ótima. Os conflitos eram resolvidos por meio de diálogo e somente o casal participava. Os pais exerciam a autoridade em casa conjuntamente.

Cada um dos pais passava quatro horas por dia com as filhas. A relação entre a mãe e Clara foi descrita como boa, com muito carinho e atenção, e a do pai com Clara como boa e com carinho.

A família contava com a ajuda de uma empregada, que trabalhava na casa havia 12 anos. Ela ajudava nos cuidados de Clara, como alimentação, banho e disciplina. Passava o dia todo com ela, depois que ela voltava da escola, e a qualidade do relacionamento entre elas foi descrita como ótima.

A irmã de Clara freqüentava a escola e praticava esportes. As brigas entre ela e Clara ocorriam como resultado de diferenças de interesses, porque suas idades não eram tão próximas, mas o relacionamento entre elas foi definido pelos pais como bom, com muito amor. A irmã era paciente e compreensiva com Clara.

O modelo educacional usado pela família nuclear não era o mesmo dos avós. Os pais indicaram educar suas filhas com idéias de sua própria época e geração, mas mantendo princípios de seus progenitores, tais como responsabilidade, honestidade, cidadania.

São católicos não praticantes. Como interesses culturais e lazer, apontaram viagens, livros e filmes, com as filhas ou sem elas. Residiam em um apartamento de três quartos em um bairro entre a zona sul e o centro de São Paulo. Em casa, Clara brincava mais na sala de TV.

#### G3.4. João

O histórico deste menino, com 6 anos e 11 meses à época da observação, foi montado exclusivamente com base no questionário preenchido por sua mãe em maio de 1997. Portanto, o conteúdo foi descrito conforme seu relato e seu ponto de vista.

João é o filho mais velho. O irmão tinha 3 anos de idade. Seus pais estavam casados havia 7 anos. O pai, 32 anos, era Mecânico de Aeronaves e a mãe, 36 anos, Técnica em Contabilidade e Secretária. A renda familiar aproximada era de 2.600 reais por mês.

A gestação de João não havia sido planejada, mas foi aceita e transcorreu sem problemas. Nasceu a termo, com 2.760 gramas e 48,1 cm. No parto, houve necessidade de fórceps de alívio e após, João sofreu asfixia perinatal grave.

Quanto a problemas de saúde do nascimento à idade atual, teve icterícia e amigdalite, sem conseqüências maiores ou seqüelas. Não tomava medicação. Teve de ser submetido a uma cirurgia (a mãe não mencionou a razão) e a hospitalização durou 12 horas. Sua mãe o levava ao pediatra trimestralmente.

Com relação ao sono, dormia bem, sozinho, não apresentava distúrbios do sono e não costumava ir para a cama dos pais. Deitava-se às 21 horas e não demorava a adormecer. Às vezes, apresentava enurese noturna. Mamou no peito até os seis meses de idade. Comia normalmente e não apresentava problemas com a alimentação.

João sentou com quatro meses, engatinhou com seis, ficou de pé com oito, andou aos 10 e falou as primeiras palavras com um ano. Não apresentava problemas de fala. É destro. A mãe não respondeu as questões sobre controle esfinteriano. Ela contou que João era muito agitado e desastrado. Nunca havia



sido levado à psicomotricista. Nas observações deste item, escreveu que João era muito nervoso e chorão. Usou chupeta até os 4 anos. Como "tiques", a mãe indicou que ele pulava e gritava quando nervoso. No item "outros hábitos e manias", ela mencionou que ele era muito teimoso. Os pais tentavam corrigir essa teimosia.

No tocante à educação em casa, a mãe respondeu que ela e o pai começavam dando bronca em João. Se não conseguissem o resultado esperado, usavam castigos e, em último caso, se estes não tivessem efeito, batiam após falar mais de três vezes, mas isto era raro. Geralmente, era a mãe quem repreendia João. Quando um dos pais corrigia o outro ficava quieto.

Quando dava bronca, a mãe iniciava devagar e depois gritava; o pai falava baixo. Como reação à bronca, João ficava quieto e chorava. Os castigos usados eram do tipo: "ficar sentando no quarto e no banheiro sem TV". João não gostava do castigo e saía logo. A mãe já havia batido em João algumas (poucas) vezes "com tapas ou chinelo no bumbum" e nunca o havia machucado fisicamente. Não se exaltou nem perdeu o controle quando o fez. Sentiu remorso mas achava que tinha sido necessário. João, depois de ter apanhado, nas vezes em que isto aconteceu, chorou, xingou e repetiu novamente a atitude objeto da correção. Os pais utilizavam o mesmo modelo educacional dos avós, mas de forma mais flexível.

João nunca apanhou do irmão menor, mas batia nele. A mãe julgava João uma criança difícil pois demonstrava ciúme do irmão e não obedecia. Segundo ela, João queria ser filho único, "para ganhar tudo sozinho". Fora de casa, era um menino que adaptava-se rápido a um ambiente diferente.

Iniciou a escolinha com seis meses de idade, tendo reagido "normalmente". Não apresentava dificuldades de aprendizagem. Quanto aos relacionamentos, houve tempo em que gostava de ficar sozinho, mas depois passou a se relacionar bem com outras crianças. Estudava em escola pública, no pré-primário, no período das 6h30 às 15 horas. Gostava da escola. A mãe perguntava todo o dia à professora e depois a ele como estava seu rendimento. Se ocorriam dificuldades na escola, era o pai quem lhe "dava bronca e explicava a realidade". João era independente para fazer as lições de casa. Costumava desenhar temas como "carro, casa, menino e agora vem fazendo desenhos geométricos". Gostava de pintar.

Seus amigos eram os primos e os colegas de escola. Preferia brincar com eles do que sozinho. No relacionamento, gostava de dominar, mas isto dependia do temperamento da outra criança. Ao brincar, deixava-se dominar. Como brincadeiras, preferia corrida, carrinho e escolinha. Seus brinquedos prediletos eram jogos, carrinhos e robôs. Detestava brincar de esconde-esconde e de brinquedos quebrados. Se brigasse com seus amigos, costumava bater ou sair de perto.

Brincar era prioritário para ele, mas assistia TV mais ou menos quatro horas por dia e escolhia ver Castelo Rá-tim-bum, Disney Club, Mundo da Lua e filmes. Nos finais de semana, os pais permitiam que João visse algum filme de violência, dependendo da programação. Além do brincar e dos programas de TV, João apreciava muito a pintura. Detestava guardar brinquedos. Na escola, jogava futebol e estudava música. Gostava de ver vídeos de música e de ouvir música.

No que concerne à sexualidade, a mãe escreveu que João já exprimia curiosidade sexual, como olhar o outro trocar de roupa e tomar banho, e ver cenas de amor. Percebia masturbação frente a cenas de amor, certas músicas e revistas de mulher nua. A atitude dos pais frente à sexualidade da criança era "normal, explicando". Como informações sexuais, a mãe indicou ter explicado ao filho "o nascimento de cesárea e que apenas o adulto faz cenas de amor".

A mãe apontou que o temperamento de João era "normal para a idade". Ele se alterava quando queria muito alguma coisa, pulando, gritando, chorando e xingando. Chorava fácil. Tinha medo de inseto, de cachorro e de escuro. Tinham muito ciúme da mãe com os outros e principalmente do irmão com relação à mãe. Apresentava crises de birra, às quais os pais reagiam chamando-o e conversando. Nunca havia feito psicoterapia.

No que diz respeito aos dados familiares, a mãe é a filha do meio (seus irmãos são casados, um deles tem filhos). Os avós maternos eram casados e vivos (a avó materna era mais velha do que o avô quase o mesmo número de anos que a mãe era mais velha do que o pai). O pai é filho único. O avô paterno faleceu de enfarto. A avó paterna era viva.

Na família, em termos de saúde, havia casos de hipertensão (avó materna), diabetes (avó materno) e problemas cardíacos (mãe). O pai, segundo o relato, não era alcoólatra, mas "bebia bem". Não havia casos de violência em sua família, de nenhum tipo. Não houve mortes na família que tivessem sido significativas para João, mas ele havia sofrido quando se separou de primos que se mudaram para outro Estado. Um tio e um primo são os familiares mais importantes afetivamente para ele.

A mãe descreveu a qualidade de seu relacionamento conjugal como "normal, sem problemas", embora ela e o marido tenham ficado 8 meses separados por um "desentendimento" (ela colocou esta informação no item que pedia para indicar crises ou conflitos familiares significativos que podem ter afetado de algum modo a criança). Este era o primeiro e único casamento de ambos os pais. A mãe era quem exercia a autoridade em casa. Os pais contavam com a ajuda das avós para cuidar das crianças.

Cada um dos pais passava aproximadamente seis horas por dia com os filhos. A relação da mãe e do pai, separadamente, com João era boa, bem como a relação entre os pais e o filho mais novo. O irmão já frequentava escolinha. Segundo a mãe, o relacionamento entre os irmãos era "normal", embora João tivesse muito ciúme do pequeno. Não havia conflitos graves entre eles. Não existiam outras pessoas morando no lar.

A família era católica "mais ou menos" praticante. Os interesses culturais dos pais eram voltados a cinema e shows. Nos momentos de lazer, passeavam com os filhos, iam a shoppings, lanchonetes para crianças, cinema, clube, andavam de bicicleta, viajavam à praia.

Moravam em uma casa com dois quartos, na zona oeste de São Paulo, desde que os pais se casaram. O quintal era o local onde João mais brincava na casa.

## ANEXO B

### DADOS DE OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS

As sessões foram descritas na íntegra, na perspectiva de cada criança. Este trabalho foi feito com base nas fitas de vídeo gravadas em cada sessão do brincar. Todas as expressões verbais e não-verbais das crianças foram transcritas.

- GRUPO 1

#### G1.1. HENRIQUE

##### Sessão 1:

Henrique iniciou a sessão dizendo que era irmão de Tiago, e frisando isso várias vezes. Deu-lhe um forte abraço, repetindo muitas vezes: "irmão, irmão, meu irmão". Depois, subiu em suas costas e brincou de cavalinho. Falou que ia cair. Saiu das costas do irmão e este chamou-o de novo, colocou-o em suas costas e deram juntos algumas voltas pela sala, repetindo: "cavalinho, cavalinho".

Saiu das costas do irmão e foi olhar os materiais da prateleira. Chamei-o para juntar-se ao grupo, pois eu iria apresentar os brinquedos. Vendo-os, fez exclamações de contentamento e curiosidade. Começou pegando um punhado de tijolinhos para si. Sentado, de pernas cruzadas, iniciou a montagem de uma espécie de casinha, de seu lado direito, com telhado. Ia escolhendo os tijolinhos, falando sozinho e com o irmão. Disse que ia compartilhar seus tijolinhos com o irmão e repetiu várias vezes: "Ele é meu irmão, meu irmão, meu irmão".

Ficou entretido durante algum tempo com os tijolinhos, montando a sua casinha e repetia algumas vezes ao pegá-los: "Isto é meu, é meu". Disse que estava fazendo um castelo, e construiu um grande castelo, dando bastante importância aos telhados. O irmão o ajudou a encontrar mais telhados entre os demais tijolinhos.

O irmão se prontificou a ajudá-lo e ele aceitou, empurrando mais tijolinhos para montar o seu castelo. Chamava Tiago de "irmão" e não pelo nome. Empurrou uma quantidade de tijolinhos para o irmão continuar montando o seu castelo, que já estava grande, mas não se juntou a ele e sim começou a montar outro, do lado oposto ao irmão e de costas para ele.

As outras crianças começaram a distribuir papéis para brincar de família, cada um dizendo quem gostaria de ser, mas não chegaram a brincar. Henrique disse: "E eu sou o nenê" (repetiu duas vezes).

Chamou o irmão para defendê-lo, dizendo que Rafael tinha pego seu tijolinho e não queria lhe dar um outro tipo de telhado, com o qual estava construindo algo raso no chão. O irmão levantou e falou para Rafael dar a ele o tijolinho. Henrique falava com uma voz de nenê com o irmão, que o ajudava a construir seu novo brinquedo e o protegia de Rafael, ficando de costas para este.

Henrique falou ao irmão: "Ah, já sei, vamos montar uma coisa..., hum..., um castelo?" e Tiago respondeu: "Ah, não! deixa em montar um robô, um robô deitado!". Henrique aceitou a proposta e os dois foram montando o robô e conversando: "Aqui a perna etc...". Henrique, de maneira entretida, montava o robô.

começando pelas pernas, mas ao mesmo tempo ouvia Rafael dizer que estava fazendo um castelão, tendo exclamado para mim: "Ô tia, ele está fazendo um castelão!".

Depois, Henrique disse que estava fazendo um carro (no lugar em estava construindo o robô). O irmão já havia se afastado para outra atividade. Depois, pediu duas vezes a Tiago: "Ô, irmão, faz um carro pra mim". Como o irmão não foi ajudá-lo, ele disse: "Já sei, já sei, vou fazer um robô de verdade!". Em seguida, mudou de idéia e falou-me: "Eu vou fazer um gavião" (não chegava a terminar o que montava, suas mudanças de tema eram muito rápidas, ou então, à medida que ia percebendo que os tijolinhos juntos iam tomando forma e se assemelhavam a algo diferente do original, parecia que ele ia associando outras imagens a estas formas e as nomeando). Fisicamente, Henrique era o que estava mais próximo de mim. O gavião tinha grandes asas.

Henrique falou, em seguida, que Rafael estava bravo e deu risada. Ficou olhando o irmão que corria pela sala com Rafael e chamava-o: "Ô irmão, vem!". Retomou rapidamente a busca de tijolinhos e falou que ia pegar o "pequeninho". Dirigiu-se para onde Anita brincava e pegou o bebê e o cachorrinho.

De passagem, Rafael tentou enforcá-lo de brincadeira (isto é, aparentemente sem fazer força) e Henrique nem se incomodou com isto, continuando o que estava fazendo. Depois pegou um certo tijolinho, pôs na boca, apontou-o para Rafael, simulando que atirava contra ele várias vezes, depois voltou o tijolinho em direção à boca e o assoprou algumas vezes, como se assoprasse a explosão de pólvora de um revólver.

Depois simulou um chute contra Rafael e começou a pisar nos tijolinhos, arrastando-os no chão sob seus pés, e gritou algumas vezes com voz mais grave: "Eu sou um monstro!". Pegou vários tijolinhos em cada uma das mãos e saiu pela sala com os dois braços abertos como se fossem asas, falando com voz grossa algo que era ininteligível e depois disse: "Eu vou explodir! Eu vou fazer um assassino!". Pisou em alguns tijolinhos e falou com outros que estavam em sua mão e caíram, dizendo: "Ah, você caíram?". Então, largou todos no chão e aproveitou um minuto de distração de Rafael, que havia brincado com um cachecol vermelho do boneco-avô, e pegou para si este cachecol (que devia ter uns 20 cm., de tecido). Tentou amarrá-lo em volta da cabeça, dando risada. Não conseguiu, e então começou a rodá-lo horizontalmente como um laço de boiadeiro e cantou várias vezes "Roda de rodeio, pra ficar parado!". Depois tentou mais uma vez amarrá-lo em volta da cabeça sem êxito, e passou a girá-lo fortemente, desta vez em sentido vertical e a fazer com a boca um ruído de chicote. Tentou amarrá-lo em volta de seu pescoço, ficou meio tonto e caiu no chão. Fazia barulhos muito fortes como urros, tendo se dirigido à escrivaninha e dado várias chicotadas nela.

O cachecol, que virara laço e depois chicote, caiu no chão. Ele pegou-o e passou novamente a rodá-lo horizontalmente em cima de sua cabeça, cantando: "Roda de rodeio, pra ficar parado!", várias vezes. O irmão acompanhou-o na música. Henrique foi até ele e deu algumas chicotadas em suas costas rindo e falando para o irmão, imitando uma voz de bravo: "O que você está fazendo?".

Depois tentou passar o laço em volta da cabeça na altura do nariz, parou, cheirou-o e continuou a rodá-lo, verticalmente. Perguntei-lhe o que era o laço e ele me respondeu "cocô". Tiago repetiu e me falou que Henrique havia dito "cocô" e que ele estava louco, perguntando-lhe várias vezes: "Você está louco? Você está



louco?" e Henrique dava risada enquanto o irmão tentava puxar o laço dele. Henrique saiu correndo atrás de Tiago com o laço, rodando-o, tentando pegá-lo e dar-lhe chicotadas, e o irmão corria na sua frente. Ficaram dando voltas na sala com este jogo e dando muita risada. Henrique falava: "Eu vou pegar o Tiago", até que caiu no chão e falou: "Eu não machuquei!". Teve um acesso de tosse.

Levantou-se e deu chicotadas no braço do irmão. Continuou a correr atrás dele tentando pegá-lo com o chicote, sempre dando risadas. Passaram a correr em volta de mim, Henrique tentando pegar o irmão. Falava: "Eu vou te pegar" e quando o alcançava gritava: "Te peguei". Nesta correria, pegou um boneco do chão e jogou-o em cima de Tiago, dizendo: "Ó seu namorado" e fingiram brigar pelo boneco. Quando o irmão conseguiu pegar o boneco dele, Henrique disse: "Ah, então eu não vou mais brincar". E o irmão devolveu-lhe o boneco. Henrique deu o boneco a Rafael que o beijou na boca e tentou passá-lo para Tiago, mas Henrique o interceptou, ameaçando: "Se você der pra ele, eu tomo!"

Depois, Henrique chutou duas vezes os tijolinhos no chão. Uma ação diferente se encadeava na outra, de forma hiperativa, hiperexcitada. Continuou a correr atrás do irmão, tentando chicoteá-lo com o laço. Rafael o parou e mostrou-lhe que havia tirado a roupa do boneco. Henrique parou para vê-lo, observou-o bem, fez uma careta e disse: "Ele está pelado", mostrando-o para mim. Passou a bater com o boneco e com o laço alternadamente na cabeça de Rafael, que não se incomodou. Saiu com o boneco em uma mão e o laço na outra, indo atrás do irmão para bater neste com o mesmo. Dava gritos e urros. Pediu mais bonecos ao irmão. Este não lhe atendeu e Henrique gritou: "Eu não sou mais teu irmão!", o que fez Tiago lhe dar um monte de bonecos.

Henrique passou a dar muitos urros e a bater com o laço nos móveis da sala. Chamou-me várias vezes para ver o que estava fazendo, dizendo: "Agora, você vai ver como eu 'tô forte, ouviu, ouviu?". Respondi-lhe que estava ouvindo e vendo que ele estava forte com o laço na mão. O irmão lhe falou: "Na na ni na não, já vai fechar o portão" e riu. Henrique lhe deu laçadas no rosto. Tiago falou-lhe: "Não me bate!" E Henrique perguntou: "O que você falou?". Este lhe respondeu: "Que você cagou!" e deram risada. Henrique bateu mais uma vez no rosto dele e disse: "Quem mandou você falar isso?". O irmão respondeu repetindo: "Quem mandou você cagar tudo isso?". E Henrique continuou batendo com o laço no rosto do irmão e mandando: "Pára com isso!", rindo; e Tiago repetia: "Quem mandou você cagar tudo isso?". E continuaram nesse jogo. Henrique: "O que você falou?" e Tiago: "O que você cagou?" e Henrique batia nele com o laço, gritando: "Vou te bater" e o fez com força. Então, eu falei: "Olha que isso dói". Tiago respondeu: "Não, isso não dói". Henrique continuou batendo nele e falando: "Tô batendo de chicote!". Tiago respondeu-lhe: "Pode me bater quanto você quiser". Perguntei a Henrique se ele batia de verdade ou de brincadeira. Tiago, depois de pensar um pouco, respondeu que ele batia de brincadeira. Henrique afirmou, chicoteando no ar: "Eu bato quando eu 'tô bravo!".

Henrique começou a enrolar o então chicote em seu braço, como se fosse um laço, fechou o rosto (fez cara de bravo) e repetiu várias vezes: "Agora estou bravo, estou bravo!". Tiago lhe disse: "Não 'tá bravo nada!". E Henrique o ameaçou com o laço, com tom de brincadeira: "Hum, o que você falou?". Tiago recomeçou: "Você ficou bravo e cagou!". Henrique riu e lhe disse: "Pára de falar isso, 'viu!", e saiu de lado rodando o seu laço no ar. Tiago repetia: "Pára de cagar isso!".

Henrique sentou-se no chão e o laço caiu de sua mão. Tiago o pegou e abaixou, escondendo-o. Henrique falou com voz chorosa: "Ah, irmão, dá pra mim". E Tiago jogou o laço para trás, longe de Henrique. Este fez cara de "sonso", fingindo não ter visto onde o laço caíra e ficou perguntando: "Onde você jogou? Onde é que está?". Tiago pegou o laço novamente e escondeu-o atrás de si. Henrique começou a perguntar alto: "Rodeio, rodeio, onde você está?" e a rodar em volta dele mesmo. Tiago o chamou e ele perguntou: "Por que você sumiu, Tiago?". Então, Tiago mostrou-lhe o laço, riu e jogou-o longe, no meio das carteiras. Henrique foi atrás do laço, dando urros muito fortes.

Voltou, depois de encontrá-lo, e disse ao irmão: "Agora eu tenho cinta, agora eu vou te bater!". Enlaçou de tal forma o laço que o fez parecer uma cinta dobrada e a movimentava pela sala, chamando e ameaçando o irmão. Dava ordens para o irmão ir até ele, e este lhe dizia, enquanto brincava com outra coisa: "Não, eu vou depois". Henrique voltou-se na direção dele e perguntou: "Não quer ir?", batendo-lhe com a então cinta no rosto do irmão. Apesar da violência, o tom do jogo era carinhoso e os irmãos davam muita risada. Henrique lhe perguntava: "Quem falou isso? Foi você?" e lhe dava a chicotada, dizendo: "Foi você, né, seu engraçado!". Henrique perguntava muitas vezes: "O que que você falou?" e Tiago não lhe respondia, fechando a boca, fazendo sons como se sua boca estivesse lacrada. Henrique, soltando urros, gritava que ia pegá-lo e saía correndo atrás dele na sala, dando chicotadas no ar, tentando acertá-las no irmão, iam correndo por entre os brinquedos que estavam com os outros, pisando nos tijolinhos. Henrique ria e falava: "Vem aqui Tiago, que eu vou te pegar". E Tiago lhe respondeu: "Você é um neguinho!". E Henrique perguntou: "O que você falou?", pegando um dos bonecos e batendo com ele no irmão.

Depois, Henrique jogou este boneco em cima do irmão, soltando mais urros, como se fosse um urso feroz. Pegou então uma rodinha, que havia aparecido lá não sei como, apontou-a para o irmão e atirou-a nele, sempre mantendo a cinta em forma de laço na mão esquerda. Ficou atirando esta rodinha no irmão, sempre rodando-a antes em cima da cabeça como se fosse o laço. Pegava-a do chão e recomeçava, gritando: "Vou pegar o Tiago, meu irmão". Ambos estavam pingando de suor. Antes de jogar a rodinha, Henrique dizia algumas palavras como se fosse inglês (one two for two). Continuou rodando o laço atrás do irmão e perguntando sempre, fingindo estar com cara de bravo: "O que que você falou? O que que você falou?".

Pegou então um tijolinho da chão com uma mão e na outra manteve a rodinha e o laço. Rodou este tijolinho e disse: "Eu vou jogar", apontando-a para o irmão, mas deixou-o cair atrás de si. Deixou o laço e foi atrás do tijolinho que havia jogado. Voltou-se e perguntou: "Quem tirou a fita daqui?" e o irmão respondeu-lhe que havia sido ele. Henrique recuperou o laço numa mão e dois bonecos na outra e os atirou um de cada vez em cima de Rafael.

Henrique falou, em seguida, à cinegrafista, que estava indo pegar um tijolinho atrás da cadeira. Voltou, pegou uma boneca, uma mulher e disse: "Ô irmão, tira a calça dela que eu vou bater na bunda dela assim!" e fez os movimentos de chicotear a boneca. O irmão respondeu: "Não dá pra tirar! Mas bate na bunda desta, ô", dando-lhe uma outra boneca da qual já havia tirado a roupa. Henrique bateu algumas vezes nas nádegas da boneca, jogou-a depois no chão e disse ao irmão: "Ah, você está aí!", indo atrás dele com o laço novamente. Parou no meio da sala e esticou bastante o laço na frente e atrás de seu corpo soltando urros.

Depois, tentou amarrar o laço em volta de sua cintura, dizendo ao irmão: "Vou me amarrar, e você não vai ver eu me amarrar". Neste momento, apareceu uma criança na janela e ele disse: "Eu vi um bebê aqui!". E foi atrás dela na janela, dizendo carinhosamente: "Oi, bebezinha" (era uma menina de seu tamanho). Tentou subir na janela, escalando a parede e, com dificuldade, deu chicotadas no apoio da janela. Tive de intervir, tirando-o da janela pois ele e o irmão tentavam pulá-la. Henrique correu então até o banheiro para beber água na pia e depois comunicou o fato à cinegrafista: "Ó, fui beber água na pia!".

Henrique ficou rodando em torno de si mesmo com o laço batendo em suas próprias costas. Depois, rodou-o por cima de sua cabeça e cantou: "Roda de rodeio, pra ficar parado". Enquanto isso, eu estava participando de um jogo (lançar bonecos da família pelo ar) com Tiago e Rafael, a pedido destes, e Henrique se pôs bem no meio rodando o seu laço e cantando. Então ele se dirigiu à cinegrafista e avisou: "Vou pegar um giz tia, pra desenhar uma cobra". Subiu nas carteiras e mexeu nos materiais para achar o giz, chamando minha atenção, o que me fez parar o jogo com os outros e lhe dizer que ali ele não podia brincar, chamando-o para o centro da sala, onde estávamos. Ele aproximou-se de nós e contou que Rafael havia pego alguns bonecos. Continuou depois brincando com seu laço sozinho.

Em seguida, começou a pisar nos tijolinhos e foi se juntar ao irmão que estava deitado embaixo da escrivaninha, rindo muito. Ficaram dando risadas, escondendo-se e enrolando-se debaixo da mesa. Rafael juntou-se aos dois. Gritavam, faziam muito barulho, batendo na mesa e me chamando a atenção várias vezes. Eu os observava.

Henrique, escondido debaixo da mesa, mantinha um braço fora da mesa e a chicoteava. Repetiu o que o irmão havia dito, que os homens iam fazer o show.

Rafael saiu debaixo da mesa e tapou-me os olhos com as mãos, perguntando quem era, e depois Tiago. Henrique participava respondendo quem era. Depois falou: "Agora eu, Tiago" e foi por trás de mim, tapando-me os olhos com o laço. Falou que era ele, duas vezes, e enrolou o laço em volta de seu próprio pescoço. Ficou amarrando-o no pescoço, por trás de mim e rindo, enquanto eu tentava olhar para ele. Amarrou bem forte o laço em seu pescoço e foi para o centro da sala, fingindo que se enforcava. Depois, saiu andando pela sala com o laço nas costas.

Foi para debaixo da escrivaninha, falando bem alto: "Agora eu vou me esconder!". Logo saiu, chutou um boneco no chão e caminhou enrolando seu laço no braço. Rodou o laço em cima de sua cabeça e o jogou no chão várias vezes. Sempre ficava me observando brincar com os outros que me solicitavam, sem conseguir integrar-se à brincadeira. Chutou muitas vezes os tijolinhos e eu lhe disse para tomar cuidado para não machucar os outros. Passeou pela sala pisando nos tijolinhos com as duas mãos levantadas segurando as pontas do laço.

Entrou debaixo da mesa com seu laço e ficou cantando e falando sozinho, jogando o laço por cima da mesa. Cantou muito alto, gritando: "Hei hei tututu vai bater", chicoteando o ar por baixo da mesa (enquanto isso eu estava chamando Rafael que mexia no computador). Saiu debaixo da mesa e a chicoteou por cima, falando-me que já sabia subir na mesa. Eu o acompanhei subir na mesa. Avisei a todos que a sessão havia acabado e que no dia seguinte voltaria para brincar. Henrique ignorou o que eu disse, aparentemente, continuando a chicotear a mesa. Enfiou-se debaixo dela e chamou o irmão para ir com ele. Pegou o globo do mundo



e disse que ia chutar bola, chutando-o pela sala. Jogou futebol com o irmão, com o globo (enquanto isso eu guardava os brinquedos). Procurou o seu laço que havia sumido, perguntou ao irmão onde estava o laço e ficou rodando suas mãos como se o tivesse enrolando. Rafael juntava os tijolinhos, ajudando-me a guardá-los e Henrique passou a pisar em cima deles. Rafael reclamou com ele, que saiu. Esperou Rafael virar as costas e pisou de novo nos tijolinhos. Procurava seu laço por todos os cantos, desesperadamente. Procurou-o dentro dos sacos de brinquedo e Anita não o deixava olhar no saco dos bonecos, do qual ela havia se apoderado. Ela resolveu então mostrar-lhe o saco e ele, depois de verificar, concluiu que o laço não estava lá. Bateu com o globo do mundo no chão e o jogou várias vezes para debaixo da mesa.

Depois, pôs o globo no lugar, pegou uma bola de Rafael e a atirou com toda a força em direção à parede. Saiu correndo atrás da bola. Rafael percebeu e foi atrás, discutindo com ele.

### Sessão 2:

Henrique estava com um gibí que Rafael havia lhe dado (pego da prateleira), segurando-o com uma das mãos. Tentou subir na janela, escalando a parede. Tive de tirá-lo de lá. Foi até os brinquedos que Tiago e Rafael tinham pego e despejavam no chão, no centro da sala, sentou-se de pernas cruzadas e disse que ia brincar com seu irmão. Combinei com eles que não era permitido ir até a janela, nem nas carteiras e à prateleira, e que brincaríamos no espaço central da sala (delimitamos este espaço com as carteiras). Henrique fez que entendeu, prestando a atenção no que eu falava e dizendo que concordada.

Henrique falou (com gagueira na primeira palavra): "Quem Henrique vai brincar com o Tiago, né Tiago?". E Tiago respondeu "Henrique é irmão de Tiago", repetindo a frase três vezes, enfaticamente. Henrique estava com uma tosse muito forte.

Henrique contou a Tiago que Rafael havia lhe dado um gibí (com uma voz de bebê). Depois confirmou o fato com Rafael. Começou então a montar algo com os tijolinhos junto com Tiago, conversando com ele a respeito do que havia acontecido à noite no quarto (disseram algo sobre Rafael ter se escondido à noite). Henrique mostrou-me uma pequena bolinha e confirmei-lhe que a estava vendo. Rafael trouxe um livro da prateleira, sentou-se no chão e mostrou-o a Henrique. Henrique chamou Tiago para ver uma bola que estava desenhada no livro.

deixei que vissem o livro um minutinho, disse-lhes que poderia ser visto em um outro momento e reforcei o que já havia dito, de que não tínhamos permissão para mexer nos materiais da estante. Aceitaram a colocação, Rafael me deu o livro e eu o recoloquei na prateleira.

Henrique voltou-se para os tijolinhos e começou a pegar os telhados. Disse-me que seu nariz estava de catarro, porque um menino havia lhe batido. Falou a Tiago que tinha acontecido uma mágica apontando um telhadinho que estava grudado em sua mão. Tiago não lhe deu atenção, então Henrique falou a mesma coisa à Anita, mostrando-lhe a mão com o tijolinho. Esta apenas olhou. Henrique voltou-se ao irmão, dizendo-lhe: "Viu que eu ia fazer uma mágica?". Foi até a cinegrafista e falou-lhe: "Ó tia, eu tava com um igual deste (apontando o tijolinho em uma mão) e depois apareceu este (apontou o outro)".



Henrique chamou seu irmão de Quinho, seu próprio apelido, e falou sério: "Eu chamei o meu irmão de Quinho", repetindo esta observação mais duas vezes. Tiago lhe disse: "O seu apelido é que é Quinho". E Henrique repetiu: "O meu apelido é que é Quinho!". Então, contou-me novamente que havia chamado seu irmão com o seu apelido. Tiago disse-lhe que Quinho era o nome dele e ele retrucou: "Meu nome não é Quinho, meu nome é Henrique. Meu apelido é Quinho, né irmão?", o qual lhe confirmou.

Henrique pegou um telhadinho e disse: "Eu vou pegar um grandão assim, ô". Pegou mais um telhadinho e com um em cada mão empurrou-os no chão como se fossem carrinhos dizendo: "Ó, não dá pra fazer mágica com esse não, ó". E mostrou-os a todos, falando: "Ó, fica olhando que eu vou fazer de novo mágica, ô". Apertou sua mão (que devia estar suada) em um telhadinho e este grudou nela. Ele mostrou a mão com o telhadinho grudado e me disse duas vezes: "Tá aqui a mágica!". Largou-o e pegou outro dizendo: "Eu vou fazer mais outra mágica". Esfregou o tijolinho no chão, ele grudou em sua mão e me disse: "Tá aqui a mágica". Olhou um outro em sua mão, observando: "Tem dois igual".

Dirigiu-se para onde Anita estava brincando, pegou uma boneca e disse: "A roupa dela é de saia, ô". Pegou uma outra e falou: "As duas têm saia. Essa tem saia e é da Anita", jogando a boneca para Anita. Fez o mesmo com a outra boneca. Depois, tossiu muito.

Em seguida, perguntou: "Quem é Tiago?". Rafael respondeu: "Eu!". Henrique disse: "Não é!" e perguntou novamente. Pegou uma borrachinha no chão e Rafael lhe disse que era sua. Rafael tirou-lhe a borracha. Henrique recolheu um gíbi do chão e falou: "Ó, irmão, tó, eu não quero mais não".

Depois, dirigiu-se ao outro lado dos brinquedos e disse que ia construir um castelo. Empurrou os tijolinhos dizendo: "Isso tudo é meu". Desistiu. Pegou alguns telhadinhos falando que ia fazer mágica. Olhou para a cinegrafista, que havia sentado em cima da mesa para filmar melhor, e falou: "Ó tia, como é que você conseguiu sentar aí?". Foi para o outro lado novamente e começou a construir uma espécie de casinha. Tossiu muito. Começou a pular bastante dizendo: "Ó, irmão, eu tossi pulando. É assim, ó!" (e mostrou-lhe como havia feito). Repetiu mais algumas vezes para mostrar-lhe. Quando se voltou para a casinha que estava montando, os tijolinhos não estavam lá (Rafael os havia pego) e Henrique reclamou: "Ó tia, eu pus meu brinquedo aqui, aonde está?, apontando e olhando para os lados. Rafael olhava de "rabo de olho", sem se manifestar. Henrique repetiu: "Quem pegou meu brinquedo daqui? Quem pegou?". Rafael lhe disse: "Não fui eu não!". Henrique, percebendo o tom da resposta (de malícia), se dirigiu aos tijolinhos que estavam com Rafael. Este cobriu-os, protegendo-os. Henrique perguntou-lhe: "Por que você pegou o meu brinquedo e pôs lá? Hein?". Rafael não lhe respondeu e então Henrique saiu pelo lado, engatinhando, e arrastando dois tijolinhos com as mãos.

Perguntou-me: "Amanhã você vai vim?". Expliquei-lhe que no dia seguinte não, mas dali a uma semana. Então, Henrique relatou-me que estava brincando em um dado lugar e que Rafael havia pego seu "negócio de bolinha", apontando para uma rodinha que estava solta por lá. Depois me disse: "Eu 'tava na frente na fila, puxando, né irmão?" (na fila das crianças para ir à sessão). Tiago não lhe respondeu porque estava conversando outra coisa comigo. Henrique continuou: "Então, eu vou fazer uma fila". Tiago contou-me que haviam feito uma fila por ordem de tamanho. Henrique repetiu: "Eu 'tava na frente! É eu que 'tava na frente!". O irmão o abraçou falando: "É, você puxou a fila, bonito!". E Henrique completou:

"É, eu 'tava na frente!". Enquanto o irmão contava a história da fila, Henrique juntava todos os telhadinhos compridos e verdes na mão esquerda, fazendo um punhado. Mostrou ao irmão o que havia pego com a outra mão, um tijolinho comum: "Eu peguei isso!". Henrique explicou-lhe: "Eu 'tava pegando isso (os verdes) e aí peguei isso (o comum)", como se dissesse ao irmão "como sou distraído". Repetiu esta afirmação três vezes.

O irmão pegou o tijolinho e o jogou como se fosse uma bola de gude. Henrique lhe afirmou: "Eu não sei jogar". Tiago lhe explicou: "Faz assim, ó! Você pega...". Henrique prestou atenção e tentou fazer o mesmo, dando risada porque não saía igual ao do irmão. Mostrou ao irmão aonde tinha acertado o tijolinho, em cima do gíbi, dando mais risadas. Então, anunciou ao irmão que iria fazer a pema de um robô.

Nem começou o robô e dirigiu-se à Anita, dizendo-lhe que ela era homem porque ela havia pego um boneco, explicando-lhe que mulher usa boneca e homem usa boneco. Pegou o boneco-menino e o jogou. Depois, pegou o boneco-avô e disse: "Eu vou brincar com o papai". Jogou o boneco de lado e pegou uma boneca dizendo quatro vezes: "Ó irmão, você pegou a menina e jogou aqui, ó". Jogou a boneca para Anita e disse-lhe: "Ó Anita, é essa boneca aqui que meu irmão pegou e jogou aqui. Meu irmão pegou essa mulher aqui". Jogou a boneca longe e falou: "Eu 'tô fazendo o meu robô e ele está pegando a mulher aí".

Rafael pegou algumas de suas peças e Henrique falou-me: "Ó tia, ele pegou o meu". Depois apontou Rafael e falou duas vezes: "Ó irmão, ele pegou o meu". Eu intercedi dizendo aos dois que cada um tinha pego um pouquinho e que eles podiam dividir.

Henrique iniciou outra montagem e falou que ia fazer um martelo. Disse duas vezes: "Ó irmão o que eu 'tô fazendo". Eu perguntei-lhe o que estava fazendo e ele respondeu-me: "É um martelo grandão". Perguntei-lhe para que o martelo, o que ele iria fazer com ele. Não me respondeu e repetiu que estava fazendo um martelo. Parou sua atividade e disse que ia cantar. Pulou várias vezes, batendo palmas e cantando uma música. Falava: "Ó irmão o que eu sei fazer!", cantando, dançando, batendo palmas e pulando.

O irmão o convidou para jogar bola. Henrique pegou a bola e disse que ia tirar o chinelo para chutar bem forte. Perguntou ao irmão se ele não ia tirar o sapato porque só ele havia tirado o chinelo. O irmão chutou a bola para as cadeiras e Henrique perguntou por que Tiago havia feito aquilo. O irmão caiu. Henrique perguntou a Tiago por que ele havia caído.

Pegou um livrinho da prateleira e disse que havia pego um coelhinho. Subiu na prateleira para alcançar mais livros. Eu levantei para tirá-lo de lá e lembrá-lo do que havíamos combinado (de não ir à prateleira). Voltou ao centro da sala com outro livro e eu pedi-lhe para deixar o livro no lugar porque não tínhamos permissão para pegá-lo. Ele me devolveu o livro.

Achou a borrachinha no chão e ficou jogando-a para cima e pegando-a. Ela caiu em Anita e ele pediu-lhe que a devolvesse, o que ela fez. Chutou o martelo que tinha construído e falou: "Eu não quero mais brincar de martelo não". Continuou jogando a borrachinha para cima e pegando-a, chamando a atenção do irmão e dizendo-lhe que estava jogando a borrachinha no telhado.

Achou uma argola no chão e perguntou quem havia trazido aquilo. Rafael lhe respondeu que tinha sido ele. Enfiou a argola em seu pulso (ela tinha a forma de uma pulseira) e chamou novamente a atenção do irmão.

Foi beber água na pia do banheiro. Ao voltar, percebeu que havia perdido um dos chinelos no banheiro e perguntou: "Cadê meu chinelo? Cadê meu chinelo? Ele sumiu". Voltou ao banheiro e gritou para mim que seu chinelo estava se escondendo. Saindo do banheiro disse ao irmão: "Agora eu não vou chorar mais quando ela sumir". Tiago respondeu: "É, bonito, você não vai chorar mais". Voltou-se para mim dizendo e apontando com o dedo: "Agora eu não vou chorar mais quando você ir embora". Eu lhe perguntei se tinha chorado. Ele respondeu-me: "Ontem eu chorei, né irmão que eu chorei ontem quando ela foi embora? Aí eu queria ir embora". O irmão lhe disse: "Vai ver que você queria ir pra casa dela, né?". Chamei Henrique. Ele faz cara de choro, veio até mim com os braços abertos como se quisesse colo. Depois se virou para Tiago e disse: "Irmão, eu quero ir embora (repetindo isso muitas vezes). Ô irmão, eu não quero ir pra casa dela, eu quero ir embora". Eu lhe disse: "Você quer ir para a sua casa". Ele continuou falando repetidamente que queria ir embora, como se não me ouvisse e se dirigiu à Anita dizendo-lhe com outro tom de voz: "Anita, eu joguei isso lá no alto, aí depois isso ficou lá no alto. Assim ô (e mostrou). Aí depois ele ficou no alto e aí depois ele caiu aqui".

Dirigiu-se para o local onde estava o globo do mundo, pegou-o e soltou urros. Começou a gritar euforicamente, dizendo: "Eu encontrei! Eu encontrei!", levantando o laço vermelho de ontem que tinha ficado debaixo do globo. Gritou: "Ô irmão, apareceu, tava aqui, eu achei! Ô irmão, apareceu!", levantando o laço. Mostrou-o para a cinegrafista: "Ô, agora apareceu, ô, apareceu sozinho, né irmão?".

Aproximou-se de mim, muito agitado, como se tivesse em êxtase. Segurei-o, delicadamente e lhe disse: "Espera, posso falar com você?". Ele parou para me ouvir. Então, lhe expliquei que não estava ali para levá-los embora, que tinha ido para brincar com eles e que viria sempre; que sabia que ele queria embora, mas que ele não precisava chorar cada vez que eu fosse embora. Henrique respondeu-me: "Tá! Quando você ir embora eu não vou com você e não vou chorar" e saiu chacoalhando o laço. Foi até o irmão e disse: "Irmão, quando a tia ir embora de novo, eu não vou chorar, eu não vou chorar". E Tiago lhe respondeu: "Porque você é homem, você não é bicha! Porque bicha é mulher e mulher chora, homem não, né tia?". Eu disse aos dois que homem podia chorar sim. Os dois prestaram atenção. Falei que quando estamos tristes choramos, ou quando estamos emocionados, mulher ou homem. Tiago disse: "Só criança". E completou: "Ah, então mesmo que mulher falar que homem não pode chorar, então ele pode". Confirmei-lhe seu raciocínio. Henrique ficou ouvindo, mexendo em seu laço e completou: "Eu tava chorando ontem porque eu queria ir embora". Repetiu isto quatro vezes para o irmão e este começou a lhe falar de um outro assunto, combinando de jogar com ele um tipo de futebol, estabelecendo os limites de um gol. Henrique concordou com a proposta.

Henrique chutava, Tiago defendia e riam. Henrique jogava sem largar o laço da mão. Rafael reclamou que o jogo estava atrapalhando o brinquedo dele e estabelecemos então um limite na sala para o futebol. Aparentemente, Henrique aceitou a delimitação. Disse-me que ia chutar a bola com o laço e o fez. Falou que chutou bem forte sua bola e por isso seu irmão havia caído. Jogou a bola em cima do brinquedo de Rafael e este atirou a bola para longe. Depois, pôs o pé no meio



do que Rafael estava montando e o tirou. Rafael não falou nada, porque não chegou a desmanchar o que estava montando.

Henrique afastou-se e começou a rodar o laço verticalmente. A bola que o irmão chutava caiu debaixo das cadeiras e Henrique disse-lhe: "Não falei que a bola ia pra lá, não falei?". Depois, tentou chutar a bola e chutou o ar, falando: "Eu não chutei, eu ia chutar mas eu fiz assim, né irmão, que eu não chutei a bola?". Tiago lhe disse: "Você queria chutar mas o seu pé não chutou". Henrique riu e chutou novamente, dizendo: "Agora eu chutei, agora eu chutei".

Rodou o laço várias vezes e começou a cantar: "Roda de rodeio pra ficar parado!" (cantou várias vezes). Pegou a bola do irmão e a jogou nas prateleiras, dando risada e dizendo: "Olha, eu sou mais forte! Meu irmão não sabe jogar a bola lá no alto". Eu disse que havia entendido mas pedi-lhe para não atingir o material. Ele aceitou e começou a chutar a bola para o outro lado, brincando com o irmão. Depois mostrou que a bola havia batido nos tijolinhos. Largou a bola e pegou a borrachinha, jogando-a para fora da janela. Abriu a porta e foi buscá-la. Rafael foi ajudá-lo. Henrique não conseguiu, ficou tentando fechar a porta com Anita e eu levantei para ajudá-los. Tirei Rafael da janela. Tiago me ajudou, e retomei o que combinamos a respeito dos limites para brincar.

Henrique falou: "Vou virar uma estrela" e virou. Voltou a jogar bola com o irmão. Depois, passou a jogar a borrachinha sozinho, sempre enrolando o laço na mão. Falou ao irmão que ele tinha jogado a borracha fora da sala: "Né irmão, não é que eu joguei a borracha aqui?". Ficou jogando a borracha e disse que ela tinha andado. Pediu-me para amarrar o laço em volta de sua cabeça. Pedi-lhe que sentasse na minha frente para eu amarrá-lo. Consegui amarrar. Ele correu para acompanhar Rafael que estava se pendurando nas prateleiras. Eu fui falar com Rafael.

Henrique subiu em uma cadeira e ficou mexendo no globo. O irmão lhe disse (porque Rafael queria esconder alguns gibis na própria roupa): "Ninguém é ladrão aqui, né Henrique?" e este lhe respondeu: "Só o caminhão é ladrão, né irmão?".

Henrique pegou o saco de Anita, no qual ela havia guardado alguns bonecos, e despejou-os no chão. Olhou dentro do saco vazio e o fechou, prendendo-o na carteira escolar. Percebi que o laço na cabeça de Henrique o estava machucando e sinalizei-lhe isto, propondo que ele o tirasse. Ele concordou. Expliquei-lhe que o laço era muito curto para sua cabeça.

Henrique saiu da cadeira, dizendo: "Agora sim eu vou chutar bola. Vem irmão, chutar bola!". Entretanto, pegou o outro saco no qual Anita havia arrumado os bonecos novamente e jogou-os todos no chão, o que fez com que ela gritasse: "Não!". Pegou então os bonecos que caíram e jogou-os para Anita, ajudando-a a guardá-los no saco.

Segurava a bola e o laço com uma das mãos, com a outra ficava jogando um boneco para cima e para baixo, chamando o irmão, se levantando e contando que tinha jogado o boneco para cima e ele havia caído na sua mão. Continuou jogando o boneco para cima, mas ele caía no chão. Tiago foi ensiná-lo. Henrique se afastou com a bola e o laço na mão, começou a chutar a bola sozinho, mantendo as mãos ocupadas com o laço. Depois, falou-me: "Ó, eu sei chutar", chutando para que eu visse. Eu exclamei, dizendo que realmente ele sabia chutar. O irmão me disse: "Eu sei chutar melhor!". Henrique de novo: "Ó tia, o que eu sei fazer!" e chutou a bola. Tiago afirmou novamente que sabia chutar melhor que ele.



Henrique largou a bola, agachou-se e ficou passando um giz no chão fazendo círculos. Depois, pegava seu laço e apagava os círculos que havia feito com o giz. Foi até o banheiro beber água e chamou Rafael que estava ocupado escondendo os gibis em sua roupa.

Voltou do banheiro soltando gritos e batendo com o laço no ar. Rodou o laço e fez barulhos de tiros com a boca. Eu lhe perguntei o que estava fazendo com o laço. Ele respondeu: "Eu 'tô rodando ela". Rodou de novo fazendo os barulhos com a boca. Aproximou-se de mim ainda rodando o laço e disse: "Porque eu quero rodar".

Voltou ao desenho no chão com giz e o apagou com o laço. Tossiu muito e disse: "Eu 'tava chorando porque eu quero ir embora, né irmão?". Repetiu: "Ontem eu tava chorando porque eu quero ir embora, ir pra minha casa. Agora eu não vou mais chorar". Enquanto isso riscava a bola com giz e Depois me disse: "Ô tia, o que eu fiz!". Falei que ele havia pintado a bola. E ele disse ao Tiago: "Ô irmão, eu pintei a bola". Pintou bastante a bola, depois voltou para o chão riscando-o em movimentos circulares. Cantava enquanto pintava, depois apagava com o laço.

Enquanto fazia isso, o irmão dizia que estava construindo uma casa para o pai, a mãe e os irmãos. Henrique cantava alto como se não quisesse ouvir o que o irmão estava falando. Tiago explicou-me: "Mas não como essa mãe, com outra mãe, porque essa mãe aí me bate!" Eu perguntei se ele já tinha uma outra mãe. Ele disse que sim, falou-me o nome dela e me contou que ia na casa dela, etc. Então Henrique começou a dizer: "A minha mãe bateu na minha costa e ficou vermelho (sem parar de desenhar com o giz no chão e sem levantar a cabeça). Eu venho aqui porque a minha mãe bateu na minha costa". Ao mesmo tempo, Tiago me contava como a mãe havia batido neles e Henrique repetia a mesma frase. Parou de desenhar e ficou rodando o laço. Voltei minha atenção para Henrique e ele repetiu: "Eu venho aqui porque minha mãe bateu na minha costa e ficou vermelho, né irmão?". Tiago foi me explicando como havia acontecido. Henrique voltou a riscar o chão com o giz e depois apagou o que havia desenhado com o laço. Então, Henrique disse o nome de um outro pai de Tiago. Perguntei se havia dois pais também e eles me responderam que sim. Falaram que o pai verdadeiro era de todo mundo e que o outro também era pai deles. Assoei o nariz de Henrique.

Henrique começou a guardar alguns tijolinhos no saco de pano. Depois, amarrou bem forte o laço no pescoço de um boneco e apertou muito forte. Perguntei-lhe quem era o boneco. Tiago me disse: "Olha, o Henrique 'tá enforcando ele!" E Henrique, de cócoras no chão, falou: "Eu tô enforcando o pescoço dele. É o papai". Rodou bastante o laço com o boneco preso, e disse: "O papai". Perguntei-lhe por que estava enforcando o papai, o que ele havia feito. Henrique respondeu: "Ele não tá obedecendo eu". Disse-lhe que o pai não havia feito o que ele queria, e então ele o estava enforcando, de castigo, de raiva. Henrique apertou ainda mais o pescoço do boneco-pai, muito forte e falou: "Eu vou te sufocar, eu vou te sufocar!!! (com uma voz gutural e uma expressão facial de muita raiva) Eu vou arrancar a tua cabeça!!". Tiago lhe disse, corrigindo-o: "É enforcar, não é sufocar!", repetindo isto muitas vezes. Henrique continuou: "Eu 'tô sufocando, eu 'tô enforcando ele", e apertava o pescoço do boneco com o laço, com os braços completamente estendidos para os lados, na minha frente, com uma cara de estar usando muita força e raiva, toda a sua força, ficando muito vermelho, como se esperasse que a cabeça do boneco partisse (mas era de pano e não partia). Disse-me: "Agora ele tá chorando. Eu vou enforcar ele, eu vou!", e apertava mais ainda o pescoço do

boneco. De repente, soltou o boneco e pegou o saco de tijolinhos. O irmão tentou tirar o saco dele e Henrique lhe disse: "Eu vou te bater". Saiu rindo, correndo atrás de Tiago, tentando bater nele com o saco de pano cheio de tijolinhos. Tiago fugia, tendo pegado o boneco-pai com o laço no pescoço. Henrique lhe disse: "Agora eu te bato mais ainda". Ficou andando com o saco nas costas e falando: "Ô ô ô, os presentes tá aqui!" (imitando papai Noel). O irmão o provocava, batendo com o boneco-pai, ainda com o laço no pescoço, no saco de tijolinhos e Henrique partiu para cima do irmão, tentando pegá-lo com o saco, sempre rindo e gritando: "Pára de sufocar meu pai! Pára de sufocar meu pai!" Rodou com o saco em volta de si mesmo e deixou o saco cair.

Disse-lhes que a sessão havia terminado e pedi a Henrique o saquinho. Ele não me atendeu. Depois, começou a me ajudar a guardar os tijolinhos no saco. Perguntou a Rafael se agora eles iam subir para aula. Teve um acesso de tosse enquanto guardava os brinquedos. Subiu na escrivaninha. Não queria sair da sala. Conversei com ele, explicando-lhe que havia acabado por aquele dia. Ele começou a chorar muito sentido e a ter uma crise de tosse. Fiquei um bom tempo acalmando Henrique.

## G1.2. ANITA

### Sessão 1:

Anita quis ir ao banheiro antes de começar a sessão, tendo pedido que eu a acompanhasse. Depois, de forma calma e meiga, sentou-se ao meu lado. Era a única menina no grupo e parecia muito tímida em relação aos outros. Ficou um tempo apoiada na minha perna, observando.

Quando coloquei os brinquedos no centro do espaço para brincar, pegou rapidamente a boneca-mãe. Observou os tijolinhos e pegou a boneca-menina. Depois foi pegando todos os bonecos, um de cada vez. Com todos na sua frente, sentada de pernas cruzadas, pegou novamente a boneca-mãe e a boneca-menina e colocou-as uma de frente para a outra, encostadas, como num abraço. Pegou uma outra boneca-mulher e também a colocou de frente para a boneca-menina. Formava dois pares, alternadamente, de mãe e filha.

Tiago juntou todos os bonecos e lhe falou: "Tô, menininha! Bonecas!", jogando-os para ela. Ela fez uma expressão de que aceitava, mas cruzou os braços e ficou olhando Tiago, que resolveu lhe mostrar como brincar com os bonecos. Depois, Anita foi pegando as bonecas uma a uma e dizendo: "Esse é meu, esse é meu, é meu!", pegando somente as bonecas-mulheres e dando os bonecos para Tiago, rindo com ele. Tiago mexia nas roupas dos bonecos e ela dizia: "Ai, credo! Parece uma mulher, parece você!". Ele pegou uma boneca e falou à Anita: "Ah é! Aqui você, ô" e ela lhe respondeu: "Não é eu não, é você!".

Anita mantinha em sua mão esquerda a boneca-mãe colada à boneca-filha, e com a outra manuseava outros bonecos. Começou a brincar silenciosamente, tendo pegado um boneco-pai para juntar-se às bonecas mãe e filha. Depois juntou aos três um boneco-menino, cantando silenciosamente enquanto mantinha todos grudados.

Perguntei-lhe quem eram aqueles bonecos. Ela respondeu-me: "Eles têm cabelo igual". Perguntei-lhe como se chamavam e me respondeu que não sabia. Mostrou um casal, verbalizando: "Uma mamãe e um papai". Neste momento, Tiago

começou a distribuir papéis, dizendo: "Eu sou o papai e ela é a mamãe (para Anita) porque ela é mulher ...".

Anita não alterou o que estava fazendo. Continuou a manter unidos os membros da família, a segurá-los e a contemplá-los atentamente. Depois, segurou-os todos com a mão esquerda e ficou olhando o restante que estava de lado, puxando um boneco de cabelos brancos e dizendo: "Aqui a vovó". Observou um tempo a vovó e disse-me: "Credo, a vovó namora com o vovó". Repetiu: "Vovó, vovó" e jogou-os juntos para um outro lado, sorrindo, enquanto segurava a família com a mão esquerda. Falou para Rafael beijar uma boneca e jogou-a para ele, que a devolveu dizendo-lhe: "Não quero".

Anita colocou a família em seu colo, com as pernas cruzadas e passou a mexer com as bonecas mãe e filha, fazendo uma olhar para a outra como se conversassem, mas sem emitir sons. Depois, colocou o boneco-pai deitado em cima da boneca-mãe encostando as bocas, como se dessem um beijo. Retirou-os dessa posição rapidamente e colocou-os de pé, um de frente para o outro, como se estivessem se abraçando.

Colocou a boneca-mãe deitada no colo do boneco-pai. Depois, Anita fez de tal forma com o boneco-pai que parecia que ele beijava a barriga da boneca-mãe. Pegou então o boneco-bebê e ficou o observando e manipulando. Colocou-o para dormir em seu colo, e foi pegando as outras bonecas-crianças e colocando-as deitadas em seu colo também. Os irmãos faziam a maior correria em volta dela e Anita não alterava em nada seu brincar, mantendo-se muito entretida e silenciosa. Não se movimentava também, mantinha-se sentada com as pernas cruzadas.

Organizou todas as bonecas-crianças dormindo em sua perna, e os bonecos pai e mãe dormindo no chão, a sua frente. Sua atividade consistiu durante algum tempo em ir organizando os bonecos como se fosse uma noite em casa. Calmamente, observava cada um, os arrumava, achava uma posição melhor para eles dormirem.

Depois, tirou o casal de crianças, colocou um boneco do lado do outro e ficou olhando-os. Pôs um grudado no outro, de frente, e apertou-os. Olhou para os lados, para o chão, como se procurasse um outro. Colocou o boneco-pai e a boneca-mãe de frente. Largou o boneco-pai, e ficou penteando com a mão o cabelo da boneca-mãe. Depois, colocou um do lado do outro, e foi juntando outros bonecos até o limite que suas mãos podiam segurá-los juntos.

Tirou todos os bonecos do colo e colocou-os a sua frente, num monte só. Pegou somente as bonecas mãe e filha. Largou-as, pegou os bonecos-bebês e ficou observando-os. Tentou tirar as roupinhas deles. Depois, pegou a boneca-menina e olhou debaixo da saia dela, colocando-a em seguida no colo da mãe, que mantinha de pé. Largou a menina e ficou mexendo no cabelo da mãe. Muito de vez em quando olhava, de "rabo de olho", para o que os meninos estavam fazendo, mas não saía de seu lugar, nem descruzava as pernas.

Parou um pouco de brincar, olhou para os lados e Depois para a cinegrafista rapidamente. Pegou um tijolinho e ficou manipulando-o, olhando a sua volta com uma expressão desanimada. Levantou-se e deu uma volta pela sala, devagar, com certo desânimo, os braços soltos, olhando para baixo.

Voltou ao mesmo lugar, sentou-se com uma perna dobrada e olhou para os bonecos. Pegou um tijolinho, manipulou-o, sem olhá-lo, raspando-o levemente no



chão. Retomou a posição inicial com as pernas cruzadas e pegou a boneca-mãe, alisando seus cabelos. Olhou para os meninos que corriam e continuou alisando os cabelos da mãe. Pegou a boneca-filha e a colocou ao lado da mãe, segurando ambas com as mãos dadas. Colou os rostos das bonecas mãe e filha, como se fosse um beijo carinhoso. Ficou alisando e arrumando os cabelos das duas. Deixou uma boneca-menina no colo da boneca-mãe e colocou uma outra ao lado da mãe de mãos dadas, segurando as três. Juntou o boneco-pai às três e os segurou.

Tiago pegou um boneco dela e ela reclamou, tentando defender o seu território. Manteve a família abraçada, fazendo com que os bonecos pai e mãe ficassem com o rosto colado. Esforçou-se para manter a família unida, grudada, de tal forma que ficou um tempo com a língua para fora, meio dobrada.

Quando Henrique falou que um boneco estava pelado porque Rafael havia tirado a roupa dele (os três meninos riam bastante), ela os observava, sem tirar as mãos dos bonecos e com ar sério.

Rafael tentou pegar um boneco dela e ela o puxou, fazendo-lhe cara feia e dizendo-lhe: "As mulheres, não!". Juntou a "sua" família e se afastou um pouco dele. Tentou pegar todos os bonecos para si, só deixando um com Rafael, e levantou-se com todos eles na mão, com dificuldade para segurá-los. Sentou a mais ou menos um metro e meio de distância de Rafael, de joelhos, com quase todos os bonecos na mão. Percebeu que o boneco-bebê estava no chão e esticou o braço para pegá-lo, sem deixar os outros caírem. Olhava para todos os lados para ver se havia outros bonecos soltos. Jogou um boneco-menino para Rafael e sentou-se com o restante que carregava.

Cruzou a perna novamente, colocou todos os bonecos a sua frente e pegou a boneca-mãe, olhando-a e alisando seu cabelo. Anita tirou a calça de um boneco e a recolocou com certa habilidade. Levantou também a blusa dele e olhou para ver como era por baixo. Mostrou esta mesma curiosidade com outros bonecos, despindo-os ou levantando suas roupas. Penteava os cabelos dos bonecos. Passou algum tempo fazendo isso e vez por outra olhava para os lados para ver ou ouvir o que os meninos estavam fazendo. Uma vez, olhou para a cinegrafista.

Depois, ficou alguns minutos fazendo carinho no cabelo do boneco-criança de cabelos curtos (Anita tinha também cabelos curtos) e olhando para ele com uma expressão muito meiga. Penteava os cabelinhos do boneco com o dedo indicador, muito calmamente. Depois parou, largando um pouco a mão, como se estivesse deprimida, olhando para o chão, sem foco específico. Os meninos rodavam em volta dela, rindo e gritando, e ela parecia estar completamente alheia ao que acontecia a sua volta.

De repente, olhou para eles como esse estivesse acordando de um sonho, inclusive com uma expressão de sono, e recomeçou a pentear ou acariciar os cabelos do boneco que continuava em suas mãos, mas sem olhá-lo. Perguntei-lhe o que ela estava fazendo. Ela me olhou, continuou a acariciar mais um pouco o cabelo do boneco e se esticou para pegar a blusa de um deles, que Rafael havia tirado.

Passou a olhar a blusa. Começou a procurar com os olhos o boneco que estaria sem blusa. Encontrou-o e começou a vesti-lo. Também encontrou a sua calça e a colocou no boneco, tudo calmamente, na mesma posição. Havia colocado o monte de bonecos mais a sua direita, à frente.



Tiago começou a pegar alguns bonecos e a tirar a roupa deles, dizendo que iriam à piscina. Anita saiu de seu lugar e se pôs ajoelhada de costas para ele. Ia vestindo os bonecos que ele despia. Ficou nessa posição curvada, vestindo os bonecos. Trocava algumas roupas.

Quando Henrique pediu que Tiago tirasse a roupa de uma boneca para bater na "bunda" dela, Anita se virou para olhá-lo com expressão séria e ao mesmo tempo curiosa. Depois, retomou o que estava fazendo.

No momento em que eu fui retirar os meninos da janela, Anita observava a situação, mas continuava ajoelhada, vestindo e trocando as roupas dos bonecos, bastante entretida. Os meninos estavam fazendo a maior bagunça, abrindo porta, pulando janela e ela continuava a sua atividade, dando uma rápida olhada vez ou outra. Também penteava os cabelos das bonecas.

Anita trocou de posição, sentando-se com as pernas cruzadas, e continuou com a mesma atividade, silenciosa, organizando os bonecos, arrumando-os, colocando-os deitados. Também tirava as roupas deles e observava o que seria a região genital dos bonecos. Os meninos estavam "jogando bonecos ao ar" comigo, me chamando o tempo todo e ela entretidíssima em seu brincar.

Quando Rafael pegou alguns bonecos com os quais ela brincava, Anita gritou: "Não!" e falou-me: "Tia, ele pegou!". Disse-lhe para pedir para ele, mas Rafael os jogou para cima e assim que eles caíram no chão, ela os recuperou. Reclamou mais uma vez que os meninos estavam jogando os bonecos.

Depois, continuou colocando as roupinhas neles, e tirando-as. Levantou-se e pediu-me para colocar a blusa em um boneco pois ela não estava conseguindo, o que fiz para ela (esse foi o momento em que os três meninos estavam escondidos debaixo da escrivaninha).

Enquanto eu colocava a blusa no boneco, ela se voltou para o monte que havia deixado e pegou a boneca-mãe. Foi juntando todos os bonecos em suas mãos, com dificuldade porque eles não cabiam e caíam. Entreguei-lhe o boneco com a blusa vestida. Com todos os bonecos nos braços ela abaixou-se e olhou embaixo da mesa onde estavam os meninos fazendo uma farra. Observou-os um pouco e depois voltou a pegar os bonecos e a juntá-los.

Juntou o casal de bonecos-avós e observou-os. Colocou a avó nos braços do avô, o mesmo que havia feito com os bonecos pais. Rafael saiu debaixo da mesa e com muita violência puxou o casal de avós das mãos de Anita, sem no entanto levá-los, dizendo-lhe: "Boneca feia!". Anita não reclamou, mas levou um susto, pegando-os de novo. Pegou o boneco-bebê e testou se era possível tirar a roupinha dele. Disse a Henrique: "Toma esse, Henrique, o nenem!", esticando o braço para lhe dar o bonequinho: "Ó o nenem, Henrique" e lhe jogou o bebê. Observou os meninos tapando os meus olhos, e sorriu com expressão de vontade de participar, mas não participou.

Pegou as bonecas mãe e filha e as manteve coladas. Fez com que elas se abraçassem e ficassem bem coladinhas. Pegou a avó e olhou dentro da roupa dela, tentando retirá-la. Não conseguiu. Pegou o avô e deitou a avó no colo deste, como se ele a estivesse carregando. Ficou um bom tempo fazendo isso. Depois, pegou a boneca-mãe, olhou-a e alisou os cabelos dela. Tentou tirar a roupa da mãe, recolocando-a e alisando os cabelos dela.

Tiago se aproximou dos bonecos com os quais ela brincava e ela parou imediatamente o que estava fazendo, juntando todos para si. Escolheu o boneco-avô e deu para Tiago. Ele disse que o avô estava com calça de mulher. Anita lhe deu também a boneca-avó. Ele tirou a calça do avô e repetiu: "Essa calça aqui é de mulher". Anita lhe disse: "Ó, o vovô e a vovó, né?" e ele lhe respondeu que sim com a cabeça. Ele falou mais uma vez que a calça era de mulher. Propôs à Anita que ela ficasse com a avó e ela lhe respondeu: "Eu não" e jogou a avó de volta. Tiago colocava outra calça no avô, quando Anita virou-se um pouco. Ele aproveitou e pegou a boneca-mãe. Ela lhe arrancou a boneca da mão rapidamente. Então, ele tentou pegar a boneca-filha. Ela fez o mesmo (essas bonecas eram as mais preciosas para Anita). Mostrou-lhe que tinha composto uma família com os cabelos iguais. Ele observou e confirmou-lhe: "É, todos os cabelos são igual ao outro".

Anunciou às crianças que começaríamos a guardar os brinquedos. Anita aceitou e ajudou-me a colocar os bonecos no saco de pano. Depois, enquanto eu guardava o restante, ela saiu passeando pela sala e observando a prateleira. Ajudou-me mais um pouco em seguida. Fechou o saco de bonecos e ficou segurando-o nas costas.

### Sessão 2:

Anita quis ir ao banheiro antes do início da sessão e esperou que eu falasse com os meninos, que já tinham avançado sobre os brinquedos, para que pudesse acompanhá-la.

Ao voltar, sentou-se com as pernas para o lado, olhou para a câmera e sorriu. Procurou a boneca-mãe entre os bonecos que estavam espalhados no centro da sala. Pegou-a, depois o pai e as duas meninas que tinham os cabelos iguais formando quatro, para os quais ficou olhando.

Eu tive de sair do centro da sala para buscar os meninos que pegavam livros e Anita acompanhou-me ficando de pé ao meu lado. Pegou um dos sacos de pano e todos os bonecos compondo uma família. Neste momento, Henrique foi lhe mostrar sua "mágica", mas ela não olhou para o que ele lhe mostrava.

Anita pegou o boneco-menino e lhe fez carinhos nos cabelos. Ajoelhada no chão, tirou a roupa do menino. Tiago lhe mostrou que a roupa de um dos bonecos estava trocada (eu os havia vestido após a sessão anterior e não havia prestado atenção a este detalhe). Anita observava o que Tiago estava mostrando.

Depois, continuou tirando a roupa do boneco-menino com um pouco de dificuldade. Pediu-me que eu tirasse a blusa do boneco, o que fiz. Levantou-se e pegou o boneco de minhas mãos. Continuou tirando as roupas dos bonecos, bastante entretida. Em seguida, começou a vesti-los, trocando algumas roupas dos bonecos. Os meninos conversavam comigo e Anita não participava, brincando sempre sozinha.

Continuou na atividade de trocar as roupinhas e juntou uma família com pai, mãe e duas meninas. Henrique falou que ela era homem e Anita não lhe respondeu nada. Arrumou as saias das bonecas-meninas. Henrique aproximou-se para falar com ela e Anita jogou para o lado uma boneca-mulher. Começou a brincar com os bonecos no espaço entre as suas pernas.

Depois de arrumar as roupas dos bonecos, começou a colocá-los (a família principal) deitados, dentro do saco maior. Tiago se aproximou e disse: "Os hominhos são meus" e ela retrucou dizendo que só tinha os dela ali, puxando os

bonecos para si. Passou bastante tempo entretida neste jogo, de arrumar os bonecos deitados dentro do saco, ajeitando-os cuidadosamente um do lado do outro. Olhava para dentro do saco e ajeitava os bonecos como se fosse uma espécie de casinha ou cabana.

Perguntei-lhe o que estava fazendo e ela me respondeu que era uma casinha. Indaguei-lhe sobre o que os bonecos estariam fazendo lá dentro. Não me respondeu. Com o outro saco de pano ela os cobria, como se os colocasse para dormir. Levantou-se de repente e pegou o gíbi que estava no chão e colocou-o dentro da casinha. Depois, levantou-se novamente e pegou um casal de bonecos, juntou-os um de frente para o outro e colocou-os no saco.

Levantou-se e mostrou-me o que tinha feito: enfileirado todos os bonecos dentro do saco, cobrindo-os com o gíbi. Disse-me que eles estavam dormindo. Perguntei quem eram. Ela não respondeu e folheou o gíbi. Rafael levantou-se e quis ver os bonecos dormindo. Ela o olhava com certa desconfiança, parecendo ter medo de que ele os pegasse ou desmanchasse o que ela havia feito. Depois que Rafael se afastou, disse-me que eram o papai e a mamãe e que eles estavam dormindo. Continuou a olhar o gíbi.

Eu tive que me levantar para buscar os meninos que tinham subido nas prateleiras. Uma borrachinha de Henrique caiu no colo de Anita, que a olhou e devolveu-lhe. Deu-lhe também o gíbi. Pegou o outro saco de pano e colocou-o por cima do saco no qual estavam dormindo os bonecos. Foi até o banheiro lavar as mãos e beber água na pia.

Voltou e cobriu o saco de novo com o outro saco, como se quisesse escondê-los. Depois, pegou este saco que estava por cima, colocou nele um tijolinho. Posicionou-se de joelhos e passou a guardar alguns tijolinhos dentro do saco e a balançá-lo.

Sem perceber, quando catava os tijolinhos, passou o joelho no brinquedo que Rafael estava construindo. Ele reclamou e Anita fez uma expressão de sem graça, como se estivesse fazendo algo errado e começou a retirar os tijolinhos do saco, aqueles que ela tinha acabado de guardar.

Depois, reiniciou a colocação dos tijolinhos no saco. Parou e observou uma pontezinha na mão e a colocou no saco. Foi pegando os tijolinhos em quantidade e os ajeitando no saco. Henrique conversou com ela, contando-lhe que havia jogado a borrachinha no alto e Anita nem o olhou. Com uma certa quantidade de tijolinhos (talvez 1/3 do total) fechou o saco e levantou-se. Pegou também o gíbi e colocou dentro dele. O fim da sessão se aproximava e parecia que ela guardava algo para levar para si (a sua bagagem, os seus 'conteúdos').

Anita fechou o saco, apertou a alça e passou-a pelo ombro. Olhou para Henrique que gritava por ter encontrado o "seu laço". Anita balançava o saco de brinquedos, segurando-o pelo fio, de um lado para o outro. Depois de fazer este movimento muitas vezes, abriu o saco e olhou seu conteúdo.

Rafael se distraiu pedindo para os irmãos, que jogavam bola, não desmancharem o brinquedo dele, e Anita pegou mais tijolinhos e colocou em seu saco. Depois, despejou todos os tijolinhos que tinha pego. Começou a guardá-los de novo no saco. Rafael levantou e foi pegar alguns tijolinhos de Anita que apressou-se em colocá-los todos em seu colo. Ele reclamou para mim dizendo que ela estava pegando tudo para ela. Sugeri-lhes que dividissem para brincar, pois os



tijolinhos eram para todo mundo. Anita então empurrou-os para a sua frente, consentindo com a cabeça que Rafael pegasse alguns. Ela também pegou alguns para si.

Largou-os depois com Rafael, pegou o gibi e levantou-se, jogando-o em cima do que ele tinha montado, no momento em que ele me mostrava e me explicava o que havia feito. Depois veio mostrar-me aquela casinha que havia montado dentro do saco maior com os bonecos dormindo dentro, tendo aberto o saco para mim. Olhei com atenção e exclamei que estava bonita, como havia feito para Rafael, e ela sorriu satisfeita.

Anita esvaziou o outro saco de tijolinhos e colocou-o de lado. Pegou um casal de bonecos, fez com que eles se beijassem e colocou a mulher deitada nos braços do homem. Depois passou a arrumá-los dormindo dentro do outro saco vazio, como fizera com o primeiro. Ficou entretida fazendo então a sua segunda casinha naquele estilo. Fez com que a boneca-mulher ficasse colada no boneco-homem, de frente.

Depois, disse-me que queria tirar a corrente da boneca (um colar). Respondi-lhe que estava colada e que se ela a tirasse não haveria jeito de recolocá-la. Ela ficou então observando e estudando uma maneira de tirar o colar da boneca sem quebrá-lo. Acabou desistindo e deixando o boneco de lado.

Levantou-se e foi até a varanda, onde os meninos estavam procurando o que Henrique havia jogado fora da sala. Pedi-lhe que fechasse a porta. Ela atendeu o meu pedido e Henrique foi ajudá-la, mas não conseguiram e então levantei para fechar a porta e tirar Rafael de cima da janela.

Anita tentou me contar que Tiago estava mexendo em sua casinha (o saco com os bonecos), mas ela não teve chance completar a frase, só conseguindo dizer: "Tia, olha, tia..." e apontava para Tiago. Eu estava colocando o laço na cabeça de Henrique e Rafael falava comigo ao mesmo tempo sobre os gibis que queria levar embora. Então, Anita chupou o dedão da mão de uma forma não tradicional, com a mão aberta. Tiago lhe disse: "Anita, eu não tirei, eu pus os meus, tá bom?" (ele tinha colocado alguns dos "seus" bonecos dentro do mesmo saco, deitados em cima dos dela). Ela respondeu "não", sem tirar o dedo da boca. Então, ele tirou os bonecos do saco e ela o observou com o dedo na boca.

Em seguida, Tiago lhe avisou: "Anita, já tirei os meus" e fechou o saco para ela. Ela continuou com o dedo na boca, olhando-o. Perguntei-lhe o que queria me falar e ela respondeu-me com o dedo na boca, de cócoras: "Ele tirou". Tiago reforçou dizendo: "Eu já tirei".

Assim que Tiago se afastou, ela tirou o dedo da boca e conferiu seus bonecos dentro do saco. Tirou o boneco-menino, molhou os quatro dedos dela na boca e passou saliva no cabelo dele para arrumá-lo. Depois de ajeitar bem os cabelos dele, colocou-o para dormir dentro do saco e o fechou.

Deixou o saco no chão e foi mexer em um enfeite de isopor que estava guardado atrás das carteiras. O enfeite caiu e ela tentou ajeitá-lo, sem êxito. Levantei para arrumá-lo.

Anita sentou-se no chão e começou a brincar com outros bonecos que estavam fora do saco. Henrique pegou aquele saco no qual ela havia feito a casinha e despejou todos os bonecos no chão. Ela deu um longo grito (não muito alto): "Não!" e puxou os bonecos falando: "Me dá!". Tiago lhe disse: "Ô Anita, não é



seu isso. Isso não é da Anita". Ela respondeu brava: "É sim!". Henrique devolveu-lhe os bonecos, jogando-os.

Ela recomeçou a arrumá-los dentro do saco da mesma forma, com pressa e uma certa desconfiança em relação a Henrique. Acabou guardando todos os bonecos em seu saco, tendo sobrado apenas um que ficou na mão de Henrique enquanto eu explicava que tudo era para todos brincarem.

Ela fechou o saco bem forte. Levantou-se, passou a alça do saco em seu pescoço, como se fosse uma bolsa, guardando então quase a totalidade dos bonecos para si. A "bolsa" deve ter ficado pesada.

Ela retirou-a do ombro e a arrumou melhor no pescoço. Depois veio me contar que Rafael tinha pego os gibis. Foi para a escrivaninha, tirou a bolsa do pescoço e a ficou balançando, apoiada na mesa. Mexeu no globo e pendurou a bolsa em uma carteira.

Em seguida, colocou a bolsa com os bonecos no ombro e também o outro saco que tinha tijolinhos. Ficou se balançando. Pendurou as bolsas novamente no espaldar da carteira. Tiago tirou o saco que estava mais vazio dela. Ela não se manifestou e deixou-o pendurado na carteira. Sentou na carteira como se aguardasse o fim da sessão.

Levantou-se e começou a pegar tijolinhos do chão e jogou-os dentro da bolsa grande para guardá-los para si. Colocou o saco nas costas como se fosse uma mochila e ficou passeando pela sala. Perguntei-lhe se estava passeando com toda a família. Ela respondeu-me que sim. Rafael lhe deu o boneco que havia ficado fora do saco e ela não o aceitou, deixando-o no chão.

Afastou-se de Rafael indo para o outro lado da sala pendurar sua "mochila" na carteira. Sentou-se na carteira, ficou balançando as pernas. Levantou-se, pegou a argola do chão, aquela que parecia uma pulseira, mordeu-a e Depois colocou-a dentro de sua "mochila".

Deixou-a e foi mexer nos livros da prateleira. Isto foi no momento em que Henrique estava enforcando um boneco. Voltou para sua "mochila", pegou mais tijolinhos e os guardou dentro dela. Neste momento, anunciei o fim da sessão. Anita fechou o saco, preparando-se para sair e andou com ele pela sala.

Perguntou-me se a gente ia passear. Expliquei-lhe que não. Ela correu para o centro da sala, pegou mais tijolinhos e os guardou dentro do seu saco, fechando-o. Pôs o saco no seu ombro e ficou me olhando guardar os brinquedos.

Escondeu-se debaixo da escrivaninha com o saco. Logo saiu e continuou a andar pela sala carregando o seu saco. Mordeu a argola. Largou o saco, pegou um giz com Tiago (que estava desenhando) e passou a desenhar na lousa com a mão esquerda. Fez algumas formas que mais pareciam uma cerca de tábuas com buracos no meio de cada uma das tábuas. Vi estes desenhos somente no vídeo, porque ela os fez no momento em que eu guardava os brinquedos com Henrique e Rafael. Anita ficou desenhando muitas destas formas em toda a extensão inferior da lousa, esquecendo-se do saco.

### G1.3. RAFAEL

#### Sessão 1:

Antes de iniciar propriamente a sessão com os brinquedos, Rafael foi até a câmera, que já estava ligada, colocou o olho na lente para enxergar dentro e disse: "Oi, tia. Que que você 'tá vendo? Quem é que 'tá lá dentro?" e a cinegrafista explicou-lhe.

Rafael iniciou pegando um punhado de tijolinhos para si. Tiago e ele verificaram se haviam dividido alguns tipos de tijolinhos de maneira igualitária. Tiago mexeu no monte de Rafael e este lhe disse: "Ah, 'tá mexendo nos meus, pode deixar aí" e retirou alguns da mão de Tiago.

Sentado, de pernas cruzadas, começou a construir algo. Parou para olhar Tiago dando as bonecas para Anita e ficou observando como este ajustava os bonecos. Voltou-se para o seu brinquedo e começou a construir uma espécie de casinha. Ao terminar, me disse: "Ó, tia" para que eu olhasse. Perguntei o que havia construído e ele me respondeu que era um castelo. Continuou construindo-o, melhorando-o, bastante entretido.

Deixou o castelo, afastou-se um pouco, abriu as pernas e no meio delas começou a construir algo diferente. Reparou que eu estava perguntando à Anita o que ela estava fazendo e olhou os bonecos que estavam com ela, prestando atenção na conversa. Como ela falou que eram mamãe e papai, Rafael perguntou-lhe: "E o filho?". Ela não respondeu.

Nesse momento, Tiago falou que era o papai e Rafael disse em seguida: "E eu sou a mamãe!", o que fez com que Tiago replicasse: "Ela é que é a mamãe!", apontando para Anita e completando: "Ela é mulher e eles dois são os filhos".

Rafael virou-se para seu lado direito e meio ajoelhado começou a construir outra coisa. Juntou três telhados pontudos de cor verde e voltou ao seu primeiro castelo, quando Henrique começou a reclamar a Tiago dizendo que Rafael tinha pego seus telhados e, um pouco agressivamente, Rafael desmanchou o que havia feito e jogou os telhadinhos para Henrique dizendo: "Taí, ó!".

Rafael continuou a incrementar seu primeiro castelo, construindo torres e colocando telhadinhos. Era minucioso e exigente na busca, escolhendo a peça certa. Parou para observar o que Tiago e Henrique estavam fazendo juntos. Quando Anita disse que o vovô estava namorando com a vovó, Rafael perguntou: "Cadê?" e ela jogou os dois bonecos para ele, sorrindo. Rafael beijou os bonecos e Anita lhe disse para beijar a mulher, jogando-lhe uma boneca. Ele lhe respondeu que não queria e afastou a boneca.

Rafael pegou a vovó e beijou-a, jogando-a em seguida porque Tiago lhe disse que ele era namorado da vovó. Pegou mais tijolinhos e falou: "Ó o que eu 'tô fazendo, um castelão!". Com mais peças foi aumentando o castelo original. Falou: "Vou fazer a casa da bruxa, o castelo da bruxa!". Pegou um tijolinho e o fez de carrinho, arrastando-o no chão, dando volta no castelo e estacionando-o. Fazia com a boca o barulho do motor e dos pneus cantando nas curvas até o "carrinho" capotar. Depois, aumentou uma torre do castelo até o ponto dela cair. Quando ela caiu ele deu risadas, deitou-se de costas, bateu os pés para o alto, fez caretas e ruidos e depois sentou-se novamente desmanchando todo o castelo que tinha feito, fazendo muitas caretas.

Eu lhe disse: "Você desmanchou tudo. O que aconteceu?". Ele deu risadas. Henrique disse que Rafael estava bravo. Rafael respondeu para ele fazendo sons ininteligíveis com a língua entre os dentes e gestos. Os irmãos deram risada da cena que ele estava fazendo.

Rafael recomeçou a montagem de outra coisa e depois de colocar dois tijolinhos, levantou-se e começou a correr atrás de Tiago que tinha lhe dito que ele era o bagunceiro da ala). Ficaram correndo em torno de nós. Passando pelo que Tiago estava construindo, Rafael desmanchou tudo. A cada volta que eles davam, Rafael passava a mão na minha cabeça com certa força, mas sem machucar, desmanchando meu cabelo. Rafael parou de rodar e pisou nos tijolinhos, fazendo movimentos com os braços para cima.

Voltou a correr atrás de Tiago e o pegou, agarrando-o pelos braços e o empurrando em direção à escrivaninha. Empurrou-o e largou-o. Correu para Henrique e fez que iria enforcá-lo com as mãos, sem entretanto usar força, mas fazendo um ruído de força com a boca. Voltou para o seu lugar e sentou de forma bruta, como se tivesse escorregado com força.

Pegou o boneco-avô, que tinha um cachecol, e por este cachecol bateu o avô de um lado para o outro até que o boneco se soltou e o cachecol caiu. Rafael me mostrou o cachecol e eu confirmei que este havia se soltado. Rafael esticou o cachecol e fez movimentos no ar como se estivesse batendo em algo com ele. Depois, largou-o de seu lado esquerdo e começou a montar outra coisa com os tijolinhos. Me disse: "Vou fazer um castelão!". Enquanto montava as torres, tossiu várias vezes.

Achou uma espécie de bateria, no meio dos tijolinhos, com uma lampadinha (não sei como isto havia parado ali). Foi até mim e pediu-me que eu a acendessemos. Ficamos tentando mas não foi possível. Tiago veio ver e ajudar. Rafael pôs na boca tentando girá-la e eu lhe disse para tirar pois podia quebrar em sua boca. Disse-lhe para tomar cuidado, ele se virou e ficou manipulando-a. Tirou a bateria e disse que ia comprar uma outra. Perguntei-lhe como e ele disse que tinha dinheiro. Ele falou que seu dinheiro era aquela "moeda" (a bateria que tinha forma de moeda), dizendo que ela era sua moeda de ouro. Foi guardar a sua "moeda de ouro" dentro do castelo e continuou montando-o.

Depois, levantou-se e foi pegar um telhado verde nos tijolinhos que estavam com Tiago. Este não reclamou, Rafael voltou para a sua montagem. Levantou-se de novo, aproveitando que Tiago tinha ido brincar com Henrique e tentou pegar mais um telhado da montagem de Tiago, mas pegou-o de tal forma que toda a casinha de Tiago desmoronou. Rafael não se importou, pegou todos os tijolinhos que lhe interessavam, principalmente os telhados, e levou-os para onde estava brincando, fazendo uma cara de safado.

Observou os irmãos que corriam em volta da sala e disse que eles o estavam atrapalhando, quando um tijolinho seu caiu, sem conexão alguma com a brincadeira dos irmãos. Montou um castelo muito ajeitadinho com todos os telhados pontudos. Quando eu falei aos irmãos que não podiam entrar na área das carteiras, Rafael virou-se para olhar. Continuou montando seu castelo e disse que ia construí-lo até o teto (apontou para cima).

Colocou mais um tijolinho na torre e gritou: "Olha, tia" e neste momento a torre desabou e ele falou: "Ahh (decepcionado), a casa 'tá caindo!". Refez a torre que havia caído e a fez maior ainda, o que a fez tombar novamente. Reconstruiu-a

e disse que era o castelo da Carlota Joaquina. Eu perguntei se ele havia assistido o filme e ele respondeu que sim com a cabeça.

Henrique lhe deu o boneco-avô. Rafael o pegou e deu-lhe um longo beijo na boca, esfregando de forma circular o boneco em sua boca. Depois esticou o braço para dar o boneco a Tiago, mas Henrique quis pegá-lo. Então, puxou-o de novo e riu. Levantou a blusa do boneco-avô, olhou, abaixou um pouco a calça dele, olhou e falou: "Eu vou tirar a roupinha". Tirou a calça do boneco e riu, e depois a blusa, dizendo e mostrando para os outros: "Ah, ficou pelado! Ô Henrique", mostrando para ele. Henrique pegou o boneco. Rafael repetiu: "Tá pelado, ô" e mostrou a todos as roupas que havia tirado. Ele e os irmãos riram muito.

Pegou um outro boneco homem de Anita e tirou a roupa dele também. Olhou a região genital do boneco, fez uma careta e abanou o nariz como se esta parte cheirasse mal. Eu havia dito à Anita que ela protegia as bonecas mulheres (porque ela havia se levantado levando a bonecas consigo desde que Rafael começara a tirar as roupinhas) e ele respondeu com voz ríspida: "Ela vai proteger nada. Vai proteger as meninas?".

Rafael tentava, com dificuldade, tirar a blusa do boneco. Como não conseguiu, deu uma pequena bufada e jogou-o de lado, voltando à construção de seu castelo.

Rafael ficou um longo tempo entretido em seu castelo e aumentou-o consideravelmente no sentido horizontal. Perguntei o que ele estava fazendo e ele me disse: "Uma cadeia" e continuou aumentando-a. Falou para Tiago, que brincava com Henrique, que este havia feito uma careta para o outro. Os irmãos começaram a correr pela sala e a cada volta passavam por cima dos tijolinhos que Rafael estava usando.

A construção de Rafael, a "cadeia", já tinha mais de um metro de comprimento. Ele era criterioso na escolha dos tijolinhos e os agrupava por cor, por desenho, por forma. Henrique saltou a construção de Rafael, mas este não percebeu. Depois de mais um tempo fazendo a construção, perguntou-me: "Tia, tá bonito?". Respondi que estava muito bonito e perguntei novamente o que ele havia feito. Ele afirmou então que era "uma casona". Perguntei-lhe quem morava na "casona". Ele pensou, ensaiou dois nomes, depois apontou para a cinegrafista e disse: "Ela ali ó, a tia". E olhou mais um pouco para ela. Depois continuou a incrementá-la em extensão.

Parou para observar Henrique. Levantou-se, fingiu-se de monstro e bateu com a mão, de leve, atrás da cabeça de Henrique. Este riu e jogou-lhe um tijolinho e dois bonecos. Depois, Rafael continuou fazendo gestos e movimentos como se fosse um gorila e voltou a sentar onde estava, junto à casa que construía.

Levantou-se e pegou mais tijolinhos. Voltou para o seu lugar e continuou a aumentar sua casa em extensão. E então perguntou-me: "Ô tia, nós não vai embora?". Entendi que ele me perguntava se não íamos sair da sala, se a sessão não ia acabar e então respondi (faltavam 10 minutos para a sessão terminar): "Vamos daqui a pouquinho. A gente vai brincar mais um pouquinho". Então ele me disse: "Óia, vou fazer um monte de castelão!" e apontou toda a extensão de seu castelo. Quando falou isto também olhou para a cinegrafista, mostrando-lhe o castelo. E então continuou aumentando o seu castelo.



Quando uma criança apareceu na janela, Rafael me perguntou: "Tia, a gente pode dar umas peças pro nenê?". Eu lhe respondi que não porque precisávamos das peças para brincar. A cinegrafista me avisou que Tiago tinha dado uma boneca para as crianças de fora. Fui até a janela para recuperá-la. Rafael levantou-se e abriu a porta, saindo para a varanda e puxou um brinquedo da mão de uma criança, mas o devolveu. Coloquei-o para dentro da sala e fechei a porta da varanda. Rafael continuou se comunicando com as crianças através da janela e eu lhe pedi que voltasse à sala. Atizava as crianças com um brinquedo que havia pego delas, devolvendo-lhes depois.

Foi para o centro da sala, virou duas estrelas no chão. Tiago foi mexer no seu castelo e ele gritou para mim: "Tia, o Tiago tá mexendo no meu!". Tiago me jogou um cachorro e Rafael, que estava do lado dele, me disse: "Agora joga pra mim, tia". E eu joguei e ele pegou, jogando-me de novo. Tiago foi se colocar no ponto oposto ao de Rafael pedindo que eu lhe jogasse também e assim fizeram comigo um jogo de lançar bonecos como se fossem bolas. Eles jogavam para mim e eu para eles, cada um de uma vez, com um boneco diferente, mas eles não jogavam entre si. Enquanto isso, Henrique rodava com seu laço no meio do jogo chamando a atenção para si.

Num dado momento, o laço de Henrique caiu do lado de Rafael e este pegou-o. Henrique ficou puxando o laço do outro lado e assim ficaram disputando-o. Depois, Rafael deixou-o para Henrique que o enrolou em seu pulso e ficou na frente de Rafael atrapalhando o jogo de lançar bonecos. Rafael mudou de posição para receber os bonecos. Tentava pegar os bonecos como se fosse um goleiro, com as quedas características. Pegou uma boneca e observou por baixo do vestido dela.

Levantou-se com um boneco em cada mão e lançou-os juntos para mim. Uma criança apareceu novamente na janela e ele foi até ela. Chamei-o da janela e lembrei-lhe do que havíamos combinado. Voltou, pegou três bonecos com os quais Anita estava brincando e jogou-os. Ela reclamou. Ele chutou dois bonecos de Anita e se jogou para trás no chão. Tirou mais uma boneca de Anita e jogou-a para trás. Jogou uma boneca do lado de Anita e ela reclamou para mim.

Rafael voltou a fazer seu grande castelo, selecionando os tijolinhos. Neste momento, os irmãos haviam entrado debaixo da escrivaninha. Rafael foi até lá e entrou debaixo também. Tentou se esconder. Ficou fazendo bagunça com eles debaixo da mesa. Tentou montar por trás da escrivaninha, entre ela e a parede.

Saiu de baixo da mesa e puxou com violência a boneca que estava com Anita, dizendo: "Boneca feia!". Tapou meu olho com as duas mãos e sorriu. Eu perguntava quem era e os meninos diziam que era Rafael. Ele falou: "É o Rafael", riu, mas não tirou as mãos dos meus olhos. Encostou o queixo na minha cabeça e depois saiu, deixando o lugar para Tiago que fez o mesmo.

Voltou para continuar a montar seu "castelão". Incrementava a parte da frente, a inicial. Rafael reclamou com Tiago que estava pegando algo seu, mas continuou montando seu castelo, escolhendo somente os telhados pontudos. Tinha feito umas cinco torres com este telhados pontudos e me chamou para olhar: "Ô, tia". Depois de ficar alguns minutos entretido, me mostrou novamente a casa e deu uma rodopiada de costas no chão para eu ver. Eu elogiei sua casa.

Henrique chutou alguns tijolinhos a uma certa distância do castelo de Rafael, mas estes o atingiram desmanchando a parte do meio. Rafael fez uma expressão de bravo e gritou: "Ô tia, o Tiago está desarrumando aqui!" (pensou que tivesse

sido Tiago). Depois ficou tentando fazer parada de mão. Escorregou e ele mesmo desmanchou o pedacinho final de seu castelo.

Foi em direção às carteiras mexer em um computador que estava guardado em cima de uma delas, no fundo da sala. Falei várias vezes para ele voltar, reforçando o combinado. Ele não me atendeu e então levantei-me para explicar-lhe que não podia mexer. Conversamos bastante, ele quis saber o que o fazia funcionar, entre outras perguntas (o computador estava desligado). Ele queria ligá-lo de todo jeito, mas o convenci de que não ia funcionar porque não havia uma tomada adaptada. Consegui convencê-lo a deixar o computador e voltar para o espaço de brincar. Ele voltou ao seu castelo.

Propus a todos que guardássemos os brinquedos pois a sessão já estava no fim. Rafael desmanchou seu castelo, parte por parte, e juntou os tijolinhos. Como Tiago estava chutando o globo, propus-lhe uma bola que estava no chão, e Rafael gritou que a bola era dele. Tiago quis jogar com ele mas Rafael juntava os tijolinhos para guardá-los, como se estivesse varrendo o chão com a mão. Levantou-se e chutou o globo várias vezes, com o qual Henrique brincava. Henrique subiu em cima dos tijolinhos que Rafael estava juntando, pisou-os e espalhou uma parte deles. Rafael o empurrou e reclamou. Juntou-os de novo. Depois perguntou-me: "Ô Tia, mas a gente não vai embora?". Eu lhe respondi: "Vamos, a gente vai sair da sala agora, só falta guardar os brinquedos e eu levo vocês até lá embaixo".

Rafael foi o único que me ajudou a guardar. Ele colocava muitos tijolinhos em sua camiseta, como se esta fosse uma sacola, e depois pedia para eu abrir o saco e os despejava cuidadosamente dentro dele, numa manobra muito prática. Depois, perguntou onde estava sua bola e foi recuperá-la com os meninos, discutindo com Henrique que estava brincando com ela. Em seguida, voltou para me ajudar mais.

### Sessão 2:

Rafael já entrou na sala e pegou um dos sacos de brinquedo, o que continha os bonecos. Despejou-os no chão, virando o saco de boca para baixo e devolvendo-o para mim. Combinei com eles os limites do espaço para brincar. Rafael disse que queria ir ao banheiro. Esperou que eu levasse Anita e depois foi sozinho.

Ao sair do banheiro, foi mexer nos livros na prateleira. Eu o chamei e ele disse que estava lendo. Trouxe um livro e foi mostrá-lo a Henrique. Ele e os irmãos ficaram olhando uma bola desenhada no livro. Propus-lhes os brinquedos e sugeri guardar o livro para um outro momento. Guardei-o e então Rafael pegou um gubi que estava no chão (creio que ele mesmo o havia tirado da prateleira).

Rafael subiu novamente nas carteiras para mexer na prateleira. Reforcei o combinado com ele, mostrando-lhe que os materiais que lá estavam eram da escola e que nós não tínhamos permissão para mexer neles.

Sentou de pernas cruzadas em frente aos tijolinhos, pegou um e disse que ia fazer uma "casona". Escolheu todos os telhadinhos pontudos verdes e pegou também alguns vermelhos, menores. Ficou um tempo com os telhados na mão olhando o que os irmãos faziam.

Henrique pegou uma borrachinha que Rafael tinha pego provavelmente da prateleira e este reclamou, dizendo que era sua e pegando-a de volta. Ficou esfregando a borrachinha no chão e olhando o que os irmãos faziam. Jogou a borrachinha para mim e começou a montar algo. Perguntou-me onde havia mais

pontes e eu ajudei-o a encontrar algumas entre os tijolinhos. Olhou o castelo que Tiago havia construído.

Fez um quadrado com as pontes. Pegou dois tijolinhos de Henrique enquanto este estava distraído. Quando Henrique perguntou quem havia pego ele não respondeu, depois olhou e disse: "Não fui eu não!". Parou para ouvir o que eu conversava com Tiago. Continuou a montar alguma coisa. Então montou algo e me falou: "Ó tia, vou fazer robô". E eu exclamei que estava vendo e que estava "legal". Perguntei onde era a cara dele e ele me mostrou. Depois me mostrou as pernas do robô e fez os braços. Depois fez as unhas com os telhados e me disse: "As unhas!". Então eu disse: "É um robô com unhas".

Depois desmanchou-o, puxou os tijolinhos mais para a direita e disse que ia fazer tudo de novo. Ao acabar, mostrou-me que tinha feito um palhaço com sapato. Fui acompanhando sua montagem porque ele me solicitava o tempo todo. Mostrava-me cada parte, mãos, pernas etc. Parou para olhar o que os irmãos faziam e falavam.

Rafael levantou-se de repente, abriu a porta da varanda, saiu e antes que eu o chamasse, já estava de volta com uma bola na mão, tendo fechado a porta. Tiago lhe pediu a bola e ele lhe deu. Explicou-me que tinha ido pegar a bola lá fora. Continuou a montar o seu palhaço. Pegou uns tijolinhos de Henrique e este reclamou primeiro para mim e depois para Tiago. Rafael continuou o que estava fazendo.

Olhou Tiago que chutava a bola na parede. Depois me perguntou: "Tia, nós não vai embora?" (eu já havia refletido sobre sua pergunta do dia anterior e havia concluído que a expectativa dele era que eu os levasse da instituição; não sei se era porque eles haviam sido bem arrumados para a sessão ou se presenciavam este tipo de situação com outras crianças, ou se era totalmente seu desejo, sua expectativa). Então, respondi-lhe: "Não, ir embora daqui a gente não vai. Eu virei sempre aqui. Depois que acabar a brincadeira, Rafael, vocês terão que voltar para o quarto, mas eu virei sempre aqui. Eu sei que não é a mesma coisa, mas é a verdade". Ele fez uma expressão de que havia compreendido mas estava visivelmente decepcionado.

Continuei explicando-lhe que, no dia anterior, quando ele havia me perguntado a mesma coisa, eu havia entendido que ele me perguntava quando iríamos sair dali e que por isso eu lhe havia confirmado. Ele me ouviu com muita atenção, sem falar nada, mas bateu com força algumas vezes o tijolinho no chão. Disse-lhe: "Você está esperando ir embora daqui". Ele fez que sim com a cabeça, olhando para o chão. Falei que eu esperava também que um dia ele fosse embora (mas este foi um diálogo difícil, porque eu percebia que ele estava com um nó na garganta, tinha ficado bastante decepcionado, com raiva, triste e não conseguiu expressar sua frustração da mesma forma que Henrique, guardando-a para si — seus sentimentos apareceram em outro momento, principalmente na ação de 'roubar' os gibis).

Rafael continuou montando seu palhaço, aparentemente sem mudar sua atitude. Aumentou-o muito, principalmente fazendo grandes pernas. Parou para observar minha conversa com Anita que mostrava os bonecos dormindo dentro do saco. Perguntei a Rafael se ele os tinha visto. Ele respondeu que não e levantou para olhá-los dentro do saco.



Foi até Tiago que estava mexendo na prateleira. Subiu nas carteiras e começou a mexer nos livros. Foi pegando várias pastas e eu tive que recomençar a conversa dos limites. Ele aceitou sair de lá no meu colo. Henrique havia me devolvido um livro que tinha pego e eu fui guardá-lo. Rafael pegou este livro e ficou folheando-o.

Depois, subiu novamente nas carteiras e jogou o livro em uma das prateleiras. Subiu na janela e eu tive de levantar-me para tirá-lo. Depois abriu a porta da varanda, saiu e eu fui buscá-lo. Voltou à sala com expressão de malandro.

Sentou-se e recommençou a pegar todos os telhados verdes pontudos e foi completar a sua montagem (o que era originalmente o palhaço, transformava-se em uma grande montagem sem forma definida). Perguntei-lhe o que era e ele me respondeu que era ele mesmo "grandão". Tiago lhe disse que era um robô, e eu completei dizendo que achava que não era mais um robô. Ele me disse então que o que estava fazendo era "um robô com o negócio montado". Perguntei-lhe o que era o negócio e ele não respondeu. Anita sem querer bateu com o joelho no que ele estava fazendo, o que o fez reclamar.

Continuou sua montagem e parou um momento para empurrar a bola de Tiago que vinha na direção do que estava montando. Ficou entretido algum tempo na sua montagem, aumentando-a sempre com ângulos. Depois, levantou-se indo para mais próximo de onde eu estava sentada e disse: "Agora eu vou fazer outro robô".

Henrique me explicava que tinha chorado e que isto tinha acontecido porque queria ir embora. Rafael continuava montando seu robô.

Quando os irmãos começaram a jogar futebol em uma posição que a bola poderia cair no que estava montando, Rafael gritou: "Ah não! Vai estragar o meu brinquedo se ela cair!". Eu reforcei e sugeri que os irmãos mudassem a posição do gol, o que eles aceitaram.

Rafael pediu um pouco de tijolinhos à Anita que havia recolhido boa parte deles para si. A bola dos irmãos veio devagar em cima de sua construção e ele a jogou para longe com uma expressão séria. Aconteceu de novo e ele ficou muito bravo, jogando-a para mais longe dizendo "ô sua...". Eu disse para os meninos tomarem cuidado. Henrique pisou muito próximo do brinquedo de Rafael, de propósito, mas este não reclamou.

Rafael levantou-se para pegar mais tijolinhos com Anita e esta juntou rapidamente tudo para si. Ele gritou: "Ó tia, ela 'tá pegando tudo pra ela!". Disse-lhes que eles podiam dividir e assim os dois podiam brincar, pois os tijolinhos eram para todo mundo. Anita foi então mais condescendente.

Rafael me mostrou o que havia feito, dizendo que eram dois robôs, um robô com cabelo e outro com uma cobra. Disse então que ia fazer o seu nome com os tijolinhos. Parou para olhar os irmãos que faziam muita balbúrdia. Tirou o tênis, porque fazia muito calor, mostrando-me como sua meia estava molhada de suor. Cheirou o seu tênis e abanou o nariz, dando risada. Colocou novamente o tênis. Tirou novamente os dois tênis e me pediu para tirar a meia, o que fiz. Guardou as meias dentro do tênis.

Levantou-se e foi até a varanda, pois os irmãos tinham aberto a porta para pegar a bola que caíra lá fora. Disse-lhes para entrarem e fecharem a porta. Falou-me que ia ao setor pegar uma bolinha. Disse-lhe que isto ficaria para depois.



porque o tempo ia passar e já terminaria a sessão (faltavam dez minutos para acabar). Rafael deixou a porta da varanda aberta e subiu na janela. Tive de levantar para tirá-lo e ele só saiu no meu colo. Jogou-se no chão e rodou o corpo com as costas.

Pegou os bonecos, jogou-os e disse-me: "Ah tia, tira essas bonecas velhas", depois jogou com violência uns tijolinhos que estavam em sua mão no chão. Saltou seus tênis e foi mexer no equipamento da cinegrafista, em uma espécie de extensão. Ela lhe disse duas vezes que dava choque. Ele parou de mexer. Tentou de novo e perguntou: "Dá choque?" e ela lhe confirmou.

Gritou-me, trepado nas prateleiras: "Tia, peguei dois gibis!". Reforcei o combinado. Trouxe-me uma pilha de gibis, mostrou-me e perguntou se podia levá-los para o setor. Eu lhe disse que não, que não tínhamos permissão para pegá-los, pedindo que os guardasse no lugar e lhe afirmei que o máximo que eu podia fazer era, assim que acabasse a sessão, perguntar à direção se ele podia levá-los. Ele saiu correndo com os gibis.

Rafael subiu nas prateleiras com os gibis e me pedia: "Deixa eu levar, tia, deixa eu levar". Disse-lhe que os gibis não eram meus e que, portanto, eu não podia deixar. Falei também que eu não tinha ordem para pegá-los e que se ele levasse eu podia levar uma bronca. Ele me respondeu: "Não vai, tia. Nós corre!". Ele me disse que ia esconder os gibis atrás de uns materiais: "Já sei, tia! A gente põe eles lá dentro e a d.Guimar não vai perceber!". Perguntei por quê ele queria escondê-los. E ele disse: "Eu vou esconder aqui, ó". Eu disse que não ia deixar ninguém esconder as coisas da d.Guimar.

Tiago lhe disse: "Ninguém é ladrão aqui! Não é Henrique que ninguém é ladrão aqui?". Rafael saiu da prateleira com um monte de gibis, levantou sua blusa e começou a escondê-los dentro de sua bermuda, de frente para a câmera e de costas para mim. Ficou muito à vontade fazendo isto e de vez em quando olhava para trás.

Consegui ajeitá-los e desceu sua camiseta para cobri-los. Levantou-a para ver e todos eles caíram no chão, fazendo barulho e todos nós olhamos. Ele sentou no chão e juntou os gibis. Sentado, continuou a enfiá-los em sua bermuda. Cobriu-os com a camiseta. Deixou uns quatro de fora e começou a folheá-los com atenção. Anita apontou-me o que ele estava fazendo. Resolvi deixá-lo para ver até onde ia, pois a questão em jogo não era a explicação, a regra, a ordem; ele sabia que o que estava fazendo não era permitido.

Rafael ficou quieto vendo os gibis, com alguns dentro da blusa. Colocou-se de frente para mim. Pegou então um gíbi, colocou-o de frente para o seu rosto, tapando-o, o que não permitia que eu o visse.

Levantou-se, dobrou alguns gibis ao meio formando um tubo amassado e colocou-os, com uma certa dificuldade, no bolso detrás de sua bermuda. Não conseguiu, comprimiu ainda mais os gibis dobrados, apoiando-se no chão, um a um, e enfiando-os no bolso de trás. Tiago falou: "Olha, o Rafael tá escondendo o gíbi da d.Guimar. Ela não vê". Respondi-lhe: "Eu sei, mas eu não posso deixar as coisas saírem daqui sem ordem dela".

Rafael colocou dois ou três gibis enrolados no bolso de trás. Sentou-se no chão e começou a enrolar mais gibis. Não conseguiu colocar um outro, sentou-se e começou a folhear um. Enrolou-o e colocou-o dentro de sua bermuda, na parte da

frente. Dobrou mais um e fez o mesmo, cobrindo-os com a camiseta, o que o fez parecer gordo. Ficou de pé nos observando. Pegou o saco de pano que continha os bonecos de Tiago e disse: "Eu também vou brincar". Tirou os bonecos e deu-os para Anita. Ela não quis e ele jogou-os no chão.

Rafael tirou os gibis que estavam colocados na parte da frente de sua bermuda, porque ele não conseguia se curvar. Empilhou-os com os outros. Então, começou a recolher os tijolinhos e a colocá-los no saco de pano. Não chegou a encher o saco de tijolinhos, mas colocou-o em seu ombro como se fosse uma bolsa e andou pela sala, como Anita estava fazendo.

Depois apagou com saliva o que Henrique havia desenhado no chão. De côcoras, com o saco no ombro começou a construir algo com os tijolinhos. Tiago tentou pegar de Rafael o saco que havia sido seu e Rafael pediu-lhe para ficar com ele. Tiago consentiu. Rafael largou o saco no chão ao seu lado e continuou fazendo uma montagem. Virou-se para o outro lado e começou a montar outra coisa, enfileirando os tijolinhos. Cantava enquanto montava uma figura com grandes pernas. Levantou sua blusa e conferiu se os gibis ainda estavam no bolso de trás, abaixando-a de novo.

Propus que começássemos a guardar os brinquedos porque a sessão havia terminado. Rafael estava novamente nas prateleiras mexendo nas coisas. Fui tirá-lo, explicando-lhe mais uma vez. Voltou pisando e arrastando os tijolinhos com os pés. Ajudou-me a guardar os tijolinhos fazendo o mesmo esquema prático da sessão anterior. Depois que me ajudou a guardar tudo, abriu a porta e saiu correndo, sem me dizer "Tchau", levando os gibis em sua bermuda.

#### G1.4. TIAGO

##### Sessão 1:

Na apresentação, Tiago abraçou Henrique quando diziam que eram irmãos, exclamando: "Meu irmãozinho, meu irmãozinho". Falou-lhe: "Deixa eu te levar de cavalinho" e agachou-se no chão para que o irmão subisse em suas costas. Disse-me: "Tia, vou levar meu irmão de cavalo", e Henrique montou nas suas costas. Depois saiu e Tiago levantou-se atrás, chamando-o: "Vem aqui, Henrique".

Pegou o irmão novamente nas costas e passeou pela sala com ele, dizendo "cavalinho, cavalinho". Quando comecei a mostrar os brinquedos, Tiago bateu palmas de contentamento e soltou uns gritos. Quando viu os bonecos deu risadas de satisfação. Pegou-os e observou-os. Ao ver os tijolinhos, deu gritos: "Éeee" e mergulhou suas mãos neles.

Disse: "Me dá os relógios" (dos tijolinhos). Depois, puxou os bonecos para si e afirmou: "Eu vou brincar de todos os bonecos!". Deixou-os de lado e foi conversar com Rafael a respeito dos desenhos dos relógios (se eram iguais). Foi juntando os relógios e Rafael lhe disse que ele estava pegando os dele. Tiago respondeu: "Tá bom, eu pego os do meu irmão, né irmão?" e virou-se para os tijolinhos que estavam em frente a Henrique. Este confirmou a Tiago, que disse: "Ele é meu irmão, meu irmão, meu irmão!".

Levantou-se, pegou um bolo de bonecos juntando-os em suas mãos e jogou-os para Anita, dizendo-lhe: "Tó menina. Bonecas!". Mas sentou-se do lado dela, pegou duas bonecas e disse-lhe: "Ó, é assim ó!", mostrando-lhe como fazer. Foi formando uma família com bebê e à medida que ia pegando os bonecos de Anita.

ela os puxava dizendo-lhe que eram dela. Depois, ela e Tiago conversaram mais calmamente sobre os bonecos, sobre o chapéu de um, os cabelos de outros, as roupinhas. Ela lhe havia dito que um boneco era parecido com ele. Então, ele pegou uma boneca-mulher e disse-lhe: "Ah, é! Aqui você, ó. Óia você!" e ela respondeu: "Não é eu não, ó. É você!" e riram. Tiago olhou dentro da saia da boneca.

Foi para o outro lado dos brinquedos e começou a procurar um tijolinho maior para ajudar o irmão na sua construção. À medida que pegava, dava para ele. Falou-lhe: "Pega essa janela da hora e este relógio da hora. Deixa eu colocar um relóginho pr'ocê, Henrique", e levantou-se para colocá-lo onde o irmão estava construindo. Entretanto, começou a construir algo para si e o irmão empurrou mais tijolinhos para ele. Falou: "Vou montar um robô".

Quando Anita estava conversando comigo a respeito do que brincava, falando em papai e mamãe, Tiago disse: "Eu sou o papai" e quando Rafael anunciou que era a mamãe, Tiago falou: "Ela que é a mamãe, porque ela é mulher (apontando Anita) e eles dois são filhos (apontando Henrique e Rafael)". Completou: "Eu sou o mais velho de todos porque eu tenho 7 anos e ele tem 5 ... (apontando para Rafael)". Disse-lhe: "Mas você ainda não fez aniversário, não é? Você tem 6 anos e vai fazer 7 em julho eu acho, não é?" (porque ele não havia completado ainda 7 anos). Mas ele afirmou: "Já fiz!".

Continuou fazendo sua montagem e Henrique reclamou-lhe que Rafael não queria lhe dar uns tijolinhos. Então, ele se dirigiu a Rafael e mandou: "Dá pra ele, Rafael!". Levantou-se e foi ajudar Henrique a montar, falando: "Ô irmão, põe esse aqui, ó! Aqui, 'tá?" (falando com uma vozinha muito maternal e Henrique respondia com uma vozinha de bebê). E ia montando para ele. Henrique falou: "Ah, já sei, vamos montar uma coisa... hum..., um castelo?" e Tiago respondeu: "Ah, não! deixa em montar um robô, um robô deitado!". E foi falando: "Aqui as duas pernas..." e montando com Henrique.

Riu quando Rafael beijou a boneca-vovó, batendo os pés no chão e dizendo: "É, namorado da vovó". Tiago continuou sua montagem do lado oposto ao que estava, tendo levado os tijolinhos que estava usando. Rafael tinha construído um castelo e falou que era o castelo da bruxa, sendo que Tiago ouviu e completou que era a bruxa do Castelo Rá-tim-bum. Eu perguntei-lhe se sabia o nome dela e ele respondeu que não.

Tinha feito um castelinho com uma torre com telhado vermelho. Pegou um tijolinho e me mostrou as janelas grandes antes de adicioná-lo a seu castelo. Riu das palhaçadas que Rafael estava fazendo. Quando Henrique disse que Rafael estava bravo, Tiago completou: "A bruxa 'tá aqui!". E falou: "Esse Rafael é o maior bagunceiro da minha ala!" e riu.

Rafael levantou-se e começou a correr atrás de Tiago pela sala e os dois riam muito. Deram mais de 6 voltas, Tiago rindo muito. Tiago fugia de Rafael, mas acabou sendo pego por ele, que o empurrou em direção à escrivaninha. Estavam ofegantes. Tiago me perguntou, depois de descansar um pouco: "Ô tia, cadê a bolinha?" (uma pequena bola de Rafael que eu havia guardado no início da sessão, para eles brincarem depois com ela). Disse que lhes daria depois da sessão.

Tiago andou um pouco e tirou um tijolinho de Rafael que, em seguida, desmanchou todo o seu castelo. Provocou Rafael, chamando-o para desmanchar o



seu. Depois, agachou-se e começou a construir algo, ficando entretido durante algum tempo.

Quando Henrique começou a rodar o laço e a cantar, Tiago olhou-me e sorriu, cantando também: "Estrela de rodeio pra ficar parado", mas continuou montando seu castelo. E me perguntou: "Ô tia, não é estrela de rodeio?", mas eu estava conversando com Rafael a respeito da bateria.

Levantou-se e fez movimentos com os braços para trás, como se estivesse voando de costas. Veio olhar o que eu estava fazendo com Rafael. Curvou-se para explicar a Rafael como a bateria deveria funcionar. Disse que ela estava enferrujada. Voltou para completar o seu castelo e colocou um telhado.

Depois, cantou um pouco com o irmão. Fez movimentos com o braço mostrando força e abaixou para pegar mais tijolinhos. Voltou ao seu castelo mas logo levantou-se e disse: "Vou ver se a bola está aqui no terraço", indo olhar pela janela. Voltou para seu castelo dizendo que a bola não estava lá e, ouvindo o que Rafael dizia para mim, afirmou que a bateria não era moeda.

Quando Henrique falou que o laço era "cocô", Tiago repetiu duas vezes esta palavra e me disse que o irmão havia falado que era "cocô" e que ele estava louco, perguntando-lhe: "Você está louco? Você está louco?". Puxou o laço do irmão perguntando a mesma coisa várias vezes e fez um movimento como se estivesse batendo no ar com uma espada. Rodou fazendo o mesmo movimento.

Depois passou a fugir do irmão que tentava pegá-lo para bater nele com o laço. Tinha uma boneca na mão. Deu muita risada, parou e com a boneca na mão falou para o irmão: "Ô a sua namorada!". Este lhe deu uma chicotada com o laço e voltou a correr atrás dele. Tiago corria com a boneca na mão e falava a mesma frase. Deram algumas voltas em torno de mim, com o mesmo jogo.

Foi até as carteiras e continuou o mesmo jogo. Eu o chamei para o centro da sala, reforçando o que havíamos combinado quanto aos limites. Voltou e continuou a correr fugindo de Henrique. Passou por cima do castelo de Rafael, sem desmanchá-lo. Na correria, usava a boneca como se fosse o volante de um carro, fazendo ruídos de motor e de derrapadas. Jogou algumas vezes a boneca para cima, deixando-a cair no chão. Depois, pegou vários bonecos e jogou-os em cima de Henrique. Ele e o irmão davam muitas risadas com esta brincadeira, estavam ofegantes e transpirando muito.

Tirou algumas bonecas de Henrique e jogou-as, segurando-o para que ele não fosse pegá-las e me disse para pegar as bonecas. Deixei que ele mesmo as buscasse. Continuou a jogar a boneca em cima do irmão.

Depois, pegou um boneco-menino que estava com Anita e o observou, girando-o. Pegou um outro boneco e saiu rapidamente, o que fez Anita reclamar. Quando Rafael começou a tirar a roupa do boneco-avô, Tiago disse a Henrique: "Ele vai tirar a roupinha, ô".

Após, foi até a janela e me disse: "Ô tia, eu vou lá no berçário" e eu lhe respondi que ele só podia ir depois. Afirmou: "Então não vou não". Voltou a fugir de Henrique que o perseguia ameaçando com o laço, os dois sempre rindo muito. Quando Henrique mostrou que o boneco tinha ficado pelado, Tiago riu muito. Sentado, arrastou-se pelo chão fazendo caretas.

No momento em que Anita levantou levando consigo as bonecas, ele disse que ia proteger os homens. Pegou um boneco e jogou para cima, pegou os dois



bonecos-bebês e os amassou, dizendo: "maior barato o Rafael tirando a roupa deles, não é Henrique, o Rafael não é um barato?". E falou: "Eu vou brincar com os outros", pegando um grupo de bonecos para si, os que haviam sobrado.

Sentou-se no ponto oposto ao de Rafael e começou também a tirar as roupinhas dos bonecos. Depois, começou a vestir um boneco, tendo dito que era difícil colocar a roupa.

Henrique, que estava batendo com o laço no ar, disse: "Agora, você vai ver como eu tô forte, ouviu, ouviu?". Tiago lhe falou: "Na na ni na não, já vai fechar o portão" e riu. Henrique lhe deu laçadas no rosto. Tiago falou-lhe: "Não me batel". E Henrique perguntou: "O que você falou?". Este lhe respondeu: "Que você cagou!" e deram risada (Tiago olhou-me verificando minha reação). O irmão bateu mais uma vez no rosto dele e disse: "Quem mandou você falar isso?". Tiago respondeu repetindo: "Quem mandou você cagar tudo isso?". E Henrique continuou batendo com o laço no rosto do irmão e mandando: "Pára com isso!", rindo; e Tiago repetia: "Quem mandou você cagar tudo isso!". E continuaram nesse jogo. Henrique: "O que você falou?" e Tiago: "O que você cagou?" e Henrique batia nele com o laço, gritando: "Vou te bater" e o fez com força. Então, eu falei: "Olha que isso dói". Tiago respondeu: "Não, isso não dói". Henrique continuou batendo nele e falando: "Tô batendo de chicote!". Tiago respondeu-lhe: "Pode me bater quanto você quiser". Perguntei a Henrique se ele batia de verdade ou de brincadeira. Tiago, depois de pensar um pouco, respondeu que ele batia de brincadeira. Henrique afirmou, chicoteando no ar: "Eu bato quando eu tô bravo! (...) Agora estou bravo, estou bravo!". Tiago lhe disse: "Não tá bravo nada!". E Henrique o ameaçou com o laço, com tom de brincadeira: "Hum, o que você falou?". Tiago recomeçou: "Você ficou bravo e cagou!". Henrique riu e lhe disse: "Pára de falar isso, 'viu!' e saiu de lado rodando o seu laço no ar. Tiago repetia: "Pára de cagar isso!".

Henrique sentou-se no chão e o laço caiu de sua mão. Tiago o pegou e abaixou, escondendo-o. Henrique falou com voz chorosa: "Ah, irmão, dá pra mim". E Tiago jogou o laço para trás, longe de Henrique. Este fez cara de "sonso", fingindo não ter visto onde o laço caíra e ficou perguntando: "Onde você jogou? Onde é que está?". Nesse espaço de tempo, Tiago voltou a mexer no boneco, ajeitando a calça deste. Em seguida, pegou o laço, que tinha caído no chão, e escondeu-o atrás de si. Henrique começou a perguntar alto: "Rodeio, rodeio, onde você está?" e a rodar em volta dele mesmo. Tiago ria e falava com voz baixa e grave: "Pára que é uma ordem!"

Tiago lhe disse com a mesma voz grave e em tom baixo, mas de ordem: "Henrique, vai até a morte" e o irmão lhe perguntou: "Por que você sumiu, Tiago?". Então, Tiago mostrou-lhe o laço, riu e jogou-o longe, no meio das carteiras. Henrique foi atrás do laço, dando urros muito fortes. Voltou, depois de encontrá-lo, e disse a Tiago: "Agora eu tenho cinta, agora eu vou te bater!". Enlaçou de tal forma o laço que o fez parecer uma cinta dobrada e a movimentava pela sala, chamando e ameaçando Tiago. Dava ordens para Tiago ir até ele, e este lhe dizia, enquanto brincava com outra coisa: "Não, eu vou depois".

Tiago começou a construir algo com os tijolinhos, bem de frente à Anita. Mas Henrique perguntou-lhe: "Não quer ir?", batendo-lhe com a então cinta no rosto dele. Tiago levantou-se e foi na direção do irmão dando risada. Henrique lhe perguntava: "Quem falou isso? Foi você?" e lhe dava a chicotada, dizendo: "Foi você, né, seu engraçado!". Henrique perguntava muitas vezes: "O que que você falou?" e Tiago não lhe respondia, fechando a boca, fazendo sons como se sua

boca estivesse lacrada. O irmão, urrando, gritava que ia pegá-lo, correndo atrás dele na sala, dando chicotadas no ar, tentando acertar Tiago. Iam correndo por entre os brinquedos que estavam com os outros, pisando nos tijolinhos. Henrique ria e falava: "Vem aqui Tiago, que eu vou te pegar". E Tiago lhe respondeu: "Você é um neguinho!". E Henrique perguntou: "O que você falou?", pegando um dos bonecos e batendo com ele em Tiago.

Tiago continuou repetindo que Henrique era um "neguinho" e Henrique jogou um boneco em cima dele, soltando mais urros, como se fosse um urso feroz. Pegou então uma rodinha, apontou-a para Tiago e atirou-a nele, sempre mantendo a cinta em forma de laço na mão esquerda. Ficou atirando esta rodinha em Tiago, sempre rodando-a antes em cima da cabeça como se fosse o laço. Tiago ria muito, estava eufórico e ofegante. Enquanto isso, Rafael e Anita brincavam sem fazer nenhum ruído, entretidos, e sem olhar para os dois que faziam muito barulho.

O irmão pegou a rodinha do chão e recomeçou, gritando: "Vou pegar o Tiago, meu irmão". Ambos estavam pingando de suor. Tiago lhe jogava bonecos nas costas com força. Enquanto corria pela sala, saltou o brinquedo de Rafael, que nada falou. Continuou rodando na sala com um boneco na mão, fugindo de Henrique. Pegou este boneco e jogou para cima, de pé, gritando com voz grave: "Eu vou pular na piscina". Depois jogou a calça do boneco para trás fazendo um ruído com a boca. Sentou-se e jogou tijolinhos na direção do grande castelo de Rafael, sem entretanto atingi-lo. Foi se sentar em um outro lugar tendo pego um grupo de bonecos e falava para si: "Todo mundo tirando a roupa!".

Henrique lhe perguntou: "Quem tirou a fita daqui?" e Tiago respondeu que havia sido ele. Tiago continuou a brincar com os bonecos, dizendo: "Todo mundo vai na piscina". Pegou uma boneca, já sem roupa, de cabelos curtos e me disse: "Ó, você tia". Exclamei: "Eu, mas não é homem esse daí?" (era um dos bonecos adultos do sexo masculino). Tiago me respondeu: "Tem cabelo curto mas é mulher" (e meu cabelo era curto). Afirmel-lhe que havia entendido. Tiago continuou com a boneca que era eu e disse: "Ela vai na piscina". Jogou as roupas desta boneca para longe e disse: "A roupa dela voou, lá pra trás". Depois completou: "Tá todo mundo na piscina, até o gigante!". Perguntei se tinha um gigante ali e ele respondeu: "Que é nós. São os gigantes que tão brincando com estes brinquedos todos". Enquanto falava segurava a boneca como se ela fosse um avião e a fazia "mergulhar", jogando-a para longe. Foi buscá-la e disse-me: "Até aqui era fora da piscina". Perguntei-lhe: "Mas só eu vou nadar na piscina? E os outros?". Ele me disse que era só eu e completou: "Aí ela desceu lá pro fundo" e jogou a boneca de uma grande altura até cair no chão (que era a piscina).

Henrique interrompeu-o falando: "Ó irmão, tira a calça dela que eu vou bater na bunda dela assim!" e fez os movimentos de chicotear uma boneca. O irmão respondeu: "Não dá pra tirar! Mas bate na bunda desta, ó", dando-lhe a boneca que ele tinha falado que era eu e acabara de jogar no fundo da "piscina". Tiago saiu correndo para o lado. Henrique bateu algumas vezes nas nádegas da boneca, jogou-a depois no chão e disse ao irmão: "Ah, você está aí!", indo atrás dele com o laço novamente.

Tiago parou para mexer em outra boneca, levantando o vestido dela, olhando por baixo e tentando retirá-lo. Prestou atenção quando Rafael perguntou se nós não íamos embora. Henrique tentava amarrar o laço em sua cintura, dizendo a Tiago: "Vou me amarrar, e você não vai ver eu me amarrar". Tiago respondeu: "Eu vou, cagando!" e Rafael me disse: "Tia, ele falou 'cagando'".

No momento em que apareceu uma criança na janela e Henrique foi falar com ela, Tiago também foi e a chamou de nenenzinha, dando-lhe uma boneca e falando: "Agora dá pra mim". Tive de tirá-los da janela pois ele e o irmão tentavam pulá-la. Tiago me disse com voz chorosa: "Ah, deixa ela brincar um pouco!". Respondi-lhe que não, que na sala estávamos fazendo uma brincadeira diferente daquela que as crianças faziam lá fora. Tiago brincou um pouco com uma boneca na mão e depois voltou à janela (enquanto eu tentava trazer Rafael para dentro da sala e fechar a porta da varanda). Rafael entrou e foi se juntar a Tiago na janela e eu pedi que os dois saíssem de lá. Tiago então chutou a boneca com força, pegou-a no chão (eu ainda convencia Rafael a sair da janela) e disse-me: "Ó tia, óia você. Óia, eu vou dar um chute em você". Eu respondi-lhe: "É mesmo" e ele chutou a boneca. E eu perguntei: "Mas eu mereço esse chute? O que eu fiz?" e ele respondeu que sim com a cabeça dizendo: "Você fez eu sair da janela!". Expliquei-lhe que era perigoso, que não ia deixar que ninguém brincasse na janela e que na sala havia muita coisa para brincar.

Tiago foi até o "castelão" de Rafael, sentou-se e tirou uma parte dele, o que fez Rafael reclamar. Tiago pegou um cachorrinho de pano e gritou: "Ó tia, ó o seu cachorro" e me lançou o cachorro. Eu estava do outro lado da sala e peguei-o. Rafael observou-nos. Henrique estava rodando em torno de si mesmo com o laço batendo em suas próprias costas. Rafael falou: "Pra mim, tia!" e eu joguei-lhe o cachorrinho, que ele me devolveu. Tiago foi para o outro canto da sala e gritou-me: "Ó tia!", jogando-me um outro boneco. Assim os dois ficaram jogando comigo, cada um com seu boneco. Henrique se pôs bem no meio rodando o seu laço e cantando, Anita brincava quieta com seus bonecos, perto de mim.

Rafael se distraiu com o laço de Henrique, puxando-o e eu continuei o jogo com Tiago. Então, Tiago pegou outro bichinho, jogou-me falando: "Olha a gatinha. Você é que é a gatinha, tia!". Respondi-lhe: "Ah é? Então agora melhorou a coisa!". Joguei-lhe a gatinha de volta, ele não conseguiu pegar e me avisou: "Eu só consigo catar grande". Rafael retomou o jogo conosco. Gritou-me de novo: "Ó tia, a gata!" e lançou-a, e continuamos jogando, mas eu tive que falar novamente com Rafael que subia na janela. Rafael retomou mais uma vez o jogo conosco e Tiago comentou: "A tia tá com dois gols. Ó tia, vou fazer um gol!". Fez o gol com o boneco.

Levantou-se e foi deitar-se debaixo da escrivaninha. Henrique percebeu e juntou-se a ele, rindo muito. Ficaram dando risadas, escondendo-se e enrolando-se debaixo da mesa. Rafael juntou-se aos dois. Gritavam, faziam muito barulho, batendo na mesa e me chamando a atenção várias vezes. Eu os observava e comentei brincando: "Ué, os meninos sumiram. Só a Anita está aqui" (e vestia a boneca que Anita havia me dado).

Tiago começou a gritar debaixo da mesa: "Tia, tia" e a esticar o braço para fora. Dava gritos e muita risada chamando-me para ver. Falou-me: "Tia, só tem mulher", referindo-se a nós mulheres que tínhamos ficado na sala. Continuou dando risadas com o irmão. Tiago gritou: "Os homens vão fazer o show!" e saiu debaixo da escrivaninha, se arrastando pelas costas. Correu com a língua para fora. Voltou e se escondeu de Rafael.

Rafael saiu debaixo da mesa e tapou-me os olhos com as mãos, perguntando quem era. Tiago veio me dizer ao ouvido que era Rafael. Henrique participava respondendo quem era. Tiago puxou Rafael e veio tapar também os meus olhos. Perguntou quem era e depois que eu adivinhei, ele veio pular na minha frente e



tampar-me os olhos, quando então foi a vez de Henrique. Tiago sentou-se na minha frente e ficou observando.

Levantou-se, pegou um boneco, jogou-o e me disse: "Ô tia, eu vou agarrar, quer ver ó". Jogou-me um chinelo e pediu-me que o lançasse para ele agarrar. Falei-lhe somente para tomar cuidado com a cabeça das pessoas, mas nem chegamos a jogar porque Rafael reclamou dizendo que era o seu chinelo. Tiago trocou por um boneco e jogamos um pouco.

Tiago pegou um monte de bonecos no chão e levou para si. Sugeriu que nós jogássemos cada um o seu boneco, para trocá-los no ar. Jogamos talvez seis vezes e ele começou a chutar os bonecos e disse chutando uma boneca: "Olha a mamãe dela!". Falou-me: "Ô tia, você vai ficar com as pessoas dessa família" e me jogou um conjunto de bonecos ficando com um outro grupinho. Mas tive de me levantar pois Rafael mexia no computador.

Em busca de bonecos, Tiago sentou-se na frente de Anita, que brincava com os dela, e perguntou-lhe onde estava aquele pai. Ela lhe deu o boneco-avô. Ele disse que o avô estava com calça de mulher. Anita lhe deu também a boneca-avó. Ele tirou a calça do avô e repetiu: "Essa calça aqui é de mulher". Anita lhe disse: "Ô, o vovô e a vovó, né" e ele lhe respondeu que sim com a cabeça. Ele falou mais uma vez que a calça era de mulher. Propôs à Anita que ela ficasse com a avó e ela lhe respondeu que não e a devolveu. Tiago colocava outra calça no avô, quando Anita virou-se um pouco. Ele aproveitou e pegou a boneca-mãe. Ela lhe arrancou da mão rapidamente a boneca. Então ele tentou pegar a boneca-filha. Ela fez o mesmo (essas bonecas eram as mais preciosas para Anita). Ela lhe mostrou suas bonecas dizendo-lhe que um cabelo era igual ao outro. Ele observou e confirmou-lhe: "É, todos os cabelos são igual ao outro".

Avisei a todos que a sessão havia acabado e que no dia seguinte voltaria para brincar, propondo que guardássemos os brinquedos. Tiago disse que então ia brincar com a bolinha e juntou os bonecos. Perguntou onde estava o saquinho (no qual eu havia guardado a bola), mas achou o globo do mundo, chutando-o pela sala e falando: "Eu vou jogar bola". Deu chutes fortes no globo e eu lhe disse que o globo não era para chutar, oferecendo-lhe a tão esperada bolinha. Mas Rafael reclamou que a bolinha era dele e pegou-a. Tiago propôs que jogassem juntos, mas Rafael começou a ajudar-me a guardar os brinquedos.

Henrique pegou o globo e começou a chutá-lo com Tiago. Rafael entrou no jogo. Tiago deu um chute alto no ar como se fosse um golpe de karatê. Pegou o globo que Henrique havia deixado e recomeçou a chutá-lo. Disse que o globo era de madeira e continuou chutando-o levemente até o final.

## Sessão 2:

Tiago já iniciou pegando um dos sacos de brinquedos, aquele com tijolinhos e despejando-os no chão com um grande contentamento. Pedi para que prestassem atenção para o que eu iria combinar. Tiago parou, pôs as mãos na cintura e me olhou sorrindo, com cara de gozação para o que eu estava falando. Eu falei: "Prestem atenção, um dois três!" e ele respondeu rindo: "Cala a boca japonês!". Ouviu-me e consentiu com a cabeça face ao combinado (os limites da sala).

Tiago foi pegando os tijolinhos, escolhendo os telhados vermelhos, e dizendo a Henrique quem ia brincar de boneca, que nas bonecas estava escrito Rafael. Afastou-as com a mão e, depois de Henrique falar: "Quem Henrique vai brincar com



Tiago", disse: "Henrique é irmão de Tiago. Henrique vai brincar com Tiago, né Henrique?".

Tiago começou a montar algo. Henrique contou a Tiago que Rafael havia lhe dado o gibi e Tiago lhe disse: "É porque o Rafael é bonito". Continuou a montar junto com Henrique, dizendo que ia fazer uma bola. Conversaram a respeito do que havia acontecido à noite no quarto, algo sobre Rafael ter se escondido. Levantou-se para ver uma bola no livro que Rafael havia pego da prateleira, falando e apontando várias vezes: "É bola!".

Voltou a escolher os tijolinhos. Ajudei-o a assoar o nariz. Montava um castelinho. Henrique falou a Tiago que tinha feito uma mágica apontando um telhadinho que estava grudado em sua mão. Tiago não lhe deu atenção, continuando sua construção.

Henrique chamou-o de Quinho, seu próprio apelido, e falou sério: "Eu chamei o meu irmão de Quinho". Tiago lhe disse: "O seu apelido é que é Quinho". E Henrique repetiu: "O meu apelido é que é Quinho!". Tiago disse-lhe que Quinho era o nome dele e ele retrucou: "Meu nome não é Quinho, meu nome é Henrique. Meu apelido é Quinho, né irmão?". Tiago confirmou-lhe.

Henrique mostrou novamente sua mágica e Tiago imitou o que ele estava fazendo. Então se dirigiu aos bonecos e observou: "Essa roupa aqui não é desse! A roupa dele é essa calça e essa blusa". Eu lhe disse que eu havia vestido o boneco no dia anterior sem prestar atenção neste detalhe. Perguntou-me: "Posso trocar?" e lhe respondi: "Pode, claro!". Então, trocou a roupinha do boneco e anunciou: "A tia colocou a roupa errada!". Confirmei-lhe o fato.

Quando Henrique perguntou à cinegrafista como ela tinha conseguido subir na mesa, Tiago também a olhou e sorriu-lhe. Continuou a arrumar os bonecos. Henrique o chamou várias vezes para mostrar-lhe que havia tossido pulando e Tiago parou para olhá-lo. Depois mostrou-me que também sabia pular: "Eu pulo assim, ó! Eu pulo mais alto do que um sapo". E completou: "É lógico! Sapo é desse tamanho (mostrando um tamanho pequeno) e eu sou grandão!".

Depois, começou a contar-me: "Eu já vi um sapo. Mas não de brinquedo. De verdade!". Perguntei-lhe aonde e ele falou: "É que, à noite, nós 'tava assistindo Titanic no Valter..." (os dois outros meninos confirmaram). Perguntei quem era Valter. Ele ia começar a explicar-me, mas resolveu perguntar se eu morava perto dali. Disse-lhe que morava mais ou menos perto. Ele continuou: "Você mora naqueles prédios que tem lá, perto dali?" e apontou-os. Respondi que era um pouco mais longe. Perguntou-me se dava para ir a pé. Respondi-lhe que não. Continuou: "Então, é no último predinho desses?". Disse-lhe que não, que era mais longe ainda. Ele disse que se não podia ir a pé, podia ir de táxi e completou: "A pé a gente cansa né?" e eu: "Cansa mesmo". Continuou mexendo nos bonecos.

Quando seu irmão disse que havia sido o primeiro da fila, Tiago contou-me que haviam feito uma fila por ordem de tamanho. Henrique repetiu: "Eu 'tava na frente! É eu que 'tava na frente!". O irmão o abraçou carinhosamente, falando com aquela voz maternal: "É, você puxou a fila, bonito!". E Henrique completou: "É, eu 'tava na frente!". Tiago contou toda a história de como formaram fila e por que Henrique tinha sido escolhido para puxá-la (porque era o menorzinho).

Tiago, conversando com o irmão, pegou um tijolinho e o jogou como se fosse uma bola de gude. Henrique disse-lhe: "Eu não sei jogar". Tiago lhe explicou: "Faz

assim, ó! Você pega...”, mostrando-lhe. Henrique prestou atenção e tentou fazer o mesmo, dando risada porque não saía igual ao do irmão. Quando Henrique acertou um no gíbi e mostrou-lhe, Tiago elogiou-o: “Bonito, bonito!”.

Tiago continuou a colocar a calça certa no boneco-avô. Depois, mostrou-me: “Tia, coloquei!”. Falou: “Falta o negocinho dele de estar andando na neve” (o cachecol). Confirmei-lhe e ele foi olhar outros bonecos, dizendo que ia pegar outros. Estava trocando um boneco-menino quando viu Rafael chegar com uma bola (que havia pego na varanda) e lhe disse: “Óba! Ô Rafael, dá essa pra mim? Você já tem outra”. Rafael deu-lhe a bola. Comentou comigo que Rafael lhe havia dado a bola e eu disse a Rafael que ele havia sido “legal”.

Tiago ficou com a bola debaixo do braço, terminando de tirar a roupa do boneco-menino. Quando Henrique falava de uma boneca que Tiago havia jogado e eu lhe perguntara quem era, Tiago disse: “É a cozinheira” (ela tinha avental e lenço na cabeça).

Tiago se agachou, deixou a bola de lado e olhou alguns bonecos. Depois se aproximou de Anita, que colocava todos os “bonecos dela” em um saco de pano, e ofereceu-lhe: “Aqui uns bebês, ó”, completando: “Os hominhos são meus”, propondo uma troca com um tom “reclamação”. Anita lhe disse que não tinha nenhum dele lá. Ele voltou-se meio desolado para outros bonecos (como se soubesse que ela tinha se apoderado dos ‘melhores’, isto é, dos pais e dos filhos crianças).

Pegou então um casazinho e disse: “Óia, esses dois são namorados”, fazendo o mesmo para dois outros casais (de bebês e de avós, os que haviam sobrado). Eu disse: “O Tiago fez três parzinhos” e ele arrumou-os deitados um do lado do outro, repetindo o que havia dito.

Levantou-se e começou a chutar bola na direção das carteiras. Então me falou: “Ô tia, quer ver eu soltar uma bica lá na parede?”. Respondi-lhe: “Tá, mas cuidado com o vidro. Devagar”. Ele chutou bem forte. Continuou chutando com muita força na parede. Conversou com Henrique que lhe mostrou o martelo e depois começou a pular para ele ver.

Tiago o convidou para jogar bola, falando para Henrique chutar. Tiago agarrou como se fosse o goleiro e depois chutou a bola para as cadeiras. Henrique perguntou por que Tiago havia feito aquilo. Tiago caiu. Henrique perguntou a Tiago por que ele havia caído.

Tiago chamou-me para mostrar que havia jogado o gíbi e que ele havia caído junto aos livros da prateleira. Eu levantei para tirar Henrique e Rafael da prateleira. Tiago já havia voltado a jogar bola. Tiago chutou a bola bem alto, ela atravessou a sala e caiu bem na cinegrafista. Ele foi pegá-la com carinho de malandro. Continuou chutando-a.

Falou-me: “Vou dar de cabeça!” e deu uma cabeçada na bola. Chamou Henrique para ir para o gol. Depois mostrou a Henrique como se dava uma cabeçada na bola. Mexeu no saco de pano. Henrique lhe mostrou uma argola e ele pediu para experimentá-la também. Chamava o irmão de “bonito”. Continuou chutando bola e chamou-me para ver que ele tinha chutado nas carteiras. Perguntou a Rafael o que ele estava fazendo e disse que era um robô.

Tiago continuou chutando e me chamava para ver tudo o que ele fazia. Disse-lhe: “Tiago gosta de mostrar-me o que faz” e ele sorriu. Henrique, saindo do banheiro disse a Tiago: “Agora eu não vou chorar mais quando ela sumir”. Tiago

respondeu: "É, bonito, você não vai chorar mais". Henrique voltou-se para mim dizendo e apontando com o dedo: "Agora eu não vou chorar mais quando você ir embora". Eu lhe perguntei se tinha chorado. Ele respondeu-me: "Ontem eu chorei, né irmão que eu chorei ontem quando ela foi embora? Aí eu queria ir embora". Tiago lhe disse: "Vai ver que você queria ir pra casa dela, né?".

Neste momento, Tiago deu uma bicicleta na bola e ela bateu no seu rosto. Ele caiu no chão dando risada. Henrique fazia voz de choro e dizia: "Irmão, eu não quero ir pra casa dela, eu quero ir embora". Tiago rolava no chão e dava risadas meio forçadas, falando: "Eu dei um chute na minha cara!". Eu disse a Henrique: "Você quer ir para a sua casa". Tiago continuou dando bicicletas e cabeçadas na bola. Deu um chute tão forte que caiu sentado no chão. Depois me disse: "Ô tia, duvida eu dar de bicicleta?". Respondi-lhe que achava que ele conseguiria. E ele chutou mais um pouco.

Enquanto Henrique encontrava seu laço debaixo do globo, Tiago voltou-se para os bonecos que havia deixado, e que haviam sido espalhados, e juntou-os novamente em pares. Depois, juntou-os todos e, nesse momento, Henrique lhe mostrou o laço. Tiago exclamou: "Éee, bonito! (e bateu carinhosamente com a bola na sua cabeça) Meu irmãozinho é ninja! Ele fez aparecer!".

Tiago trouxe-me os bonecos, colocou-os do meu lado e mostrou-me que eram pares de namorados. Quando Henrique aproximou-se de mim e eu lhe expliquei que não ia levá-los embora, Tiago, de um salto, partiu para o outro lado da sala e recomeçou a chutar bola com muita força, como se não quisesse ouvir.

Quando Henrique foi ao seu encontro dizendo: "Irmão, quando a tia ir embora de novo, eu não vou chorar, eu não vou chorar", Tiago lhe respondeu: "Porque você é homem, você não é bicha! Porque bicha é mulher e mulher chora, homem não, né tia?". Eu disse aos dois que homem podia chorar sim. Eles ouviram atentos. Falei que quando estamos tristes ou emocionados choramos, mulher ou homem. Tiago disse: "Só criança". E completou: "Ah, então mesmo que mulher falar que homem não pode chorar, então pode". Confirmei-lhe seu raciocínio.

Henrique recomeçou a falar que ontem estava chorando, mas Tiago cortou-lhe dizendo firme: "Ô Henrique, vai no gol". Henrique insistiu. Tiago falou mais firme: "Vai, Henrique, no gol!". Tiago começou a explicar-lhe as regras do futebol e Henrique, então, concordou com a proposta.

Henrique chutava, Tiago defendia e riam. Tiago lhe mostrava como deveria fazer. Rafael reclamou que o jogo estava atrapalhando o brinquedo dele, o que nos fez estabelecer um limite na sala para o futebol. Tiago aceitou de pronto o limite e mudou o lado do gol, de modo que não atrapalhasse Rafael. Percebeu ainda que do lado que escolhera para o gol, a bola poderia cair nas prateleiras e me disse que ia mudar novamente de lado.

Ficaram chutando e a bola caiu duas vezes perto de Rafael, o que o fez reclamar. A bola que Tiago chutava caiu debaixo das cadeiras e Henrique disse-lhe: "Não falei que a bola ia pra lá, não falei?". Tiago lhe disse: "O Henrique tá com seis gols" (ele não havia feito nenhum). Depois, Henrique tentou chutar a bola e chutou o ar, falando: "Eu não chutei, eu ia chutar mas eu fiz assim, né irmão, que eu não chutei a bola?". Tiago lhe disse: "Você queria chutar mas o seu pé não chutou, né". Henrique riu e chutou novamente, dizendo: "Agora eu chutei, agora eu chutei". Tiago continuou jogando com ele.



Tiago caiu algumas vezes, fazendo ruídos muito altos e piruetas, fazendo graça para o irmão. Henrique se divertia, mas num determinado momento recomeçou a rodar o laço e a cantar. Tiago foi até o computador e perguntou-me o que era. Disse-lhe de longe que era um computador e que estava desligado, o que foi suficiente para ele não mexer.

Henrique pegou a bola de Tiago e a jogou nas prateleiras, dando risada e dizendo: "Olha, eu sou mais forte! Meu irmão não sabe jogar a bola lá no alto". Tiago disse: "Olha, ele jogou a bola lá em cima!". Eu disse que havia entendido mas pedi para Henrique não atingir o material. Ele aceitou e começou a chutar a bola para o outro lado, brincando com o irmão.

Tiago me chamou para contar que havia dado um chute forte e a bola havia parado do outro lado da sala. Quando Rafael foi na varanda, Tiago lhe disse: "Você vai, aí a tia vai embora e você fica sem". Tirei Rafael da janela. Tiago me ajudou, e retomei o que combinamos a respeito dos limites para brincar.

Henrique e Tiago continuaram a brincar com a bola. Depois, Tiago se agachou do meu lado e começou a guardar alguns bonecos dentro de um dos sacos de pano, que estava vazio. Retirou-os e resolveu colocá-los no saco onde Anita havia colocado os dela. Ajeitou-os em cima dos bonecos de Anita. Ela estava em outro canto da sala neste momento, um dos raros em que ela havia deixado o saco.

Ela percebeu e veio me chamar, para que eu intercedesse, mas eu estava ocupada com Henrique e Rafael. Tiago lhe explicou com voz carinhosa: "Anita, eu pus os meus, 'tá bom?" Ela não respondeu, chupava o dedo e observava. Percebendo como ela havia reagido, Tiago abaixou rapidamente e tirou os bonecos que havia colocado, fechou o saco e falou: "Anita, eu já tirei os meus". Virou-se, pôs-se de cócoras, e começou a guardá-los no outro saco que estava vazio.

Quando eu explicava a Rafael, que fazia-me a proposta de levar os gibis sem que a d. Guiomar visse, e lhe dizia que não podia correr dela, como ele sugeria, Tiago observou: "É, aí a tia Guiomar não deixa nunca mais você vir brincar aqui". Tiago levantou-se com o saco de bonecos e pendurou-o no apoio de uma das carteiras.

No momento em que Rafael falou que iria esconder os gibis, com voz séria Tiago falou-lhe: "Ninguém é ladrão aqui!", depois voltou-se para o irmão dizendo: "Não é, Henrique, que ninguém é ladrão aqui?", acariciando o cabelo dele. Henrique disse: "Só o caminhão é ladrão, né irmão?". Tiago completou: "Só os caras que aparecem à noite que é ladrão, o homem do saco, os esturpadores..." e ele chutou a bola para trás, indo mexer nos castelinhos.

Tiago observou atentamente o que Rafael havia construído e começou a montar algo ao lado. Neste momento, Anita gritou porque Henrique havia despejado os bonecos que ela havia arrumado. Tiago lhe disse: "Ô Anita, não é seu isso! Isso não é da Anita". Ela respondeu que era sim, e eles tiveram uma breve discussão. Tiago me perguntou: "Ô tia, não é que isso daí é de todo mundo?". Respondi que sim. Tiago perguntou-me em seguida: "Agora, depois de amanhã você vem?". Expliquei-lhe que voltaria na outra semana.

Henrique jogava um boneco para cima, mas ele caía no chão. Tiago foi ensiná-lo e, cada vez que demonstrava, perguntava para mim se era daquele jeito mesmo. Pegou o boneco e foi guardar naquele que era o "seu saco". Quando



Henrique lhe disse que sabia chutar e eu confirmei que realmente ele sabia, Tiago me disse: "Eu sei chutar melhor!". Henrique de novo: "Ó tia, o que eu sei fazer!" e chutou a bola. Tiago afirmou novamente que sabia chutar melhor do que ele, pendurou o seu saco na carteira e veio me contar como faria melhor.

Pedi que esperasse um pouco porque Anita me contava algo também. Ele esperou e contou o seguinte: "Quando um homem 'tá correndo atrás da gente e 'tá quase perto, a gente joga pra frente". Explicou-me novamente, porque eu não havia entendido bem, terminando por me dizer que cada homem vinha de um lado correndo e quando um chegava perto do outro, batia em cima da cabeça do outro (fazendo um gesto de bater com uma espada). Perguntei se ele tinha visto isto em algum lugar e ele respondeu: "Não, eu percebi" (não entendi o que ele me contava, talvez uma luta de espadas).

Tiago começou a construir algo com os tijolinhos. Indaguei-lhe o que era e ele me disse: "uma casinha". Ficou um bom tempo montando. Num dado momento, olhou para Rafael e disse-me: "Olha o Rafael escondendo gibi da d. Guiomar! (ficou olhando-o e completou) Ela não vê". Respondi: "Eu sei. Mas eu não posso deixar as coisas saírem daqui sem a ordem dela".

Tiago levantou-se e perguntou à Anita se ela tinha colocado um "hominho" dele no saco dela. Tiago colocou várias vezes o saco nas costas e andava um pouco com ele. Tinha também preparado a sua "mochila". Pendurou-a em uma outra carteira e voltou a montar o seu castelo.

Henrique voltou a falar com Tiago por que havia chorado, que queria ir para casa. Tiago não lhe deu atenção e mostrou-me o que havia construído. Elogiei a sua construção e ele me disse: "Faz de conta que eu fiz a casinha e pinteil". Tiago continuou montando a casinha. Me disse que tinha feito uma janela diferente da outra. Falou que era a sua casa. Perguntei com quem que ele morava na casa e ele respondeu: "Com a minha mãe, com meu pai e com meus irmãos". E completou: "Mas não com essa mãe. Com outra mãe. Porque essa daí me bate! Eu tenho duas mães". Perguntei quem era, ele me disse o nome. Perguntei se ela o visitava, ele me respondeu que ele é que ia na casa dela. Afirmei: "E sua mãe, então, você não quer mais". Ele fez que não com a cabeça e contou-me: "Ela pegou o fio do ventilador e bateu nas minhas costas".

Então Henrique começou a dizer: "A minha mãe bateu na minha costa e ficou vermelho (sem parar de desenhar com o giz no chão e sem levantar a cabeça). Eu venho aqui porque a minha mãe bateu na minha costa". Perguntei se a mãe havia batido nos três ao mesmo tempo. Tiago respondeu: "Não, primeiro ela bateu em mim, depois no Rodrigo e depois no Henrique" e completou afirmando que todos haviam se machucado: "Ficou vermelha as nossas costas! Ela é brava a minha mãe!".

Levantou-se e perguntou-me onde estava o seu saquinho que havia sumido do lugar onde ele o havia pendurado: "Onde 'tá aquele saco que guardei os meus par de namorado?". Ele o procurava. Na hora, eu não tinha visto que era aquele que Rafael havia pego. Tiago percebeu e tentou pegá-lo de Rafael, e este lhe pediu: "Ah, deixa eu ficar!". Tiago deixou.

Então, Henrique disse o nome de um outro pai de Tiago. Perguntei se havia dois pais também e eles me responderam que sim. Falaram que o pai verdadeiro era de todo mundo e que o outro também era pai deles. Tiago falou o nome de seu genitor. Assoei o nariz dos dois irmãos.

Henrique amarrou bem forte o laço no pescoço de um boneco e apertou-o com muita força. Tiago me disse: "Olha, o Henrique tá enforcando ele! Tá puxando assim!". E Henrique, de cócoras no chão, falou: "Eu tô enforcando o pescoço dele. É o papai". Rodou bastante o laço com o boneco preso, e disse: "O papai". Perguntei-lhe por que estava enforcando o papai, o que ele havia feito. Henrique respondeu: "Ele não tá obedecendo eu".

Disse-lhe que o pai não havia feito o que ele queria, e então ele o estava enforcando, de castigo, de raiva. Henrique apertou ainda mais o pescoço do boneco-pai, muito forte e falou: "Eu vou te sufocar, eu vou te sufocar!!! (com uma voz de muita raiva, gutural) Eu vou arrancar a tua cabeça!!". Tiago lhe disse, corrigindo-o: "É enforçar, não é sufocar!", repetindo isto muitas vezes. Henrique continuou: "Eu 'tô sufocando, eu 'tô enforcando ele. (...) Agora ele tá chorando. Eu vou enforçar ele, eu vou!", e apertava mais ainda o pescoço do boneco.

Tiago veio me perguntar: "Tia, não é enforçar? Não é sufocar que nem ele 'tá falando!". E ri do irmão. Tiago foi chutar bola e Henrique continuava enforcando o boneco. De repente, soltou o boneco e pegou o saco de tijolinhos. Tiago deu muitos socos no saco e depois tentou tirá-lo de Henrique, que lhe disse: "Eu vou te bater" e saiu rindo, correndo atrás de Tiago, tentando bater nele com o saco de pano cheio de tijolinhos.

Tiago fugia, tendo pego o boneco-pai com o laço no pescoço. Ficou rodando este boneco pelo laço durante algum tempo. Henrique lhe disse: "Agora eu te bato mais ainda". Tiago saiu correndo e foi chutar bola, com o boneco-pai pendurado pelo laço em uma das mãos.

Tiago provocou Henrique, batendo com o boneco-pai, ainda com o laço no pescoço, no saco de tijolinhos e Henrique partiu para cima dele, tentando pegá-lo com o saco, sempre rindo e gritando: "Pára de sufocar meu pai! Pára de sufocar meu pai!".

Tiago pegou o giz no chão e foi para a lousa desenhar (com a mão direita e segurando o boneco-pai e a bola debaixo do braço esquerdo). Disse que estava fazendo uma baleia. E depois de pintá-la e desenhá-la bem completa, mostrou-me: "Aqui minha baleia!". Saiu da lousa, jogou o giz nas prateleiras e disse: "Eu acho que o único que consegue desenhar uma baleia sou eu!".

Em seguida, continuou a chutar bola, com o boneco-pai debaixo do braço. Perguntou-me se podia levar um livrinho e eu respondi que da próxima vez que eu viesse iria perguntar se podíamos usar os livros. Tiago então desamarrou a fita do pescoço do boneco-pai e perguntou-me: "Nós não vamos subir pra ala?". Eu estava guardando os brinquedos com Henrique e Rafael, e disse que terminando iria acompanhá-los.

- GRUPO 2

### G2.1. DENISE

#### Sessão 1:

Sentada no chão, com as mãos para frente apoiando o corpo, Denise olhava fixamente a câmera com expressão neutra. Perguntei-lhe se ela sabia uma música (porque Aline tinha acabado de cantar uma comigo) e ela fez que não com a cabeça. Passou a olhar-me, enquanto eu falava sobre brincar.

Quando eu coloquei os tijolinhos no centro do espaço para brincar, Denise olhou-os sem falar nada. No entanto, quando despejei os bonecos, Denise pegou imediatamente o boneco-menino e aproximou-se do saco de pano, como os outros, para olhar se havia mais brinquedos.

Manipulou o boneco e olhou-o, colocando seus dedos dentro da blusa dele como se fosse um fantoche. Continuou olhando e passando o dedo no cabelo dele. Olhou por debaixo da blusa dele. Pegou o boneco-avô, manipulando-o e observando-o. Tentou tirar a calça dele, mas não conseguiu. Desamarrou o cachecol do boneco e depois colocou-o novamente nele sem amarrá-lo.

Começou a pegar alguns tijolinhos e a manipulá-los com uma mão, com uma expressão de desânimo, cabeça baixa. Pegou alguns quadrados pequenos e colocou-os um do lado do outro. Começou a procurar somente quadrados pequenos com desenhos amarelos. Juntou-os com as mãos e foi posicionando-os no chão bem juntos, formando algo retangular, cheio de tijolinhos. Continuou procurando mais e colocando-os cuidadosamente no que formava, verificando sempre se estavam bem juntos, apertando-os.

De repente desmanchou tudo, sentou-se em uma outra posição (com as pernas cruzadas), e recomeçou a montar a mesma coisa (todas as crianças estavam brincando fisicamente muito juntas e silenciosamente, só se ouviam alguns narizes fungando e algumas tosses).

Denise pegou o boneco-avô e manipulou-o. Perguntei-lhe quem era aquele com quem ela estava brincando. Ela me respondeu: "É a mamãe". Mas Nilo disse-lhe: "Não, é essa que é a mamãe!", mostrando-lhe a boneca que estava na mão dele, e que ele havia amarrado à outra. Denise pegou-a e passou os dedos nos cabelos compridos da boneca. Colocou-a junto da boneca-menina, fazendo tudo nas mãos de Nilo que as segurava, e disse: "Aqui é a filhinha e essa é a mamãe. Essa tem saia e essa também tem".

Aline disse que a boneca que Felipe havia pego dizendo que era a mamãe, era na verdade a vovó. Perguntei se era por que a vovó usava lenço na cabeça. Denise disse que a vovó não estava de lenço na cabeça e apontou a boneca-avô que estava sem lenço. Aline disse: "Minha mãe também usa".

Denise voltou a fazer a sua montagem com os tijolinhos amarelos, agora em forma de T, com um corpo grosso. Pegou o boneco-avô e fez com que ele andasse por cima do que ela havia construído, indo e voltando até desmanchar o que havia construído. Então disse: "Ele derrubou a árvore!". Começou a montar de novo, mas parou e ficou olhando dois dos tijolinhos, juntando-os na mão.

Comentei: "Então esse daí era forte, porque derrubou uma árvore, não é Denise?". Ela fez que sim com a cabeça. Perguntei: "É a mamãe ou é outro?".

Respondeu-me: "É outro". Falou depois: "Tem portinha aqui na árvore". Montou novamente e colocou um boneco-criança em cima, desmanchando-a e disse: "Agora, essa é a filhinha" e completou: "Derrubou a árvore de novo". E eu perguntei: "A filhinha derrubou a árvore?". Denise respondeu que sim com a cabeça, e eu completei: "Então a filhinha é forte também!".

Aline me disse que havia duas filhinhas e que eram amiguinhas. Denise completou: "É, amiguinha da outra" e colocou as duas juntas e completou: "E então ela foi na casa dela pra brincar com a amiguinha... Mas a amiguinha não tá aqui". Aline falou: "Só amanhã". Nilo perguntou: "E o papai?". Denise disse: "A amiguinha foi passear. Mas a amiguinha foi passear". Denise continuou juntando os quadradinhos amarelos.

Pegou um boneco-menino e fez com que ele desmanchasse o que havia montado e falou: "Ah, derrubou a árvore!". E repetiu: "Ela derrubou a árvore de novo!".

Denise passou a observar Nilo que estava falando que a boneca-mãe estava grávida e que tinha um nenê na barriga. Ele tirou o boneco-bebê de dentro da roupa da boneca-mãe. Denise disse: "Mas o nenen não nasceu ainda. Era só a cabeça dele". Depois, continuou a montar dizendo que ia fazer uma outra árvore. De cócoras, enfileirou os quadradinhos amarelos. Nilo deu-lhe mais quadradinhos e ela não quis, devolvendo-os. Ele tentou mais duas vezes e ela devolveu-os, explicando que os que ela estava utilizando tinham janela amarela e os que ele estava lhe dando não tinham.

Colocou os quadradinhos enfileirados dois a dois formando o que chamava de árvore. Depois, pegou os bonecos, juntando-os um sobre o outro e dizendo: "Agora todos vão ver, todo mundo é forte pra derrubar a árvore, ele aqui também vai derrubar a árvore". Então, com todos juntos, bateu na sua "árvore" com força, várias vezes, e ela desmanchou-se.

Falou: "De novo, eles derrubaram a árvore!", jogou-os de lado e completou: "Agora vocês vão tomar um banho". Pegou os quadradinhos amarelos e levou-os para o canto da sala, bem no ângulo, e se deitou de bruços para construir algo. Levantou-se com um tijolinho e esticou sua mão o máximo, tentando fixá-lo na parede (talvez querendo fazer um chuveiro), mas ele caiu.

Sentou-se e começou a arrumar os quadradinhos dizendo: "O sabonete tá aqui". Falou baixinho várias vezes: "O sabonete pra cá". Voltou-se para os bonecos e disse: "Agora eu vou pegar a vovó com isso aqui (o cachecol)". Amarrou o cachecol na cintura da boneca-avó, falando: "Pra blusa dela não cair fora...". Denise falava sozinha enquanto brincava, entretida, e isto chamou a atenção de Nilo e Aline que pararam para olhá-la.

Felipe foi mexer em seus "sabonetes" (os quadradinhos que ela havia colocado no canto) e ela foi recuperá-los. Discutiram baixinho, sem que fosse possível entender o que falavam. Felipe conseguiu tirar quase todos os quadradinhos dela, fazendo expressão de bravo, e ela só conseguiu recuperar alguns.

Denise foi então com estes quadradinhos até uma pequena lousa afixada na parede e tentou grudá-los nela. Depois, tentou colocá-los em cima da parte superior da lousinha, mas eles caíram. Felipe estava atrás dela, observando-a e passava um



quadrado na borda da lousa. Ela percebeu e saiu engatinhando, deitou de bruços e continuou mexendo nos seus quadradinhos.

Quando Felipe saiu da lousa, ela pegou duas bonecas (a avó e a mãe) e disse que ia levá-las no chuveiro. Foi até a lousa e voltou para o chão dizendo para as bonecas: "Eu vou tirar a roupa de vocês porque vocês estão sujas! Quero ver vocês tomar banho!", tirando as roupas das bonecas. Continuou, pegando o boneco-avô e falando: "Tirar a sua calça e a blusa eu vou tirar depois". Tentou tirar o vestido de uma boneca e não conseguiu, nem tampouco o lenço dela que estava colado. Largou-a, pegou o boneco-avô e disse: "O primeiro que vai tomar banho é este com blusa!".

Foi até a janela com o boneco-avô na mão e parou alguns minutos olhando para fora, balançando levemente o boneco na mão. Felipe foi aos seu lado e também ficou olhando para fora. Denise apontou algo do lado de fora (estávamos em um andar equivalente ao segundo) e disse qualquer coisa a Felipe impossível de entender. Ela falava muito baixo e mesmo com o maior volume de som, às vezes não era possível decifrar o que dizia.

Voltou para o chão e de novo para a janela, escolhendo um canto para si e dando banho no boneco-avô, como se o tivesse colocado em um chuveiro, fazendo barulhinho de água com a boca. Depois, deixou-o no chão e pegou a boneca-mulher, fazendo o mesmo, mas no outro canto da janela. Pegou a boneca-mãe, da qual já tinha tirado completamente a roupa, e também fez o mesmo com ela, só que no ângulo da sala, dizendo: "Pra você é com chuveirinho" e fazendo que a ensaboava. Denise era a única que falava sozinha. O restante não emitia um som sequer.

Denise continuou fazendo barulho de chuveiro com a boca, tendo pego então a boneca-avó para tomar banho no ângulo da sala. Pegou novamente o avô e deu-lhe mais um banho. Empurrou-o o máximo que podia para cima, dando impulso com os pés, e disse: "E ele vai subir em cima do telhado" e olhou para mim rapidamente. Olhou-me de novo sorrindo e esticando o avô, dizendo-me: "Ele alcança em cima do telhado!". Perguntei: "Alcança?". Confirmou-me, empurrando-o mais para cima e ele caiu. Sorriu, dizendo que ele havia caído.

Perguntei: "Ele quem?". Denise veio para o centro da sala engatinhando, deitou de bruços, sorriu-me e disse: "O vovô". Continuou, pegando uma calça e dizendo: "Essa é a calça dele e eu vou dar pra outra criança", pegando a avó, levantando o vestido dela. Foi colocando a calça nela e falando-lhe: "Você vai passear com essa calça aqui". Não conseguiu colocá-la, jogou-a de lado e falou: "E essa sala aqui... Tô escolhendo a roupa pra você". Aline a olhava muito neste momento. Os dois meninos também olhavam muito Denise e, às vezes, boquiabertos. Denise parecia ser alvo de inveja por parte das crianças porque naquele momento era a única que descrevia um brincar dinâmico, interessante, com uma estorinha. As três outras crianças se interessaram muito pela história que ela criava, sem entretanto tentarem brincar junto; observavam-na passivamente e parecia que "com água na boca".

Denise continuou vestindo a calça na boneca-avó (com a qual representava um homem) e dizendo-lhe: "Você tem que andar porque... você sabe andar". Colocou-lhe a calça e com as mãos nas pernas da boneca, fez com que ela andasse. Falou, fazendo uma voz grave: "Eu vou caçar mulher! Pegar na casa... essa mulher! Ficar em cima dela" e abriu as pernas do boneco colocando-o em

cima da região genital da boneca-mãe. Aline percebeu a cena e fez uma expressão de um misto de estranheza com malícia, olhando para mim. Denise pegou as duas bonecas e continuando com a voz grossa falou: "E eu vou levar ela pra outra casa".

Depois, Denise voltou, colocou a calça no boneco e falou: "Ih, o vovô, daí ele subiu em cima do telhado". Acabou de vestir a calça nele e falou: "Depois que nós tomar banho, eu vou dormir com você". E continuava a falar com o boneco e arrumá-lo: "Eu vou colocar tua calça, viu?". Dobrou o vestido da boneca, que tinha transformado em homem colocando a calça, fazendo-o virar uma blusa e disse: "Nós usa uma roupa grandona...". Amarrou o cachecol na cintura do boneco e conversou com ele tão baixinho que foi impossível entender.

Depois anunciou, com tom de voz normal: "E essa saia aqui eu vou dar pra outra". Pegou um boneco-homem, tirou a calça dele, falando: "Você vai tirar essa calça e colocar a saia". Mas colocou a saia na boneca-mãe.

Como Aline já estava praticamente paralisada olhando Denise brincar, escapou-me dizer: "Quem quiser pode brincar junto, viu Aline". No entanto, ela me respondeu: "Não, eu quero brincar sozinha" e voltou a fazer seu castelinho, mas a cada movimento que fazia, olhava novamente Denise.

Denise levantou-se e foi falar algo para Nilo, que brincava de costas para ela, algo que também não foi possível entender por ter sido quase um sussurro. Voltou e continuou a colocar a calça em um boneco, falando-lhe: "Vamos logo que agora 'tá na hora de almoçar..." (ela tinha aquela vozinha, aquele tom e ritmo da típica brincadeira de faz de conta). Falava com os bonecos: "Não, não, essa saia não, vou colocar essa calça, mas essa calça é bem apertada pr'ocê". Ficou algum tempo colocando a calça que era realmente apertada e olhou-me rapidamente quando eu falava com Aline.

Depois, falou com o boneco: "Agora você vai tirar essa blusa". Tentou tirá-la mas não conseguiu, deixando o boneco de lado. Tirou a saia da boneca e pôs em cima do boneco que havia acabado de colocar de lado, experimentando para ver como ficava. Então pegou o boneco pela cabeça e bateu várias vezes com ele em sua pema, com bastante força, arrancando-lhe a calça. Colocou-lhe a saia e falou-me: "Ó tia, eu acho que tem um lugar mais legal". Perguntei-lhe: "Que lugar?". Respondeu-me: "Aquele lá!" e apontou. Perguntei novamente: "Qual? Lá embaixo, onde a gente foi jogar?". Disse não com a cabeça. Perguntei novamente: "Qual então?". Respondeu: "Neste daqui!" e apontou o local ao lado da sala, onde havia um banheiro. Perguntei-lhe: "No banheiro?". Respondeu: "Não". Indaguei: "Tem outra sala aqui?". Fez que sim com a cabeça. Disse-lhe: "Então, depois você me mostra, eu não conheço. Por quê? Lá tem brinquedo, essas coisas?". Fez novamente sim com a cabeça (acabando de colocar a saia na boneca). Expliquei: "Então, mas hoje é pra brincar com esses brinquedos. Por isso que eu quis uma sala mais tranqüila, mais vazia, pra gente brincar com esses".

Ela prestou atenção no que eu falei e disse para a boneca, na qual terminara de colocar a saia: "Pronto, agora você 'tá bem bonita!". Deixou-a de lado e pegou outro boneco falando: "Então, vai tirar essa calça aqui". Olhou-me e completou: "Todo mundo vai mudar de calça!". Tirou a calça do boneco e ficou me olhando enquanto eu falava com Felipe a respeito do que ele tinha construído.

Olhou-me novamente, deu uma esticada na calça do boneco, bateu nela algumas vezes, como se tirasse pó, e afirmou: "Essa calça aqui, ô, eu vou guardar!". Juntou uma calça em cima da outra, deixou de lado. Pegou um boneco

sem roupa, bateu-o duas vezes em sua perna e arrancou a saia da boneca. Todos os movimentos eram feitos enquanto conversava com os bonecos tão baixinho que não era possível entender. Juntou as calças com a saia. Falava para cada um dos bonecos: "Você muda de roupa, você muda de roupa", e tirava as roupas deles.

Levantou-se e foi até uma barra de ferro (de fechar a janela), agachou-se, olhou para cima e pendurou uma boneca lá. Estava com a tira vermelha na mão. Tirou a boneca de lá, deu uma volta na sala arrastando os pés, sorrindo, com a tira em uma mão e na outra as roupinhas dos bonecos. Deu um salto, engatinhou no chão empurrando as mãos. Parou no ângulo da sala, "lavou" as roupinhas e as deixou lá. Esticou várias vezes a tira, olhou-me e amarrou-a na barra de ferro da janela. Deu dois nós e largou a tira lá. Puxou a barra de ferro fazendo barulho.

Denise foi até a janela e ficou olhando para fora. Felipe foi até a barra de ferro e arrancou a tira de lá. Denise voltou, abaixou-se, percebeu que a tira não estava mais lá e saiu engatinhando pelo lado, sem falar nada. Mas foi em direção a Felipe, bem devagar, dando um sorriso maroto, e ele jogou a tira longe. Ela pegou-a e levantou-se.

Foi até a lousinha que estava na parede (tinha a sua altura) e tentou prender cada ponta da tira no prego que sustentava a lousa. Falou para si: "Vamos colocar o varal". Teve certa dificuldade para prender as duas pontas. Levantou um pouco a lousa para tentar prender a tira. Aline a olhava encantada e me disse: "Ela pôs a fitinha".

Denise conseguiu finalmente prender a tira. Deixou-a por um momento e foi buscar as roupinhas lavadas que estavam no ângulo da sala. Pendurou as roupinhas uma a uma, com muita paciência e cuidado, formando um perfeito "varal". Depois, correu para o ângulo da sala, deu um salto e um sorriso.

Foi pegando os bonecos um a um e deitando-os no canto da sala. Achou o bebê e colocou-o no braço de Nilo, que movimentou-o para que ele caísse, não o querendo. Bateu de leve no peito dos bonecos dizendo: "Vai dormir, vai dormir".

Deixou os bonecos "dormindo". Pegou um tijolinho, depois outro, deixou-os e levantou-se. Foi até o varal, colocou a mão nas roupas experimentando-as para ver se estavam secas e um dos lados da tirinha caiu. Todas as roupinhas caíram no chão e ela recomeçou a montar o varal.

Estava difícil. Então, pegou as roupinhas, colocou-as no ângulo da sala junto com os bonecos e ficou com a tira na mão. Nilo ficou observando Denise. Ela tentava colocar de novo o varal, com dificuldade, e falava sozinha algumas sílabas. Quando prendia um lado, o outro desprendia. Ela mesma achou graça e virou-se para mim dando uma risadinha marota. Aline deu uma risadinha também. Distraiu-se um momento e ficou passando o dedo indicador em cima dos números que estavam pintados na lousa (de 0 a 9).

Depois, ficou no canto da sala, de pé, esticando-se junto à parede. Felipe e Aline tinham ido à janela e Denise também foi para ver. Voltou para seus bonecos e ficou ajeitando-os. Deitou-se no chão e esticou as pernas para cima, apoiando-se na parede e olhando os outros de cabeça para baixo, chupando um tijolinho.

Mudou de posição, ficando de "quatro", levantou uma perna e apoiou o pé na parede, chupando o quadradinho. Foi mais para o centro da sala olhando-me. Ficou ajoelhada e segurava o quadradinho chupando-o como se fosse uma bala.



Anunciei o fim da sessão e propus que cantássemos uma música para terminar. Denise riu da música, continuou chupando o tijolinho e se levantou. Foi até a lousa onde estava Nilo e ajudou a levantá-la. Largou-a. Voltou e, com a lousa levantada, ficou olhando de um lado, pelo vão que fazia com a parede, enquanto Nilo olhava do outro. Davam risadinhas e, atrás da lousa, juntaram os rostos de frente (como num beijo) e voltaram as cabeças, olhando-nos para verificar se alguém os tinha visto. Denise continuou chupando o tijolinho.

Eu estava de pernas cruzadas conversando com Nilo, que estava deitado do meu lado, e Denise veio sentar-se no meu colo, abraçando-me. Abraçava meu pescoço com uma mão e com a outra empurrava o tijolinho na boca. Aline me dizia que não gostava da Xuxa e sim da Angélica. Denise falou que gostava da Xuxa, da Barbie e da Angélica, e chupava muito o tijolinho. Aline completou dizendo que na verdade amava a Xuxa. Denise continuou sentada no meu colo.

### Sessão 2:

Denise entrou na sala com uma atitude completamente diferente da sessão anterior. Estava com uma expressão deprimida, fechada. Colou as costas numa parede e ficou olhando-nos com uma expressão gelada. Tinha um saco plástico transparente em uma mão e uma argola na outra.

Depois de um tempinho, foi até a janela e ficou olhando para fora. Eu tinha acabado de colocar os brinquedos para o grupo e ela não olhava para nós, mantinha-se de costas mexendo em seu saco plástico. Quando falei com Aline, Denise passou a olhar-nos da janela com um olhar triste e parado.

Encheu o saco com a boca, ficou segurando-o com a mão esquerda e voltou a olhar para fora, através da janela. Depois de uns três minutos na mesma posição, agachou-se, ainda de costas, e ficou de joelhos mexendo na barra de ferro da janela.

Virou-se para nós, depois de mais uns minutos. Ficou olhando-nos. Seu olhar era parado e atravessava-nos. Com a mão esquerda segurava a argola e o saco e, na esquerda, apoiava-se na barra de ferro. Balançou-a. Parou em uma posição durante outros minutos, de joelhos, segurando as mesmas coisas e ficou olhando-nos.

Disse-lhe que ela estava olhando o caminhão do Felipe. Ela não falou nada. Aline observou: "Ela nem quer brincar!". Denise virou-se para a parede e enfiou a barra no saquinho.

Perguntei: "O que aconteceu com a Denise hoje que ela não quer brincar?". Ninguém respondeu. Todos continuaram nas suas atividades. Denise permaneceu de costas, com a mão na barra. Enfiou a argola na barra e a levantou. De costas ainda, tentava acoplar a argola no saco de modo que se tornasse uma boca e, então, encaixava essa boca na barra de ferro repetidamente. Aline, sem olhá-la, afirmou novamente: "Ela não quer brincar".

Denise, ainda de costas para nós, enfiou a mão dentro do saco e a observou. Passou a raspar a argola na ponta da barra de ferro. O saco de pano, para guardar os brinquedos, tinha um canguru desenhado e Felipe me perguntou que animal era aquele. Expliquei-lhe: "É um canguru, um bicho que pula e que tem um filhinho na barriga". Escutando isso, Denise virou-se para trás para olhar rapidamente, sem largar a mão da barra de ferro e do saco plástico.



Eu disse: "Eu acho que a Denise gostou de ver o canguru!". Denise, que continuava ajoelhada de costas, mexendo habilmente na boca do saco, parou o movimento das mãos para ouvir o que eu falei. Ela saiu do lugar, de joelhos, e foi para o ângulo da sala mais próximo dela. Pegou a argola (que talvez tivesse caído lá sem que eu visse), enfiou-a dentro do saco e voltou para a mesma posição de frente para a barra.

Tirou a argola e ficou passando-a rente à barra. Dobrava e desdobrava a boca do saco repetidamente. Seus movimentos eram lentos. Apoiou-se na barra para levantar-se. Ficou olhando através da janela com o saco plástico na mão esquerda e a argola na outra. Passou a bater de leve a argola no vidro, sem fazer barulho.

A janela tinha uma tela e entre a tela e o parapeito havia um vão de aproximadamente 5 cm. Denise olhava por este vão e, tendo passado a mão por ele, balançava a argola para fora. Depois, trouxe para dentro seu braço e começou a bater novamente a argola no vidro, de leve. Nilo se levantou e foi olhar pela janela do lado dela. Denise virou mais o corpo de modo que desse mais as costas para ele.

Denise passou o braço esquerdo pelo vão da janela e começou a balançar o saco plástico para fora. Depois, puxou o braço esquerdo e levou o direito, fazendo o mesmo movimento para fora com a argola. Deu uma rápida olhada de "rabo de olho" para nós e voltou-se para a janela. Apertou o saco de modo que ele ficasse cheio e passava os lábios na borda de madeira da janela. Então, ficou passando a argola no vão da janela. Bateu-a de novo no vidro muitas vezes, sempre de leve.

Agachou-se e de joelhos, começou a balançar a barra de ferro com a mão esquerda e permanecia com o saco na outra mão. Enfiou a argola pela barra até em cima, levantando-se para alcançar o ponto mais alto. A argola caiu no chão e ela deitou-se para pegá-la, tendo dado um rápido olhar para a câmera. Permaneceu deitada de bruços, raspando a argola na parede e segurando o saco com a outra mão.

Olhou para nós num breve momento. Colocou a argola dentro do saco. Como Felipe e Aline estavam com os saquinhos de pano na mão, disse: "A Denise também tem um saquinho". Mas ela nem me olhou. Enfiou sua mão dentro do saco e ficou manipulando-o por dentro, depois balançou-o de modo que se enchesse de ar. Olhou de "rabo de olho" para os meninos que começavam a jogar os castelinhos para cima.

Quando Aline perguntou: "Cadê a mamãe?" e eu respondi: "A mamãe, tem que procurar agora nessa bagunça toda", Denise nos observou mais longamente e colocou o saco na boca, encostado nos lábios.

Deitou-se de costas, pôs a argola e o saco próximos da boca e ficou nesta posição. Rodava muito lentamente no chão, de costas, tendo pego um tijolinho e mantido em sua mão. Os meninos jogavam tijolinhos um para o outro e alguns se aproximavam de Denise. Ela então ia pegando alguns e guardando dentro do saco.

Os outros três estavam brincando fora do tapete. Então Denise foi rolando pelo tapete, bem devagarinho, se aproximando do centro do espaço para brincar. Neste percurso, ia pegando alguns tijolinhos. Movimentava-se com se estivesse em câmera lenta, ia e voltava rolando lentamente. Eu disse: "Até parece que a Denise

é o gol", porque os tijolinhos que os meninos jogavam iam na direção dela e ela os pegava. Denise me olhou sem dizer nada.

Deitou-se de lado, virada para a parede, e continuou guardando alguns tijolinhos em seu saco plástico. Ficou numa posição muito estranha, parecendo contorcer-se deitada meio de costas, meio de lado, com a cabeça totalmente para trás, nos olhando de cabeça para baixo. Virou-se de costas, depois de alguns minutos. Balançava seu saco e chupava a argola.

Os meninos jogavam os tijolinhos na direção de Denise. Voltei a dizer que eles a estavam fazendo de gol. Ela então virou-se de lado, voltada para nós. Ficou observando seu saco com tijolinhos. Alguns tijolinhos que eles jogavam chegavam a tocá-la, sem machucar, e ela não se alterava.

Quando Aline sentou-se em meu colo, Denise levantou-se de um pulo e veio andando de joelhos em minha direção, com seu saco nas costas. Deitou-se de bruços mais próxima. Depois andou de joelhos para o centro do tapete, deitou-se de novo e foi se enrolando. Ficou naquela posição estranha e chupou a argola, olhando-me de cabeça para baixo. Um tijolinho pegou de leve na cabeça de Denise e eu disse para os meninos pararem de jogar da forma como jogavam. Mas Denise não se mexeu. Sugerí que os meninos mudassem de posição porque poderiam atingir Denise, que agora estava no centro do "combate de tijolinhos".

Como eles não queriam mudar de posição, sugeri então que Denise mudasse, mas ela não se mexeu. Perguntei-lhe: "Você quer ficar no meio, Denise, e levar tijolinho na cabeça?". Ela respondeu que sim com a cabeça, continuando a chupar a argola. Continuei: "Quer? E se te machucar?". Ela não deu resposta e olhou para Nilo que ameaçava jogar-lhe um tijolinho. Pela primeira vez na sessão ela sorriu e fez que não com a cabeça para ele.

Depois, voltou a ficar com a cara triste e a chupar argola. Ficou deitada com metade das costas na parede, com a mesma atividade, mas pegou um cachorrinho de pano e ficou manipulando-o. Deitou-se de bruços afastando-se mais do centro da brincadeira dos meninos.

Denise recomeçou a se aproximar de nós, olhando sempre para Aline que se mantinha sentada no meu colo. Depois de alguns minutos, Denise se levantou e engatinhou pela sala, indo até o lado oposto catar tijolinhos.

Aline levantou-se para ajudar Felipe a pegar dois telhadinhos que tinham caído próximo ao equipamento. Ele estava com medo de pegá-los e levar um choque. Denise percebeu quando Aline se levantou, pondo-se de pé também. Com um tijolinho na boca veio se aproximando, mas como Aline sentou-se novamente no meu colo, ela passou reto. Percebi e chamei-a, perguntando o que ela havia "catado". Então ela se aproximou realmente e a toquei, dizendo que gostava dela também. Ela foi se deixando escorregar, até sentar na pontinha de meu colo. Aline continuava ocupando a maior parte.

Então, comecei a conversar com ela perguntando o que lhe havia acontecido, se ela estava triste ou se tinha se machucado. Ela respondeu que não tinha se machucado. Denise saiu um pouco para pegar mais um tijolinho. Voltou com metade do tijolinho na boca. Indaguei-lhe sobre isso e ela disse que estava comendo. Os meninos perguntavam de quem era uma calça e eu lhes disse que Denise é quem sabia, mas ela não respondeu.

Ela pegou o boneco-avô e mostrou-o para Nilo, tudo isso sem tirar o tijolinho da boca e o saco da mão. Levantou-se, deu uma volta na sala. Felipe os chamou para ver alguém da janela. Todos foram olhar. Denise, que também tinha ido ver, rapidamente se deu conta da distração de Aline e correu para o meu colo, se esticando nele como se estivesse num sofá, chupando tijolinho.

Aline percebeu, voltou ao colo, sentou-se e deu algumas empurradas em Denise. Esta não se intimidou e continuou a ocupar o maior espaço. Disse às duas que o meu colo tinha que ser grande para caberem todos. Falei-lhes que, juntas, estavam pesadas e Denise fez que não com a cabeça.

Num dado momento, Aline anunciou que ia brincar e que eu podia pôr Denise no lugar dela. Observei que Denise estava muito mole, sem tônus. Perguntei-lhe se estava cansada. Ela respondeu-me que não. Em silêncio, ficou me mostrando o seu saco com tijolinhos. Falou-me algo com a argola na boca e eu lhe disse para tirá-la porque daquela forma eu não compreenderia. Tirou-a da boca e me disse então que queria ir ao banheiro.

Como já estava no momento de finalizar, disse para os três irem guardando os brinquedos enquanto eu levava Denise ao banheiro. Ela despejou os tijolinhos de seu saquinho plástico onde estava Aline e foi ao banheiro sozinha. Voltou mais animada e ajudou a guardar os brinquedos.

Depois da sessão, distribuí um presentinho e um chocolate para cada um: as meninas ganharam pequenos bichinhos de pelúcia e os meninos um carrinho cada. Relato este momento porque Denise apresentou uma atitude que poderá ser significativa na análise. Ela foi a última a abrir seu presente, tendo ficado todo o tempo grudada em mim e chupando a argola. Foi também a última a sair da sala, depois de mim inclusive (a cinegrafista continuava filmando). Ela saiu chupando a argola e com seu presente na outra mão. Voltou para a sala olhando por tudo com uma expressão de estar com a sensação de que esquecia algo. Então, olhou para seu urso de pelúcia, tirou a argola da boca e jogou-a longe na sala, saindo e fechando a porta atrás de si.

## G2.2. ALINE

### Sessão 1:

Antes de começarmos propriamente a sessão, eu estava sentada no chão com Aline e Felipe conversando, enquanto esperávamos Denise e Nilo chegarem. Quando eles chegaram, depois de um "bate-papo" rápido, propus que alguém cantasse uma música e Aline cantou "Atirei o pau no gato". Acompanhei-a, mas nenhuma criança cantou conosco. Perguntei quem mais sabia música e ninguém me respondeu. Aline falou que sabia outra música e cantou: "Motorista".

Disse que ia apresentar-lhes os brinquedos e que eles podiam brincar como quisessem, delimitando o espaço de brincar. Perguntei-lhes do que brincavam normalmente e Aline respondeu: "De casinha". Felipe falou: "De boneca". Aline disse que eles montavam a casinha.

Coloquei primeiramente os tijolinhos no centro do tapete. Aline olhou-os, depois olhou para mim e perguntou: "Como é que faz?" Respondi que elas podiam brincar como quisessem. Seu tom de voz era muito delicadinho e algumas vezes um pouco de bebê. Coloquei também os bonecos. Aline ajudou-me a sacudir o

saco de pano e perguntou: "Tem mais?". Respondi-lhe que havia acabado. Ela quis olhar dentro do saco para conferir e foi acompanhada pelas outras.

Começou mexendo nos tijolinhos e disse: "Vou montar uma coisa". Enfileirava os telhadinhos vermelhos. Depois, falou-me com uma voz de bebê chorão: "A tia não trouxe nada" (devia estar esperando balas ou algum presente). Disse-lhe que havia trazido os brinquedos para brincarmos.

Continuou montando a fileira de telhadinhos. Esticou-se para pegar mais tijolinhos. Quando ouviu-me falar com Denise a respeito dos bonecos, Aline parou para olhá-la, deu-lhe mais uma boneca e falou: "Ela 'tá brincando de boneca". E depois completou: "Eu quero brincar só com isso" e continuou juntando os tijolinhos. Procurou mais telhadinhos e seguiu sua montagem.

Depois, pegou alguns telhadinhos que estavam do lado de Felipe, dizendo-lhe: "Já tem muito" (ele tinha muito menos que ela, talvez uns 3, e ela já estava com mais de 10). Enfileirava cuidadosamente os telhadinhos. Quando perguntei o que Felipe estava fazendo, ela parou para olhá-lo e disse no lugar dele: "Tá fazendo uma casa". Perguntei o que ela estava fazendo e Aline respondeu: "Uma mesinha". Atrás dos telhadinhos enfileirados, colocou mais tijolinhos também em forma de fila.

Aline parava sempre para olhar o que Felipe estava fazendo, de seu lado direito, e para a brincadeira de Denise, do seu lado esquerdo. Depois, continuou aumentando a sua fileira de tijolinhos durante alguns minutos.

Perguntei à Denise quem era o boneco com o qual ela estava brincando e ela respondeu que era a mamãe. Aline pegou um outro e falou-me: "E esse é o papai". Depois continuou a sua fileira de tijolinhos.

Felipe pegou uma boneca com lenço e falou que era a mamãe, mas Aline disse que era a vovó. Perguntei se era por que a vovó usava lenço na cabeça. Denise disse que a vovó não estava de lenço na cabeça e apontou a boneca-avó que estava sem lenço. Aline disse: "Minha mãe também usa".

A fileira que Aline fazia não tinha, aparentemente, um critério específico com relação à montagem. Ela colocava um tijolinho atrás do outro de maneira aleatória, uns virados para baixo, outros para cima, de cores diversas, pontes, telhados etc.

Ela sempre prestava atenção ao brincar de Denise e observando-o me disse: "Tem duas filhinhas, né tia?". Confirmei-lhe e Nilo disse: "É amiguinha" e Aline repetiu "É amiguinha". E Denise continuou sua estória dizendo que era a amiguinha da outra que foi na casa dela para brincar com a amiguinha, mas que esta não estava em casa. Aline disse: "Só amanhã". Denise completou falando que a amiguinha tinha ido passear. Aline pegou o boneco com o qual Denise tinha derrubado sua "árvore" e perguntou quem era, sem receber resposta. Jogou então o boneco.

Nilo estava dizendo que a mãe estava grávida e Aline pediu-lhe: "Deixa eu ver". Olhou e voltou para sua fileira. Felipe foi até ela e tentou pegar alguns tijolinhos. Aline reclamou, chamando-me: "Ó tia!". Depois Nilo começou a colocar um boneco na outra ponta da fileira dela e Aline disse-lhe: "Páral", pegando o boneco dele e jogando-o de lado.

Depois, pegou a boneca-mãe, abaixou a saia dela e mostrou-me a bamba dela dizendo: "Não tem nada". Perguntei: "Já nasceu?" (era a boneca que Nilo tinha dito que estava grávida). Ela respondeu-me que não. Felipe pegou a boneca



dela e ela tomou-a novamente para si, puxando-a das mãos dele. Então jogou a boneca para o monte que estava em frente à Denise.

Amontou os tijolinhos, separando-os para si e estabelecendo um território. Voltou a completar sua fileira. Nilo tentou pegar alguns tijolinhos de Aline, que tinha pego todos para si, mas ela não o deixou, tirando-lhe a mão. Ele conseguiu pegar rapidamente um, depois outro e Felipe também pegou um. Ela tentou recuperá-los, gritando: "Não! Isso é meu!". Felipe tentou negociar, mas ela se irritou empurrando um para ele. Sua fileira já tinha aproximadamente um metro.

Aline observou o que Nilo estava construindo. Voltou a sua fileira. Felipe ainda tentava pegar tijolinhos dela. Aline parou mais uma vez para observar o jogo de Denise. Voltou a compor a sua fileira. Nilo pegou um tijolinho dela e Aline me disse com uma vozinha de bebê: "Tia, ele tá pegando o meu. Ele tá pegando um monte". Disse-lhe que era importante que ela dividisse com ele também. Ele pegou mais um dela e ela fez que não se importava.

A fileira de Aline já estava com mais de metro e meio e então ela passou a fazer, em um dos lados, um segundo andar. Mas não se concentrava muito pois estava a todo momento acompanhando o brincar de Denise como se fosse mais interessante que o dela.

Depois, começou a reclamar baixinho com Nilo porque ele pegava seus tijolinhos. Não foi possível entender o que conversaram. Voltou a montar sua fileira de forma mais entretida. Nilo mudou-se de lugar, para mais longe dela, e a observou. Enquanto Denise foi até a janela, Aline pegou os tijolinhos dela (aqueles com os quais ela havia construído a árvore). Denise não se manifestou ao ver que eles não estavam mais lá.

Aline voltou e pegou o restante de Denise. Quando Denise disse que o boneco alcançava subir em cima do telhado e o empurrou até o máximo que pôde, Aline foi olhar o que ela estava fazendo. Quando o boneco caiu, Aline disse: "Ele caiu" e voltou a sua montagem. Aline parou mais uma vez para ver o brincar de Denise, com uma expressão de "água na boca". Quando Denise fez a cena do boneco caçando a boneca e sentando em cima dela, Aline deu uma risadinha marota ao mesmo tempo em que a cena pareceu causar-lhe estranheza.

Aline voltou para sua fileira e desmanchou a parte dos telhadinhos. Passou a olhar Denise com muita vontade e até uma expressão de inveja. Os meninos também. Eu disse: "Quem quiser pode brincar junto também". E disse para Aline: "Se você quiser pode brincar com a Denise". Aline, que já tinha desmanchado todo o restante de sua fileira, respondeu-me: "Eu quero brincar sozinha" e recomeçou a montagem em outro local do tapete, desta vez juntando os tijolinhos na horizontal.

Então perguntou-me com um tijolinho na mão: "Essa daqui é a porta do Castelo Rá-tim-bum?" (com uma vozinha de bebê). Respondi que podia ser. Ela tentou abrir a portinha, mas não conseguindo, observou: "Não dá pra abrir porque é desenho". Voltou a colocá-la na fileira.

Quando perguntei o que os meninos estavam fazendo, dizendo que eu não podia ver porque eles estavam de costas, Aline também parou para ver e falou: "É, a gente não enxerga". E continuou a fazer a sua construção que agora não tinha mais os telhadinhos. Parou e observou mais uma vez Denise.

Depois, disse-me: "Ô tia, eu tô brincando sozinha", com voz meio melosa. Perguntei-lhe: "E você queria brincar com alguém? Ou você está contente de

brincar sozinha?". Afirmou-me enfaticamente: "De brincar sozinha!" e continuou a montar a sua fileira. Houve um período de silêncio das três crianças e somente Denise fazia consigo mesma.

Aline desmanchou toda a fileira, juntou os tijolinhos e, entre as pernas, passou a fazer uma outra construção, agora no sentido vertical. Quando colocou mais uma peça, uma parte desmoronou e então ela fez um ruído com a boca e sorriu para mim. Recomeçou uma torre. Dobrei-lhe as mangas da blusa que de tão longas a atrapalhavam na construção. Ficou bastante entretida. A torre desmoronou novamente e ela disse: "Caiu" e sorriu-me. Recomeçou a construí-la. Ela desmoronou mais uma vez. Desmanchou tudo e começou outra vez.

Olhou para Denise quando esta levantou a pequena lousa da parede para prender a fitinha e me disse: "Ó, ela 'tá tirando!". Respondi-lhe que ela só estava prendendo a fitinha. Voltou ao que estava fazendo e disse para si, com voz de bebê: "Ela 'tá prendendo a fitinha". Falou-me: "Olha o que eu 'tô fazendo!" e eu olhei. Montava uma grande torre.

Depois, passou a equilibrar os tijolinhos em sua mão. Quando eles caíam, ela me olhava e sorria. Ela estava posicionada exatamente na minha frente. Repetia o mesmo jogo. Em seguida, passou a montar uma torre com os quadradinhos menores, até eles caírem e então me olhava e ria.

Felipe estava na janela falando-me que tinha uma "tia lá embaixo". Aline levantou-se falando "Deixa eu ver" e foi olhar na janela. Então me chamou: "Vem cá ver!" (com uma voz mais adequada a sua idade). Fui ver e eles me disseram que era a tia da escola e eu completei dizendo para eles ficarem sossegados que ainda não era hora de ir para a escola.

Aline voltou e me disse: "Ninguém 'tá vendo a nossa tia! Só 'tá nós aqui.". Voltou para montar sua torre. Eu estava conversando com Felipe a respeito de não fechar a janela porque precisávamos da luz. Aline levantou e foi apagar a luz. Disse-lhe que não podia apagar. Perguntou-me por quê e eu lhe respondi a mesma coisa, que precisávamos da luz. Felipe, que a acompanhara, mexeu na mala da câmara que estava próxima do interruptor. Disse-lhe que não podia mexer na mala. Aline dirigiu-se para lá e mexeu nela, querendo abri-la. Expliquei o que era e pedi que a deixassem no lugar. Ela me atendeu, mas logo tentou abri-la de novo. Deixei que tentassem abrir se fosse com cuidado. Ela experimentou sem êxito e voltou ao centro da sala.

Propus então que cantássemos uma música para terminar a sessão. Aline me disse: "Eu abri a máquina" e depois começou a cantar "Ciranda Cirandinha". Felipe a acompanhou e eu também. Denise riu e foi até a lousa onde Nilo estava.

Quando eu conversava com Nilo sobre a Xuxa, Aline disse-me: "Eu não gosto da Xuxa. Eu gosto da Angélica!". Depois completou: "Eu amo a Xuxa". E disse de novo: "Eu gosto da Angélica também".

### Sessão 2:

Aline já entrou na sala e foi lavar a mão com Felipe. Disse-lhe que era melhor não lavar porque não havia toalha para enxugar. Mas ela já havia molhado a mão e tive que buscar papel no banheiro.

Apresentei os brinquedos e Aline pegou novamente os tijolinhos e uma caneta (creio que esta tinha sido guardada junto, na sessão anterior, sem que eu

tivesse percebido). Aline passou então a pegar os tijolinhos e a pintá-los com a caneta. Nilo a olhou. Ela ria do que pintava.

Disse-lhe que algo estava diferente da outra vez e que era a caneta. Ela concordou com a cabeça, disse que ela estava no saco e continuou a desenhar no tijolinho. Felipe disse que a caneta era do setor e ela respondeu que não era. Disse para si, pintando: "Agora tá bonito!".

Largou a caneta e pegou mais tijolinhos. Fez ruídos com a boca e riu para mim. Pegou um tijolinho de Felipe e disse que era dela. Agarrou tudo que cabia em sua mão e fez um montinho. Alguns ela dispensava dizendo que não queria e jogava para Felipe. Disse-lhe que aqueles eram dele e que ela estava pegando os seus.

Começou a montar uma torre com os quadradinhos menores. Olhou quando eu perguntava para Felipe o que ele tinha feito, dizendo que ele tinha construído um caminhão. E completou: "Ele tá fazendo um monte de caminhão". Depois quando me dirigi à Denise, Aline afirmou: "Ela nem quer brincar!", repetindo a frase e dando uma risadinha.

Aline continuou procurando os tijolinhos menores. Pegou a saia e perguntou se era de uma boneca que estava sem. Disse que aquela era a mamãe. Respondei que podia ser. Vestiu a saia na boneca-mãe. Enquanto vestia, disse-me: "Ô tia, o Nilo tá guardando, só pra ninguém poder brincar". Então eu disse que o Nilo estava guardando os tijolinhos no saco e que a Denise estava de costas. Aline repetiu que Denise não queria brincar.

Felipe começou também a guardar outros castelinhos no saco de pano e Aline afirmou: "Eu não quero guardar!". Mas jogou-lhe uns telhadinhos dizendo: "Pode guardar esses!". Começou a desenhar novamente em um tijolinho. Ficou alguns bons minutos entretida nesta atividade.

Quando falei a Felipe que o desenho no saco era de um canguru, ela parou, esticou o pescoço e disse: "Deixa eu ver!". E se aproximou para ver, perguntando se ele mordia. Nilo disse que não e ela falou que mordia. Voltou a desenhar no tijolinho. Ficou mais um tempo entretida.

Até que Felipe foi pegar a boneca-mãe que estava do lado dela e ela tentou pegá-la da mão dele, falando: "Ô, tia!". Conseguiu e ficou olhando a boneca-mãe. Felipe pegou uma boneca e perguntou-me se era o nenê. Aline lhe disse: "Não, é a filhinha!". Então, ela achou o nenê e disse: "É essa! Viu como é que é essa?", dirigindo-se a Felipe.

Largou o boneco-bebê e voltou a desenhar em um tijolinho. Parou para olhar quando Felipe me perguntou onde estava o braço do bebê e eu lhe dizia que devia estar dentro da colchinha que o enrolava. Voltou a se entreter com o desenho no tijolinho. Quando acabava um pegava outro para pintar.

Felipe pegou a boneca-mãe, perguntando: "Essa é que é a mamãe?" e Aline respondeu que era. Depois olhou para janela onde estavam Nilo e Denise. Continuou depois concentrada um bom tempo na pintura dos castelinhos com a caneta.

No momento em que Felipe nomeava os bonecos, Aline apontou a que seria a filhinha. Ficou observando minha conversa com Felipe, aproximou-se mais e ficou encostando as costas da caneta (a tampa) nos bonecos, como se os nomeasse também em sua mente.

Nilo aproximou-se dos tijolinhos dela, mexendo neles e ela reclamou: "Você tá pegando o meu!" e ficou lhe explicando quais eram os seus. Riu quando Felipe colocou uns bonecos namorando perto da minha perna, dizendo: "Eles tão namorando na perna da tia!".

Felipe jogou um boneco para Aline e ela devolveu-o para mim. Jogou mais um e ela fez o mesmo, rindo. Ele continuou o jogo e ela jogava os bonecos para mim, rindo. Começou a pegar os bonecos e a jogá-los dentro do espaço das minhas pernas, que estavam cruzadas.

Virou-se para Nilo que brincava de jogar uns tijolinhos e disse: "Eu ouvi você pegando o meu!". E perguntou-lhe: "Você pegou o meu?". Ele respondeu que não. E ela disse: "Ó aqui" e pegou um dele. Tiveram uma breve disputa. Então ela levantou e foi pegar alguns tijolinhos que ele havia jogado mais longe. Olhou para Felipe que brincava com o saco comigo e pegou o saco de pano que estava com Nilo, sem que este percebesse.

Sentou-se e passou a guardar os seus tijolinhos no saco. Depois, quando Felipe se afastou de mim para jogar com Nilo, ela começou a pegar os bonecos e a jogá-los no espaço de minhas pernas, la jogando todos os bonecos e os nomeando de papai, avô etc. Parou e perguntou-me: "Ó tia, cadê a mamãe?". Disse-lhe que a mamãe tinha que ser procurada na bagunça que estava meu colo. Ela disse: "A mamãe foi embora!". Perguntei quem ia achar a mamãe e Felipe veio correndo, encontrando-a. Aline deu um riso de contentamento quando viu. Afirmei: "Então a mamãe não tinha ido embora". Aline pegou-a e falou: "De novo!" e jogou-a bem longe para trás de sua cabeça. Foi buscá-la e falou: "Aqui ela, ó pega" e jogou-a para mim. Continuou o jogo de lançar a mamãe, procurar e achá-la, expressando grande prazer no mesmo.

Depois, foi com o seu saco na mão para o outro lado da sala e pisou de leve em alguns tijolinhos que os meninos tinham espalhado. Começou a catá-los para si e a colocá-los em seu saco de pano. Sentou-se num canto da sala e continuou a guardá-los. Estava também com a caneta na mão e fazia sinais nos tijolinhos como se estivesse marcando aqueles que eram seus.

Voltou para o centro da sala, pegou a boneca-mãe e perguntou o que tinha na barriga dela. Eu lhe respondi que não sabia e perguntei o que ela achava que havia na barriga dela. Então, Aline pegou o boneco-bebê, virou-se de costas para mim e enfiou-o dentro da saia da boneca-mãe. Virou-se e lentamente foi me mostrando como o nenê saía e me disse: "Nasceu!". Depois colocou o bebê nos braços da mãe e falou: "Agora ela vai passear com ele". Disse-lhe: "É mesmo".

Largou a boneca de lado e começou a guardar rapidamente seus tijolinhos no saco, porque Nilo havia se aproximado, olhando-o de "rabo de olho" e expressão desconfiada. Depois de guardar tudo que tinha, levantou-se rapidamente e foi correndo para o outro canto da sala, recomeçando a coleta de tijolinhos que os meninos espalhavam com a brincadeira deles. Assim, ia sobrando pouco para eles.

Com o saco cheio de tijolinhos, fechou-o e veio sentar no meu colo. Eu estava de pernas cruzadas. Ela ficou observando os meninos jogarem, fazendo breves comentários. Depois, em silêncio, passou a desenhar no saco de pano, e depois na sua calça (neste momento, eu falava com os meninos que estavam jogando tijolinhos).



Aline levantou-se para pegar a grande mochila de guardar os brinquedos e sentou-se no meu colo novamente, observando os meninos jogarem. Colocou o seu saco de tijolinhos dentro da mochila e pediu que eu a fechasse. Pedi para os meninos jogarem com menos força porque não queria que eles se machucassem e nem que nos machucassem. Aline disse que não queria ficar machucada e que por isso não ia jogar.

Aline passou um bom tempo sentada no meu colo. Mostrou-me um broche que tinha colocado para vir à sessão. Denise, que já estava nos observando, levantou-se do chão depois de passar muito tempo deitada. Aline mexia no saco de tijolinhos, mostrando-me alguns.

Em um dado momento, Felipe deixou cair alguns tijolinhos perto da tomada de extensão da câmera e ficou com medo de pegá-los e levar um choque. Aline levantou-se falando com tom de voz amadurecido: "Peraí, deixa eu pegar!" e foi pegar os tijolinhos para ele. Exclamou: "Viu como eu pego!". Falou-me que conseguiu tirá-los "direitinho".

Denise se aproximou, mas Aline não lhe deixava espaço no colo. Aline falou que queria brincar mas que não ia porque estava guardando seus castelinhos. Aline esticou-se em meu colo, colocou a cabeça para baixo e ficou cantando. Falou: "Ó a mamãe, ó a mamãe, eu 'tô brincando". Felipe falou que estava vendo, pela janela, alguém que eles conheciam e Aline levantou-se para ver. Neste momento, Denise aproveitou e veio sentar no meu colo.

Ainda na janela, Aline falou para Felipe: "Você falou que era a Maria e não é mentiroso!". Voltou, viu que Denise tinha pego o seu lugar no colo, mas mesmo assim sentou-se e foi empurrando-a devagarinho, dizendo-lhe: "Você sentou no meu lugar, Denise". Virou-se para mim e disse que eu estava com batom, tocando meus lábios. Ficou assobiando para mim e mostrando sua boca. Disse-lhe que as duas juntas estavam pesadas em meu colo e ela continuou assobiando; depois, afirmou que não era pesada e que Denise era. Virou-se de tal forma que começou a esmagar Denise, que não reclamava. Sinalizei isto para Aline.

Passou a comentar sobre o que os meninos estavam fazendo na janela. Disse que se um machucasse o outro, nenhum dos dois ia poder brincar depois. Falou para Felipe: "Se você bater a cabeça você vai desmaiar!". Felipe riu para ela e continuou brincando. Perguntei-lhe qual era o mais terrível dos dois e ela me disse que era Nilo. Depois me disse que a janela podia cair na cabeça deles. Quando propus que os meninos fechassem a janela e descansassem um pouco, Aline saiu do meu colo dizendo que ia brincar. Completou ao sair: "Pode pôr a Denise no meu lugar".

Sentou-se, abriu seu saco de tijolinhos, olhou-me e disse: "Eu vou brincar sozinha". Afastou-se e foi sentar do outro lado da sala, encostada na parede. Começou a tirar os tijolinhos do saco e a enfileirá-los no chão.

Eu perguntava a Nilo o que iria acontecer se a barra de ferro que ele levantava caísse na sua cabeça. Aline completou: "Ai, ele vai machucar", afastando-se um pouco e ameaçando: "Se cair na minha cabeça isso... eu vou sair até de perto!". E foi para um outro lado da sala. Disse: "Pelo menos agora isso não cai na minha cabeça".

Anunciei o fim da sessão e que guardaríamos os brinquedos enquanto Denise ia ao banheiro. Denise despejou todo o seu saco plástico com os tijolinhos entre as pernas de Aline e saiu. Esta guardou os tijolinhos de Denise para si.

### G2.3. NILO

#### Sessão 1:

Nilo entrou na sala sorridente. Quando Aline cantou, ele a observou sorrindo. Depois, ficou olhando fixamente para a câmera. Perguntei se alguém mais sabia uma música, dirigindo-me a Denise, Felipe e Nilo, mas este não se manifestou. Estava numa posição bastante à vontade, com o braços para trás, o corpo apoiado nos braços.

No momento em que apresentei os tijolinhos para eles, Nilo ficou olhando-os. Mostrou-se mais motivado com os bonecos, tendo pego imediatamente uma boneca. Depois, pegou a boneca-mãe, olhou-a e juntou as duas de frente. Mexeu no avental de uma das bonecas e depois levantou a saia da outra, olhando por baixo.

Deixou a boneca de avental de lado e pegou a boneca-menina. Em seguida, pegou a boneca-mãe e colocou uma do lado da outra, olhando-as. Deitou-as no chão e pegou a boneca-avó, olhando-a e a deitando no chão. Depois, pegou o boneco-bebê, manipulou-o, observou-o e tentou tirar a colchinha que o envolvia. Deitou-o também ao lado da boneca-avó. Depois pegou o cachorrinho e fez o mesmo; e com o gatinho também.

Passou a segurar a menina pelos cabelos e a rodá-la com sua mão direita e na outra segurava o bebê. Tentou amarrar o cabelo da menina (que estava arrumado no estilo Maria Chiquinha). Largou o bebê e pegou a fita vermelha (que originalmente era o cachecol do avô), tentando amarrá-la na cabeça da menina. Fazia tudo com muito cuidado, abrindo e alisando a fita de modo que ela segurasse melhor na cabeça da bonequinha. Deu uma rápida olhada para mim e para a câmera, e continuou. Não estava fácil amarrar a fita como ele queria.

Sentado de pernas cruzadas, ficou entretido tentando amarrar a fita, conseguindo finalmente. Olhou então para mim com um sorriso (como se dissesse: consegui!) e, segurando pela fita, rodou a boneca várias vezes no ar. Começou a tentar amarrar a outra ponta da fita na cabeça da boneca-mãe. Nessa tentativa, a outra ponta desamarrou da cabeça da menina, e ele a amarrou novamente, com certo esforço também.

Conseguiu e com muito cuidado, abrindo a fita na largura, passou-a na cabeça da mãe e foi tentando amarrá-la. Estava bastante difícil porque a cabeça da mãe era maior e a boneca-filha fazia peso do outro lado da fita. Ele passou então a tentar amarrar a fita nas pernas da mãe, conseguindo. Olhou-as amarradas, com satisfação, segurando-as pela mãe.

Depois, pegou a boneca-filha, desamarrou a fita da cabeça dela e também amarrou-a nas pernas dela. Nesse momento, eu falava com Denise que me dizia que a boneca com a qual ela estava brincando era a mamãe. Nilo parou imediatamente o que estava fazendo, pegou a boneca que estava com ele, amarrada na outra menor, e disse: "Não, é essa a mamãe!", mostrando-a.

Denise pegou a boneca-mãe, sem tirá-la dele, olhou-a, passou a mão no cabelo dela, pegou a bonequinha e mostrou para Nilo que uma era a mamãe e a outra a filhinha, que ambas tinham cabelo igual e usavam vestido. Largou-as e Nilo continuou a amarrar a fita nas pernas da boneca-menina, com certa dificuldade (sua língua estava dobrada para fora).

Neste momento, eu conversava com Felipe sobre o gatinho e Nilo levantou com a mão o cachorrinho, mostrando-o e sorindo, sem falar nada. Depois eu falei sobre o bebê (ainda na conversa com Felipe) e Nilo procurou debaixo da sua perna dobrada e mostrou-me o bebê. Voltou a amarrar a perna da boneca com a fita. Conseguiu amarrar e uma ficou presa à outra.

Segurou, então, a mãe (a filha ficou pendurada) com uma mão e com a outra pegou o bebê e colocou-o junto ao peito dela. Parou para olhar a "árvore" que Denise tinha acabado de derrubar. Depois, pegou o boneco-vovô em uma das mãos. Soltoou a filhinha da mãe.

Pegou o boneco (homem) e colocou-o de frente com a mãe, fazendo com que eles se abraçassem e se beijassem, apertando-os bastante um contra o outro. Depois, colocou a mãe deitada e o boneco bem em cima e apertou-o bastante e várias vezes contra ela. Em seguida, colocou o boneco deitado do lado dela, como se os dois tivessem dormindo.

Um minutinho depois, pegou a boneca-mãe, levantou a saia dela e enfiou o bebê. Então, olhou-me sorrindo, com a boneca na mão, segurando a parte da saia para o bebê não cair e disse: "Tia, ela 'tá grávida!", completando: "Ela é a mamãe, ela é a mamãe". Perguntei o que tinha dentro da barriga dela (não me lembrava, na hora, de tê-lo visto colocando o bebê) e ele respondeu: "Tem nenem". Sorrindo, deitou-a e tirou o bebê de dentro da saia dela, mostrando-o para mim. As crianças ficaram muito curiosas com a cena; todas pararam para olhar e se aproximaram dele.

Denise lhe disse que o bebê não havia nascido ainda, Felipe enfiou o dedo várias vezes no bebê. Nilo pegou o bebê e tentava prendê-lo na barriga da mãe, por dentro do elástico da saia. Tentou um pouco, não conseguiu (o elástico não esticava o suficiente), então deitou a mãe e colocou o bebê por cima da barriga dela, dormindo. Pegou a menina e colocou-a dormindo do lado do mãe, e do outro lado da mãe, estavam a boneca-avó, o avô e o pai, e ao lado deste ele colocou o menino e o cachorrinho. Todos dormiam.

Depois, levantou a mãe e a fez andar por um pedaço da sala. Largou-a e pegou o pai, fazendo-o andar por cima da fileira que Aline construía. Esta lhe disse: "Pára", com voz chorosa, tirou o boneco da mão dele e jogou-o de lado. Então, ele pegou a mãe e por um minuto descansou-a no chão, quando Aline a pegou para olhar dentro da saia dela, tendo dito que não havia nada na barriga.

Então Nilo, deitado de lado, interessou-se por um bocadinho de tijolinhos, puxando-o para si. Denise pegou um tijolinho dele, que lhe disse: "Pára, Denise!". E começou a montar algo. Parou e deu um tijolinho pequeno para Denise, que devolveu-lhe. Ele disse: "Esse pequeno é pra você" e lhe deu novamente. Ela devolveu-o. E ele insistiu: "Não! Esses eu 'tô dando pra você fazer!" e deu-lhe os tijolinhos de novo. Ela devolveu. Ele deu de novo: "Esse é pra você, eles são pequenos!", dando-lhes mais uma vez. Então, ela resolveu explicar-lhe que os que ele estava dando para ela não tinham a janela amarela. Ela só estava usando

tijolinhos quadrados pequenos com desenho amarelo. Nilo entendeu, sossegou e ficou montando algo.

Quando Denise agrupou os bonecos e disse que todos iam derrubar a árvore, Nilo apressou-se para pegar a boneca-mãe para si. Logo em seguida, distraiu-se tentando pegar uns tijolinhos de Aline, que defendia o seu "patrimônio". Ele conseguiu tirar-lhe um (ele era o único que estava sem reserva de tijolinhos).

Ele pegava tijolinhos retangulares e colocava-os um em cima do outro na posição horizontal. Pegou novamente um tijolinho de Aline e ela gritou "Não!" para ele e para Felipe, que pegava dela também pelo outro lado. Sem que Aline percebesse, Nilo foi pegando alguns tijolinhos de uma das pontas da fileira dela.

Ele terminou sua construção, colocando um telhadinho vermelho em cima dos tijolinhos, e a levantou, o que fez com que parte dela desmoronasse. Então, recomeçou a montagem. Fez novamente uma torre no mesmo estilo. Aproveitou-se da distração de Aline e pegou mais tijolinhos do "território" dela. Ela reclamou comigo e eu incentivei-a a dividir os tijolinhos com ele. Nilo pegou mais um tijolinho de Aline, que não reclamou desta vez.

Nilo continuou sua montagem e foi possível perceber que comparava os desenhos dos tijolinhos e os arranjava segundo algum critério, mas pela distância não pude ver qual era. Aline reclamou que ele havia desmanchado a ponta de sua fileira. Nilo argumentou algo com ela que não foi possível entender. Ele estava meio de costas para a câmera.

Nilo montou uma torre alta com habilidade, sem deixá-la tombar. Depois desmanchou-a, pegou todos os seus castelinhos e foi sentar-se de pernas abertas um pouco mais distante de Aline. Entre as pernas, começou a construir uma nova torre. Ficava atento à movimentação de Aline. Depois, olhou Denise dando banho nos bonecos e voltou a fazer sua construção.

Sua torre desmoronou. Ficou prestando atenção em Denise que dizia que o boneco ia subir no telhado. Continuou montando sua torre, mas sempre atento ao movimento dos outros. Felipe mostrou-me o que havia construído e Nilo esticou o pescoço para ver. Negociou com Felipe alguns tijolinhos e continuou a montar uma torre.

Depois, eu comentei que ele e Felipe estavam de costas e que eu não conseguia ver o que estavam montando. Nilo fazia novamente a torre e de vez em quando pegava um tijolinho de Felipe. Então, Felipe foi reclamar com ele um tijolinho e Nilo respondeu: "Esse não é seu não!". Felipe se afastou e mostrou que só estava com dois. Felipe foi pedir mais um a Nilo e este não o atendeu. Nilo se colocou no ângulo da sala, com as pernas abertas, brincando entre elas, de modo a proteger seus tijolinhos. Vez ou outra olhava rapidamente para trás para verificar o que os outros estavam fazendo e se não havia ameaça contra seus tijolinhos.

Ficou um bom tempo entretido na sua montagem, de costas para todos. Pela sua movimentação de costas, foi possível perceber que construía a torre até uma certa altura, a desmanchava e recomeçava a construção. Virou-se um pouco de lado e olhou-me. Então, virou-se totalmente de lado e empurrou seus tijolinhos consigo.

Recomeçou a montar sua torre, escolhendo cada tijolinho que ia colocar. Depois, desmanchou-a e começou a colocar um tijolinho depois do outro, em fileira, na forma de um C. Virou-se totalmente de frente, brincando ainda entre as pernas.



umentando sua fileira. Desmanchou-a e começou a montar outra coisa. Desta vez, era uma fileira dupla. Para colocar em cima do que havia construído, passou a pegar os telhadinhos de Felipe. Este jogou o laço em cima de Nilo, que não se intimidou e continuou a pegar os telhados vermelhos. Felipe então puxou um telhadinho da mão de Nilo.

Nilo desmanchou o que estava construindo e começou outra coisa, na verdade novamente uma torre com os tijolinhos na horizontal. Do lado desta, construiu outra com os quadradinhos menores. Era sempre muito habilidoso na construção, pegando as pecinhas com firmeza e tendo, ao mesmo tempo, delicadeza e precisão para colocá-las. Desmanchou-as e fez uma torre só, bem mais alta. Perguntei-lhe o que ele havia feito. Nilo não respondeu e Felipe disse no lugar dele: "Uma casinha".

Denise pôs o bebê no braço de Nilo e este mexeu o braço de modo que o bebê caísse. Estava construindo sua torre um pouco na diagonal e equilibrava bem os tijolinhos. Uma hora ela tombou e ele recomeçou do mesmo jeito. Puxou mais tijolinhos para si.

Denise passou por ele e esbarrou sem querer no seu chinelo. Ele o recolocou em seu pé e fez cara de bravo. Depois, ficou olhando-a tentar colocar novamente o varal na lousa. Voltou a montar a sua torre.

Quando todos foram olhar na janela a "tia da escola", Nilo foi se levantando devagar e tentando carregar todos os tijolinhos consigo, mas estes caíram. Então, ele jogou-os para cima, sorrindo. Começou a atacar tijolinhos nos bonecos que Denise havia arrumado deitados no ângulo da sala. Depois, passou a catar tijolinhos com uma mão, colocando-os na outra.

Anunciei que iríamos terminar a sessão e sugeri uma música para terminarmos. Nilo me disse: "Eu quero brincar com os carrinhos". Disse-lhe que não havia carrinho, mas que ele podia inventar um com os tijolinhos. Claro que ele não se contentou e me disse que queria um carrinho de verdade. E ficou repetindo: "Eu quero carrinho! Eu quero carrinho!". Como ele estava bem ao meu lado, acariciei-lhe o cabelo explicando-lhe que não adiantava pedir porque ali na sala não havia um carrinho. Ele levantou e foi mexer na lousa.

Denise foi juntar-se a ele na lousa. Nilo a levantava e a olhava por baixo. Denise olhou do outro lado, deram risadinhas e foram juntando os rostos de frente, atrás da lousa. Depois, ele sorriu e saiu por baixo. Engatinhou, deitou do meu lado rindo e se encostando em mim como se fosse um gatinho pedindo carinho. Passei-lhe a mão delicadamente nas costas e ele conversava comigo a respeito de uma música da Xuxa. Neste momento, Denise sentou-se em meu colo.

Depois, quando falei que viria brincar num outro dia mais uma vez, pediu-me novamente: "Mas eu quero brincar de carrinho!". Ele estava deitado do meu lado, com a cabeça encostada na minha perna. Tomei a explicar-lhe que não teríamos carrinho para brincar e ele aos poucos foi se distraindo com a minha caneta e deixando o assunto de lado.

### Sessão 2:

Nilo entrou na sala, observou Aline e Felipe na pia e sentou-se. Achou no chão o cachecol do boneco-avô que tinha ficado na sala depois da primeira sessão.

Quando apresentei-lhe os brinquedos, Nilo, de joelhos, começou a pegar os bonecos um a um e a colocá-los de lado. Estava resfriado e fungava muito. Começou a pegar tijolinhos e a construir uma torre colocando-os na horizontal. Olhou para Aline que escrevia em um tijolinho. Continuou sua construção. Olhou para Denise que estava parada na janela.

Sua torre estava bem alta. Parou para pegar mais tijolinhos. Ao colocar mais um, ela desmoronou e Nilo riu sem fazer ruído. Recomeçou a construção. Parou e começou a guardar todos os seus tijolinhos no saco de pano. Olhou para a construção de Felipe. Nilo foi pegando mais tijolinhos do monte "geral" e Aline foi afastando-os dele, percebendo que ele os guardava.

Quando Aline e Felipe conversavam comigo a respeito dos bonecos, Nilo pegou a boneca-menina para si. Olhou-me com atenção quando eu colocava a calça em um boneco a pedido de Felipe. Perguntei a Nilo se ele sabia colocar a calça no boneco. Ele não me respondeu e esticou o braço para pegar mais um tijolinho.

Aline reclamou que Nilo estava guardando os tijolinhos "só pra ninguém não brincar". Nilo abriu sua sacola e olhou os tijolinhos, batendo com o seu saco cheio no chão, fazendo barulho e uma expressão facial que parecia dizer à Aline: "Olha como eu tenho um monte e você não tem". Eu disse que Nilo estava guardando os tijolinhos para si, dentro do saco, e que a Denise estava de costas para nós. Nilo continuou a esticar a mão para pegar mais tijolinhos. Aline tinha em sua expressão um bico, mas não fazia nada porque estava com as mãos ocupadas vestindo uma boneca e Felipe já tinha achado um saco para si e também começava a guardar tijolinhos.

Então, Aline parou o que estava fazendo, disse que não queria guardá-los e passou a pegá-los também. Mas havia sobrado pouco e ela jogou esse pouco para Felipe. Nilo fechou o seu saco, pleno de tijolinhos, e bateu várias vezes em cima dele com as mãos, fazendo barulho.

Felipe colocou o seu saco na frente de Nilo e este pegou-o. Felipe puxou o saco de pano com força para si e recuperou-o. Mostrei a Felipe que tinha terminado de vestir a calça no boneco-avô, como ele havia pedido. Nilo pegou o boneco de minha mão, levantou a blusa dele e olhou por baixo, tentando tirá-la. Assoei-lhe o nariz que estava escorrendo muito.

Felipe perguntou-me o que estava desenhado em seu saco e eu respondi-lhe que era um canguru. Nilo parou para ver. Pediu para ver de perto e pegou o saco em seu colo. Discretamente, foi virando o corpo e ficou com os dois sacos para si, enquanto Felipe estava distraído conversando comigo. Felipe já estava com a mochila maior na mão.

Nilo tirou os tijolinhos do saco de pano que estava com Felipe e passou-os todos para o seu saco. Fazia isso olhando de "rabo de olho" para mim, talvez esperando uma reação minha, e olhando para os lados para observar a movimentação de Felipe. Verificou com as mãos que o saco de Felipe tinha ficado totalmente vazio. Então, rodou-o e jogou-o de lado. Fechou o seu saco que continha praticamente todos os tijolinhos existentes, salvo uns três ou quatro talvez que haviam ficado com Aline e nos quais ela estava escrevendo.

Ainda sentado, de pernas abertas, pendurou o saco nas costas, como se fosse uma mochila. Olhava para mim e para a cinegrafista com uma expressão que

era um misto de um certo apavoramento e de malícia, como se pensasse: "Não acredito que elas não estejam falando nada. Deixa eu dar o fora rápido antes que elas percebam, mas eu tenho que disfarçar!".

Então, com a mochila nas costas, continuou sentado, pegou o outro saco vazio e ficou manipulando o fiozinho dele, sem atenção, como se fizesse hora, e olhando para mim e para a câmera, talvez esperando o melhor momento para fazer algo ou esperando a sessão acabar.

Levantou-se com a mochila nas costas e foi para a janela. Lá ficou algum tempo olhando para fora, ao lado de Denise, que virava-lhe mais as costas. Nilo olhou uma vez para trás, e voltou a olhar através da janela, lá permanecendo alguns minutos. Num dado momento, começou a empurrar a tela da janela para verificar se ela se abria. Não conseguindo, tentou levantá-la pelo vão, sem êxito também. Abriu a outra folha da janela e posicionou-se na ponta desta, continuando a olhar para fora.

Depois, abriu totalmente a folha da janela e foi tirando a mochila das costas, devagar, olhando para a cinegrafista e para mim parecendo à espreita de uma reação. Mais sossegado, sentou-se de costas para a cinegrafista e colocou a mochila no chão. Aline virou-se para ele e falou: "Você pegou o meu!" e ele agarrou seu saco fazendo um grande bico com a boca. Ela continuou dizendo-lhe o mesmo e ele segurava o saco, vigiando-a.

Nilo deitou-se para o outro lado, empurrando o saco longe de Aline. Virou-se de frente para a cinegrafista, despejou todos os tijolinhos no chão, jogou o saco de lado e começou a esfregar a mão nos tijolinhos como se as lavasse. Fazia isso olhando-me com cara de maroto. Começou a jogar os tijolinhos para cima e a sorrir olhando-me. Jogava-os com mais força e tentava pegá-los no ar.

Depois, começou a jogá-los e a bater nelas como se estivesse dando um saque, fazendo-os parar na parede. Aline foi até ele dizendo que ele havia pego os tijolinhos e tentando agarrar alguns. Ele lhe disse: "Não, esse é o meu!", com voz chorosa. Continuou a atacá-los para cima, fazendo um "Ahhh!" com a boca e expressão de satisfação. Aline já tinha saído de perto dele.

Empurrou alguns tijolinhos para fora do tapete. Jogou outros para cima. Felipe foi sentar-se na frente dele e passou a imitá-lo. Nilo gostou e começou a jogar os tijolinhos para ele. Um jogava para o outro e ambos riam. Depois Felipe se aproximou de mim quando perguntei quem ia achar a mamãe e Nilo passou a atacar os tijolinhos na parede e a gritar: "Gol!". Felipe foi se posicionar no espaço que seria o gol e Nilo continuava a atacar os tijolinhos para lá e a gritar "gol". O jogo começou a ficar violento. Um jogava no corpo do outro, gritava gol e os dois riam. Disse-lhes que não podiam jogar forte, para tomarem cuidado pois podiam se machucar. Um tijolinho atingiu o pé de Nilo, que o esfregou, olhou-me, apontou Felipe dizendo: "Ó ele, tia!".

Pedi que eles voltassem para o tapete porque estavam rolando no chão frio (estava bastante frio e Nilo estava resfriado). Nilo reclamou: "Ah, não! Eu quero brincar!". Disse que podia brincar em cima do tapete. Aline havia se levantado e catava os tijolinhos que chegavam à zona do gol. Nilo continuou no chão frio jogando os tijolinhos para o gol. Sentou-se no gol e passou a jogá-los para Felipe que os devolvia. Os dois se divertiam. Quando jogavam com mais violência, eu os alertava para diminuírem a força, dizendo-lhes também: "Sem machucar, tem que jogar fraquinho!".



Então, os dois se posicionaram do mesmo lado e passaram a jogar os tijolinhos na direção de Denise, gritando "gol" e rindo. Disse que parecia que Denise era o gol. Nilo veio sentar-se no tapete e passou a jogar os tijolinhos para o gol original. Na parede, ele e Felipe atacavam com bastante força e riam. Felipe havia começado a jogar mais alto e disse-lhe que não podia, pois corria o risco de cair na cabeça da cinegrafista. Ele e Nilo riram. Nilo me disse que não estava jogando na cinegrafista e sim no outro canto. Concordei e reforcei o combinado.

Nilo foi se sentar no gol e passou a jogar os tijolinhos para o tapete, gritando "gol". Reclamou com Aline, dizendo que ela estava pegando todos os tijolinhos. Disse novamente que Denise estava no gol deles e ela não se mexeu, nem tampouco Nilo parou de jogar. Ele exclamava com as manobras que fazia com os tijolinhos: "Viu, pulou, 'cê viu, pulou!". Felipe sentou-se em frente a Nilo e um passou a jogar os tijolinhos para o outro. Nilo começou a jogar com mais força e eu sinalizei-lhe novamente que poderia machucar, pedindo-lhe que diminuísse a força. Felipe começou a exagerar no ataque a Nilo e este se defendia. Falei o mesmo para Felipe.

Neste momento, Aline sentava no meu colo e Denise saía da área de jogo deles. Falava-lhes para jogarem devagar, e que o tijolinho machucava. Disse-lhes: "Já pensou vocês chegarem no setor machucados e a tia perguntar o que aconteceu, o que vocês vão explicar?". Nilo disse que diria: "A Denise machucou!" e continuou a atacar com força na direção dela. Falei mais firme com ele: "Nilo! Vai bater na cabeça da Denise! Vamos parar!" e sugeri que os dois mudassem para uma posição que não atingisse ninguém. Nilo disse que no lugar onde eu sugeri não dava para jogar. Expliquei mais uma vez como. Mas Nilo disse que não queria mudar. Perguntei à Denise se ela queria ficar no meio e levar tijolinho na cabeça. Ela olhou-me e fez que sim com a cabeça.

Nilo ficou ameaçando: "Agora eu jogo, agora eu jogo!" e Denise ficou olhando-o e chupando a argola. Mas ele não jogou mais em cima dela, apesar de continuar ameaçando. Ela lhe sorriu e fez não com a cabeça para ele. Nilo disse: "É, ela vai chegar no setor toda machucada na cabeça! Vai sair sangue! Ela não quer sair da frente... Eu jogo, tia! Ela não quer sair!".

Eles passaram a jogar mais de leve, na lateral de Denise, e usando os bichinhos. Um deles caiu em Denise e eu disse que ainda bem que tinha sido o cachorrinho que não machuca. Nilo respondeu: "O cachorro machuca!", virando-se de costas para Denise e passando a jogar os tijolinhos novamente para a parede, para não atingir ninguém. Depois virou e atacou o cachorrinho em Felipe, este revidou com força e eu sinalizei que tinha sido muito forte. Passaram a jogar com o cachorrinho e Denise saiu do centro do jogo e encostou-se deitada na parede lateral.

Nilo começou a provocar Felipe para jogar um tijolinho nele: "Joga, vai! Joga, joga!" e este acabou jogando com força. Nilo rodou em torno dele mesmo, dando risada e falando que Felipe não tinha acertado. Felipe levantou-se e começou a disputar um tijolinho com Nilo e este gritou: "Ó, tia!", bem alto. Felipe foi sentar-se do outro lado da sala e Nilo continuou provocando-o: "Vai! Joga, joga!" e Felipe apenas ameaçava jogar. Nilo jogou um que tocou em mim. Disse-lhe para parar porque eu não queria ficar machucada. Aline disse que também não queria.

Nilo falou então: "Eu vou lá machucar o Felipe!". Mas deitou-se, cruzando uma perna sobre a outra, e afirmou: "Eu não quero mais jogar não!". Ficou



descansando. Felipe o ameaçou de longe e ele gritou: "Ai, ô! Ô tia, o Felipe quer jogar! Eu parei de brincar disso!". Reforcei para Felipe que Nilo já havia parado.

Nilo sentou-se bem próximo à parede, com as pernas abertas, e começou a atacar de leve os tijolinhos na parede e a falar "gol" baixinho. Felipe foi mexer com Nilo chacoalhando nele a fitinha. Este gritou para que ele parasse. Nilo levantou-se dizendo para Felipe: "Eu não vou brincar mais de nada" e foi para o outro lado da sala. Posicionou-se de frente à lousinha e ficou lendo os números que estavam pintados nela. Depois, deitou-se do meu lado, com a cabeça encostada na minha perna. Aline ainda estava no meu colo.

Levantou-se e foi olhar pela janela. Começou a falar: "Olha lá a tia! Olha lá a tia!" e passou a gritar bem alto: "Tia! Tia!" e a acenar pela janela. Gritou muitas vezes e Felipe foi se juntar a ele e gritar. Nilo voltou-se para o centro da sala e disse: "É a tia que tava ali" (eu estava conversando com Denise que se aproximava pela primeira vez). Nilo voltou e começou a gritar de novo. Felipe passou a gritar: "Ô tio, ô tio" e Nilo lhe disse: "Não é tio, é tia!". Conversaram sobre a pessoa que estava lá embaixo. Nilo me chamou: "Ô tia, ele 'tá falando palavrão!" e apontou Felipe, rindo.

Nilo veio para o centro da sala, agachou-se e começou a jogar tijolinhos por cima de suas costas e a gritar "gol". Então pegou uma calça e perguntou: "Essa calça é de quem?". Respondi que não sabia e que Denise podia saber por que ela que a havia tirado. Nilo atacou um boneco em Felipe. Este lhe atacou de volta.

Nilo observou os bonecos que eu tirava do meu colo (onde eles haviam jogado). Pegou um boneco que estava sem calça, olhou a sua região genital que não tinha nada e me perguntou: "Ela é menina?" e riu tentando colocar-lhe uma saia. Felipe falou que estava vendo Maria pela janela e todos se levantaram para ver. Nilo falou: "Não é a Maria nada!", saiu da janela e ficou puxando a barra de ferro que estava ao lado, falando: "Fecha, fecha, fecha!". Fechava a janela e Felipe a abria. Nilo o mandava fechar e a empurrava. Os dois conversavam em tom de brincadeira, rindo, ficando nesse jogo.

Nilo me chamava e continuavam a brincar. Mas, apesar das risadas, o jogo foi se tornando mais violento. Nilo me chamava e falava para Felipe parar de abrir porque ele queria fechar. Felipe saiu da janela antes que eu falasse qualquer coisa. Nilo se levantou e fechou a janela. Felipe foi para um lado do tapete e tentou puxá-lo para Nilo cair, mas o tapete com todos em cima era muito pesado e ele mal conseguiu levantá-lo.

Felipe voltou para a janela e ele e Nilo recomeçaram o combate, um querendo mantê-la aberta, o outro, fechá-la. Quando começou a ficar mais violento, disse que estavam fazendo uma guerra de forças e pedi para tomarem cuidado, principalmente com a cabeça.

Aline lhes disse que se pegasse a cabeça, eles iriam desmaiar. Mas eles não pararam. Nilo fechava e ele abria. Depois, cada um empurrava de um lado. Nilo começou a chutar Felipe por baixo da janela e então eu disse para os dois pararem, e para Nilo não chutar. Continuaram só empurrando. Chamei os dois para sentarem e descansarem um pouco. Os dois pararam, mas não vieram sentar. Nilo bateu algumas vezes com a barra de ferro na parede, levemente. Levantou-a e eu lhe disse para parar porque ela podia cair na sua cabeça. Aline se afastou dele com medo que a barra caísse (mas ela estava presa na janela). Nilo pediu-me duas vezes para levantar a barra de ferro e eu lhe respondi que não.

Finalmente, cansado, sentou e deitou no chão. Já era o fim da sessão e disse que guardaríamos os brinquedos enquanto Denise ia ao banheiro. Nilo pegou o laço e ficou agitando-o pela sala. Depois, concordou em me ajudar a guardar os brinquedos, indo recolhê-los no canto da sala.

#### G2.4. FELIPE

##### Sessão 1:

No início da sessão, Felipe aguardava sentado, com Aline, a chegada de Denise e Nilo. Depois, quando perguntei se alguém, além de Aline, sabia cantar, Felipe respondeu que não sabia. E quando perguntei do que brincavam normalmente, Felipe me disse que brincavam de boneca.

Ao mostrar os brinquedos, Felipe pediu-me outros. Disse-lhe que tinha trazido aqueles tijolinhos e bonecos para que eles brincassem como quisessem.

Começou pegando alguns tijolinhos. Mostrou-me um deles e disse: "Aqui, tia, uma casinha!". Depois pegou mais dois quadradinhos e apenas mostrou-me sem dizer nada. Pegou mais um e me mostrou, nomeando: "a janela". Colocava cada tijolinho encontrado no chão sem formar nada com eles.

Pegou dois telhadinhos vermelhos e sentou-se de lado, com as pernas abertas, colocando-os entre elas. Aline aproveitou e pegou para si aqueles tijolinhos que ele havia escolhido. Felipe colocou um telhadinho do lado do outro e pegou mais um colocando-o à parte.

Foi até o monte de tijolinhos novamente e pegou mais três telhadinhos. Aline pegou alguns dos poucos que ele tinha e lhe disse: "Já tem muito!". Felipe ficou de costas para mim montando algo. Depois, virou-se de frente. Havia colocado os três telhadinhos em fileira e um quadradinho ao lado. Completou com mais três quadradinhos. Perguntei o que ele estava fazendo. Ele não respondeu. Aline olhou o que ele havia feito e afirmou: "Ele não 'tá fazendo nada".

Felipe continuou levantando para pegar tijolinhos, sempre de um em um, e completando sua fileira. Pegou uma pontezinha e falou-me: "Ó a mesinha, tia!". Deixou a fileira e começou a colocar uma pontezinha em cima da outra. Felipe havia se posicionado mais distante do grupo. As outras crianças brincavam sozinhas, mas muito próximas.

Depois, aproximou-se, ficando de costas para a câmera e de frente para o grupo. Pegou um tijolinho e colocou-o ao seu lado. Depois, o segundo, colocando-o em cima e ao colocar o terceiro, a torre que formava desmoronou. Deixou-a um pouco desmanchada e depois recomeçou a montá-la.

Quando eu conversava com Denise e ela me dizia que o boneco com o qual brincava era a mamãe, Felipe pegou o gatinho e me disse: "Nenê!". Nilo mostrou o boneco-bebê e eu confirmei que era ele. Felipe pegou-o e me perguntou: "Esse, tia?", tendo eu lhe confirmado. Felipe falava com uma voz muito infantil para sua idade e com dificuldade de dicção e de expressão de algumas sílabas, o que às vezes tomava difícil compreender o que falava.

Depois, ele pegou uma boneca com lenço na cabeça e me falou algo que não entendi. Pedi que repetisse e ele falou que ela era a mamãe. Disse-lhe que podia ser. Aline disse que era a vovó. Perguntei se era por que a vovó usava lenço na

cabeça. Denise disse que a vovó não estava de lenço na cabeça e apontou a boneca-avó que estava sem lenço. Aline disse: "Minha mãe também usa".

Felipe saiu do centro do tapete e foi para outro lado levando consigo um pouco de tijolinhos. Começou a montar algo, empilhando os tijolinhos com certa dificuldade motora para colocá-los. Os tijolinhos ficavam tortos. Depois, montou uma torrezinha com a mesma dificuldade, isto é, não posicionava bem os tijolinhos e já no terceiro, a torre caía. Ele tentava segurá-la.

Engatinhou até o centro do tapete e pegou os dois últimos tijolinhos. Depois, pegou mais um de Denise. Voltou engatinhando para seu lugar e desmanchou sua primeira montagem. Engatinhou por trás dos outros e pegou um tijolinho de Aline, sem que ela o visse, e jogou para o canto onde estava.

Aproximou-se de Nilo quando este mostrava que havia um nenê na barriga da mãe e ficou observando o que ele fazia. Encostou o dedo na boneca que estava com Nilo e disse bem baixinho: "É a mamãe". Pegou mais três tijolinhos, olhou o que Denise estava fazendo e levantou-se para voltar ao seu lugar.

Tentou pegar um tijolinho de uma das pontas da fileira de Aline e ela reclamou, embora também tivesse invadido o espaço dele. Ele se apoderou de alguns tijolinhos assim que ela foi defender a outra ponta, na qual Nilo estava mexendo.

Quando Aline pegou a boneca-mãe e disse que não havia nada na barriga dela, Felipe fez um movimento para tocá-la mas não conseguiu. Aline encostou a boneca no chão e ele pegou-a. Aline arrancou-a das mãos dele.

Felipe voltou ao seu lugar, pegou um tijolinho e mostrou-me dizendo: "Óia, tia". Eu falei que era um relógio. Colocou em cima de seus castelinhos e me disse novamente: "Óia, tia". Respondi-lhe: "Uma torre, né!".

Juntou o pouco que tinha de tijolinhos nas mãos e ficou deitado de bruços, segurando-os. Aline tentou pegar um dele. Ele lhe passou um. Depois apontou um para ela, como se tentasse negociá-lo. Ela fez uma cara de brava e um movimento de empurrá-lo, irritada com ele. Felipe olhava a fileira que ela fazia. Falou algo com ela que não foi possível entender.

Pedi para que ele ficasse em cima do tapete pois estava deitado no chão gelado e fazia frio. Felipe saiu engatinhando e foi pegar os tijolinhos que Denise havia arrumado no ângulo da sala. Então, deitou-se e ficou olhando os tijolinhos. Denise percebeu e foi recuperá-los. Tiveram uma breve disputa e ele conseguiu sair com alguns nas mãos, fazendo uma expressão de bravo para ela.

De joelho, Felipe dirigiu-se para outro lugar na sala e sentou-se, encostando-se na parede e fazendo um bico com a boca. Olhou seu tijolinho. Levantou-se com ele na mão e foi olhar o que Denise estava fazendo na lousa. Ficou passando um tijolinho na borda direita da lousa. Ela saiu da lousa e ele saiu também, indo sentar-se perto dela, com alguns tijolinhos na mão.

Depois, deitou-se de bruços com a cabeça para a parede, de costas para nós e começou a construir algo. Quando Aline reclamou que Nilo tinha desmanchado uma ponta de sua fileira, Felipe voltou-se para ela e perguntou: "Quem?". Ajoelhou-se e falou: "Eu, eu!". Depois deitou-se novamente para continuar o que estava construindo (não foi possível ver o que era).



Pegou todos os seus tijolinhos com as mãos, rolou um pouco deitado de costas com as pernas para cima e ficou assobiando. Rolou mais uma vez e levantou-se rindo. Foi olhar pela janela, onde estava Denise, segurando seus tijolinhos na mão. Ela falou-lhe algo que não foi possível entender, saiu e ele ficou olhando para fora mais um pouco. Esfregava o seu bolo de tijolinhos na parede enquanto olhava.

Depois, em poucos segundos, deitou-se, agachou-se, ficou de joelhos e levantou-se, olhando para todos os lados. Voltou para a janela e ficou olhando para fora. Colocou seus tijolinhos no parapeito da janela. Tirou-os de lá e com eles nas mãos foi olhar o que Denise estava fazendo (ela dizia que o boneco estava subindo no telhado).

Foi para o centro da sala, colocou seus tijolinhos no chão e tentou colocar um deles em cima do que Aline estava montando. Ela aceitou. Felipe colocou-o, juntou todos os seus outros na mão e levantou-se novamente, indo sentar-se perto de Nilo. Começou a montar algo, colocando um tijolinho em cima do outro (eram poucos); logo terminou e me disse: "Ó tia!". Disse-lhe que estava bonito.

Aproximou-se mais de Nilo e começou a assobiar. Olhava o brincar de Denise, como os outros, o que me levou a dizer que quem quisesse podia brincar junto. Felipe aumentou seus assobios. Deitou-se de costas para mim e começou a montar algo. Quando fez um movimento, pude ver que havia construído uma torre com os quadradinhos pequenos um pouco mais alta do que havia conseguido antes (talvez com cinco). Então me disse: "Ó o meu castelo, tia!". Eu disse que, como ele e Nilo estavam de costas, eu não conseguia ver o que estavam fazendo. Ele não me mostrou naquele momento porque havia visto uma formiga no pé de Nilo e tentava pegá-la. Nilo puxou o chinelo que ele havia tirado para encontrar a formiga.

Felipe ajoelhou-se e desmanchou o seu castelo. Disse a Nilo que um dos tijolinhos era seu. Nilo respondeu-lhe: "Esse não é seu!". Felipe voltou para os seus, pegou um em cada mão e disse: "Ó, ó", como se mostrasse que aquele que ele reivindicava era igual aos que ele tinha. Mas Nilo não lhe deu mais atenção.

Felipe pegou os seus tijolinhos e deitou-se de costas olhando-os. Levantou-se e construiu outra torre com quatro quadradinhos. Procurou mais quadradinhos com os olhos. Foi até Nilo, apontou-lhe um dos quadradinhos que estava na ponta de sua torre e perguntou-lhe: "Cadê minha casinha?". Nilo não lhe respondeu.

Felipe desmanchou a torre e foi juntar alguns telhadinhos que, aparentemente, não tinham dono. Pegou um boneco-menino e disse: "Ó a filhinha tá aqui, tia!" e jogou-a.

Deitou-se de frente para mim e começou a enfileirar os telhadinhos em direção ao seu próprio corpo. Assim, à medida que aumentava a fileira, tinha de se afastar um pouco para trás. Levantou-se rapidamente, pegou seus tijolinhos e trouxe-os para junto de si. Deitou-se novamente de lado e continuou sua fileira. Percebendo que tinha de se afastar a cada telhadinho que colocava, mudou de posição, mantendo-se entretanto deitado.

Felipe parou para ouvir quando Denise disse que havia um lugar mais legal para brincar. Continuou a montar sua fileira e a fazer nela uma curva. Quando terminou, juntou os tijolinhos para protegê-los e aí me chamou para mostrar o que tinha feito com os telhadinhos: "Ó tia!". Confirmei que estava vendo e que achava "legal". Então ele fez com os tijolinhos uma torre e também me mostrou.



Desmanchou a torre. Perguntei-lhe o que era a fileira de telhadinhos. Respondeu, após um certo tempo, que era uma casinha.

Levantou-se e foi à janela olhar para fora pelo vão. Foi olhar na outra janela. Voltou e empurrou o pé de Nilo que estava muito próximo de sua fileira de telhadinhos. Deitou-se de costas para mim, empurrou seus tijolinhos e, em seguida, começou a montar outra torre. Tentou derrubá-la assoprando. Não conseguiu e deu um peteleco nela. Montou-a novamente, sempre com uma colocação irregular, assobiou e levantou-se pegando o laço vermelho que Denise tinha amarrado na barra de ferro da janela. Colocou-a atrás de suas costas porque Denise aproximava-se lentamente. Quando ela realmente chegou perto, ele lançou o laço longe, riu e recuperou um tijolinho que Nilo tinha pego dele, falando: "Esse é meu!" e colocando-o no lugar.

Olhou para a câmera e sorriu. Deitou de costas para a câmera. Assobiou forte algumas vezes. Ajoelhou-se e começou a recolher todos os seus tijolinhos. Eu perguntei a Nilo o que ele tinha feito e Felipe respondeu que era uma casinha. Felipe levantou-se com os seus tijolinhos na mão e foi olhar pela janela. Ficou assobiando na janela. Depois, me disse que a tia do setor estava lá embaixo. Disse-lhe que ela sabia que estávamos ali e que depois iríamos descer.

Curvou-se para baixo e com uma das mãos começou a pegar alguns telhadinhos. Sentou-se com as duas mãos cheias. Levantou-se e novamente ficou olhando para fora. Me disse de novo: "A tia". Eu perguntei-lhe: "Que tia está lá embaixo?". Aline levantou-se também para ver e me chamou. Denise também veio e eles me disseram que era a tia da escola. Disse-lhes que ainda não era hora de ir à escola. Felipe dizia: "Olha, olha a casinha", apontando para fora.

Felipe virou-se para mim, de pé, e jogou todos os telhadinhos para cima, pedindo para eu olhar. Perguntou se podia fechar a janela. Eu lhe disse que era melhor não fechar, pois precisávamos da luz que entrava por ela. Perguntei se ele estava sentindo frio e ele disse que não. Então, pedi que não fechasse. Ele fez que aceitava com a cabeça. Foi até o interruptor, onde Aline estava apagando a luz e eu lhe falava a mesma coisa.

Viu a mala da filmadora e quis mexer nela. Eu lhe disse para deixá-la. Perguntou o que tinha dentro e expliquei-lhe que era o lugar de guardar a máquina. Aline estava tentando abri-la.

Como já era hora de terminar, propus que cantássemos uma música. Ele e Aline ficaram tentando abrir a mala, sem êxito. Felipe voltou ao centro do tapete e tentou fazer uma parada de mão. Jogou um tijolinho para cima e pediu que eu o olhasse. Cantou "Ciranda Cirandinha" com Aline, com certa dificuldade.

Quando todos se aproximaram de mim, Felipe foi pegar os tijolinhos de Denise e de Nilo. Depois, ficou jogando-os para o espaço sem tapete.

### Sessão 2:

Felipe chegou à sala e quis lavar as mãos, tendo sido acompanhado por Aline. Disse-lhes que não havia toalha e fui pegar um papel para enxugar.

Logo que apresentei os brinquedos, Felipe, meio deitado, foi pegando os tijolinhos maiores e empilhando-os de maneira displicente, o que fazia com que no segundo tijolinho, a construção já desmoronasse. Resolveu fazê-la com maior atenção, o que possibilitava um melhor resultado: erguer a torre até o quarto tijolo.

Sua dificuldade de coordenação motora parecia não lhe possibilitar construir com uma colocação justa de um sobre o outro. Além disso, indicava ter certa dificuldade de concentração. Não obstante, demonstrou ter encontrado uma forma de driblar esta questão, colocando-os um em cima do outro de forma irregular (um para cada lado), o que dava um equilíbrio à construção. Ele já tinha ensaiado este tipo de construção na primeira sessão e nesta acabou fazendo uma torre com a altura de sete tijolinhos, sem tombar.

Felipe prestou atenção quando eu falava com Aline sobre a caneta. No começo, riu, e depois disse que a caneta era do setor. Aline respondeu que não era. A torre de Felipe tombou e ele recomeçou a montar algo muito displicentemente. Depois, tentou a torre de novo naquele mesmo esquema e levantou-a até o sétimo tijolinho.

Quando Aline começou a pegar tijolinhos para si, ele também foi pegar para ele. Houve uma breve disputa e cada um saiu com um tanto deles. Ao pegar, Felipe falava: "É meu, é meu!". Também devolvia alguns que identificava como não sendo seus.

Deitou-se de lado para montar algo. Enfileirou os tijolinhos compondo uma fileira de uns 60 cm. de comprimento e chamou-me: "Tia, olha aqui!". Olhei e perguntei o que ele tinha feito. Não respondeu mas olhava para mim. Perguntei novamente e Aline respondeu no lugar dele, dizendo que era um caminhão. Perguntei-lhe então se era um caminhão e ele fez que sim com a cabeça. Aline completou dizendo que ele estava fazendo "um monte de caminhão".

Ficou de joelhos em frente ao que tinha construído e pegou a boneca-mãe. Depois, largou-a, pegou um boneco que estava sem roupinha e disse algo que não foi possível entender. Repetiu várias vezes até que eu entendi. Ele colocava uma calça por cima do boneco e me perguntava: "Tá certo ou tá errado, tia?". Disse-lhe que estava certo. Então, ele me jogou o boneco e a roupa, falando: "Põe aí!".

Continuou a incrementar a sua fileira, pegando mais tijolinhos. Pediu-me: "Fica vendo o que eu tô fazendo" e eu lhe disse que estava vendo. Aline tinha dito que Nilo estava guardando os tijolinhos. Ouvindo isso, Felipe pegou um outro saco de pano que estava vazio, abriu-o, desmanchou sua fileira e começou a guardar os seus tijolinhos dizendo-me: "Tô guardando, tia!".

Guardou-os todos e jogou o saco perto da minha perna. Nilo pegou-o e Felipe puxou-o dele, com força, até conseguir tirá-lo. Depois, ficou rodando o saco verticalmente. Disse que Nilo ia tirar a roupa do boneco. Jogou de novo o saco para mim e pegou-o de volta rapidamente quando percebeu que Nilo o olhara. Deu o saco na minha mão. Pegou-o de novo, esticou-o apontando o desenho no saco e me perguntou: "Aqui é o que, tia?" (ele precisou repetir três vezes a pergunta para que eu a entendesse). Respondi-lhe que era um canguru, um bicho que pula e que carrega o filhinho na barriga. Aline e Nilo quiseram ver também. Quando Aline disse que ele mordia, Felipe gritou: "Não morde!".

Depois, Felipe pegou a mochila grande, abriu-a e falou: "Ó tia!". Ficou tentando amarrar o fio da mochila, mas não conseguiu. Tentou mais algumas vezes e acabou conseguindo de um jeito diferente, mostrando-me: "Ó, tia, amarrei!". Respondi-lhe que tinha amarrado mesmo.

Deixou a mochila comigo e, engatinhando, foi até Aline e pegou a boneca-mãe que estava do lado dela. Ela reclamou, tentando pegar dele. Ele perguntou: "A

boneca é teu?", devolvendo-a e pegando outro boneco. Depois, pegou o boneco-menino falando: "Cadê a nenê?", olhando para mim e completando: "A nenê é esta, tia?". Aline lhe disse: "Não, é a filhinha!". Pegou a boneca-menina e perguntou: "Essa então que é a nenê?". Aline pegou o boneco-bebê e lhe disse: "É essa! Viu como é que é esta?", mostrando-o para ele e depois largando-o no chão. Felipe pegou o boneco de novo e repetiu: "A nenê é qual?" e jogou-o no chão, olhando o que Aline desenhava no tijolinho.

Então, pegou o boneco-bebê mais uma vez e me disse: "A nenê é esta!", levantando-o para que eu o visse. Confirmei-lhe que sim. Depois, manipulando o bebê, me perguntou: "Ela não tem braço, não?" (pedi para que repetisse a pergunta por que eu não havia entendido o que ela não tinha). Expliquei que o braço deveria estar dentro da colchinha que a enrolava. Ele me passou o bebê e pediu: "Abre aí então, tia!". Disse-lhe que achava que não era possível tirar a colchinha, mas tentei, constatando que ela estava costurada. Ele pegou o bebê e ficou tentando tirar a colchinha, dizendo: "Eu sei, eu sei!".

Arrancou uma fitinha que prendia a colcha, mas não conseguiu tirá-la. Passou-me novamente o bebê e me perguntou: "O que que tá fazendo esse barulho?". Disse-lhe que não sabia, mas que parecia o som de um telefone na sala ao lado. Mostrei-lhe como a colcha estava costurada no bebê e que só dava para brincar sem tirá-la. Ele pegou-o novamente, falando: "Ãn, Ãn" (não sabia se não tinha entendido minha explicação) e emendou uma pergunta: "Cadê a perna dela, tia?". Fiquei aguardando e ele mesmo respondeu: "Tá aqui dentro a pema dela!", passando-me o bebê.

Engatinhou até o centro do tapete, pegou a boneca-mãe e me disse: "Essa daqui é a mamãe dela, Essa daqui é a mamãe?". Respondi que achava que era e Aline confirmou que era a mamãe. Deu-me a boneca. Depois, deu-me outro boneco.

Nilo havia se levantado com sua mochila nas costas e ido até a janela. Felipe pegou a sua, que estava no meu colo, levantou-se, abriu o fio do saquinho, tentou enfiá-lo pela cabeça e me perguntou: "Como faz isso, tia, assim?". Depois, tentou de outro modo: "Assim?". Ele queria fazer como Nilo que havia colocado o saco nas costas como uma mochila porque havia dois fios. Mas o de Felipe tinha somente um. E continuou perguntando e tentando. Expliquei-lhe que não era possível fazer o mesmo justamente por esta diferença.

Felipe desistiu, sentou-se e pegou um boneco, dizendo-me: "Ó o papai!", depois outro: "Ó o filhinho", e Aline se apressou para dizer que era a filhinha. E ele pegou mais um e disse que era o filhinho. Eu disse que tinha um monte de filhos. Ele continuou pegando outra boneca e dizendo: "A mamãe". Colocou mãe e filha juntas e falou: "A mamãe vai cuidar dela, não vai?". Disse que sim. Então pegou uma roupa perguntando se era a roupa dela e se podia vestir na boneca. Respondi que sim. Mostrou-me e disse: "O nenê! O nenê, pra ele é grande, né", querendo dizer que a roupa não serviria no bebê.

Foi até os bonecos e perguntou: "Cadê o papai?", procurando-o. Pegou o boneco-avô e disse: "O papai é esse, tira aqui ó", puxando o chapéu dele, mas como ele também estava costurado, disse: "Ele não sai". Colocou a mãe e o pai juntos atrás da minha perna e falou: "Ó aqui, tia! Tão namorando!". Aline riu e começou a atirar os bonecos no espaço das minhas pernas cruzadas.



Felipe jogou-os novamente para Aline e ela jogou-os de volta para as minhas pernas. E assim ficaram jogando os bonecos mãe e pai, Felipe para Aline e Aline para minhas pernas, ambos rindo, várias vezes.

Felipe disse-me: "Coloca ela ali, tia!" apontando para a perna de Aline. Eu disse que não ia colocar, porque ele é quem estava colocando. Felipe pegou-os e jogou-os na perna de Aline recomeçando o jogo. Então ele passou a jogar para o centro do tapete, que ficava atrás de Aline. Mesmo assim, ela virava, pegava-os e jogava no espaço da minha perna.

Felipe pegou o saco de pano e, enquanto falava algo comigo tão baixinho que eu não conseguia entender, tentou enfiá-lo na cabeça. Eu lhe disse que não podia colocar o saco daquela maneira, pois poderia sufocá-lo. Expliquei-lhe que o saco era para colocar algo dentro e depois carregá-lo, por exemplo, nos ombros, e não para colocar na cabeça. Ele me disse: "Ah!", confirmando sua compreensão. Pegou o saco de minhas mãos, fechou-os como eu havia feito e pendurou-o no ombro. Depois me disse: "Já sei, tia!", tirando-o do ombro e colocando o fio em volta do seu pescoço, com carinho de satisfação, exclamando: "Ó, tia!". Não ficou perigoso porque o saquinho estava vazio.

Engatinhou por uma parte da sala, com o saco pendurado no pescoço. Pegou alguns tijolinhos e jogou-os para cima. Sentou-se na frente de Nilo que jogava os tijolinhos para cima, e ficou pegando-os. Depois começou a imitar Nilo. Falou algo ininteligível enquanto jogava. Nilo começou a jogar nele e ele em Nilo.

Quando eu perguntei quem ia achar a mamãe, ele gritou: "A mamãe!" e veio engatinhando até mim para procurá-la. Ele achou e jogou-a no espaço entre as minhas pernas. Deu a volta em Nilo, catando os tijolinhos pelo chão. Passou a atacá-los para Nilo, gritando "gol" como ele. Jogou um no rosto de Nilo e o jogo começou a ficar mais violento. Intervim, dizendo que não era para jogarem com força, nem no rosto.

Pedi que jogassem dentro do tapete e Felipe me atendeu. Nilo não quis ir. Felipe, do tapete, ficou lançando os tijolinhos na parede. Nilo posicionou-se no local do gol e um passou a jogar tijolinhos para o outro, gritando "gol". Os dois se divertiam. Quando jogavam com mais violência, eu os alertava para diminuir a força, dizendo-lhes também: "Sem machucar, tem que jogar fraquinho!". Felipe jogava sem largar o seu saco de pano pendurado no pescoço.

Então, os dois se posicionaram do mesmo lado e passaram a jogar os tijolinhos na direção de Denise, gritando "gol" e rindo. Felipe fazia tudo o que Nilo fazia. Disse-lhes que parecia que Denise era o gol.

Felipe, ajoelhado no chão catando tijolinhos, viu que dois deles tinham caído do lado da extensão da câmera, perguntando: "Dá choque aqui, tia?". Respondi-lhe que sim se ele colocasse a mão. Ele se afastou rindo. Perguntou para a cinegrafista: "Dá choque, tia?". Ela respondeu que sim.

Felipe recomeçou a jogar os tijolinhos na parede com Nilo, que havia passado para o tapete. Os dois atacavam com bastante força e riam. Felipe havia começado a jogar mais alto e disse-lhe que não podia, pois corria o risco de cair na cabeça da cinegrafista. Ele e Nilo riram. Este me disse que não estava jogando na cinegrafista e sim no outro canto. Concordei e reforcei o combinado, para jogarem onde não tivesse ninguém.



Felipe abriu as pernas, ficou de ponta cabeça e começou a atirar os tijolinhos por baixo de suas pernas. Depois, posicionou-se do lado de Denise e pegou os tijolinhos que Nilo jogava do gol. Nilo exclamava com as manobras que fazia com os tijolinhos: "Viu, pulou, 'cê viu, pulou!". Felipe sentou-se em frente a Nilo e um passou a jogar os tijolinhos para o outro. Nilo começou a jogar com mais força e eu lhe sinalizei novamente que poderia machucar, pedindo-lhe que diminuísse a força. Felipe começou a exagerar no ataque a Nilo e este se defendia. Falei o mesmo para Felipe.

Neste momento, Aline sentava no meu colo e Denise saía da área de jogo deles. Felipe deu uma volta no tapete, engatinhando, para catar mais tijolinhos. De mais longe, começou a atacá-los com força. Falava-lhes para jogarem devagar, e que o tijolinho machucava. Disse-lhes: "Já pensou vocês chegarem no setor machucados e a tia perguntar o que aconteceu, o que vocês vão explicar?". Nilo disse quealaria: "A Denise machucou!" e continuou a atacar com força na direção dela. Falei mais firme com ele: "Nilo! Vai bater na cabeça da Denise! Vamos parar!" e sugeri que os dois mudassem para uma posição que não atingisse ninguém. Nilo disse que no lugar onde eu sugeri não dava para jogar. Felipe foi para o local sugerido. Expliquei mais uma vez como. Mas Nilo disse que não queria mudar. Perguntei à Denise se ela queria ficar no meio e levar tijolinho na cabeça. Ela respondeu que sim com a cabeça.

Felipe, sentado na outra ponta da sala, rodava o laço vermelho em uma das mãos e gritava: "Vai machucar!" para Nilo, que fazia ameaças à Denise. Começou a assobiar. Depois me disse: "Ó lá tia, ela não quer sair da frente", se referindo à Denise. Eles continuaram a jogar mais de leve, na lateral de Denise, e usando os bichinhos. Nilo atacou o cachorrinho em Felipe, este revidou com força e eu sinalizei que tinha sido muito forte. Passaram a jogar com o cachorrinho e Denise saiu do centro do jogo e encostou-se deitada na parede lateral.

Nilo começou a provocar Felipe para jogar um tijolinho nele: "Joga, vai! Joga, joga!" e este acabou jogando com força. Nilo rodou em torno dele mesmo, dando risada e falando que Felipe não tinha acertado. Felipe levantou-se e começou a disputar um tijolinho com Nilo e este gritou: "Ó, tia!", bem alto. Felipe foi sentar-se do outro lado da sala e Nilo continuou provocando-o: "Vai! Joga, joga!" e Felipe apenas ameaçava jogar. Nilo jogou um que tocou em mim. Disse-lhe para parar porque eu não queria ficar machucada. Aline disse que também não queria. Felipe se defendeu dizendo que estava jogando devagar e me disse: "Olha, tia", lançando um tijolinho devagar para comprovar o que tinha me dito. Nilo falou então: "Eu vou lá machucar o Felipe!". Mas deitou-se, cruzando uma perna sobre a outra, e afirmou: "Eu não quero mais jogar não!". Ficou descansando. Felipe o ameaçou de longe e ele gritou: "Aí, ó! Ó tia, o Felipe quer jogar! Eu parei de brincar disso!". Reforcei para Felipe que Nilo já havia parado.

Felipe aproximou-se da câmera, rindo e rodando a fita como se fosse um laço de rodeio. Pegou a tampa da lente, que estava pendurada na câmera e, falando: "Olha, tia!", tentou tampar a lente. A cinegrafista tirou-lhe delicadamente a mão e ele saiu rindo, indo mexer com Nilo, chacoalhando nele a fitinha. Este gritou para que ele parasse. Nilo levantou-se dizendo para Felipe: "Eu não vou brincar mais de nada" e foi para o outro lado da sala. Felipe ficou deitado de lado, catando tijolinhos no chão e jogando-os para o centro do tapete. Depois, ficou deitado de bruços, rodando o laço. Empurrou com o laço um telhadinho e depois outro, fazendo-os encostar naquela extensão que ele já sabia que dava choque. Quis tirar o

telhadinho de lá, mas me disse: "Dá choque", com expressão de malandro, passando o laço na boca. Aline falou-lhe: "Peraí, deixa eu pegar!", pegou-os e lhe disse: "Viu, como eu pego".

Nilo já estava na janela, gritando bem alto: "Tia! Tia!". Felipe juntou-se a ele e começou a gritar, Nilo voltou-se para o centro da sala e disse: "É a tia que 'tava ali" (eu estava conversando com Denise que se aproximava pela primeira vez). Nilo voltou e começou a gritar de novo. Felipe passou a gritar: "Ô tio, ô tio" e Nilo lhe disse: "Não é tio, é tia!". Conversaram sobre a pessoa que estava lá embaixo. Nilo me chamou: "Ô tia, ele 'tá falando palavrão!" e apontou Felipe, rindo. Nilo veio para o centro da sala e Felipe permaneceu na janela. Felipe veio sentar perto de mim, pegou a boneca-mãe com uma mão, o boneco-pai em outra, dizendo: "É o papai!". Levou a boneca-mãe e atacou-a em Nilo, depois que este também lhe havia atacado um boneco.

Felipe atacou um telhadinho em Nilo, mas este não percebeu pois estava entretido com os bonecos que eu tirava do meu colo (onde eles haviam jogado). Felipe continuou atacando telhadinho e o cachorrinho em Nilo, que não lhe deu atenção. Felipe ficou de cabeça para baixo, bateu várias vezes o laço no ar, entre suas pernas. Depois, foi à janela e ficou gritando: "Ô, a Maria, a Maria!". Todos se levantaram para ver. Nilo falou: "Não é a Maria nada!", saiu da janela e ficou puxando a barra de ferro que estava ao lado, falando: "Fecha, fecha, fecha!". Felipe insistiu que era a Maria e que ela estava indo para o setor. Nilo fechava a janela e Felipe a abria. Nilo o mandava fechar e a empurrava. Os dois conversavam em tom de brincadeira, rindo, ficando nesse jogo. Aline disse a Felipe: "Você falou que era a Maria, mentiroso!", mas ele nem se manifestou envolvido com a disputa com Nilo pela janela.

Nilo me chamava e continuavam a brincar. Mas, apesar das risadas, o jogo foi se tornando mais violento. Nilo me chamava e falava para Felipe parar de abrir porque ele queria fechar. Felipe, rindo muito, saiu da janela antes que eu falasse qualquer coisa. Nilo se levantou e fechou a janela. Felipe foi para um lado do tapete e tentou puxá-lo para Nilo cair, mas o tapete com todos em cima era muito pesado e ele mal conseguiu levantá-lo.

Felipe ficou rodando o laço. Voltou para a janela dizendo: "Eu sou grande" e tentando alcançar a parte de cima da barra de ferro. Ele e Nilo recomeçaram o combate, um querendo mantê-la aberta, o outro, fechá-la. Quando começou a ficar mais violento, disse que estavam fazendo uma guerra de forças e pedi para tomarem cuidado, principalmente com a cabeça. Aline lhes disse que se pegasse a cabeça, iriam desmaiar. Eles não pararam.

Nilo fechava e ele abria. Felipe, que era mais forte, segurava a janela com uma das mãos, rindo, e rodava o laço com a outra. Depois um empurrava de cada lado e Felipe mostrava mais força. Nilo começou a chutar Felipe por baixo da janela e então disse para os dois pararem, e para Nilo não chutar. Continuaram só empurrando. Chamei os dois para sentarem e descansarem um pouco. Os dois pararam, mas não vieram sentar. Felipe ficou com o braço apoiado no parapeito da janela e rodando o laço com a outra mão. Nilo mexia na barra de ferro e Felipe fazia de seu laço um estilingue, ameaçando Nilo, mas este nem percebeu. Felipe tentou amarrar o laço na cabeça, sem êxito porque ele era curto. Tampou os olhos com o laço e me disse: "Ô tia!". Tampou-os mais algumas vezes e mostrou o que fazia para a cinegrafista. Voltou a olhar através da janela, e a sessão terminou.

• GRUPO 3

G3.1. Daniel

Sessão 1:

Ao iniciar a sessão, conversávamos sobre o que cada um gostava de brincar e Daniel disse que gostava de brincar com cachorro. Depois, quando Bruna falou que gostava de Barbie, Daniel disse: "Mas agora ninguém mais vai brincar de Barbie porque senão os amigos vão descobrir". Eu comecei a explicar sobre os brinquedos e a delimitar o espaço de brincar na sala e Daniel falou: "Ihh, a tia tá filmando", olhando para a câmera. Bruna olhou também.

As três crianças mais velhas estavam deitadas de bruços no tapete, ouvindo-me explicar, na seguinte ordem: Bruna, Clara e João. Daniel foi sentar ao lado de João. Quando as meninas sentaram-se, com as pernas dobradas e sobre elas, para esperar os brinquedos, Daniel olhou-as e fez o mesmo.

Ao ver os brinquedos, Daniel começou pegando um tijolinho e manipulando-o com a mão. Depois, se interessou por uma boneca (a de lenço na cabeça), pegou-a e ficou olhando-a, mexendo para frente e para trás, mantendo um tijolinho na outra mão.

Colocou este tijolinho no chão. Depois, experimentou-o em cima da colcha verificando que o tijolinho não tinha firmeza em cima dela. Voltou a colocá-lo no chão e colocou outro em cima. Em seguida, desmanchou o que fez e colocou na base uma ponte e em cima dela dois tijolinhos, ajeitados com boa coordenação motora. Em cima deles, pôs um relógio, e em cima deste um telhadinho.

Olhou-o, ajeitou-o e desmanchou-o, dizendo: "Ah, eu não gostei muito deste castelo!". Ficou manuseando-os e olhou para os tijolinhos que estavam com Bruna, fazendo uma expressão brava (como se dissesse: "Vocês não deixaram nada pra mim!").

Continuou a montar algo, fazendo a base. Nesse momento, Bruna jogou um gato de pano para seu lado. Ele pegou o gatinho e colocou-o em cima da base do que estava construindo. Percebeu que ele não ficava de pé sozinho e deixou-o de lado. Pegou-o de novo e colocou-o perto de si. Ele disse: "Um gato". Eu lhe falei: "Tem gato e cachorro também". Ele perguntou: "Cachorro? Cadê?", Bruna ouviu e voltou-se imediatamente para nós perguntando também: "Cachorro? Cadê? Cadê?" e procurando-o. Mas Daniel o encontrou.

Continuou construindo um castelo e o fez bem alto. Mostrou-me e eu observei que estava alto. Ele me disse: "É, tá alto, tá quase no chão". Depois, começou a montar um outro a partir da mesma base. Pegou alguns poucos tijolinhos que haviam sobrado e disse-me: "Só isso!". João pegou uns poucos tijolinhos que estavam a seu lado e Daniel olhou feio para ele (o que João nem viu), sem arriscar reclamar. Ficou olhando e falou para ele mesmo: "Agora ele pegou!".

Continuou tentando montar algo que não saía da base. Pensava, como se arquitetasse um modo de levantá-lo com tão poucos tijolinhos. Então, tomou coragem e pediu para João: "Dá mais um desse pra mim?". Bruna olhava para ele, e pedia o mesmo para Clara. João lhe deu o que pediu.

A construção de Daniel ia se levantando e ele mostrava-se muito criterioso na organização dos tijolinhos, um em cima do outro, experimentando-os antes de



colocar. Quando sua construção ficou pronta, virou-se para João (como se quisesse agradecer-lhe e/ou começar a fazer amizade, ou aliança) dizendo-lhe: "O que você prefere, isso aqui (o gato) ou isso aqui (o cachorro)?", mostrando-os. João disse: "Um gato!" e pegou-o. Ficou tentando colocar o cachorro em cima de seu castelo e João fez o mesmo no seu com o gato.

Enquanto aprimorava a construção que tinha feito, pegou com a outra mão o boneco-pai e a boneca que tinha lenço na cabeça e avental e falou: "Vovô e vovó", referindo-se aos bonecos que João tinha pego com Bruna, e depois completou: "Papai do gato e mamãe do gato" (não obstante seu bichinho fosse o cachorro). Mantendo os dois bonecos frente a frente, colados, em sua mão, disse ainda: "Vou deixar eles todos juntos... Não!", e separou-os, coçando a cabeça com a boneca e falando para si, bem baixinho: "Ele 'tá com o gato e eu 'tô com o cachorro!". Com um boneco em cada mão, bateu-os no chão, ao lado de sua construção, e disse: "Gato, cachorro junto".

Largou o boneco no chão e levantou o avental da boneca, olhando por baixo e dizendo: "Eu vou fazer a briga do gato!". Neste momento, João o olhou e Daniel olhou de volta para ele e, continuando a olhar, bateu com a boneca de pé, no chão, e depois em cima do cachorro. Então, colocou a boneca em cima do cachorro falando algo muito baixo que não pude entender. Depois, pegou o cachorro, pôs em cima da construção e disse: "Agora eu vou dormir no meu castelo!".

Desmanchou o seu castelo e começou a montar outra coisa. Neste momento, eu estava perguntando às crianças que bonecos cada uma tinha escolhido e Daniel olhava para cada uma delas. Perguntei-lhe: "E você, Daniel?" e ele levantou os dois bonecos, enquanto Bruna os nomeava para ele, dizendo: "O papai, a cozinheira e o cachorro". Olhou para os bonecos e com a cabeça do boneco-pai apontou o cachorro.

Depois, olhou para eles novamente, colocou-os um de frente ao outro e fez os dois se beijarem longamente, virando-os de um lado para o outro. Manteve-os encostados um no outro de frente e me falou: "É porque esse é namorado dela". E eu completei: "Ah, são namorados. E eles estão namorando?". Ele disse: "É!" e continuou fazendo os bonecos se beijarem. Perguntei: "E eles são grandes ou pequenos?". Respondeu-me: "Grandes". Depois, mostrando-me o boneco-pai, perguntou: "Esse é menina?". Disse que era menino, porque estava de gravata e a outra era uma moça porque estava de vestido. Ele respondeu: "Ah, sei".

Então, ele largou o boneco-pai no chão, pegou a boneca, foi tirando-lhe a roupa e dizendo: "Aí, vou tirar a roupa dela, porque às vezes o namorado deita na cama e tira a roupa da mulher". Repeti o que ele disse em tom de questão e ele me respondeu, colocando o boneco deitado em cima da boneca: "Sim, porque... você não vê na televisão?". Perguntei: "Você vê isso na televisão?". Respondeu: "Sim". Começou a tentar tirar a roupa dela, puxando também o boneco e dizendo: "Aí ele tira também, a mulher tira a roupa do homem também". Abaixou a calça do boneco, mostrando-me as nádegas dele. Depois perguntou-me: "A roupa sai?". Respondi-lhe que saía. E perguntou-me: "E depois coloca?". Respondi-lhe que sim. Apontou para a boneca e perguntou: "E esse aqui também sai? Como?", tendo eu respondido igualmente que sim, menos o lenço. E ele completou: "Qual é o que não sai?", tendo eu lhe mostrado novamente o lenço.

Daniel já havia conseguido tirar a calça do boneco. Pegou a boneca e falou: "Como é que sai esse daqui?". Disse-lhe que da mesma maneira que nós tiramos a



blusa, pela cabeça. Ele repetiu: "Pela cabeça" e foi enfiando a cabeça da boneca para dentro da blusa, tendo-a apoiado entre suas pernas. Pediu-me ajuda e então eu comecei a tirar o vestido da boneca para ele, explicando-lhe como fazia para tirar. Enquanto isso, ele tentava tirar a blusa do boneco. Quando ele viu que estava saindo o vestido, pegou a boneca de minha mão para continuar a tirar e conseguiu. O vestido saiu do avesso e ele, tentando desvirá-lo, me disse: "Já deu errado!", mostrando-me e completando: "Porque esse negócio aqui (o avental) 'tá pra dentro". Conseguiu desvirá-lo e falou: "Tirou!", expressando contentamento.

João olhou-o, depois Bruna, que riu e exclamou: "Ele tirou a roupa... da coitada!". Cutucou Clara e lhe disse: "Clara, olha o que ele fez!". As duas olharam e riram para ele. João riu e Daniel também, já tentando tirar a blusa do boneco. Pediu-me novamente que o ajudasse e eu passei então a blusa pelos braços, que era o mais difícil, e ele completou com certa dificuldade para passar a blusa pela cabeça. E disse: "Ich... agora ele tá pelado!".

Então, pegou um boneco com cada mão, ambos sem roupa, e enganchou a perna deles uma na outra, como se fosse uma tesoura. Sua carinha era de bastante satisfação e malícia. Depois, colocou o boneco em cima da boneca e apertou-o, forçando principalmente um rosto contra o outro e apertando-os como num beijo. Depois, colocou-nos novamente como uma tesoura e bateu um no outro repetidamente, região genital de um contra região genital de outro. Em seguida, colocou-os de frente e bateu um no outro também. Então, fez uma carinha de suspiro de satisfação.

Continuando, entre as suas pernas pôs um de frente ao outro, colocou a mão de um na do outro e falou: "Daí eles se deram a mão pelados e se beijaram na boca!". Terminou sorrindo e olhando-me com uma expressão marota. Colocou os dois bonecos em seus pés. Depois, fez os dois andarem em suas pernas e falou: "Daí...", mas desistiu, colocou-os de lado, cruzou as pernas e começou a montar algo com o tijolinho. Pegou o vestido e jogou em cima da boneca, e também o cachorro.

Perguntei-lhe: "Quem são esses, Daniel?". Ele pegou um boneco em cada mão, olhou para um, olhou para outro, fazendo uns grunhidos com a boca, deixou-os de lado e não respondeu. Perguntei-lhe: "Como é o nome dele?", referindo-me ao boneco. Ele pegou o boneco, apontou para João e perguntou: "Como é que é o nome desse?". Respondi: "João", e Daniel falou: "Ah, sei! Então eu vou botar o nome desse (o boneco) diferente". Pensou, falando para si: "Como é que vai ser, hum?" e aí definiu: "Felipe".

Então, pegou a boneca, olhou-a, puxou ao mesmo tempo um braço e uma perna, olhou-a novamente, abriu duas vezes as pernas dela e me disse: "Essa daqui eu não lembro o nome dela". Movimentou as pernas dela para frente e para trás e falou: "Ela tem perna assim, dá até pra andar!" e a fez andar pelo chão. Continuou brincando, enquanto voltei-me para as outras crianças, perguntando o que elas estavam fazendo.

Daniel começou a construir algo com os tijolinhos. Em um dado momento, perguntou-me com uma voz melosa: "Por que eles não são iguais? Às vezes não dá pra colocar um em cima do outro!". Respondi que eles eram feitos assim, uns maiores e outros menores. Comentou que os desenhos eram também diferentes, e continuou a montar uma espécie de casa.

Olhou para Bruna que pedia os telhados a João. Depois, voltou a se interessar pelos bonecos, dizendo-me: "Mas eles vão tirar roupa toda hora porque eles vão tomar banho, apesar que eles acabaram de tomar!". Perguntei: "Eles acabaram de tomar banho?" e ele respondeu: "É! E como que coloca a calça?". Mostrei-lhe e ele disse: "Ah, agora já sei! Mas acho melhor colocar a dela primeiro". Ficou tentando vestir a boneca, mas colocando a boneca dentro do vestido, com certa dificuldade, apoiando-a em suas pernas.

De repente, olhou para a câmera e falou: "Ai, ai!" e mudou de lugar (estava encostado em uma ponta do sofá e foi para a outra, continuando, sem o saber, no ângulo da câmera). Mais um minuto e a percebeu de novo, fazendo que se irritava. Disse-lhe, explicando-lhe mais uma vez, que não precisava se preocupar com a câmera, que eu tinha pedido para filmar porque precisava me lembrar do que havíamos brincado na sessão. E ele me perguntou: "Pra quê?". Falei-lhe mais uma vez, dizendo que se ele quisesse poderia depois assistir a sessão pelo vídeo comigo, para verificar que no filme estariam gravadas estas brincadeiras, para ficar na minha lembrança. Enfim, não era fácil explicar, mas parece que ele sossegou depois que lhe disse também que não era só ele, que todos estavam saindo no filme, eu, a Bruna, a Clara e o João também. Aí, sorrindo ele disse: "Mas então por que o João só 'tá saindo deitado?" (João estava há muitos minutos deitado no sofá). Eu lhe disse que não sabia e João saiu do sofá. As meninas estavam tão entretidas na brincadeira delas que nem ouviram o que conversávamos.

Daniel voltou, então, para seu lugar original e continuou a montagem de seu castelinho. Com a outra mão segurava a boneca. Falava consigo mesmo enquanto brincava, mas muito baixo, o que impossibilitou minha compreensão. Construiu um outro castelo e, então, recostou-se no sofá, enfiando a mão no vestido da boneca como se fosse um fantoche e manipulando-a. Depois, ficou olhando os outros três que procuravam o boneco-bebê que havia sumido. E assinalou: "Ele é o mais menorzinho de todos!". Bruna acabou encontrando-o.

Daniel fez mais uma cena breve de namoro e, em seguida, começou a tentar vestir a roupa nos bonecos com muita rapidez e, não conseguindo, se irritou um pouco e pediu minha ajuda. Dei uma mão só para iniciá-lo na colocação, a qual realmente requeria destreza e, principalmente, paciência, o que lhe sinalizei. Então, ele foi colocando com mais calma e, ao conseguir, me mostrou a blusa. Eu lhe disse: "Pronto, a blusa já foi" e ele: "Agora é a calça" (Bruna deu-nos uma olhada). Mas pediu que eu colocasse a calça no boneco.

Enquanto colocava, eu perguntei a Daniel: "Quer dizer que eles ficaram juntos e depois eles tomaram banho?". Ele respondeu: "É, primeiro eles namoraram... Mas não sou eu!". Continuei: "Não é você". E ele: "É! Aquele homem não sou eu!". Continuei: "Quem é, então? Você falou que ele chamava Felipe?". E ele: "É! E eu não chamo Felipe". E eu: "E quem chama Felipe?". Ele pensou e falou: "Cê sabe que eu não tenho amigo que chama Felipe na escola". Eu: "Você não tem amigo Felipe?". Ele: "É, com esse nome não!". Eu: "E na sua família, tem alguém que chama Felipe?". Daniel respondeu que não. Eu: "E ela não tem nome?". Ele disse que não e pegou o boneco da minha mão, pois ele estava pronto.

Com os bonecos na mão, um em cada, balançando-os, olhou para a câmera, com uma expressão menos irritada do que da primeira vez, e me perguntou: "Por que ela 'tá filmando pra cá de novo?". Expliquei-lhe novamente que todos saíam no filme e ele também, e que às vezes, como cada um estava num canto do espaço, ela tinha de virar a câmera para filmar. Ele perguntou de novo: "Por que toda hora

ela filma eu?". Perguntei: "Por quê? Eles estão com vergonha do filme, o Felipe e a namorada dele?". E ele: "Quem?". E eu: "O Felipe e a namorada?". E ele: "Esse aqui?". Disse-lhe que sim. Ele deu um sorriso maroto e sentou-se com os dois bonecos, um em cada mão.

Começou, então, a brincar novamente com os bonecos, aparentemente deixando de lado a câmera. Fez os dois conversarem, se abraçarem. Depois, falou mais alto com tom de voz grave: "Tá bom!" e colocou-os debaixo da colcha, completando: "Daí eles morreram e foram pro cemitério que era aqui embaixo". Então, pegou o cachorro, puxando-o e falando: "Daí então o cachorro caiu e morreu também, e também foi pro cemitério de cachorro" e colocou-o de um outro lado debaixo da colcha, batendo as mãos em cima para acertar a colcha. Apontou o segundo local e falou: "Aqui que tá o cachorro e aqui que tá eles", apontando o lugar dos bonecos. Completou: "E o castelo ficou lá e eles tavam aqui", levantando a beiradilha da colcha para mostrar-me onde os bonecos estavam.

Encostou-se por alguns segundos no sofá, olhou, voltou-se ao castelo desmanchando tijolinho por tijolinho e dizendo: "Aí o castelo também morreu e foi parar no cemitério de gente também!", colocando seus tijolinhos ao lado dos bonecos debaixo da colcha.

Em seguida, abriu a parte da colcha onde os bonecos estavam e falou: "Daí, eles nasceram de novo e o castelo montou tudo de novo, mas montou de outro jeito!" e recomeçou a montá-lo.

Um minuto depois, fiz uma observação a respeito de um bonito e alto castelo que João construía. Ele o aumentava bastante, até que uma hora o castelo desmoronou. As crianças que observavam fizeram um "Ahhh". Daniel comentou: "Eu sei por que esse castelo cai. Porque tá muito grande!". Bruna concordou dizendo: "É!". Depois, Daniel continuou na sua brincadeira: "Ah, o cemitério de cachorro também sobreviveu..." e Bruna olhou para o que ele estava fazendo. Daniel pegou o cachorrinho e se dirigiu ao local onde brincava. Observei: "Quer dizer que eles morreram e sobreviveram" e ele: "É! Toda hora eles morrem e também sobrevivem". Continuou montando o castelo e me disse: "Daí quando eles sobreviveram, depois eles morreram sujos. Daí eles foram tomar banho". Perguntei: "Mas por que eles morreram sujos?". E ele respondeu: "É porque eles esqueceram de tomar banho!".

Começou a tirar a roupa dos bonecos. Disse-me: "Tá prendido", referindo-se ao braço que era preso no corpo e dificultava tirar a roupa dos bonecos. Sugeriu que levantasse os braços do boneco para ficar mais fácil e ele me perguntou por quê, continuando a tentar tirar a blusa sem levantar os braços do boneco e não conseguindo. Respondi: "Porque se você tentar tirar a blusa sem levantar o braço do boneco, ela não vai sair". Ele tentou mais uma vez, sem levantar os braços do boneco. As meninas opinaram, reforçando que ele deveria levantar o braço e exemplificando com o corpo delas.

Um segundo depois, ele me perguntou: "Você não acha eu igual ao Zequinha? Porque todo mundo acha eu igual ele". Perguntei: "Quem é o Zequinha?", e Daniel explicou: "O menino do Castelo Rá-tim-bum" e voltou-se para as meninas, que provavelmente o estavam olhando e disse: "Vocês não sabem?". Bruna respondeu que sabia. Perguntei-lhe: "Você se acha igual ao Zequinha?" e ele falou: "Sim, porque... mas eu só não acho uma coisa que eu não sou igual ele. Porque eu não sou igual ele porque o cabelo é diferente". João falou lá de seu canto: "O



tamanho". Perguntei: "Quem falou então pra você que você é igual ao Zequinha?". Ele respondeu: "Tia Clau". Eu: "Quem?". Ele: "Tia Clau. E eu sou igual ao Zequinha mesmo, sabia? Você não viu eu perguntar toda hora pra você?". Respondi: "Ah, eu vou reparar mais, agora".

Continuei: "Quem é a tia Clau?". Ele respondeu confusamente, fazendo um pouco de careta: "Tia Clau? Você sabe também! É ela que veio... É ela que cuida de mim" (provavelmente a babá). Toda essa conversa foi com uma voz muito meliosa da parte dele. Enquanto conversava comigo, ele tentava ainda tirar a blusa do boneco, mas tentando-a tirar por cima, sem levantar os braços dele, como sugerido, e segurando as pernas do boneco com o seu joelho.

Prosegui no diálogo: "Ela mora na tua casa, a tia Clau?". Ele fez que sim com a cabeça e continuou: "Mas onde ela mora de verdade é onde o namorado dela mora. Mas ela fica mais na minha casa porque ela trabalha lá". Disse: "Então, ela tem namorado, a tia Clau. Como chama o namorado dela?". Ele respondeu com voz metálica: "Não lembro!". Então falou: "Ah, já sei!", com relação ao que estava fazendo com o boneco. Faltava somente ultrapassar um braço para que ele conseguisse tirar a blusa. Então, ele resolveu empurrar o braço com o dedo, por dentro da manga da blusa.

Prestando atenção no que falavam as meninas sobre colocar o bebê no bolso, ele perguntou: "O que que não tá no bolso?". Não recebeu resposta delas. Observei que João havia construído um grande castelo e falei isso para ele. Daniel retrucou de seu canto: "De novo? De novo o castelão? Por que não cai de novo esse castelão? Então, João, já sei por que não caiu". Bruna respondeu: "É porque ele fez um pedaço pequeno".

Daniel conseguiu tirar a blusa do boneco e o colocou deitado no chão. Pegava a boneca, ela de pé, e fazia os pés baterem na região genital do boneco. Às vezes variava, fazendo com que o cachorrinho subisse da região genital do boneco; o cachorro batia debaixo das pernas da boneca e depois descia novamente até a região genital do boneco deitado. Depois, juntou-os todos, os bonecos, o cachorrinho, com alguns tijolinhos, dizendo: "Agora não vai poder mais. Vou até em casa".

Bruna levantou-se, foi até Daniel pedindo delicadamente: "Você troca o cachorro pelo gato?". Daniel fez expressão de pensativo e depois fez sim com a cabeça, dando-lhe o cachorro. Levantou-se e foi até João, dizendo: "Acho que ele colocou alguma coisa atrás do castelo", olhando por trás. Não achando nada, voltou ao seu lugar.

Como a câmera passou algum tempo focalizando as outras crianças, Daniel perguntou: "Por que agora não tá..., tá demorando pra passar pra mim" (dizendo em outras palavras que a câmera já estava tempo demais com os outros e indicando que a 'cena' a respeito da câmera talvez mostrasse, na verdade, o quanto lhe estava sendo prazeroso ser o centro das atenções). Na verdade, Daniel tinha ficado a sessão inteira em um canto no lado oposto do das outras crianças. João havia começado ao lado de Daniel, mas aos poucos se aproximou das meninas que estavam no lado oposto. Assim, a cinegrafista dividia o tempo de filmagem entre o grupinho e Daniel. E naquele exato momento, acontecia algo importante entre as três outras crianças.

Ele repetiu: "Por que demora de passar?". Disse-lhe que não sabia. Ele completou: "Já passou tantos minutos...". Ficou esperando e disse: "Até agora ela



não virou mais pra mim", e ficava parado, sem brincar. A câmera logo depois virou para ele que fez uma expressão de "faz de conta que estou com vergonha", mas que era de satisfação. E então voltou a brincar. Colocou o cachorrinho dentro da blusa do boneco e começou a falar: "E aí o cachorrinho vestiu a blusa...".

A câmera voltou para as três crianças e ele me perguntou: "Ah, por que virou tão rápido?". Ficou com cara de emburrado encostado num canto do sofá. Quando a câmera voltou para ele, Daniel falou: "Ah, já olhou pra cá mesmo", pegou novamente o cachorrinho enfiando-o na blusa e falou: "Daí o cachorrinho foi vestir a blusa...". Vestiu-a no cachorro. Depois, pegou o boneco sem roupa e bateu os pés dele no chão. Falava: "Vem jogar comigo", colocando o boneco sem roupa na frente do cachorro vestido. Na verdade, era o gato no lugar do cachorro (ele o havia trocado com Bruna) e Daniel disse, verificando se a câmera o estava focalizando: "Aí, ele viu que o gato 'tava com a roupa dele" e fez o boneco se curvar para tocar a roupa.

Pegou o gato e retirou-o da roupa. Depois, vestiu-o de novo. Neste momento, João veio para o lado dele e Daniel olhou para as suas coisas, com expressão de desconfiança, para verificar se João não ia pegá-las. Como João começou a montar algo, Daniel continuou. Pegou o boneco e o fez bater no gato para recuperar a blusa. Falou: "Essa roupa é minha!" e fez o boneco tentar pegá-la de novo, dizendo: "Eu acerto você agora!".

Clara se aproximou para ver o que ele estava fazendo. Então, Daniel começou a explicar-lhe: "É que o gato pegou a roupa dele escondido e o pai...". Clara perguntou-lhe: "Cadê a roupa dele?", apontando para o boneco (Bruna a chamava). Daniel respondeu: "Tá com o gato. Essa aqui é a calça", mostrando-a para ela. Clara lhe disse: "Ele pegou o seu!", referindo-se a João que havia pego os tijolinhos de Daniel. Este lhe respondeu: "Não, eu nem vou precisar mais do castelo!". Daniel ficou olhando os outros três que entretinham a maior disputa pelos tijolinhos. Pegou um tijolinho de João enquanto Bruna o prendia e disse: "Ó aqui mais um", fazendo que ia jogar para as meninas. Levantou-se e deu um tijolinho para elas.

João pegou o bichinho dele e Daniel falou: "É o gato. Elas trocaram o cachorro pelo gato". E João devolveu-lhe o gato. Daniel começou a vestir a blusa no boneco, com esforço. Levantou-se, pegou um tijolinho das meninas, deu-o para João e falou: "Esse fica pra você e esse pra mim", pegando um dele. Mas deu este também para João colocar no castelo dele.

Ficou olhando para o brincar das meninas. Depois, dirigiu-se para o outro lado do sofá e falou: "Peraí que eu já volto". Sentado neste canto, pôs o gato na calça e disse que ele ia vesti-la. Fez o gato com a calça conversar algo com o boneco que estava só de blusa. Neste momento, comecei a encerrar a sessão, perguntei se as crianças haviam gostado de brincar e se brincariam outra vez com estes mesmos brinquedos na próxima semana e elas concordaram. Quando eu falei para guardarmos então os bonecos e os castelinhos, as meninas soltaram um grande "Aaaaah!" de decepção. Expliquei mais uma vez que voltaria na próxima semana. Os três maiores guardaram os brinquedos nos sacos e me entregaram os mesmos.

## Sessão 2:

Ao iniciarmos, Daniel verificou que havia alguns tijolinhos diferentes e eu expliquei a todos que tinha colocado mais um pouco de tijolinhos para eles, pois na primeira sessão achei que havia pouco. Daniel foi pegando um a um dos tijolinhos e comparando-os. Escolheu uns dos novos, bem como os telhados verdes pontudos e os vermelhos. Começou a montar algo, mas logo desistiu e ficou olhando a movimentação das meninas na escolha dos brinquedos.

Sentado sobre os joelhos, olhou um tijolinho e falou para João: "Olha, só tem esse relógio que tá diferente". Começou a montar um pequeno castelo com seu grupo de tijolinhos. Enquanto construía, soliloquiava palavras inaudíveis. Depois de montar seu castelo que tinha três torres baixas com telhadinhos, ficou olhando o brincar das meninas e o de João.

Perguntou-me se podia pegar um bonequinho que estava no centro da colcha, mais próximo das meninas e eu respondi que sim. Ele pegou o boneco-avô e a boneca-avó. Bruna, percebendo, gritou: "Ei!" e ele respondeu: "Mas ela também deixou", apontando para mim. Eu disse que eles podiam dividir ou cada um usar um pouquinho.

Daniel pegou os bonecos na mão, olhou seu castelo e disse: "Tá muito pequeno pra eles entrarem! Eu acho que eu vou ter que pegar mais esse". Pegou um telhadinho, completou a sua construção, colocou os bonecos na frente falando: "Deixa eu ver como ficou o tamanho!". Disse: "Não!", esticando o braço para pegar mais um tijolinho. Colocou-o em cima do telhado, o que fez com que alguns telhadinhos caíssem. Largou os bonecos de lado e foi arrumá-los.

Ficou pensando, coçando a cabeça e mexendo os lábios como se falasse sozinho para decidir qual seria o próximo passo. Pegou dois tijolinhos do monte que estava com João e jogou-os para perto de Clara. O terceiro aproveitou para si. Quebrava a cabeça para ver como aumentaria o castelo sem desmanchá-lo (ele tinha dois andares). Conseguiu equilibrar um tijolinho entre dois telhados e mediu os bonecos com relação ao castelo. Eles ainda ficavam bem maiores.

Ele virou a boneca-avó de cabeça para baixo e deu uma olhada por debaixo da saia. Depois, fez com que a avó e o avô conversassem. Perguntou-me se o chapéu do boneco poderia ser tirado. Disse-lhe que achava que ele não saía, que estava costurado e que só a roupa e o cachecol poderiam ser retirados. Ele me perguntou: "Qual cachecol?". Respondi-lhe que era o laço que estava amarrado no pescoço do boneco. Ele testou-o mas não o desamarrou.

Colocou um boneco na frente do outro e fez com que conversassem, mas não falou nada que pudesse ser compreendido. Deixou-os de lado e desmanchou seu castelo. Começou a montar outro, olhando cada tijolinho. João pegou um tijolinho seu. Daniel percebeu, mas não reagiu contra. Já com o castelo montado, contou os seus tijolinhos. Disse baixinho que faltava um e olhou para João que o olhava também. Jogou um para João e depois se aproximou para pegá-lo, aproveitando para pegar outros também. Mas acabou deixando-os com João.

Voltou para o seu lugar e desmanchou seu castelo. Olhando um a um dos tijolinhos, começou a montar outro. João pegou um telhadinho seu. Daniel não esboçou reação. Desmanchou seu castelo, juntou os tijolinhos. Contou-os duas vezes. Tinha nove. Recomeçou a construí-lo.

Perguntei a cada criança o que tinham feito. Para responder, Daniel somente apontou-me sua construção. Depois de terminar, pegou a boneca-avó e o boneco-avô, um em cada mão, e colocou-os na frente de seu castelo, um de frente para o outro, fazendo-os conversar baixinho e cumprimentarem-se. Largou-os e rearranjou seu castelo. Depois, pareceu insatisfeito com o resultado e desmanchou-o novamente, recomeçando.

Terminou a construção, pegou os dois bonecos, colocou-os do lado da mesma e depois recolheu-os, parecendo ainda insatisfeito com algo. Eu lhe perguntei: "Daniel, com quem você está brincando? Quem são esses daí?" e ele me falou: "Esses daqui? Eu ainda não sei. Eu tô ainda montando a casa e toda hora fica pouquinho...", fazendo um gesto com sua mão que reiterava o que lhe faltava. Disse-lhe: "Você acha que tem pouquinho" e ele me falou: "Sim. Mas olha: um, dois, três..." e começou a contar os tijolinhos. Contou sete. Eu lhe confirmei. Então ele pegou os bonecos e colocou-os do lado da casa que tinha feito, fazendo uma expressão de desânimo.

Deixou os bonecos no chão, coçou a cabeça e afirmou: "Agora eu não sei qual que eu vou pegar". Ficou um tempo pensando, com o dedo apoiado na boca e olhando para os tijolinhos dos outros. Bruna apontou-o e disse: "Ele só tem sete", e eu confirmei que ele tinha pouco.

Daniel levantou-se, foi até Bruna e pegou três tijolinhos. Ela não falou nada, só olhou sorrindo. Ele continuou sua montagem. Fungava muito. Pegou os dois bonecos e deixou-os. Depois levantou-se dizendo: "Eu acho melhor lavar o nariz!". Ele me contou que havia ficado gripado duas vezes. Acompanhei-o até o banheiro para enxugar o nariz. Enquanto fui acompanhá-lo, as meninas atacaram os tijolinhos de João, desmancharam o castelo dele e pegaram todos para elas.

Daniel sentou em frente ao seu que estava intacto. Pegou os dois bonecos e fez o mesmo movimento que vinha fazendo com eles. Bruna lhe deu dois tijolinhos e ele os acrescentou em seu castelo. Clara tentava pegar o pouco que havia sobrado com João e neste momento Bruna deu mais alguns para Daniel. Eu disse que as meninas estavam mais preocupadas em pegar o brinquedo de João. E Daniel completou: "E elas deviam ficar mais preocupadas em pegar o brinquedo delas". Elas continuavam o jogo com João.

Daniel, vendo João ser atacado pelas duas, levantou-se e começou a pegar os tijolinhos delas e a jogá-los para João. Clara percebeu e levantou-se para defender os seus. Daniel pegou mais alguns e Clara tentava impedi-lo. Então, Clara foi atacar João e Bruna foi tentar impedir que Daniel pegasse mais, pois ele continuava a tirar-lhes os tijolinhos e a mandá-los para João. Daniel levantou e foi levar um para João. Voltou e pegou mais um. As duas cercaram todos os seus tijolinhos deitando-se por cima deles, e Daniel continuou tentando pegá-los, dizendo: "Eu vou pegar mais". Conseguiu um, deu a João, foi ao outro lado e pegou mais dois, também dando-os a João. Este estava passivamente assistindo o embate de Daniel com as meninas.

Depois, João levantou-se, começou a catar os tijolinhos e Bruna foi impedi-lo, liberando sem querer seus tijolinhos para Daniel que estava a procura de um espaço para pegá-los. Assim, Daniel pegou vários e colocou no colo de João, que tinha acabado de perder os seus para Bruna. Daniel continuou mais um pouco e depois foi se sentar pegando seus bonecos.



Em seguida, começou a disputar um tijolinho com as meninas e dizia: "Ainda sobrou algum!". Bruna lhe disse rindo: "Você não tem nada pra fazer castelinho!". Ele retrucou: "É claro! Eu ainda vou brincar com ele!", apontando para João e lhe dando o único tijolinho que estava em sua mão.

Clara voltou a atacar os tijolinhos de João e Daniel atacou os que estavam com Bruna. Eles riam. Daniel saiu com um pouco de tijolinho nas mãos e Bruna saiu atrás dele. Deram algumas voltas correndo no espaço de brincar. Bruna conseguiu pegá-lo pela camisa e ele caiu. Ela continuou puxando-o. Eu disse: "Ó lá, só não pode brigar, porque aqui é uma brincadeira não é uma luta!". Bruna continuava puxando e esticando a camiseta de Daniel porque este tentava se livrar dela. Disse de novo: "Ouvíu, Bruna! E cuidado com a cabeça porque aqui tem vários móveis!". Bruna continuou um pouco.

Daniel voltou a pegar os tijolinhos dela e ela foi defendê-los. Ele tirou um bocado com a mão direita, colocou os bonecos debaixo do braço e pegou mais alguns com a esquerda, dizendo: "Obrigado" e rindo. Bruna disse que não queria mais e se levantou, Clara também e foi se sentar no sofá. Daniel então se levantou para pegar mais tijolinhos do monte delas, deixando seus bonecos, e Bruna correu para eles dizendo: "Eu quero é pegar os dele, isso sim!" e pegou um bolo de tijolinhos. E Daniel correu para os dela, dizendo: "E eu quero pegar os seus!", pegando a boneca-mãe e a boneca-filha.

Então, Bruna partiu para cima dele para recuperá-las. Ele deitou por cima dos bonecos e ela gritava: "Sai daí!" e tentava tirá-lo, gritando mais: "Me ajuda, Clara! Corre! Ele pegou minhas bonecas pra ele!" e tentava desvirá-lo. Daniel estava agarradíssimo aos bonecos. Ela conseguiu tirar a boneca-mãe e colocou-a de lado, tirando também a filha. Falei: "A mãe até saiu sem saia, coitada!". Elas riram.

Daniel então levantou-se e foi pegar mais tijolinhos. Um pegava do outro e estava a maior balbúrdia. Elas jogavam os tijolinhos em cima do sofá para escondê-los. Daniel foi até o monte delas e pegou mais. Os meninos fizeram seu território do lado oposto ao do sofá onde elas estavam. Daniel pegou mais e Clara foi tentar tirá-los. Ele ria e tentava se defender como podia. Ele começou a correr e ela partiu atrás dele na sala. De novo, falei para tomarem cuidado para não se machucarem. Clara conseguiu pegar alguns dele e o soltou. Ele voltou para perto de João.

Daniel voltou para pegar mais. João não se aventurava, só guardava os que eles tinham conseguido. Clara disse: "Páral", Bruna completou: "A gente não tem quase nada!". Estava deitada no sofá sobre aqueles que elas tinham conseguido. Daniel tinha pego bonecos e João jogava-os para elas, dizendo: "Dá os bonecos pra elas!". Daniel ajudou João a juntar os tijolinhos no chão e voltou ao sofá onde elas estavam dizendo: "É só eu pegar os meus!". Pegou quatro tijolinhos e recuperou um boneco (o pai). João jogou o boneco dele de volta para elas. Ele havia voltado para pegar mais e disputava com Bruna, que segurava o braço dele. Falei: "Ó, um não pode machucar o braço do outro, hein!". Bruna o largou e ele voltou a pegar tijolinhos mais duas vezes, disputando-os com Clara no sofá. Bruna voltou a interceder. Elas despejaram tudo no chão e Clara disse: "Eu não quero mais nada!". Estavam ofegantes.

Daniel se acalmou e passou a pegar os tijolinhos que elas jogavam. Bruna, continuando a jogar os brinquedos do sofá ao chão, afirmou que não queria mais brincar e Clara falou o mesmo. Bruna completou: "Tomara que termine logo!". Daniel disse: "Mas daqui a pouco que vai começar a brincadeira!" e continuou



pegando os tijolinhos e jogando-os para João. Ele pegou uma boneca e disse: "Olha, eu encontrei uma menininha!" e pegou outro levando para João e gritando: "Olha só, olha, esse era o bebê que 'tava nascendo!". Daniel estava radiante, talvez porque pela primeira vez tenha podido entrar em contato com todos os brinquedos, cessada "momentaneamente" a hegemonia das meninas.

Bruna, não agüentando vê-los com tudo, pegou para si a boneca-mãe, e ficou colocando a saia dela, dizendo entrementes: "Eu não quero mais mesmo!". Daniel lhe disse: "Ora! Você só quer brincar com essa boneca!". João pegou todos os bonecos que Daniel havia conseguido e devolveu-os para Bruna, que disse: "Éba!". Daniel continuava catando tijolinhos e dando para João e nem se deu conta disto. Levantou a colcha e falou para João: "Ó, tem mais aqui embaixo!".

Clara se levantou com um bolo de bonecos numa mão e foi pegar mais tijolinhos dos meninos. Bruna gritou-lhe: "Eu não quero brincar, Clara, com isso!". Daniel deitou por cima dos tijolinhos que haviam conseguido, segurando-os para Clara não pegar. Daniel levantou-se e puxou a colcha para ver se tinha mais por baixo. As meninas voltaram e pegaram os bonecos. Daniel continuou a catar os tijolinhos espalhados. No final, as meninas ficaram com todos os bonecos e os meninos com todos os tijolinhos. Daniel e João cataram todos os tijolinhos jogados pela sala e os juntaram num monte no meio do espaço de brincar. As meninas estavam sentadas no sofá.

Enquanto os meninos estavam distraídos pegando tijolinhos debaixo do sofá, Clara levantou-se e começou a pegar todos os telhadinhos vermelhos. Daniel afastava o sofá onde Bruna estava sentada para pegar os tijolinhos que haviam caído atrás dele. Ele achou vários e á medida que encontrava, ia jogando-os no monte central.

Quando Daniel viu que Clara tinha pego os tijolinhos, reclamou: "Vocês disseram que só querem seus bonecos!". Clara disse: "É, eu só quero os bonecos". Daniel sentou-se junto aos tijolinhos e disse a João: "Agora vamos começar a decolagem!". Pegou um castelinho na mão, olhou para as meninas que contavam e dividiam os bonecos e disse para João: "Vamos começar!". João já tinha começado a montar algo sozinho e então Daniel começou algo para si. Clara levantou-se e foi até o monte deles pegar novamente mais telhadinhos vermelhos. Eles não falaram nada. Ela voltou dizendo que tinha mais um que estava faltando e então Daniel avançou nos que ela tinha pego, reclamando: "Você disse que só queria os bonecos!". Ela retrucou: "A gente precisa só de um. Desse daqui ó" e pegou um que não conseguiu distinguir o que era. Daniel jogou-lhe então um outro e disse: "Pronto!". Bruna arrematou anunciando: "Olha o que ele deu pra gente!".

Mas elas não estavam satisfeitas. Bruna disse: "Olha o quanto eles têm!" e Clara levantou-se para pegar mais, dizendo-lhes: "Vocês têm muito!". Daniel jogou um para o sofá e disse: "Eu já te dei mais um!". Ela continuou escolhendo alguns telhadinhos e os levou. Clara voltou e falou: "A gente só precisa de um verde!" e pegou-o. Daniel reclamou, pondo as mãos na cintura: "Ó que já 'tá exagerando!". Depois, falou a João, jogando um tijolinho para elas: "É melhor mandar mais um, senão elas pegam mais castelinho da gente". João estava calado, só olhando.

Daniel montou um castelo, no mesmo estilo do que fazia, com a diferença de um telhado mais pontudo. As duas levantaram de repente, sem conseguir brincar com os bonecos, e vieram pegar mais dos meninos. Clara falou: "Eu preciso só mais desse daqui". João tampou todos os telhadinhos que restavam e que Clara

queria pegar. Daniel começou a jogar mais tijolinhos para o sofá onde Bruna estava, tirando de seu próprio castelo. Elas discutiam com João que tentava recuperar os tijolinhos e Daniel jogava alguns para o sofá.

Daniel gritou: "Agora, acho melhor a gente devolver lá pro sofá, antes que elas peguem mais. Esse, esse..." e foi jogando mais tijolinhos para elas. Bruna ponderou, falando que agora elas estavam com a mesma quantidade de tijolinhos que eles. Clara não se contentou e disse que precisava de só mais alguns telhadinhos, pegando-os. Daniel falou para João: "Ainda bem que ela não levou todos!". E completou: "E se eu mando só mais alguns" e atirou uns para elas. Bruna colocou o limite: "Agora chega! Agora a gente tá igual a eles!".

João e Daniel estavam de frente um para o outro, no chão, na mesma posição. Daniel começou a montar algo. Pegou um tijolinho e falou: "O relóginho!", mostrando para as meninas: "Eu acho que vocês precisam de um desse relógio ou então um desse!". Clara escolheu: "Eu preciso do azul!". Depois, ela arrematou: "Dos dois!". Ele jogou os dois e ela deu um grande sorriso olhando para Bruna que disse: "Agora tá bom, vai!". Clara continuou: "E dessa montanha preta! E vermelha!". Bruna disse que elas já tinham, mas Clara insistiu: "É que eu preciso de montanha preta e vermelha". João lhe jogou uma. Daniel lhe perguntou: "Essa?". Ela lhe respondeu: "Essa e uma vermelha". E Daniel: "O João não te mandou uma dessa aí?". Ela respondeu que não. Ela mostrou onde estava e ele mandou as duas para elas. Bruna disse: "Agora, tá bom!".

Um segundo depois, Bruna reclamou: "Ei! Eles têm aquele coiso verdinho e a gente não tem nenhum?". E Clara: "É! A gente precisa de verde!". Daniel lhes disse: "Tá bom!". Tentou pegá-los de João e este disse não. Daniel falou: "Só dois!" e João: "Dois nada!" e Daniel: "Dois sim" e mandou um telhado verde para elas (que foi o que ele conseguiu tirar de João). Bruna agradeceu. Clara disse: "Só mais um!" e ele foi pegar, puxando da mão de João e jogando para elas, dizendo: "Só mais esse!" e Bruna: "Agora tá bom!".

Daniel começou a montar algo e pegou um telhadinho verde. João o retirou rispidamente dele. Daniel pôs uma mão na cintura, sorriu e falou: "Ora!". E aí o disputou com João até conseguir pegá-lo. Pegou mais um e João tentou tirá-lo. Ele falou não e se afastou um pouco de João, pegando mais e falando-lhe: "Que tal você me dar mais alguns desses!". Então tiveram uma breve disputa e João ficou mostrando a Daniel que tinha mais telhadinhos vermelhos. Daniel lhe apontou o dedo e o chamou de "Nenezinho". João pegou-lhe o dedo e o empurrou levemente.

Daniel escolheu alguns tijolinhos para começar a montar algo. Então falou: "É melhor eu pegar mais um desses" e pegou do bolo comum. Mesmo assim, João foi nos tijolinhos dele e pegou um também. Daniel abraçou o bolo comum e puxou-o para si, dizendo: "Vou pegar esses pra mim!" e João pegou de novo alguns dele.

Então, Daniel dividiu o bolo e disse-lhe: "Então toma essa metade pra você!". Com o pé, João puxou a metade que era de Daniel para si. Daniel pegou então a metade dele e riu. João disse: "Agora, acabou as metades!" e Daniel: "Acabou as metades, mas eu quero a metade desta daqui" e foi pegar mais alguns tijolinhos de João. João provocou-o: "Vem catari!" e ele recusou dizendo que já tinha, para que queria mais?

João então lhe deu todos e de cócoras em frente ao grande bolo começou a pegar somente alguns. Daniel escolheu uns para si deste bolo maior. Procurou um

relógio e não achou nenhum, reclamando. Disse para João: "Olha, eu vou fazer um grandão!". Ficou construindo algo e soliloquiando. Quando se afastou um pouco para procurar um outro tijolinho, João mexeu nos dele e para tentar defendê-los, desmanchou o que havia construído. Daniel pegou o telhado verde dele e João então lhe devolveu o telhado vermelho, pedindo o verde de volta: "Dá o meu!". Daniel lhe respondeu: "Esse não é o seu!". Discutiram um pouco a respeito dos telhadinhos verdes e vermelhos.

Anunciei o fim da sessão. Todos me ajudaram a guardar os brinquedos. As meninas e Daniel acenaram um "tchau" para a câmera. Dei-lhes um saquinho surpresa (chocolate e balas).

### G3.2 e 3. Bruna e Clara

O brincar destas duas meninas foi descrito conjuntamente, pois elas brincaram, em quase a totalidade do tempo, uma em relação à outra, ou uma com a outra, e quando brincaram ou interagiram com outros, o fizeram também se relacionando entre si.

#### Sessão 1:

Bruna e Clara ouviram de forma atenta e participativa as explicações iniciais. Quando indaguei a todos a respeito do que gostavam de brincar, Bruna disse que gostava de brincar de Barbie e cachorro. Clara falou que gostava de esconde-esconde e Bruna lhe deu uma cutucada, dizendo-lhe: "E de Barbie e de cachorro!". As duas ficaram sobre os joelhos para esperarem os brinquedos com grande expectativa, tendo dado pequenos gritos e risos quando viram os bonecos.

Bruna pegou primeiramente a boneca-menina e já separou-a de lado. Pegou a boneca-avó e falou: "Olha essa velhinha!", rindo. Clara pegou os tijolinhos e disse que ia fazer um castelo. Bruna mostrou o cachorro para Clara. Disse que ia brincar no chão, fora da colcha, que era melhor. Clara disse que também ia. Bruna foi pegando alguns tijolinhos para si e disse à Clara: "Não vai desmanchar o meu, Clara!", sendo que esta replicou: "Não, por que eu ia fazer isso, desmanchar o seu, Bruna?". E Bruna respondeu: "Porque você tá perto de mim. Às vezes sem querer você desmancha, né? Cuidado! Igual o seu, eu posso esbarrar".

Clara começou a construir algo com os tijolinhos e Bruna também. Clara lhe disse: "É que eu vou fazer muito grande!" e Bruna lhe falou: "Castelo grande tem que tomar cuidado!". Clara respondeu-lhe: "Eu cuido!". Bruna ia colocando uma ponte e falou: "A passagem, para ir pro lugar interno do castelo...". E Clara disse-lhe: "O meu pode ter três entradas!". Bruna pegou mais peças, completando: "Eu tô botando do meu". Disse: "Também eu vou fazer um castelo bem alto!".

As duas montavam seus castelos no chão, mas estavam sentadas na colcha. João jogou o gato para Bruna. Ela lhe devolveu dizendo: "Deixa por aí!". Eu disse: "Tem gato e cachorro também". E ela: "Cadê o cachorro?", procurando-o. Não o achou de pronto, pegou a boneca-menina e falou: "Vou levar a menininha no castelinho", deixando-a do lado do castelo e completando-o. Clara e Bruna pegaram mais tijolinhos. Bruna olhou um deles e falou: "Já tenho relógio", devolvendo-o ao monte central.

Olhou para a construção de Clara e perguntou: "Desse tamanho tá ficando o seu castelo?". Ela respondeu-lhe: "Tá ficando grande, Bruna! É só esperar!". Bruna lhe disse duas vezes: "Olha o meu!". Ela olhou-o e exclamou: "Hum, castelão, hein



Bruna!'. Eu também falei: 'É mesmo, está alto o da Bruna'. Clara falou: 'O meu 'tá quase no chão!'. João disse que o dele estava um pouquinho baixo.

Bruna fez um castelo alto, com telhadinhos. Clara também. Ao terminar, Bruna olhou os dos outros. Depois, olhou para os tijolinhos que sobraram no meio e falou: 'Só faltou isso'. Daniel exclamou: 'Ih, já acabou!' e João completou: 'É só tem isso agora! Ó o meu!'.  
 Depois de ver seu castelo acabado, Bruna pegou a boneca-mãe e disse: 'A mamãe', e em seguida o boneco-menino dizendo: 'O irmão'. Já havia guardado antes para si a boneca-menina e com os três anunciou: 'Minha familinha!'. Anunciou também: 'Agora eu vou desmanchar e fazer outro com essas coisas!'. Olhou o que cada uma das crianças estava fazendo e desmanchou o seu. Clara continuava construindo o seu, que já estava bem alto.

Bruna começou outra montagem silenciosamente. Olhou para João quando este pediu um tijolinho a Daniel. Pegou um tijolinho seu, mostrando-o para Clara e pedindo-lhe: 'Clara, me dá um desse? Empresta?'. E Clara, entretida com o seu, disse: 'Agora vai chegar na parte mais difícil'. Bruna olhava para os meninos o tempo todo. Clara acabou lhe respondendo que não, argumentando que se tirasse um dos seus, o castelo ia cair porque tinha uma entrada, e continuou a construí-lo.

Bruna continuou montando o seu e anunciou: 'Eu 'tô fazendo já o segundo!'. João foi até ela e lhe ofereceu o boneco-bebê em troca de algo. Ela o empurrou levemente e lhe disse: 'Sai!'. Depois exclamou olhando para sua própria construção: 'Acho que vai ficar bom esse castelo, né Clara? O que 'cê acha? Vai ficar bom ou vai ficar ruim?'. Clara ou não lhe respondeu ou o fez tão baixo que não foi possível ouvir.

Bruna continuou montando o seu e anunciou: 'Eu 'tô fazendo já o segundo!'. João foi até ela e lhe ofereceu o boneco-bebê em troca de algo. Ela o empurrou levemente e lhe disse: 'Sai!'. Depois exclamou olhando para sua própria construção: 'Acho que vai ficar bom esse castelo, né Clara? O que 'cê acha? Vai ficar bom ou vai ficar ruim?'. Clara ou não lhe respondeu ou o fez tão baixo que não foi possível ouvir.

Bruna lhe perguntou: 'Ah Clara, 'cê não quer trocar um telhado? Por esses dois?'. Clara acabou dando um telhadinho para ela, colocando-o sobre a construção.

Clara reclamou: 'Eu não tenho nenhum boneco!', desmanchando seu castelo e dizendo que ia fazer um quarto. Bruna lhe deu o boneco-menino. Com voz melosa, Clara apontou a boneca-menina e disse que a queria, mas Bruna não lhe deu, juntando a mãe e a filha. João deu à Clara os bonecos-avós. Bruna riu e disse à Clara: 'Ficou com a vóia e com o véio!'. Depois, apontou-lhe o bonequinho e disse: 'É menino, né?'

Perguntei à Bruna quem ela tinha escolhido. Ela me mostrou os bonecos, dizendo: 'A mamãe e a filhinha!'. Perguntei também à Clara, que respondeu: 'O vovó e a vovó e a netinha!'. Depois, Bruna mostrou-me o seu castelo, falando: 'Olha que bonitinho!', ao que lhe respondi: 'Bonitinho mesmo!'. Perguntei também para as outras crianças e Bruna respondia no lugar delas, definindo quem eram os bonecos. Disse-me também: 'Já 'tô no segundo!', se referindo ao castelo.

Bruna brincou um pouquinho com as bonecas em torno do castelo, como se as fizesse passear, cantando 'Lá, lá, lá'. Depois, anunciou: 'Vou desmanchar e fazer outro!'. Parou para observar a cena de namoro que Daniel fazia com seus bonecos. Clara continuava sua construção ao lado de Bruna, em silêncio.

Depois, Bruna continuou a construir um castelo e propôs uma troca de alguns tijolinhos com Clara. Ao terminá-lo, exclamou: 'Olha que bonitinho!'. Desmanchou-o e falou: 'Agora vou fazer cidade!'. Construía, cantando baixinho. Clara também brincava com a sua boneca-avó e cantava. Bruna olhou para Daniel que tirava a



roupa de uma boneca, riu e falou: "Tirou a roupa... da coitada. Clara, olha o que ele fez!". Clara olhou e Bruna apontou Daniel, rindo.

Ambas continuaram construindo. Bruna falou: "Agora minha casinha, deixa eu limpar... Ih, agora eu tô precisando de telhado, Clara! Só um, Clara!", e ela respondeu: "Mas é o único que eu preciso!". E Bruna: "Vai, Clara, me dá um outro, vai!". E Clara: "Não, eu preciso desses, Bruna!". E Bruna: "Ah, mas pra que esse então? Pra que o telhado?". E Clara: "Esse telhado é pra pôr aqui!", e Bruna: "Ah, me dá um telhado, né! Não dá a casinha assim, ó! Dá um vai! Ó Clara, nem dá pra fazer assim". E Clara: "Vou dar esse, tá? Agora 'cê pega o outro e me dá!". E Bruna: "Ah, não! Eu já te dei! Depois quando 'cê precisar eu te devolvo". E continuaram negociando, sendo que Clara lhe passou o que ela precisava.

Bruna e Clara brincavam todo o tempo lado a lado, cada uma fazendo uma montagem e conversando muito. Eu perguntei o que elas estavam fazendo. Clara disse: "Eu tô fazendo uma cidade junto com a Bruna!" e Bruna respondeu: "Eu já fiz um predinho com três andares". Clara contou-os. Perguntei também o que a mamãe e a filhinha estavam fazendo e ela me disse: "Elas estão passeando no parque!". Clara respondeu que os dela estavam na cozinha e Bruna completou falando: "... comendo um lanche", sendo que Clara concordou com ela. Eu disse que João estava olhando (ele estava no sofá observando-as) e Bruna completou, rindo: "...com fome, olhando o lanche da Clara".

Bruna olhou a construção de Clara e disse: "Eu só coloco um assim quando eu vou fazer" e Clara respondeu: "Ah, deixa eu fazer como eu quero! Eu preciso de mais telhado, mais". Bruna respondeu: "Mas eu não posso te dar!". E Clara: "Dá um! Eu tinha te dado" (fazendo um bico). E Bruna: "Ah, Clara, não dá, me desculpe!". Clara foi pedir então para João: "Posso pegar um?". João levantou-se, foi até o castelo dele e perguntou-lhe: "Esse?" e Clara disse que não, escolhendo um telhado. João lhe deu três. Bruna continuava a montar o seu. Clara voltou e disse: "Vou construir minha cidade!".

Bruna olhou os telhadinhos que Clara tinha ganho de João, foi até a construção dele e perguntou-lhe: "Posso pegar os telhados?". Ele lhe deu todos os telhadinhos de seu castelo, ela riu e voltou com a mão cheia deles, mostrando-os para Clara e dizendo: "Lá, lá, 'cê não pega, ó. Agora 'cê pode me emprestar, também! 'Cê tem muito e eu também, ó!". Clara disse: "Mas eu tenho esses também!".

As duas continuaram montando e Bruna perguntou à Clara: "Que 'cê acha de ficar assim a minha casinha? 'Cê acha que eu devo colocar mais um telhado?". Clara lhe respondeu: "Não, 'cê vai gastar muito telhado!". Bruna sempre falava mais alto e de forma mais taxativa do que Clara, que falava mais baixo, e com voz mais delicada e às vezes manhosa. Bruna lhe disse: "Ah, acho que 'tá bonitinho! (colocou mais um telhado) Olha que bonitinho que ficou", e olhou para Clara sorrindo, buscando sua aprovação. Clara sorriu. Bruna mostrou sua casa para todos nós. Eu lhe disse que parecia uma cidadezinha e ela respondeu que era mesmo. Clara continuou a montar o seu em silêncio.

Então, deitada de bruços, Bruna pegou a boneca-mãe e a boneca-filha, juntou-as de frente, depois de lado, como se estivessem de mãos dadas e falou: "Lá, lá, filhinha! Vamos, vamos pra praia. Ah, as casinhas da cidade são tão lindinhas! Eu queria morar numa delas. Vamos morar, rápido, rápido, na maior de todas! Oh, aí está!" Falava com uma vozinha de faz de conta. Mediu a mãe em

duas delas, dizendo: "Ah, esta bate aqui em mim, e esta bate aqui em mim. Esta aqui! Porque esta bate aqui! (mediu também a filha em relação às casas) É muito pequena. Então eu acho que 'tá bom...". Clara, que havia parado de brincar e a observava atentamente, interrompeu-a e disse, desmanchando o que havia feito: "Eu vou construir um grandão do tamanho da mãe!". E Bruna retrucou: "Por que você não faz igual o meu? Hein Clara?". Clara disse de novo que ia fazer um "grandão do tamanho da mãe".

Bruna sentou-se e anunciou à Clara: "Então, eu vou construir agora um grande. 'Cê você quiser copiar, pode copiar!". E ficou olhando Clara que dizia: "Eu vou construir assim, ó", começando a construção em silêncio. Bruna desmanchou os seus e começou outra construção, afirmando: "Eu vou fazer uma coisa bem grandel". E à medida que ia construindo, ia falando: "Tinha dois blocos, bem grande. Dois blocos..." e começou a cantar uma música inventada com este texto.

Depois, falou para Clara: "Olha o telhado que eu tenho!". Clara olhou-a e continuou a sua construção. Bruna olhou a de Clara e continuou construindo, cantando, sempre observando o que Clara estava fazendo. Perguntou-me em seguida: "Olha, o que 'cê acha do meu?". Disse-lhe que o seu estava alto. João jogou o boneco-bebê que quase atingiu a montagem de Bruna. Clara pegou-o e Bruna deu a ordem: "Joga!", para ela jogar a João de volta, e disse a ele: "Não atreva-se a jogar em cima da gente!". Clara o jogou e ele devolveu-lhe, sendo que ela resolveu ficar com o bebê, dizendo: "Eu tenho um bebezinho!". Bruna a olhou e com voz manhosa lhe disse: "Ah, eu queria um bichinho!". Clara pegou o gato que estava com ela, dizendo à Bruna: "Ó, o bichinho também!". E Bruna pediu-lhe com voz mais manhosa ainda: "Ah, Clara, me dá vai, 'cê tem..." e antes que ela acabasse de pedir, Clara lhe deu o gatinho e Bruna, mostrando contentamento, falou: "O miauzinho! Eu tenho um miauzinho", juntando-a à mãe e à filha que estavam em sua mão. Clara completou: "Só se você trocar por essa", apontando a boneca-mãe. Bruna, já com voz séria e forte, respondeu: "Ah, Clara, vai! Dá um tempo, vai! 'Cê já tem um bebê!".

Clara começou a procurar o bebê, dizendo: "Cadê meu bebê, cadê meu bebezinho?". João a ajudava. Bruna recomeçou a brincar em sua construção com as bonecas e, sem querer, encostou nela e a derrubou, falando: "Ihhhh". Então, olhando para a construção de Clara que ainda estava intacta, anunciou alto: "Eu vou construir uma cidade mesmo!", batendo a mão na perna e repetindo a frase.

Clara e João procuravam o bebê. Bruna parou para procurar também e o achou, debaixo de outro boneco, dando-o à Clara. As bonecas mãe e filha haviam ficado em um canto e Bruna agarrou-as com força, dizendo-lhes com voz brava: "Vem aqui, vocês duas!".

Clara e Bruna recomeçaram a montar algo, cada um o seu. João já estava brincando na frente delas. Bruna parou rapidamente para conferir a cena de namoro e banho que Daniel fazia com os bonecos. Clara brincava mais entretida.

Clara nu como se soluçasse e Bruna lhe disse: "Que risada horrível é essa, Clara?". João pegou alguns tijolinhos de Bruna e ela gritou: "Pára, ô!". Ele reclamou: "Ah, eu te dei os quadradinhos" e ela falou então: "Eu te dou esses daí, ô!". Depois, parou o que estava construindo e perguntou: "Clara, o que você 'tá fazendo, deixa eu ver?". Clara lhe pediu algo que não pôde entender e Bruna lhe respondeu: "Eu tinha oito! E você? Quadradinho desse eu tinha oito!" (neste momento a câmera focalizava Daniel que enterrava seus bonecos debaixo da

colcha; as crianças brincavam em lados opostos do espaço; Bruna, Clara e João brincavam lado a lado, mas eu só conseguia escutar o que Bruna dizia, pois ela falava alto; os outros dois falavam muito baixinho).

Bruna construiu várias casinhas e disse à Clara: "Miau! Minha cidadinha é do miau. Olha que bonitinha! (olhando para o que Clara havia feito) Por que 'cê não faz isso, Clara? É bonito esse!". Clara lhe disse com voz chorosa: "Ah, eu 'tô precisando de três desses...". Bruna sugeriu que Clara usasse outros que eram de Clara mesmo, não dando os seus. Clara aceitou.

Perguntei o que João estava fazendo. Bruna exclamou: "Olha que coisa alta!". Ele acrescentou tijolinhos e a construção tombou. Bruna guardou o gatinho em um dos bolsos de seu vestido e o cachorrinho no outro, dizendo que os dois iam passear. Perguntei à Clara o que ela estava fazendo. Bruna respondeu: "Ela 'tá copiando o meu!" e Clara completou: "'Tá difícil!". Bruna falou-lhe: "Ah, não é tão difícil! 'Tá quase idêntico, Clara". Esta lhe disse: "Quase idêntico ficava com um desse!", apontando um tijolinho da outra. Bruna começou a ajudá-la a montar.

Clara desmanchou o seu e propôs à Bruna: "Quer me copiar? É mais fácil. 'Cê não usa essa peça!". Ambas começaram a montar algo sem ficar definido quem estava copiando quem. Bruna olhou para Daniel quando ele disse que seus bonecos haviam morrido sujos porque esqueceram de tomar banho. Deu também uma opinião a respeito de como ele devia tirar a roupa do boneco. Clara deu igualmente sua opinião.

Bruna estava montando algo muito alto e Clara, várias construções baixas, donde concluí que estavam construindo de forma independente, não mais copiando uma da outra. Enquanto isso, Daniel falava que era parecido com o Zequinha e Bruna disse que sabia quem era esse personagem.

João tentou pegar um tijolinho de Bruna e esta gritou: "Pára, sai! Ai!". O castelo dela calu, ela deu um gritinho e aplaudiu. Depois, reclamou novamente com João: "Ai, dá!". Bruna observou o castelo de João e disse à Clara: "Olha, ele tem muito telhado no castelo dele!". Clara disse: "Olha, uma casa de ponta-cabeça!". Clara começou a procurar de novo o bebê: "Cadê meu nenen?" e Bruna disse-lhe que não sabia, perguntando-lhe: "'Cê não acha que 'tá no seu bolso?". Clara respondeu que não.

Bruna fazia uma construção diferente, em forma de quadrado, como uma pequena fortaleza, e levantava suas muralhas. Observei que João havia feito novamente um castelo bem alto e disse isso. Bruna retrucou: "Mas sem telhado!". Depois perguntou: "Ele não sabe fazer outra coisa?", o que deixou João com uma expressão de sem graça. Bruna mostrou o dela, falando: "Olha o meu que bonitinho!". E desmanchou-o.

Clara perguntou-lhe: "Você não quer mais a sua menininha?" e Bruna respondeu: "Quero, por quê?". Clara explicou: "Porque eles 'tão muito longe!". Bruna lhe disse: "Porque eles 'tão dormindo". Clara pediu-lhe com voz chorosa: "Ah, então me dá o gatinho, Bruna. 'Cê não trocou por uma coisa... Onde eu botei o nenen?". Bruna respondeu irritada: "Ah, Clara, você acabou de achar, vai!", enfiando a mão no bolso do vestido dela, mas ele não estava lá. Clara cantava: "Onde está o nenen?".

Eu perguntei à Clara: "Você estava querendo a menininha?" e ela respondeu: "É, eu troquei pelo gato e ela não me deu nada!". E Bruna respondeu: "Claro, né



Clara, 'cê tem quatro, eu tenho três!". Clara insistiu pedindo-lhe o gato e oferecendo-lhe outra coisa em troca. Bruna não lhe respondeu. Clara propôs: "Então vamos fazer assim, a gente junta os quadradinhos?". Bruna aparentemente não lhe deu atenção, mas desmanchou seu castelo, empurrou seus tijolinhos em direção à Clara e disse: "Então, vamos juntar a cidade e fazer tudo junto?". Clara concordou e juntou os dela. Bruna disse: "Daí eu sou esse, 'tá?", mostrando a mãe e a filha, e Clara mostrou-lhe os avós. Bruna mandou-lhe: "Vai montando alguma coisa, Clara!" e esta respondeu que ia montar.

Bruna começou a brincar com as bonecas, fazendo-as conversarem baixinho. Não era possível entender o conteúdo da conversa. Clara pegou o vovô e disse: Ela fazia um monte de docinho pro vovô ajudar!", brincando com Bruna que tinha pego também a avó. As meninas ficaram brincando de costas para João e este começou a puxar lentamente os tijolinhos delas, olhando com uma expressão marota para a câmera.

Bruna perguntou à Clara se ela queria o cachorro ou o gato. Ela escolheu o gato e Bruna disse que ele ia arranhá-la. Então, Clara disse que queria o cachorro. Bruna levantou-se e propôs a Daniel: "Você não troca o cachorro pelo gato?". Este concordou e houve a troca. Continuaram brincando. Bruna imitava o latido do cachorro.

Clara propôs: "Vamos fazer tudo direitinho: primeiro a cidade, depois a gente brinca!". Bruna lhe disse: "É, vai você fazer!". Clara reclamou: "Você fica aí brincando e eu vou fazer a parte mais difícil!". Bruna, deitada de bruços no chão, brincando com a mãe e a avó, lhe disse: "Ah, Clara, depois a gente troca, você brinca... Por enquanto que você faz tudo, eu vou brincando assim com todos. Depois você vai ser um e eu vou ser outro!". Clara ficou com uma cara de bico, mas continuou montando.

Bruna então ficou brincando sozinha com a avó, a mãe e a filha, fazendo-as conversar, muito unidas, enquanto Clara montava a cidade, vários predinhos baixos e próximos. Na brincadeira de Bruna, a filha falava com a avó, que estava do lado da mãe, e a avó explicava à filha que não era a mãe. Depois, a mãe ensinava a filha algumas coisas e contava isso para a avó (enquanto isso, João continuava pegando devagarinho os tijolinhos de Clara, sem que esta percebesse). Bruna imitava os latidos de cachorro, fazendo o bichinho se juntar às três bonecas. Ficou bastante entredida brincando, falando sem parar, muito baixinho, e não era possível entender o que dizia. Depois, colocou o avó entre elas, quando Clara perguntou-lhe quem eram. Bruna parou de brincar e jogou-lhe as bonecas, ficando só com a mãe. Clara pegou a filha e Bruna gritou: "Ei, eu que sou ela!", puxando-a da mão de Clara. Bruna pegou o bebê, o que fez Clara reclamar: "Ah, o bebê é meu!". Bruna não deixou ela pegar o bebê e falou: "Eu sei, Clara! Não posso nem pegar?", ficando com ele.

Clara continuou a montar a cidade. Bruna colocou o bebê nos braços da mãe e a fez passear, com o cachorrinho ao lado. A filha chegou e disse à mãe, apontando o bebê: "Ô mamãe, que bonitinho!". A mãe lhe explicava que ia dar um banho no bebê. Clara pegou o avó e se juntou à brincadeira. De repente, Bruna olhou para os castelinhos e gritou: "Olha o que ele 'tá fazendo! 'Tá desmanchando a cidade!", se referindo a João que pouco a pouco tirava os telhadinhos delas.

Bruna pegou a boneca-mãe e com ela varreu os seus tijolinhos para si, desmanchando todas as casinhas que Clara tinha construído e desmanchando



também uma parte do castelo de João. Começou a pegar telhadinhos de João afirmando: "Ele pegou nossos telhados!". Clara desmanchava o castelo dele com o pé e na. Para se defender, ele acabou de desmanchar seu próprio castelo e colocou todos os tijolinhos debaixo de seu corpo, curvando-se para que Bruna não os pegasse, e ela fez o mesmo. Os três davam risadinhas.

Bruna e João ficaram nesta posição, um de frente para o outro. Bruna guardava os tijolinhos delas e os bonecos. Clara fez o avô perguntar às bonecas de Bruna: "Vocês acharam um bebê?" e Bruna respondeu-lhe que sim. João disse-lhes: "Vocês tem mais!" e Bruna: "Você... Deixa eu ver! Abre!". João explicou como pegou os tijolinhos delas sem que Clara visse. Clara amarrava o cachecol no pescoço do boneco-avô. Bruna gritou-lhe: "Vai, Clara, vamos ficar juntas!".

Bruna começou a tentar pegar os tijolinhos dele, falando: "Ah, Clara, cuida dele, Clara, olha!", enfiando o braço aonde ele os escondia (debaixo do corpo). Clara continuava arrumando o avô. Bruna dizia: "Dá logo, João! Dá! Ah, você dá! É nossa peça!". Ele abriu um pouco e ela tirou um. Ele respondeu que não tinha mais delas. Ela foi verificar. Clara pegou-lhe alguns. Ele passou tudo para elas e Bruna disse: "É, tudo pra nós! Você não vai brincar mais!". Ele lhe respondeu baixinho: "É claro que eu vou!". E ela perguntou em tom desafiador: "Então por que você não tem peça?". Ele tentou pegar uma e ela disse, tirando-lhe o braço: "Não vai pegar não, pode ir saindo!". Ele puxou uma parte dos tijolinhos reivindicando um pedaço. Clara ajudou Bruna a pegá-los.

As duas tentavam recuperá-los, e Bruna gritava que ele estava pegando. Ela pediu de volta alguns, virou-se para Clara e falou: "Deixa! A gente tem mais peça, né Clara, pra montar!". Bruna percebeu que, enquanto ela estava recuperando os tijolinhos com João, Clara começou a brincar com as suas bonecas, e então pediu-as de volta insistentemente. A boneca-mãe havia sumido na bagunça. Clara a encontrou e Bruna gritou-lhe: "Me dá, Clara, me dá!". Clara deitou no sofá sobre a boneca, pedindo-lhe em tom choroso: "Deixa eu ficar um pouquinho com a mamãe!". Bruna gritou: "Me dá!" e puxou-a de Clara. Esta saiu do sofá e lhe disse: "Bruna, eu não fui a mãe!". Bruna gritou que João estava pegando mais tijolinhos.

As duas pegaram os tijolinhos e os colocaram sobre a colcha e conversavam. Clara: "Eu vou pôr aqui em cima que ele não pega", e Bruna: "Se ele pegar a gente não vai deixar", e Clara: "A gente vai montar aqui a nossa cidade", e Bruna: "É, e ele não vai mais mudar de lugar, viu!". Bruna colocava a saia na boneca-menina, que havia caído na correria.

João ficou com uma postura de que poderia "atacar novamente" e Bruna guardava o local onde elas haviam colocado os brinquedos. Ele riu, disse que não precisava dos dela e mostrou que tinha ficado com alguns telhadinhos na mão, levantando-se e indo para o lado de Daniel. Clara disse: "Ele quer pegar!" e Bruna respondeu: "Se ele pegar a gente dá uma porrada nele! Pra ele aprender, né Clara!", falou isso enquanto vestia a boneca. Bruna mandou Clara pegar os telhadinhos dele. Esta concordou, mas demorou um pouco para ir. Bruna a empurrou levemente, mas gritou com tom bastante agressivo: "Vai, Clara, vai logo fazer... Vai, Clara! Olha o que ele fez! Ele pegou o seu!". Daniel falou: "Cê sabe que nem é meu. Eu nem vou precisar mais do castelo!". Clara foi pegar alguns dele (que na verdade eram de Daniel), e João avançou nos delas, sendo que Bruna o empurrou gritando: "Sai, João!". Ele disse: "Vocês pegam o meu!" e se colocou sobre os tijolinhos que ele havia pego. Clara gritou: "Me ajuda!" e Bruna foi puxá-lo por trás.

Neste momento, eu intercedi, dizendo-lhes que não podiam brigar, que cada um tinha escolhido um pouco para brincar. João tentava se livrar de Bruna e esta soltou a roupa dele.

Clara aproveitou a confusão e pegou a boneca-mãe. Bruna, ao perceber, foi tirá-la dela. Começaram a disputá-la. Clara pedia: "Deixa eu ser um pouco a mamãe! Deixa eu ficar um pouquinho, 'cê já foi muito! Eu vou ser um pouquinho a mamãe!" e Bruna gritava: "Ah, não! Pode me dar!", tendo puxado com força a boneca de Clara, que ficou só com a saia dela. Bruna disse: "Ah, Clara, eu nem brinquei!" e Clara colocou a cabeça na colcha como se fosse um avestruz. Depois, ficou com uma expressão de choro e Bruna disse de novo: "Eu nem brinquei, eu só parei um minuto", e Clara retrucou: "Cê não parou um minuto, não". Bruna repetiu o que ela falou em tom de gozação. Clara pegou outros bonecos para si, dizendo: "Eu pego o bebê, o vovô, a vovó e o cachorro". Bruna perguntou: "Cadê o cachorro?", e Clara: "O cachorro? Tá comigo!", com voz chorosa. Bruna disse rispidamente: "Me dá!" e Clara: "Era meu!", e Bruna: "Não era!", e Clara acabou lhe dando, dizendo que estava trocando, mas não recebeu nada em troca. Bruna mostrou-lhe: "Ó quantos eu tenho e olha você, ó". E Clara dizendo que tinha o neto e os avós.

João cutucou Bruna com o pé e ela lhe gritou para parar, dizendo-lhe que ele já estava com os tijolinhos delas (ele tinha muito pouco). Bruna disse: "Clara, ele pegou o nosso!". Depois gritou agressivamente para Clara, ordenando-lhe: "Clara! Vamos montar a cidade!". Puxou todos os tijolinhos para elas e pegou suas bonecas. Clara propôs que Bruna colocasse suas bonecas junto das delas e Bruna respondeu: "Não, porque você mexe!". Depois, Bruna definiu: "Eu vou tomando conta se eles não pegam nossos bonecos. Clara! Você toma conta desses!". E as duas ficaram de guarda sobre os brinquedos.

Encerrei a sessão, perguntando-lhes se eles concordavam em brincar mais uma vez na próxima semana, ao que eles responderam positivamente.

## Sessão 2:

Ao ver os brinquedos, Bruna soltou gritos de contentamento. Pegou a boneca-mãe para si, segurando-a fortemente, e deu a boneca-avó para Clara, que a olhou e a deixou em seu colo. Bruna gritou-lhe: "Ajuda!" e Clara foi catando os tijolinhos, colocando-os em cima de seu vestido e dizendo: "Pra gente! Pra gente!". As duas começaram a pegar tijolinhos e Bruna lhe disse: "Ó Clara, isso a gente vai juntar lá no chão!". Clara despejou-os no chão, dizendo: "Aqui!".

Bruna disse-lhe: "Eu vou levar a mamãe!" enquanto Clara falava-lhe outra coisa: "Eu sou o caminhão", pedindo que Bruna colocasse os tijolinhos em seu vestido para que ela os despejasse mais adiante. Bruna começou então a jogar os castelinhos no vestido de Clara, exclamando: "Ah, tem casinha diferente!". Enquanto Bruna enchia o vestido de Clara, esta olhava o que João e Daniel faziam.

Bruna empurrou alguns tijolinhos para João dizendo-lhe: "Pode ficar com isso pra você porque a gente já tem muito, né Clara?". Depois, perguntou para Clara: "Do que que a gente vai brincar?". Clara despejava os tijolinhos delas no local escolhido para guardá-lo. Bruna disse a João: "Ah, não! 'Cê tá pegando tudo!", e recuperou o restante dos bonecos, e Clara, ao mesmo tempo afirmou: "Ah não, esse é nosso!", tirando um telhadinho dele. E Bruna: "Cadê o bebê? Aqui o bebê!", pegando-o de perto de João e dizendo à Clara: "Toma Clara! Já peguei todos esses daqui pra você, ó! Olha quantos 'cê pode ser!", mostrando-lhe os outros bonecos

(menos a mãe e a filha), completando: "Papai! 'Cê pode ser o papai!", levantando o boneco e mostrando-o para ela. Clara respondeu que não e continuou montando tijolinhos.

Na seqüência, Bruna tentou fazê-la aceitar outro boneco (isto, muito provavelmente, prevendo que a amiga iria acabar disputando com ela a mãe e a filha): "Clara, ó o bebê que 'cê adora!". Clara pegou o bebê e disse: "Eu vou ser a filhinha!" e Bruna respondeu-lhe: "Não! Só pode ser mais um! 'Cê quer ser esse daqui ó?", mostrando-lhe outro. E Clara respondeu: "Então, eu vou ser a vovô!". Bruna lhe deu a avô. Contou que tinha 4 bonecos (a mãe, a filha, o filho e o cachorro). Clara lhe disse: "Eu quero o gatinho!" e Bruna lhe falou: "Ah, não! Só a cozinheira!", passando-lhe esta boneca para ela. Clara não aceitou, jogou todos os seus no chão e disse: "Não, deixa tudo no chão mesmo! Pega o vovô, lá", mostrando o boneco-avô que ainda estava próximo de João.

As duas viraram de costas para todos e de frente para um sofá e neste espaço, começaram a brincar. Bruna lhe disse: "Essa é a calça do papai!", separando-a de lado. Clara pegou alguns tijolinhos e disse que eram seus, bem baixinho e Bruna respondeu alto: "Não é seu, não! A gente vai brincar junto!". Depois ordenou à Clara: "Me ajuda! A gente vai montar junto, Clara!".

Mas Clara, do lado dela, parecia estar montando algo seu e Bruna não conseguiu convencê-la. Bruna perguntou-lhe: "Tem mais um desse? Tem, eu preciso de um desse!" e pegou-o de Clara, sendo que esta olhou seu movimento. Clara levantou-se um pouco e olhou para trás e Bruna lhe disse: "Val, Clara, ajuda aí".

Bruna pegou a cozinheira e o bebê do monte de Clara e falou-lhe: "Ó, 'cê é cinco e eu também sou cinco, 'tá Clara?", deixando-a com os avós, o gato, o pai (eu não consegui ver qual era o quinto boneco). Esta não lhe respondeu. Estava montando algo com os tijolinhos. Bruna lhe mostrou o gato, falando: "Miau, miau, você é o gatinho!". Então, Bruna lhe disse: "Eu sou esse, esse, esse, esse, esse, olha qual que eu sou, Clara!", expondo seus bonecos no seu colo. Clara olhou-os.

Nesse momento, Daniel pegou a boneca-avó e o boneco-avô e Bruna gritou-lhe: "Ei!", tentando alcançá-la. E ele lhe respondeu: "Mas ela também deixou!" apontando para mim. Bruna olhou-me séria. Clara pegou o bebê e depois deixou-o. Eu lhes disse que podiam dividir, cada um podia usar um pouquinho. Bruna se dirigiu à Clara: "Agora, qual você quer ser, Clara?", mas foi separando os que ela (Bruna) queria para si. Depois, juntou os restantes e lhe disse: "Ó, você é esses daqui, 'tá Clara? Tô, Clara, teu papai...". Clara não parou de montar os tijolinhos e disse à Bruna, com tom choroso: "Eu quero ser outro..." e Bruna olhou para o casal de avós que estavam com Daniel, como se pensasse "eu tenho que recuperá-los, senão ela vai querer os meus". Olhou também para a câmera, rapidamente, talvez lembrando que a câmera estava "vendo".

Então, falou outro assunto à Clara, mostrando-lhe um tijolinho e dizendo-lhe: "Olha aqui! Esse aqui que é de prédio, olha!". Clara olhou e Bruna tirou um do que ela estava construindo, o que a fez dizer: "Ah, eu preciso!". Bruna afirmou-lhe taxativamente: "Nós duas vamos construir!" e Clara repetiu: "Mas eu preciso...". E Bruna falou, meio sem paciência: "Tá aqui, Clara, o que você quer!", mostrando que estava em sua própria construção. Clara tentou pegá-lo de volta, falando: "Ah, Bruna, dá aí, Bruna", com voz bem chorosa. Bruna não lhe deixou pegar e



perguntou: "A gente não vai brincar junta?". E Clara reclamou: "Mas eu 'tava fazendo um prédio e não tem mais!".

Bruna não concordou em emprestar o seu à Clara e olhou para trás procurando o que a amiga queria na construção de João, apontando-a e dizendo à Clara: "Ó esses três!". Clara não olhou para João e, quando Bruna virou para apontá-lo, ela conseguiu recuperar um tijolinho de Bruna e continuou montando o seu prédio. Daniel pegou dois tijolinhos do monte de João e jogou-os para Clara.

Bruna, mostrando a sua construção, disse à Clara: "Aqui, uma portinha aqui, ô!". Clara olhou e continuou a fazer o seu. Bruna olhava o que ela construía. Mostrou-lhe outro castelinho. Clara não olhou, afastou-se um pouco e falou: "Já montei o meu prédio!". Era um comprida torre feita com os quadradinhos. Bruna lhe falou: "Não ficou grande coisa!".

Clara continuou aumentando seu prédio, tendo pego um tijolinho maior (o primeiro), e Bruna reclamou-lhe: "Ei, só você que quer pegar do grandel", e Clara tirou a mão para Bruna não pegar o tijolinho de volta. Quando Bruna virou-se, Clara pegou um pequeno, e Bruna perguntou-lhe: "Pegou o quê, Clara?", e Clara com um bico, mostrou-lhe. Vendo o que era, Bruna falou-lhe: "Ah, Clara, eu preciso de um também, né" (mas todo o restante dos tijolinhos estava com Bruna).

Bruna e Clara olharam para Daniel quando eu lhe falava que somente a roupa e o cachecol poderiam ser retirados. Uma olhou para a cara da outra e riu silenciosamente de Daniel. Cada uma continuou montando sua construção. Bruna, olhando a de Clara que estava ficando muito alta, perguntou-lhe em tom de brincadeira se o prédio dela ia alcançar o teto, apontando-o. Clara respondeu-lhe que não e continuou aumentando-o. Bruna lhe dizia: "Vai cair. Se você fazer maior que isso, vai cair". E olhando o seu, que seguia o mesmo modelo do de Clara mas estava menor, disse-lhe: "Pra mim já 'tá bom!".

Clara ria de satisfação de seu prédio que só aumentava e não caía. Bruna foi olhá-lo e falou: "Ai! Vamos fazer uma cidade juntas!" e desmanchou o seu. Clara, contente, falou: "Olha o meu prédio!" e bateu com o pé nele falando: "Caiu!". Bruna propôs de novo montarem uma cidade juntas e Clara não respondeu, falando que uma peça havia caído debaixo do sofá.

Bruna olhou para os tijolinhos de João e disse, em tom meloso, olhando de volta para os seus: "Ahhhh, a gente só tem quatro desses!". Clara completou: "E ele tem mais!". Ambas o olharam e Bruna falou: "A gente só tem quatro e a gente tinha que ter mais, Clara!", que respondeu: "A gente precisa ter todos desses!". Clara disse depois: "Eu vou montar uma casa" e Bruna lhe mostrou: "Ó, Clara, o telhado de uma casa!". Clara olhou e observou algo que não pude entender o que era. Clara falava sempre muito baixinho e Bruna com um bom volume de voz.

Bruna disse: "Sabe de uma coisa, vamos separar todos que tem aí!", pegando alguns que estavam com Clara e lhe dizendo: "Todos que tem aí, a gente vai colocar aqui (do lado de Bruna), 'tá Clara!". Esta lhe respondeu: "Eu 'tô montando uma casinha!". Bruna tentava convencê-la: "Não, Clara, a gente tem que separar pra ficar mais fácil de achar tudo!". Clara deu-lhe a mesma resposta e continuou montando. Bruna insistiu: "Sabe por quê? Clara! Não monta mais uma coisa que a gente 'tá separando umas coisas!". Clara lhe dizia: "Calma, Bruna, calma!". Bruna pegava os tijolinhos de Clara, para arrumá-los com ela. Clara continuava sua montagem.



Bruna insistiu: "Ei Clara, vamos juntar todas as nossas peças juntas pra gente fazer uma coisa muito grande? Uma cidade, com várias casas?". Clara não lhe respondeu e continuou a montar a sua casa. Bruna foi mais ríspida: "Clara! Eu já disse!" e esta lhe respondeu: "Eu já 'tô montando uma cidade!". Bruna foi olhar o que ela estava fazendo. Então, Clara disse: "Consegui", desmanchou o que fez, e falou: "Já sei, Bruna!". Bruna disse, ao mesmo tempo: "Agora vamos separar tudo!". Clara mostrou-lhe: "Vamos separar estes vermelhos..." e Bruna lhe falou: "Ah, 'tá, mas olha como eu 'tô separando, esses de pé!". Clara virou-se e perguntou-lhe: "Que mais?".

Bruna passou-lhe um tanto de tijolinhos e falou: "'Tô, Clara, o que eu 'tô separando!". Clara ficou segurando-os e depois tentou imitar um equilibrista. Bruna lhe falava em tom de bronca: "Clara! Vail Vamos separar tudo, vail Pra depois a gente poder brincar junto!", Bruna cantava enquanto separava.

Perguntei o que João havia construído. As meninas olharam. Eram um lindo castelo, cuidadosamente construído. Bruna foi vê-lo e falou: "'Tá com cara de castelo!". Perguntei também o que elas haviam feito. Clara respondeu: "Ainda nada!" e Bruna completou: "Ainda nada, a gente só 'tá separando!". E quando eu perguntei o mesmo ao Daniel, Clara o olhou.

Bruna propôs à Clara: "Vamos fazer um prédio!". Clara estava já construindo algo seu e disse que havia feito um castelo. Bruna tomou-lhe um telhado, dizendo com voz brava: "Todos os telhados grandes são pra você, é?". Clara respondeu: "Eu preciso!". E Bruna: "Eu também preciso, Clara!". E Clara: "Mas eu peguei primeiro!", e Bruna: "Dá isso logo, que eu preciso usar!". E Clara explicava que se pegasse ia desmanchar o que estava fazendo. Bruna então lhe disse que era para lhe dar o telhado. Clara lhe respondeu: "Pega dele, ele tem!", apontando João. Bruna o olhou, foi até ele, pegou um telhadinho do castelo dele, falando para Clara: "Você que disse!", e Clara riu. João não se manifestou. Clara falou à Bruna: "Vê se tem mais um lá". Bruna foi até ele para pegar mais, e eu lhe disse para lembrarem que todos tinham o mesmo direito. Bruna então devolveu os dois tijolinhos a João e disse à Clara: "Já 'tá bom pra gente!".

Bruna pegou a boneca-mãe, falando: "Eu sou essa" e depois o cachorro, imitando latidos. Clara continuou montando e falou que estava fazendo um castelo. Bruna a olhava. Clara pegou alguns tijolinhos e Bruna reclamou com ela. As duas olharam para Daniel quando ele contava os seus tijolinhos dizendo que tinha pouco. Uma olhou para a outra, e continuaram a montar.

Com alguns telhadinhos na mão, Bruna virou-se para o castelo de João e disse: "Ei!", contando os telhadinhos dele. Falou então à Clara: "Ahh, o João tem quatro, ele pegou escondido da gente!" (o que não era verdade). Clara e Bruna se olharam. Bruna foi até o castelo de João e disse que ela tinha três e ele quatro. João olhou-a, não lhe respondeu, mas escondeu os seus quatro. Ela contou os tijolinhos de Daniel, dizendo-me: "Ele só tem sete". Daniel levantou-se e foi pegar alguns tijolinhos (talvez dois) de Bruna e ela não reclamou. Bruna dirigiu-se a João e falou à Clara: "A gente 'tá precisando de um grande, Clara", referindo-se ao telhado grande, e esta lhe disse: "Mas não tem mais!". Bruna lhe disse: "Só ele tem, né!", apontando João com o pé. João jogou um telhado grande para elas e Bruna deu um gritinho de contentamento. Eu afirmei: "Ó, ele deu pra vocês" e Bruna retrucou: "Ele não deu. Era nosso!". Continuei: "Ah, você tinha dado para ele?" e ela respondeu: "Não, ele pegou, escondido mas pegou!".

Daniel disse que ia enxugar o nariz e fui ajudá-lo. Quando eu sai da sala com Daniel, João jogou mais três telhados grandes para elas. Bruna lhe deu outros e ele lhe devolveu. Clara disse que ele estava devolvendo tudo e as duas riram. Bruna disse: "Ele não quer!" e Clara: "Então, já que você não quer a gente pegal". Bruna falou séria: "Ele não quer mas deixa pra ele!". Mesmo assim, Clara tirou um do castelo dele, dizendo: "Esse eu vou tirar! Era nosso!". Bruna pegou e tentou pegar outro que Clara acabava de tirar dele, falando-lhe: "Não, Clara, a gente já tinha muito azul! Deixa o azul com ele!".

Clara pegou outro de João, dizendo: "Então, vermelho a gente não tem!". Bruna disse-lhe: "Então, deixa esse!". Ele começou a jogar para elas telhadinhos vermelhos. No movimento, sua mão bateu na mão de Clara, voltando a seu castelo e fazendo-o cair. Clara aproveitou-se da situação e pegou muitos para ela, rindo. Bruna fez o mesmo. João jogava o restante para elas que catavam os últimos dele.

Quando eu voltei, percebi que algo havia acontecido e disse-lhes isso. Elas riram. João havia conseguido recuperar talvez uns quatro tijolinhos para si. Bruna falou: "Vamos, Clara, vamos fazer o nosso castelo!", e Clara respondeu: "Vamos!". E Bruna completou: "Eles ficaram sem nada!".

Bruna empurrava dois tijolinhos para Daniel, quando João os pegou. Bruna rindo, apontou para João, falando: "Olha quantos o João tem!". João levantou e pegou um delas. Bruna gritou. Clara falou: "Não deixa ele pegar não!". Bruna pegou um telhado verde pontudo, pôs na boca, fez que estava fumando, soltando baforadas, e disse para Clara: "Clara, ó, ó!". Clara pegou um tijolinho e colocou-o na boca.

Clara atacou os tijolinhos de João e Bruna foi ajudá-la. Bruna deu alguns para Daniel e Clara estava tentando tirar mais de João. As duas atacaram João por trás, Bruna segurando sua blusa e conseguiram tirar alguns tijolinhos dele. Disse que elas estavam mais preocupadas em tirar os tijolinhos dele. E Daniel completou dizendo que elas deviam ficar mais preocupadas em fazer o brinquedo delas.

Mas João também se divertia, levantando os braços para elas não alcançarem os tijolinhos. Rindo, elas agarraram cada uma as mãos dele e arrancaram o que puderam. Tentavam a todo custo abrir a mão dele, cada uma pegando uma das mãos. Sinalizei para tomarem cuidado para não se machucarem.

Daniel, vendo João ser atacado pelas duas, levantou-se e começou a pegar os tijolinhos delas e a jogá-los para João. Clara percebeu e levantou-se para defender os seus. Bruna começou a pegar os tijolinhos de Daniel. Este pegou mais alguns e Clara tentava impedi-lo. Então, Clara foi atacar João e Bruna foi tentar impedir que Daniel pegasse mais. As duas cercaram todos os seus tijolinhos deitando-se por cima deles, e Daniel continuou tentando pegá-los, dizendo: "Eu vou pegar mais". Conseguiu um, deu a João, foi ao outro lado e pegou mais dois, também dando-os a João. Este estava passivamente assistindo o embate de Daniel com as meninas, e pegava alguns tijolinhos que haviam caído de lado. Bruna gritava: "Não!", tendo se levantando para pegar os tijolinhos que estavam perto de João.

Com esse movimento, Bruna liberou sem querer seus tijolinhos para Daniel que estava a procura de um espaço para pegá-los. Assim, Daniel pegou vários e colocou-os no colo de João, que tinha acabado de perder os seus para Bruna. Clara e Bruna deitaram-se em cima dos seus novamente e riam muito. Daniel continuou mais um pouco. Clara e Bruna reclamaram: "Ele tá pegando tudo!".

Clara voltou a pegar tijolinhos de João. Em seguida, Bruna tentou disputar um tijolinho com Daniel que dizia: "Ainda sobrou algum!". Bruna respondeu-lhe rindo: "Você não tem nada pra fazer castelinho!". Ele retrucou: "É claro! Eu ainda vou brincar com ele!", apontando para João e lhe dando o único tijolinho que estava em sua mão. Clara pegou o tijolinho.

Clara recomeçou a atacar os tijolinhos de João e Daniel atacou os que estavam com Bruna. Eles riam. Daniel saiu com um pouco de tijolinho nas mãos e Bruna, dando um grito estridente, saiu atrás dele. Deram algumas voltas correndo no espaço de brincar. Bruna conseguiu pegá-lo pela camisa e ele caiu. Ela continuou puxando-o. Eu disse: "Ó lá, só não pode brigar, porque aqui é uma brincadeira não é uma luta!". Bruna continuava puxando e esticando a camiseta de Daniel porque este tentava se livrar dela. Disse de novo: "Ouviu, Bruna! E cuidado com a cabeça porque aqui tem vários móveis!". Bruna continuou um pouco. Clara, enquanto isso, tentava abrir a mão de João para tirar mais tijolinhos.

Daniel voltou a pegar os tijolinhos delas e Bruna foi defendê-los. Clara foi ajudá-la e depois voltou a pegar os tijolinhos de João. Ele tirou um bocado com a mão direita, colocou os bonecos debaixo do braço e pegou mais alguns com a esquerda, dizendo: "Obrigado" e rindo. João também tinha se levantado para pegar mais das meninas. Clara tentava juntá-los no centro da colcha.

Bruna disse que não queria mais, jogando o que tinha na mão, e se levantou, Clara disse: "Nem eu!" e foi se sentar no sofá. Daniel então se levantou para pegar mais tijolinhos do monte delas, deixando seus bonecos, e Bruna correu para eles dizendo: "Eu quero é pegar os dele, isso sim!" e pegou um bolo de tijolinhos. Clara continuava sentada. E Daniel correu para os dela, dizendo: "E eu quero pegar os seus!", pegando a boneca-mãe e a boneca-filha. Clara abaixou-se, pegou um bolo de tijolinhos dizendo: "E eu quero pegar os meus!".

Então, Bruna partiu para cima dele para recuperá-las. Ele deitou por cima dos bonecos e ela gritava: "Sai daí!" e tentava tirá-lo, gritando mais: "Me ajuda, Clara! Corre! Ele pegou minhas bonecas pra ele!" e tentava desvirá-lo. Mas Clara estava preocupada em catar os tijolinhos e guardá-los em cima do sofá. Bruna gritou: "Ele tá pegando minhas bonecas pra ele!" e conseguiu tirar a boneca-mãe, colocando-a de lado e tirando também a filha. Falei: "A mãe até saiu sem saia, coitada!". Elas riram.

Daniel então levantou-se e foi pegar mais tijolinhos. Um pegava do outro e estava a maior balbúrdia. Bruna, segurando as bonecas, gritava: "Cuidado!". Clara jogava os tijolinhos em cima do sofá para escondê-los. As duas deitaram-se em cima dos seus, no sofá, rindo.

Daniel foi até o monte delas e pegou mais. Os meninos fizeram seu território do lado oposto ao do sofá onde elas estavam. Clara desceu do sofá para catar mais para elas e Bruna os guardava no sofá. Daniel pegou mais e Clara foi tentar tirá-los. Ele ria e tentava se defender como podia. Ele começou a correr e ela partiu atrás dele na sala. De novo, falei para tomarem cuidado para não se machucarem. Clara conseguiu pegar alguns dele e o soltou. Ele voltou para perto de João que dizia que estava com sete.

Clara voltou para o lado do sofá, catando mais tijolinhos. Bruna continuava esticada no sofá, em cima deles. Daniel voltou para pegar mais. João não se aventurava, só guardava os que eles tinham conseguido. Clara disse: "Pára!", Bruna completou: "A gente não tem quase nada!". Daniel pegava bonecos e João



os jogava de volta para elas, dizendo: "Dá os bonecos pra elas!". Bruna reclamava: "A gente só tem uma pecinha!".

Daniel ajudou João a juntar os tijolinhos no chão e voltou ao sofá onde elas estavam para pegar os seus. Clara pegou mais de João e voltou para o sofá. Bruna disse: "Clara, cuida um pouco" e passou seu lugar à Clara. Bruna voltou a pegar tijolinhos de João, que lhe disse que estava só com sete. Daniel voltou para pegar mais e disputou-os com Bruna, que segurou seu braço. Falei: "Ô, um não pode machucar o braço do outro, hein!". Bruna o largou e ele voltou a pegar tijolinhos mais duas vezes, disputando-os com Clara no sofá. Bruna voltou a interceder. Elas despejaram tudo no chão e Clara disse: "Eu não quero mais nada!". Estavam ofegantes.

Daniel se acalmou e passou a pegar os tijolinhos que elas jogavam. Bruna, continuando a jogar os brinquedos do sofá ao chão, afirmou: "Eu não quero mais brincar mesmo!" e Clara: "Nem eu!". Bruna completou: "Tomara que termine logo!". Daniel disse: "Mas daqui a pouco que vai começar a brincadeira!" e continuou pegando os tijolinhos e jogando-os para João. Bruna disse: "Ufa!" e caminhou um pouco pela sala. Clara estava com uma boneca no sofá.

Daniel pegou uma boneca e disse: "Olha, eu encontrei uma menininha!" e pegou outro levando para João e gritando: "Olha só, olha, esse era o bebê que 'tava nascendo!". Daniel estava radiante, muito provavelmente porque pela primeira vez pegava os bonecos mais livremente, cessada "momentaneamente" a hegemonia das meninas.

Bruna, não agüentando vê-los com tudo, pegou para si a boneca-mãe, e ficou colocando a saia dela, dizendo entrementes: "Eu não quero mais mesmo!". Daniel lhe disse: "Ora! Você só quer brincar com essa boneca!". João pegou todos os bonecos que Daniel havia conseguido e devolveu-os para Bruna, que disse: "Éba!". Bruna abaixou para catar o restante dos bonecos. Daniel continuava catando tijolinhos e dando para João e nem se deu conta disto. Levantou a colcha e falou para João: "Ô, tem mais aqui embaixo!".

*Clara se levantou com um bolo de bonecos numa mão e foi pegar mais tijolinhos dos meninos, dizendo-lhes: "Vocês têm mais pecinhas!". Bruna gritou-lhe: "Eu não quero brincar, Clara, com isso!". Clara disse: "Vamos brincar! Eu tô pegando mais castelo pra casa da gente!". E Bruna: "Mas eu não quero mais brincar!", e Clara: "Mas eu tô pegando peças deles!". Daniel deitou por cima dos tijolinhos que haviam conseguido, segurando-os para Clara não pegar e dizendo: "E eu tô pegando peças minhas!".*

Clara foi para o sofá com vários bonecos e tijolinhos. Bruna lhe disse: "Eu não vou mais brincar!". Clara então jogou todos os tijolinhos que havia catado para João que estava recolhendo outros do chão. Daniel levantou-se e puxou a colcha para ver se tinha mais por baixo. As meninas olharam o que ele estava fazendo. Bruna levantou-se e Clara também, dizendo: "Vamos pegar mais bonequinhos!". Daniel continuou a catar os tijolinhos espalhados.

As meninas ficaram com todos os bonecos, sentadas no sofá, e os meninos com todos os tijolinhos, no chão. Com voz de bebê, Clara disse à Bruna: "Ahhh, eu tô com quatro!". Bruna avançou no boneco-bebê dizendo: "Calma, aí!" e Clara gritou: "Não! Eu tô com o bebê, Bruna! Você quer ficar com todos!". Bruna contou os seus e disse que tinha seis bonecos. Clara reclamou: "Ah, ela tem seis e eu tenho só quatro!". Bruna falou: "se você quiser eu te separo!". Mas virou-se de lado,



embrulhando todos os seus bonecos em seu vestido, dizendo: "Eu vou ficar com esses porque você ficou com os outros!". Clara fazia um grande bico.

Daniel e João cataram todos os tijolinhos jogados pela sala e os juntaram num monte no meio do espaço de brincar. Enquanto os meninos estavam distraídos pegando tijolinhos debaixo do sofá, Clara levantou-se e começou a pegar todos os telhadinhos vermelhos do monte. Bruna pegou os bonecos de Clara, avisando-lhe: "Clara, então eu vou separar pra você, tá?". Clara não lhe respondeu e continuou a catar tijolinhos.

Daniel afastava o sofá onde Bruna estava sentada para pegar os tijolinhos que haviam caído atrás dele. Bruna gritou-lhe "Os bonecos é nosso!". Clara colocou vários telhadinhos verdes pontudos na saia de seu vestido e despejou-os no sofá dizendo com voz doce: "Peguei alguns que você gosta, Bruna!". Bruna não olhou e João mergulhou no sofá, pegando-lhe alguns, e dizendo: "É meu!". Clara reclamou: "Mas as pecinhas grandes são nossas!".

Bruna viu o gato no chão e gritou: "O gatinho! Pega, Clara!" e Clara pegou-o, aproveitando para pegar outros tijolinhos. Daniel reclamou: "Vocês disseram que só querem seus bonecos!". Clara disse: "É, eu só quero os bonecos", completando: "Ah, eu só tenho esse de chapéu!". Contou os bonecos de Bruna e constatou que ela tinha cinco, contou também os seus totalizando cinco. Bruna lhe disse: "Está certo!".

Sentada no sofá, Bruna pegou as bonecas mãe e filha, colocou-as lado a lado, e cantou para elas passearem, colocando-as depois deitadas. Daniel tinha falado a João para eles começarem a brincar. Clara levantou-se e foi até o monte deles pegar novamente mais telhadinhos vermelhos. Eles não falaram nada. Ela voltou dizendo que tinha mais um que estava faltando e então Daniel avançou nos que ela tinha pego, reclamando: "Você disse que só queria os bonecos!". Ela retrucou: "A gente precisa só de um. Desse daqui ó" e pegou um que não conseguiu distinguir o que era. Daniel jogou-lhe então um outro e disse: "Pronto!". Bruna arrematou anunciando: "Olha o que ele deu pra gente!". Clara completou, sentando-se no sofá: "Ainda bem que a gente tem mais um pouco, né?".

Mas elas não estavam satisfeitas. Bruna disse: "Olha o quanto eles têm!" e Clara levantou-se para pegar mais, dizendo-lhes: "Vocês têm muito!". Daniel jogou um para o sofá e disse: "Eu já te dei mais um!". Ela continuou escolhendo alguns telhadinhos e os levou. Clara voltou e falou: "A gente só precisa de um verde!" e pegou-o. Virou-se para Bruna e disse: "Eu peguei pra você, Bruna!". Daniel reclamou, pondo as mãos na cintura: "Ó que já tá exagerando!". Depois, falou a João, jogando um tijolinho para elas: "É melhor mandar mais um, senão elas pegam mais castelinho da gente". João estava calado, só olhando.

Bruna falou para Clara: "Sou o cachorrinho!", mostrando-o. Clara lhe respondeu: "E eu sou o gatinho!", pegando-o. As duas se olharam, depois para os meninos e levantaram-se de repente para pegar mais deles. Bruna pegou-os e sentou-se de novo. Clara falou: "Eu preciso só mais desse daqui". João tampou todos os telhadinhos que restavam e que Clara queria pegar. Daniel começou a jogar mais tijolinhos para o sofá onde Bruna estava, tirando de seu próprio castelo. Bruna gritava para João: "Olha o quanto você tem!". Clara voltou e se atirou no sofá, quando João levantou-se na direção delas. Bruna lhe disse: "A gente não tem quase nada!". João tentava pegá-los e Clara falava com voz chorosa: "Vocês tem um monte!". Clara avançou na mão de João tentando abri-la. Daniel continuou

jogando tijolinhos para elas no sofá. Clara pegou um monte do chão, despejou-os no sofá e disse: "Fica aí, Bruna, guardando!". Voltou para pegar mais.

Daniel gritou: "Agora, acho melhor a gente devolver lá pro sofá, antes que elas peguem mais. Esse, esse..." e foi jogando mais tijolinhos para elas. Bruna ponderou: "Pronto! Tá bom! Agora a gente tem quase igual a eles! Antes eles que tavam com mais!". Clara não se contentou e disse: "Mas eu preciso só mais desses dois!", pegando-os. Daniel falou para João: "Ainda bem que ela não levou todos!". E completou: "E se eu mandó só mais alguns" e atirou uns para elas. Bruna disse: "Eles tão mandando um pouco pra gente, né Clara?" e colocou o limite: "Agora chega! Agora a gente tá igual a eles!". Ficaram sentadas no sofá, observando-os.

Daniel pegou um tijolinho e falou: "O relógio!", mostrando para as meninas: "Eu acho que vocês precisam de um desse relógio ou então um desse!". Clara escolheu: "Eu preciso do azul!". Depois, ela arrematou: "Dos dois!". Ele jogou os dois e ela deu um grande sorriso olhando para Bruna que disse: "Agora tá bom, vai!". Clara continuou: "E dessa montanha preta! E vermelha!". Bruna disse que elas já tinham, mas Clara insistiu: "É que eu preciso de montanha preta e vermelha". João lhe jogou uma. Daniel lhe perguntou: "Essa?". Ela lhe respondeu: "Essa e uma vermelha". E Daniel: "O João não te mandou uma dessa aí?". Ela respondeu que não. Ela mostrou onde estava e ele mandou as duas para elas. Bruna disse: "Ele mandou a azul pra gente. Foi três. Pronto! Agora, tá bom!".

Um segundo depois, Bruna reclamou: "Ei! Eles têm aquele coiso verdinho e a gente não tem nenhum?". E Clara: "É! A gente precisa de verde!". Daniel lhes disse: "Tá bom!". Tentou pegá-los de João e este disse não. Daniel falou: "Só dois!" e João: "Dois nada!" e Daniel: "Dois sim" e mandou um telhado verde para elas (que foi o que ele conseguiu tirar de João). Bruna agradeceu. Clara disse: "Só mais um!" e ele foi pegar, puxando da mão de João e jogando para elas, dizendo: "Só mais esse!" e Bruna: "Pronto! Agora tá bom!".

Bruna tossia e Clara lhe disse algo no ouvido. Bruna lhe respondeu que não. As duas ficaram sentadas observando os meninos. Clara pediu um tijolinho à Bruna. Clara pegou-o de Bruna e colocou-o na cabeça da boneca-avó, observando-a. Bruna pegou outro tijolinho e disse que ele seria o brinquedo de um boneco seu. Clara perguntou-lhe: "Cadê o bebezinho? Ah, você tá com a filhinha, Bruna!", reclamando. Bruna lhe respondeu: "Mas combina com ela, a mamãe, Clara!". Clara disse que lhe daria o bebezinho se ela lhe emprestasse um pouco a filhinha. Bruna lhe emprestou, mas ficava lhe dizendo: "Ah, o bebê é tão gostoso! O bebê combina com qualquer um, mas essa menina não combina com nenhum desses que você tem!". Clara a aproximou de uma boneca, dizendo: "Com essa combina!" e Bruna: "Tem que ser da família! Não combina não!".

Bruna mostrou-lhe o bebê de novo, mas Clara já estava arrumando o boneco-avó. Bruna ficou observando o jogo dos meninos. Depois, ficou tentando convencer Clara de que a boneca-filha combinava mais com a mãe que ela (Bruna) tinha e que se ela lhe devolvesse, daria em troca o bebê. Clara lhe disse: "Tá bom, então eu troco a filhinha pela mamãe!". E Bruna: "Eu te dou essa!", mostrando-lhe a cozinheira. E Clara: "Não, você troca a mamãe pela filhinha?". Bruna insistiu com a cozinheira. Clara afirmou: "Então, não! Só se eu for a mamãe!". E Bruna, mostrando a cozinheira: "Essa daqui também pode ser a mamãe. Ó, ela tá cuidando do bebê!". Clara, rodando a filhinha pelas Marias-Chiquinhas, disse: "Mas a vovó também pode cuidar dele!". E Bruna: "Então me dá a menininha que eu te devolvo o bebê!", e Clara: "Não, só se você me der a mamãe!".

Bruna lhe disse baixinho: "Só porque você quer ficar com essas duas, que são as mais bonitas!". Clara lhe respondeu: "Não! Porque você fica com a filhinha e eu fico com a mamãe!". Brunna tomou a oferecer-lhe a cozinheira e ela disse que não a queria. Brunna lhe falou, se referindo à boneca-mãe: "Essa daqui não é mais a mamãe, é a irmã", e Clara lhe disse: "Então, eu quero a irmã!". Brunna continuou, tentando dissuadi-la: "Essa daqui é a mamãe!", mostrando-lhe a cozinheira. E Clara respondeu-lhe que sabia que não era. Brunna lhe ofereceu o bebê em troca da filhinha. Clara lhe disse: "Não! É pra dividir, Brunna!". E Brunna: "Eu tô dividindo, Clara!". Brunna aumentou sua oferta: "Te dou o bebê e dois desse", oferecendo os bichinhos. Clara não quis. Brunna ficou observando os meninos e Clara vestindo a filhinha, quando chegou o momento de encerrar a sessão.

### G3.4. João

#### Sessão 1:

No início da sessão, quando eu perguntei às crianças do que elas gostavam de brincar, João respondeu que ele gostava de carrinho.

Frente aos brinquedos propostos, João iniciou pegando o boneco-pai, mas olhou-o e deixou-o de lado. Depois, pegou um bolo de tijolinhos para si e foi sentar-se num canto, montando um castelo silenciosamente, bastante concentrado. À medida que precisava de outros tijolinhos, pegava-os do monte central.

Procurando mais tijolinhos, achou o gato e jogou para as meninas, falando: "Ó, o gato!". Brunna devolveu-lhe, falando para deixá-lo por ali. Em aproximadamente 3 minutos ele terminou seu castelo, uma construção muito bem feita, e ficou aprimorando-a.

Levantou-se e esticou-se para ver o que as meninas estavam construindo. Quando falamos sobre a altura do castelo de Brunna, ele disse: "O meu tá um pouquinho baixo".

No momento em que Brunna falou que sobrara poucos tijolinhos no centro, ele completou: "É, só tem isso agora!" e mostrou-lhe o seu castelo, dizendo: "Ó, o meu!". Ele fez um bonito castelo que chamava a atenção dos outros.

Em outro momento, pediu a Daniel: "Dá mais um desse pra mim?" e Daniel lhe deu. João colocou-o no seu castelo, afastou-se um pouco e afirmou: "O meu tá feitinho!", o que fez Brunna dizer que já estava no segundo.

Daniel mostrou-lhe o gato e o cachorro, pedindo que João escolhesse um. João falou-lhe: "Me dá o gato!" e pegou-o, colocando-o dentro de seu castelo e depois ao lado dele.

Depois, silenciosamente foi até Brunna e mostrou-lhe o bebê, oferecendo-o a ela, mas Brunna não aceitou, empurrando-o levemente e dizendo-lhe: "Sai!". João pegou, então, os bonecos-avós, e Daniel que olhava, disse: "O vovô e a vovó".

João pegou o gato, ajeitou-o no castelo, para colocar o bebê deitado ao lado dele. Brincou um pouco com os bonecos ao lado do castelo, fazendo-os conversarem algo que não era possível entender. Fez com que eles virassem um sobre o outro, o que parecia ser uma relação sexual.



Depois, jogou os bonecos no centro do espaço de brincar quando Clara reclamou que não tinha nenhum boneco. Ela os pegou. Em seguida, disse a Daniel: "O meu tá parecendo um castelo!".

João desmanchou o seu castelo e começou a montar outra coisa. Perguntei-lhe com quais bonecos estava brincando e ele me disse: "Com o nenê e com o gato".

Quando Daniel contava como era o namoro de seus bonecos, João parou para prestar atenção. Depois, continuou montando. João construiu outro castelo muito bonito, com um pátio na frente, pontes, telhados, muralhas. Era muito minucioso e caprichoso na montagem. Colocou o bebê deitado em cima do telhado do castelo.

Levantou-se e pegou um caminhãozinho que estava em cima da mesa (não sei de quem era), estacionando-o na frente do pátio. Falei-lhe baixinho que o combinado era brincar com os brinquedos que eu tinha levado e que, depois que terminasse, ele podia brincar com o caminhão. Ele concordou com a cabeça e colocou de lado o caminhão. Continuou ajustando o seu castelo.

Depois, encostou-se no sofá e ficou observando Daniel brincar. Levantou-se e foi deitar no sofá, de bruços, de modo que sua cabeça ficasse bem do lado do local onde as meninas estavam brincando. Ficou nesta posição um bom tempo, observando-as brincar.

Até que Clara pediu-lhe um tijolinho. Ele levantou-se e foi pegar para ela em seu castelo. Ofereceu-lhe um e ela disse que não era aquele. Então, ele recolocou este e lhe deu três telhadinhos. João reajudou seu castelo e foi deitar no mesmo lugar, continuando a acompanhá-las com os olhos. Em seguida, Bruna pediu-lhe os telhadinhos e ele se levantou novamente, dando-os à ela. Ele recolocou o bebê no telhado de seu castelo e voltou a deitar-se no sofá, observando o brincar delas.

Em um momento, mexeu nos bonecos de Clara que estavam deitados perto do pé do sofá. Depois de alguns minutos, levantou-se, foi ao seu castelo e jogou o bebê para elas. Clara devolveu-o e ele jogou-o de volta. João desmanchou seu castelo e pegou todos os tijolinhos, empurrando-os em direção às meninas. Enquanto empurrava, Clara começou a procurar o bebê e ele parou para ajudá-la a procurá-lo. Bruna o encontrou e João continuou a empurrar seus tijolinhos. Posicionou-os bem de frente ao local em que elas estavam brincando, onde começou a montar algo.

Montou uma construção alta, como se fosse um paredão. Perguntei-lhe o que estava montando. Ele sorriu e Bruna exclamou: "Olha que coisa alta!". Depois, ele colocou mais alguns tijolinhos em cima, a construção tombou e ele riu. Daniel lhe disse que o castelo caía porque estava muito grande e Bruna concordou. João olhou-os e começou a montar outra coisa.

Quando Daniel falou que era parecido com o Zequinha, mas tinha algo de diferente dele, João lhe disse: "O tamanho". João terminou de montar algo bem alto e eu lhe disse que tinha feito um castelão. Bruna completou: "Mas sem telhado!". Daniel lhe disse: "De novo um castelão! Por que não cai de novo o castelão?". João ficou olhando para eles e Bruna perguntou: "Ele não sabe fazer outra coisa?", o que o deixou sem graça. Ele ficou olhando sério para ela.

Quando as meninas combinaram que Clara construiria uma cidade enquanto Bruna brincaria com os bonecos, João começou a pegar devagarinho tijolinhos



delas, um por um, sem que elas percebessem. Olhou algumas vezes para a câmera e para mim, com cara de maroto. Puxou primeiro um telhadinho, e mais dois, e assim foi completando o seu castelo. Sorria satisfeito de estar conseguindo pegá-los sem que elas percebessem. E continuava.

Até que Bruna percebeu e deu um grito: "Olha o que ele 'tá fazendo, 'tá desmanchando a cidade!". Ela foi então puxar seus castelos com a boneca e acabou esbarrando no castelo dele e desmanchando uma parte. Pegou os telhados dele e ele puxou sua construção, desmanchando tudo para defender seus tijolinhos. Clara também tentava desmanchar com o pé. João colocou todos os tijolinhos debaixo de seu corpo, curvando-se para que Bruna não os pegasse, e ela fez o mesmo. Os três davam risadinhas.

Bruna e João ficaram nesta posição, um de frente para o outro. Bruna guardava os tijolinhos delas e os bonecos. Clara fez o avô perguntar às bonecas de Bruna: "Vocês acharam um bebê?" e Bruna respondeu-lhe que sim. João disse-lhes: "Vocês têm mais!" e Bruna: "Você... Deixa eu ver! Abre!". João explicou como pegou os tijolinhos delas sem que Clara visse: "Eu tinha catado, eu fazia assim e vocês nem viram!".

Bruna começou a tentar pegar os tijolinhos dele, falando: "Ah, Clara, cuida dele, Clara, olha!", enfiando o braço aonde ele os escondia (debaixo do corpo dele). Clara arrumava o avô. Bruna dizia: "Dá logo, João! Dá! Ah, você dá! É nossa peça!". Ele abriu um pouco e ela tirou um. Ele respondeu que não tinha mais delas. Ela foi verificar. Clara pegou-lhe alguns. Ele passou tudo para elas e Bruna disse: "É, tudo pra nós! Você não vai brincar mais!". Ele lhe respondeu baixinho: "É claro que eu vou". E ela perguntou em tom desafiador: "Então por que você não tem peça?". Ele tentou pegar uma e ela disse, tirando-lhe o braço: "Não vai pegar não, pode ir saindo!". Ele puxou uma parte dos tijolinhos reivindicando um pedaço: "Então dá um pedaço pra mim, eu quero os quadrados!". Clara ajudou Bruna a pegá-los.

As duas tentavam recuperá-los, e Bruna gritava que ele estava pegando. João disse: "Eu não vou dar mais, não!", e pegou um tanto para ele dizendo que era seu. Ela pediu de volta alguns, virou-se para Clara e falou: "Deixa! A gente tem mais peça, né Clara, pra montar!". Bruna percebeu que, enquanto ela estava recuperando os tijolinhos com João, Clara começou a brincar com as suas bonecas e pediu-as de volta insistentemente. Começaram a discutir. Bruna gritou que João estava pegando mais tijolinhos.

As duas pegaram os tijolinhos, colocando-os sobre a colcha e conversavam. Clara: "Eu vou pôr aqui em cima que ele não pega", e Bruna: "Se ele pegar a gente não vai deixar", e Clara: "A gente vai montar aqui a nossa cidade", e Bruna: "É, e ele não vai mais mudar de lugar, viu!". Bruna colocava a sala na boneca-menina, que havia caído na correria.

João ficou com uma postura de que poderia "atacar novamente", mantendo um sorrisinho malicioso, e Bruna guardava o local onde elas haviam colocado os brinquedos. Ele riu, disse: "Não preciso, não, 'tá!" e mostrou que tinha ficado com alguns telhadinhos na mão, levantando-se e indo para o lado de Daniel. Clara disse: "Ele quer pegar!" e Bruna respondeu: "Se ele pegar a gente dá uma porrada nele! Pra ele aprender, né Clara!", falou isso enquanto vestia a boneca. Diante disso, João levantou a sobancelhas e olhou-me, sorrindo. Começou a montar algo com os telhadinhos.

Bruna mandou Clara pegar os telhadinhos dele. Esta concordou, mas demorou um pouco para ir. Bruna a empurrou levemente, mas gritou com tom bastante agressivo: "Vai, Clara, vai logo fazer... Vai, Clara! Olha o que ele fez! Ele pegou o meu!". Daniel falou: "Cê sabe que nem é meu. Eu nem vou precisar mais do castelo!". Clara foi pegar alguns dele (que na verdade eram de Daniel). João fez uma expressão de brava, de que estava se irritando e olhou para mim, talvez esperando que eu intercedesse. Clara pegou seus tijolinhos e João avançou nos delas, sendo que Bruna o empurrou gritando: "Sai, João!". Ele disse: "Vocês pegam o meu" e se colocou sobre os tijolinhos que ele havia pego. Clara gritou: "Me ajuda!" e Bruna foi puxá-lo por trás.

Neste momento, eu intercedi, dizendo-lhes que não precisavam brigar, que cada um tinha escolhido um pouco para brincar. João tentava se livrar de Bruna, dizendo: "Me solta!" e fazendo movimentos com o braço. Bruna soltou a roupa dele. Então, ele começou a montar outra coisa com o pouco que lhe sobrou.

As meninas discutiam sobre a boneca-mãe. João, que estava observando a discussão delas, puxava um tijolinho delas com o pé. Conseguiu e colocou-o no seu novo castelo, com um sorriso. No segundo movimento, cutucou Bruna com o pé e ela gritou-lhe para parar, dizendo-lhe que ele já estava com os tijolinhos delas (ele tinha muito pouco). Ele sorriu e olhou para mim. Bruna disse: "Clara, ele pegou o nosso!".

Depois Bruna e Clara continuaram a brincar. João continuou sua montagem. Daniel pegou um telhadinho seu, ele lhe pediu de volta e Daniel o atendeu. Depois, Bruna definiu: "Eu vou tomando conta se eles não pegam nossos bonecos. Clara!! Você toma conta desses!". E as duas ficaram de guarda sobre os brinquedos.

Encerrei a sessão, perguntando-lhes se eles concordavam em brincar mais uma vez na próxima semana, ao que eles responderam positivamente.

### Sessão 2:

João iniciou, de forma tranqüila e silenciosamente, pegando alguns tijolinhos para si, montando algo. Clara pegou um dele dizendo que era delas; ele não esboçou reação. João estava fazendo sua montagem sentado de frente para as meninas (que haviam virado de costas para todos, para brincar), do lado de Daniel, de lado para mim e de costas para a câmera.

João e Daniel usavam tijolinhos de um monte comum. João ficou muito entretido construindo um castelo muito bonito, grande, com muitas peças e detalhes, muitos telhados de vários tamanhos, várias alturas. De vez em quando, ele olhava para os lados para ver o que os outros estavam fazendo.

Bruna olhou para o castelo de João e depois para os seus tijolinhos, dizendo: "Ah, a gente só tem quatro desses!". E Clara completou: "E ele tem mais...". E Bruna: "A gente tem quatro e a gente tinha que ter mais, Clara!". Clara respondeu: "A gente precisa ter todos desses!". Mas elas não o atacaram e continuaram a montar. João ficou à espreita, somente.

João, que continuava aumentando seu castelo, pegou um tijolinho de Daniel. Este não falou nada, mas ficou olhando feio e começou a contar os seus. João o olhava. Daniel lhe jogou um tijolinho e logo foi pegá-lo.

A cinegrafista mudou de lugar, para filmar as crianças da lateral. João percebeu e ficou olhando-a. Seu castelo estava pronto e era realmente uma

construção que chamava a atenção, tamanha a elaboração. Perguntei o que ele havia feito. Ele só me olhou e Bruna respondeu, olhando de perto: "Tá com cara de castelo!", voltando para o seu lugar. Perguntei o mesmo a elas e a Daniel.

João passava o dedo indicador no seu castelo, admirando-o de frente e mudando de posição para vê-lo. Bruna tentava convencer Clara a lhe dar um telhado. Clara lhe respondeu: "Pega dele, ele tem!", apontando João. Bruna foi até ele, pegou um telhadinho de seu castelo, falando para Clara: "Você que disse!", e Clara riu. João não se manifestou. Clara falou à Bruna: "Vê se tem mais um lá", Bruna foi até ele para pegar mais, e eu lhe disse para lembrarem que todos tinham o mesmo direito. Bruna então deu dois tijolinhos a João e disse à Clara: "Já 'tá bom pra gente!". E elas continuaram a brincar. João acrescentou os tijolinhos ganhos de Bruna ao seu castelo.

Com alguns telhadinhos na mão, Bruna virou-se de novo para o castelo de João e disse: "Ei!", contando os telhadinhos dele. Falou então à Clara: "Ah, o João tem quatro, ele pegou escondido da gente!" (o que não era verdade). Bruna foi até o castelo de João, disse que ela tinha três e ele, quatro. João olhou-a, não lhe falou nada, mas tirou todos os quatro telhadinhos verdes pontudos do seu castelo e guardou-os em sua mão, protegendo-os de Bruna. Ela contou os tijolinhos de Daniel, dizendo-me: "Ele só tem sete". Daniel levantou-se e foi pegar alguns tijolinhos (talvez dois) de Bruna e ela não reclamou.

Quando Bruna prestava atenção ao movimento de Daniel, João recolocou os telhados em seu castelo. Bruna dirigiu-se a João e falou à Clara: "A gente 'tá precisando de um grande, Clara", referindo-se ao telhado grande, e esta lhe disse: "Mas não tem mais!". Bruna lhe disse: "Só ele tem, né!", apontando João com o pé. João, que já havia tirado novamente os telhados do castelo, jogou um telhado grande para elas e Bruna deu um gritinho de contentamento. Eu afirmei: "Ó, ele deu pra vocês" e Bruna retrucou: "Não, ele não deu. Era nosso!". Continuei: "Ah, você tinha dado para ele?" e ela respondeu: "Não, ele pegou, escondido mas pegou!".

Quando saí da sala com Daniel para o banheiro, João jogou mais três telhados grandes para elas. Bruna lhe deu outros e ele os devolveu. Clara disse que ele estava devolvendo tudo e as duas riram. Bruna disse: "Ele não quer!" e Clara: "Então, já que você não quer a gente pega!". Bruna falou séria: "Ele não quer mas deixa pra ele!". Mesmo assim, Clara tirou um do castelo dele, dizendo: "Esse eu vou tirar! Era nosso!". Bruna pegou e tentou pegar outro que ela acabava de tirar dele, falando-lhe: "Não, Clara, a gente já tinha muito azul! Deixa o azul com ele!" e lhe devolveu.

Clara pegou outro de João, dizendo: "Então, vermelho a gente não tem!". Bruna disse-lhe: "Então, deixa esse!". João começou a jogar para elas telhadinhos vermelhos. No movimento, sua mão bateu na mão de Clara, voltando a seu castelo e fazendo-o cair. Clara aproveitou-se da situação e pegou muitos para ela, rindo. Bruna fez o mesmo. João jogava o restante para elas que catavam os últimos dele. Quando eu voltei, percebi que algo havia acontecido e disse-lhes isso. Elas riram. João havia conseguido recuperar talvez uns quatro tijolinhos para si. Bruna falou: "Vamos, Clara, vamos fazer o nosso castelo!", e Clara respondeu: "Vamos!". E Bruna completou: "Eles ficaram sem nada!".

Bruna empurrava dois tijolinhos para Daniel, quando João os pegou. Bruna rindo, apontou para João, falando: "Olha quantos o João tem!". João recomeçou a



montar um castelo. Levantou-se para pegar um delas, colocando-o na sua construção. Bruna gritou. Clara falou: "Não deixa ele pegar não!".

Clara atacou os tijolinhos de João e Bruna foi ajudá-la. Bruna deu alguns para Daniel e Clara estava tentando tirar mais de João. Ele rodava e sorria, sempre silencioso. As duas atacaram João por trás, Bruna segurando sua blusa, e conseguiram tirar alguns tijolinhos dele. Disse que elas estavam mais preocupadas em tirar os tijolinhos dele. E Daniel completou dizendo que elas deviam ficar mais preocupadas em fazer o brinquedo delas. Mas João também se divertia, levantando os braços para elas não alcançarem os tijolinhos. Elas riam. Tentavam a todo custo abrir a mão dele, cada uma pegando uma das mãos e arrancando o que podiam. Sinalizei para tomarem cuidado para não se machucarem.

Perguntei o que João achava das duas meninas o atacando. Elas riram e ele sorriu. Daniel, vendo João ser atacado pelas duas, levantou-se e começou a pegar os tijolinhos delas e a jogá-los para João. Clara percebeu e levantou-se para defender os seus. Bruna começou a pegar os tijolinhos de Daniel. Este pegou mais alguns e Clara tentava impedi-lo. Então, Clara foi atacar João. Este falou: "Tá bem!", facilitando para que ela pegasse. Bruna foi tentar impedir que Daniel pegasse mais. As duas cercaram os seus tijolinhos deitando-se por cima deles, e Daniel continuou tentando pegá-los, dizendo: "Eu vou pegar mais". Consegui um, deu a João, foi ao outro lado e pegou mais dois, também dando-os a João, que assistia passivamente o embate de Daniel com as meninas, e pegava alguns tijolinhos que haviam caído de lado. João atacava pouco, ficando mais na defensiva. Bruna gritava: "Não!", tendo pego os tijolinhos que estavam perto de João.

Com esse movimento, Bruna liberou sem querer seus tijolinhos para Daniel que estava a procura de um espaço para pegá-los. Assim, Daniel pegou vários e colocou no colo de João, que tinha acabado de perder os seus para Bruna. João catava outros do chão, guardando em seu colo. Clara e Bruna deitaram-se em cima dos seus e riam muito. Daniel continuou mais um pouco. Elas reclamaram: "Ele tá pegando tudo!". Clara voltou a pegar tijolinhos de João. Ele não se mexeu. Em seguida, Bruna tentou disputar um tijolinho com Daniel. Bruna respondeu-lhe rindo: "Você não tem nada pra fazer castelinho!". Ele retrucou: "É claro! Eu ainda vou brincar com ele!", apontando para João e lhe dando o único tijolinho que estava em sua mão. Clara pegou o tijolinho.

Clara recomeçou a atacar os tijolinhos de João. Ele os apertava contra o chão para ela não pegar. Daniel atacou os que estavam com Bruna. Eles riam. Daniel saiu com um pouco de tijolinho nas mãos e Bruna, dando um grito estridente, saiu atrás dele. Deram algumas voltas correndo no espaço de brincar. Bruna conseguiu pegá-lo pela camisa e ele caiu. Ela continuou puxando-o. Eu disse: "Ó lá, só não pode brigar, porque aqui é uma brincadeira não é uma luta!". Bruna continuava puxando e esticando a camiseta de Daniel porque este tentava se livrar dela. Disse de novo: "Ouviu, Bruna! E cuidado com a cabeça porque aqui tem vários móveis!". Bruna continuou um pouco. Clara, enquanto isso, tentava abrir a mão de João para tirar mais tijolinhos. E ele continuava na mesma posição, pressionando-os contra o chão, para ela não conseguir pegá-los.

Daniel voltou a pegar os tijolinhos delas e Bruna foi defendê-los. Clara foi ajudá-la e depois voltou a pegar os tijolinhos de João. Daniel tirou um bocado com a mão direita, colocou os bonecos debaixo do braço e pegou mais alguns com a



esquerda, dizendo: "Obrigado" e rindo. João também tinha se levantado para pegar mais das meninas. Clara tentava juntá-los no centro da colcha.

Bruna disse que não queria mais, jogando o que tinha na mão e Clara disse: "Nem eu!". Daniel então se levantou para pegar mais tijolinhos do monte delas, deixando seus bonecos, e Bruna correu para eles dizendo: "Eu quero é pegar os dele, isso sim!" e pegou um bolo de tijolinhos. Clara continuava sentada. E Daniel correu para os dela, dizendo: "E eu quero pegar os seus!", pegando a boneca-mãe e a boneca-filha. João juntava um bolo de tijolinhos e os empurrava para o seu lugar. Clara abaixou-se, pegou outro bolo de tijolinhos, dizendo: "E eu quero pegar os meus!".

Então, Bruna partiu para cima de Daniel para recuperá-las. Ele deitou por cima dos bonecos e ela gritava: "Sai daí!" e tentava tirá-lo, gritando. Mas Clara estava preocupada em catar os tijolinhos e guardá-los em cima do sofá. João guardava seus telhadinhos verdes em suas mãos. Pegava mais destes perto de Clara e lhe dizia: "Obrigadinho". Daniel, então, levantou-se e foi pegar mais tijolinhos. Um pegava do outro e estava a maior balbúrdia. Bruna, segurando as bonecas, gritava: "Cuidado!". Clara jogava os tijolinhos em cima do sofá para escondê-los. João saltou no sofá para pegar alguns delas. As duas deitaram-se em cima dos delas, no sofá, rindo.

Daniel foi até o monte delas e pegou mais. João voltou para seu lugar com o que havia conseguido. Os meninos fizeram seu território do lado oposto ao do sofá onde elas estavam. Clara desceu do sofá para catar mais para elas e Bruna os guardava no sofá. João estava curvado por cima dos tijolinhos, protegendo-os, enquanto Daniel os capturava. Daniel pegou mais e Clara foi tentar tirá-los. Ele começou a correr e ela partiu atrás dele na sala. De novo, falei para tomarem cuidado para não se machucarem. Clara conseguiu pegar alguns dele e o soltou. Ele voltou para perto de João que dizia que estava com sete.

Clara voltou para o lado do sofá, catando mais tijolinhos. Bruna continuava esticada no sofá, em cima deles. Daniel voltou para pegar mais. João não se aventurava, só guardava os que eles tinham conseguido. Jogou o boneco-bebê para as meninas. Clara disse: "Pára!", Bruna completou: "A gente não tem quase nada!". Daniel pegava bonecos e João os jogava de volta para elas, dizendo: "Dá os bonecos pra elas!". Bruna reclamava: "A gente só tem uma pecinha!".

Daniel ajudou João a juntar os tijolinhos no chão e voltou ao sofá para pegar os seus. Clara pegou mais de João e voltou para o sofá. Bruna disse: "Clara, cuida um pouco" e passou seu lugar à Clara. Bruna voltou a pegar tijolinhos de João, que lhe disse que estava só com sete, guardando os telhados verdes em sua mão. Daniel voltou para pegar mais e disputou-os com Bruna, que segurou seu braço. Falei: "Ó, um não pode machucar o braço do outro, hein!". Bruna o largou e ele voltou a pegar tijolinhos mais duas vezes, disputando-os com Clara no sofá. Bruna voltou a interceder. Bruna pegou várias vezes tijolinhos de João e este fez cara de que não ligava, segurando para si somente os verdes. Mas quando ela se afastou, ele juntou os tijolinhos para si, protegendo-os. Elas despejaram tudo no chão e Clara disse: "Eu não quero mais nada!". Estavam ofegantes.

Daniel se acalmou e passou a pegar os tijolinhos que elas jogavam. João continuava guardando-os. Bruna, continuando a jogar os brinquedos do sofá ao chão, afirmou: "Eu não quero mais brincar mesmo!" e Clara: "Nem eu!". Bruna completou: "Tomara que termine logo!". Daniel disse: "Mas daqui a pouco que vai

começar a brincadeira!" e continuou pegando os tijolinhos e jogando-os para João. Bruna disse: "Ufa!" e caminhou um pouco pela sala. Clara estava com uma boneca no sofá. Daniel pegou uma boneca e disse: "Olha, eu encontrei uma menininha!" e pegou outro boneco levando para João e gritando: "Olha só, olha, esse era o bebê que tava nascendo!". João ficou olhando para Daniel com uma expressão de que estava achando muito sem graça o que ele lhe contava e mostrava. João jogou para elas os bonecos que Daniel havia colocado em seu colo.

Bruna, não agüentando vê-los com tudo, pegou para si a boneca-mãe, e ficou colocando a saia dela, dizendo: "Eu não quero mais mesmo!". Daniel lhe disse: "Ora! Você só quer brincar com essa boneca!". João pegou todos os bonecos que Daniel havia conseguido e devolveu-os para Bruna, que disse: "Éba!". Bruna abaixou para catar o restante dos bonecos. Daniel continuava catando tijolinhos e dando para João, sem se dar conta disto. Levantou a colcha e falou para João: "Ó, tem mais aqui embaixo!".

Clara se levantou com um bolo de bonecos numa mão e foi pegar mais tijolinhos dos meninos, dizendo-lhes: "Vocês têm mais pecinhas!". João deixou-a pegar e ficou observando-a. Bruna gritou-lhe: "Eu não quero brincar, Clara, com isso!". Clara disse: "Vamos brincar! Eu tô pegando mais castelo pra casa da gente!". E Bruna: "Mas eu não quero mais brincar!", e Clara: "Mas eu tô pegando peças deles!". Daniel deitou por cima dos tijolinhos que haviam conseguido, segurando-os para Clara não pegar e dizendo: "É eu tô pegando peças minhas!".

João começou a recolher os tijolinhos espalhados. Clara foi para o sofá com vários bonecos e tijolinhos. Bruna lhe disse: "Eu não vou mais brincar!". Clara então jogou todos os tijolinhos que havia catado para João que estava recolhendo outros do chão. Daniel levantou-se e puxou a colcha para ver se tinha mais por baixo. As meninas olharam o que ele estava fazendo. Bruna levantou-se e Clara também, dizendo: "Vamos pegar mais bonequinhos!". Daniel continuou a catar os tijolinhos espalhados e João também.

As meninas ficaram com todos os bonecos, sentadas no sofá, e os meninos com todos os tijolinhos, no chão!". Daniel e João cataram todos os tijolinhos jogados pela sala e os juntaram num monte no meio do espaço de brincar. Enquanto os meninos estavam distraídos pegando tijolinhos debaixo do sofá, Clara levantou-se e começou a pegar todos os telhadinhos vermelhos do monte. Bruna pegou os bonecos de Clara, avisando-lhe: "Clara, então eu vou separar pra você, tá?". Clara não lhe respondeu e continuou a catar tijolinhos.

Daniel afastava o sofá onde Bruna estava sentada para pegar os tijolinhos que haviam caído atrás dele. João pegava os que haviam caído embaixo. Depois foi para trás do sofá com Daniel e viu que Clara pegava tijolinhos deles. Bruna gritou-lhe: "Os bonecos é nosso!". Clara colocou vários telhadinhos verdes pontudos na saia de seu vestido e despejou-os no sofá dizendo com voz doce: "Peguei alguns que você gosta, Bruna!". Bruna não olhou e João mergulhou no sofá, pegando-lhe alguns, e dizendo: "É meu!". Clara reclamou: "Mas as pecinhas grandes são nossas!". João voltou para o seu lugar, tendo recuperado alguns telhados verdes. Depois, levantou-se e pegou mais um telhado verde que estava com elas que, aparentemente, nem perceberam. Bruna viu o gato no chão e gritou: "O gatinho! Pega, Clara!" e Clara pegou-o, aproveitando para pegar outros tijolinhos. Daniel reclamou: "Vocês disseram que só querem seus bonecos!". Clara disse: "É, eu só quero os bonecos". João, ao lado da pilha de tijolinhos, as observava conversando.

Daniel sentou no chão e falou a João: "Agora vamos começar a decolagem!", para começarem a brincar. Disse-lhe mais uma vez: "Vamos começar!". Mas João não lhe deu atenção e ficou montando algo sozinho. Clara levantou-se e foi até o monte deles pegar novamente mais telhadinhos vermelhos. Eles não falaram nada. João olhou-me e sorriu. Ela voltou dizendo que tinha mais um que estava faltando e então Daniel avançou nos que ela tinha pego, reclamando: "Você disse que só queria os bonecos!". Ela retrucou: "A gente precisa só de um. Desse daqui ó" e pegou um. João olhou-me novamente e sorriu. Daniel jogou-lhe então um outro e disse: "Pronto!". Bruna arrematou anunciando: "Olha o que ele deu pra gente!". Clara completou: "Ainda bem que a gente tem mais um pouco, né?". João juntava novamente os tijolinhos no monte e olhava para elas, vigiando-lhes.

Mas elas não estavam satisfeitas. Bruna disse: "Olha o quanto eles têm!" e Clara levantou-se para pegar mais, dizendo-lhes: "Vocês têm muito!". Daniel jogou um para o sofá e disse: "Eu já te dei mais um!". Ela continuou escolhendo alguns telhadinhos e os levou. João deixou-a pegar e lhe disse: "Deixou cair no chão, é meu!", pegando um telhadinho que havia caído da mão dela. Clara voltou e falou: "A gente só precisa de um verde!" e pegou-o. João a deixou pegar. Clara virou para Bruna e disse: "Eu peguei pra você, Bruna!". Daniel reclamou, pondo as mãos na cintura: "Ó que já 'tá exagerando!". Depois, falou a João, jogando um tijolinho para elas: "É melhor mandar mais um, senão elas pegam mais castelinho da gente". João estava calado, só olhando.

João ajeitou-se em uma posição mais lateral e começou a montar algo. Bruna falou para Clara: "Sou o cachorrinho!", mostrando-o. Clara lhe respondeu: "E eu sou o gatinho!", pegando-o. As duas olharam-se e levantaram-se de repente para pegar mais dos meninos. João tampou contra o chão os telhados verdes, para elas não pegarem. Bruna pegou outros e sentou-se. Clara falou: "Eu preciso só mais desse daqui!", tirando dois verdes da mão de João. Ele empurrou a mão dela, dizendo-lhe: "Páral!", arrancando-o de novo. Ela saltou para cima dele. Daniel começou a jogar mais tijolinhos para o sofá onde Bruna estava, tirando de seu próprio castelo. Bruna gritava para João: "Olha o quanto você tem!". Clara voltou e se atirou no sofá, quando João levantou-se na direção delas. Bruna lhe disse: "A gente não tem quase nada!". João recuperou alguns telhadinhos e Clara falava com voz chorosa: "Vocês tem um monte!", avançando na mão de João, tentando abri-la. Ele lhe disse: "Eu não vou dar mais, agora!" e foi para seu lugar. Daniel continuou jogando tijolinhos para elas no sofá. Clara, não conseguindo abrir a mão de João, pegou um monte do chão, despejou-os no sofá e disse: "Fica aí, Bruna, guardando!". Voltou para pegar mais.

Daniel gritou: "Agora, acho melhor a gente devolver lá pro sofá, antes que elas peguem mais. Esse, esse..." e foi jogando mais tijolinhos para elas. Bruna ponderou: "Pronto! 'Tá bom! Agora a gente tem quase igual a eles! Antes eles que 'tavam com mais!". João olhava com expressão séria, segurando seus telhados verdes nas mãos. Clara não se contentou e disse: "Mas eu preciso só mais desses dois!", pegando-os. Daniel falou para João: "Ainda bem que ela não levou todos!". João pegava um telhado vermelho que sobrara. Daniel completou: "E se eu mando só mais alguns" e atirou uns para elas. Bruna disse: "Eles 'tão mandando um pouco pra gente, né Clara?" e colocou o limite: "Agora chega! Agora a gente 'tá igual a eles!". Ficaram sentadas no sofá, observando-os. João as olhava também, de cócoras, segurando os telhadinhos.



Daniel pegou um tijolinho e falou: "O relóginho!", mostrando para as meninas: "Eu acho que vocês precisam de um desse relógio ou então um desse". Clara escolheu: "Eu preciso do azul!". Depois, ela arrematou: "Dos dois!". Ele jogou os dois e ela deu um grande sorriso olhando para Bruna que disse: "Agora tá bom, vai!". Enquanto isso, sempre olhando para elas, João sentou com as pernas abertas e começou a montar algo. Clara continuou: "E dessa montanha preta! E vermelha!". Bruna disse que elas já tinham, mas Clara insistiu: "É que eu preciso de montanha preta e vermelha". João lhe jogou uma. Daniel lhe perguntou: "Essa?". Ela lhe respondeu: "Essa é uma vermelha". E Daniel: "O João não te mandou uma dessa aí?". Ela respondeu que não. Ela mostrou onde estava e ele mandou as duas para elas. Bruna disse: "Ele mandou a azul pra gente. Foi três. Pronto! Agora, tá bom!".

Um segundo depois, João fazia barulhinhos com seus telhados verdes e Bruna reclamou: "Ei! Eles têm aquele coiso verdinho e a gente não tem nenhum?". E Clara: "É! A gente precisa de verde!". Daniel lhes disse: "Tá bom!". Tentou pegá-los de João e este disse não. Daniel falou: "Só dois!" e João: "Dois nada!" e Daniel: "Dois sim" e mandou um telhado verde para elas. Bruna agradeceu. Clara disse: "Só mais um!" e ele foi pegar, puxando da mão de João. Tiveram uma breve disputa, pois João resistiu um pouco. Daniel jogou para elas, dizendo: "Só mais esse!" e Bruna: "Pronto! Agora tá bom!".

Daniel começou a montar algo e pegou um telhadinho verde. João o retirou rispidamente dele. Daniel pôs uma mão na cintura, sorriu e falou: "Ora!". E aí o disputou com João até conseguir pegá-lo. Pegou mais um e João tentou tirá-lo. Daniel falou não e se afastou um pouco de João, pegando mais e falando-lhe: "Que tal você me dar mais alguns desses!". Então tiveram uma breve disputa, sorrindo, e João ficou mostrando a Daniel que tinha mais telhadinhos vermelhos. Daniel lhe apontou o dedo e o chamou de "Nenezinho". João conseguiu pegar um telhado dele e empurrou seu dedo levemente. Daniel escolheu alguns tijolinhos para começar a montar algo. João ficou olhando e batendo seus telhadinhos no chão, com ritmo. Então Daniel falou: "É melhor eu pegar mais um desses" e pegou do bolo comum. Mesmo assim, João foi nos tijolinhos dele e pegou um também. Daniel abraçou o bolo comum e puxou-o para si, dizendo: "Vou pegar esses pra mim!" e João pegou de novo alguns dele.

Então, Daniel dividiu o bolo e disse-lhe: "Então toma essa metade pra você!". Com o pé, João puxou a metade que era de Daniel para si. Daniel pegou então a metade dele e riu. João disse: "Agora, acabou as metades!" e Daniel: "Acabou as metades, mas eu quero a metade desta daqui" e foi pegar mais alguns tijolinhos de João. João segurou os tijolinhos, tentando impedir Daniel. Depois, João provocou-o: "Vem catar!" e ele se recusou, dizendo que já tinha, para que queria mais? João então lhe deu todos e, de cócoras em frente ao grande bolo, começou a pegar somente alguns e a montar algo. Daniel escolheu uns para si deste bolo maior. Procurou um relógio e não achou nenhum, reclamando. Já se via que João construía outro castelo. Daniel disse para João: "Olha, eu vou fazer um grandão!". Ficou construindo algo e soliloquiando. Quando se afastou um pouco para procurar um outro tijolinho, João mexeu nos dele, tentando tirar-lhe um telhado e, para tentar defendê-los, Daniel acabou desmanchando o que havia construído. João pegou os telhados de Daniel, que pegou o telhado verde dele e João então lhe devolveu o telhado vermelho, pedindo o verde de volta: "Dá o meu!". Daniel lhe respondeu: "Esse não é o seu!". Discutiram um pouco a respeito dos telhadinhos verdes e vermelhos. Anunciei o fim da sessão.



## ANEXO C

### QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS DAS CRIANÇAS DO GRUPO 3

#### Aos pais colaboradores,

Sou psicóloga da Vara Central da Infância e da Juventude e trabalho há mais de doze anos com crianças, tendo me especializado em violência doméstica contra crianças e adolescentes (física, sexual, psicológica e negligência).

Este questionário faz parte de minha tese de Doutorado (Instituto de Psicologia - USP), cujo tema é *O brincar de crianças vítimas de violência física doméstica*. Com o objetivo de estudar a brincadeira como instrumento auxiliar de avaliação destas crianças, pretendo observar e compreender (1) como crianças vítimas, em idade pré-escolar e escolar, brincam com bonecos da família e blocos de madeira, (2) que comportamentos e atitudes apresentam, e que relações estabelecem enquanto brincam, (3) que temas surgem e quais os seus significados, (4) se existe correspondência entre a violência física sofrida e o conteúdo do brincar, (5) comparando, no final, os resultados das crianças vítimas com os das crianças não-vítimas.

Para tanto, necessito formar três grupos de crianças (com quatro em cada grupo) na faixa etária de 5 a 7 anos de idade: um grupo de crianças vítimas de violência física acolhidas em instituição em virtude da violência sofrida, um grupo de crianças não-vítimas que foram acolhidas em instituição por outras razões (abandono, falta de condições materiais dos pais) e um grupo de crianças não-vítimas que vivem com suas famílias. Os dois últimos grupos serão grupos-controle (para comparar os resultados e validá-los).

As crianças serão observadas e filmadas em vídeo durante sessões de brincadeira, com a duração de 40 minutos cada sessão, num total de duas sessões.

O questionário sobre a criança e sua família é fundamental para que eu possa conhecer e organizar os dados de seu histórico, e poder, posteriormente, contextualizar os dados do brincar. Isto porque o conteúdo da brincadeira só adquire sentido quando comparado aos dados da vida da criança.

Por isso, peço a valiosa colaboração dos pais no preenchimento do questionário, de modo exato e completo e, ao mesmo tempo, sucinto. Na pesquisa, nenhum dado (nome, endereço, detalhe) será revelado de forma que possa identificar as crianças. Usarei nomes fictícios (de crianças, pais, familiares) para preservar suas identidades. Marcaremos as sessões pessoalmente.

Se houver qualquer dúvida a respeito da pesquisa ou do preenchimento do questionário, vocês podem me ligar em casa (telefone e horário) ou no trabalho (telefone e horário).

Agradeço muitíssimo a contribuição de vocês neste trabalho.

Anna Christina M. P. Cardoso de Mello  
CRP.06/26.307-9.

---

Para ajudá-los a identificar as situações da vida da criança e da própria família, no que diz respeito à ocorrência da violência física, aqui vão as definições de violência doméstica e de violência física utilizadas na minha pesquisa [transcrevi as definições].

Nome da criança: \_\_\_\_\_  
 Data de nascimento: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_  
 Nome do pai: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Profissão/Ocupação: \_\_\_\_\_  
 Nome da mãe: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Profissão/Ocupação: \_\_\_\_\_  
 Estado civil dos pais: \_\_\_\_\_  
 Renda familiar aproximada: \_\_\_\_\_

**1. Dados da criança:**

• **Concepção/Parto:**

Ordem nas gestações: \_\_\_\_\_  
 A criança foi planejada: \_\_\_\_\_  
 Problemas na gestação: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Tempo de gestação: \_\_\_\_\_ Peso: \_\_\_\_\_ Tamanho: \_\_\_\_\_  
 Tipo e condições do parto: \_\_\_\_\_  
 Complicações pós-parto: \_\_\_\_\_  
 Alguma observação: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

• **Saúde física geral**

Doenças e/ou problemas de saúde do nascimento à idade atual (colocar o ano em que ocorreu cada uma): \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Alguma seqüela (qual, tratamento): \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Atualmente, toma alguma medicação, qual: \_\_\_\_\_  
 Cirurgias: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Hospitalização (motivo, duração): \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Cansa-se facilmente: \_\_\_\_\_  
 Frequência de consultas ao pediatra: \_\_\_\_\_  
 Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Sono:**

Como dorme (bem, mal,...): \_\_\_\_\_

Onde dorme (sozinho,...): \_\_\_\_\_

Durante o sono: se agita: \_\_\_\_\_ transpira: \_\_\_\_\_

range os dentes: \_\_\_\_\_ sonâmbulo: \_\_\_\_\_ pesadelos: \_\_\_\_\_

fala dormindo: \_\_\_\_\_ vai para cama dos pais: \_\_\_\_\_

A que horas dorme, demora a adormecer: \_\_\_\_\_

Outros eventos no sono: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Alimentação:**

Mamou até quando e como? \_\_\_\_\_

Como come: \_\_\_\_\_

Problemas: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Desenvolvimento psicomotor (com que idade):**

Sentou: \_\_\_\_\_ Engatinhou: \_\_\_\_\_ Ficou de pé: \_\_\_\_\_

Andou: \_\_\_\_\_ Falou: \_\_\_\_\_

Problemas na fala (gagueira, troca de letras, outros): \_\_\_\_\_

Destro ou canhoto: \_\_\_\_\_

Controle esfinteriano, quando: \_\_\_\_\_ como: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ quem fez: \_\_\_\_\_

É muito agitado: \_\_\_\_\_ desastrado: \_\_\_\_\_

Já foi à psicomotricista: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Manipulações (sim/não/até quando/freqüência):**

Chupeta: \_\_\_\_\_ Dedo: \_\_\_\_\_

Rói unha? Quando? \_\_\_\_\_

Tiques? Quando? \_\_\_\_\_

Outros hábitos, manias: \_\_\_\_\_

Atitudes tomadas pelos pais: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

**• Educação em casa:**

Como é repreendida (bronca, castigo, bater, outros): \_\_\_\_\_

Em que situações: \_\_\_\_\_

Quem repreende: \_\_\_\_\_

Se for só um dos pais, qual a atitude do outro: \_\_\_\_\_

Como dá bronca (grita, fala,...): \_\_\_\_\_

Reação da criança à bronca: \_\_\_\_\_

Castigos (tipos): \_\_\_\_\_

Reação da criança ao castigo: \_\_\_\_\_

Já bateu na criança pelo menos uma vez ou nunca bateu: \_\_\_\_\_

Se bate, como: \_\_\_\_\_

O que usa para bater: \_\_\_\_\_

Bate com que frequência: \_\_\_\_\_

Já chegou a machucar a criança: \_\_\_\_\_

Qual a providência tomada: \_\_\_\_\_

Ao bater, costuma se exaltar, até perder o controle: \_\_\_\_\_

O que sente depois: \_\_\_\_\_

Como a criança reage ao apanhar (chora, obedece, bate também, aprende, xinga,...): \_\_\_\_\_

Apanha de algum irmão: \_\_\_\_\_

Bate em algum irmão: \_\_\_\_\_

Com relação à educação em casa, é uma criança fácil ou difícil? Por quê? \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

**• Escolaridade:**

Com que idade iniciou: \_\_\_\_\_



Como reagiu à escola: \_\_\_\_\_

Dificuldades de aprendizagem: \_\_\_\_\_

Dificuldades de relacionamento: \_\_\_\_\_

Escola (pública/particular): \_\_\_\_\_

Período: \_\_\_\_\_ Gosta da escola: \_\_\_\_\_

Reação dos pais ao bom rendimento escolar: \_\_\_\_\_

Reação dos pais às dificuldades na escola: \_\_\_\_\_

Criança independente nas lições ou precisa de ajuda: \_\_\_\_\_

Desenha espontaneamente, com que frequência, temas mais desenhados: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Sociabilidade, brincar, atividades, entretenimentos:**

Tem amigos (sexo, idades): \_\_\_\_\_

Prefere brincar sozinho ou com eles: \_\_\_\_\_

No relacionamento, domina ou é dominado: \_\_\_\_\_

Na brincadeira, domina ou é dominado: \_\_\_\_\_

Adapta-se rápido a um meio diferente? \_\_\_\_\_

Que tipo de brincadeiras prefere: \_\_\_\_\_

Que tipo de brinquedos prefere: \_\_\_\_\_

Quais brincadeiras e/ou brinquedos detesta: \_\_\_\_\_

Quando briga com amigos é agressivo, chora, bate, ... \_\_\_\_\_

Prefere brincar ou assistir TV: \_\_\_\_\_

Quanto tempo por dia passa em frente da TV: \_\_\_\_\_

Que programas prefere assistir: \_\_\_\_\_

Vê filmes com violência, de que tipo, com que frequência: \_\_\_\_\_

Que tipo de atividade prefere: \_\_\_\_\_

Que tipo de atividade detesta: \_\_\_\_\_

Pratica algum esporte, qual e frequência: \_\_\_\_\_

Outras atividades (música, artes plásticas etc), quais, frequência: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Sexualidade:**

Exprime curiosidade sexual? De que forma? \_\_\_\_\_

Masturbação, desde quando, onde ocorre, frequência observada: \_\_\_\_\_

Atitude dos pais frente à sexualidade na criança: \_\_\_\_\_

Informações sexuais (quais e como foram transmitidas): \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Reações emocionais:**

Como define o temperamento da criança: \_\_\_\_\_

Em que circunstâncias se altera e como: \_\_\_\_\_

Chora fácil (se não, quando chora): \_\_\_\_\_

Medos: \_\_\_\_\_

Ciúmes (quando, de quem): \_\_\_\_\_

Crises de birra: \_\_\_\_\_

Atitudes dos pais: \_\_\_\_\_

Já fez psicoterapia ou consultou um psicólogo (quando, motivo, duração): \_\_\_\_\_

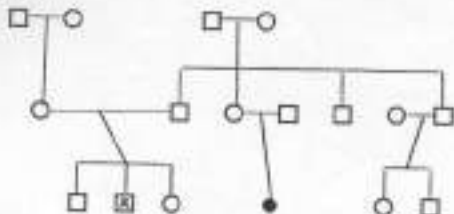
Alguma observação: \_\_\_\_\_

## 2. Dados familiares:

- **Familiograma de três gerações:** descreva a composição familiar de três gerações (avós, pais/fios, filhos/primos), paterna e materna, se possível indicando o estado civil dos membros, falecimentos, abortos, sexo e idades (pelo menos dos membros da família nuclear); se possível, faça um esquema, utilizando os seguintes símbolos:

- = masculino ,  = feminino
- = casados
- = conviventes (amasiados)
- = separados, divorciados
- = falecido (a), especificar causa da morte
- = aborto
- = criança em questão

exemplo:



Desenhe aqui o familiograma da criança (não se preocupe se o desenho vai ficar bonito ou feio):

Alguma observação: \_\_\_\_\_

- **Doenças ou problemas físicos e/ou mentais na família, deficiências, alcoolismo, uso de drogas (colocar grau de parentesco):** \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

- **Violência:**

Há algum caso na família materna ou paterna de violência física, sexual e/ou psicológica? Se possível, diga com quem (agressor e vítima) e que ligação tem com sua criança: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

- **Casal de pais (responder mesmo que separados):**

União/Casamento (primeira, segunda etc.; há quanto tempo): \_\_\_\_\_

Qualidade do relacionamento conjugal: \_\_\_\_\_

Separação/Divórcio (idem): \_\_\_\_\_

Como lidam (ou lidavam) com os conflitos (diálogo, discussões, agressões físicas e/ou verbais, pedem ajuda a terceiros, discutem seus problemas na frente da criança, etc): \_\_\_\_\_



Há filhos de outras uniões/casamentos? Sob sua guarda? Convivem com a criança? \_\_\_\_\_

Autoridade em casa (quem exerce; autoritarismo; decisões; responsabilidades; liderança; quem coloca os limites): \_\_\_\_\_

Como o casal divide as tarefas domésticas? Se vive sozinho, tem ajuda de terceiros (empregada, babá, avó etc.)? \_\_\_\_\_

Aproximadamente, quanto tempo por dia cada um, pai e mãe, passa com a criança? \_\_\_\_\_

Relação mãe-criança: \_\_\_\_\_

Relação pai-criança: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

• **Irmãos:**

Quantos? Idades. O que fazem (escola etc): \_\_\_\_\_

Conflitos, rivalidades, motivos: \_\_\_\_\_

Qualidade do relacionamento criança-irmãos: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

- **Outras pessoas que moram no lar:**

Quem são? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo convive(m) com a criança? \_\_\_\_\_

O que faz por ela e com ela? \_\_\_\_\_

Quanto tempo por dia passa com ela? \_\_\_\_\_

Qualidade do relacionamento: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

- **Situação social e cultural da família:**

Religião: \_\_\_\_\_ Praticante: \_\_\_\_\_

Interesses culturais: \_\_\_\_\_

Integração em grupos sociais ou religiosos: \_\_\_\_\_

Atividades de lazer (quais; com ou sem os filhos): \_\_\_\_\_

Utilização do tempo: de trabalho: \_\_\_\_\_

livre: \_\_\_\_\_

férias: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

- **Habitação:**

Tipo (casa, apartamento): \_\_\_\_\_

Quantos quartos: \_\_\_\_\_

Bairro/cidade: \_\_\_\_\_

Interferências externas: \_\_\_\_\_

Mudanças de domicílio: \_\_\_\_\_

Local onde a criança mais brinca na casa: \_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

- **Família ampliada materna e paterna:**

Local de origem das famílias (cidade/Estado): \_\_\_\_\_

Migrações: \_\_\_\_\_

Mortes significativas para a criança: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Separações significativas para a criança: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Familiares mais importantes afetivamente para a criança (e, se possível, por quê): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Qual o modelo educacional dos avós maternos e paternos (com ou sem o uso de violência física para castigar crianças): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O modelo usado em sua família atual é o mesmo utilizado pelos seus pais? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

No que é diferente: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Crises ou conflitos familiares significativos que podem ter afetado de algum modo a criança ou que foram presenciados por ela: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Alguma observação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Quem preencheu o questionário: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Mais alguma observação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ANEXO D

## LISTA DAS INSTITUIÇÕES CONTATADAS NA BUSCA DAS CRIANÇAS DO GRUPO 1

1. Aldeia SOS Rio Bonito
2. Asas Brancas de Taboão da Serra
3. Associação Evangélica Beneficente Vale da Benção
4. Associação Maria Helen Drexel
5. Associação Monte Refúgio
6. Associação Santa Teresinha
7. Associação das Senhoras Evangélicas
8. Calbar Schutel
9. Casa da Criança Renascer
10. Casa da Criança Feliz
11. Casa do Cristo Redentor
12. Casa do Projeto Vida (3 unidades)
13. Educandário Dom Duarte
14. Internato Colégio Asas Brancas – Instituição de Amparo à Criança
15. Instituto Cristóvão Colombo
16. Instituto Dom Bosco
17. Lar Batista de Crianças (2 unidades)
18. Lar Benjamin
19. Lar Feliz
20. Lar Girassol
21. Lar Irmão Alexandre,
22. Lar Nossa Senhora das Graças
23. Lar São José
24. Lar Vinícius
25. Lar Voluntários do Amor
26. Movimento de Apoio à Integração Social (MAIS)
27. Projeto Casa Alegria
28. UAE-1 da FEBEM (Sampaio Viana)
29. UAE-2 da FEBEM (Belém)
30. UAE-3 da FEBEM (Artur Alvim)
31. UAE-4 da FEBEM (Umuarama)
32. UEP-2 da FEBEM (Casas de Convivência - 6 unidades)
33. UEP-4 da FEBEM



## ANEXO E

## CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS INSTITUIÇÕES

São Paulo, (data).

À [nome da instituição]

Sou psicóloga do Tribunal de Justiça. Trabalhei durante oito anos na Vara Central da Infância e da Juventude e há doze anos atendo nesta área, tendo me especializado em violência doméstica contra crianças e adolescentes (física, sexual, psicológica e negligência). Atualmente, sou também psicóloga e coordenadora técnica do Serviço Psico-Social de Avaliação dos estagiários, candidatos da Magistratura e Juizes do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Além disso, estou realizando Doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e o prazo final para que eu deposite minha tese é junho deste ano. O tema de meu estudo é **O brincar de crianças vítimas de violência física doméstica**.

Com o objetivo de estudar o brincar como instrumento auxiliar de avaliação psicológica destas crianças, pretendo:

- (1) observar e compreender como crianças vítimas, em idade pré-escolar e escolar, brincam em grupo, com bonecos da família e blocos de madeira;
- (2) observar seus comportamentos, suas atitudes e as relações que estabelecem durante o brincar;
- (3) levantar os temas surgidos no brincar, analisando seus conteúdos;
- (4) verificar se existe alguma relação entre a violência física sofrida e o conteúdo do brincar;
- (5) comparar os resultados das crianças vítimas com aqueles das crianças não-vítimas.

Para realizar este trabalho, precisei organizar três grupos de crianças (com quatro em cada grupo) na faixa etária de cinco a sete anos de idade: um grupo de crianças não-vítimas vivendo com suas famílias, um grupo de crianças não-vítimas que foram acolhidas em instituição por outras razões (abandono, falta de condições materiais dos pais) e um grupo de crianças vítimas acolhidas em instituição em virtude da violência sofrida. Os dois primeiros são grupos-controle, isto é, atendem ao objetivo de comparar os resultados e validá-los.

Com os dois primeiros grupos, já realizei a coleta de dados. **Falta-me o terceiro grupinho: duas meninas e dois meninos (de preferência) vítimas de violência física, com idades entre cinco e sete anos, que tenham sido separados de suas famílias e acolhidos na instituição, o mais recentemente possível, em razão da violência sofrida.**

A coleta de dados da pesquisa consiste no seguinte: formado o grupinho, compareço um dia na instituição para conhecer e brincar livremente com as crianças. Dois ou três dias depois, volto para realizar uma sessão de brincadeira: convido-as para brincar com os bonecos e os blocos. E alguns dias mais tarde, volto mais uma vez com os mesmos brinquedos. Cada sessão durará, no máximo, 40 minutos.

Para servirem à coleta de dados, as sessões de brincadeira terão de ser filmadas em vídeo e quem faz este trabalho é minha colega Tika, que é cinegrafista e também psicóloga.

Necessito conhecer igualmente alguns dados da história familiar da criança e, para tanto, a indicação do processo da criança, a leitura do prontuário e/ou uma conversa com o profissional da Obra que a acompanha são o suficiente. Estes dados são fundamentais para conhecer cada criança, sua história familiar e situação atual, e servem para contextualizar os dados que aparecerão na brincadeira. Isto porque o conteúdo do brincar não tem sentido se não for compreendido à luz dos dados de vida da criança.

É importante sublinhar que, na pesquisa, nenhum dado (nome, endereço, detalhe) das crianças será revelado. Usarei nomes fictícios (de crianças, pais, familiares) para preservar suas identidades, em nome da ética e do sigilo profissional.

Assim, peço a valiosa colaboração desta instituição no sentido de permitir que eu tenha este contato com as crianças vítimas e realize a coleta de dados de minha tese. Trata-se de um estudo pioneiro na área, que pretende contribuir com o trabalho de avaliação psicológica da violência doméstica, por meio do brincar.

Caso haja dúvidas a respeito da pesquisa, estou à disposição para dirimi-las no trabalho (telefone e horário) ou em minha casa (telefone e horário).

Agradeço muitíssimo a colaboração dos colegas e de sua instituição neste trabalho.

---

Anna Christina M. P. Cardoso de Mello  
Psicóloga CRP.06/26.307-9.

## ANEXO F

## SOBRE O QUADRO DE MAX ERNST E A RAZÃO DE ESCOLHÊ-LO

Encontrei a reprodução do quadro de Max Ernst, "A Virgem castigando o Menino Jesus na frente de três testemunhas: André Breton, Paul Eluard e o artista", em Paris, logo que iniciei o doutorado e, de imediato, percebi que o simbolismo desta pintura expressava exatamente o paradoxo da violência física contra crianças perpetrada pelos próprios pais.

Para além do que o próprio pintor imaginou ao compor este quadro, o que muito me interessa saber, mas desconheço, as significações aparentes das imagens aludem, ao meu ver, à questão da violência doméstica e do mito da família. A santidade da Virgem Maria e do Menino Jesus são inquestionáveis ou invioláveis no catolicismo. No quadro, a Virgem, enquanto bate em Jesus, mantém sua santidade, simbolizada pela auréola, enquanto faz tombar a de Cristo criança (destruição da pureza). Em um paralelo com a violência doméstica, o mesmo ocorre com o mito da família e com a crença de que, para seu próprio bem, a criança precisa apanhar: permanecem no tempo, na história, não obstante o conhecimento dos enormes prejuízos físicos e emocionais que causam à criança e à possibilidade de construir, quando adulta, sua própria família.

As testemunhas que Ernst pintou (ele e outros artistas) evocam, num primeiro plano, o fato de que esta violência, apesar de seus malefícios, é conhecida das pessoas, é vista e ouvida, mas raramente impedida, pois está acobertada pelo muro do silêncio e do sagrado que protege a família. Em segundo plano, o testemunho dos artistas faz pensar na arte (e tudo que se encontra no domínio da estética, inclusive o brincar) como meio de expressão desta realidade.

Este quadro foi apresentado ao público, pela primeira vez, em 1926, em uma Mostra de Artistas Independentes em Colônia, Alemanha, quando foi considerado blasfemo e motivou uma condenação formal da parte de um grupo de artistas católicos. Dois anos mais tarde, na ocasião de uma nova apresentação do quadro, o clero da Alemanha conseguiu obter o fechamento da exposição. O escândalo tomou proporções tais que o próprio arcebispo excomungou publicamente o pintor na frente da reunião dos fiéis na catedral, entre os quais estava o próprio pai do artista (Cohen, Mehta & Michael, 1997).